



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

PABLO MACHEL NABOT SILVA DE ALMEIDA

O PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA PRONOMINAL
PESSOAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

SAPIENTIA EDIFICAT

JOÃO PESSOA

2016



PABLO MACHEL NABOT SILVA DE ALMEIDA



**O PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA PRONOMINAL
PESSOAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na Área de Concentração de Teoria e Análise Linguística, como requisito parcial necessário à obtenção do Título de *Mestre em Linguística*.

Orientador: Prof. Dr. José Ferrari Neto



JOÃO PESSOA

2016

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447p Almeida, Pablo Machel Nabot Silva de.

O Processamento da Correferência Catafórica Pronominal
Pessoal em Português Brasileiro / Pablo Machel Nabot
Silva de Almeida. - João Pessoa, 2016.

489 f. : il.

Orientação: José Ferrari Neto.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Processamento Correferencial. 2. Processamento da
Correferência Catafórica. 3. Correferência Catafórica
Pronominal. 4. Catáfora Pronominal. 5. Princípio C e
Traços-phi de Gênero. 6. Mecanismo de Busca Ativa. 7.
Psicolinguística Experimental. 8. Processamento
Linguístico. I. Ferrari Neto, José. II. Título.

UFPB/BC



PABLO MACHEL NABOT SILVA DE ALMEIDA

**O PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA PRONOMINAL
PESSOAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

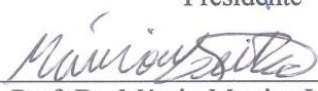
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, na Área de Concentração de Teoria e Análise Linguística, como requisito parcial necessário à obtenção do Título de Mestre em Linguística.

DATA DE APROVAÇÃO EM 30 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Ferrari Neto – UFPB
Campus I – João Pessoa
Orientador
Presidente



Prof. Dr. Márcio Martins Leitão – UFPB
Campus I – João Pessoa
Examinador Interno



Prof. Dr. Sheila Costa de Farias – UFPB
Campus II – Areia
Examinador Externo

Esta pesquisa foi parcialmente
financiada por uma bolsa CAPES.

À minha vovó Maria (in memoriam), que me embalou nos mais valorosos anos de minha vida, a infância; que foram cruciais para o meu pleno desenvolvimento enquanto adulto!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, a Deus, Nosso Pai e Senhor, sem cuja Força e Sabedoria Dele emanadas não poderíamos caminhar;

À minha família, que sempre me impulsionou material e afetivamente em minha trajetória vivente. Particularmente, à minha mãe Marina; aos meus tios Marco Antonio (Pai dos Dois), José Antonio (Zeca), Maurício Antonio, Francisco de Assis (*in memoriam*), Johan e Anésio; às minhas tias Bernadete (Deta), Maria de Lourdes (Lourdinha), Luiza de Marillac (Lala), Aldenice, Lindalva e Severina (Zeta, *in memoriam*); a meus padrinhos Carmelita (Liu) e Arlindo (*in memoriam*); ao meu pai Paulstein e a todos os meus primos e primas;

Ao **meu primo Anderson Ferreira** (*in memoriam*) com quem tive a honrosa oportunidade de debater muitos assuntos científicos motivadores e intrigantes nos mais diversos âmbitos do saber humano a perpassar a História, Geografia, Linguística, Política, Artes, Cultura, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Economia e especialmente a atravessar às Engenharias, Inteligência Artificial, Robótica e Computação;

Aos meus amigos da infância; da escola em que estudei na educação básica (Ensino Fundamental e Médio), o Colégio Imaculada Conceição – DAMAS; da adolescência e juventude; e da universidade, a UFPB, onde me graduei em Letras e por meio da qual estou agora me titulando Mestre em Linguística pelo nosso programa de pós-graduação, o PROLING;

Ao meu orientador, professor Ferrari, a quem orgulhosamente trato de mentor, o qual considero meu grande mestre, amigo e companheiro, inteiramente responsável pela capacitação dos conhecimentos técnicos que atualmente detenho na nossa importante área da Linguística e especificamente da Psicolinguística, com o tempero da Estatística;

Ao professor Márcio, com quem pude aprender muito acerca das vicissitudes teóricas atreladas ao processamento linguístico e o qual constantemente tem mantido unida a nossa equipe de trabalho acadêmico e do grupo de estudos do GEPROL com sua postura ativa e espírito harmonizador;

Aos colegas e professores, nossos camaradas de profissão e amigos meus do LAPROL, o nosso laboratório onde desenvolvemos nossas pesquisas e estudos científicos. Sem dúvida,

permanecerá em nossas memórias e restará em nossos corações o fato de gostarmos de tratarmos um ao outro de correligionários;

Aos amigos que contribuíram voluntariamente para a execução dos experimentos;

Aos meus amigos e amigas de infância e da juventude com quem pude regar frutífera e bondosa amizade ao longo de meu breve viver seja na Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, no bairro do Catolé, em Campina Grande, onde honrosamente obtive o sacramento da 1ª Comunhão seja na Paróquia Santo Antonio de Pádua, no bairro do Geisel em João Pessoa, onde integrei a Legião de Maria junto à qual tive a satisfação de ser legionário há alguns anos. De igual maneira, eu sou grato às amizades que eu fiz na Paróquia Santo Antonio de Lisboa, em Tambaú, na nossa querida e amada Jampa, onde tive a dádiva de receber a unção da crisma e, logo depois, de ser instrutor dos crismandos e animador da comunidade;

Além do mais, agradeço aos meus entes queridos da minha comunidade, a Paróquia São Pedro Pescador, através da qual muito amorosamente fui acolhido no Encontro de Jovens com Cristo (EJC) por meus amigos irmãos os quais recentemente me ensinaram a ser Jovem Pescador em meio a essa tão mágica confraternização religiosa imensamente grande de coração. De modo particular, o meu muito obrigado aos meus Pais Adotivos de Coração, Isabelle (Belle) e Thiago, os quais tiveram a gentileza de me conduzir para esse encontro. Finalmente, meu obrigado à minha colega e correligionária do Laprol, Judithe, por quem tive a honradez de ser acolhido durante o retiro por ela ser também jovem pescadora.

“Sob os efeitos da seca, torna-se árida. Crestada pelo sol, fenece a grama, amarelece o milho, mingua o feijão, acaba-se; engilha o algodoal, enegrece os capulhos e as próprias flores do mato não desabrocham e tudo morre e vira cinzas, pelas encostas, pelas colinas, pelos vales, roçados e tabuleiros.

– ‘Não há mãe igual à terra’, dissera Chico Fernandes. Mas não se esquecera também de dizer que, às vezes, ‘é ingrata’, isto é, é mãe mas também é madrasta...”

(Trecho do Romance "O Chamado da Terra")

FERNANDO SILVEIRA

RESUMO

A perquirição que compreende esta Dissertação de Mestrado, no âmbito da Psicolinguística e da Linguística Gerativa, versa acerca do processamento correferencial catafórico em Português Brasileiro (PB) perfeito por pronomes pessoais de terceira pessoa (ele/ela) locados na função gramatical de sujeito dentro da posição de caso nominativo. Consiste em pesquisa empírica de caráter *on-line* desenvolvida através da metodologia experimental através da qual se elegeu a técnica da leitura automonitorada (*self-paced reading*) enquanto paradigma metodológico. Um experimento seguindo esse método foi empregado neste estudo com vistas a se compreender como psicolinguisticamente se procede essa espécie de correferência em PB, buscando-se evidenciar algumas das propriedades processuais presentes na correferenciação da catáfora inerente ao Português Brasileiro. Procurou-se constatar se o Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa, doravante MPFDA, e consequentemente se o Mecanismo de Busca Ativa ou *Active Search* – vastamente observado em outro tipo de dependência de longa distância, as *filler-gap dependencies*, e na própria correferência catafórica mais recentemente estudada em outras línguas – é operoso, outrossim, no PB. Ensejou-se também descobrir se tamanho mecanismo engendrado por varredura prospectiva é restringido a posições sintáticas estruturalmente lícitas, que não sejam blindadas pelo Princípio C da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) e se a informação morfológica caracterizada a partir dos traços-phi (ϕ) de gênero interfere ou influencia na atuação dessa restrição. Os resultados da experiência surpreendentemente apontaram para o fato de não haver MPFDA operante no PB a ponto de as evidências não respaldarem a operacionalização do Mecanismo de Busca Ativa nem segundo o modelo que preconiza a sua instauração através da formação de uma dependência ativa forte, baseado em procedimento altamente preditivo e *top-down* de busca fortemente dinâmica e diligente, em meio ao qual a relação correferencial é estabelecida imediatamente sem se esperar por evidência *bottom-up* não ambígua do *poscedente* tal como proposto inicialmente por Kazanina (2005) e Kazanina et. al. (2007) nem conforme aquele que alvitra o seu estabelecimento por meio da conformação de uma dependência ativa fraca, alicerçada em uma busca não tão ativa, apesar de ainda preditiva e *top-down*, em razão de ser mais pautada na computação *bottom-up* do input linguístico de acordo com o proposto por Van Gompel e Liversedge (2003). O experimento evidenciou ainda que a informação morfológica de gênero é usada antes que haja o estabelecimento da relação correferencial catafórica consoante sugerido por Cowart e Cairns (1987) de tal maneira que o processamento da correferência catafórica procede somente a partir da visualização e processamento do pronome catafórico e do sintagma nominal tido por potencial *poscedente* com base em informação *bottom-up*. Ademais, os dados revelam que a instituição da correferência é sensível ao bloqueio estrutural do Princípio C em PB a exemplo do evidenciado em outras línguas e que a atuação desta restrição sintática tanto é influenciada quanto modelada pelos traços-phi (ϕ) de gênero. Enfim, conclui-se com a inquirição que o parseador humano, ao menos em PB, constitui e processa a correferência catafórica através de processos *bottom-up* que são acurados e restritos gramaticalmente em termos morfossintáticos.

Palavras-chave: Processamento Correferencial. Processamento Pronominal. Processamento da Correferência Catafórica. Correferência Catafórica do Pronome Pleno. Catáfora. Mecanismo de Busca Ativa. Princípio C e Traços-phi (ϕ) de Gênero. Psicolinguística Experimental e Processamento Linguístico.

ABSTRACT

The research that comprises this Master's Dissertation, in the scope of Psycholinguistics and Generative Linguistics, deals with the processing of cataphoric coreference in Brazilian Portuguese (PB) performed by personal pronouns of third person (he/she) in the grammatical function of subject within the nominative case position. It consists of empirical research of an on-line nature developed through the experimental methodology through which the technique of self-paced reading was chosen as a methodological paradigm. An experiment following this method was used in this study in order to understand how this kind of PB coreference is carried out psycholinguistically, trying to show some of the procedural properties present in the coreference of the cataphora inherent to Brazilian Portuguese. It was tried to verify if the Predictive Mechanism of Active Dependence Formation, henceforth PMADF, and consequently if the Active Search Mechanism (ASM) – vastly observed in another type of long-distance dependency, filler-gap dependencies, and in the cataphoric coreference more recently studied in other languages – is also operative in PB. It has also been sought to find out if such a prospective scanning mechanism is restricted to structurally lawful syntactic positions that are not shielded by Principle C of Binding Theory (CHOMSKY, 1981) and whether the morphological information characterized from the phi (ϕ) features of gender interferes or influences the performance of this restriction. The results of the experiment surprisingly pointed to the fact that there is no PMADF operative in PB to the extent that the evidence does not support the operation of the ASM nor according to the model that advocates its establishment through the formation of a strong active dependency, based on highly predictive and top-down procedure of strongly dynamic and diligent search, in the midst of which the coreferential relationship is established immediately without waiting for unambiguous bottom-up evidence of the poscedent as originally proposed by Kazanina (2005) and Kazanina et. al. (2007) nor according to the one that proposes its establishment through the formation of a weak active dependency, based on a search not so active, although still predictive and top-down, due to being more based on the bottom-up computation of the linguistic input as proposed by Van Gompel and Liversedge (2003). The experiment also showed that gender morphological information is used before the establishment of the cataphoric coreferential relationship as suggested by Cowart and Cairns (1987) in such a way that the processing of the cataphoric coreference proceeds only from the visualization and processing of the cataphoric pronoun and of the noun phrase taken as potential poscedent based on bottom-up information. In addition, the data show that the establishment of the coreference is sensitive to the structural block of Principle C in PB as shown in other languages and that the performance of this syntactic constraint is both influenced and modeled by the gender phi (ϕ) features. Finally, it is concluded with the inquiry that the human parser, at least in PB, constitutes and processes the cataphoric coreference through bottom-up processes that are accurate and grammatically restricted in morphosyntactic terms.

Keywords: Coreference Processing. Pronoun Processing. Coreferential Processing of Backwards Anaphora or Cataphora. Cataphoric Coreference of Full Pronoun. Cataphora. Active Search Mechanism. Principle C and Phi (ϕ) features of Gender. Experimental Psycholinguistics and Sentence Processing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação Arbórea do Domínio de C-comando e C-comando Simétrico.....	61
Figura 2 – Representação Arbórea do Domínio de C-comando e C-comando Assimétrico....	63
Figura 3 – Imagens das Personagens da Disney.....	210
Figura 4 – Garoto e Garota Emparelhados	212

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sentenças Adverbiais Causais e Concessivas.....	243
Quadro 2 – Primeira Classe de Sentenças Experimentais	246
Quadro 3 – Segunda Classe de Sentenças Experimentais	247

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Médias Temporais quanto à Restrição Sintática no Primeiro Segmento	261
Gráfico 2 – Médias Temporais quanto à Congruência Morfológica no Primeiro Segmento .	261
Gráfico 3 – Médias dos Tempos de Leitura do Primeiro Segmento em cada uma das Cinco Condições Experimentais e de Controle	265
Gráfico 4 – Médias Temporais quanto à Restrição Sintática no Segmento Crítico	268
Gráfico 5 – Médias Temporais quanto à Congruência Morfológica no Segmento Crítico	269
Gráfico 6 – Médias dos Tempos de Leitura do Segmento Crítico em cada uma das Cinco Condições Experimentais e de Controle	272
Gráfico 7 – Médias Temporais quanto à Restrição Sintática no Terceiro Segmento.....	274
Gráfico 8 – Médias Temporais quanto à Congruência Morfológica no Terceiro Segmento..	275
Gráfico 9 – Médias dos Tempos de Leitura do Terceiro Segmento em cada uma das Cinco Condições Experimentais e de Controle	277
Gráfico 10 – Gráfico da Tabela Cruzada do Teste Off-line referente à Pergunta-Sonda Interpretativa	279

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – ANOVA do Primeiro Segmento	445
Tabela 2 – Intervalo de Confiança dos Efeitos do Primeiro Segmento	445
Tabela 3 – KRUSKAL-WALLIS do Primeiro Fator do Primeiro Segmento	445
Tabela 4 – KRUSKAL-WALLIS do Segundo Fator do Primeiro Segmento	446
Tabela 5 – FISHER-BONFERRONI entre os Níveis das Condições Experimentais referente ao Primeiro Segmento	447
Tabela 6 – DUNNETT entre os Níveis das Condições Experimentais e os Níveis da Condição Controle referente ao Primeiro Segmento	447
Tabela 7 – ANOVA do Segundo Segmento	447
Tabela 8 – Intervalo de Confiança dos Efeitos do Segundo Segmento	448
Tabela 9 – FISHER-BONFERRONI entre os Níveis das Condições Experimentais e da Condição Controle referente ao Segundo Segmento	448
Tabela 10 – TUKEY entre os Níveis das Condições Experimentais do Segundo Segmento	448
Tabela 11 – DUNNETT entre os Níveis das Condições Experimentais e os Níveis da Condição Controle referente ao Segundo Segmento	449
Tabela 12 – ANOVA do Terceiro Segmento	449
Tabela 13 – Intervalo de Confiança dos Efeitos do Terceiro Segmento	450
Tabela 14 – KRUSKAL-WALLIS do Primeiro Fator do Terceiro Segmento	450
Tabela 15 – KRUSKAL-WALLIS do Segundo Fator do Terceiro Segmento	450
Tabela 16 – FISHER-BONFERRONI entre os Níveis das Condições Experimentais referente ao Terceiro Segmento	451
Tabela 17 – DUNNETT entre os Níveis das Condições Experimentais e os Níveis da Condição Controle referente ao Terceiro Segmento	451
Tabela 18 – Contingência dos Dados Advindos da Resposta à Pergunta-Sonda	452
Tabela 19 – Estatística X^2 do Teste do Qui-Quadrado	453
Tabela 20 – Estatística de Pearson para a Condição Principle-C – Match	453
Tabela 21 – Estatística de Pearson para a Condição Principle-C – Mismatch	453
Tabela 22 – Estatística de Pearson para a Condição No-constraint – Match	454
Tabela 23 – Estatística de Pearson para a Condição No-constraint – Mismatch	455
Tabela 24 – Estatística de Pearson para as Duas Amostras da Variável Restrição Sintática: Principle-C x No-constraint	455

Tabela 25 – Estatística de Pearson para as Duas Amostras da Variável Congruência

Morfológica: Match x Mismatch.....456

Tabela 26 – Estatística de Pearson para a Condição Controle 457

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	10
1.1 OBJETO DE ESTUDO: a Catáfora, a Correferência Catafórica e o Processamento Correferencial Catafórico Pronominal	10
1.2 PROBLEMA	32
1.3 HIPÓTESE DE TRABALHO	35
1.4 OBJETIVOS	39
1.4.1 Objetivos Gerais.....	39
1.4.2 Objetivos Específicos.....	40
1.5 JUSTIFICATIVA.....	42
1.6 METODOLOGIA	43
1.7 ORGANIZAÇÃO	45
CAPÍTULO 2: MARCO TEÓRICO	47
2.1 TEORIA LINGÜÍSTICA GERATIVA	47
2.2 CONCEITUAÇÃO DE CATÁFORA E CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA CONFORME O ARCABOUÇO LINGÜÍSTICO ADVINDO DA LINGÜÍSTICA GERATIVA	53
2.2.1 O que é Referência e Referenciação?	54
2.2.2 A Compreensão das Dependências Referenciais e do Potencial de Referência.	55
2.2.3 O Conceito de Correferência	56
2.2.4 Diferenças entre Correferências Exofórica e Endofórica e entre Exófora e Endófora = Anáfora + Catáfora	57
2.2.5 Diferenciação entre Correferência Anafórica e Correferência Catafórica vs. Diferença entre Anáfora e Catáfora enquanto Relações Fóricas.....	58
2.2.6 A Noção Técnica de C-comando e de Conceitos Correlatos	60
2.2.7 Definição do que É Ligação	66
2.2.8 Apresentando, Definindo e Explicando o Princípio C.....	67
2.2.9 Classificações da Catáfora e Correferência Catafórica em Português Brasileiro: Contributos Advindos da Linguística Textual	72
2.3 OS TRAÇOS-PHI (ϕ) DE GÊNERO SEGUNDO O GERATIVISMO	73

2.4	TEORIA PSICOLINGÜÍSTICA EM PROCESSAMENTO	82
2.4.1	O Mecanismo de Busca Ativa (<i>a Active Search</i>).....	84
2.4.2	A Vantagem da Primeira Menção (GERNSBACHER & HARGREAVES, 1988)	87
2.4.3	A Estratégia Heurística da Assinalação do Pronome ao Sujeito (CRAWLEY, STEVENSON & KLEINMAN, 1990).....	88
2.4.4	A Hipótese da Função Paralela ou o Paralelismo Estrutural (SHELDON, 1974)	89
2.4.5	A Hipótese do Casamento de Traços Estendida ou o Pareamento Gramatical (SMYTH, 1994).....	89
2.4.6	A Especialização Pronominal	91
2.4.6.1	Em Italiano.....	91
2.4.6.2	Em Espanhol	94
2.4.6.3	Em Português Europeu (PE).....	96
2.4.6.4	Em Português Europeu (PE) e Português Brasileiro (PB).....	101
2.4.6.5	Em Português Brasileiro (PB)	106
CAPÍTULO 3: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO ESTADO DA ARTE		119
3.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ANÁLISE SISTEMÁTICA DO ESTADO DA ARTE SOBRE AS PESQUISAS DEPREENDIDAS EM TORNO DA CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA NO ÂMBITO DA PSICOLINGÜÍSTICA	124
3.1.1	Os Primeiros Estudos Correferenciais Catafóricos: as Incursões no Âmbito do Processamento Linguístico junto ao Espeque dos Idiomas Indo-Europeus e Japônicos	124
3.1.1.1	As Investigações em Língua Inglesa	124
3.1.1.1.1	TYLER & MARSLEN-WILSON (1977): <i>Estudo Psicolinguístico em Processamento de Tarefa de Continuação de Sentença Combinada com Tarefa de Nomeação de Palavra acerca dos Efeitos do Contexto Semântico sobre a Computação Sintática e em torno da Interação entre as Informações Semânticas e Sintáticas junto ao Processamento Sentencial</i>	124
3.1.1.1.2	COWART & CAIRNS (1987): <i>Estudo Psicolinguístico em Processamento de Tarefa de Continuação de Sentença e de Nomeação de Palavra sobre a Não Influência de Constraints Semânticas e Pragmáticas no</i>	

<i>Estabelecimento dos Mecanismos Anafóricos Envolvendo a Correferência Catafórica Pronominal em Inglês dentro da Esfera de Processamento Sintático e Sentencial</i>	<i>129</i>
3.1.1.1.3 GORDON & HENDRICK (1997): Estudo Psicolinguístico de Tarefa de Julgamento de Gramaticalidade sobre Os Padrões de Aceitabilidade da Correferência a Envolver Nomes e Pronomes e acerca da Especificação dos Fatores Sintáticos Responsáveis pela Influência da Correferência Intrassentencial e Intersentencial.....	133
3.1.1.1.4 VAN GOMPEL & LIVERSEDGE (2003): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Eye-Tracking quanto à Influência de Informações Morfológicas de Gênero e Número na Resolução da Correferência Catafórica Pronominal em Inglês dentro do Âmbito de Processamento Sentencial.....	155
3.1.1.1.5 KAZANINA, LAU, LIEBERMAN, YOSHIDA & PHILLIPS (2007): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada e Julgamento da Taxa de Aceitabilidade Gramatical sobre a Operância do Princípio C e do Mecanismo de Busca Ativa na Correferência Catafórica Pronominal do Inglês dentro do Domínio do Processamento Sentencial..	161
3.1.1.1.6 KENNISON, FERNANDEZ & BOWERS (2009): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada e de Julgamento de Correferência e de Taxa de Confidência do Julgamento acerca das Diferenças Processuais entre o Processamento Pronominal de Anáforas e de Catáforas em Inglês dentro do Domínio de Processamento Sentencial	167
3.1.1.1.7 YOSHIDA, KAZANINA, PABLOS & STURT (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada acerca da Influência da Restrição de Ilha (A Island Constraint) sobre o Estabelecimento da Correferência Catafórica Pronominal através de Ilhas Sintáticas ao longo de Relativas no Inglês dentro do Espeque do Processamento Sentencial.....	173
3.1.1.1.8 MATCHIN, SPROUSE & HICKOK (2014): Estudo Neurolinguístico em Processamento de fMRI – Imagem de Ressonância Magnética Funcional a respeito do Impacto da Distância Estrutural Incidente sobre a	

<i>Correferência Catafórica Pronominal na Área de Broca em Inglês dentro do Campo de Processamento Sentencial</i>	176
3.1.1.2 <i>As Investigações em Língua Japonesa</i>	181
3.1.1.2.1 <i>AOSHIMA, YOSHIDA & PHILLIPS (2009): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada e de Julgamento de Aceitabilidade concernente à Incrementacionalidade das Relações Correferenciais Pronominais e de Binding Catafóricas em Japonês dentro da Seara de Processamento Sentencial</i>	181
3.1.1.3 <i>As Investigações em Língua Italiana</i>	189
3.1.1.3.1 <i>FEDELE & KAISER (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Questionário Web-Based em torno da Computação de Pronomes Nulos e Plenos em Contextos Correferenciais Endofóricos no Italiano dentro do Escopo de Processamento Sentencial</i>	189
3.1.1.4 <i>As Investigações em Língua Holandesa</i>	193
3.1.1.4.1 <i>PABLOS, DOETJES, RUIJGROK & CHENG (2011b, 2012b, 2015): Estudo Neurolinguístico em Processamento de EEG – Eletroencefalografia acerca da Captação da Contraparte Neural referente à Implementação do Princípio C e do Mecanismo de Busca Ativa na Correferência Catafórica Pronominal do Holandês no Espaço do Processamento Sentencial</i>	193
3.1.1.4.2 <i>PABLOS, DOETJES, RUIJGROK & CHENG (2011a, 2012a): Estudo Neurolinguístico em Processamento de EEG - Eletroencefalografia acerca da Correferência Catafórica Estabelecida sobre Itens de Polaridade Negativa-NPI e Negação no Holandês na Área do Processamento Sentencial</i>	197
3.1.2 <i>As Pesquisas na Esfera da Aquisição da Linguagem e na Seara do Processamento perante as Línguas Eslávicas e Anglo-Frísias</i>	200
3.1.2.1 <i>As Investigações em Língua Russa</i>	200
3.1.2.1.1 <i>KAZANINA (2005): Estudo Psicolinguístico de Julgamento de Valor de Verdade sobre A Aquisição por Crianças da Restrição do Princípio C e da Poka-constraint no tangente à Correferência Catafórica Pronominal do Russo no Espeque do Processamento Sentencial</i>	200
3.1.2.1.2 <i>KAZANINA & PHILLIPS (2010): Estudo Psicolinguístico em Processamento acerca da Operacionalização por Adultos do Princípio C, da Poka-constraint e do Mecanismo de Busca Ativa inerentes à Correferência</i>	

<i>Catafórica Pronominal no Russo no Perímetro do Processamento Sentencial.....</i>	<i>204</i>
3.1.2.2 <i>As Investigações em Língua Inglesa</i>	<i>209</i>
3.1.2.2.1 <i>CLACKSON & CLAHSEN (2011): Estudo Psicolinguístico de Monitoramento Ocular Cruzado por Estímulo Auditivo com Ausculta dentro do Paradigma do Mundo Visual sobre A Aquisição em Crianças e acerca do Processamento em Adultos da Ação da Princípio C-constraint e do Mecanismo de Busca Ativa na Efetivação da Correferência Catafórica Pronominal no Inglês no Terreno do Processamento Sentencial</i>	<i>209</i>
3.1.3 <i>As Inquirições dentro do Domínio do Bilinguismo concomitantemente com o Processamento diante de Línguas Românicas ou Neolatinas e Anglófonas ou Germânicas Insulares</i>	<i>214</i>
3.1.3.1 <i>As Investigações em Línguas Italiana e Inglesa</i>	<i>214</i>
3.1.3.1.1 <i>SERRATRICE (2007): Estudo Psicolinguístico de Verificação de Imagens sobre a Influência Translinguística na Aquisição das Relações Correferenciais Endofóricas com Pronome Nulo e Pleno em Crianças Aprendizes Bilíngues de Italiano e Inglês, em Infantes Monolíngues de Italiano e acerca do Processamento desses Vínculos em Adultos Monolíngues do Italiano na Esteira do Processamento Sentencial</i>	<i>214</i>
3.1.3.2 <i>As Investigações em Línguas Alemã e Russa</i>	<i>217</i>
3.1.3.2.1 <i>FELSER & DRUMMER (2016): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Eyetracking quanto à Correferência Catafórica de Pronome Pleno Estabelecida por Falantes de Russo Aprendizes Bilíngues de Alemão como L₂ e por Falantes de Alemão como L₁ referente à Implantação do Princípio C e à Atuação do Mecanismo de Busca Ativa em Alemão no Seio do Processamento Sentencial.....</i>	<i>217</i>
3.1.3.3 <i>As Investigações em Língua Chinesa e em Português Europeu (PE).....</i>	<i>220</i>
3.1.3.3.1 <i>ZHENG (2016): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Julgamento de Preferência quanto à Correferência Catafórica de Pronome Pleno Estabelecida por Falantes Chineses Aprendizes Bilíngues de Português Europeu (PE) como L₂ e por Falantes de PE como L₁ referente à Ação do Mecanismo de Busca Ativa ou da Estratégia da Hipótese da Vantagem da Primeira Menção em PE nos Domínios do Processamento Sentencial</i>	<i>220</i>

3.1.4 As Perquirições em meio ao Escopo da Língua Portuguesa enquanto Língua Vernácula	222
3.1.4.1 As Investigações em Português Brasileiro (PB)	222
3.1.4.1.1 MAIA, GARCIA & OLIVEIRA (2012): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada relativo à Interveniência da Restrição do Princípio C sobre as Anáforas Conceituais e Pronomes Totalmente Especificados na Instanciação da Correferência Catafórica Pronominal no Português Brasileiro (PB) na Rota do Processamento Sentencial.....	222
3.1.4.1.2 LESSA & MAIA (2011) e LESSA (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada correspondente à Superveniência da Restrição do Princípio C sobre a Conformação da Correferência Catafórica Pronominal em Substantivas no Português Brasileiro (PB) no que concerne ao Setor do Processamento Sentencial..	225
3.1.4.1.3 LESSA (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada, Produção Eliciada e Monitoramento Ocular acerca do Papel do Ordenamento dos Elementos Referencialmente Dependentes em Uma comparação Efetivada entre Correferência Pronominal Anafórica e Catafórica em Adverbiais Condicionais e Temporais em Português Brasileiro (PB) no que se refere às Demarcações do Processamento Sentencial.....	232
 CAPÍTULO 4: A METODOLOGIA ADOTADA, OS RESULTADOS EXPERIMENTAIS E A DISCUSSÃO DO EXPERIMENTO.....	238
4.1 O EXPERIMENTO.....	239
4.1.1 Método	241
a) <i>Participantes</i>	<i>241</i>
b) <i>Metodologia.....</i>	<i>242</i>
c) <i>Materiais e Design</i>	<i>245</i>
d) <i>Procedimento.....</i>	<i>250</i>
4.1.2 Hipóteses e Previsões	255
4.1.3 Resultados.....	258
4.1.4 Discussão.....	283

CONCLUSÃO.....	356
REFERÊNCIAS	362
♣ LISTA DE MATERIAIS, OBRAS E DICIONÁRIOS CONSULTADOS	397
♣ REFERÊNCIA CONCERNENTE À OBRA LITERÁRIA PARAIBANA CITADA NA EPÍGRAFE A TÍTULO DE HOMENAGEM	397
APÊNDICES	398
APÊNDICE A – FRASES EXPERIMENTAIS UTILIZADAS NO DELINEAMENTO DO EXPERIMENTO DO MESTRADO SOBRE CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA AS QUAIS FORAM DIVIDIDAS EM DUAS CLASSES DE SENTENÇAS.....	399
APÊNDICE B – FRASES DISTRATORAS EMPREGADAS NA DELINEAÇÃO DO EXPERIMENTO DA PESQUISA MAESTRAL.....	420
APÊNDICE C – QUADRADO LATINO	434
APÊNDICE D – TABELAS CONCERNENTES AOS TESTES ESTATÍSTICOS INCIDENTES SOBRE O EXPERIMENTO DA PESQUISA MAGISTRAL.....	445
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUJEITOS EXPERIMENTAIS PARA SER DEVIDAMENTE RESPONDIDO PELOS PARTICIPANTES APÓS TEREM SE SUBMETIDO VOLUNTARIAMENTE À EXPERIÊNCIA.....	458
APÊNDICE F – TERMO DE COMPROMISSO PROTOCOLADO JURIDICAMENTE EM CARTÓRIO E DEVIDAMENTE LIDO E ASSINADO PELOS SUJEITOS QUE PARTICIPARAM VOLUNTARIAMENTE DO EXPERIMENTO COMPONENTE DA PESQUISA	461
APÊNDICE G – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO PROTOCOLADO ADMINISTRATIVAMENTE NOS RESPECTIVOS E	

PERTINENTES CONSELHOS DA UNIVERSIDADE O QUAL FOI DEVIDAMENTE LIDO E ASSINADO PELOS SUJEITOS QUE PARTICIPARAM VOLUNTARIAMENTE DO EXPERIMENTO COMPONENTE DA PESQUISA.....	462

INTRODUÇÃO

As primícias das discussões entre a Psicologia e a Linguística caracteristicamente são atribuídas ao seminário de verão de pesquisa interuniversitária que foi promovido entre estas duas ciências em 1951 pela Universidade de Cornell, membro da *Ivy League* (Liga de Hera) ou *The Ancient Eight* (As Oito Anciãs), em Ithaca-NY, cujos debates conduziram, nos dois anos subsequentes, à realização de semelhante evento sediado na Universidade de Indiana, em Bloomington-IN, também nos Estados Unidos, sob patrocínio do Conselho de Pesquisa em Ciência Social (*Social Science Research Council – SSRC*) e financiamento da Corporação Carnegie de Nova York (*Carnegie Corporation of New York*). Como saldo final, a profícua interação cooperativa entre linguistas e psicólogos, além do que entre outros especialistas que também aí estavam presentes e reunidos, durante esses dois frutíferos encontros, resultou no nascimento da Psicolinguística, conforme frisado por Scliar-Cabral (1991, p. 8-19) e rememorado igualmente por Leitão (2012, p. 217s.), tendo restado a selagem do seu batismo e da certidão de seu nascimento por conta da organização e imediata publicação do volume “*Psycholinguistics: A survey of theory and research problems*” de Osgood e Sebeok (1954), um relatório que reportou as discussões travadas junto a este último congresso em que se buscou definir os propósitos da nova disciplina recém-nascida ao se estabelecer a definição de trabalho que então pôde ser delineada, à época, a partir do consenso a que chegaram os maiores estudiosos do mundo em Linguística, Psicologia e Antropologia que aí estavam coligidos em assembleia para deliberar sobre os caminhos a serem percorridos pela agenda programática desta nova área então surgente, segundo relata Pinto (2005, p. 571).

Embora oficialmente seja atribuída tal origem a este encontro, pode-se afirmar, com veemência, que os conceitos ou doutrinas com os quais essa recém-surgida ciência trabalha remontam às ideias protagonizadas pelo filósofo e linguista prussiano Humboldt¹ e, de igual maneira, aos conhecimentos retomados, bem como polidos pelo também filósofo e psicólogo alemão Wundt² no transcorrer do século XIX. Mas, por mais surpreendente que seja, apesar

¹ Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, Barão von Humboldt (1767-1835), natural de Postdam no extinto Reino da Prússia, atual Alemanha, e falecido em Berlim, capital prussiana e atualmente também alemã, foi um proeminente burocrata, diplomata, filósofo, educador e linguista prussiano e/ou alemão fundador da Universidade de Berlim, a atual Humboldt-Universität, em 1810, sendo ainda reconhecido como o pai do sistema educacional alemão e que influenciou o desenvolvimento da Filologia Comparativa.

² Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920), nascido em Neckarau e tendo morrido em Großbothen na Alemanha, foi um notável médico, filósofo e psicólogo alemão a quem se atribui, juntamente com os seus não menos importantes conterrâneos Ernst Heinrich Weber (1795-1878) e Gustav Theodor Fechner (1801-1889), médico e filósofo alemães respectivamente, a fundação da Psicologia Experimental a partir da

de o surgimento de tal domínio interdisciplinar se ter dado na década de 50 do século XX, em decorrência da convergência destas duas ciências, quais sejam, Psicologia e Linguística, o termo “Psicolinguística” em si fora cunhado incrivelmente um decênio antes, nos anos 40, por Jacob Robert Kantor (1936), em seu livro *“An Objective Psychology of Grammar”* (ALTMANN, 2001), enquanto que a publicação do artigo intitulado de *“Language and psycholinguistics: a review”* de seu discípulo Nicholas Henry Pronko (PRONKO, 1946), por outro lado, se pautou como responsável por consagrar a maior disseminação e popularização da terminologia, gerando a fama e o uso cada vez mais frequente da nomenclatura então recém-criada, assim como muito bem esclarece Castro (2007, p. 119).

De todo modo, a estabilização da designação realmente apenas ocorreu logo após o aparecimento oficial da disciplina com a compilação, acima mencionada, das discussões, na reportagem de 200 páginas, promovida pelo psicólogo Charles Egerton Osgood, da Universidade de Illinois, que foi o responsável por ter produzido e redigido sozinho um terço do texto documental, além de ter editado o documento juntamente com seu editor associado, o antropolinguista Thomas Sebeok, da Universidade de Indiana (OSGOOD & SEBEOK, 1954; compare respectivamente com a republicação do relatório original e de versão estendida, tempos depois, em OSGOOD & SEBEOK, 1965a, 1965b).

Curiosamente, importante se faz destacar que muitas das questões deliberadas nesses dois seminários já haviam sido mesmo endereçadas e até tratadas, pouco antes, na obra-mestra *“Language and Communication”* de autoria de George Armitage Miller (MILLER, G., 1951), acontecimento que o faz se destacar como fundador, em essência, da Psicolinguística³ (SAMPAIO, 2015, p. 47) ou, em outras palavras, como o patrono ou precursor, de direito, deste domínio interdisciplinar, fazendo-o, em suma, notabilizar-se como sendo o avô da nova matéria, tendo-a vislumbrado antes mesmo de ela ter vindo a ser oficializada como tal a partir da realização de ambos os seminários em questão, enquanto que Osgood, mediador das perspectivas teóricas em discussão no *Summer Seminar on Psycholinguistics*, pode ser

criação do primeiro laboratório de psicologia, o Wundt-Laboratorium, no Instituto Experimental de Psicologia da Universidade de Leipzig (Lipsia) no Império Alemão em 1879.

³ Para uma inserção introdutória dentro dos principais conceitos, do objeto de estudo e setores investigativos que sejam de particular interesse psicolinguístico, dos liames dessa importantíssima subárea da linguística, a qual figura como âmagô deste trabalho maestral, a Psicolinguística, e para uma incursão em sua caracterização epistêmica, sugere-se ao leitor consultar o mais recente e moderno livro de Maia (2015) acerca do tema, além do que a já consagrada publicação, talvez a mais clássica de todas a ter sido publicada nacionalmente como uma das primeiras a inaugurar e sistematizar os estudos psicolinguísticos no país, a de Sciar-Cabral (1991), uma das primeiras obras escritas em português, concebida em território brasileiro e inteiramente dedicada nacionalmente ao tratamento desse campo de estudos. Adicionalmente, a fim de uma imersão em língua estrangeira mais clássica dentro do ramo e assunto, aconselha-se folhear Steinberg e Sciarini (2006) – mais atualizada edição tradicional redigida em inglês e publicada na tradição anglo-saxônica – ou então, o clássico escrito mais arcaico de Slobin (1984).

considerado, por sua vez, o pai, de fato, da referida ciência então nascente por razão da organização e celebração de tais seminários, consagrando-se como o fundador oficial de tamanho ramo disciplinar juntamente com os seus colaboradores os quais compreenderam todos aqueles que participaram de ambos esses congressos, dentre os quais são passíveis de se destacarem como cofundadores os psicólogos John Bissell Carroll, Richard Solomon e James Jerome Jenkins, os antropolinguistas ou linguistas antropológicos Stanley Newman e Joseph Harold Greenberg, os linguistas Frederick Agard, Thomas Albert Sebeok e Eric Heinz Lenneberg, o antropólogo Joseph Casagrande e o etnólogo Floyd Glenn Lounsbury (LEVELT, 2013).

Ainda mais, nas declarações de Levelt (2013, p. 8), fica aparentemente claro que Osgood tornou-se, tanto científica quanto organizacionalmente, a primeira força motriz por detrás da nova Psicolinguística, tendo sido constituído como a liderança amplamente forjada em meio ao esforço de coligir os acadêmicos e maiores especialistas planetários de áreas científicas distintas neste último seminário, o qual consistiu em parte de um programa de estudos que vinha sendo desenvolvido pelo *Council's Committee on Linguistics and Psychology* (Comitê do Conselho sobre Linguística e Psicologia), dentro de uma conjuntura de fatos que garantem ser ele o personagem que, pelo menos oficialmente, fundou a nova disciplina (cf. BALIEIRO-Jr., 2006, p. 171-202, sobre as questões e problemas da Psicolinguística e quanto a suas fases de desenvolvimento histórico).

De posse desses informes iniciais acerca da procedência deste campo do saber linguístico, crucial se faz saber que a Psicolinguística é a ciência, enquanto subárea da Linguística, cuja missão comporta estudar como os seres humanos adquirem uma língua e também como compreendem e produzem a linguagem verbal. Nessa vereda, encarrega-se da primeira incumbência o setor da Aquisição da Linguagem à medida que das outras duas missões a subdivisão disciplinar da Psicolinguística Experimental que estuda o processamento linguístico operante nestas duas esferas investigativas, a compreensiva e a produtora. Isso pontuado, esclareça-se que a Psicolinguística procura compreender, descrever e explicar quais são as habilidades cognitivas relacionadas à linguagem e como as funções próprias da cognição são operacionalizadas para permitir a estruturação e o funcionamento de uma língua natural, bem como da linguagem humana. Em síntese, ela procura entender como o processamento linguístico é estruturado na mente humana no nível cognitivo dos seres humanos (LEITÃO, 2012, p. 220s.). Em outras palavras, de modo sucinto, a Psico, como também tamanha subárea especializada da Linguística é denominada, compreende o “Estudo das relações entre a linguagem e a mente. Um dos temas tratados pela Psicolinguística é o

processamento da linguagem, isto é, o conjunto de passos envolvidos em produzir e compreender a fala” (CASTILHO, 2010, p. 689).

Assim, após dialogar com várias vertentes científicas tais como com o Behaviorismo⁴, na década de 1950; com a primeira fase do Gerativismo, em meio à década de 1960; e com a Psicologia Cognitiva em meados de 1970; a Psicolinguística retomou a aproximação com a tradição Gerativista depois das reformulações que esta escola sofreu a partir da manifestação das propostas teóricas desencadeadas pelo Programa Minimalista durante a última década de 1990.

Ainda mais, estando a par desse diversificado percurso que a Psicolinguística tem assumido, ao longo dessa trajetória histórica pela qual passou a científica área desde a segunda metade do século XX, procurou-se apreender quais os modelos teóricos que possibilitariam uma melhor condução dos experimentos, assim como das pesquisas as quais permitissem satisfazer os interesses ou questões centrais constituintes da base da Psicolinguística, enquanto ciência, no que concerne ao processo da ‘aquisição’, ‘compreensão’ e ‘produção’ da linguagem nos seres humanos.

Em face disso, inquirições no sentido de estudar fatos relativos a esta ou aquela área investigativas – concernentes respectivamente à ‘produção’ (matéria de análise da Psicolinguística Experimental conjuntamente com a ‘compreensão’) ou à ‘aquisição’ (objeto de estudo da Psicolinguística Desenvolvimentista⁵) – são postas de lado pela pesquisa aqui realizada, a qual trabalha estritamente a ‘compreensão linguística’ em nível sentencial dentre essas três citadas vertentes. A investigação, pois, a compreender esta pesquisa de mestrado está inteiramente centrada na compreensão da linguagem, jamais na produção e muito menos na aquisição por parte de bebês ou crianças. Logo, o experimento foi elaborado para testar a computação da correferência catafórica estabelecida pelos sujeitos em situação de compreensão leitora; como eles processam essas estruturas durante tarefas compreensivas

⁴ Os fundadores e precedentes do Behaviorismo ou Comportamentalismo foram os eminentes fisiólogos russos Bechtereve e Pavlov. Sugere-se a leitura de Watson (1913/1994) para que o leitor venha a se inserir e conhecer mais profundamente os alicerces do que tenha sido o Behaviorismo Clássico; propõe-se também que se leia Tolman (1967) para o entendimento do que havia sido o Neobehaviorismo Mediacional dualista, baseado em variáveis mediacionais da divisão watsoniana do organismo humano em corpo e mente, e Hull (1943), paralelamente, para a compreensão da vertente monista desse Neobehaviorismo, embasada em variáveis orgânicas puramente neurofisiológicas. Orienta-se ainda ler Stevens (1939) com vistas à assimilação do que fora o Behaviorismo Metodológico; e, finalmente, Skinner (1953/2014) para a abstração do que houvera sido a mais famosa e influente corrente behaviorista intitulada de Behaviorismo Radical.

⁵ Para conhecer melhor a Psicolinguística Desenvolvimental, consulte Miller, M. (1975, p. 209-226) e caso haja o propósito de se conhecer mais a fundo a relação entre a Aquisição, a Mudança e a Variação Linguísticas, procure por Liles (1975, p. 267-328).

em meio às quais a compreensão é que se está em jogo, fato que importa a este trabalho identificar-se como estando na subjacência da Psicolinguística Experimental⁶.

Com efeito, somando-se a isso, a Psicolinguística tende a organizar a sua linha de pesquisas através da investigação sistematizada de certas estruturas linguísticas, naturalmente correntes dentro de um dado idioma, que sejam estrategicamente úteis ou viáveis na obtenção de resultados empíricos consistentes, sendo possível exemplificar os estudos produzidos, por um lado, em torno da análise de ambiguidade em orações relativas (área investigativa conhecida como Processamento de Sentenças Relativas Ambíguas) e, por outro, aqueles desenvolvidos ao redor da constatação de ocorrência da correferência pronominal (campo intitulado de Processamento Correferencial ou Anafórico⁷), evento linguístico este, aliás, cuja sondagem, de maneira mais pontual, constitui os fundamentos deste trabalho.

Diante do exposto, sabe-se que o fenômeno da correferência pode configurar-se por meio de pronomes, de categorias vazias, de nomes repetidos ou da repetição de elementos relacionados semanticamente a um antecedente e que duas são as possibilidades, em termos sentenciais, de associação as quais são passíveis de serem estabelecidas pelos referentes. São elas, a **anáfora** e a **catáfora**, realizações distintas de um só fenômeno que comumente se conhece por **endófora** na Linguística. A título de esclarecimento, as definições técnicas e conceitos mais estendidos do que seja endófora, anáfora e, em especial, catáfora serão concedidas em seção seguinte, no Capítulo 2 mais precisamente discriminando, em meio à qual se tratará da fundamentação teórica desta inquirição magistral. Aí nesse tomo, da mesma maneira, explanar-se-á minuciosamente sobre o que são referentes e correferentes e acerca do que é correferência, referenciação e principalmente correferência catafórica, com destaque para a pronominal, haja vista o foco desta perquirição cujo alvo central reside no estudo da correferência catafórica estabelecida por pronomes pessoais e mais especificamente pelos de terceira pessoa do singular, ‘ele’/‘ela’, em caso nominativo e exercendo a função de sujeito sentencial.

⁶ Para o adentramento nas questões relativas à Psicolinguística Aplicada, que compreende uma corrente alternativa dos estudos psicolinguísticos, advinda da Linguística Aplicada, a qual se revela preocupada com as aplicações das descobertas oriundas das pesquisas em Psicolinguística a diversos campos da atividade humana e que se distancia do *mainstream* dominante das pesquisas originárias do *brand* Harvard-MIT (cf. BALIEIRO-Jr., 2006, p. 196-198), solicita-se estudar Titone (1983) que estabelece uma introdução psicológica à didática das línguas e também Melo, L. (2005) que pontua, em seu livro, aspectos interdisciplinares dos desvios da linguagem, acerca do discurso, da escrita e da oralidade, considerando-os da teoria à prática, e a qual discorre principalmente sobre as principais teorias e abordagens tangentes à aquisição da linguagem.

⁷ É sugerido que o leitor se aventure na leitura de Leitão (2015, p. 45-58). O autor esmiúça, em detalhes e com mais profundidade, esse ramo de estudo psicolinguístico conhecido por Processamento Anafórico.

Outrossim, os referentes, também denominados de correferentes, a propósito, correspondem aos dois termos que estabelecem a correferência entre si, o ato de dois elementos se associarem mutuamente para fazer referência a uma única entidade dentro de um determinado contexto linguístico. Portanto, tendo em vista a realidade psicológica dos pronomes comprovada em inglês pelos estudos de Chang (1980) e em português brasileiro tanto pelos de Maia⁸ (1994, 1997), cujas descobertas são também informativas quanto a tal realismo para as *gaps*⁹, quanto pelos de Leitão (2005a, 2005b), os quais retrataram a relevância perceptual que essas categorias gramaticais apresentam em estado de referência endofórica ao longo desse processo – saliência, por sinal, que a própria correferência, enquanto realização linguística, consequentemente também passa a demonstrar através da capacidade que essas estruturas, os pronomes, têm de facilitar a compreensão de um sintagma nominal cuja definição será também fornecida no Capítulo 1 juntamente com a de constituintes sintagmáticos –; esta perquisição centra nos pronomes, mais especificamente nos **pronomes pessoais de terceira pessoa do singular do caso reto, em posição nominativa dentro da Teoria do Caso (focalizando nos nominativos ‘ele, ela’)**, toda a avaliação que se procede diante do estudo da correferência.

À face disso, esta Dissertação versa acerca de uma pesquisa acadêmico-científica a qual está sediada no âmbito da Ciência Linguística, configurada como de natureza psicolinguística, que dialoga com o Gerativismo Linguístico por meio do qual mantém poderosa interface, e cujo fenômeno, cá particularmente estudado, circunscreve-se dentro do ramo de estudos psicolinguísticos intitulado de **Processamento Correferencial** ou **Processamento da Correferência**.

Desse modo, considerando-se os escassos trabalhos no Brasil em face do **processamento linguístico da correferência pronominal da catáfora**, que basicamente se restringem até então aos inovadores estudos engenhosos em português brasileiro (PB) de Maia, Garcia e Oliveira (2012), de Lessa e Maia (2011) e à inventiva pesquisa magistral, em sua sequência cronológica, de Lessa (2014), além do estudo autóctone sobre a língua indígena

⁸ Maia, Garcia e Oliveira (2012) também comprovaram, mais recentemente, a realidade psicológica dos Princípios B e C em sentenças do português brasileiro as quais continham pronomes totalmente especificados e anáforas conceituais, demonstrando assim que o realismo psicológico existe para além dos pronomes e não apenas para as *gaps*, mas também para as anáforas conceituais.

⁹ O conceito de *gaps*, que significa *lacunas* ao ter sua tradução realizada para o português, será explicitado adiante, mais especificamente no Capítulo 3, o qual congrega o estado da arte e que reúne a revisão bibliográfica inerente ao escopo temático desta perquirição. Lá, nessa parte dissertativa, discorrer-se-á, v.g., sobre os estudos das dependências-QU as quais abarcam esse fenômeno de posicionamento lacunar ou alocação das *gaps*.

Kadiwéu¹⁰ impulsionado por Sândalo (2012), que, assim mesmo, trata do Princípio C (intimamente associado às dependências e correferências catafóricas) sob outro ângulo investigativo bem distinto do que aqui se propõe, nesta exploração, assim como perante os poucos relatos de pesquisas publicados no exterior frente a outras línguas; a presente investigação, relativa a esta dissertação de mestrado, focaliza exclusivamente na averiguação das relações catafóricas a fim de constatar quais mecanismos são empregados no processamento de vínculos correferenciais dessa espécie e magnitude dentro do contexto de uso do **Português Brasileiro (PB)**.

Em face do dito, é vital advertir que a abreviação PB alude ao nosso idioma vernáculo, isto é, à língua portuguesa que é falada em território nacional, ao longo da extensão do nosso país, esclarecidamente o Brasil. Frise-se ainda que esta pesquisa abrange o processamento correferencial catafórico exclusivamente em português brasileiro de modo que se é investigado o comportamento cognitivo e psicológico concernente à mente e cognição de brasileiros, além do que são pesquisadas a natureza e as propriedades constitutivas intrínsecas ao parseamento sintático de ordem psicolinguística de falantes do vernáculo, ou seja, do Português Brasileiro (PB).

Nacionalmente, a especializada literatura linguística reporta reputadas pesquisas doutorais centradas no estudo da correferência, não obstante sejam elas focadas na que se estabelece com as anáforas, e não com as catáforas tal como promove este trabalho. Por exemplo, tem-se, em português brasileiro, por um lado, estudado o processamento correferencial anafórico tanto dos pronomes nulos e plenos quanto dos nomes repetidos e sintagmas nominais, em situação de hiperonímia ou hiponímia, que destinados estivessem a assumir a função de objeto direto, no que se configura como processamento do objeto direto anafórico (LEITÃO, 2005a, 2005b) e, por outra parte, tem-se pesquisado o processamento de pronomes plenos e *pro*_s (prozinhas) que assumissem a posição de sujeito oracional em sentenças submetidas a controle verbal – fenômeno de caráter formal, incidente em torno de frases infinitas, o qual é moldado por sobre estruturas com PRO (prozão) –, no que permeasse

¹⁰ Kadiwéu é uma língua aborígine da família do Guaikurú falada pelos índios Kaduveo ou Caduveo, povo guerreiro ainda também denominado de Kadivéu ou Kadiveo. Estes indígenas são conhecidos como “índios cavaleiros” em razão de sua mestria na montaria. De origem Mbáya (ou Mbayá), são descendentes da grande nação Guaikurú ou Guaicuru cujo clã dominou todo o leste do Pantanal, desde o norte do Paraguai até os perímetros de Cuiabá-MT. Curiosamente, eles tomaram parte na Guerra do Paraguai no século XIX ao lado do Brasil, motivo pelo qual tiveram suas terras reconhecidas. São tribos indígenas brasileiras que atualmente habitam o estado do Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do Brasil, vivendo a oeste do Rio Miranda na Reserva Indígena Kadiwéu cuja população é formada por cerca de 1413 habitantes nativos (RIBEIRO, 1980; LÉVI-STRAUSS, 1994). Enfim, para a obtenção de uma referência histórica desta grei, sugere-se consultar a etnografia escrita no século XVIII de Sánchez-Labrador (1910).

exclusivamente construções finitas em português brasileiro, e que fossem constituídas por verbos de comunicação linguística dentro do que se caracteriza como processamento da correferência do sujeito pronominal (MELO, M., 2003; MELO & MAIA, 2005).

Embora esses estudos psicolinguísticos, em Linguística¹¹, tenham centrado nos pronomes pessoais, tal qual proposto também nesta dissertação, investigando de um lado esses pronomes no exercício da função de objeto e, de outro, na de sujeito, eles o fizeram em cima de pronomes anafóricos de modo que em nada conflita com a presente pesquisa por motivo de esta prover a exploração do processamento correferencial de pronomes catafóricos, os quais se mantêm na condição de catáforas e não de anáforas como observado naqueles estudos.

Enquanto eles intencionavam investigar a retomada retrospectiva de um pronome pessoal, i.é, como a forma pronominal retomava seu antecedente, o nominativo anteriormente expresso, e quais suas características identitárias, esta inquirição pretende, diferentemente, avaliar a retomada prospectiva do pronome pessoal e suas propriedades, *id est*, como este se comporta dentro de um quadro em que haverá de se correferenciar com um nominal o qual ainda será mencionado na sentença, posteriormente à forma remissiva, o dito pronome catafórico ou simplesmente catáfora, que terá de procurá-lo prospectivamente ao varrer o enunciado com vistas a solucionar e integrar a correferenciação ou, dito de outro modo, a relação referencial segundo uma abordagem psicolinguística e gerativista¹² dos estudos linguísticos.

De propriedade dessa explanação inicial, é significativo e primordial retratar o objeto de estudo que compreende a sistemática deste trabalho com vistas a que procedamos com uma

¹¹ Caso os estudantes iniciantes e pesquisadores mais juniores necessitem de uma abordagem introdutória e de uma explanação mais vasta e aprofundada acerca do objeto, das propriedades, características, assuntos, áreas e campos de estudo do interesse da Linguística, a ciência da língua(gem), talvez seja imprescindível e útil ao caro leitor a consulta a obras já consagradas e populares dentro da literatura linguística nacional, a exemplo tanto do manual de Martelotta (2012) quanto do de Pais, Barbosa, Pontes, Rector, Witter, Heye e Neiva Júnior (1979) para o começo das incursões. Sugestiona-se, ademais, a leitura de alguns outros importantes livros de introdução à Ciência Linguística tais como, *exempli gratia*, os três volumes de Mussalim e Bentes (2000, 2001, 2004) e os dois de Fiorin (2002, 2003). Também são sugeridas as obras estrangeiras de Mounin (19--), Hill (1969), Liles (1975), Lyons (1987), Wallwork (c. 1974-1976) e as nacionais de Normand, Do Nascimento Flores e Barbisan (2009), além da de Fiorin (2013) o qual questiona o que é a Linguística. Por fim, sugere-se a obra de Scliar-Cabral (1982), uma das mais tradicionais de todas a ter sido publicada em solo nacional e em português com vistas tanto a incentivar quanto a promover os estudos introdutórios e de caráter didático, assim como de cunho mais pedagógico no país.

¹² Para que se proceda a uma introdução dentro do estudo da gramática generativa, é propício estudar Ruwet (1975). Além do mais, quanto ao estudo da Gramática Gerativista, incursione por Stockwell (1969) e por Lyons (circa 1977, p. 386-396). A pertinente definição, correlata discussão e os devidos esclarecimentos relacionados aos princípios da gramática gerativa juntamente com a exposição de seus preceitos podem ser consultados em Nivette (1975).

análise inicial e mais detalhada sobre as características e propriedades integrantes da **correferência catafórica**, atentando para a explicitação da definição técnica de caráter linguístico da **catáfora**, i.e, do que seja esse tipo de relação fórica, o que será feito na próxima seção, notadamente o Capítulo 1.

CAPÍTULO 1: DELINEAMENTO DA PESQUISA

1.1 OBJETO DE ESTUDO: A CATÁFORA, A CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA E O PROCESSAMENTO CORREFERENCIAL CATAFÓRICO PRONOMINAL

Como o processamento da correferência catafórica consiste no píncaro desta pesquisa, a questão central a ser deliberada reside em prioritariamente saber o que é catáfora no seio da Linguística. Para isso, é preciso antes ter em mente o que é anáfora¹³ e consequentemente endófora, bem como é imprescindível deter o conhecimento do que seja referência e correferência para se compreender plenamente o que são as relações catafóricas. Definamos, pois, brevemente, cada uma em sequência lógica e coerente para fins de adequado entendimento por parte do leitor.

Tradicionalmente os estudos relativos à *referência* e às suas diligentes tentativas conceituadoras iniciaram-se no seio da Linguística Textual na década de 70, mais precisamente em 1976, a partir da publicação da obra '*Cohesion in English*' ('Coesão em Inglês') de autoria dos estudiosos e linguistas do texto Halliday e Hasan (1976), os quais tratavam do fenômeno da referência ao discutirem acerca dos elos coesivos incidentes nas tramas das estruturações textuais à proporção que discorriam a respeito da coesão textual a qual se expressa em torno de diferentes espécimens coesivas, dentre as quais, segundo eles, se situa e se manifesta a própria referência.

Visto assim, a **referência** ou **denotação** compreende a relação instaurada entre uma expressão linguística e algo que ela seleciona do mundo real, conceitual ou da realidade extralinguística para incorporá-lo e vir a representá-lo no universo linguístico. Este mesmo ser é selecionado e oriundo, portanto, do plano da existência fática, quer naturalmente existente na concretude quer na ficção ou criação proveniente da imaginação humana, quando trasladado do meio biossocial para o inerente à linguagem (v. BUSSMANN, 2006, p. 989; DUBOIS, GIACOMO, GUESPIN, MARCELLESI, MARCELLESI & MEVEL, 1998, p. 511s.; LYONS¹⁴, c1977, p. 174-197; MOUNIN, 1974, p. 284; TRASK, 2011, p. 251). Para

¹³ É significativo examinar Maia (2002) no sentido de se obter uma explanação sobre os conceitos de centro e periferia a constituir a gramática integrante da anáfora. Ademais, significativa nota sobre as anáforas é fornecida por Barss e Lasnik (1986), sendo importante, pois, consultá-la.

¹⁴ Confronte, de igual modo, Lyons (c1977, p. 206-215) para saber o que o autor explana acerca da denotação e, na sequência, sobre o que ele interpreta como *sense* (LYONS, c1977, p. 197-206) com vistas a que se alargue mais o conhecimento a respeito das similitudes existentes no tocante aos conceitos desses fenômenos ou manifestações linguísticas nomeadamente da referência, denotação e sense.

Richards, Platt e Platt (1992, p. 310s.) a referência, denominada por eles de **reference**, refere-se, em sentido amplo, “a uma entidade no mundo externo e em sentido restrito se refere à relação entre uma palavra ou sintagma e um objeto específico”. Tal expressão linguística que aponta para um ente material ou abstrato do espaço não linguístico é denominada de *expressão referencial* ou *e.r.*, sendo os sintagmas nominais as expressões referenciais por excelência, as mais comuns e conhecidas, enquanto que a entidade em si, quer concreta quer abstrata, ocupante do universo real e pertencente ao ambiente externo ou factual com a qual o elemento lexical se relaciona ao assimilá-la à extensão abarcada pela linguagem, intitula-se de referente¹⁵ (CRYSTAL, 2008, p. 408; DUBOIS et. al., 1998, p. 512s.).

A propósito, conforme discutido por Castilho (2010, p. 54), a dita *palavra* de que se menciona na conceituação do fenômeno da referência “pode ser considerada a ‘unidade linguística maldita’, tais são as dificuldades em conceituá-la”. Segundo Rodríguez Adrados (1969 apud CASTILHO, 2010, p. 54), “tais dificuldades se acentuaram com a técnica estruturalista dos constituintes imediatos, ‘fragmentações sucessivas da oração que correspondem umas vezes ao que chamamos sintagma, outras ao que chamamos palavra, outras ao que chamamos morfema’”. Contudo, tal qual reconhecido por Saussure (1916/2006, p. 128, grifo meu):

Do ponto de vista prático, seria interessante começar pelas unidades, determiná-las e dar-se conta de sua diversidade classificando-as. Cumpriria buscar em que se funda a divisão em palavras – pois **a palavra, malgrado a dificuldade que se tem para defini-la, é uma unidade que se impõe ao espírito**, algo central no mecanismo da língua.

O precursor da Linguística e também pai da Linguística Moderna e Estruturalista ainda alerta, no tangente às discussões sobre a palavra, que, como os linguistas não procuraram determinar cabal e categoricamente as unidades com que a ciência linguística maneja, classificando a contento suas subunidades e unidades maiores, não se pode ratificar que tais cientistas linguísticos jamais se tenham posto perante esse problema nuclear, nem também que tenham plenamente compreendido a centralidade da importância e da dificuldade dessa problemática central, dado que eles se têm contentado em operar, em matéria de língua, com unidades mal definidas (SAUSSURE, 1916/2006, p. 128s.).

¹⁵ A fim de se inteirar melhor acerca da definição de correferência, referência e referente, averigue Dubois et. al. (1998, p. 158 e 511ss.) o qual diferencia os conceitos de cada um deles, além de designar também o referente de *designatum*. Além do mais, é conveniente ler Milner (2003, p. 85-130) para se compreender mais clara e profundamente os conceitos subjacentes à *referência* e à *correferência*, uma vez que ele proporciona reputadas reflexões acerca desses fenômenos, isto é, sobre a referência e a correferência.

Mesmo em face dessas dificuldades, há, mais densamente, uma formal definição tentada por Castilho (2010, p. 687, grifo do autor) de que a **palavra** é a:

Unidade do vocabulário caracterizada (1) fonologicamente por dispor de esquema acentual e rítmico; (2) morfológicamente por ser organizada por uma margem esquerda (preenchida por morfemas prefixais), por um núcleo (preenchido pelo radical), e por uma margem direita (preenchida por morfemas sufixais); (3) sintaticamente por organizar ou não um sintagma*; (4) semanticamente por veicular uma ideia (enquanto a sentença veicula uma proposição); e (5) graficamente por vir separada por meio de espaço em branco.

A palavra é maior do que uma unidade significativa (por exemplo, na palavra *cachorro* há duas unidades significativas, <cachorr>, que remete a uma espécie animal, e {-o}, que especifica um espécime do sexo masculino) e menor do que os sintagmas*, as grandes unidades sintáticas que estruturam a sentença (como *o cachorro de guarda do vizinho* ou *um cachorro branco*).

Sucintamente, em outros termos, designa Castilho (2010, p. 54) que a palavra é o resultado da unificação de três partes distintas, quais sejam, da anexação da Margem Esquerda (o morfema prefixal ou prefixo) com o Núcleo (morfema radical) mais a Margem Direita (o morfema sufixal ou sufixo).

Já o **sintagma**, por sua vez, igualmente mencionado mais acima juntamente com o vocábulo *palavra* na designação da referência, de acordo com o estabelecido por Silva e Koch (1989, p. 14), “consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem. Organizam-se em torno de um elemento fundamental, denominado núcleo, que pode, por si só, constituir o sintagma”. Sob a ótica terminológica e histórica, Castilho (2010, p. 55ss., grifo meu) descreve que:

O termo *sintagma* provém da terminologia militar grega, em que designava um esquadrão, ou seja, um número fixo de soldados, distribuídos de forma também regular, aos quais eram atribuídas funções próprias. Os linguistas se apropriaram desse termo, que parecia talhado para indicar o modo como o substantivo, o verbo, o adjetivo, o advérbio e a preposição costumam agregar outras classes de palavras.

[...] **Inicialmente, significava qualquer combinação na cadeia falada, como uma realização do eixo sintagmático.** [...]

O estruturalismo especializou o termo, restringindo-o à designação dos grupos de palavras que formam uma unidade sintática hierarquizada maior que uma palavra, pois resulta de uma associação de palavras, e menor que a sentença, de que é um constituinte. A classe de palavra que nucleariza o sintagma dá-lhe o nome, e assim teremos o sintagma nominal (SN), o sintagma verbal (SV), o sintagma adjetival (SAdj), o sintagma adverbial (SAdv) e o sintagma preposicionado (SP) [...]

Os sintagmas exemplificam [assim] **a propriedade de “constituição”, isto é, a capacidade linguística de organizar expressões dotadas de uma margem esquerda, um núcleo e uma margem direita. Essa propriedade pode ser observada também nas sílabas, nas palavras e nas sentenças.**

[...]

[Em suma] **os sintagmas compreendem a margem esquerda, ocupada pelos Especificadores, o Núcleo, ocupado por uma classe de palavra¹⁶, e a margem direita, ocupada pelos Complementadores.**

Sobre isso, Castilho (2010, p. 57) resume essa regularidade a partir da fórmula: “Sintagma → (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores)”, reiterando que tal regra descritiva detém poder heurístico, uma vez que é possível, fazendo-a recorrer, construir um número infinito de sintagmas. Oportunamente, ainda pondera Kenedy (2013, p. 181) que a noção conceitual de sintagma está direta e intimamente associada ao conceito matemático de *conjunto* porque decorre do fato de o sintagma ser um conjunto de elementos a constituir uma unidade complexa tal como o conjunto que, matematicamente, corresponde a uma coleção de unidades, isto é, de elementos a compor um todo complexo, ou seja, uma unidade igualmente complexa. Portanto,

Um sintagma é tipicamente um conjunto de unidades (seja um conjunto de palavras ou de outros sintagmas). Entretanto, um sintagma pode também ser constituído por somente uma palavra ou mesmo por nenhum elemento foneticamente realizado na frase. Para entender isso, [é preciso compreender que] o conceito de sintagma é derivado do conceito de conjunto. [É igualmente necessário] lembrar-se da existência do *conjunto unitário* e do *conjunto vazio*. Para a sintaxe, o conjunto unitário é o sintagma formado por uma única palavra, enquanto o conjunto vazio é formado por um elemento sem matriz fonética (KENEDY, 2013, p. 182, grifo do autor).

A propósito, é essencial que se esclareça que, consoante divulga Perini (2006, p. 46s.), **constituintes sintagmáticos** ou simplesmente **constituintes**, estruturas forte e intimamente relacionadas aos sintagmas, correspondem a uma noção estrutural a compreender estruturas linguísticas as quais detêm personalidade sintática e que recebem interpretação semântica coerente por ação de se referirem a um objeto específico. As duas propriedades caracterizadoras de um constituinte são descritas como a capacidade que qualquer um deles possui de se conformarem uns dentro dos outros, no que se define como recursão, juntamente com a necessidade de as estruturas formadoras dos constituintes estarem inseridas em um contexto sintático (PERINI, 2006, p. 102 sequentia). “A ocorrência em uma sentença de uma **categoria sintática** que contém em si mesma uma ocorrência menor da mesma categoria” compreende o que se define como recursão segundo Trask (2011, p. 250, grifo do autor).

¹⁶ Examine Castilho (2007) a fim de conhecer mais deliberadamente os conceitos técnicos sobre as construções gramaticais e para compreender de modo mais claro e detalhado a respeito do que são classes de palavras, posto que o autor estabelece os fundamentos teóricos da gramática concernente ao português culto que é falado no Brasil.

Conceitua ainda Perini (2006, p. 94), em sequência, que o sintagma compreende ser um constituinte que é “menor do que uma oração e composto de uma ou mais palavras”, apresentando coesão tanto semântica quanto formal por efeito de respectivamente nos fornecer a impressão acerca de algo que “faz sentido” e que, porquanto, é coerente, além do que por força de ocorrer em determinadas posições sintáticas muito bem definidas e especificadas, isto é, absorvedoras de uma função específica (cf. PERINI, 2006, p. 100 para esta última definidora complementação e também DUCROT & TODOROV, 1972, p. 139s. para uma definição mais técnica do que sejam relações sintagmáticas e sintagma). Em linha sucessória, com o auxílio dessa conceituação, define Perini (2006, p. 64s.) que o *sintagma nominal* ou *SN (NP ou Nominal Phrase)* “é uma sequência de uma ou mais palavras que pode ser sujeito, objeto direto ou complemento de uma preposição”, definindo-se por certa modalidade de estrutura interna regular, podendo ser constituído por um artigo e um nominal ou por um pronome e um nominativo, por exemplo, e detendo ainda a propriedade de semanticamente se referir a uma coisa do cosmos real ou do universo fictício, sejam pessoas, seres vivos em geral e objetos ou criaturas inanimadas, afora o que entidades imaginárias. Por sua vez, nominal corresponde à classe de itens léxicos que denota a capacidade de desempenhar ora a função de núcleo do NP ora de modificador ou ainda as duas funções, não sendo capaz de exprimir o comportamento dos itens lexicais sob o prisma dos seus respectivos potenciais funcionais conforme, em atenção a isso, mais uma vez conceitua Perini (2006, p. 168).

Quanto à **sentença**, que mantém íntimo e estreito vínculo tanto com o sintagma quanto com a palavra, Castilho (2010, p. 58, grifo do autor) a define como sendo:

a unidade que associa propriedades fonológicas (= é um conjunto de argumentos e adjuntos), semânticas (= é um conjunto de papéis temáticos) e pragmáticas (= é um ato de fala*). [...] Pode-se reconhecer que a sentença é um somatório de estruturas, e nesse sentido ela é uma unidade “também” gramatical. Se enfatizarmos suas propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas, ela mudará facilmente de endereço, em sua qualidade de unidade polifuncional. A designação da *sentença* não é pacífica na literatura. Você encontrará termos tais como *oração*, *frase*, *período* (conjunto de orações) etc.

Em virtude de não haver pacificidade no designativo da sentença, a qual pode ser uma oração, período ou frase, é importante então tentar diferenciar estas designações conceituando-as, para assim ser possível se ter noção da abrangência conceituadora do que venha a ser sentença. Nesses termos,

Costuma-se entender por *frase* a expressão verbal de um pensamento, ou seja, todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação. Por meio dela, podem-se expressar juízos, descrever ações, estados ou fenômenos, transmitir apelos ou ordens, exteriorizar emoções (SILVA & KOCH, 1989, p. 11, grifo do autor).

Já nos termos definitórios de Souza e Campedelli (1997, p. 284, grifo do autor), “**Frase** é a palavra ou grupo de palavras que formam um enunciado de sentido completo, caracterizando-se pela entoação que lhe assinala o começo e o fim”. Além do mais, Souza e Campedelli (1997, p. 285, grifo do autor) esclarecem que a “**Oração** é a unidade sintática formada em torno de um verbo. Há sempre na oração dois termos que têm entre si uma relação essencial: **sujeito** e **predicado**, ou, no mínimo, predicado, uma vez que pode haver orações sem sujeito”. Pontuam também que o “**Período** é a frase sintaticamente estruturada em torno de um ou vários verbos” (SOUZA & CAMPEDELLI, 1997, p. 285, grifo do autor).

Isso esclarecido, em aprofundamento ao conceito de sentença, Castilho (2010, p. 691, grifo meu) destrinça que:

1. Sentença ou oração é a unidade da sintaxe estruturada por um verbo que seleciona seu sujeito* e seus complementos*. Os adjuntos* também integram uma sentença, mas não são selecionados pelo verbo.
2. A sentença tem uma estrutura tripartite: na margem esquerda (Especificador), figura o sintagma nominal que funciona como sujeito; em seu núcleo figura um verbo que funciona como predador ou apresentador do argumento sentencial* único; na margem direita (Complementador) figuram os complementos. Dada a propriedade gramatical da recorrência*, a mesma estrutura tripartite da sentença também se documenta na sílaba*, na palavra*, no sintagma* e na unidade discursiva*.
3. O estudo da sentença compreende habitualmente dois momentos: estudo da estrutura sintagmática, que é a identificação dos sintagmas*, e estudo da estrutura funcional, que é a identificação das funções assumidas pelos sintagmas, a saber, sujeito, complementos e adjuntos. [...]

Mioto, Silva e Lopes (2013, p. 47-117) destrincham que a sentença compreende a junção do especificador com o complemento em torno do núcleo de modo que Castilho (2010, p. 58) resume o conceito segundo a seguinte fórmula: “S → Especificador (= sujeito) + Núcleo (= verbo) + Complementador (= argumentos internos)”.

Já a **correferência**, talqualmente denominada de **correferencialidade**, por sua vez, integra um fenômeno que deriva diretamente da referência, correspondendo ao acontecimento fático de ordem linguística em que diferentes sintagmas nominais dentro do escopo da sentença, texto ou discurso, desde que imersos no âmbito linguístico, possuem a mesma referência extralinguística (BUSSMANN, 2006, p. 259; DUBOIS et. al., 1998, p. 158). Em todo caso, para haver a correferencialidade não é determinante que somente se vinculem

nominativos para partilharem igual referência. A correferência pode, ainda assim, produzir-se através da imbricação de nominais com outros elementos linguísticos naturalmente fóricos tais como pronomes, advérbios e numerais. Assim, a correferência, de modo ainda mais abrangente quanto à sua definição, corresponde sumariamente à ocorrência de foro linguístico ao longo da qual diferentes constituintes ou formas linguísticas em uma dada sentença detêm a mesma referência externa (veja-se CRYSTAL, 2008, p. 116).

Em face de tudo então definido, a necessidade para o completo entendimento do conceito da correferência catafórica, além da compreensão do que seja referência e correferência, reside na conceituação do que venha a ser o fenômeno da **foricidade** (consulte primeiro NEVES, 2000, p. 387-390). Na concepção de Castilho (2010, p. 676, grifo do autor), em maiores detalhes, a foricidade corresponde a:

1. Elementos gramaticais que retomam informações já veiculadas. O vocábulo deriva do grego *phéro*, “levar, trazer”.
2. Propriedade de retomada de conteúdos expressos anteriormente (anáfora), a expressar posteriormente (catáfora) ou inferidos a partir do contexto (exófora).
3. As expressões fóricas podem ter um escopo largo, quando retomam porções do enunciado (como as formas neutras *isto, isso, aquilo, tudo, nada*), ou um escopo estreito [sic], quando retomam apenas um constituinte do enunciado (como em *o menino caiu, esse menino pode ter-se machucado*).

Em outras palavras, ainda Castilho (2010, p. 125s., grifo meu) resume o conceito de foricidade¹⁷ como sendo:

a operação desencadeada, sobretudo, por itens lexicais que trazem de novo à consideração noções já identificadas anteriormente (anáfora), **ou a serem vinculadas posteriormente (catáfora) no texto**. Deriva do grego *phoréo* (‘trazer’; ‘conduzir’), cuja contraparte latina é *fero*, de onde derivou *foricitas*.

Dadas as definições de referência, correferência e dos seus elementos orbitantes, praticamente já se têm configurados os preparativos suficientes, bem como já existem os meios alicerçadores essenciais para que seja possível prosseguir com a conceituação de anáfora e sequencialmente de catáfora; porém, antes que se passe a essa etapa, resta ainda importante pincelar a caracterização de um outro fenômeno vital, intimamente associado à

¹⁷ Aliás, faz-se importante frisar que estreitamente ligado às relações fóricas é o fenômeno do *movimento* o qual está subjacente à foricidade. Sobre o tratamento desse assunto e de tais relações, inclusive quanto ao *movimento fictício* e o *princípio de projeção textual* relacionados à questão do movimento e da foricidade dentro da organização do texto, informe-se em Castilho (2010, p. 619-623) que trata da *categoria do movimento*.

referência e à correferência e que mantém estreita ligação com a endófora¹⁸, a qual compreende tanto a anáfora quanto a catáfora, que é o da *dêixis*¹⁹. Tal relação, digo, inclusive se confirma quando se dá a conhecer o proposto por Jota (1976, p. 35) que afirma ser a anáfora um caso particular de dêixis em que esta mostra o ser ou o lugar enquanto aquela, o elemento anafórico, refere-se ao ser enunciado (vid. LYONS, 1977, p. 636-646; MOUNIN, 1974, p. 98; RICHARDS, PLATT & PLATT, 1992, p. 100). Ainda segundo tal autor (JOTA, 1976), o pronome relativo, p.ex., é anafórico enquanto o pronome demonstrativo pode ser um ou outro, tanto dêítico quanto anafórico. Quanto a essa relação entre tamanho fenômeno e os pronomes, demais, lembra Camara Júnior (1968, p. 41) que há anáfora, em vez de dêixis, exatamente no uso dos pronomes, quando, no lugar de uma indicação no espaço, há uma referência ao contexto.

Assim, na linha de tal decurso, a **dêixis**, conforme o apregoado por Castilho (2010, p. 123), configura-se como “uma categoria que depende crucialmente da situação discursiva²⁰, e não das propriedades intensionais necessárias à configuração das categorias de referenciação e predicação” ou ela integra:

Expressões que têm a propriedade de apontar para as pessoas do discurso (como *eu, você, nós*), o lugar ocupado por elas (*aqui, ali*) e seu tempo (*ontem, hoje, amanhã*). Os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas e os pronomes demonstrativos funcionam como dêíticos: a primeira pessoa é a que fala de si mesma, a segunda é a que fala com a primeira pessoa. A terceira pessoa será dêítica apenas quando remete a um participante presente ao ato de fala, como em ***Ele ali, o Antônio, me deve dinheiro***. Em outras circunstâncias, *ele* designa a terceira pessoa, tendo uma interpretação fórica (***Ele já chegou?***), em que *ele* substitui algum participante conhecido na situação discursiva (*ele* = o professor, por exemplo). O substantivo deverbal dêixis deriva do verbo grego *déiknymi*, “apontar, mostrar”. Os gramáticos romanos traduziram dêixis por *demonstrativo*, palavra calcada em *monstrare*>*mostrar*. O termo *demonstratiuus* designava os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos e os pronomes-advérbio de lugar e tempo. Mais tarde, o termo especializou-se na designação de uma das formas dêíticas, os pronomes demonstrativos, perdendo-se seu efeito de generalização. (CASTILHO, 2010, p. 670, grifo do autor).

Enquanto isso, para Dubois et. al. (1998, p. 168) “a dêixis é um modo particular de atualização que usa o gesto (dêixis mímica) ou termos da língua chamados dêíticos (dêixis verbal)”. Adicionalmente, K. Bühler (1934 apud CARRETER, 1953, p. 104s.) assinalou a existência de uma dêixis especial chamada *Deixis Am Phantasma*

¹⁸ Vistorie Neves (2000, p. 390) a fim de tomar conhecimento a respeito do que ela discute sobre a *remissão textual* que integra as endóforas: anáforas e catáforas.

¹⁹ Vide também Neves (2000, p. 389) para ter ciência do que a autora fala acerca da *interlocução* através da qual ocorre a dêixis e as exóforas.

²⁰ Consulte Lyons (1977, p. 657-677) para saber mais sobre a relação de dêixis, anáfora e universo do discurso.

(*deixis en fantasma*), que se produz “*cuando un narrador lleva al oyente al reino de lo ausente recordable o al reino de la fantasía constructiva y lo obsequia allí con los mismos demostrativos para que vea y oiga lo que hay allí que ver y oír (y tocar, se entiende, y quizá también oler y gustar*²¹)”. Em conclusão, ainda segundo ele, a *dêixis* “consiste em assinalar algo que está presente diante de nossos olhos: aqui, ali, tu, isto etc. Quando a função dêitica não consiste em fazer uma *demonstratio ad oculos* recebe o nome de anáfora.”

Diante desse quadro conceitual então delineado, observemos a sentença em (01) conforme apresentada em sequência:

- (01) Os *economistas paraibanos*_i são hábeis em projeções futuras para a economia. É tanto que *eles*_i sempre preveem com exatidão o crescimento econômico tanto nacional quanto local e também os períodos de retração no estado e no país.

Nela fica evidente que o pronome pessoal ‘eles’ está se referindo ao sintagma nominal ‘os economistas paraibanos’. O pronome remete seu sentido e condiciona sua interpretação diretamente ao nominativo que o precede de modo a possuírem a mesma referência no mundo externo, a categoria de profissionais designada de economista, pois os itens lexicais ‘economistas’ e ‘eles’ estão semântica e morfossintaticamente interligados a ponto de representarem uma mesma entidade do universo biossocial. Tem-se aí um exemplo da presença de uma *anáfora* (o *anafórico* ou *l’anaphore* nos termos de DUCROT & TODOROV, 1972, p. 358-362), representada pelo pronome ‘eles’, e de uma *correferência anafórica* por consequência direta da correlação interdependente dos dois correferentes que se é firmada.

A anáfora enquanto termo utilizado no terreno da descrição gramatical abarca o processo ou o resultado de uma unidade linguística correferencialmente dependente derivar sua interpretação de um termo independente, normalmente um nominal ou e.r., ou de um sentido mencionado antes na sentença, ou seja, refere-se a um item lexical que busca seu pleno sentido em outro lexema anteriormente expresso na sentença – nomeado de *antecedente* e também designado de *interpretante*²² por Ducrot e Todorov (1998) e de *fonte semântica* por Tesnière (apud DUCROT & TODOROV, 1998) – para o qual recorre retrospectivamente a

²¹ A respectiva tradução desse trecho do espanhol para o português fica como sucede: “quando o narrador conduz o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e o observa ali com os mesmos demonstrativos para que veja e ouça o que há ali que ver e ouvir (e tocar, se entende, e quicá também cheirar e gostar/degustar)” (BÜHLER, 1934 apud CARRETER, 1953, p. 104s., tradução minha).

²² Importante é ressaltar que o anafórico, a anáfora propriamente dita, e o interpretante podem pertencer à mesma frase ou a frases sucessivas. Por isso, a anáfora é uma relação transfrásica ou transfrástica.

fim de obter sua compreensão morfofossintática e semântica (veja BUSSMANN, 2006, p. 58; CARRETER²³, 1953, p. 33s.; CRYSTAL, 2008, p. 25; DUBOIS et. al., 1998, p. 46; MOUNIN, 1974, p. 27; RICHARDS, PLATT & PLATT, 1992, p. 16s.; RICHARDS & SCHMIDT, 2013, p. 26; TRASK, 2011, p. 29s.). Ou ainda, na concepção de Camara Júnior (1997, p. 49)²⁴, corresponde “a um termo já constante do contexto”. Também consoante Jota (1976, p. 98), a anáfora compreende um caso especial de **dêixis** “que mostra o ser em sua posição espacial em referência não à pessoa do discurso, mas a um elemento expresso no mesmo texto”. Conforme sua explicitação, a dêixis, por seu turno, igualmente nomeada de *dêitico* ou de *les deictiques* por Ducrot e Todorov (1972, p. 323), corresponde à “faculdade que têm alguns vocábulos de nomear os seres mostrando-os, opondo-se, portanto, aos nomes, que designam os seres conceituando-os” (JOTA, 1976, p. 98)²⁵. Além disso, ao procedimento de se estabelecer um antecedente para a anáfora, a qual normalmente é um pronome ou pronome adverbial, nomeia-se de resolução anafórica (CRYSTAL, 2008, p. 25).

Ao passo que a **anáfora** corresponde ao elemento linguístico dependente que procura seu processo interpretativo em seu antecedente, a **correferência anafórica** é conceituada como o meio de se selar a identidade do que está sendo dito com o que já foi dito ou expressado sentencialmente; de outro modo, corresponde ao fenômeno de dois vocábulos se associarem sintática e semanticamente entre si, i. é., se correferirem por retrospecção da anáfora, da unidade não autônoma referencialmente que retroage em direção ao antecedente para solidificar a correferência. No exemplo em (01) o pronome ‘eles’ é classificado como a anáfora e o sintagma nominal ‘os economistas paraibanos’ como o respectivo antecedente à medida que a relação sintático-semântica engendrada entre estas duas unidades linguísticas, no âmbito do desenvolvimento da sentença, para assumirem a mesma referência externa, quer dizer, ter o mesmo referente advindo da ambientação natural, é categorizada como a dita correferência anafórica (BUSSMANN, 2006, p. 58).

Resta então esclarecido que a anáfora, embora possa corresponder a uma série de categorias gramaticais tais como numerais, advérbios, hiperonímias, hponímias, nomes, dentre outros, é prevalente sua correspondência com a categoria pronome. Nesse sentido,

²³ Consulte o autor (CARRETER, 1953, p. 33s.) caso seja também de interesse conhecer mais sobre o conceito de *anáfora difusa* o qual não será aqui discutido por estar fora do escopo desta pesquisa a qual versa sobre correferência catafórica.

²⁴ Camara Júnior (1968, p. 41) semelhantemente conceitua a anáfora como sendo “qualquer referência a um termo já constante do contexto” do mesmo modo que Jota (1976, p. 35) a define tal qual o “emprego de palavra (dita anafórica) que se refere a palavra(s) mencionada(s) no contexto”.

²⁵ Já nas palavras de Camara Júnior (1997, p. 90) é a “faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema linguístico” (cf. CAMARA JÚNIOR, 1968, p. 109).

dentro do quadro de diferenciação dos fenômenos da dêixis e da anáfora, o gramático grego Apolônio (apud DUCROT & TODOROV, 1998), desde os tempos antigos, já caracterizava os pronomes como *dêíticos* quando remetem a objetos ou *anafóricos* quando fazem a remissão a segmentos do discurso. Além disso, segundo F. Brunot (apud DUCROT & TODOROV, 1998) os pronomes também podem ser classificados, de acordo com outra natureza classificativa, enquanto pronomes nominais quando, que nem nomes, designam coisas ou podem ser ainda categorizados como pronomes representantes.

Em sequência, vejamos agora, pois, o período exibido em (02) para que possamos prosseguir com o desnudamento conceitual referente ao quadro teórico sob esquadramento, no que concerne à caracterização da correferência catafórica:

- (02) Assim que *elas_k* chegarem ao palco, as *acadêmicas_k* receberão as merecidas homenagens das pessoas ali presentes na plateia dentre colegas, estudantes, amigos e familiares.

No caso em comento, há uma diferenciação na modalidade de ocorrência da correferência entre os correferentes, já que o elemento linguístico dependente, a anáfora para o exemplo precedente, é o primeiro correferente a aparecer na sentença à proporção que a expressão independente, o antecedente como já claramente descrito, surge depois na segunda oração do período considerado. Será que se pode denominar aquela unidade fórica em situação de dependência referencial, com acerto o pronome ‘elas’, de anáfora? A resposta é não. Para casos assim, a expressão anafórica que entra em cena antes do antecedente é chamada de **catáfora**. Esta é simplesmente o inverso daquela. O termo catáfora, também denominado de anáfora regressiva por Jota (1976, p. 35), notadamente aquela em que a palavra anafórica vem antes da(s) palavra(s) a que se refere, foi cunhado por Karl Bühler (1934 apud BUSSMANN, 2006, p. 162) para brilhantemente designar, em analogia à anáfora, o elemento linguístico que aponta para uma informação ainda a emergir na asserção. Desse jeito, pelos termos ventilados acima, a catáfora abrange o item lexical dependente correferencialmente que procura situar, por prospecção, sua referência em uma unidade linguística, o tal antecedente, a qual emerge ulteriormente na sentença (q.v. CARRETER, 1953, p. 69; RICHARDS, PLATT & PLATT, 1992, p. 47). Por adição, a **correferência catafórica** engloba o mecanismo de se marcar a identidade entre o que está sendo declarado e o que está ainda por ser exposto, constituindo o processo correferencial em que duas palavras, ao se imbricarem em termos sintáticos e semânticos, correferem por

prospecção da catáfora, da expressão sem autonomia referencial que se move prospectivamente no sentido do antecedente (CRYSTAL, 2008, p. 68). Consequentemente, o **processamento correferencial catafórico** corresponde ao processo computacional em que o *parser* processa uma estrutura linguística sentencialmente disposta a partir de um arranjo catafórico que é aquele inerente à correferência catafórica, ou seja, acertadamente compreende a atividade processual *on-line* desempenhada pelo *parser* ao processar a relação correferencial catafórica estabelecida sentencialmente entre um pronome catafórico que se caracteriza como a forma remissiva e o nominativo ou NP que assume a qualidade de antecedente (COWART & CAIRNS, 1987; VAN GOMPEL & LIVERSEDGE, 2003; KAZANINA, 2005).

Um ponto importante a ser elencado é que, embora a denominação de antecedente não se altere entre um tipo de correferência e outro enquanto a dos termos sem independência muda ora para anáfora ora para catáfora, a depender de qual destes dois tipos de correferência estejam sendo estabelecidas, é correto nomear a expressão referencial de antecedente dentro do esqueleto da correferência catafórica? Diferentemente da indagação predecessora, a resposta para esta é sim. Todavia, eu proponho, daqui em diante, intitular o antecedente que compõe a correferência catafórica de **poscedente**²⁶. Ainda avoco os meus pares, tanto os linguistas de modo mais geral quanto os psicolinguistas de maneira mais específica, a se acomodarem a essa nova nomenclatura e a disseminarem-na para efeito de que se propicie mais transparente diferenciação com o antecedente, assim já nomeado, próprio da correferência anafórica. Isso ventilado, para fins de análise quanto à exemplificação dada, a catáfora, no exemplo em (02), está em correspondência com o pronome ‘elas’ do mesmo jeito que o **poscedente** se confunde com o nominal ‘acadêmicas’.

²⁶ Esse novo termo introduzido na literatura psicolinguística por mim, novel jargão linguístico, consiste em uma invenção minha, em inventiva de minha plena autoria. Portanto, a responsabilidade de sua inequívoca ou equivocada utilização é típica e exclusivamente do próprio autor desta pesquisa. Eu a utilizo para marcar o estudo seminal, pioneiro ou piloto do processamento das relações catafóricas em português brasileiro que cá se faz ao considerar-se quer quando inserida está a correferência em sentenças complexas compostas por três orações e classificadas como orações subordinadas adverbiais quer no que se refere à investigação da operacionalização do Mecanismo de Busca Ativa, operante nesse espécimen correferencial, em solo nacional, até então não promovido. Ouso propor essa inventividade por achar que o seu uso ou emprego pode ser bem esclarecedor do conceito que a subjaz e dos sentidos que por ele, o novo neologismo, passam quando em sintonia com o fenômeno geral da correferência endofórica que engloba tanto a catafórica quanto a anafórica. Também penso ser bastante revelador sua utilização constante e sistemática até para melhor estabelecer o confronto com seu par simétrico, o tal ‘antecedente’ corrente nas relações anafóricas, o que abre espaço para um melhor e mais perfeito, pleno ou refinado entendimento global desse específico fenômeno linguístico aqui investigado. Enfim, proponho sua utilização para possibilitar distinguir o antecedente da anáfora e aquele que aponta ou se refere à catáfora; já que, até então, dentro da literatura, o termo ‘antecedente’ é empregado indistintamente tanto para se referir ao fenômeno da anáfora quanto ao da catáfora, apontando indiscriminadamente quer para a forma remissiva anafórica quer para a catafórica.

De toda sorte, o termo “anáfora” também é empregado para indistintamente aludir tanto à anáfora em si quanto à catáfora, ou melhor, para designar quer a própria correferência anafórica quer a catafórica (BUSSMANN, 2006, p. 58; CRYSTAL, 2008, p. 25). De feito, a designação “anáfora” tecnicamente pode confundir-se com a **endófora**, sendo-lhe correlata e, por vezes, a sua sinônima; daí por que a correferência anafórica muitas vezes, como se nota, aparece como generalizadora a abarcar a correferência endofórica como um todo nos casos concretos da literatura. Inclusive, com supedâneo nisso, verte-se em cabível definir a anáfora como sendo “elemento linguístico cuja interpretação é tomada de algum outro elemento presente na mesma sentença ou no discurso” (TRASK, 2011, p. 29).

Não se pode olvidar também que a denominação “anáfora” linguisticamente apresenta ainda dois sentidos. Além do sentido lato, até então exposto, válido para toda a Linguística que abrange inúmeras categorias gramaticais potenciais de serem circunscritas como anáforas; em sentido mais estrito, a anáfora integra um termo técnico utilizado dentro da Teoria da Regência e Ligação junto ao Gerativismo Linguístico que aponta para um tipo de sintagma nominal que não tem referência independente, mas que se refere a algum outro constituinte sentencial, o seu antecedente, e que, ainda mais, deve ser amarrada ou ligada em sua categoria de regência no que se denomina de Princípio A. De resto, a anáfora, quando tomada neste sentido, inclui apenas os pronomes reflexivos, os recíprocos e os traços ou vestígios de NP. Embora haja, em inglês, uma diferenciação em termos de nomenclatura para cada uma dessas acepções, em que *anaphor* assume esta interpretação gerativista e *anaphora* a idealização mais geral antes reportada, uma só nomeação há em português, notadamente ‘anáfora’ para qualquer um dos dois casos (q.v. CRYSTAL, 2008, p. 25).

A partir dessas caracterizações recém-efetuadas, sobeja evidente que, de maneira distinta à *anáfora* a qual retoma um antecedente já mencionado anteriormente no contexto do discurso seja ele veiculado no formato de texto escrito seja nos moldes da oralidade, a *catáfora*, ao contrário, exsurge anteriormente ao seu antecedente ou correferente, estabelecendo a referência antes mesmo que seu respectivo referente manifeste-se ao longo do texto. Isso considerado, muitas pesquisas têm-se desenvolvido no sentido de entender e explicar que mecanismos são ativados na mente e/ou cognição dos indivíduos e quais recursos ou estratégias cognitivas e/ou intelectuais são utilizadas pelas pessoas para computar as informações, processar as estruturas componentes e, por fim, abstrair o conteúdo informacional que é transportado pela material cristalização, consolidação e estruturação sintática e contextual, em âmbito linguístico, da correferência endofórica – como também conduzido pela relação anafórica em específico – ao longo dessa sequência de exercícios

imprescindíveis à assimilação completa da mensagem transmitida pelo texto (lembrando que a anáfora corresponde a um subtipo de endófora, sendo um de seus subconjuntos constituintes). Em contrapartida, não se tem observado, entretanto, a mesma evolução no encaminhamento de pesquisas atuantes sobre a catáfora que busquem verificações análogas às verificadas ao redor daquela, nomeadamente a anáfora.

Malgrado essa incidência desproporcional entre as inquirições de caráter *anafórico* e as de natureza *catafórica* tanto em solo nacional quanto na esfera internacional, podem ser percebidas ações ultimamente no sentido de contornar essa realidade, em virtude da ampliação e dos avanços obtidos nas diligências que abrangem o escopo da catáfora. Prova disso é que, a princípio, os pesquisadores estrangeiros questionaram entre si se limitações sintáticas (*constraints*²⁷) interferiam no processamento sentencial das relações catafóricas em correferência conforme já havia sido constatado em outro tipo de construção firmada em inglês (*wh-dependencies* ou *filler-gap dependencies*) – também caracterizada por certo grau de correlação entre seus constituintes, em que há uma interligação entre o elemento licenciado (o *wh-filler*) e o licenciador (a *gap* junto ao verbo ou a preposição) (CLIFTON JUNIOR & FRAZIER, 1986) – e com a qual a correferência catafórica evidentemente mantém estreita proximidade quer categorial quer fenomenal, dado que tanto as *filler-gap dependencies* quanto a correferência catafórica, ao que tudo indica, parecem partilhar das mesmas características delineadoras ou propriedades constituintes por integrarem o mesmo conjunto de fenômenos linguísticos caracterizados ou categorizados dentro do raio das dependências de longa distância (*long-distance dependencies*²⁸).

Assim, durante a condução desses estudos ímpares, evidenciou-se a existência de certo grau de atributos os quais culminaram na elaboração de duas generalizações principais acerca

²⁷ ‘*Constraints*’ é o plural de ‘*Constraint*’ e corresponde a um vocábulo inglês que vem sendo vastamente utilizado nas pesquisas psicolinguísticas acerca da catáfora e das dependências *filler-gap*, em suma, das dependências de longa distância, desenvolvidas no exterior, o qual tem se mostrado bastante presente nos artigos, teses e trabalhos acadêmico-científicos correlativos, assim como na escolha da escrita argumentativa feita pelos acadêmicos e cientistas estrangeiros. Essa palavra significa ‘*restrição*’ em português ao ser traduzido para o vernáculo. A literatura tem empregado tanto a designação ‘*constraint*’, mais sucinta, quanto ‘*gramatical constraint*’, mais ampliada, para designar as restrições gramaticais, normalmente associadas àquelas de caráter sintático-estrutural. Ela será usada ao longo da dissertação por questões de conveniência e por decisão do próprio autor, sendo de inteira responsabilidade minha a eleição das ocasiões em que se considere que seja, por suspeição, apropriado utilizar tal termo. Além do mais, daqui em diante, essa expressão será usada restritamente no sentido técnico do jargão linguístico tal como vastamente empregada nos estudos do setor, significando *limitação ou restrição gramatical de ordem estrutural e sintática*.

²⁸ Frise-se que tanto a definição quanto a explicação mais pormenorizada acerca do que são as *wh-dependencies* (dependências-qu), as *filler-gap dependencies* (dependências de preenchedor-lacuna) e *long-distance dependencies* (dependências de longa distância) serão fornecidas mais adiante, especificamente no Capítulo 3 ao longo do qual o subjacente significado de todas essas dependências, enquanto fenômenos linguísticos e psicolinguísticos, haverá de ser contextualizado com o fenômeno que é cerne deste trabalho, o da correferência catafórica.

da compreensão do funcionamento em tempo real, assim como do processamento desses tipos de dependências de longa distância, as dependências-QU. Em primeiro lugar, generalizaram que o processador sintático constrói *filler-gap dependencies* ativamente por intermédio da constituição de um **Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa**, doravante **MPFDA**. Isso implica que, logo após encontrar um potencial *filler* ou preenchedor (e. g., uma *wh-phrase* ou sintagma-QU), o *parser*²⁹ imediatamente cria *gap positions* (ou posições lacunares, do tipo lacuna), baseadas em movimento-QU de ordem sintática, postulando-as em cada relevante posição sintática e arquitetônica, ao menos temporariamente, até mesmo antes que qualquer *bottom-up information* – informação advinda dos alicerces estruturais, no sentido da base para o topo – que confirme a presença da *gap*, torne-se perceptível ou avaliável (queira ver CRAIN & FODOR, 1985; FRAZIER & CLIFTON JUNIOR, 1989; FRAZIER & FLORES D’ARCAIS, 1989; STOWE, 1986; TANENHAUS, BOLAND, GARNSEY & CARLSON, 1989; TRAXLER & PICKERING, 1996), sem aguardar pelo aparecimento de evidências não ambíguas para o pleno e inequívoco estabelecimento da *gap* ou lacuna no *input*, almejando completar ou fechar a dependência assim que possível e o quanto antes na linha de uma atividade computacional de demanda ativa (vide AOSHIMA, PHILLIPS & WEINBERG, 2004; CLIFTON JUNIOR & FRAZIER, 1986, 1989; FRAZIER, CLIFTON JUNIOR & RANDALL, 1983; GARNSEY, TANENHAUS & CHAPMAN, 1989; KAN, HARRIS, GIBSON & HOLCOMB, 2000; LEE, 2004; NICOL, FODOR & SWINNEY, 1994; PHILLIPS, 2006; SUSSMAN & SEDIVY, 2003; WAGERS & PHILLIPS, 2009). Logo, esse comportamento operacional em relação ao **MPFDA** e ao fenômeno processual que dele imediatamente deriva do **Active Search Mechanism**, cuja sigla é **ASM**³⁰ ou simplesmente **Active Search** ou **Mecanismo de Busca Ativa**, hipotetiza que o *parser* antecipa a existência da *gap* logo que um *wh-phrase* é visualizado e processado (CLIFTON JUNIOR & FRAZIER, 1989; FRAZIER & CLIFTON JUNIOR, 1989).

²⁹ O *parser* comporta ser uma espécie de processador ou computador mental, presente na mente/cérebro de cada pessoa, que analisa a sintaxe dos enunciados linguísticos a fim de permitir sua compreensão. Esse jargão remete, pois, a esse espécime de “órgão” ou dispositivo cognitivo responsável pelas operações sintáticas primitivas tais como indicação dos papéis sintáticos e temáticos, decomposição da estrutura de constituintes sintagmáticos, decodificação sentencialmente da ordem sintático-estrutural dos elementos linguísticos e computação da grade argumental dos verbos a partir do reconhecimento dos seus argumentos externos e internos após iniciado e findado o curso do processamento linguístico. Demais, sobre o entendimento do que seja o parsing sintático, válido é consultar Pickering e Van Gompel (2006, p. 455-503).

³⁰ *Active Search Mechanism* cuja siglatura é **ASM**, em se traduzindo para o vernáculo, significa Mecanismo de Busca Ativa (MBA). É o fenômeno concreto que de pronto deriva e se materializa do engendramento do MPFDA que é o mecanismo matricial mais abstrato e profundo, fortemente baseado em predição, gerador de todos os maquinismos computacionais ou engrenagens processuais de caráter prospectivo e top-down os quais são geradores de dependências.

E em segundo lugar, ademais, os pesquisadores concluíram que os mecanismos ou engrenagens de busca por uma potencial ou favorável lacunosa posição – *gap position* – demonstram que o parseador é sensível *on-line*, ou em tempo real, a restrições gramaticais que sejam atuantes sobre a perfilação das dependências de preenchimento-lacuna, as *filler-gap dependencies*, e resultantemente, é claro, no perfilamento das dependências de longa distância, as *long-distance dependencies*, tal que a construção ativa de lacunas, ou de *gaps*, em tamanha espécie de vínculo não é observada em posições estruturais que são descartadas, desconsideradas ou invalidadas por tais limitações sintático-estruturais, denominadas de restrições da Condição da Ilha da Cláusula Relativa (*Relative Clause {RC} Island Condition*) (HUANG, 1982; PHILLIPS, 2006), as quais integram uma classe mais abrangente de restritores incidentes sobre as *wh-dependencies* nomeada de restrições da ilha sintática³¹ ou *islands constraints*, as quais constituem uma peculiar categoria de *constraint* (cf. ROSS, 1967).

Então, os cientistas descobriram que, apesar da tentativa de concretizar a dependência o mais ligeiramente possível, o *parser*, em diligência, não varre a sentença à procura de um licenciador que esteja localizado dentro de uma ilha de modo que o dito efeito da lacuna preenchida (o *filled-gap effect*) não é observado dentro de uma ilha sintática e junto às sentenças relativas, o que impõe deduzir que o *parser* respeita as *constraints* sobre o movimento-QU (*wh-movement*) até nos estágios mais iniciais da formação das *filler-gap dependencies* (BOURDAGES, 1992; McELREE & GRIFFITH, 1998; PHILLIPS, 2006; PICKERING, BARTON & SHILLCOCK, 1994; STOWE, 1986; TRAXLER & PICKERING, 1996).

Além disso, os especialistas, em referência aos investigadores da área sobre tamanho fenômeno, cogitaram que a predileção do *parser* por instituir dependências mais curtas, em que a distância espacial e estrutural entre os termos em licenciamento é pequena com tendência a ser a menor possível, tem a ver com a necessidade processual e recursal de minimizar o custo de armazenagem das *wh-phrases* ou sintagmas-QU na memória de trabalho, a *working memory* (CHEN, GIBSON & WOLF, 2005; GIBSON, 1998; PICKERING & BARRY, 1991).

Fora isso, tem-se buscado estudar, a partir das diligências promovidas pela comunidade científica internacional, a influência de outros tipos de restritores ou restrições

³¹ Para que haja uma maior aclaração sobre o tema das ilhas em termos computacionais, faça uma consulta atenta a Phillips (2006) que discute sobre o status em tempo real do fenômeno da ilha sintática no tocante ao escopo do processamento sintático da linguagem.

durante o processamento sentencial, inclusive em outras estruturas, que não as *wh-dependencies*, tais como as dependências correferenciais diante das quais a interferência do Princípio C foi avaliada. Nessa direção, a constatação desta interveniência partiu do esmiuçamento dos efeitos que um antecedente inacessível, dentro da instauração de um processo de correferenciação, pode exercer em construções as quais contenham uma potencial violação ou não deste princípio, inerente à Condição C, através da exploração de sentenças detentoras de pronomes ambíguos ou inambíguos cujos resultados apontaram para a consideração temporariamente de referentes ilícitos gramaticalmente durante o decurso da resolução pronominal (HIRST & BRILL, 1980).

Na sequência dos estudos, os estudiosos indagaram se uma outra dependência de longa distância irmanada com as dependências-QU, a referenciação catafórica, dentre as dependências referenciais de modo mais geral, estava também, nos moldes do observado para as *filler-gap dependencies*, sujeita a restrições estruturais e/ou sintáticas e, em caso positivo, em que grau elas se manifestavam.

Daí em diante, trabalhos originais mostraram evidências concernentes à existência e ao impacto da presença de barreiras gramaticais incidentes sobre a referenciação catafórica, assim como expuseram a influência exercida pela aplicação do Princípio C junto ao processamento da correferência catafórica, partindo de experimentos com fragmentos sentenciais sujeitos a tamanha restrição em que a ambiguidade não residia pronominalmente, mas sim sobre a expressão referencial autodenotante a qual poderia ser interpretada como sendo um sintagma nominal ou um gerúndio verbal (COWART & CAIRNS, 1987).

Do mesmo jeito, azáfamas posteriores revelaram pistas de que mecanismos de formação de dependência ativa eram desenvolvidos pelo processador sintático (*parser*) durante o processamento catafórico (VAN GOMPEL & LIVERSEDGE, 2003), sem contar que também a criação de Busca Ativa, a *Active Search* componente da MPFDA, induz a um custo computacional, uma fadiga de processamento, que pode ser muito bem interpretado segundo os termos de carregamento da memória de trabalho (FILIK & SANFORD, 2008). Assim como nas *wh-dependencies*, o ASM antevê, para as dependências pronominais, a existência de um antecedente logo que o pronome é encontrado e computado na sentença, impondo imediatamente a busca pelo poscedente a partir desse instante (CLIFTON JUNIOR & FRAZIER, 1989; KAZANINA, 2005).

No entanto, essas descobertas estavam abertas a interpretações alternativas, de modo que se fazia mister prosseguir com as investigações. Somando-se a isso, de modo bem oportuno, a minuciosa inventariação *sui generis* proferida por Kazanina (2005), em sua

tese de doutorado, do modo como se dá o processamento catafórico em inglês, além do que não apenas a aquisição, mas também o processamento da catáfora em russo, consistiu em um marco importantíssimo para a organização, afora o progresso do entendimento dos fenômenos imanentes ao referenciamento catafórico.

A partir daí, labutas mais detalhadas se sucederam a fim de observar se o processamento correferencial catafórico em inglês opera de forma semelhante às *filler-gap dependencies* por meio de um Mecanismo de Busca Ativa e se tal mecânica processual é sensível às restrições sintáticas do Princípio C à semelhança das dependências-QU que são sensíveis às restrições da ilha sintática; afora o que tais estudos procederam na tentativa de distinguir os efeitos de tais restrições gramaticais dos das probabilidades de distribuição dos elementos sintáticos, no tangente aos pronomes funcionando como catáforas, na constituição de dependências ativas entre os referentes em inglês (KAZANINA, LAU, LIEBERMAN, YOSHIDA & PHILLIPS, 2007).

Do mesmo modo, expandiram-se os estudos em russo a fim de que se aprofundassem determinadas questões levantadas inicialmente acerca do processamento das relações catafóricas nas condições gerais de restrição sintática universal imprimida pelo Princípio C³² e em meio às condições idiossincráticas, do idioma, restritivas sintaticamente, no que concerne à *Poka-constraint* em russo, restrição gramatical peculiar da língua russa (KAZANINA & PHILLIPS, 2010).

Sendo assim, depois da consecução da seminal pesquisa basilar de doutoramento no tocante à computação da catáfora em inglês e da aquisição e processamento catafórico em russo (KAZANINA, 2005) e após os aprofundamentos de tais estudos em línguas inglesa (KAZANINA et. al., 2007) e russa (KAZANINA & PHILLIPS, 2010; KAZANINA, PHILLIPS & KAZANINA, 2010) – realizados pouco tempo depois daquele de caráter doutoral, com o objetivo de também conceder mundialmente maior visibilidade às descobertas feitas naquele fértil estudo piloto de doutorado, o qual envolveu duas línguas indo-europeias totalmente distintas como são o inglês, de origem germânica, e o russo, de procedência eslava, a partir da expansão de seus resultados através de suas respectivas publicações por meio de artigos compilados em renomados periódicos internacionais da área da Psicolinguística – o fenômeno da correferenciação catafórica foi estudado por outros paradigmas metodológicos no próprio idioma inglês, tendo sido investigado, por exemplo,

³² É possível constatar evidências experimentais há pouco captadas em português brasileiro sobre a realística existência do processamento da correferência conjuntamente com os princípios de ligação em Leitão, Oliveira, Teixeira, Ferrari-Neto e Brito (2014).

através da técnica experimental do *eye-tracking* em que o monitoramento ocular foi cruzado com estímulo auditivo dentro do paradigma do mundo visual, o *world visual paradigm*, com gravação do movimento ocular focado sobre as imagens, a qual foi feita simultaneamente à ausculta da sentença sob teste durante a consecução da experiência (CLACKSON & CLAHSSEN, 2011), além do que por intermédio do moderno recurso da imagem de ressonância magnética funcional fMRI (MATCHIN, SPROUSE & HICKOK, 2014).

De todo modo, o fenômeno continuou sendo estudado pela mesma metodologia tradicional da leitura automonitorada, o *self-paced reading*, que foi inicial e vastamente empregada em inglês e russo, respectivamente por Kazanina (2005) e por Kazanina e colegas (2007, 2010) conforme há pouco elencado. Assim, valendo-se dessa mesma técnica consagrada, investigou-se se a correferência catafórica era estabelecida em sentenças relativas, perpassada através de ilhas sintáticas, ou se as *island constraints* impediam a correferenciação, estando um dos elementos referenciais, notadamente o antecedente que é o sintagma nominal ou NP, inserido dentro de uma ilha sintática (YOSHIDA, KAZANINA, PABLOS & STURT, 2014).

Seguindo o mesmo ritmo, em paralelo ao inglês, experimentações protagonizadas através de pesquisas similares ou pelo menos com objetivos correlatos, foram, amiúde, estendidas e incorporadas ao exame de outras línguas, de raízes distintas do próprio inglês e até mesmo do russo na seara da Psicolinguística Experimental³³. A priori, buscou-se promover as mesmas explorações, até então promovidas defronte a esses dois idiomas, por meio de estudos análogos a esses predecessores em línguas inglesa e russa, com vistas a reafirmar as mesmas descobertas, há pouco conquistadas nessas duas línguas, em diversas outras, caso, durante as devidas inquirições, o comportamento processual da correferência catafórica fosse, de algum modo, semelhante ao já apreciado nessas respectivas línguas anglo-saxônica e eslava supramencionadas.

Então, os investigadores, ao estenderem os mesmos estudos e experimentos para outros idiomas além do inglês e russo, o fizeram no intuito de notar se esses resultados seriam

³³ Em sendo de interesse de o leitor expandir o saber teórico acerca dos conhecimentos de ordem psicolinguística, pertinente seria procurar conhecer e consequentemente desvendar como o domínio linguístico de estudos da Semântica relaciona-se e pode ser explorado pela Psicolinguística Experimental em Cunha Lima (2013, p. 121-134). De igual modo, acerca da *interpretação semântica* e de importantes conceitos semânticos dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, por obséquio, queira consultar Jackendoff (ca. 1972-1975) que delibera sobre diversos pontos da Semântica segundo o Gerativismo. Já quanto à Semântica Gerativa, percorra Lyons (circa 1977, p. 409-422). Finalmente, a fim de viabilizar tamanha empreitada, sugere-se estudar primeiramente Chierchia (2003) para a obtenção dos conhecimentos razoavelmente necessários acerca do campo de estudos linguísticos da Semântica e também é sugerido, por sua vez, que se estude Rastier (1994) acerca da Linguística Semântica.

universais ou, do contrário, específicos a uma dada língua em particular ou a um determinado conjunto delas, às línguas inglesa e russa no caso aqui em pauta, após confirmarem que a computação da correferência catafórica, perfeita pelo *parser*, se sujeita a restrições sintáticas, principal e particularmente ao Princípio C da Teoria de Ligação chomskiana, que será mais profundamente discutido no próximo capítulo.

Da mesma forma, expandiram as investigações com vistas a evidenciarem que a busca por um poscedente, impetrada pelo pronome catafórico, é ativa (no sentido de ser orientada pela mecânica processual do Mecanismo de Busca Ativa) e instantânea em diversas outras línguas para além dessas duas, por ser ativada logo que é computada pelo processador sintático, por estar fundada na predição antecipada tanto de quem seja o factível referente quanto de sua provável posição sintática dentro da oração segundo uma abordagem que privilegia uma concepção mais *top-down* do processamento e menos *bottom-up* dos mecanismos computacionais envolvidos na solvência processual da correferência catafórica. Diante desse quadro, procurou-se testar se idiomas cujos termos dependentes emergem na superfície frasal à frente do respectivo núcleo sintagmático (línguas classificadas como *head-final languages*, *línguas de núcleo ou cabeça final*; diferentemente do inglês e português que são *head-initial languages*, *línguas de núcleo inicial*) também estariam submetidos às mesmas regras denotadas no inglês e supraditas.

Em face disso, pouco tempo depois, eles começaram a patrocinar pesquisas dentro da família linguística do altaico e/ou do japonico ou japonico-ryukyano por meio do idioma japonês, como exemplo de uma língua *head-final language*, que se tornou alvo dos referidos estudos através do qual se ensejou corroborar se essas mesmas restrições sintáticas, notificadas em inglês, aplicavam-se a esse idioma oriental e que, mesmo diante de tais configurações estruturais relativas à ordem dos elementos na superfície da frase, o *parser*, assim que reconhecesse a catáfora japonesa durante a leitura de uma sentença qualquer, iniciaria, de vereda, a busca por um referente, prevendo sua provável ou possível localização adiante, na frase ainda a ser lida, além do que criando a relação da correferência catafórica antes sequer que o referente, i. é., o poscedente fosse visualizado em meio à leitura e eliminando, como factíveis alvos potenciais a servirem como correferentes para o pronome catafórico na qualidade de antecedente posterior, ou seja, de poscedente, os termos alocados nas posições estruturais bloqueadas pela restrição sintática inerente à disposição da ordem não canônica dos constituintes sintagmáticos a compor a sentença dentro do contexto teórico da

teoria linguística generativa³⁴ (AOSHIMA, YOSHIDA & PHILLIPS, 2009; ver o original AOSHIMA, 2003 que estudou pouco antes o processamento em japonês das *wh-dependencies*).

Na mesma direção inter ou translinguística, a cobrir variadas línguas existentes e faladas ao redor do mundo, as explorações alcançaram a primeira língua românica neolatina através do italiano – de origem latina, portanto – no que diz respeito ao estudo computacional das relações correferenciais catafóricas (FEDELE & KAISER, 2014) e no que concerne às sondagens em terreno típico do bilinguismo em que se tem estudado a aquisição e o processamento dessas estruturas em crianças bilíngues de italiano (L₁) e inglês (L₂) e em pueris monolíngues falantes unicamente de italiano (L₁) em comparação com o *modus operandi* processual das catáforas por adultos monolíngues falantes de italiano (L₁) (SERRATRICE, 2007).

Ainda nesse percurso translinguístico, as incursões acerca do processamento da correferenciação catafórica atingiram o holandês, uma língua de origem germânica cuja raiz etimológica é próxima da do inglês, a partir do emprego da metodologia do ERP (*event-related potencial*) ou potencial de evento relatado em que se utilizou, pela primeira vez, a técnica experimental neurolinguística inerente ao EEG ou eletroencefalograma (PABLOS, DOETJES, RUIJGROK & CHENG, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2015).

Ante o quadro exposto, tem sido encaminhado, em português brasileiro (PB), primariamente a exploração do influxo da *constraint* conhecida como restrição do Princípio C sobre as anáforas conceituais e também por sobre os pronomes totalmente especificados em disposições correferenciais anafóricas e catafóricas obtidas junto a sentenças adverbiais vernáculas com o auxílio metodológico da tarefa de leitura automonitorada, a fim de se provar que essas duas formas pronominais compartilham das mesmas propriedades constitutivas e identitárias perfilhadoras de uma só e indissociável identidade singular, sendo cada uma

³⁴ Um passeio panorâmico sobre os principais pontos abordados pela Linguística Gerativa pode ser feito pelo leitor desde que este consulte Hermont e Xavier (2014). Essa publicação é especialmente relevante caso se deseje conhecer o atual estágio em que se encontra o diálogo entre a Psicolinguística e a Teoria Linguística e se se almejar saber como o Processamento Linguístico hoje explora e lida com esse notório vínculo. Sobre o Gerativismo e o empreendimento gerativo, veja, de igual forma, Ducrot e Todorov (1998, p. 47-51) e Borges Neto (2007, p. 93-129) respectivamente. Procure consultar também Bolinger (1975) para se obter um traçado panorâmico da Linguística e Bühler (2011) com o propósito de se conhecer, de uma maneira clássica, a tradicional teoria da linguagem a partir da abordagem de sua função representativa. Havendo a motivação em se saber mais minuciosamente e de forma mais planificada sobre os fundamentos da Linguística Contemporânea, é devido que se leia Lopes, E. (2001) que, além desse enfoque atual, discorre acerca das modalidades de gramática com foco na explanação das gramáticas nocionais e formais, explicando ainda a respeito da gerativo-transformacional. Afora isso, para saciar a curiosidade de se conhecer mais proximamente sobre a linguística e acerca de quais disciplinas ou ciências com ela mantêm interface, favor encarecidamente mirar em Bartsch e Vennemann (1975). Concluindo, gentilmente percorrer Crystal (1987) que aborda diversos tópicos da linguística nos moldes de uma enciclopédia de referência.

delas a expressão de apenas uma entidade; circunstância, esta, que dispensa postular serem as anáforas conceituais um ente identitariamente distinto dos pronomes com especificação total (MAIA, GARCIA & OLIVEIRA, 2012).

Pouco depois, um estudo contrastivo foi empreendido entre o papel do ordenamento desempenhado pelas anáforas e catáforas, enquanto elementos referencialmente dependentes, no processamento da correferência endofórica no PB, quer seja ela anafórica ou catafórica, ocorrente em sentenças substantivas e em adverbiais condicionais e temporais por via da ajuda das técnicas experimentais da *self-paced reading*, da produção eliciada e do *eye-tracking* (LESSA, 2014; LESSA & MAIA, 2011). Dessa forma, tanto Lessa (2014), Lessa e Maia (2011) e Maia, Garcia e Oliveira (2012) trabalharam, cada um à sua maneira, com estruturas catafóricas inseridas em adverbiais³⁵.

Mais recentemente, os estudos acerca do processamento da correferência catafórica centrados no bilinguismo se intensificaram para além do italiano, passando a atingir outras línguas até então não estudadas mesmo que individualmente e fora do escopo das pesquisas bilíngues. Assim, começou-se a perscrutar a maneira como procede a aquisição da interpretação do pronome pleno em português europeu (PE) por falantes bilíngues de chinês (L₁) e de PE (L₂), bem como quais as estratégias que são utilizadas por esses falantes bilíngues para processar as estruturas correferenciais catafóricas quando comparadas com as estratégias empregadas pelos falantes monolíngues nativos de PE (L₁) que também foram investigados em torno de um estudo contrastivo baseado em um experimento *off-line* de julgamento de preferência (ZHENG, 2016).

Nessa mesma rota, iniciou-se a exploração, também no âmbito dos estudos em bilinguismo, de como a busca ativa pelo poscedente, instaurada pelo pronome catafórico, interage com a restrição sintática do Princípio C no processamento da correferência catafórica em experimento de monitoramento ocular (*eyetracking*) realizado perante falantes bilíngues de russo (L₁) e alemão (L₂) em contraste comparativo com falantes monolíngues nativos de alemão (L₁) (FELSER & DRUMMER, 2016). Dessa maneira, quer Serratrice (2007) quer Zheng (2016) e Felser e Drummer (2016) examinaram o fenômeno da correferência catafórica frente ao processamento bilíngue, estando inseridos, pois, dentro do contexto de investigação característica do bilinguismo no tocante à computação das relações correferenciais catafóricas.

³⁵ Faz-se mister e indispensável ressaltar que, ao conceito de adverbial, está atrelado o de *circunstancial*. Assim sendo, queira atentamente consultar Silva e Koch (1989) para manter-se esclarecido sobre a conceituação de *circunstanciais* (p. 107 seg.) e acerca quer seja de sua caracterização quer seja de sua classificação (p. 107-120).

Assim sendo, tendo-se até então explanado, de modo centrado e por sobre linhas bem especificadas, o objeto de estudo acá tomado por investigação e eleito para compor esta disquisição, qual seja, a catáfora, a correferência catafórica e o processamento da correferência catafórica pronominal juntamente com a sua apropriada fortuna crítica, bem como após expor o andamento das pesquisas psicolinguísticas³⁶ acerca do processamento das relações catafóricas sobrevenientes por todo o planeta; naturalmente emerge o *problema* a nortear o encaminhamento deste trabalho conforme elucidado no tópico a seguir.

1.2 PROBLEMA

É certo que mecanismos prospectivos são operantes na resolução e processamento das dependências de longa distância quer sejam elas dependências-QU quer sejam relações correferenciais catafóricas de maneira tal que a prospecção certamente corresponde a um recurso computacional e estratégico utilizado pelo *parser* para processar tais estruturas, a saber, as catáforas. Ainda assim resta saber quais estratégias são utilizadas e como elas são viabilizadas em PB, afora o que o porquê de determinadas mecânicas serem implementadas ao passo que outras não o serem.

Portanto, emana o seguinte questionamento, alicerçado nos arrolados princípios que se seguem, tomado como problema investigativo: do ponto de vista da Psicolinguística e mais precisamente da Psicolinguística Experimental, é possível afirmar, e em que medida, que **o processamento linguístico da correferência catafórica em Português Brasileiro (PB)**, de modo mais abrangente, e da correferenciação catafórica pronominal pessoal de terceira pessoa do singular do caso reto, ou marcado por Caso Nominativo, em termos mais restritos ou específicos, opera a partir de um Mecanismo de Busca Ativa semelhante ao que é empregado pelo *parser* no decurso do processamento das *filler-gap dependencies*?

Nesse caso, tal mecanismo prospectivo é, por um lado, operante em PB de modo que ele é orientado por pistas *top-down* quer através de uma engrenagem processual altamente ativa segundo o modelo prospectivo mais preditivo e progressista de Kazanina (2005) e de Kazanina et. al. (2007) o qual imputa ser, pois, mais agressivo, arrojado e/ou intrépido quer por meio de um mecanismo de processamento fracamente ativo que seja menos preditivo e, porquanto, mais dependente de processos *bottom-up*, além daqueles *top-down*, conforme a

³⁶ Com o propósito de que seja promovido o estudo das bases e fundamentos da Psicolinguística e a fim de que se possa ser iniciada a entrada no arcabouço teórico-metodológico do Processamento Linguístico e da Aquisição da Linguagem, sugere-se estudar Warren (2013), Traxler (2012) e Fernández e Cairns (2011).

abordagem mais comedida e conservadora de Van Gompel e Liversedge (2003); ou o *parser* é, por outro lado, guiado por outra estratégia computacional que não necessária e exclusivamente corresponda ao Mecanismo de Busca Ativa e a qual seja mais plenamente fundamentada em processos *bottom-up* para o estabelecimento e consequente processamento das relações correferenciais catafóricas quer seja de acordo com um modelo modular e serial tal como o de Cowart e Cairns (1987) quer seja segundo uma abordagem paralela como a de Marslen-Wilson e Tyler (1975, 1980) e de Tyler e Marslen-Wilson (1977)?

Em resumo, no que concerne ao português brasileiro (PB), o processamento da correferência catafórica pronominal tanto é conduzido quanto se estabelece de forma prospectiva antes que informações semânticas, pragmáticas e até morfológicas sejam computadas a partir de um processo prevalentemente *top-down* (KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007) ainda que seja auxiliado, em maior ou menor grau, por processos *bottom-up* (VAN GOMPEL & LIVERSEEDGE, 2003); ou o processamento dessas relações catafóricas, embora igualmente seja dirigido de modo prospectivo, isto é, direcionado por prospecção, não se configura como ativo³⁷, mas sim como não-ativo ou passivo no sentido de que essencialmente compreende um processo predominantemente *bottom-up* e não deliberadamente *top-down* através do qual o processamento da correferência catafórica, isto é, das relações correferenciais catafóricas é postergado para só se estabelecer depois que ao menos as informações morfológicas (COWART & CAIRNS, 1987) ou até mesmo as semânticas e pragmáticas (TYLER & MARSLLEN-WILSON, 1977) sejam processadas?!

Por sua vez, todo esse processo pelo qual passa o processamento da correferência catafórica recebe influências ou sofre interferências por parte das restrições sintáticas (*constraints*) que se projetam, no caso em questão, por via das regras gramaticais específicas da língua portuguesa? Será que o reconhecimento e, subsequentemente, a computação das relações referenciais catafóricas estão sujeitas às leis universais da sintaxe imprimidas pela

³⁷ É importante esclarecer que o processamento de uma dada dependência e, porquanto, de uma relação correferencial é **ativo** quando tão somente ele é viabilizado pelo Mecanismo de Busca Ativa de modo que não se deve confundir a natureza ativa da estratégia com a identidade prospectiva de outros processos que também sejam subjacentes a um mecanismo de projeção, uma vez que o maquinismo da prospecção pode muito bem não ser restrito unicamente à *Active Search* (ASM), podendo estar presente em outros mecanismos processuais para além deste em específico e exclusivamente. Assim sendo, quando se afirma que o processamento de uma estrutura não é ativo tão somente se está afirmando que tal estratégia resolutiva da ASM não está sendo implementada, e não necessariamente que mecânicas prospectivas ou preditivas não estejam em curso ou que processos *top-down* naturalmente inerentes à prospecção e/ou predição ou aos mecanismos prospectivos e/ou preditivos em sentido lato não estejam sendo engendrados mesmo que os *bottom-up* prevaleçam. Da mesma forma, se o processamento é ativo, muito embora haja prevalência de procedimentos *top-down*, isso não implica que obrigatoriamente os processos *bottom-up* não estejam sendo implementados ainda que em menor grau.

Gramática Gerativa³⁸, conforme pleiteadas por Chomsky (1981, 1986a, 1995) em suas premissas teóricas da regência e da ligação entre os elementos ou constituintes linguísticos (*Government and Binding Theory*) e mais pontilhadamente ao Princípio C da Teoria da Ligação?! Estas normas, aliás, exemplificam as regras restritivas impostas para regulamentar as relações sintáticas que se tecem na produção do discurso, no estabelecimento do diálogo e, em resumo, no manuseio da própria língua, tomada na condição de instrumento social de comunicação e interação dialógica; bem como, de ferramenta cognitiva, apta à reflexão introspectiva e à produção de sentidos.

Por conseguinte, a capacidade em se processar as estruturas inter-relacionadas através da referenciação catafórica, como também a própria habilidade em se estabelecer a correferenciação entre os termos em referência mútua, ou seja, entre o ‘referente’ (o *nome*, *nominal* ou *sintagma nominal* que funciona como **antecedente** ou mais apropriadamente como **referente posterior** ou **poscedente**) e a ‘forma remissiva’ (a *catáfora propriamente dita* de forma mais geral e/ou o *pronome pessoal catafórico* de maneira mais restringida ou delimitada) é afetada por mérito de fatores unicamente estruturais, isto é, sintáticos, em que reside uma autonomia da sintaxe e, por consequência, uma independência do processador sintático em meio à qual a estrutura sintática de uma sentença é computada sem referência ao seu significado ou semântica, de maneira que o parseamento seja plenamente independente da intervenção imediata de fatores semânticos e pragmáticos segundo o que é proposto pela teoria da modularidade da mente (v.o. FODOR, Jerry, 1983) no que ficou conhecido como uma abordagem modular do processamento linguístico³⁹ e também como modelo autônomo ou serial (BEVER, GARRETT & HURTIG, 1973; FODOR, BEVER & GARRETT, 1974; FORSTER & OLBREI, 1973; FORSTER & RYDER, 1971; FRAZIER & RAYNER, 1982; RAYNER, CARLSON & FRAZIER, 1983; consultar para uma aproximação mais clara, precisa e objetiva FERREIRA & CLIFTON JÚNIOR, 1986)? Ou também o processamento da correferência catafórica o seria por aqueles não estruturais, caso dos léxico-semânticos e pragmáticos, a título exemplificativo, de modo tal que informações de ordem fonética, lexical, sintática e semântica são contínua e simultaneamente extraídas do input pelo *parser*, havendo concorrência de todos os fatores ao mesmo tempo consoante o aventado pela teoria *on-line*

³⁸ É pertinente recordar que, segundo Castilho (2010, p. 678), a Gramática Gerativa corresponde à “Denominação que abrange as teorias linguísticas inspiradas pelo linguista americano Noam Chomsky, que constituíram uma das principais referências teóricas para o estudo da linguagem humana, a partir da década de 1950”.

³⁹ Pode-se verificar uma profícua e atualizada discussão junto ao corrente debate recentemente posto sobre o alinhamento que se está procurando estabelecer entre as teorias gramaticais e os modelos de processamento da linguagem em Lewis e Phillips (2015).

interativa (v.o. MARSLEN-WILSON & TYLER, 1975) no que se expandiu como modelo interativo ou paralelo do processamento da linguagem (HIRST & BRILL, 1980; MARSLEN-WILSON, 1973, 1975; MARSLEN-WILSON & TYLER, 1980; MARSLEN-WILSON, TYLER & SEIDENBERG, 1978; MARSLEN-WILSON & WELSH, 1978; TYLER & MARSLEN-WILSON, 1977)? Ou seria, ademais, afetada, outrossim, por fatores morfológicos, além dos estruturais e/ou sintáticos, só que em um estágio mais tardio (VAN GOMPEL & LIVERSEDGE, 2003)?

Para além, poderia ser razoável crer que as informações morfológicas se coadunam com as inerentemente sintáticas de sorte a compor uma morfossintaxe para que, a partir daí, fosse razoável indagar se a correferência catafórica sob esquadrinhamento seria afetada por fatores morfossintáticos e não exclusivamente enxertados na baila da sintaxe (COWART & CAIRNS, 1987)?

Será que ainda, dito de outro modo, ambos os fatores, tanto estruturais quanto não, concorreriam para afetar o processamento da correferência catafórica juntamente com seus referentes (TYLER & MARSLEN-WILSON, 1977)? E se afirmativa, a resposta a esta indagação, haveria prioridade de aplicação de alguma dessas *constraints* de maneira tal que fossem operacionalizadas mais célere e antecipadamente uma delas, quer as restrições sintáticas a priori quer então as não estruturais a posteriori, por exemplo (FERREIRA & CLIFTON JUNIOR, 1986; FODOR, Jerry, 1983)? Ou, por casualidade, todas as *constraints*, ou seja, os restritores incidentes sobre o processamento correferencial catafórico concorreriam simultaneamente entre si, quer dizer, ocorreriam em paralelo sobre a manifestação de tamanho fenômeno de caráter correferencial (MARSLEN-WILSON & TYLER, 1975, 1980)?!

Diante desses questionamentos, as hipóteses puderam ser formuladas conforme descritas infra com base no que recorrentemente tem sido levantado pela literatura e descoberto ao longo das pesquisas desenvolvidas sobre o processamento correferencial catafórico.

1.3 HIPÓTESE DE TRABALHO

Esta investigação pressupõe a **hipótese** de que as propriedades sintáticas e/ou estruturais intrínsecas ao português brasileiro (PB) têm prioridade frente a outras não estruturais, a exemplo das lexicais, morfológicas, semânticas e pragmáticas, no que diz respeito ao processamento catafórico das relações referenciais entre dois referentes: um

pronome catafórico e seu respectivo *antecedente*, que aqui se convencionou denominar de *poscedente*, a partir de então, única e exclusivamente diante das manifestações de correferenciação catafórica e o qual normalmente é representado por um SN (*Sintagma Nominal*), ou seja, *NP (Nominal Phrase)*⁴⁰. A previsão geral assumida paira sobre o fato de que a correferência é edificada antes que as informações mórnicas ou morfêmicas possam ser acessadas pelo *parser* para interferirem na consolidação do assentamento da relação correferencial instituída entre os correferentes. O *parser* apenas teria acesso às informações sintáticas e puramente estruturais durante o estabelecimento da correferência no decurso do processamento.

Destarte, não se acredita que o processador (*parser*) considere fatores estruturais e não estruturais concomitantemente em PB, isto é, em paralelo, e em torno de um único estágio, portanto, como proposto outrora por Tyler e Marslen-Wilson (1977) em sua versão rígida de um processador interacional nos trabalhos voltados para o inglês dentro do modelo interativo forte que procede em meio ao quadro teórico de ativação interativa – *interactive activation*.

De maneira similar, não é creditado que o *parser* assuma um comportamento processual pautado em um duplo estágio – ou múltiplos, pelo menos três, caso mais rigorosamente se considere a proposta de Nicol (1988) junto à qual há de se distinguir o *parsing* de árvore, as relações correferenciais a constituir um módulo intermediário e os processos interpretativos mais gerais e globais como três etapas distintas e subsequentes – de modo tal que tal processo seja serial e que elenque, dentre os fatores sintáticos, os morfológicos, tais como gênero e número, a fim de constituir uma única classe composta por informação morfossintática de tal maneira que o gênero, número e informações puramente sintáticas sejam computadas de imediato, na primeira fase computacional, antes mesmo de serem estabelecidas as relações correferenciais as quais ocorreriam imediatamente depois, durante o segundo estágio relativo ao módulo intermediário da correferência, para só então, por fim, poderem, em um terceiro passe ou estação, interferir as lexicais, semânticas e pragmáticas em meio a um processamento tardio e posterior em que reanálises possam devidamente entrar em cena para rever ponderações parseadoras iniciais oriundas dos iniciais

⁴⁰ NP é a abreviação da expressão inglesa Nominal Phrase que significa sintagma nominal na tradução portuguesa cuja sigla é SN como apontado no texto. Para fins de exposição desta dissertação, daqui por diante, assumir-se-á como padronização de uso a contraparte inglesa NP para se referir a sintagma nominal ou SN.

estágios processuais, conforme defendido por esta modalidade da teoria modular – *modular theory* (COWART & CAIRNS, 1987)⁴¹.

Nessa toada, portanto, seguindo outro modelo teórico explicativo, supõe-se que o *parser*, pelo contrário, trabalha de modo diferente, dentro do esqueleto do PB, em se tratando do processamento da correferência, ao computar as informações sentenciais do discurso/texto por entre dois estágios, só que por um procedimento distinto do constatado em Cowart e Cairns (1987) e que está mais alinhado ao que tem sido comprovado pelas descobertas de Van Gompel e Liversedge (2003) para o inglês em cuja pesquisa a percepção da procedência do fenômeno através de dupla estação tem sido propiciada a partir da metodologia de estudo do paradigma da congruência de gênero, que se utiliza da concordância e discordância genérica em masculino e feminino entre constituintes sintagmáticos a compor a sentença em estudo. Dessa forma, numa primeira etapa, seriam levados em conta os atributos de caráter sintático à medida que, em um segundo momento, posterior a esse, as relações correferenciais seriam firmadas para, só daí, serem considerados os demais predicados linguísticos, a exemplo do mórfico ou morfológico, léxico-semântico e pragmático no que se ajustaria a essa vertente da teoria autônoma – *autonomous theory* –, serial ou modular (VAN GOMPEL & LIVERSEDGE, 2003). Neste caso, os traços morfêmicos ou morfológicos são computados depois dos sintáticos e após a viabilização da correferência em adjunção aos semânticos e pragmáticos, distintamente do proposto por Cowart e Cairns (1987) em que as informações morfológicas adjungem-se às sintático-estruturais em uma só classe categorizada como morfossintática, sendo processadas conjuntamente para só então haver a computação da correferência e a intervenção dos fatores léxico-semânticos e pragmáticos adjuntos ao processamento e aos processos interpretativos mais gerais.

Outra proposta que também é coerente com as hipóteses levantadas nesta perquisição e que pode se ajustar bem aos resultados que serão colhidos ao longo da pesquisa corresponde ao modelo interativo fraco o qual considera que, inicialmente, todas as possíveis relações correferenciais são computadas em um primeiro estágio para, só então depois, a informação não sintática ser usada a fim de dar um *boost* na ativação da estrutura apropriada tomada em relação à alternativa inapropriada também anteriormente elencada na fase precedente de estabelecimento dos vínculos correferenciais (TYLER & MARSLER-WILSON, 1977).

⁴¹ É importante lembrar que Cowart e Cairns (1987) consideram as informações morfológicas como integrantes das sintáticas, já que elas reúnem ambas as classes em torno de uma só denominada de morfossintática. Assim, os dados mórficos como gênero e número são computados juntamente com os puramente sintáticos de forma simultânea em meio ao primeiro estágio de processamento realizado pelo *parser*.

Além do mais, em sendo o Mecanismo de Busca Ativa (ASM) operante em PB que nem em inglês, é verossímil que as conjecturas deste esquadramento também se alinhem a Kazanina et. al. (2007) de maneira que o processamento catafórico possa vir a ser limpidamente caracterizado como uma contraparte da formação de dependência ativa das *filler-gap dependencies* sem que seja necessário recorrer a restrições arquiteturais (*architectural constraints*) como postulado por Van Gompel e Liversedge (2003) as quais impõem a prioridade de uso de certas informações e o retardo de outras mais durante o decurso do processamento, a exemplo do que se retratou até então nas sobreditas menções. Crê-se, nessa linha conjectural, que a prioridade temporal da informação sintática ou estrutural neste domínio processual dá-se não em resposta ao impelimento de *constraints* arquitetônicas, mas procede porque, nessa espécie de processamento que é naturalmente preditiva, a correferencial catafórica, os únicos dados disponibilizados ao *parser* no início do processamento para o começo do estabelecimento da correferência são apenas os que podem ser captados de modo *top-down*, os quais são justamente os sintáticos, referentes à estrutura sentencial sob computação. Em outras palavras, as informações sintático-estruturais são, geralmente, as únicas ao *parser* acessíveis para a determinação do admissível poscedente, as quais possam ser absorvidas e derivadas, antes que se possam ser inteiramente capturadas ou processadas informações tipicamente de natureza *bottom-up* (v.o. KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007; KAZANINA & PHILLIPS, 2010).

Em assim sendo, conjectura-se que a formação da dependência correferencial catafórica pode configurar o reflexo de um de dois mecanismos tal-qualmente aceitáveis para a transparente caracterização do fenômeno em estudo, quais sejam, o que se fie em Van Gompel e Liversedge (2003) ou o que se fidelize a Kazanina et. al. (2007).

De igual modo, em última análise, esta pesquisa pode basear suas conclusões também na proposta existente na literatura, a qual é harmônica com a estrutura deste trabalho e com suas conjecturas, ao hipotetizar que, distintamente da formação de dependência-QU que ocorre inteiramente no estágio inicial de construção da estrutura sintática, a coindexação do pronome e do poscedente, para que se tornem correferentes entre si e passíveis de criar uma dependência correferencial catafórica, tome forma depois que a estrutura de toda a sentença é construída, o que garante que as *wh-dependencies* e as dependências pronominais (*pronominal-dependencies*) possam ser tratadas divergentemente dentro de uma abordagem completamente baseada no processamento em que a computação do *parser* é arquitetada como consistindo de dois estágios que não se atropelam. Mas essa abordagem só se aplica

caso o Mecanismo de Busca Ativa se revele ser não operante em português brasileiro (PB) (BERWICK & WEINBERG, 1986).

Em építome, é esperado que resultados nesse passo acompanhem as análises realizadas em português brasileiro (PB) para os experimentos próprios desta pesquisa em se tratando de uma língua neolatina cuja origem etimológica remonta ao ramo dos idiomas latinos, de sorte a angariar respostas análogas àquelas encontradas em outras línguas até agora perscrutadas e que são oriundas pelo menos de quatro raízes etimológicas distintas, quais sejam, o germânico anglo-frísio em que pese o inglês e o baixo-francônio no que se considere o neerlandês ou holandês, o itálico românico em alusão ao italiano, o eslávico oriental no concernente ao russo e o japonico em relação ao japonês que diferentemente das demais é uma *língua head-final*⁴².

Reste claro que as previsões responsáveis pelo engendramento dessas hipóteses serão discutidas na próxima seção correspondente ao Capítulo 2 desta dissertação. Deste jeito, respaldando-se nessa conjuntura recém-esboçada, os objetivos a direcionar a cata são capazes de serem traçados, sendo explicitados nos subtópicos seguintes. Primeiro se é mencionado o objetivo geral deste trabalho e logo em seguida se elencam os objetivos específicos que nortearam desde o princípio o encaminhamento de todas as fases componentes desta pesquisa de mestrado acadêmico.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivos Gerais

Esta perscrutação tem como objetivo geral e primário investigar a operacionalização de mecanismos preditivos, quais são os efeitos gerados pelas restrições sintáticas (*constraints*) e, secundariamente, quais são os efeitos produzidos pelas informações morfológicas concernentes aos *traços-phi* (ϕ) de gênero do PB sobre o processamento linguístico em nível sentencial da correferência catafórica pronominal pessoal de terceira pessoa do caso reto, marcado por Caso Nominativo. Também almeja explorar como a computação desse jaez de correferência ocorre em períodos compostos constituídos por orações subordinadas adverbiais causais e concessivas perfeita por adultos jovens e saudáveis em Português Brasileiro (PB), de

⁴² *Head-final languages* são línguas que seguem o formato não canônico de ordem sintática, tendo seus constituintes sintagmáticos seguindo o formato SOV em oposição às *Head-initial languages*, como o português, as quais correspondem a idiomas cujo ordenamento é tomado como canônico ao seguirem a estrutura sequencial SVO em que o verbo antecede o objeto. As primeiras são chamadas línguas de cabeça, centro ou cerne final porque o verbo, que é o elemento linguístico capitular ou central, está localizado no final da oração respectivamente após o sujeito e o objeto.

modo a confirmar se o português nacional é sensível a tais limitações de ordem sintática e/ou morfossintática e a engrenagens processuais tipificadas como preditivas caso sejam elas operativas na matriz da língua portuguesa tanto falada quanto operada no Brasil.

Em suma, esta pesquisa enseja esquadrinhar se o processador, no decurso do processamento correferencial catafórico pronominal do pronome lexicalizado ‘ele/ela’ (também denominado pronome pleno) em português brasileiro (PB), emprega mecanismo processual análogo e/ou similar ao verificado na computação das dependências de longa distância do tipo *filler-gap* ou, caso contrário, se o *parser* é orientado por estratégias processuais distintas das observadas em tais dependências-QU de modo a talvez empregar procedimento computacional mais semelhante e/ou que esteja mais ajustado ao observado na computação de sua contraparte, a correferência anafórica pronominal dos próprios pronomes pessoais plenos tais como o ‘ele/ela’, a qual corresponde a fenômeno linguístico visualmente mais aparentado ao da correferência catafórica pelo menos do ponto de vista estrita e puramente representacional da linguagem humana.

1.4.2 Objetivos Específicos

Ademais, esta pesquisa detém, por sua vez, como objetivos específicos verificar as propriedades psicolinguísticas e/ou linguísticas de cunho cognitivo juntamente com as características que são inerentes à computação correferencial catafórica, bem como enseja investigar quais os intrínsecos fatores que residem por detrás do processamento sentencial da correferência catafórica pronominal pessoal de terceira pessoa do singular do caso reto, naturalmente inserto no caso nominativo, em português brasileiro (PB), de modo que a investigação assim objetiva:

- **(1º)** Averiguar, através de análise experimental e valendo-se do paradigma da congruência morfológica de gênero, se o processamento correferencial da catáfora pronominal pessoal dos pronomes da terceira pessoa do singular (‘ele/ela’) em português brasileiro (PB) está sujeito ao Princípio C da Teoria da Ligação (*Binding Theory*), sob a concepção de que os sintagmas nominais (NPs) sob restrição de tal princípio sejam bloqueados quanto à possibilidade de serem processados pelo *parser* como potenciais poscedentes do pronome catafórico precedente a ponto de serem desconsiderados, porquanto, como possíveis ou

viáveis correferentes no decurso do processamento sentencial de subordinadas adverbiais causais e concessivas;

- (2º) Examinar se a informação de natureza estrutural concernente à restrição sintática inerente ao Princípio C e se a informação de carácter morfológico concernente aos *traços-phi* (ϕ) de gênero impactam, interferem e/ou influem na ação do *parser* junto ao estabelecimento das relações correferenciais catafóricas, isto é, se ambas as informações, tanto sintático-estruturais quanto morfológicas, exercem influência direta sobre o processamento correferencial catafórico pronominal em português brasileiro (PB), bem como intenta sondar se a informação morfológica de gênero referente aos seus *traços-phi* (ϕ) (de âmbito genérico) é utilizada pelo *parser* antes de as relações correferenciais serem estabelecidas e/ou processadas ou depois de elas serem firmadas e/ou computadas durante o processamento da correferência catafórica pronominal em PB;
- (3º) Verificar se o processamento da correferência catafórica pronominal pessoal em português brasileiro (PB) opera a partir da instauração do Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa (MPFDA) de sorte a observar se o processador sintático (*parser*), ao derivadamente instituir o Mecanismo de Busca Ativa (MBA) ou *active search mechanism* (ASM), assim que encontra a forma remissiva (o pronome catafórico), inicia imediata e instantaneamente uma *busca ativa* por seu potencial correferente, o poscedente, através de uma varredura prospectiva, dentro da sentença em análise, a fim de solucionar, em definitivo, a relação correferencial previamente instituída entre os potenciais correferentes nos moldes do mesmo procedimento computacional cuja execução tem sido observada na transcorrência do processamento das dependências do tipo *filler-gap*;
- (4º) Conferir se o processador sintático estabelece uma relação de correferência catafórica logo que visualiza a forma remissiva, o pronome catafórico, consolidando a correferência na hora em que acha o potencial correferente segundo critérios estritamente sintáticos que suportam o Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa (MPFDA), de natureza altamente preditiva e dentro de um processamento *top-down* bastante ativo segundo o mesmo padrão estabelecido pelo processamento das dependências do tipo *filler-gap*. Ou então

ratificar se, caso contrário, o *parser* consegue apenas concretizar a referenciação tardiamente, somente no final da decodificação da sentença, depois de enxergar consecutivamente os dois elementos potencialmente correferentes e correlacioná-los referencialmente conforme uma computação *bottom-up* que, de certa forma, também suporta um mecanismo baseado em uma atividade relativamente antecipatória, só que de caráter fracamente preditivo, alicerçado em um estado de controle e o qual é operado por uma varredura prospectiva de natureza não ativa que não se faz compatível e semelhante com a típica mecânica processual que é desenvolvida pelas dependências *filler-gap*;

- (5º) Desvendar se o perfil das propriedades intrínsecas ao processamento linguístico da correferência catafórica pronominal pessoal – cujo fenômeno é linguisticamente definido como uma relação referencial de longa distância – consagra essa espécie de correferenciação no âmbito do português brasileiro, em termos psicolinguísticos, dentro do quadro processual característico da gama das *long-distance dependencies* (as dependências de longa distância) com vistas a descobrir se o processamento correferencial da catáfora se insere ou pelo menos se assemelha e se aproxima do contexto típico de processamento das *filler-gap dependencies* ou dependências do tipo preenchedor-lacuna, mantendo com ela familiaridade quanto às engrenagens processuais empregadas. Enfim, o objetivo último consiste em também checar se a correferência catafórica compartilha dos mesmos mecanismos processuais que as *filler-gap dependencies*.

1.5 JUSTIFICATIVA

O referido estudo justifica-se tendo em vista o fato de que as sondagens, respaldadas na Psicolinguística e acerca do processamento linguístico sentencial da correferência catafórica pronominal pessoal em português brasileiro (PB), inclusive sobre todos os tipos de correferências envolvendo catáforas, ainda são incipientes e raras, de tal maneira que são ínfimos os trabalhos que estão sendo desenvolvidos nessa área no Brasil a ponto de constarem, na literatura nacional, pouquíssimos relatos sobre tais investigações ou pesquisas realizadas outrora.

Pode-se até mesmo afirmar que a incidência ou frequência de estudos nesse campo e mais especificamente sobre este objeto de estudo em questão, a catáfora, é bastante restrita no

restante do mundo, havendo investigações isoladas e estritamente pontuais, de tal maneira que somente existem casos relatados de estudos, já concluídos ou em andamento e circunscritos na seara da Psicolinguística Experimental⁴³, reportando-se apenas à língua inglesa, recentemente à japonesa, à russa, à neerlandesa ou holandesa, à italiana e mais recentemente ainda à portuguesa, e em casos de bilinguismo envolvendo a italiana, a alemã e a chinesa cujos trabalhos são dirigidos por pesquisadores dos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido (Inglaterra e Escócia), Itália, Holanda, Brasil, Portugal e Alemanha, sendo estes quatro últimos há pouquíssimo tempo.

Afora isso, é importante frisar que o desenvolvimento de uma pesquisa orientada nesse sentido possibilita confirmar se as regras que regem o fenômeno da correferência catafórica pronominal pessoal nesses idiomas citados se aplicam na mesma proporção ao português falado no Brasil ou se apenas determinadas características observadas nessas línguas se repetem ou se replicam no português brasileiro (PB).

1.6 METODOLOGIA

O presente estudo orienta-se pelo método quantitativo, assim como, com base em seus objetivos, compreende uma pesquisa explicativa e é classificada, quanto aos procedimentos técnicos utilizados, como experimental de sorte que o seu desenvolvimento decorreu por meio da execução de estruturado experimento científico a partir do qual houve a produção e subsequente levantamento de dados, gerados pelos participantes submetidos à experiência, com posterior análise quantitativa (GIL, 2008a). Em vista disso, atentou-se para o rigor científico previsto no método experimental de pesquisa, da mesma maneira que se procurou aplicar os cálculos estatísticos necessários à manutenção da transparência e ao controle das

⁴³ Caso seja de interesse do estudante e investigador ingressar em reflexões que abarquem questões referentes à razão e à emoção, enquanto tópicos psicológicos, sendo tratadas no tocante ao escopo da Psicolinguística, palpita-se examinar Gámez e Días (2006). Essa obra está inserida na tradição hispânica de modo que também é particularmente interessante para o leitor que deseje imergir no estudo do assunto em língua espanhola. Com vistas a se presenciar, aliás, um instigante debate a respeito da relação entre Linguagem e Psicologia, clama-se por deparar-se com Carroll, J. (1969, p. 185-195). Além do mais, para um entendimento mais sólido acerca do relacionamento virtuosamente estabelecido entre a Linguística e a Psicologia ou entre a Ciência da Linguagem e a Neurologia, interpela-se que se desbrave Leuninger (1975, p. 193-208) e Whitaker (1975, p. 33-42) respectivamente. Também, com o propósito de se conhecer as três realidades inerentes ao estudo da linguagem a envolver a relação entre a teoria linguística, a psicolinguística e a neurolinguística, é oportuno ler Kenedy (2013, p. 11-23) o qual trata da linguagem como fenômeno cognitivo e da Linguística como ciência cognitiva dentro da realidade da cognição linguística. Ainda mais, a fim de conhecer o vínculo entre as teorias da linguagem e as teorias da aprendizagem, por gentileza, queiram prestigiar Piattelli-Palmarini (1983) que expõe o debate instigador travado entre Jean Piaget e Noam Chomsky. Finalmente, para uma incursão introdutória dos estudos psicolinguísticos em relação ao nascimento da Psicolinguística, e. g., acessar Peterfalvi (1970, p. 13-16).

possíveis contaminações incidentes sobre os dados oriundos do material coletado *in loco* por via do experimento executado.

Em face do exposto, é relevante lembrar que a pesquisa quantitativa tem como característica buscar estabelecer relação de causa e efeito, ou seja, relações causais entre as variáveis, de tal modo que a pergunta “em que medida?” seja respondida com razoável rigorosidade, isto é, com austeridade e exatidão. Ela parte de parâmetros (p.ex. características mensuráveis de populações) e examina hipóteses de caráter particular com severidade (GIL, 2008a, 2008b). É, a rigor, além de severa, metrificante, já que pressupõe a utilização da estatística (ALVES, 2003), podendo também, por sua vez, aliar o método qualitativo, sendo assim denominada de multimétodo ou quantiquantitativa. Apesar da existência dessa possibilidade metodológica, esta investigação acadêmico-científica baseou-se exclusivamente no método quantitativo.

Partindo disso, a referida devassa foi composta pela aplicação de um experimento *on-line* cuja técnica experimental adotada para lhe dar suporte consistiu no emprego do paradigma metodológico da leitura automonitorada (*self-paced reading*) em cuja modelada arquitetura inseriu-se um teste *off-line* interpretativo de sonda que foi colocado no final de cada uma das sentenças experimentais as quais foram moldadas para compor e para serem utilizadas nessa experimentação em tempo real.

Essas mensurações *on-line* serviram de respaldo para a observação das peculiaridades que existem no modo como a catáfora pronominal pessoal é processada em português brasileiro (PB). Igualmente, foram necessárias para se poder reafirmar e corroborar a existência de mecanismos universais já relatados em outras línguas, como no inglês, e que puderam ser agora evidenciados no português do Brasil.

Apreendido o que foi explicado, reserva-se o capítulo seguinte para se discorrer em maiores detalhes acerca das variáveis e grandezas vinculadas ao objeto de estudo trabalhado nesta pesquisa. Tratar-se-á sobre as mais diversificadas faces constituintes da correferência catafórica, acerca da sua natureza, propriedades e características que precisam ser consideradas, atentamente observadas e devidamente averiguadas pelo leitor para o pleno entendimento dos propósitos intencionados por esta recolha e para uma mais refinada compreensão dos resultados cá alcançados.

Logo, estando deparado em meio a esse quadro explanatório, focalizemos, destarte, no próximo capítulo, o qual discorrerá a respeito da fundamentação teórica deste trabalho, o panorama mais geral em que se estão inseridos tais estudos sobre a catáfora, além do que centremos em suas origens e nas causas que conduziram ao seu surgimento, deste referido

tipo de estudo, a partir do desdobramento de descobertas protagonizadas em cima de outros objetos que acabaram reverberando na possibilidade e/ou necessidade premente de se estudar um certo outro elemento ou fenômeno, o qual se posiciona aqui como ente denominado de correferência catafórica.

Antes, porém, olhemos como este trabalho foi organizado e estruturado, em sua totalidade, ao longo das suas diversas seções ou capítulos, na subseção logo abaixo apresentada.

1.7 ORGANIZAÇÃO

Esta dissertação maestral está organizada, pois, da seguinte maneira quanto à distribuição de suas partes constituintes e em relação à exposição dos conteúdos inerentes à pesquisa experimental desenvolvida com o firme propósito de alicerçar este trabalho linguístico de caráter psicolinguístico: a primeira parte compreende este capítulo, a Introdução, diante do qual estamos deparados e cuja leitura está prestes a ser concluída. Nela, como o leitor pôde observar, ingressamos no tema e objeto desta inquirição, percorrendo acerca do problema alçado, dos objetivos tanto gerais quanto específicos traçados a fim de solucioná-los, da metodologia elegida para nortear esta empreitada e para possibilitar o alcance da meta, sobre as hipóteses levantadas e a respeito da justificativa de viabilização de tamanha perquirição.

Isso alvitrado, a próxima parcela da obra correspondente ao Capítulo 2 versará sobre o marco ou fundamentação teórica adotada para o embasamento epistemológico e teórico da referida perquirição. Primeiramente a teoria linguística⁴⁴ concernente ao Gerativismo Linguístico será apresentada para a familiarização do leitor. Em seguida, haverá

⁴⁴ Com vistas a se apreender um conhecimento panorâmico sobre a Linguística, sugere-se a leitura de Yule (1998/2006) que passeia por diversos assuntos da área, perpassando desde as origens da linguagem até o estudo de questões avançadas acerca da relação de língua, sociedade e cultura, em uma linguagem simples e acessível. Consulte também Jespersen (1976), para compreender melhor e de maneira mais abrangente a natureza, as origens e a evolução da linguagem, bem como Hoiyer (1969) especialmente para que se apreenda mais sistematicamente os conhecimentos inerentes à origem da linguagem. Já para a apreensão de um saber mais completo e sistemático acerca da história da Linguística, é interessante acessar a obra interna de Camara Júnior (2011), a fim de angariar uma abordagem em caráter nacional; ou, o livro externo de Weedwood (2002), para uma exposição sob feições estrangeiras, juntamente com o de Moulton (1969, p. 3-17), sobre a natureza e história da linguística, junto também com o de Mounin (1971), acerca da história da linguística desde as suas origens até o século XX, e conjuntamente com o de Leroy (1971), o qual estabelece uma dissecação de quais são as grandes correntes da Linguística Moderna, pontuando, ainda mais, a respeito da Linguística Psicológica (p. 121 seg.). Por favor, sobre o período moderno da Linguística, queira consultar também Waterman (1963) o qual traça a história da Ciência Linguística e de suas perspectivas até os anos 50 do séc. XX. Deve-se, de igual maneira, ingressar-se em Coelho, Lemle e Leite (1971) para se ter ciência das novas perspectivas linguísticas medradas ao se tomar por base Chomsky, Jakobson, Lenneberg, Halle, Bach, Postal e Saumjan.

a apresentação da definição do fenômeno linguístico da catáfora, bem como do que seja a correferência catafórica, a restrição sintática do Princípio C e os traços-phi (ϕ) de gênero. Em seguida, a teoria psicolinguística será apresentada com a explicitação da definição de Mecanismo de Busca Ativa cujos preceitos vinculados ao processamento linguístico serão os reparados e seguidos cá nesta cata.

O Capítulo 3 retrata as pesquisas que têm sido realizadas em torno do objeto em estudo, a catáfora e sua respectiva modalidade de correferência, promovendo uma exaustiva revisão bibliográfica dos estudos no setor e resenhando as principais discussões, achados e descobertas científicas do fenômeno correferencial no campo do processamento.

Já o Capítulo 4 introduz a metodologia empregada na devassa, comenta a técnica experimental escolhida e o método trabalhado para compor a experiência, além do que explica minuciosamente cada etapa desempenhada e cada passo seguido no delineamento, programação e rodagem do experimento junto aos sujeitos humanos. Igualmente discorre, na sequência, sobre os resultados alcançados e logo depois entra nas análises dos respectivos dados e em suas correlativas discussões.

Em última análise, no último tomo da dissertação, há a ponderação das conclusões a que se tem chegado com o desdobramento desta pesquisa e do seu aludido experimento com comentários sobre questões ainda em aberto que requerem estudos futuros mais aprofundados com base no que se tem acá levantado.

Ao final, sucedem-se as referências e os apêndices para eventuais consultas.

CAPÍTULO 2: MARCO TEÓRICO

2.1 TEORIA LINGUÍSTICA GERATIVA

A Psicolinguística, em decorrência de seu histórico de surgimento e evolução enquanto ciência, mantém estreita relação com outros campos do saber, de maneira que assentou e continua a estabelecer interfaces com diversos setores do conhecimento humano ou com variadas vertentes científicas, através de suas respectivas teorias, tais como a Psicologia Cognitiva⁴⁵ e as Neurociências consoante apontado por Leitão (2012, p. 217-234).

Quanto ao mais, em complementação a essa frutífera interdisciplinaridade, relevante discussão é levantada quanto à intercomunicação efetivada entre Ciências da Linguagem e Filosofia, segundo o que se é apresentado por Ferrari-Neto (2012) o qual convida o leitor a, juntamente com ele, analisar a comunhão admitida de se instaurar entre a Linguística, a Psicolinguística e as Neurociências sob a perspectiva da Filosofia da Mente.

Ainda mais, estando na mesma direção pautado e com o mesmo objetivo interdisciplinar em mente traçado, Machel-Nabot (em fase de elaboração⁴⁶) promove – em favor da multidisciplinariedade e progressão do diálogo entre as diversas correntes linguísticas, especialmente com enfoque entre as áreas mais correlativas do núcleo duro da ciência, o *hard core* – interessante reflexão e proveitoso debate multidisciplinar acerca das pertinentes, possíveis e potenciais contribuições que a Teoria Instintiva da Linguagem de Pinker (2002), coadunada ao campo da Biolinguística e aos setores da Linguística Evolutiva e/ou Genética, podem oferecer de conteúdo vantajoso para o rol programático da Psicolinguística, a perpassar a Aquisição da Linguagem e o Processamento Linguístico.

Imergido em parecido percurso e imbuído dos exatamente iguais propósitos interdisciplinares, sobre quais os permissíveis contributos que a Linguística Estruturalista de Saussure (1916/2006) pode conferir ao perquisitivo domínio programático da Psicolinguística, especialmente quanto ao legado deixado pelas reflexões oriundas dos minuciosos estudos

⁴⁵ Um excelente livro que se sugere ao leitor ler, para melhor conhecer os assuntos que são estudados e relacionados a essa área da Psicologia e no intuito de ingressar nos tópicos basilares e primordiais da Psicologia Cognitiva, é o de Sternberg (2010). Sobre a Psicologia da Linguagem, busque maiores esclarecimentos em Harley (2008/2014) e Carroll, D. (2004), Carroll, J. (1977) e Terwilliger (1974).

⁴⁶ **Contribuições da concepção instintiva da linguagem inerente à biolinguística e à linguística evolucionária para as pesquisas da psicolinguística**, de autoria minha (MACHEL-NABOT, Pablo Silva de Almeida), compreende trabalho inédito que está em fase de elaboração.

sobre os Manuscritos saussurianos, e não apenas do CLG (Curso de Linguística Geral), que têm sido travados ao longo do último século XX, ensaia Machel-Nabot (em fase de elaboração⁴⁷). Este ensaio, aliás, é orientado, em sua discussão, a partir das reflexões empreendidas por Nóbrega (2013) em sua obra-prima “O Ponto de Vista do Sistema: Possibilidade de Leitura da Linguística Geral de Ferdinand de Saussure” com vistas a que se absorva as contribuições dessas análises acerca do Estruturalismo para os estudos psicolinguísticos.

Com base nisso ponderado, portanto, esta pesquisa fundamentou-se, de modo geral, nos pressupostos teóricos da Linguística Gerativa ou Gerativismo de Noam Chomsky⁴⁸ (1955, 1955/1975, 1957/2002, 1965, 1966a, 1966b, 1970, 1971, 1972, 1973, 1977a, 1977b, 1980a, 1980b, 1980c, 1981, 1982, 1986a, 1986b, 1995, 1997, 1999, 2000, 2004, 2005, 2007a, 2007b, 2008, 2011, 2013) e consequentemente de sua Gramática Gerativo-Transformacional cujo desdobramento enquanto corrente de estudos da ciência da linguagem data inicialmente de 1955. Mais precisamente, focou-se no arcabouço teórico, mais recentemente elaborado pela teoria gerativa, que se respalda nas ideias inovadoras desenvolvidas no final do século passado (séc. XX) pelo novo modelo gerativo adotado pelo Programa Minimalista (ver original CHOMSKY, 1995).

A bem da verdade, conforme explanado por Castilho (2010, p. 678):

A Gramática Gerativa desenvolveu uma concepção inovadora da sintaxe, procurando criar um mecanismo matemático capaz de simular nossa competência sintática, isto é, nossa capacidade de reconhecer, entre todas as possíveis sequências de palavras, aquelas que correspondem a sentenças bem formadas da língua.

Ainda de acordo com o que desenvolve Castilho (2010, p. 678), acerca da caracterização do Gerativismo e da Gramática Gerativa, há de se considerar que “A teoria

⁴⁷ **Contributos do estruturalismo linguístico para o âmbito de pesquisas da psicolinguística**, também de minha autoria (MACHEL-NABOT, Pablo Silva de Almeida), corresponde, de igual maneira, a trabalho inédito em fase de elaboração.

⁴⁸ Avram Noam Chomsky nasceu na Filadélfia (cidade do estado da Pensilvânia nos EUA) em 1928. É um filósofo que figura entre os mais notáveis linguistas de todos os tempos em razão da revolução que ele promoveu no campo da Linguística ao fundar a sua nova concepção de língua através de um novo movimento e/ou escola, o Gerativismo, delineado em torno de uma gramática nomeada de Gramática Ge(ne)rativa Transformacional (em inglês: *Transformational Generative Grammar-TGG*). Suas ideias revolucionárias foram introduzidas primeiramente em sua obra-mestra “*Logical Structure of Linguistic Theory-LSLT*” de 1955. Pouco depois, ele publicou outra obra, uma espécie de destilação da inicial, intitulada “*Syntactic Structures*” de 1957 onde ele buscou refinar os princípios que foram expostos ainda de forma bruta em sua primeira versão. Por fim, o autor expressou uma mais profunda e extensiva reformulação de sua teoria linguística, a TGG, por meio da divulgação do livro “*Aspects of the Theory of Syntax*” editado em 1965. Na intenção de conhecer tanto mais detalhada quanto profundamente as ideias de Chomsky, por favor, queira vir a consultar Lyons (1976) o qual explana e esmiúça o pensamento chomskyano.

distingue uma língua-I, interna ou intensional, dada pela ‘competência’ do ser humano, de uma língua-E, externa ou extensional, dada pelas diferentes ‘execuções’ que o falante promove a partir dessa base”. Como adendo a isso, importante de se pontuar, Chomsky (1986b) destaca que a língua-I⁴⁹ compreende algum espécime de elemento integrador da mente do ser humano que conhece a língua que é adquirida pelo aprendiz e que é usada pelo falante ao passo que a língua-E corresponde a uma compilação de ações, a uma coleção de enunciados e/ou a uma coletânea de formas linguísticas que incluem estruturas tais como palavras e sentenças as quais são emparelhadas com a significação, além do que integra um sistema dessas formas linguísticas ou eventos de maneira tal que tal construto é compreendido distinta e independentemente das propriedades inerentes à mente e ao cérebro.

Nesse ínterim da discussão, associada ao constructo da língua mais internalizada ao e no organismo humano, qual seja, a língua-I, Chomsky (1986b) discute a ideia de *competência linguística* que se traduz como sendo uma faculdade inata, dada ao homem a priori, tal qual um componente particular da mente humana desde sempre existente e de antemão fornecido que caracteriza o inatismo⁵⁰. Quando o ser humano, no momento de sua aprendizagem, é exposto a um reduzido número de estímulos, de dados e aciona tamanha competência, ele é capaz de gerar e reproduzir sentenças às quais nunca tenha sido apresentado ou que jamais tenha ouvido antes.

Desse modo, a propriedade da *competência* permite ao homem reconhecer-se nos dados que recebe, pois as leis ou princípios que norteiam e regem a forma, bem como a organização de uma dada gramática são idênticos aos princípios mesmos de sua faculdade interna de sorte que tais princípios, por meio de suas regras e operações constituintes, compõem os elementos integradores de uma gramática geral que se convencionou denominar, pelo próprio linguista patrono do gerativismo, de *Gramática Universal*, notadamente a *GU*, que pode ser enxergada como uma caracterização da faculdade da linguagem já cedida e instada geneticamente, quer dizer, conferida pela própria natureza genética (CHOMSKY, 1986b).

⁴⁹ Conceitos fundamentais, no estudo da linguagem e da Linguística, particularmente da Gerativista, tais como Língua-I, Língua-E, modularidade da mente e da linguagem, além da dinâmica interação entre módulos, são introdutoriamente abordados e descritos de forma clara e em linguagem plenamente didático por Kenedy (2013, p. 25-48).

⁵⁰ Busque esclarecer-se em Kenedy (2013, p. 73-87) sobre a caracterização do inatismo, das versões fraca e forte da hipótese inatista e também a respeito de hipóteses a ela alternativas tais quais o connexionismo e a teoria da mente segundo Tomasello.

Em complementação, a fim de destacar o papel e caráter central da sintaxe⁵¹ no modelo gerativista, Castilho (2010, p. 678) relembra o seguinte:

Segue-se daqui que a sintaxe de Chomsky é o estudo do funcionamento da mente, muito mais do que a descrição das estruturas linguísticas concretas, nas quais, entretanto, se fundamenta em seu esforço de generalização. A sintaxe é considerada o componente central da gramática implícita, constituída de um conjunto de regras puramente mentais, formuladas pela criança durante a fase de aprendizagem linguística, e continuamente ampliada pela vida afora.

Importante ainda se faz ressaltar, na linha do que acabou de ser exposto, consoante igualmente postulado por Castilho (2010, p. 87), que:

a primeira questão de alcance diacrônico que chamou a atenção dos gerativistas foi a da aquisição da linguagem: por que a gramática do falante adulto, um sistema tão complexo, é tão rapidamente adquirida, se durante a fase de aprendizado a criança recebe estímulos tão pequenos? Para encaminhar uma explicação, o gerativismo começa por distinguir a língua I, internalizada, da língua E, externalizada, à qual as crianças estão expostas.

Com vistas a deliberar sobre essa questão, oportunamente Chomsky (1986b):

retoma o chamado “paradoxo de Platão”. Tratando da aquisição do conhecimento, e contrastando o conhecimento sofisticado do mundo com o contato precário que temos com esse mesmo mundo, Platão argumentava que o conhecimento é recordado de existências anteriores. Estímulos recebidos na existência atual despertam o conhecimento assim adquirido que, portanto, preexiste ao indivíduo. Chomsky traduziu esse conhecimento em termos de nosso aparato genético, postulando que o conhecimento linguístico tem um caráter inato e está, por assim dizer, inscrito no código genético humano. (CASTILHO, 2010, p. 87).

Quanto ao Programa Minimalista, este equivale a um projeto linguístico lançado por Noam Chomsky em seu livro “*The Minimalist Program*”, impresso em 1995. Ele configura-se como a mais recente e atualizada outorgada revisão do Gerativismo⁵², constando

⁵¹ Sobre o Gerativismo e a centralidade da sintaxe no tocante a essa escola da Linguística, ver adicionalmente Castilho (2010, p. 87).

⁵² Favor debruçar-se sobre Berlinck, Augusto e Scher (2012, p. 221-259) para que seja possível aprender mais acerca do estudo da sintaxe, sendo ela confrontada em torno não apenas do segmento gerativista, mas também do segmento funcionalista dos estudos linguísticos. De igual forma, conclama-se o estudioso para que lance olhar sobre Negrão, Scher e Viotti (2011) a fim de adquirir melhor compreensão sobre a *competência linguística* (p. 95-119) e na intenção de absorver o que essas autoras ensinam quanto à sintaxe de cunho gerativo, dado que elas exploram a estrutura das sentenças em suas cirúrgicas análises por via das quais discorrem sobre a estrutura dos constituintes, comprovando sua realidade a partir do instante em que expõem vestígios da existência de tais estruturas ao falar das evidências para isso (p. 81-109). Para ainda mais detalhes sobre as ideias e informações acerca da estrutura de constituintes sintagmáticos, mergulhe em Sedrins e Sibaldo (2012, p. 71-112). Por sua vez, para uma incursão introdutória da sintaxe dentro do terreno de estudos da Linguística, faça a gentileza de fazer a consulta de Silva e Koch (1989).

como a última versão dessa teoria linguística (CHOMSKY, 1995, 1999) a qual veio a reformular ou atualizar muitas das concepções norteadoras da Linguística Gerativa delineadas naquela sua primeira corrente manifestada em meados do século XX.

Demais, de maneira bem mais específica, este empreendimento sustentou-se na Teoria dos Princípios e Parâmetros⁵³ e também na Teoria da Ligação ou Teoria da Vinculação (*Binding Theory*), que postulam os Princípios A, B e C, os quais serão logo mais apresentados e explicados, em tópico subsequente, para uma compreensão mais ampla e total dos propósitos desta perquisição. Nessa perspectiva, associada ao movimento gerativista, desdobra-se o conceito de Gramática Universal (GU) que corresponde à gramática de base inata, programada geneticamente e enraizada e/ou sedimentada orgânica e biologicamente na mente/cérebro do ser humano, sendo ela a habilitada por dar sustentação e viabilizar operacionalmente a manifestação e exercício concreto da língua-I. Isso porque, na GU, estão codificados os princípios e parâmetros que são estruturados, sistematizados e viabilizados pela faculdade da linguagem, assim como intimamente indentificados com a língua-I (CHOMSKY, 1986b).

Nesse trajeto, porquanto, a teoria dos Princípios e Parâmetros, explora a perspectiva do “paradoxo de Platão”, afora o que estrutura e sistematiza a GU, sendo dela constitutiva e vinculante.

Assim, na gramática universal há um conjunto de princípios, que são invariantes, aos quais correspondem parâmetros, que são opcionais. Nessa linha de raciocínio, ao princípio A, segundo o qual o verbo transitivo deve ser “irmão” do objeto direto, correspondem os parâmetros x e y, segundo os quais o objeto pode preceder ou seguir o verbo. Ao princípio B (“verbos finitos devem ligar-se a INFL”, isto é, à flexão), correspondem os parâmetros x e y (“o verbo move-se para INFL”, ou então “INFL move-se para o verbo”). Ao princípio C (“os núcleos precedem os complementos”), correspondem os parâmetros x e y (“x precede SN, ou x segue SN) etc. Quer dizer, os parâmetros são sempre binários, e o falante faz a escolha de um deles por sua exposição aos dados da língua E. (CASTILHO, 2010, p. 87).

Logo, completa Castilho (2010, p. 87), que:

adquirir uma língua é fixar os valores dos parâmetros, movimentando um leque de opções. A mudança linguística é uma questão de mudanças de valores paramétricos. O latim selecionou [por exemplo] o parâmetro objeto-verbo, ao passo que línguas românicas, como o português, selecionaram verbo-objeto. Deve-se destacar o fato de que nem todos os parâmetros estão sujeitos à mudança de seleção. Ainda não se conseguiu explicar por que certos parâmetros são mais sujeitos à mudança que outros.

⁵³ Para uma inserção introdutória dentro das ideias abordadas pela Teoria dos Princípios e Parâmetros e de sua relação com a Gramática Universal (GU) no seio do Gerativismo, estude Kenedy (2013, p. 89-112).

Diante disso, os dois primeiros princípios, A e B, é vital ressaltar, não embasam este trabalho de sorte que os objetivos desta pesquisa são estritamente pautados no Princípio C no sentido de explicar, em termos lógicos e configuracionais, determinados fenômenos e suas propriedades subjacentes que presentes estão ao longo do processamento sentencial das estruturas em correferência catafórica. A teoria supracitada, *Binding Theory* – ou Teoria de Ligação⁵⁴ quando traduzida para o português – constitui uma de duas faces principiológicas constituintes de uma teoria geral da sintaxe proposta por Chomsky, a qual propôs uma revisão radical das doutrinas pertinentes aos primeiros estágios teóricos da Gramática Gerativa⁵⁵.

Os conhecimentos dessa vertente vieram à tona com a publicação, pelo mesmo autor, da obra “*Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*” em 1981. Imerso nessa concepção, decodificam-se duas subteorias que, como galhos, juntas, unem-se para armar a teoria em si: a Subteoria da Regência (ou Governança) e a da Ligação (ou Vinculação, como já apontado), ‘*The Government and The Binding Ones*’, em inglês respectivamente. Seus alicerces, por sinal, vieram a ser novamente revisados na década de 1990 pelo Programa Minimalista⁵⁶ susomencionado. É oportuno, afinal, que se confronte Lasnik (2002) para se obter acesso a uma resenha mais recente do programa frente à sintaxe.

Nos subcapítulos seguintes, vejamos, pois, a definição das principais manifestações ou fenômenos linguísticos a compor esta inquirição, a saber, (i) o que é catáfora e (ii) correferência catafórica com focalização na pronominal empreendida por pronomes pessoais, de tal maneira que na primeira seção, logo a seguir, avaliar-se-ão esses conceitos sob a égide da Linguística Gerativa, do mesmo modo que se apresentará, em sequência, a classificação das catáforas e da correferência catafórica em português brasileiro conforme proposto por Fernandes (2010) em seu trabalho de análise de corpora ao passo que, imediatamente depois, na segunda seção, serão apresentados os princípios e teorias concernentes à doutrina Psicolinguística, especificamente referentes ao processamento

⁵⁴ Por gentileza, consultar Silva e Brito (2012, p. 195-214) para uma explanação minuciosa sobre a Teoria da Ligação.

⁵⁵ É sugerido que se estude Slobin (1980) a fim de que o leitor tenha acesso tanto a um estudo linguístico (p. 9-45) quanto a um psicolinguístico da gramática (p. 47-88). O autor proporciona um estudo da gramática, interessante de se averiguar, que se dê segundo os dois vieses, o da Linguística e o da Psicolinguística.

⁵⁶ Por favor, ler Ferrari-Neto e Silva (2012) para um entendimento pleno e julgamento eficaz das diretrizes, ideais e doutrinas pertencentes ao Programa Minimalista. Ocorre que os autores manifestam os principais princípios e os mais atualizados debates que estão sendo travados atualmente dentro desse atual estágio em que se encontra o Gerativismo Linguístico. Somado a isso, para a total compreensão dos conceitos-chave do Minimalismo, submergir em Ferrari-Neto (2012, p. 29-40).

linguístico, que incidem sobre a catáfora e que diretamente interferem na correferência catafórica.

Na primeira parte, discorrer-se-á sobre o que é referência e/ou referenciação, correferência, acerca das diferenças entre exófora e endófora, anáfora e catáfora, a respeito de c-comando, ligação, do que é o Princípio C enquanto *constraint* e acerca do que são *traços-phi* (ϕ) de gênero em se tratando dos traços formais dentre aqueles que se categorizam como traços lexicais. Já no segundo quinhão, aduzir-se-ão os fatores psicolinguísticos de ordem processual influentes na afetação do processamento da correferência catafórica pronominal em ordem a serem explicitados conceitos como Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa (MPFDA), Mecanismo de Busca Ativa, hipótese da posição do antecedente, especialização pronominal, paralelismo estrutural e pareamento gramatical.

2.2 CONCEITUAÇÃO DE CATÁFORA E CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA CONFORME O ARCABOUÇO LINGUÍSTICO ADVINDO DA LINGUÍSTICA GERATIVA

Depois de brevemente apresentados os conceitos acerca da *referência*, da *correferência*, de *catáfora* e de *correferência catafórica* segundo os postulados da Linguística Geral no Capítulo 1 quando da explicitação do objeto de estudo, que se inicie, a partir de então, a discussão acerca dessas definições de acordo com outro enfoque técnico, mais condizente e aproximado epistemicamente do que objetiva tal pesquisa.

Analisemos, pois, o proposto pela Linguística Gerativa⁵⁷ quanto a isso para então adentrarmos nas proposituras da própria Psicolinguística. Assim posto, iniciemos com a definição de referência e referenciação, seguida da conceituação de dependências referenciais e de potencial de referência para então avaliarmos o que é correferência e os seus tipos de classificação existentes juntamente com a explanação e caracterização do que seja o c-comando, a ligação e o Princípio C a fim de finalmente explicarmos como a correferência catafórica é classificada em português brasileiro (PB).

⁵⁷ Uma importante obra que revela os pressupostos básicos da teoria gerativa ao minuciar suas duas primeiras versões, a inaugural de 1957 e a posterior de 1965, é o livro de Greene (1979). A autora ainda empreende esquadrihar a pesquisa psicolinguística que tem sido medrada com base nessas duas desbravadoras versões. Enfim, para saber mais sobre as bases e os objetivos da Gramática Gerativa e dos propósitos de sua teórica escola linguística, leia Ferrari-Neto (2012, p. 11-27).

2.2.1 O que é Referência e Referenciação?

Assim, tomando por base o afirmado por Kenedy (2013) de que uma das utilidades mais notáveis da língua é a de se referir a fatos do mundo real, sejam eles concretos ou abstratos, sejam verídicos ou fantasiosos, as entidades dessa esfera dos acontecimentos reais para as quais as expressões linguísticas se reportam são denominadas de *referentes*. Dito isso, o fenômeno através do qual se estabelece o elo entre tais referentes, pertinentes ao contexto da realidade quer existente quer criada a qual é extralinguística, e os termos linguísticos, inerentes ao universo da linguagem humana, é o que se designa por *referência* ou *referenciação*.

Tome-se assim a seguinte frase, enumerada por (03), como exemplo para que possamos ter uma noção inicial desse quadro conceitual:

(03) ‘Eloísa frequenta o cinema do shopping com as amigas’

A mulher, particularmente falando, cujo nome é ‘Eloísa’ é o referente no mundo, ou *ente denotante*, que denota a existência e seu significado subjacente perante a realidade dos fatos; da mesma forma que as demais mulheres tomadas como amigas de ‘Eloísa’, designadas pelo sintagma preposicional ou PP ‘com as amigas’, e o ambiente específico que é o cinema em particular, onde se assiste a filmes, ao qual o sintagma nominal ou NP ‘o cinema’ se refere no âmbito frasal, são os referentes ou *denotantes* no mundo.

Da mesma forma, as palavras ou itens lexicais (a ‘Eloísa’, as amigas e o cinema), visualizados na leitura que acabamos de realizar, correspondem à alusão, ou melhor, à projeção dessas entidades factuais, os referentes, no domínio puramente linguístico de modo que, justamente por essas expressões linguísticas transporem esses denotantes de uma dimensão, a do plano real, para uma outra, a do espaço linguístico, são elas classificadas por entidades *denotadas* ou *referenciadas*, presentes dentro do âmbito simbólico e representativo da miríade de línguas naturais humanas.

A partir da referência e da referenciação, então categorizados, desdobram-se os entes que se definem por dependências referenciais e por potencial de referência a serem discutidos a seguir.

2.2.2 A Compreensão das Dependências Referenciais e do Potencial de Referência

Em posse desse conceito inicial, é cabível estendermos os domínios de entendimento da referenciação abrangendo outras caracterizações correlatas ao fenômeno. Uma delas é a das *dependências referenciais* as quais segundo Raposo (1998, p. 239) compreendem “a situação linguística em que o valor referencial de um DP é adquirido indirectamente, através do valor referencial de outro DP presente no discurso (dizemos que este DP é o *antecedente* do primeiro)”. E ainda completa a explanação ponderando que “Em virtude desta dependência, as expressões são *co-referentes*⁵⁸, ou seja, referem a mesma entidade do universo do discurso” (confira RAPOSO, 1998, p. 239).

Outra caracterização cabível de ser tratada, na intenção de lograr tamanha expansão explanatória e definidora da referenciação, corresponde ao de *potencial de referência*.

Dizemos que uma expressão linguística tem potencial de referência quando pode designar entidades (pessoas, coisas, ideias, etc.) ou situações (eventos, ações, etc.) do universo discursivo. As expressões linguísticas com potencial de referência são os DPs, que designam canonicamente situações (estados, ações, eventos, etc.). Os estudos sobre dependências referenciais na gramática generativa ocupam-se sobretudo das relações entre DPs. (RAPOSO, 1998, p. 239).

Ressalte-se após essa definição do eminente autor que a classificação dos DPs com potencial de referência ocorre conforme a maneira pela qual embutem certo valor referencial. Os DPs dispostos nessa circunstância, então, classificam-se em três diferentes classes: (i) anáforas, que são os reflexivos e recíprocos, (ii) pronomes e (iii) expressões referenciais ou expressões-R, que são os nominativos ou nominais.

Para os propósitos de nosso trabalho, interessa-nos unicamente discorrer acerca dessa última categoria das expressões-R. Mas, afinal, o que elas são? Correspondem a expressões linguísticas ou itens lexicais configuradas por DPs constituídos por um complemento NP o qual, por sua vez, possui um núcleo lexical a exemplo de ‘a Danusa’, ‘o livro’, ‘a minha camisa’ e ‘esse alimento’. Mesmo assim, tamanha expressão referencial pode ser restringida a uma formação linguística mais enxuta, a apenas um NP tal como ‘planta’, ‘avião’, ‘cachorro’, ‘vizinho’ ou ‘Judas’. Na verdade, substantivos ou nomes próprios como este último e tal qual ‘Pedro’ constituem os tipos de expressões-R utilizadas na delineação do experimento e, conseqüentemente, nesta perquisição de mestrado. Nomes assim, de pessoas, foram utilizados

⁵⁸ O conceito de correferentes está diretamente atrelado ao do fenômeno da correferência que será exposto no subtópico mais abaixo, logo em seguida.

na estruturação das frases que compuseram o teste experiencial, tendo sido empregados no estabelecimento da correferência catafórica firmada com pronomes pessoais, ou ‘ele’ ou então ‘ela’, antepostos às expressões referenciais simbolizadas e/ou representadas por nominais como ‘Laura’. Já nomes mais longos como ‘Julihelen’ e ‘Gilderlane’ foram empregados para compor as sentenças constituidoras das frases distratoras as quais, juntamente com as experimentais, compuseram a experiência desta pesquisa maestral.

Tendo sido discutidos nesta seção os conceitos de dependências referenciais e potencial de referência, há meios, a partir de agora, para que se discuta e defina o que seja a correferência.

2.2.3 O Conceito de Correferência

Estando isso compreendido, outra situação interessante que podemos agora elencar é que nas línguas humanas e, conseqüentemente, no interior de qualquer frase podemos ter duas expressões linguísticas que aludam ao mesmo referente. Quando isso acontece, de dois itens linguísticos terem a mesma referência, dizemos que os dois termos idiomáticos são *correferentes* e, daí, tem-se a manifestação do fenômeno da *correferência*.

A título exemplificativo, tomemos uma frase como a (04) que se segue:

(04) Elisa_i falou que ela_i sempre visita os clientes⁵⁹.

Nesse caso, o pronome lexical ‘ela’ e o nominal ‘Elisa’ remetem ao mesmo ser ou entidade discursiva que é a moça, um ser humano do sexo feminino, a qual é reconhecida e diferenciada das demais mulheres iguais a ela por deter o nome próprio de ‘Elisa’ que a designa como garota ou menina, diferenciando-a e especificando-a enquanto agente ou criatura humana e viva no mundo.

Pois bem, como tanto o pronome quanto o sintagma nominal, ou substantivo como é postulado pela Gramática Tradicional (GT)⁶⁰, aludem ao mesmo ser ou ente no universo externo que está para além do domínio exclusivamente verbal, ambos são tomados como itens lexicais correferentes entre si os quais estabelecem obviamente o estado da correferência,

⁵⁹ Daqui por diante, considere-se que o índice (i) simboliza a indexação e, portanto, a correferência entre os dois itens lexicais, estabelecendo que ambos os termos estão coindexados e que são, pois, correferentes entre si.

⁶⁰ A título de curiosidade, os estóicos Dionísio da Trácia e Apolônio Dísculo conduziram, na Antiguidade, as fundações da Gramática Tradicional no mundo ocidental conforme apresentado por Lyons (1977).

fenômeno linguístico que permeia a interface da sintaxe com a semântica, pois nem é totalmente sintático nem tampouco é inteiramente semântico (confer NICOL, 1988)⁶¹.

A correferência é, por assim dizer, o fenômeno linguístico através do qual dois elementos ou expressões linguísticas estão interligadas entre si em termos morfossintático-semânticos com o propósito compartilhado de conjuntamente virem a remeter a uma mesma entidade que esteja material e realisticamente situada no universo extralinguístico e/ou no mundo externo, suscetível às pressões contextuais da superveniência pragmática do discurso linguístico, dentro e por meio do qual nos comunicamos, vivemos, pairamos e existimos enquanto seres humanos.

Com efeito, estando a par da definição de correferência, é oportuno e igualmente necessário que se compreenda como ela é distinguida em termos classificatórios em duas grandes vertentes, a saber, a exofórica e a endofórica.

2.2.4 Diferenças entre Correferências Exofórica e Endofórica e entre Exófora e Endófora = Anáfora + Catáfora

O fenômeno da correferência classicamente pode ser classificada em *situacional* – exofórica ou extratextual – e *textual* ou endofórica. Esta procede quando ambos os correferentes se mantêm expressos ou registrados no texto (CRYSTAL, 2008, p. 169) ao passo que aquela ocorre quando uma unidade linguística deitivamente estabelece um estado de correferenciação com uma situação extralinguística, isto é, com o contexto situacional que lhe é correferente (CRYSTAL, 2008, p. 178s.). Tendo em conta que o domínio exofórico dos estudos correferenciais fogem ao escopo deste trabalho, explicações mais pormenorizadas acerca da exófora e de fenômenos a ela adjacentes como a dêixis não serão aqui discorridas.

Ainda mais, com relação à *correferência* ou *referenciação endofórica*, o correferente que funciona como antecedente pode vir expresso ou emergir antes da forma remissiva, compreendendo o que se denomina de *correferência anafórica*, ou depois dela, configurando o que se intitula de correferência *catafórica*. (CRYSTAL, 2008, p. 407).

A endófora corresponde, pois, à confluência da anáfora e catáfora. A referência tanto anafórica quanto catafórica, por assim dizer, ainda pode ser subclassificada, em *pessoal*, *demonstrativa* e *comparativa* em se tratando dos elementos coesivos empregados no processo

⁶¹ Essa tese de doutoramento discute entre outras questões a distinção entre exercícios categorizados como *parsing* de árvore (*tree-parsing*), as famosas construções das árvores sintáticas, das atividades de atribuição da correferência promovidas pelo parseador. Estas procedem depois daquelas que são exclusivamente sintáticas e antes da terceira fase processual sujeita às intervenções semânticas e pragmáticas.

serem respectivamente pronomes⁶² pessoais, demonstrativos, adjetivos e/ou advérbios (HALLIDAY & HASAN, 1976).

Ora, no que intersecta o domínio da correferência endofórica, deste ponto em diante, entendamos quais as diferenças postuladas entre a correferência de natureza anafórica e a de caráter catafórico enquanto tipos classificatórios desta espécie de correferência tida como sendo de cunho endofórico.

2.2.5 Diferenciação entre Correferência Anafórica e Correferência Catafórica vs. Diferença entre Anáfora e Catáfora enquanto Relações Fóricas

Em exemplos como em (04) em que um pronome lexical *ela* é inserido no enunciado linguístico depois da expressão nominal '*Elisa*' com a qual é correferente, tem-se uma relação anafórica e o estabelecimento de uma correferência anafórica, visto que o pronome em contextos determinados por essa condição classifica-se como uma anáfora. Por assim dizer, um novo constituinte imediato, que é alocado na sentença e que tem a mesma referência de um anteriormente disposto na superfície sentencial ou no escopo discursivo, consagra-se como uma anáfora e, portanto, como um dos constituintes de uma relação fórica.

Por outro lado, quando o correferente categorizado como pronome lexical precede a expressão referencial com a qual finca uma relação correferencial, há um outra espécie de processo fórico estabelecido que é denominado de *correferência catafórica*, posto que há a manifestação de uma relação catafórica, isso porque o pronome, que aliás é a forma remissiva, caracteriza-se, nessa outra conjuntura, como uma catáfora, comportando-se tal qual essa categoria especial de endófora. Daí, em vez de aparecer posteriormente à expressão nominal autorreferente que retoma, a catáfora aparece antes dela na frase ou no discurso, caso consideremos que é o pronome que procede com a retomada do nominal, por ser ele ausente de conteúdo semântico próprio e por não ser totalmente independente quanto à própria semântica, como revela ser uma expressão autodenotante feito se é um nome.

Frise-se, contudo, que, embora a *catáfora* seja inversa à *anáfora*, compondo junto com ela o que se entende por *endófora* no esqueleto da referenciação sentencial, ela não é talqualmente um espelho de sua irmã no que diz respeito às possibilidades de configuração dela dentro da extensão sentencial ou enunciativa. Isso é dito tendo em vista a seguinte frase

⁶² A propósito, abrindo um parênteses, interessante revisão crítica da literatura a respeito da abordagem que é conferida à nebulosa e/ou misteriosa categoria ou classe dos pronomes adverbiais pelas gramáticas tradicionais brasileiras é empreendida por Lopes, R. (2011).

enumerada como (05) em que temos praticamente uma réplica da última oração, a de número (04), simplesmente com uma única diferença, a relativa à permuta entre si das posições dos elementos correferentes:

(05) *Ela_i falou que Elisa_i sempre visita os clientes⁶³.

Tão logo visualizamos essa frase, damos-nos conta de que o pronome ‘Ela’ não é correferente do nominativo ‘Elisa’, já que a computação, bem como a interpretação que fazemos de toda a sentença nos indica que o nome próprio da mulher não pode se referir ao pronome feminino que o antecede, pois, se assim o fosse, a frase se tornaria impossível na língua e nem um pouco passível de compreensão, sendo totalmente agramatical, dado que só pode haver a gramaticalidade frástica exatamente como aí colocado se o pronome e o nominal estabelecerem uma referência disjunta em que ‘Ela’ se refere a uma determinada mulher ao passo que ‘Elisa’ a uma outra dama que não a reportada por tal pronome pessoal.

O que se percebe, com isso, é que o pronome ‘Ela’ tem como referência uma outra pessoa do mundo real que seja do sexo feminino, talvez Matilde ou outra madame qualquer, não importa qual seja o nome, podendo até mesmo reportar a uma outra *mademoiselle* também chamada ‘Elisa’, mas que não seja a ‘Elisa’ mencionada na substantiva acima, a sentença (05), a qual já corresponde a outra senhora ou senhorita que não a aludida pela forma pronominal ‘Ela’ a iniciar a oração principal susoapresentada.

Nestes termos, essa disposição implica dizer que não se tem um caso concreto de correferência catafórica e nem sequer de correferenciação, e sim de referência disjunta, de maneira que o ‘Ela’ não se conforma como uma catáfora, mas simplesmente como um nominativo. Em suma, o pronome não se confunde com a catáfora nesse contexto. Por que será então que isso acontece?

Na frase (04), do exemplo da anáfora, muito embora o nome próprio ‘Elisa’ possa buscar firmar correferência com outro termo que não o pronome ela, com uma outra entidade que esteja no domínio do discurso e para além dessa sentença acima delimitada, é real e completamente plausível a possibilidade de correferência entre nome e pronome. E se ambas as expressões são passíveis de se referir uma a outra e a um mesmo ente do universo realístico, por que razão na consecutiva frase enumerada por (05) não se permite, de modo algum, que pronome e nome entrem em referência mútua?

⁶³ A partir de agora, é pedido que se tome o símbolo do asterisco (*) como indicativo da agramaticalidade da sentença. No caso reportado, o nominativo ‘Elisa’ não pode ser correferente do pronome ‘Ela’.

Devido a questões problemáticas e intrigantes como essa é que se precisa ter em mente conceitos técnicos provenientes da literatura especializada da área para resolvermos esse tipo de impasse dentro da sintaxe. Por bem, para solucionarmos esse dilema, é preciso que se expandam e se incrementem essas ideias nocionais, até então elaboradas, através dos constructos teóricos referentes à Teoria da Ligação (*Binding Theory*) dentro da doutrina apregoada pelo gerativismo linguístico. É necessário, porquanto, que inicialmente imerjamos em conceitos e/ou jargões sobre o que é *ligação* e conceitos básicos relacionados a ela como *c-comando* e *categoria de regência*.

2.2.6 A Noção Técnica de C-comando e de Conceitos Correlatos

Antes de mais nada, para que se compreenda o que é *ligação*⁶⁴ entre constituintes oracionais, precisamos absorver a essência conceitual que está por detrás da ideia de *c-comando*. O complexo estrutural do *c-comando* seguido pelos desdobramentos conceituais de suas lógicas relações internas foi proposto por Reinhart (1976, 1983) e afirma que só se pode ratificar que um nó sintático *c-comanda* outro nó quando as seguintes condições são satisfeitas:

(06) C-COMANDO

Um nó A *c-comanda* um nó B se e somente se:

- (i) A não domina B e B não domina A;
- (ii) Qualquer nó ramificado que domine A domina igualmente B.

Ou, dito de outro modo, levando-se em consideração a maneira como é exposta essa definição por Mioto, Silva e Lopes (2013), uma relação de *c-comando* existe quando tais condições são satisfeitas na relação que se estabelece entre nós sintáticos dentro de uma estrutura arbórea:

(07) C-COMANDO

A *c-comanda* β sse⁶⁵ β é o irmão de α ou se β é dominado pelo irmão de α .

⁶⁴ A *ligação* entre constituintes integra a Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) e seu conceito será melhor trabalhado e explicitado mais à frente, ainda neste tópico 2.3.

⁶⁵ Leve-se em conta que a abreviação ‘sse’ equivale a ‘se e somente se’.

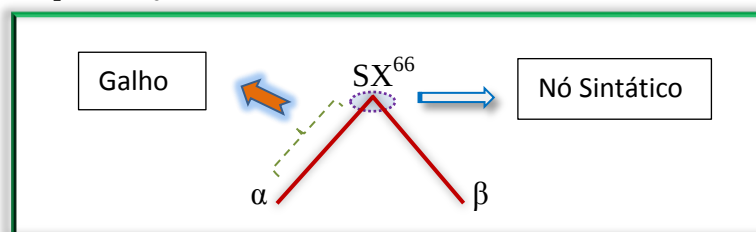
Em termos mais simples como pontuado por Kazanina (2005, p. 7) em sua tese, o c-comando diz respeito a uma relação estrutural entre dois elementos dentro da árvore de constituintes sintagmáticos junto ao qual, por definição, se afirma que cada nóduo só pode c-comandar outro que seja seu irmão ou que sejam seus sobrinhos, isto é, cada nó sintático c-comanda sua irmã e as filhas dela, de sua irmã. O c-comando, portanto, é uma relação que apenas procede entre constituintes de mesmo nível hierárquico ou inferior, jamais superior, em linha horizontal ou dentro de traçado diagonal de cima para baixo que flua do c-comandante até o c-comandado, interligando-os entre si, ou mais tecnicamente, amarrando-os ou ligando um ao outro em meio ao fenômeno referencial de cunho sintático denominado de ligação.

Dada tamanha definição de c-comando, emerge a noção de *domínio de c-comando* (RAPOSO, 1998, p. 252) que apregoa o seguinte:

(08) DOMÍNIO DE C-COMANDO

O domínio de c-comando de um nó A é o conjunto dos nós que A c-comanda.

Figura 1 - Representação Arbórea do Domínio de C-comando e C-comando Simétrico



Fonte: Adaptado de Kenedy (2013, p. 272).

Para facilitar a visualização do conceito susoapresentado e das explicações que se seguirão a partir de agora, considere-se a Figura 1 retratada acima que apresenta visualmente a relação inerente ao domínio de c-comando e concernente ao c-comando simétrico.

Dadas essas definições lógico-matemáticas, percebe-se, de imediato, a necessidade de se assimilar primeiramente o que é um nó sintático e, em seguida, o que significa esse mesmo nóduo dominar, ser dominado ou ainda ser irmão de um outro. Para tanto, é primordial que entendamos os conceitos de relação de *dominância* e de *irmandade* que são desenvolvidos no âmbito da teoria linguística gerativista. Assim, o conceito de nó está intimamente vinculado

⁶⁶ SX é um constituinte sintagmático de onde se ramificam mais dois constituintes que são α e β . A relação de c-comando e dominância será explicada mais adiante. Por ora, saiba que SX domina simultaneamente α e β e estes dois são obviamente dominados por SX que pode ser um SN ou SV *verbi gratia*. Além disso, α e β se c-comandam.

ao de diagrama arbóreo ao qual podemos denominar de árvore sintática ou, mais simplesmente, de árvore, que corresponde à representação visual da estrutura e hierarquia tanto de apenas um sintagma quanto de uma frase, ou enunciado, ou ainda de uma oração, ou cláusula, ou até mesmo de todo um período, ou sentença. Lembremo-nos que, conforme os ensinamentos da Teoria X-Barra – o módulo da gramática incumbido de aduzir os meios pelos quais um sintagma é estruturado –, sintagma é, por conseguinte, uma unidade sintática construída hierarquicamente em torno de um núcleo o qual determina as funções as quais se estabelecem dentro dele e cuja extensão pode ser pré-teoreticamente indeterminada ou indefinível quanto ao alcance de suas fronteiras (CARNIE, 2001, p. 107-186; MIOTO, SILVA & LOPES, 2013, p. 47-124). Diante dessa constatação, um nó é nada mais nada menos que um dos factíveis diversos ramos de uma árvore que representa e traduz as projeções de um núcleo sintagmático enquanto os galhos são as linhas emanadas de um nó numa árvore os quais indicam os elementos que se concatenam entre si para gerar uma projeção dessa natureza e magnitude (KENEDY, 2013, p. 191).

Sabendo disso, torna-se factível entendermos o significado das relações de dominância e de irmandade. A primeira, insta-se dizer, é equacionada como se sucede em (09) a seguir (CARNIE, 2001, p. 65-87; MIOTO, SILVA & LOPES, 2013, p. 54 et. seq.):

(09) DOMINÂNCIA

α domina β sse existe uma sequência conexa de um ou mais galhos entre α e β e o percurso de α até β através dos galhos é unicamente descendente.

Já a segunda, verdade seja dita, equaciona-se *eo ipso* conforme demonstrado em (10) logo a seguir:

(10) IRMANDADE

α é irmão de β sse α e β tiverem a mesma mãe γ ⁶⁷.

Pela leitura acima, para a compreensão plena da relação de irmandade, insta saber o que significa um constituinte ser mãe de outro. Aí entra uma nova relação que necessita de ser esclarecida, a da *maternidade*, descrita tal como segue:

⁶⁷ A letra grega γ aqui presente designa um novo constituinte sintagmático, uma terceira entidade de mesma natureza que as até o presente momento já mencionadas α e β .

(11) MATERNIDADE

α é mãe de β sse α dominar β imediatamente.

Nesse ponto, é instaurada uma nova relação categorial a qual precisa ser clarificada, a da *dominância imediata*; o que se é feito bem abaixo:

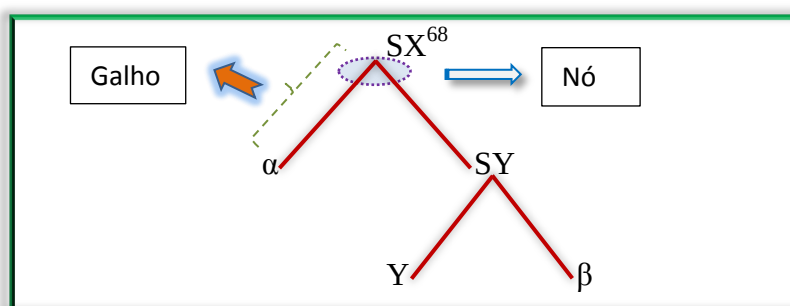
(12) DOMINÂNCIA IMEDIATA

α domina imediatamente β sse α domina β e não existe nenhum γ tal que α domina γ e γ domina β .

Requerendo mais e finalmente, com essa exposição configuracional firmada acima, cria-se a disposição ideal para que se entenda mais claramente em que consiste a relação de c-comando definida pouco antes, assim como se manifesta lícito apreender os conceitos de *c-comando simétrico e assimétrico* para, a partir daí, sermos capazes de fazermos uma incursão sobre o significado das definições de ligação e, por consequência, do Princípio C a esta vinculada e o qual se coloca como foco primordial e variável central no andamento desta perscrutação e do experimento correlato a tal pesquisa maestral.

Assim, comparemos, em seguida, a Figura 2 com a anterior a fim de diferenciarmos a *simetria* da *assimetria* no c-comando. Perceba-se que a Figura 1 detém apenas um nóculo sintático que é SX à medida que a Figura 2 possui dois nóculos, visto que, além do SX, ela também contém o SY:

Figura 2 - Representação Arbórea do Domínio de C-comando e C-comando Assimétrico



Fonte: Adaptado de Kenedy (2013, p. 273).

⁶⁸ SX é um constituinte sintagmático de onde se ramificam mais dois constituintes que são α e SY. Deste, por sua vez, se ramificam mais dois constituintes os quais são Y e β . Enquanto SX domina simultaneamente α e β e entre eles igualmente SY e Y, SY domina Y e β , mas não a α e muito menos a SX ao qual é dominado. SY, no caso, embora não domine α , c-comanda-o e é simultaneamente c-comandado por ele dentro de uma relação de c-comando simétrico. Por outro lado, α c-comanda β sem ser c-comandado por ele por estar numa posição hierárquica superior na árvore ao passo que β não c-comanda α ; do contrário, é c-comandado por ele porque está locado em um nó inferior na estrutura hierárquica. Nesse caso temos uma relação de c-comando assimétrico entre α e β em que um apenas c-comanda e o outro é c-comandado.

Para procedermos, pois, com essa diferenciação, observemos que, na Figura 1, α e β são irmãos por estarem, *pari passu*, no mesmo nível hierárquico e estrutural, não sendo nem filho nem mãe um do outro, situação que permite que um c-comande o outro, já que nenhum dos dois se dominam, pois estão irmanados. É essencial lembrar que o c-comando é inversamente proporcional ou incompatível com a dominância de modo a jamais coexistirem as duas relações no relacionamento que se é estabelecido por um grupo de constituintes sintagmáticos. Em casos como esse se tem a situação de c-comando simétrico, quando cada um dos constituintes c-comandam o outro que é seu irmão. O que garante, restando de sobejo comprovado, que um c-comanda o outro é que o primeiro nó que domina imediatamente β , o SX, também domina α de tal sorte que o percurso lógico que nos conduz de α para β também nos conduzirá pelo caminho inverso de β para α .

Já em pertinência à Figura 2, não temos essa simetria pelo mérito de apenas α exercer c-comando sobre β , sendo este c-comandado por aquele que é seu c-comandante. Isso procede em virtude do encaixamento do constituinte SY que criou uma nova relação de dominância que engendra novos enraizamentos na estrutura sintática em questão. Apesar de o primeiro nó imediatamente superior a α , que é o SX, dominar o próprio α juntamente com β , garantindo que α c-comande β ; o primeiro nó sintático que parte verticalmente de β , o qual é o SY, embora domine imediatamente β , não domina igualmente α , fator que não satisfaz as condições impostas em ‘b)’ para a instauração da relação de c-comando a partir de β que não pode, portanto, c-comandar α . Assim posto, tem-se o que os gerativistas designam por c-comando assimétrico, dado que α c-comanda β , mas β não c-comanda α .

Para entendermos a definição de Ligação, precisamos ainda compreender claramente o que são *índices* e o que é *indexação*. Anteriormente, porém, é oportuno que esclareçamos o que é e quais são os *mecanismos de indexação*. De acordo com Raposo (1998) existem três mecanismos de atribuição de índices, o mesmo que indexar, quais sejam:

(13) MECANISMOS DE INDEXAÇÃO

- (i) Co-indexação por mover α ;
- (ii) Indexação Livre;
- (iii) Concordância.

Para fins desta pesquisa, interessa apenas tratar e esmiuçar (ii) (p. 246). Antes de tudo, indexar é apor o mesmo índice de um nominal em outro nominativo a fim de

indicar que ambos aludem à mesma entidade do universo extralinguístico. Índice, por sua vez, corresponde ao sinal gráfico inscrito sob certo sintagma nominal que indica que ele tem potencial de referência com outro NP na sentença ou para além dela, no discurso. Por detrás desses conceitos, persiste a ideia de *atribuição livre de um índice arbitrário*, o qual carrega o entendimento de que qualquer índice pode ser atribuído a qualquer DP, inclusive que índices idênticos podem ser vinculados a DPs distintos, de sorte que todo DP com potencial de referência dentro de uma determinada posição argumental, entre os quais se incluem até mesmo os pronomes e as anáforas (reflexivos ou recíprocos), são passíveis de receber livremente um índice arbitrário em estrutura-D⁶⁹. *Indexação Livre*, dentro dessa lógica, portanto, caracteriza o mecanismo de se escolher um ou mais índices quaisquer que sejam com vistas a atribuí-lo(s) e alocá-lo(s) a certos NPs. Quando esses índices são iguais e designados a subscrever dois ou mais NPs, tem-se o que se consagra como correferência. Entretanto, a subscrição de índices diferentes entre determinados NPs que se pretende associar arrematam o que é consagrado como *referência disjunta*. Os índices, aliás, podem ser escolhidos arbitrariamente por aquele que quer designar ou explicitar a correferência pretendida, ficando inclusive a seu cargo a eleição da letra do alfabeto, que pode ser qualquer uma das constantes nele, a ser empregada enquanto índice da palavra e/ou expressão a ser correferenciada.

Clarificados esses pormenores, pode-se definir formalmente o que é *antecedente* de um *elemento referencialmente dependente*. “O antecedente de um DP *a* é um DP *b* com um índice idêntico” (RAPOSO, 1998, p. 243). Por sua vez, a forma remissiva do DP *b*, por exemplo, é o DP *a*, ou um pronome ou *pro* ou outra categoria gramatical que aluda e correlacione sua referida carga semântica e morfossintática ao nominal tido como antecedente. Desta maneira, *forma remissiva e antecedente* (ou *poscedente* para as catáforas como eu bem já sugeri como alternativa à nomenclatura deste caso específico, por sinal tido como foco de estudo desta pesquisa) compreendem as duas entidades que se consagram como correferentes e as quais compõem juntas o fenômeno da correferência.

Bem, a partir de toda essa gama de conceitos explorados e minuciosamente explicados até então, resta plausível definir o que seja o fenômeno da ligação que envolve a ação dos princípios, tais como o Princípio C, e os meios pelos quais eles são acionados e/ou operacionalizados no ato de ligar de dois termos ou expressões linguísticas

⁶⁹ A forma física elegida é algo que é aberto ao teorizador ou pensador da área de maneira que a natureza do índice é inteiramente arbitrária e pluriforme, podendo ser um número, uma letra, um algarismo ou qualquer outro símbolo gráfico, escrito ou imagético.

potencialmente correferentes no escopo da sentença, isto é, no âmbito da representação sentencial e, como também não deixa de ser, do processamento da linguagem como veremos logo adiante.

2.2.7 Definição do que É Ligação

De posse disso, há condições suficientes agora de se definir o que seja *ligação* cuja definição é acompanhada logo abaixo (RAPOSO, 1998, p. 253):

(14) LIGAÇÃO

Uma categoria A *liga* uma categoria B sse:

- (i) A é co-indexado com B; e
- (ii) A c-comanda B.

Se essas condições são satisfeitas podemos dizer que a categoria B é ligada⁷⁰ à categoria A tanto nas situações em que ocorre c-comando simétrico quanto naquelas em que sucede o assimétrico. Ainda assim, só se pode afirmar que a recíproca é verdadeira, de maneira que A é ligado a B na mesma proporção e do mesmo modo que B é ligado a A, se houver c-comando assimétrico. Sabendo-se disso, torna-se mais fácil compreender o conceito a permear a liberdade entre duas categorias, o que corresponde ao processo oposto ao da ligação. Isso colocado, é concebível afirmar, segundo Raposo (1998, p. 254), que uma categoria B é *livre* de uma categoria A sse:

- (15) (i) A não é co-indexado com B; ou
- (ii) A não c-comanda B.

Compreendidos os conceitos de c-comando e de ligação, antes de mergulharmos propriamente na conceituação dos princípios da Teoria da Ligação, e mais detidamente no Princípio C que está envolvido nos interesses desta inculca, passemos para a discussão acerca do significado do que seja categoria de regência

⁷⁰ Estando essas relações clarificadas e os seus conceitos ou definições subjacentes mais detidamente esmiuçados, cabe agora declarar, sem o risco de não compreensão por parte do leitor, que um NP ou sintagma nominal ligado corresponde a um NP que está sendo c-comandado pelo seu antecedente, ou poscedente no que se aqui convencionou como nomenclatura em termos de relações correferenciais catafóricas. Nesse panorama, o antecedente figura, pois, como ligador de sua forma remissiva.

cuja compreensão é fundamental para que a natureza da identidade de tais princípios seja assimilada com o pleno absorvimento das propriedades e características intrínsecas ao seu conceito. Então, conforme Miotto, Silva e Lopes (2013, p. 215) assim está posta a definição sobre tal entidade:

(16) CATEGORIA DE REGÊNCIA

A categoria de regência de α é o XP ⁷¹ mínimo que contém α , o regente de α e:

- (i) um sujeito que é distinto de α e que não contém α ; ou
- (ii) a flexão que atribui Caso Nominativo para α .

Em dizeres mais simples, a categoria de regência de um elemento nominativo, ou simplesmente nominal, é o menor NP ou cláusula finita que propriamente contém tal elemento (KAZANINA, 2005, p. 8).

2.2.8 Apresentando, Definindo e Explicando o Princípio C

A partir de agora, que se há ciência de todos esses importantes conceitos e que se sabe principalmente o que é *c-comando*, *categoria de regência* e *ligação*, estão reunidos os meios suficientes para que seja possível confrontar os princípios que regem a Teoria da Ligação os quais são três: os Princípios A, B e C⁷². Portanto, sabendo-se que o Princípio C versa acerca das possibilidades de ligação que podem ser feitas em torno de um nome, um nominativo ou nominal, isto é, de uma expressão-R a fim de que haja correferência, seja através de dois nomes que se liguem ou não entre si seja por meio de um nome e um pronome que o preceda, ligando ou não a dita expressão referencial sucessiva, em acórdância com o relatado por Miotto, Silva e Lopes (2013, p. 221, grifo meu):

⁷¹ Considere XP como sendo um sintagma indefinido cujo X representa uma designação geral e abstrata para fins exemplificativos em notação inglesa, podendo ser, por exemplo, um N para formar um NP (Nominal Phrase) ou talvez um V a constituir um VP (Verbal Phrase) ou ainda um PP (Prepositional Phrase). Os NPs correspondem em português aos SNs (Sintagmas Nominais), assim como os VPs são os correlatos dos SVs (Sintagmas Verbais) e os PPs aos SPs (Sintagmas Preposicionais) em termos de nomenclatura vernácula. Ainda existem também em inglês os APs (Adjective Phrases) que compreendem os SAs ou SAdjs (Sintagmas Adjetivais) e os AdvP (Adverb Phrases) que comportam os SAdvS (Sintagmas Adverbiais). Para a compreensão mais aprofundada desta classificação sintagmática, em relação às estruturas das diversas categorias em que se incluem os sintagmas em português brasileiro, admoesta-se o leitor a estudar Castilho (2010, p. 391-610) a fim de que haja o entendimento acerca da estruturação dos sintagmas.

⁷² O Princípio C corresponde a uma restrição ou *constraint* de longa distância sobre a correferência com um escopo não ligado ou não amarrado (KAZANINA, 2005, p. 6).

(17) PRINCÍPIOS DE LIGAÇÃO⁷³

- ✚ Princípio A: uma anáfora tem que estar ligada em sua categoria de regência;
- ✚ Princípio B: um pronome tem que estar livre em sua categoria de regência;
- ✚ **Princípio C: uma expressão-R tem que estar livre⁷⁴.**

(CHOMSKY, 1981)

Apenas e tão somente o último princípio mencionado nos interessa saber, uma vez que o experimento a compor esta inquirição valer-se-á dele para alcançar os objetivos almejados em total observância às metas traçadas.

Em face disso, as explicações técnicas e teóricas adiante se restringirão tão unicamente aos esclarecimentos os quais se fizerem indispensáveis em volta desse arrolado princípio.

Diante da definição acima exposta acerca do terceiro princípio, consoante esclarecido por Kazanina (2005, p. 9, grifo meu) “*In Chomsky (1981) Principle C was formulated as a condition on R-expressions which stated that **an R-expression cannot corefer with a nominal that c-commands it***”⁷⁵.

O princípio em testilha preconiza que um nominal ou expressão referencial por ser um item linguístico ou lexical autodenotante e referencialmente independente, isto é, inteiramente autônomo quer discursiva quer sentencialmente, tem de estar livre dentro e fora da estrutura da sentença à qual pertence e em relação às sentenças que orbitam em torno de suas fronteiras, ou seja, a expressão-R não pode estar ligada na sentença a qual integra e nem se ligar a qualquer outro elemento ou termo linguístico presente na sentença imediatamente vinculada à sua própria, seja ela encaixada como coordenada, subordinada ou justaposta.

Da regra existente por trás desse princípio, depreende-se ainda que uma expressão-R, à custa de ter autonomia referencial, não precisa de antecedente, embora nada a proíba de ter desde que esteja presente em uma sentença para além da sua e da que orbita imediatamente em torno da qual está inserida.

⁷³ Na introdutória, não obstante contributiva obra de Kenedy (2013, p. 270), bastante enriquecedora para a técnica literatura gerativa nacional, o leitor pode consultar uma definição mais didática dos princípios de ligação em uma linguagem mais simples e acessível, especialmente para os calouros e estudantes em fase inicial.

⁷⁴ Dito de modo mais completo, no tangente ao Princípio C, uma expressão nominal deve estar livre, o que implica dizer que não deve estar ligada (KAZANINA, 2005, p. 7).

⁷⁵ A tradução para o português é a seguinte: “Em Chomsky (1981) o Princípio C foi formulado como uma condição sobre as expressões-R que estabelece que **uma expressão-R não pode correferir com um nominal que a c-comanda**” (KAZANINA, 2005, p. 9, tradução minha).

É o que ocorre particularmente no design do experimento desenvolvido nesta pesquisa em que o pronome está inserto na primeira sentença subordinada à medida que o seu único possível antecedente, o nome próprio ('Regina' por exemplo), funcionando como a expressão-R, está alocado na terceira sentença manifestada afrente da abridora e de uma outra, a segunda sentença, a qual orbita imediatamente após a fronteira daquela introdutória em que se aloca o pronome pessoal enquanto forma remissiva do antecedente e a qual está encaixada entre essas duas orações a formar o período composto estruturado para investigação.

Isso tudo implica na constatação de que se houver algum antecedente para a expressão-R, ele, o poscedente como se convencionou cá chamar, não pode c-comandar o NP ou expressão referencial em nenhum domínio. Tais características então culminam no traçamento das seguintes propriedades para os DPs lexicais circunstanciados enquanto nomes próprios ou comuns, as famosas expressões referenciais: [- anafórico, - pronominal] em virtude de haver um complexo identitário e perfilador ou definidor do caráter nominal que o exclui das propriedades constitutivas tanto das anáforas quanto dos pronomes como bem comprovado pelo confronto dos dois primeiros princípios, A e B, com o Princípio C os quais revelam uma relação excludente entre aqueles e este dentro de uma distribuição complementar.

A propósito, o Princípio C⁷⁶, depois de sua formulação inicial em Chomsky (1981), seja dito de passagem, teve sua proposta doutrinária modificada e refinada em variadas ocasiões – sendo muitas delas um tanto substanciais – a começar pelo próprio idealizador (ex. gr. CHOMSKY, 1986b) que as conduziu à luz de sua visão original de que as mencionadas restrições principiológicas, em respeito à distribuição dos nominativos, são de natureza sintática.

Por outro lado, todavia, tendo em vista que nem todas as *constraints* incidentes sobre as dependências e relações referenciais são sintáticas (cf. KUNO, 1987; LASNIK, 1989), uma vez que a ordem linear das palavras no estabelecimento dessas relações, a qual porventura seja irrelevante para a sintaxe, i. e., dentro do domínio sintático, em diversas circunstâncias tem um proeminente papel em determinar se a correferência é avaliável ou plausível de manifestar-se e de existir em um level interpretativo extrassintático, usualmente denominado como discursivo; objeções contra tal princípio chomskiano, tal como formulado, ou pelo menos contra a natureza estritamente sintática das *constraints* como levantadas

⁷⁶ Importantes avaliações e comentários acerca dos três princípios – Princípios A, B e C – são feitos por Levinson (1991) que revisita os princípios de ligação chomskianos à luz de suas respectivas reduções ocasionadas por considerações de caráter pragmático.

tem sido, emergiram com vistas a questionar a veracidade, a universalidade ou pelo menos a abrangência do embrionariamente impulsionado pelo Princípio C desde os primórdios de sua concepção.

Um desses questionamentos iniciais, uma das primeiras críticas esboçadas, aliás, pode ser constatado no ponderado por Evans (1980) que demonstrou uma aparente violação para o terceiro princípio da Teoria da Ligação a manifestar-se nas correferências envolvendo o caso genitivo – a ocorrer em língua inglesa através do uso do *'s* (*apóstrofo s*) em que se designa relação de posse – entre um dos correferentes.

Esse estudioso revela que, em expressões como em (18a), o referente *'Ann's'* é c-comandado pelo seu antecedente *'Ann'* dentro do domínio local dele, i. e., na mesma categoria de regência e assim mesmo a correferência entre ambos é normalmente gerada, permitida e aceitável. O mesmo ocorre em (18b) em que a última menção de *'Bill'* correferencia com o penúltimo nominal *'Bill'* o qual é mencionado de sorte que os dois nominativos *'Bill'* se referem à mesma pessoa do universo discursivo, e no âmbito pragmático em específico, dentro do qual são formulados. É evidente, claro, que não há uma correferência clássica, nesses casos, no sentido de ser instaurada entre um pronome e um nome. O que há é uma correferência entre dois nomes e/ou nominativos que são homônimos entre si:

- (18) a) *Ann_i told Mary that Ann_i's mother is a spy*⁷⁷;
 b) *I know what John and Bill have in common. John thinks that Bill is terrific and Bill thinks that Bill is terrific*⁷⁸.
 (EVANS, 1980, p. 356; KAZANINA, 2005, p. 10)

Outros óbices, além desse nascente ou rudimentar, foram instados perante a validade ou ao menos diante da universalidade do Princípio C tal como preconizado originalmente no início da década de 80. Lasnik (1986 apud KAZANINA, 2005, p. 10s.)

⁷⁷ Tradução para o português desse primeiro período frasal: a) *"Ann (Ana) disse a Mary (Maria) que a mãe de Ann é uma espiã"*. Embora essa construção não seja factível em português pelo menos se se considerar que os dois vocábulos *'Ann'* são correferentes, *id. est.*, que remetem à mesma pessoa chamada Ann. A estrutura tal como está em português é permitida caso se esteja tratando de duas pessoas diferentes que possuam o mesmo nome de *'Ana'* de modo tal que a primeira *'Ana'* está falando a *'Maria'* sobre a mãe de uma outra mulher igualmente chamada por *'Ana'* (KAZANINA, 2005, p. 10, tradução minha).

⁷⁸ Tradução portuguesa desse segundo período: b) *"Eu sei o que John (João) e Bill (Guilherme) têm em comum. John acha que Bill é terrível e Bill acha que Bill é terrível"* (EVANS, 1980, p. 356, tradução minha). Esse tipo de construção linguística, diferentemente da anterior, é tanto possível em inglês quanto plausível em português, admitindo-se que todas as menções a *'Bill'* aludem à mesma pessoa ou ente da esfera discursiva de maneira que todos os nomes próprios de *'Bill'* são correferentes entre si, inclusive os dois últimos que violam o postulado pelo Princípio C nesta circunstância específica.

demonstrou que em tailandês e em vietnamita uma expressão-R pode ser ligada a outra expressão referencial fora de sua categoria de regência, assim como mostrou, de maneira bastante pertinente, que uma expressão-R pode ser ligada até mesmo localmente, dentro de seu domínio, em thai⁷⁹. Mais importante ainda foi ter revelado que, em ambos os idiomas, uma expressão-R não pode ser ligada por um pronome seja em um domínio local seja em um não local no tangente à sua categoria de regência.

Em decorrência dessas constatações de imediato acima elencadas, posteriormente Lasnik (1991) reformulou o Princípio C, subdividindo-o em duas subpartes que foram reescritas e reeditadas como a seguir:

(19) PRINCÍPIO C

- (i) Uma expressão-R deve ser livre;
- (ii) Um pronome não deve ligar uma expressão-R.

(LASNIK, 1991)

Essa reedição é lançada (LASNIK, 1991) depois de seu próprio proponente ter sugerido que o fenômeno da ligação incorpora uma proibição geral de que nominais mais referenciais não podem ser ligados por nominativos menos referenciais de maneira tal que a parte (ii) acima pode ser enxergada como uma instanciação desse fator proibitivo (LASNIK, 1986 apud KAZANINA, 2005, p. 10s.).

Lasnik argumenta a partir de então, com essa reformulação, que apenas a parcela (ii) do Princípio C é universal à proporção que a parte (i), por sua vez, é sujeita à parametrização translinguística, sendo positivada em algumas línguas tais como o inglês enquanto em outras não a exemplo do tailandês.

Evidenciado isso, que seja frisado que eu me valho dessa concepção mais sofisticada e atualizada do Princípio C no encaminhamento desta minha pesquisa. É tanto que os estímulos experimentais foram projetados de tal forma que a correferência catafórica a qual foi programada de se firmar foi elaborada em torno da sequência correferencial de *pronome-nome* e jamais de nome-nome. Desta forma, sempre um dos correferentes corresponde a um pronome, o pessoal catafórico, que funciona como forma remissiva e primeiro referente ao passo que o outro alude a um nominal ou NP, o nome próprio de pessoa física, que exerce a função de antecedente, o poscedente como se compactuou denominar.

⁷⁹ O mesmo que tailandês ou siamês, a língua oficial da Tailândia.

De todo modo, sendo exclusivamente a correferência catafórica como de interesse desta diligência, averiguar-se-á a seguir a classificação da catáfora restritamente em português brasileiro a qual é estruturada segundo critérios que consideram a natureza da forma remissiva perante seu antecedente (aclamado poscedente convencionalmente), se são *pronomes*, expressões referenciais ou nominais, *adjetivos* e/ou *advérbios* e até *elementos inferenciais*.

2.2.9 Classificações da Catáfora e Correferência Catafórica em Português Brasileiro: Contributos Advindos da Linguística Textual

Com sustentáculo nesses estudos, Fernandes (2010), em sua dissertação de mestrado, a partir de um levantamento de dados embasado na metodologia da análise de corpus e nas teorias linguísticas advindas da Linguística Textual, evidenciou que a referenciação ou correferência catafórica pode ser subdividida em três tipos: *pronominal*, *nominal* e *associativa*.

Citando Koch (2006), a qual afirma que a referenciação é passível de ser realizada por formas gramaticais as quais exercem a “função pronome” – a exemplo dos pronomes, numerais e advérbios – em derredor de uma operação nomeada pela Linguística de pronominalização, a referida autora classifica a *catáfora pronominal* como a espécie de catáfora em que as formas remissivas são *pronomes pessoais*, *demonstrativos*, *indefinidos*, *advérbios* e *numerais* e o referente textual ou antecedente está subsequentemente explícito no contexto sob a disposição de um nome ou sintagma nominal. Nesse espécime de catáfora, a forma remissiva ou elemento catafórico corresponde a uma forma gramatical com função de pronome, isto é, que está no lugar do nome.

Por sua vez, Fernandes (2010) define a *catáfora nominal* como sendo aquela em que a forma remissiva catafórica é composta por uma expressão nominal e o referente textual ou antecedente também está explícito no contexto na condição também de sintagma nominal, considerando que se compreendem por *expressão nominal* os *grupos nominais*, as *descrições nominais* ou as *formas nominais*.

Quanto ao que seja expressão nominal, Koch e Elias (2009) declaram ser aquelas expressões que denotam ter um núcleo nominal – substantivo – que seja ou não seguido de determinantes – artigos, pronomes adjetivos e numerais – e/ou de modificadores (adjetivos, locuções adjetivas e orações adjetivas). Elas ainda classificam as expressões nominais em *definidas* e *indefinidas*, sendo *definidas* quando delimitadas por um *determinante definido* –

artigo definido ou pronome demonstrativo – e acompanhadas por um *nome*, e *indefinidas* quando são introduzidas por *artigo indefinido*.

Sequencialmente, ele conceitua a *catáfora associativa* como sendo uma espécie particular e delicada de relação endofórica em que o referente da forma remissiva catafórica não se atualiza concretamente na superfície do texto, em outros termos, não se manifesta pronta e visualmente dentro dele, não havendo menção a um objeto em particular ou a informações formuladas explicitamente. Cabe então ao leitor ou ouvinte através da ativação de seu conhecimento de mundo, supostamente partilhado com o meio, promover e instituir, por inferência, a correlação referencial entre os dois termos referentes e, com isso, construir e integrar o sentido do texto como um todo (cf. FERNANDES, 2010, p. 37-51 e 77-96).

Depois de termos conceituado o fenômeno da referência, da correferenciação e da correferência catafórica juntamente com sua classificação em português brasileiro, em sintonia com o embasamento teórico da Linguística Gerativa⁸⁰, e especialmente após haver sido o Princípio C definido dentro da classe dos princípios sintáticos, do qual faz parte e integra, e em imersão ao contexto das designadas relações de c-comando e ligação ao qual está subordinado, é mais que oportuno que resenhemos como a gama de estudos, até então depreendidos acerca desse jaez de relacionamento correferencial, passou a ser, nos últimos tempos, espreitada por outra vertente da Ciência Linguística, a Psicolinguística e o Processamento Linguístico, e como a correferência é junto a esta definida. É o que se fará na subseção que se segue.

2.3 OS TRAÇOS-PHI (Φ) DE GÊNERO SEGUNDO O GERATIVISMO

Inicialmente, é vital ressaltar que a compreensão do conceito subjacente aos *traços-phi* (ϕ) de gênero perpassa o entendimento antecipado de distintos conceitos concernentes a demais manifestações e/ou domínios inerentes ao funcionamento da linguagem. Estes compreendem, por exemplo, a definição de Representação Fonética e Lógica, Derivação, Léxico, Sistema Computacional e de traços formais dentre outras questões que serão então abordadas.

⁸⁰ Se o leitor almejar entender como se dá a relação entre linguagem e pensamento, poderá fazer a consulta de uma obra do próprio autor fundador desse pilar (CHOMSKY, 1977b). Já para compreender o que é Linguística Cartesiana e qual o papel do pensamento racionalista em meio à gestação do Gerativismo, gentilmente conclama-se o leitor a ler Chomsky (1972) para uma ampliação e aprofundamento dos conhecimentos inerentes a essa escola linguística.

Isso pontuado, a linguagem humana é caracterizada pela relação biunívoca entre som e significado, constituindo-se, como já afirmava Saussure (1916/2006) segundo a tradição do Estruturalismo, enquanto um sistema de signos identificado por meio da união indissociável entre o significante (som) e o significado (conceito) que são vinculados por uma palavra ou expressão linguística em meio a um vínculo entre forma e conteúdo. Como um sistema, portanto, a linguagem é plenamente organizada e sistemática em suas operações de forma que possui regras e princípios bem estabelecidos quanto ao seu funcionamento as quais geram expressões linguísticas de modo ordenado, sistematizado e previsível a partir de uma lógica finamente orientada. Daí, tais expressões são geradas pelo sistema da língua(gem) através da associação entre uma dada forma, notadamente o som, isto é, o conjunto sonoro (ou o gesto na linguagem de sinais) e determinado conteúdo semântico, especificamente a ideia, ou seja, o significado pensado ou intuído. Logo, a cadeia sonora compreende a **representação fonética**, sendo representada pelo símbolo (π), enquanto que o conteúdo é compreendido como a **representação lógica** e simbolizado por (λ) de maneira que o par (π, λ) integra a díade som e significado (KENEDY, 2013, p. 115ss.)

Ora, toda vez que a linguagem, que é um sistema cognitivo e, porquanto, um módulo, produz pares (π, λ), ela precisa operar com eles para além de seus domínios, haja vista que a linguagem serve à comunicação, não se confundindo com esta, e à interação social, o que implica no acionamento da ação de outros sistemas cognitivos constituintes da mente humana, os **sistemas de interface**. Assim, estes são os módulos da cognição humana os quais interagem, de forma interdependente, com o módulo da linguagem, sendo divididos em dois, a saber, o **sistema articulatório-perceptual** que interage com a representação fonética do par (π, λ) a qual é produzida pelo módulo da linguagem e o **sistema conceitual-intencional** que, por sua vez, mantém interface com a representação lógica dessa díada (cf. HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002).

Bem, o sistema conceitual-intencional abarca as funções cognitivas superiores relativas ao raciocínio e ao pensamento humano, compreendendo as crenças, desejos e se referindo a conceitos, intencionalidades, bem como a motivações comunicativas. Já o sistema articulatório-perceptual abrange as funções cognitivas responsáveis por controlar e gerir tanto a produção quanto a recepção de unidades linguísticas por intermédio da articulação e percepção, pelos órgãos sensoriais e os sentidos humanos, de sons, gestos e/ou sinais visuais (KENEDY, 2013, p. 118ss.).

Sabe-se que os sistemas de interface são alimentados constantemente pelo sistema da linguagem em meio a um processo contínuo, permanente e interdependente de maneira que

este é pressionado pelas imposições daqueles as quais são necessárias para manter seja a regularidade seja o ordenamento na produção das representações mentais relativas ao par (π, λ) . Tamanha ordem, a propósito, é garantida pelos sistemas de interface a partir de uma imposição superior conhecida como Princípio da Interpretabilidade Plena que aduz ser fundamental e preciso que o módulo da linguagem encaminhe para os sistemas de desempenho representações que sejam legíveis, pois os sistemas de interface devem sempre considerá-las interpretáveis, além do que processáveis a fim de que haja convergência entre os sistemas. Quando, pois, isso ocorre e o princípio é satisfeito, diz-se que as representações (π, λ) são convergentes e, então, gramaticais, havendo gramaticalidade nas palavras, morfemas, sintagmas, expressões ou sentenças geradas; à proporção que quando o princípio é violado tais representações falham, não sendo convergentes e tampouco gramaticais, o que gera, por exemplo, agramaticalidade das sentenças em que se pese aliás considerar estas, as cláusulas formadas, como um dos possíveis produtos concretos das próprias representações do par (π, λ) (KENEDY, 2013, p. 122ss.).

Com efeito, para que essas representações, tanto a fonética quanto a lógica, possam ser geradas harmonicamente e sem maiores empecilhos de maneira a alimentar contínua e otimamente ambos os sistemas de interface, é preciso que uma série de operações orientadas por leis e/ou normas sejam previamente realizadas pelo módulo da linguagem a ponto de conseguir prover tais sistemas com os recursos tanto exigidos quanto necessários dentro de um processo complexo denominado de **derivação** junto ao qual diversos componentes da linguagem desempenham uma função bem específica. A derivação representa, pois, o processo computacional através do qual a linguagem humana edifica as representações fonéticas e lógicas que serão submetidas ao crivo das interfaces a partir de uma sucessão de tarefas ordenadas que vão desde a seleção das palavras a constituir uma determinada frase ou sentença e da combinação de palavras em sintagmas e orações a compor o influxo linguístico até as especificações das coordenadas e características fonéticas e lógicas compreendentes do par (π, λ) da díade própria do módulo da linguagem (KENEDY, 2013, p. 124).

Assim, cada etapa desse processo da derivação pela qual perpassa a construção das representações fica a encargo de um componente específico da linguagem. O primeiro destes componentes que é acionado pelo processo da derivação corresponde ao **Léxico** que reúne e deposita todas as informações referentes ao som e ao significado dos itens lexicais, considerados em isolado, os quais são constituintes de uma língua natural. Nesses termos, porquanto, o léxico mental compreende o repositório das informações linguísticas, tecnicamente intituladas de traços, que originam as representações (π, λ) , sendo tais traços

idiossincráticos e arbitrariamente variáveis de língua para língua, fato que constitui a diversidade linguística existente no mundo. Logo, o Léxico não é composto apenas por palavras de maneira tal que ele contém especificações concernentes a sons e significados de morfemas no geral, de expressões idiomáticas e de frases feitas tais como provérbios e estruturas terminológicas cristalizadas (KENEDY, 2013, p. 125).

Em sequência, o segundo circuito integrante do módulo da linguagem além do Léxico é o **Sistema Computacional** cuja função consiste em acessar e combinar os traços oriundos do Léxico de modo a convertê-los em representações sintáticas complexas, advindo daí a propriedade fundamental da linguagem correspondente à infinitude discreta. Assim sendo, o Sistema Computacional compreende um componente da linguagem humana que opera através de diversas operações internas. A primeira delas corresponde à **Seleção**. Conforme pontua Kenedy (2013, p. 130, grifo do autor), “Selecionar (do inglês *Select*) é a operação que retira um item lexical da Numeração e o introduz no espaço derivacional.” E completa ainda que “Um espaço derivacional é o conjunto de itens que estão ativos durante a derivação e podem ser acessados pelas operações computacionais do Sistema.” (KENEDY, 2013. p. 130).

Já a **Numeração** corresponde a um subconjunto do Léxico sobre o qual o Sistema Computacional aplicará a Seleção e também, segundo Kenedy (2013, p. 130), integra o “conjunto de itens retirados do Léxico que devem alimentar a derivação de uma representação linguística específica.” Uma vez estando os itens dispostos no espaço derivacional, procede a segunda operação computacional denominada de **Merge** que é incumbida de combinar e/ou concatenar tais itens lexicais entre si de forma tal que sejam criados objetos sintáticos complexos que nem os sintagmas, sentenças e frases.

Em seguida, entra em cena a terceira operação do sistema chamada de **Move** cujo propósito é deslocar e/ou mover determinado objeto sintático complexo então formado no espaço derivacional de uma dada posição para outra dentro da representação que está sendo gerada, isto é, *Move*, na realidade, caracteriza-se como uma manifestação especializada de *Merge*, uma forma especial de sua própria aplicação ou execução em meio ao sistema, que retira certo objeto criado no espaço derivacional de sua posição sintática original a fim de deslocá-lo para uma outra posição sintática mais distante desse espaço dentro do qual a representação está sendo construída.

Finalmente, a última operação, categorizada como **Spell-Out**, é iniciada, sendo sua função identificar o momento em que uma derivação em curso atinge o ponto de ser enviada para os sistemas ou circuitos componentes do módulo da linguagem que lidam mais diretamente com as interfaces, com os domínios externos à linguagem. Desse modo, *Spell-Out*

compreende uma encruzilhada, ou seja, um ponto de bifurcação do processo de derivação cuja missão é centrada em retirar a derivação do próprio Sistema Computacional com o objetivo de remetê-lo aos circuitos da **Forma Fonética (FF)** e da **Forma Lógica (FL)**, as duas últimas engrenagens da arquitetura da linguagem humana (KENEDY, 2013, p. 129-133).

A essa altura, reste dito que as **FF** e **FL** caracterizam-se por estabelecer a conexão entre as representações construídas pelo Sistema Computacional e as interfaces articulatorio-perceptual e conceitual-intencional, intermediando a passagem e/ou transação de tais representações, notoriamente as do par (π, λ) , de um sistema ou circuito interno ao módulo da linguagem para outros sistemas cognitivos externos a ele, isto é, à linguagem. Assim colocado, a FF compreende a componente da linguagem incumbida de organizar as informações relativas ao som ou aos sinais, caso se considere a língua de sinais dos surdos tal qual a Língua Brasileira de Sinais – Libras, das representações do par (π, λ) engendrado pelo Sistema Computacional. Enquanto isso, a FL corresponde ao componente lógico da arquitetura linguística cuja responsabilidade recai sobre a organização referente ao significado ou à semântica dessas representações (KENEDY, 2013, p. 133).

Em face do quadro então abordado, restou pragmaticamente explicado como as representações linguísticas (π, λ) – que podem aludir a um morfema, palavra, expressão idiomática ou qualquer outro item lexical – são elaboradas no interior do Sistema Computacional, a partir do acesso a informações linguísticas retiradas do Léxico, para assim serem remetidas até as Formas Fonética e Lógica, sendo o Léxico⁸¹ e o Sistema Computacional os componentes essenciais da Língua-I instanciada na mente do ser humano (cf. CHOMSKY, 1995).

Ademais, por mais que o Léxico tenha sido abordado e que se tenha explanado acerca da operação que envolve este componente da linguagem, insta ainda caracterizar a composição do Léxico porque aí reside o cerne da caracterização dos *traços-phi* (ϕ) de gênero. Com efeito, o léxico mental, como descrito antes, compõe-se de **traços**. Logo, o que eles são afinal? Bom, os traços correspondem quer aos valores quer às informações que se mantêm codificados no léxico mental de uma determinada língua a ponto de cada unidade constitutiva do Léxico, ou seja, de cada item lexical ser categorizado como um composto de traços. Em outras palavras, os traços são as unidades que compõem os itens lexicais que, por seu turno, integram o repositório do Léxico, aludindo ao conjunto de informações que

⁸¹ Estude Rooryck e Zaring (c1996) para aprender mais profundamente sobre a relação entre estrutura sintagmática e o léxico mental, o que também implica no melhor entendimento do vínculo operacional estabelecido entre o Léxico e o sistema Computacional da Língua-I.

compõem os morfemas, palavras e expressões que estão estocadas na mente humana e que se encontram acessadas pelo Sistema Computacional durante o decurso da derivação de representações linguísticas (cf. KENEDY, 2013, p. 135ss.). Ora, sumariamente, nos termos de Kenedy (2013, p. 137, grifo meu):

O termo traço refere-se ao conjunto de informações que estão codificadas num item lexical qualquer. Por exemplo, uma palavra como “casa” possui, dentre outros, o traço [feminino] especificando o seu gênero, o traço [3ª pessoa] que especifica sua posição no discurso e o traço [singular] que caracteriza o seu número gramatical. São muitos os traços linguísticos que compõem um item lexical simples – como “casa” ou qualquer outro.

De outra perspectiva, conforme pontuado por Carvalho (2012, p. 113ss.), os traços são entidades idealizadas como propriedades atômicas constitutivas da gramática, sendo as unidades mínimas ou subcategorias que compõem as categorias linguísticas e/ou núcleos lexicais (a exemplo dos Nomes [N], Verbos [V], Adjetivos [A] e Preposições [P]), sendo os elementos primitivos da gramática. Por sua vez, os traços são classificados em três categorias distintas, quais sejam, **traços semânticos, fonológicos e formais** (q.v. KENEDY, 2012, p. 41ss., 2013, p. 137).

Assim dito, os traços semânticos inclusos em um certo item lexical responsabilizam-se por firmar as relações entre o sistema da língua – ou o módulo da linguagem de outro modo mencionado – e o sistema de interface conceitual-intencional o qual é externo à linguagem. Da mesma forma, os traços fonológicos presentes em um item são encarregados de estabelecer as devidas relações entre a língua e o sistema perceptual-articulatório de modo a permitir que tais itens possam ser devidamente manipulados pelo aparato sensório-motor humano que inclui principalmente o aparelho fonador. Já os traços formais são aqueles que, pertencentes a um dado item lexical, incumbem-se de codificar as informações, naturalmente fundamentais e indispensáveis à computação, as quais devem ser acessadas e manejadas pelo Sistema Computacional no decurso do funcionamento da cognição linguística humana a fim de que haja provimento das interfaces linguísticas com o combustível primordial do processo computacional: os sintagmas e sentenças (cf. CHOMSKY, 1995, 2007b, 2011).

À luz disso, os traços formais são aqueles que direta e estreitamente se relacionam com o Sistema Computacional, uma vez que o sistema é orientado pelos traços quanto às relações sintáticas a serem estabelecidas por um eventual item lexical perante outros itens no interior da sentença em que seja inserido quando do espaço que venha a ocupar. Nesse sentido, os traços formais encarregam-se de instruir o Sistema Computacional acerca

do processamento de três tipos de operações. A primeira consiste em atribuir uma posição linear dentro da sentença a um determinado item lexical. A segunda compreende o estabelecimento de um conjunto de relações tanto sintáticas quanto semânticas entre certo item do léxico mental e outros itens com os quais ele fundamentalmente tenha de se vincular numa expressão linguística ou na constituição sintagmática da sentença, quando do instante em que os sintagmas são estruturados para formar as sentenças. A terceira, por derradeiro, corresponde à associação de marcas morfossintáticas aos itens lexicais, a exemplo das de gênero, número, tempo, modo, aspecto, entre outras de modo que tais marcas tornam-se obrigatoriamente preenchidas, do ponto de vista substancial e materialmente linguístico, sob a forma de auxiliares ou afixos em toda a extensão de certa língua (KENEDY, 2012, p. 42ss., 2013, p. 137s.).

Em complementação, uma conceituação mais formal⁸² de traço é oferecida por Adger e Svenonius (2010/2011) os quais consideram ser um traço um símbolo atômico que é extraído de um conjunto $F = \{A, B, C, D, E, \dots\}$, de modo ainda que um inventário de traços em uma dada língua corresponde ao conjunto expresso por $F = \{\alpha, \beta, \gamma, \dots\}$. Nessa linha de raciocínio, assumindo-se que a sintaxe coopta um conjunto $s = \{a, b, c, \dots\}$ composto de átomos sintáticos, assim como agrega um outro conjunto $S = \{A, B, C, \dots\}$ de operações e restrições ou *constraints* que afeta diretamente tais átomos e estruturas constituídas e congregadas a partir deste, de S , tem-se que os traços são justamente esses elementos atômicos congregados em s que a sintaxe congrega em S de maneira tal que s pode ser considerado um subconjunto de S . Além do mais, os elementos componentes de s , nesse sentido, tão somente podem ser distinguidos uns dos outros na medida em que eles são diferentemente afetados pela ação de um ou mais elementos integrantes de S de sorte que o traço, assim caracterizado, acaba por compreender uma propriedade que, por definição, distingue ou diferencia certo ente de outro ou alguns elementos de outros donde advém a noção de **traço privativo**. Este, assim sendo, compreende aquele traço que não possui nenhuma outra propriedade além da própria capacidade de se distinguir de outros traços (ADGER & SVENONIUS, 2010/2011, p. 8s.⁸³).

Como, de acordo com essa concepção, o traço não detém nenhuma propriedade, deduz-se que duas estruturas linguísticas serão diferentes entre si apenas quanto ao fato de

⁸² No sentido de que haja uma compreensão mais ampla e refinada do que seja uma teoria formal da gramática, é apropriado tomar conhecimento de Kimball (1976).

⁸³ Esclareça-se que a paginação aqui usada corresponde à versão on-line do texto de Adger e Svenonius de 2010 que foi disponibilizada e publicada previamente à sua respectiva publicação impressa em livro o qual foi posteriormente editado por Boeckx, precisamente no ano seguinte de 2011.

uma delas apresentar o traço presente à proporção que a outra demonstrar a ausência do traço, o que remete a um sistema binário de funcionamento da língua, sendo um sistema de traços privativos aquele constituído apenas por traços assim categorizados, ou seja, tais como traços privativos (cf. CARVALHO, 2012, p. 113ss.). Por fim, formalmente ainda é colocado que um traço é uma propriedade sintaticamente relevante de um dado átomo sintático que não é sobremaneira compartilhado por outros átomos sintáticos e que também não é derivado de quaisquer outras propriedades, sendo os átomos sintáticos os menores elementos configurados dentro do circuito do *Merge* por meio da qual a sintaxe constrói estruturas ou objetos sintáticos a partir da recursividade inerente à própria operação (ver ADGER & SVENONIUS, 2010/2011, p. 8s.)

Com os alicerces nisso estabelecido, depreende-se que os **traços-phi** (ϕ)⁸⁴ correspondem aos traços formais que desempenham a terceira função acima listada, cabendo-lhes fixar ao radical dos itens lexicais morfemas caracterizadores de sinais morfossintáticos distintivos e/ou de marcas quer mórficas quer morfológicas que são classificados como afixos e desinências constituintes dos itens léxicos e que, além disso, se identificam como traços morfossintáticos que codificam informação de pessoa, número e gênero (cf. BOBALJIK, 2008, p. 295s.; CARVALHO, 2010, p. 243; BISMARCK LOPES, 2016, p. 4ss.), afora o que possivelmente também de animacidade, definitude e especificidade (q.v. DEN DIKKEN, 2011). São inegavelmente relevantes e imprescindíveis para as ações sintáticas de concordância com relevância transmodular para as operações morfossintáticas e semânticas indispensáveis para determinar as relações anafóricas e o estabelecimento da correferência que estão naturalmente associados à concordância (CHOMSKY, 1995). Portanto, pode-se afirmar que os **traços-phi** (ϕ), além das demais características, são prioritariamente caracterizados como os traços formais responsáveis por viabilizar as operações sintáticas de **Concordância**, o **Agreement**⁸⁵ ou simplesmente **Agree**. E com efeito, os traços tais como os de pessoa, número e gênero os quais podem ser ordenados sob um nó

⁸⁴ Ressalte-se que uma explanação sobre os **traços-phi** (ϕ) de número e pessoa em português brasileiro (PB) e a respeito de sua relação com a evolução do paradigma flexional pronominal do PB em termos da mudança paradigmática da concordância verbal é promovida por Lopes, A. (2014). Demais, para que se granjeie um aprofundamento maior sobre a natureza e o funcionamento dos **traços-phi** (ϕ), procure informar-se em Carvalho (2008, 2010) que discute, em sua tese e em seu artigo respectivamente, acerca da geometria dos traços e da ampliação de uma teoria- ϕ a envolver a composicionalidade dos traços de gênero, número e pessoa referente aos pronomes em português brasileiro (PB), além de discutir sobre os traços de Caso e a respeito da teoria de subespecificação de Caso também em relação à estrutura interna dos pronomes pessoais em PB.

⁸⁵ Leia Bobaljik (2008) para se aprofundar sobre temas concernentes aos **traços-phi** (ϕ) e ao processo da concordância, o *agreement*, especialmente porque o autor argumenta em favor do *agreement* como sendo um fenômeno pós-sintático e morfológico, e não de natureza sintática.

dominante, colocado como hierarquicamente superior, compreendem o que se classifica de *traços-phi* (ϕ) (CARVALHO, 2008, 2016; cf. HARLEY & RITTER, 2002)

Adicionalmente, sabendo-se que os traços formais são acessíveis ao Sistema Computacional durante a derivação e que eles têm de ser tanto legíveis, ao serem interpretáveis na interface conceitual-intencional, quanto ilegíveis, ao não serem interpretáveis nas interfaces; *Agree* nada mais é do que a correspondência de traços, compreendendo o mecanismo que incorpora procedimentos que valoram os traços os quais não são valorados em decorrência de certas condições. Ocorre assim que então é estabelecida a valoração de traços formais de um elemento nominal e/ou núcleo lexical denominado de alvo a partir da correspondência que se estabelece com a identidade de traços formais de mesma natureza de um núcleo funcional chamado de sonda. Em sendo assim, para que *Agree* opere, aliás, a operação precisa ser regulada por condições que satisfaçam o que se compreende por **Match (Combinação)**, uma relação que envolve tanto uma sonda a que se chama de P, ou Probe, quanto um alvo a ser denominado de G, ou Goal; de modo que este precise estar pelo menos no domínio de D(P) de P, além de satisfazer condições impostas de localidade (CHOMSKY, 2000) de tal sorte que nem todo e qualquer par compatível necessariamente tenha de incluir a operação *Agree*. Logo tal relação pode ser assim expressa de acordo com Chomsky (2000, p. 122):

- (20) (i) Match é identidade de traços
- (ii) D(P) é irmã de P
- (iii) Localidade é reduzida a “c-comando mais próximo”.
- (cf. CARVALHO, 2012, p. 117s.)

Diante disso, havendo, pois, a correspondência – o *match* – firmada entre os traços da sonda e do alvo, os traços formais não valorados até então são enfim valorados e apagados antes mesmo que a derivação alcance a derradeira operação do Sistema computacional, o *Spell-Out*. Portanto, a operação *Agree* “permite que, em uma relação de concordância entre um elemento α e um elemento β , os traços não interpretáveis de um elemento sejam eliminados, permanecendo apenas a estrutura dos traços interpretáveis” que serão encaminhados para *Spell-Out* (SILVA, MOURA & CERQUEIRA, 2012, p. 245).

Em face desses esclarecimentos, é dedutível, de um modo final, concluir que os ***traços-phi* (ϕ) de gênero** são as marcas morfossintáticas que codificam exclusivamente as informações de gênero, desencadeando as operações de concordância genérica quando do

desencadeamento do *Agree*. E o gênero⁸⁶, conforme esclarecido por Kramer (2015, p. 109), “é a distribuição dos nomes em duas ou mais classes, como refletido na concordância morfológica nos determinantes, adjetivos, verbos e outras categorias sintáticas.” Seguindo-se, pois, essa linha diretiva, para que finalmente a definição de gênero se estabeleça, é igualmente preciso que três condições sejam satisfeitas de tal modo que, primeiro, haja, ao menos, dois gêneros; que o gênero seja restrito aos nomes; e que os gêneros, enquanto subcategorias nominais, possam ser distintos uns dos outros através de padrões claros de concordância (cf. KRAMER, 2015; CARVALHO, 2013).

2.4 TEORIA PSICOLINGUÍSTICA EM PROCESSAMENTO

Dentro do escopo dos estudos psicolinguísticos⁸⁷, o entendimento da arquitetura do processador da linguagem humana é vital e necessário para se estabelecer até que ponto suas propriedades constitutivas intrínsecas e seu comportamento são governados por mecanismos gerais baseados em leis de abrangência universal ou por sub-rotinas altamente especificadas as quais são naturalmente restritas quer a construções individuais quer a línguas específicas.

Logo, as pesquisas na área ou devem se orientar por uma dessas vertentes, focalizando uma investigação que objetive avaliar questões mais genéricas, aplicadas a todos os idiomas e à linguagem em geral, ou então, mais restritas, sendo particular a pontuadas línguas, a certas circunstâncias ou a determinadas manifestações linguísticas atreladas a elas.

O estudo, pois, do fenômeno da catáfora, em termos correferenciais, tem-se alinhado mais ao primeiro objetivo, tendo buscado sondar e descobrir quais as características, bem como os princípios universais que regem esse espécime de correferência da forma mais homogênea e abrangente possível, a ponto de ser aplicável ao funcionamento das línguas e à faculdade da linguagem, a qual se acredita ser inata e indubitavelmente inerente à mente humana (queira ver CHOMSKY, 1955, 1957/2002, 1965, 1986b, 1997, 2005; HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002; RATTOVA, 2014a, ROSA, 2013; contrabalanceie também com PINKER & BLOOM, 1990).

⁸⁶ Para saber mais a respeito do que são traços de gênero, número e pessoa, de suas relações com pronomes livres e amarrados, acerca das pressuposições de gênero dos pronomes, das pressuposições anafóricas e daquelas incidentes em sentenças quantificadas, incline-se sobre a tese de Sudo (2012) que dissecou um estudo aprofundado em relação à semântica dos *traços-phi* (ϕ) operantes nos pronomes. Quanto à exposição dos conceitos de gênero, número e pessoa, busque informações em Jespersen (19--?) que trabalha a filosofia da gramática.

⁸⁷ Com o propósito de se inteirar mais sistematicamente acerca do processamento da linguagem natural, é pertinente examinar o handbook de Indurkha e Damerau (2010).

Nesse particular, como a correferência catafórica compreende ser uma espécie de dependência, mais especificamente uma dependência referencial que é circunscrita no escopo das dependências de longa distância, é premente que se discorra sobre a identidade e caracterização da dependência tanto de curta quanto, especialmente, de longa distância.

Ainda mais, em razão de o mecanismo de predição, em linhas mais gerais, e da *active search* (busca ativa), em termos mais específicos, enquanto fenômenos psicolinguísticos inerentemente processuais, terem sido engendrados em terreno característico das teorias de processamento linguístico, dentro da seara psicolinguística⁸⁸, a partir de investigações procedentes sobre as *wh-dependencies* (dependências-qu), é igualmente forçoso que se caracterize e contextualize o Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa (MPFDA) e de sua respectiva engrenagem de busca ativa junto ao seu contexto de criação e/ou formulação – o da descoberta do fenômeno operativo – a partir do que são esses espécimes de dependência construídas em torno das *wh-sentences* (sentenças-qu), isto é, das *filler-gap dependencies* tais como as *wh-interrogatives* (interrogativas-qu).

Nesses termos, a dependência consiste em uma relação a envolver dois ou mais elementos do universo linguístico em meio ao qual um dos elementos é licenciado por outro com o qual se relaciona que é o licenciador (q.v. KAZANINA, 2005, p. 35). Ainda mais minuciosamente, pode ser ela considerada um fenômeno linguístico caracterizado como um relacionamento ou uma ligação instituída entre um elemento tido dependente, seja uma *wh-word* (palavra-qu) ou um pronome, e o seu licenciador, quer seja uma *gap* (lacuna) ou um DP que funcione como antecedente, a título exemplificativo (KAZANINA, 2005, p. 42). Assim, a partir do instante em que um dado item léxico ou linguístico apresenta-se como licenciando um outro que lhe seja dependente ou, expresso de outra forma, expõe-se licenciado por outro justamente por não lhe ser independente, tem-se a expressão do que se configura como uma “dependência”.

Como visto, algumas dependências são estritamente locais ao passo que outras são relações de longa distância. Dessarte, aquelas que são precisamente próximas abrangem as dependências de curta distância as quais correspondem a qualquer tipo de dependência manifestada dentro da projeção máxima de um dado nó (*head*) a qual é instanciada por meio de uma relação de natureza nó-especificador ou de nó-complemento (KAZANINA, 2005, p. 35). Exemplos de relações de nó-especificador são as de concordância

⁸⁸ Havendo o propósito de se aprofundar nas teorias de processamento linguístico, na doutrina teórica psicolinguística e, em função disso, nas raízes teóricas historicamente conformadoras da Psicolinguística, palpita-se examinar os clássicos de Carroll, J. (1964), Hörmann (1972), Fodor, Bever e Garrett (1974), Deese (1976), Kess (1976), List (1977), Foss e Hakes (1978) e Witter (1979, p. 179-201).

de gênero e número entre um determinante ou um adjetivo e o nome dentro de um NP ou dentro de um DP. Já os de nó-complemento abarcam as atribuições de caso de um verbo para o seu objeto.

Por seu lado, as dependências de longa distância incorporam as que requerem o licenciamento não localmente, sem necessitar de estar dentro de uma configuração de nó-especificador ou de nó-complemento, em que os elementos estão não ligados e podendo ser separados entre si por quantidade potencialmente infinita de material interveniente, o qual é oriundo da aplicação dos fenômenos linguísticos da recursão e iteração, podendo ainda os membros da dependência não estarem na mesma cláusula (KAZANINA, p. 35s.). Não é uma dependência de natureza espacial, mas sim de ordem hierárquica, que não depende da distância física ser longa; longo tem de ser o distanciamento entre os nós hierárquicos aos quais pertencem os elementos (cp. YOSHIDA, 2006 quanto aos mecanismos e restrições quer estruturais quer de ilha operantes na formação das dependências de longa distância em línguas *head-final* tal como o japonês).

Ainda acima, para que tal explicação fique ainda mais clara, a *recursão* é a lei gramatical que permite a uma regra fazer uso de uma versão dela mesma em sua própria definição a fim de permitir a replicação de um padrão de norma gramatical, o que possibilita que um sintagma contenha nele a mesma sorte de estruturas sintagmáticas. Quanto à *iteração*, ela abrange a norma gramatical que admite a repetição de uma mesma regra potencialmente de modo infinito (vid. HARLEY, 2008, p. 39; ver RATTOVA, 2014b, p. 10-25 para uma análise e explicação mais abrangente e detalhada de recursão e iteração).

2.4.1 O Mecanismo de Busca Ativa (*a Active Search*)

Em face da necessidade de se instituir um quadro teórico processual das dependências de longa distância, primordialmente Janet Fodor (1978) buscou esboçar uma teoria que desse conta do processamento desse tipo de dependência a ponto de ter delineado a existência de dois potenciais mecanismos ou procedimentos relativos ao processamento das *filler-gap dependencies*, já que estas consistiram na primeira categoria de dependências de longa distância que se ensejou e focou estudar (cf. FODOR, Janet, 1978).

De um lado, segundo ela, há a **Gap-Driven View** ou **Estratégia da Lacuna-Dirigida** em que a formação da dependência é iniciada e instituída apenas quando o *parser* encontra todas as parcelas ou pedaços de informações disponibilizadas pelo material linguístico a ser processado ao longo do *input*, isto é, tão somente quando o *filler* e a *gap* são processados em

torno de um procedimento computacional totalmente *bottom-up*. De outro, existe a ***Filler-Driven View*** ou **Estratégia do Preenchedor-Dirigido** através da qual o *parser* demonstra ser capaz de preditivamente construir uma dependência tão logo seja capaz de encontrar a primeira metade a constituir esta dependência, que é o *filler* (o preenchedor), sem a necessidade de esperar a visualização material e consequente processamento *in loco* da segunda parcela da dependência, a qual constitui a *gap* (a lacuna).

Diante disso, com propósitos empíricos traçados, logo depois dessas formulações, Stowe (1986) desenvolveu uma pesquisa em inglês para explorar a distinção entre a real operacionalização destas duas estratégias a partir da técnica experimental da leitura automonitorada. Para isso, ela comparou os tempos de leituras das sentenças em (21), em que se estudou o comportamento das *wh-sentences* (sentenças-qu) ao se tomar as *if-sentences* (sentenças condicionais) como controle. Disso, observou-se um aumento dos tempos de leitura exatamente na posição de objeto direto ocupado pelo sintagma nominal ‘*us*’ nas *wh-sentences* em relação ao mesmo sintagma ‘*us*’ também na posição de objeto direto no tocante às sentenças condicionais tomadas por controle:

(21) **a. (WH-POBJ/Sentença-QU de Objeto Direto Preposicionado)**

My brother wanted to know who^(Filler) Ruth will bring us* home to __^(Gap) at Christmas.

“*Meu irmão queria saber quem Ruth nos traria para casa __ no Natal. OU Meu irmão queria saber quem Ruth traria até nós para casa __ no Natal.*”

* Primeira Gap preditivamente instituída de forma errônea pelo *parser* e depois reconsiderada por conta da presença fonológico-material do pronome ‘*us*’.

b. (IF-Clause/Sentença Condicional)

My brother wanted to know if Ruth will bring us home to Mom at Christmas.

“*Meu irmão queria saber se Ruth nos traria, para casa, Mãe no Natal. OU Meu irmão queria saber se Ruth traria até nós, para casa, Mãe no Natal.*”

A partir dessa evidência, Stowe (1986) argumentou que o efeito oriundo da discrepância dos tempos de leitura entre as condições comparadas, a experimental e a controle, emergiu porque o *parser* inicialmente alocou uma *gap* na posição de objeto direto, o que foi percebido pelo parseador como tendo sido uma ação equivocada que levou o próprio processador sintático a rever a alocação previamente feita assim que ocorreu a visualização e subsequente processamento do pronome ‘*us*’ neste lócus sintático. Para ela, este *modus operandi* do *parser* é uma evidência de que o mesmo opera a partir de prospecção e por predição. Diante disto, a autora denominou este efeito empiricamente observado de

Filled-gap Effect, o **Efeito da Lacuna Preenchida**, caracterizada por refletir o desejo veemente do *parser* de completar uma *wh-dependency* antes mesmo de haver qualquer evidência não ambígua de caráter *bottom-up* de que o verbo possui um argumento faltante, além do que o caracterizou como a contraparte empírica correspondente e a sustentar à *Filler-Driven View* estabelecida por Janet Fodor (1978). Com isso, este mecanismo subjacentemente gerado por tal efeito foi cunhado e/ou intitulado de **Active Search**, a **Busca Ativa**, que corresponde, em outras palavras, ao Mecanismo de Busca Ativa.

Tempos depois, Kazanina (2005) e Kazanina et. al. (2007) averiguaram se este mecanismo também se revelava operante em outras espécies de dependência de longa distância de maneira que exploraram constatar a existência do fenômeno, o Mecanismo de Busca Ativa, a *active search*, na formação da correferência catafórica também em língua inglesa⁸⁹. Nestes e em outros estudos posteriores, que serão mais adiante discutidos, constatou-se que o estabelecimento da correferência catafórica, e notadamente a pronominal pessoal, efetiva-se por meio deste mecanismo processual, a *active search*.

Em meio a essas circunstâncias, portanto, reste esclarecido, que o Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa (MPFDA) compreende a ação do *parser*, ao visualizar e processar o primeiro elemento dependencial (o *filler* ou pronome catafórico), de prever a posição da *gap* ou do antecedente, que cá denomino de poscedente, e imediatamente estabelecer uma relação de dependência entre ambos os termos em licenciamento (ocorridas entre o licenciador e o licenciado), para então firmar a dependência-qu (a *wh-dependency*), no caso das *filler-gap dependencies*, ou a correferência, na situação da correferenciação catafórica, segundo uma estratégia operacional, se não inteiramente, intensamente *top-down*, sem esperar pela leitura material e consequente computação do segundo elemento a formar a dependência com base exclusivamente em pistas e informações claramente *bottom-up*.

Todo esse procedimento, em resumo, constitui o que se convencionou nomear de busca ativa ou *active search* cujo ato processual é materializado pelo que se cunhou por **varredura prospectiva**, a qual corresponde à atitude do *parser* de realizar a prospecção do subsequente *input* emergente da cláusula, bem como de processual e fisicamente estar atento e vigilante em tão somente prospectar os pontos sintáticos em que a alocação física do segundo termo dependencial, a *gap* ou o poscedente, tenha sido prevista pelo próprio processador

⁸⁹ No Capítulo 3, referente à revisão bibliográfica desta dissertação, ambas as pesquisas serão mais bem detalhadas e tanto o trabalho de Kazanina (2005) quanto o de Kazanina et. al. (2007) serão minuciosamente resenhados.

sintático de ocorrer quando se estiver a varrer os itens lexicais que ao longo da sentença estão sob processamento.

Assim, esse mecanismo é preditivo justamente pela capacidade de previsão demonstrada e por trabalhar de modo *top down*, afora o que é formador de uma dependência que é **ativa** porque, quando o *parser* promove a busca pelo segundo elemento para processá-lo fonológico-materialmente, ele mesmo já tem firmado a dependência entre os dois elementos dependenciais e, no caso da dependência correferencial, ele já tem estabelecido a correferência entre os correferentes mesmo antes do processamento do poscedente.

Bem, além de a dependência correferencial catafórica ser moldada a partir de tal engrenagem, pelo Mecanismo de Busca Ativa, que é igualmente afetado pelo Princípio C enquanto restrição sintática, muitos outros fatores podem interferir na plena concretização da correferência catafórica. Avaliemos, porquanto, alguns deles dentre os quais se observou ao longo do desenvolvimento da pesquisa e execução do experimento que podem ter exercido alguma espécie de interferência no tipo de correferenciação catafórica delineada nesta dissertação.

2.4.2 A Vantagem da Primeira Menção (GERNSBACHER & HARGREAVES, 1988)

O mecanismo concernente à Vantagem da Primeira Menção evidenciado por Gernsbacher e Hargreaves (1988) compreende uma abordagem junto à qual o propósito da compreensão consiste em construir uma representação mental que seja coerente ou, dito de outro modo, uma estrutura de informação passível de ser compreendida de maneira que, a fim de elaborá-la, o compreendente primeiramente precisa edificar uma fundação alicerçada sobre a informação que ele inicialmente recebe.

Assim, depois de construí-la, o interpretante desenvolve a sustentação da própria estrutura de modo a que a informação seja mapeada em direção à estrutura sob desenvolvimento se a informação corrente for congruente ou relacionada com a prévia. Caso contrário, se não for, sendo então menos congruente, é menos provável que ela possa ser mapeada junto à estrutura em desenvolvimento de tal sorte que o interpretador pode estabelecer uma mudança no processo e iniciar, dessarte, a construção de uma subestrutura que se ramifique da estrutura original a ponto de a representação mental de todo um estímulo normalmente comportar diversas subestruturas.

Portanto, em decorrência disso, procede que se torna mais fácil, durante a compreensão de uma sentença que envolva dois participantes, lembrar-se daquele mencionado

primeiro do que do citado posteriormente, isto é, em um segundo momento. Logo, a Vantagem da Primeira Menção atesta que o participante inicialmente referido é mais acessível para a representação mental da pessoa que interpreta do que qualquer outro indivíduo que seja consignado ao longo de uma determinada sentença, texto ou discurso formulado (cf. GERNSBACHER, 1985, 1991a).

2.4.3 A Estratégia Heurística da Assinalação do Pronome ao Sujeito (CRAWLEY, STEVENSON & KLEINMAN, 1990)

A Estratégia da Assinalação do Sujeito foi amplamente explorada e defendida por Crawley, Stevenson e Kleinman (1990) como mecanismo *default*⁹⁰ para a resolução pronominal anafórica no tocante ao estabelecimento da correferência a partir de evidências de estudos prévios que sugerem que os pronomes frequentemente se referem a sujeitos de orações já tenham sido expressas (BROADBENT, 1973; FREDERIKSEN, 1981, 1982; HOBBS, 1976).

A estratégia apregoa que um pronome presente em qualquer posição gramatical e assumindo, porquanto, qualquer função sintática na sentença, quer de sujeito quer de objeto, tende a ter sua correferência assinalada ou atribuída a um NP, enquanto seu possível antecedente, o qual esteja situado em uma cláusula predecessora e também alocado na posição sintática de sujeito.

Argumenta-se que esse artefato processual é empregado por conta que a posição de sujeito é saliente e que mais especificamente os sujeitos são animados ao passo que os objetos são usualmente inanimados, além do que pelo fato de os sujeitos animados geralmente serem agentes. Como entes salientes, animados e agentes são mais facilmente disponíveis ao *parser* e, portanto, processados por ele mais otimamente, é por essa razão que os pronomes são assinalados aos sujeitos.

Também é argumentado que esse procedimento se deve à natureza inerente aos textos, de onde se tem ciência que os pronomes inclinam-se mais para serem assinalados aos tópicos do que aos não tópicos de um dado texto. Sabendo-se, pois, que o sujeito de uma sentença tende a normalmente se referir a um tópico textual, a Estratégia da Assinalação ao Sujeito emerge porque os sujeitos costumeiramente se referem aos tópicos textuais e discursivos para os quais os pronomes apontam do ponto de vista textual e discursivo.

⁹⁰ Um mecanismo *default* é aquele que é predefinido e o qual é padrão.

2.4.4 A Hipótese da Função Paralela ou o Paralelismo Estrutural (SHELDON, 1974)

A Hipótese da Função Paralela – denominada de Paralelismo do Papel Sintático em Smyth (1992), de Paralelismo do Papel Gramatical ou simplesmente de Paralelismo em Smyth (1994) e de Paralelismo Estrutural por Chambers e Smyth (1998) – exsurtiu no contexto de pesquisas em aquisição da linguagem quando Sheldon (1974), ao propô-la, trabalhava, com crianças, a compreensão de sentenças relativas com o propósito de determinar o papel da posição de cláusulas encaixadas, da ordem das palavras nessas mesmas sentenças em encaixamento e das funções gramaticais de sintagmas nominais idênticos junto à interpretação desses fatores pelos infantes.

O mecanismo concernente à hipótese da função paralela postula que, em uma dada sentença complexa, se sintagmas nominais que sejam correferenciais têm a mesma função gramatical e estrutural nas suas respectivas cláusulas, em que estejam presentes, então tamanha sentença é mais fácil de se processar do que uma outra na qual estes NPs correferenciais detenham diferentes funções gramaticais. Ademais, como essa concepção foi elaborada junto a um estudo conduzido acerca do processamento infantil de relativas, a hipótese reclama que a criança empenha-se em seguir a estratégia de interpretar a função gramatical do pronome relativo como sendo o mesmo do seu antecedente.

A partir dos resultados do experimento referente à tarefa de compreensão de manipulação de brinquedos a autora confirmou ser a hipótese operante no correspondente ao processamento desempenhado pelo *parser* das crianças de maneira que é crucial para a aquisição de sentenças relativas em inglês.

2.4.5 A Hipótese do Casamento de Traços Estendida ou o Pareamento Gramatical (SMYTH, 1994)

Desenvolvido por Smyth (1994), o pareamento gramatical corresponde a um modelo que consegue integrar e dar conta das descobertas empíricas referentes às Estratégias da Assinalação do Sujeito e da Função Paralela em diferentes categorias de sentenças. Guarda como principal assunção a premissa de que a resolução pronominal é um processo de busca baseado no casamento ou pareamento de traços.

O modelo faz três principais reivindicações, sendo a primeira aquela a estipular que a resolução da correferência pronominal compreende um processo guiado pelo casamento de

traços em que o melhor antecedente para correferir com um pronome é aquele que compartilha a maior quantidade de traços, ou *features*, com o elemento pronominal. Esses traços podem ser excludentes de maneira que uma incongruência de gênero e número, por exemplo, tende a fazer com que uma possível consideração de correferência seja agramatical à proporção que uma não congruência, em termos do estabelecido pelos papéis gramaticais dos NPs, pode reduzir a tendência de resolução correferencial pela via da hipótese da Função Paralela. Quanto a isso, o *parser* compara os papéis temáticos e gramaticais, assim como os traços morfológicos de gênero e número a ponto de a probabilidade de a coindexação ocorrer, ou seja, de a correferência ser estabelecida depender da quantidade de traços compartilhados. Nesse sentido, a função paralela simplesmente compreende a ocorrência do caso limite em que todos os traços relevantes casam.

Já a segunda reivindicação diz respeito à reativação ou *priming* intersentencial cuja pressuposição é baseada na ideia de que a moldura ou o *frame* sintático da primeira cláusula em uma sentença permanecerá ativo na memória se a cláusula seguinte, a segunda oração, tiver exatamente a mesma estrutura e que este estado de ativação afeta a acessibilidade dos nós sentenciais durante a resolução pronominal da correferência. Assim, se a segunda cláusula expuser uma estrutura diferente da primeira, a forma sintática desta apresentará menos ativação e o casamento de traços não será facilitado. Como o efeito de *priming* depende da similaridade geral entre as duas cláusulas, quando as duas diferem nas suas estruturas de constituintes e/ou de coordenação ou ligação entre elas, o processo de casamento de traços sofre interferência e a probabilidade de a Estratégia da Assinalação do Sujeito ser empregada como recurso para resolver a correferência pronominal cresce.

Finalmente, a terceira reclama a resolução *online* a qual dita que um pronome, na função sintática de sujeito, relativamente não deveria ser afetado pela diferença na estrutura de constituintes, através das cláusulas ou orações, em decorrência da resolução pronominal ser imediata e começar assim que o pronome é percebido pelo *parser*, o que segue em acordância com o imediatismo do processamento de Ehrlich e Rayner (1983). Em suma, se um pareamento é encontrado pelo *parser*, a interpretação paralela, aquela relativa ao paralelismo ou função paralela, é obrigatória a menos que um pronome seja acentuado, o que seletivamente causa o bloqueio conforme apontado por Akmajian e Jackendoff (1970). Por outro lado, se tal pareamento não é encontrado, a resolução pronominal é menos certa de sorte que, para solucionar a correferência, o *parser* geralmente recorre à estratégia de assinalação ao sujeito, a menos que o pronome ou o verbo da primeira oração estejam acentuados, sendo esta a estratégia padrão para sentenças em que o grau de não paralelismo excede certo limite.

2.4.6 A Especialização Pronominal

As formas assumidas pelos pronomes – se plenos, nulos ou clíticos – e a maneira como podem se expressar na interface com a prosódia, com acento ou sem acento, isto é, de modo átono ou tônico, interferem nas possibilidades de estabelecimento das diversas modalidades de correferência como os estudos em processamento têm apontado. Inúmeros fatores são considerados para que determinado tipo de pronome com sua própria forma e identidade seja feliz na correferenciação com um nominativo ou NP. Esse pronome depende do status sintático do antecedente e da proeminência discursiva do antecedente por exemplo.

2.4.6.1 Em Italiano

Dentre as categorias de especialização pronominal que são passíveis de influenciar a correferência, há a Estratégia da Posição do Antecedente (*Position of Antecedent Strategy* ou PAS em abreviação para a língua inglesa) formulada para o italiano por Carminati (2002) a qual postula que, em configurações anafóricas, *pro*_s alocados em subordinadas são assinalados a correferirem com o antecedente que esteja na posição de Spec de IP, ou seja, de Especificador de Sintagma Infleccional (*Inflectional Phrase* ou IP em sua abreviação em inglês) o qual normalmente compreende o sujeito oracional na matriz ao passo que os pronomes plenos tendem a correferir com antecedentes que não estão alocados em Spec-IP e os quais, portanto, geralmente assumem a função sintática de objeto da oração principal. A autora observou isso em sentenças complexas do tipo subordinadas adverbiais temporais tanto na ordem subordinada-matriz quanto na matriz-subordinada. Além do mais, a correferência estabelecida entre os pronomes nulos e os antecedentes-sujeitos é mais forte do que aquela instaurada entre os pronomes lexicalmente realizados e os antecedentes-objetos.

Posteriormente, Carminati (2005) reafirmou a realidade empírica da operacionalização da PAS na língua italiana ao replicar os seus próprios resultados prévios do estudo predecessor (ver original CARMINATI, 2002) e ainda demonstrou que a hierarquia de *traços-phi* (ϕ) coopera, ao lado da forma pronominal e de suas variadas tendências ou estratégias protocolares empregadas na correferenciação (como as elencadas até então), quanto ao fato de incidir diretamente sobre a correferência anafórica de pronomes nulos, os *pro*_s, influenciando-a segundo o mecanismo, postulado pela autora, da Hipótese da Força do Traço (CARMINATI, 2005). Por trás dessa hipótese existe a concepção de que os traços

morfológicos são organizados hierarquicamente e que codificam traços conceituais com diferentes graus de significância cognitiva que têm clara repercussão no processamento sentencial e particularmente no pronominal.

Tal estratégia resolutive delibera que há uma correlação entre a significância cognitiva de um traço em relação a um outro e seu poder de desambiguação frente à correferência. Assim, quanto mais importante cognitivamente um traço é, tanto melhor ele deve ser na desambiguação do pronome que o carrega ou que a ele está vinculado. Além disso, estabelece que a força do traço deve interagir com outras estratégias de resolução pronominal aplicadas pelo *parser* tais como a do pareamento gramatical, do paralelismo estrutural, da assinalação do sujeito ou da especialização pronominal de Carminati (2002), afora outras por exemplo. Ainda, por fim, estipula que a força dos traços detém dois efeitos quando considerada a inclinação que o pronome nulo tem de se indexar a um antecedente para correferir no decurso do emprego de outras estratégias resolutive pelo *parser*, quais sejam, a de que os traços agilizam o processo de atribuição de um antecedente quando se está em acordância com a propensão de escolha do antecedente pelo *pro* e de que os traços mitigam a penalidade processual quando a atribuição pronominal vai contra o pendor habitual.

Carminati (2005) revelou que os traços interagem com a tendência que a forma pronominal nula tem de seguir a PAS de acordo com a hierarquia de forças estabelecida por cada um dos *traços-phi* (ϕ), estudando a correferência anafórica de pronomes nulos em sentenças complexas categorizadas também como subordinadas adverbiais temporais que são ambíguas – por conta do uso do *pro* – até a checagem dos *traços-phi* (ϕ). Mostrou-se que a correferênciação é mais efetiva quando a desambiguação sentencial é realizada por *traços-phi* (ϕ) mais básicos e, portanto, mais fortes, tendo sido mais eficaz quando promovida pelo *traço-phi* (ϕ) de pessoa, seguido do *traço-phi* (ϕ) de número e, por último, do *traço-phi* (ϕ) de gênero, o mais fraco dentre todos. Quanto ao traço de pessoa, o *subtração-phi* (ϕ) de 1^a/2^a pessoa prevalece e é mais eficiente do que o de 3^a pessoa. Por tamanha razão, os *traços-phi* (ϕ) associados às desinências dos verbos, participios de verbos ou adjetivos a compor os predicados oracionais subsequentes a pronomes nulos interferem, outrossim, na correferência destes com possíveis antecedentes.

Já Tsimpli, Sorace, Heycock e Filiaci (2004) apontaram outra vocação para a especialização pronominal adotada pelos pronomes nulos e plenos no tocante à correferência anafórica dentro do italiano e a isso somam as inclinações demonstradas por esses pronomes em configurações catafóricas em um estudo de bilinguismo a compreender falantes nativos de grego, de italiano e de grego e italiano na condição de L₁ (língua materna) e de inglês sob o

escopo de L₂ (segunda língua tida como língua estrangeira) que atingiram um nível de proficiência linguística comparável a de um nativo de língua inglesa. Em seguida, esse pendor foi igualmente confirmado por Sorace e Filiaci (2006) e por Belletti, Bennati e Sorace (2007) em estudos também bilíngues em que as autoras adotaram uma série de experimentos para averiguar essas mesmas questões tanto nos nativos de italiano quanto nos adultos tidos como falantes de inglês como L₁ e de italiano como L₂ detentores de um nível de competência linguística comparável a de um nativo da língua italiana.

Conforme apontado por Tsimpli et. al. (2004), por Sorace e Filiaci (2006) e por Belletti, Bennati e Sorace (2007), quanto à correferência anafórica, o *parser* dos falantes nativos de italiano preferem correferir um pronome pleno, presente em subordinadas, com um antecedente que esteja na posição de objeto da matriz de uma conformação anafórica à medida que não existe para o *pro* uma inclinação clara quanto à necessidade de estabelecer correferência com um antecedente que assuma a função de sujeito ou de objeto de sorte que há certo equilíbrio em o *parser* atribuir o *pro* a um antecedente que esteja em qualquer uma das duas posições sintáticas, embora haja ligeira prevalência pela assinalação ao objeto nas configurações anafóricas. Por sua vez, no concernente à correferência catafórica, os *pro*_s pendem a firmar correferência com antecedentes alocados na posição de sujeito da oração principal nos arranjos catafóricos à proporção que os pronomes plenos propendem a correferir com um referente extralinguístico, *id est*, com uma exófora, de modo que o *parser* prefere estabelecer uma correferência exofórica nessas situações específicas de disposições catafóricas⁹¹.

Percebe-se, pelos resultados apontados em italiano, que, até dentro de uma mesma língua, a especialização pronominal pode apresentar tendências diversas de resolução pronominal que concorrem para o processamento da correferência e que as propensões referentes aos mecanismos de atribuição pronominal para estabelecer a correferência são diferentes entre as modalidades de correferência endofórica, havendo uma senda para a anafórica e outro sendeiro para a catafórica, isto é, a correferência anafórica e a catafórica não seguem a mesma tendência resolutiva em se tratando da assinalação de seus pronomes nulos e plenos aos seus potenciais antecedentes.

⁹¹ Os resultados de Belletti, Bennati e Sorace (2007) não são significativos para os *pro*_s, isto é, para os pronomes nulos, apenas para os plenos. De todo modo, as tendências para a correferência do pronome nulo foram confirmadas nos estudos de Tsimpli et. al. (2004), Sorace e Filiaci (2006) e de Serratrice (2007) para ambas as disposições endofóricas em questão, anafórica e catafórica, e de Fedele e Kaiser (2014) para a conformação catafórica.

2.4.6.2 *Em Espanhol*

Em experimentos *off-lines*, conduzidos através de estudos de questionários escritos acerca da interpretação da correferência anafórica, Alonso-Ovalle, Fernández-Solera, Frazier e Clifton Junior (2002) demonstraram, em sentenças justapostas, que as previsões da Hipótese da Posição do Antecedente ou PAS (CARMINATI, 2002) se confirmam de certa forma em espanhol, só que para certas configurações e não para todas. Assim como no italiano, no que concerne à forma pronominal escolher correferir em dada sentença dentro de uma estrutura de desambiguação correferencial, quando há, em configuração anafórica, mais de um antecedente disponível, em posição de sujeito e de não-sujeito, isto é, de objeto, o *pro* tende a eleger como seu correferente o antecedente sujeito com muito mais frequência do que o pronome pleno o qual procura correferir tanto com o antecedente sujeito em posição de Spec-IP quanto com o antecedente objeto que está fora dessa posição de especificador. Neste caso, ainda assim, mesmo havendo inclinação para a correferência com o antecedente objeto, a taxa de aceitação da correferência deste tipo de pronome, o lexicalizado, com o antecedente sujeito é considerável, estando acima de 50%.

Nas configurações anafóricas em que há disponibilidade apenas de um antecedente, a correferência estabelecida com *pro* é preferida do que a instituída com o pronome pleno, embora seja também aceitável por este. O estudo em língua espanhola mostrou que nestes casos tanto o *pro* quanto o pronome pleno correferem com um antecedente na posição de sujeito. Além do mais, o pronome pleno, quando está em posição tanto pré-verbal quanto pós-verbal, institui correferência com um antecedente que seja sujeito da oração precedente na sentença, havendo ou não mudança de tópico dentro de uma articulação de tópico-foco e quando, em lócus pré-verbal, o pronome está em contraste de foco sobre o sujeito. A aceitação da correferência pós-verbal, no entanto, decai em comparação com a pré-verbal e com a pré-verbal com contraste de foco as quais apresentam aceitação de correferência mais elevadas e similares entre si.

Em estudo contrastivo de italiano com espanhol, Filiaci (2010a, 2010b) replica os resultados de Carminati (2002) quanto à Estratégia da Posição do Antecedente (PAS) através de experimentos *on-line* de leitura automonitorada ao revelar que sentenças, em situação de correferência anafórica, contendo sujeitos nulos, expressos pelos *pro*s, são lidas significativamente de modo mais rápido quando remetem a correferência ao sujeito sentencial predecessor ao passo que aquelas, a conter sujeitos preenchidos pelos pronomes plenos, são

lidas mais velozmente quando correferem com antecedentes em posição de objeto não proeminentes. Ademais, a autora demonstrou que os sujeitos nulos são melhores e mais eficientes do que os sujeitos expressos por pronomes plenos em retomar correferencialmente antecedentes sujeitos proeminentes à proporção que estes últimos são significativamente melhores que aqueles em estabelecer mudança de referência de um sujeito prévio para um antecedente diferente (confronte também FILIACI, 2009, 2016; FILIACI, SORACE & CARREIRAS, 2013/2014).

Já no que concerne à correferência anafórica em espanhol, Filiaci (2009, 2010a, 2010b, 2016) e Filiaci, Sorace e Carreiras (2013/2014) retrataram que, quando o sujeito encabeçado por um *pro* é forçado a correferir com um antecedente objeto em vez de fazê-lo com um antecedente sujeito, uma penalidade emerge, o que evidencia que o *parser* de falantes de língua espanhola, assim como o dos de italiano, apresenta uma clara preferência por firmar a correferência de pronome nulo com um antecedente que esteja assumindo a função sintática de sujeito. Por outro lado, diferentemente do corrente com a língua italiana, os experimentos não acusaram nenhuma diferença significativa entre as situações em que o pronome pleno retomava ou um antecedente sujeito ou um antecedente objeto, não incorrendo em nenhuma penalidade sequer. Este fato expõe não haver predileção do *parser* em correferir o pronome pleno com um antecedente objeto, já que a correferência é também aceitável com um antecedente sujeito, de maneira tal que a resolução do pronome lexicalmente realizado não parece ser restringida, de modo tão contundente como no italiano, por tendência processual ou de aposição correferencial quanto à especialização pronominal, não sendo, aliás, estritamente sujeita às regras da Estratégia da Posição do Antecedente quando em se tratando exclusivamente do pronome pleno.

Apesar dessa não preferência polarizada, mesmo diante de uma correferência com pronome pleno, os falantes de espanhol tanto são mais ágeis em delinear a correferência quanto são mais eficazes em assentá-la corretamente com um antecedente sujeito. Filiaci (2010a, 2016) ainda foram além e retrataram que a ambiguidade morfológica dos verbos, no que diz respeito à relativa quantidade de homofonia existente entre as diferentes formas verbais que compõem o paradigma verbal das línguas italiana e espanhola, não compõe um claro fator de interferência sobre a propensão de correferência que normalmente é estabelecida e a qual é demonstrada pelos pronomes tanto nulos quanto plenos de modo que isso não parece interferir na distribuição dos pronomes e de suas respectivas correferenciações através dos tempos verbais, ou *tenses*, dentro de cada língua.

Finalmente, Filiaci (2010a) declara que a tendência de correferenciação apresentada pelo pronome nulo é afetada por dois outros fatores, notadamente a ordem clausal, se matriz-subordinada ou subordinada-matriz, e pela relação de coerência estabelecida entre as cláusulas, caso seja a subordinação de natureza concessiva ou temporal por exemplo.

2.4.6.3 *Em Português Europeu (PE)*

Em português europeu (PE), por intermédio de experimento *off-line* de compreensão caracterizado como teste de interpretação de frases de resposta de múltipla escolha, Costa, Faria e Matos (1998) puderam mostrar, em estudo de correferência anafórica com coordenadas que detinham subordinadas como controle, que a estratégia tendencial dos falantes de PE é de preferir, como antecedente para *pro*, um NP que o c-comande e esteja em posição de sujeito da primeira oração enquanto que, para o pronome pleno, a preferência reside em tomar como antecedente um NP alocado em função que não o possa c-comandar tal como a de objeto, seja objeto direto ou indireto; havendo referência disjunta com o NP sujeito da primeira oração. Ainda assim, mesmo que em escala marginal, a correferência de pronome pleno com o NP sujeito é aceita.

As autoras também expuseram que a forte tendência de correferência estabelecida entre *pro* e o NP sujeito decai a partir do acréscimo de mais antecedentes de modo que, quando, na oração precedente, passa a haver três antecedentes disponíveis, a taxa de correferência entre *pro* e o NP sujeito diminui em comparação à situação em que há apenas dois antecedentes disponíveis. Quanto ao pronome pleno, a adição de um antecedente não gera uma mudança de pendor a ponto de influenciar o pronome a correferir com o NP sujeito, apenas faz com que haja uma escolha equitativa entre um dos dois antecedentes objetos a serem eleitos para correferirem com ele, haja vista que a taxa de correferência entre o pronome pleno e um dos dois antecedentes objetos é equitativamente distribuída em meio às preferências dos falantes.

Já em Morgado (2011, 2013), utilizando-se teste de compreensão de frases, monitorado em computador com tempo limitado, através de experiência *off-line* com justapostas e subordinadas em que se perscrutou a correferência anafórica em português europeu (PE), tem-se revelado uma nítida preferência, em sentenças justapostas, pela retomada de um antecedente sujeito independentemente da forma pronominal, se pronome nulo ou pleno; do tipo de frase, se passiva ou ativa e do tipo de verbo utilizado, se agentivo ou perceptivo e avaliativo. Assim, os falantes de PE demonstraram clara predileção em firmar

correferência tanto do *pro* quanto do pronome pleno com o antecedente em posição de sujeito, além do que evidenciaram uma taxa de retomada correferencial do pronome pleno com o antecedente sujeito que é semelhante ao procedente com o pronome nulo, o que corrobora não haver complementaridade na utilização dos dois pronomes na retomada e/ou correferência anafórica intrafrásica, e sim, uma sobreposição.

De todo modo, a preferência por retomada de sujeito tal como antecedente é acentuada quando a forma plena do pronome é utilizada. Ademais, a autora descobriu existir uma correlação entre tipo de pronome e papel temático de sorte tal que o pronome lexical prefere retomar um NP que esteja semântica e sintaticamente proeminente e que a atribuição pronominal no ato de estabelecer a preferência correferencial entre pronome e antecedente é mais ágil e, portanto, facilitada nas condições em que as sentenças são ativas, sendo, por sua vez, mais custosas nas passivas. Demonstrou-se então que, nesta configuração, o pronome pleno é preferível para retomar um antecedente sujeito do que o pronome nulo.

Na experiência com subordinadas concessivas, relativa à correferência intrafrásica, em que há vínculo sintático, Morgado (2011, 2013) previu uma límpida divisão do trabalho quanto à retomada dos pronomes nulos e plenos no estabelecimento da correferência que se evidenciou operante nas frases ativas, mas não nas passivas. Logo, os falantes de PE demonstraram, em sentenças ativas, preferir fazer com que o *pro* correferisse com o antecedente sujeito à medida que o pronome pleno com o antecedente objeto. Já nas passivas, os falantes não mostraram fazer distinção entre o uso de um pronome e outro de forma tal que tanto o *pro* quanto o pronome pleno são preferencialmente elegidos para correferir com o antecedente sujeito, embora o nulo seja, em termos percentuais, ligeiramente superior. Demais, ela constatou o exercício de influência do papel temático ao observar que um antecedente *agente* favorece uma divisão transparente no uso do pronome nulo e do pleno à proporção que um antecedente *tema* não induz uma divisão de trabalho limpa como esta, posto que sempre é eleito como o antecedente adequado para correferir com o pronome, não importando sua forma, se nula ou plena.

A autora conclui assim que, nesses tipos de estruturas sentenciais, em que a correferência é firmada dentro do mesmo domínio frásico, a informação de jaez sintático tem preponderância e que, em sentenças adverbiais concessivas, o *pro*, ao recuperar sempre o antecedente sujeito, parece se guiar exclusivamente por fatores de ordem sintática enquanto que os pronomes plenos preferem recuperar uma entidade que não esteja semanticamente proeminente, o antecedente *tema*, que é o objeto em frases ativas ou o sujeito em frases

passivas, o que permite vislumbrar que o pronome pleno se guia por fatores não só de jaez sintático, mas também semântico.

Por via de experimento *off-line* alicerçado em tarefa de juízo de valor de verdade, Canceiro (2014) estudou as interpretações dos falantes de português europeu (PE) face a estruturas em configurações anafóricas e catafóricas a fim de observar a aceitação interpretativa em favor da relação de correferência ou de referência disjunta entre pronomes nulos, plenos e nominais a funcionar como antecedentes ou poscedentes. Para coordenadas adversativas integradas, disjuntivas correlativas e subordinadas adverbiais integradas, em disposições anafóricas, ela recolheu como possibilidade de interpretação a relação de correferência e também a de disjunção para pronome pleno e apenas de correferência para pronome nulo. Assim, *pro* é aceito como correferente ao antecedente que lhe precede à medida que o pleno tanto toma por aceitável a leitura correferente quanto a disjunta. Já em configurações catafóricas, ela obteve interpretação favorável à referência disjunta tanto para pronomes nulos quanto para os plenos. Logo, *pro* ou pleno sempre são interpretados como disjuntos do poscedente que lhes sucede, o que também foi observado como comportamento das coordenadas aditivas integradas e das adverbiais não integradas à direita. Porém, para estas duas estruturas, em configuração anafórica, existem duas possibilidades de interpretação a depender da forma pronominal, a saber, é admitida correferência de *pro* com o antecedente, de um lado, e, de outro, há anuência apenas da referência disjunta entre pronome pleno e respectivo antecedente.

Nas subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, a autora encontrou resultados divergentes dos outros dois grupos de orações. Em disposições anafóricas, é honrada a interpretação de correferência entre o *pro* da matriz e o antecedente que lhe precede na adverbial da mesma forma que o pronome pleno em posição de matriz sempre aceita correferir com um *pro* alocado na adverbial. Quanto ao pronome pleno posicionado na oração principal, há aceitação quer de correferência quer de disjunção com o antecedente da adverbial. Por fim, nas disposições catafóricas, a interpretação adotada pode ser de correferência, como também de referência disjunta entre o pronome pleno da adverbial e o poscedente da matriz em sucessão na sentença, havendo correferência ou com o poscedente sujeito ou com uma exófora (referente contextual) ao passo que a correferência conforma-se como a única interpretação acatada pelos falantes de PE em concernência ao possível vínculo que se pretende estabelecer entre o *pro* da adverbial e o poscedente da oração principal a lhe suceder para o então encerramento sentencial.

Adicionalmente, por meio de experimento *off-line* baseado na tarefa de juízo de referência sem tempo limitado e em suporte de papel, Canceiro (2016) estudou a interpretação correferencial imposta como preferencial pelos falantes de português europeu comparativamente entre estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais, tanto em configurações anafóricas quanto catafóricas, ao observar se um pronome nulo ou pleno mantinha, perante um antecedente em posição de sujeito, uma relação de correferência, de referência disjunta – como no estudo anterior em Canceiro (2014) – ou que fosse capaz de aceitar simultaneamente as duas opções como válidas, tanto a correferente quanto a disjunta como sendo plausíveis, o diferencial desta pesquisa a alargar as descobertas anteriores. Logo, ela visualizou que em sentenças coordenadas o *pro* somente aceita a relação de correferência com o antecedente à medida que, nas sentenças adverbiais, *pro* assume a preferência por assumir uma relação de correferência com o seu antecedente, apesar de os juízos dos falantes não serem unânimes pelo fato de ter havido a contabilização de falantes que acataram a relação de correferência e disjunção de modo simultâneo.

Tendo em vista os pronomes lexicalmente realizados, no tocante às coordenadas aditivas, foi observado que o pronome pleno aceita igualmente uma relação de disjunção ou de concomitante aceitação de correferência/disjunção⁹² com o antecedente. O interessante é que, em estudo predecessor em que só se mensurou, como possibilidades de respostas referentes aos juízos dos falantes, a interpretação de correferência ou de disjunção, mas não de ambas as respostas tomadas em conjunto como possível saída simultânea, Canceiro (2014) encontrou, para esta modalidade de coordenada, que a correferência não está disponível para o pronome pleno, tão somente a referência disjunta, o que comprova que a introdução de uma nova variável interpretativa e mudanças metodológicas necessariamente acarretam sensíveis mudanças nas possibilidades de interpretação apresentadas pelos resultados e até de julgamento interpretativo por parte dos falantes em seus juízos acerca da língua e da dinâmica de sua correferência.

No correspondente às coordenadas adversativas e disjuntivas, notou-se que o pleno aceita preferencialmente correferir com o antecedente, embora haja uma considerável parcela que aceite correferência/disjunção que tende a ser menor nas disjuntivas. Nas situações em que a correferência ocorre entre um pronome da primeira oração com um nominativo da segunda coordenada, interessante é observar que há oscilação quanto à operância do

⁹² Para efeitos de exposição mais práticos, considere-se a partir de agora que correferência/disjunção indica os casos em que os falantes julgam, ao mesmo tempo, a correferência e a referência disjunta como possíveis juízos de referência.

Princípio C. Nas aditivas, há prevalência em se enraizar uma referência disjunta, o que demonstra haver forte atuação do princípio; por outro lado, nas adversativas, existe um equilíbrio entre as taxas de juízos de aceitação de disjunção e de correferência/disjunção, assim como é grande a taxa de julgamento desta última nas disjuntivas, o que revela estar sendo o princípio violado ao se permitir que uma forma pronominal que c-comande o nominal possa com ele correferir.

Já no tocante às subordinadas adverbiais integradas à direita, a autora apercebe que os falantes aceitam como interpretação preferível e majoritária o pronome pleno correferindo com o antecedente, contrariando o Princípio Evitar Pronome (queira ver CHOMSKY, 1981). Já nos casos em que o pronome pleno antecede o nominativo, em configuração catafórica, a interpretação majorada é de disjunção, 61,6%; embora surpreendentemente considerável parcela, 32,9% dos falantes de PE, acuse aceitar a dupla interpretação de correferência/disjunção (CANCEIRO, 2016, p. 120). Isso demonstra que, havendo possibilidade de um pronome que c-comanda um nominativo ou NP estabelecer uma relação de correferência, o Princípio C é violado ao menos ao nível interpretativo em PE.

Por outro lado, manifesta-se, nas subordinadas adverbiais não integradas à direita, uma oscilação acentuada no tocante ao juízo dos falantes de modo tal que, nos casos de correferência anafórica entre o pronome pleno da adverbial e o nominativo que o precede na matriz, é verificada uma proximidade entre a preferência por acatar a interpretação a pender para a correferência e também para a igual aceitação das duas interpretações em simultâneo, da correferência/disjunção. Já nas ocasiões de correferência catafórica entre o pronome pleno da matriz e o nominal que o sucede na adverbial, verificou-se uma interpretação preponderante na direção da referência disjunta, apesar de ter havido uma parcela superior a 20% que aceitou a simultaneidade das interpretações (CANCEIRO, 2016, p. 122).

Quanto às subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, o comportamento relativo às predileções dos falantes, nas configurações de correferência anafórica entre o pronome pleno da matriz e o NP da adverbial que lhe antecede como antecedente, é análogo ao observadas nas adverbiais não integradas à direita. Só que, nas disposições correferenciais catafóricas entre o pronome pleno da adverbial e o NP da matriz que sucede a este aludido pronominal como poscedente, diferenças foram apontadas ao se ter revelado que a simultânea interpretação de correferência/disjunção é elegida como prevalecente pelos falantes, apesar de que tenha constatado um equilíbrio pairando em torno de 25% entre a

aceitação de interpretação só de correferência e também somente de disjunção (CANCEIRO, 2016, p. 123).

2.4.6.4 *Em Português Europeu (PE) e Português Brasileiro (PB)*

Barbosa, Duarte e Kato (2005), em estudo de corpora textual desenvolvido sobre dados de material escrito a partir de entrevistas de jornais e revistas, pesquisaram a distribuição dos pronomes nulos e plenos de terceira pessoa em português europeu (PE) e brasileiro (PB) a fim de testar a perda do parâmetro do sujeito nulo em PB em corpus de base escrita. As autoras descobriram, em suas análises, que os pronomes plenos em posição pré-verbal em PE são considerados pronomes fortes enquanto em PB não o são. E também, em ambas as variedades de português, a ocorrência de *pro* é favorecida nas situações de manutenção de tópico à proporção que o pronome pleno é favorecido quando ocorre mudança tópica. O PE, constatou-se ainda, favorece *pro* enquanto sujeito nulo em diversificados contextos estruturais independentemente da funcionalidade do antecedente ou se a sua respectiva função sintática casa com a do pronome que com ele busca correferir; da mesma forma que, por outro lado, o PB beneficia o pronome pleno abordado como pronome fraco em posição de Spec-IP e não apenas nos contextos mais desfavoráveis para a correferência, mas até naqueles mais favoráveis com esperados correferentes, o que não se confirma como padrão comportamental de línguas de sujeito nulo. Isso confirmou estudos predecessores de análise de corpus em cima de dados da oralidade em que tem havido um gradual crescimento do uso do pronome pleno, enquanto sujeito, até mesmo com antecedentes não humanos em PB (DUARTE, 1993, 1995).

Consequentemente, Barbosa, Duarte e Kato (2005) ainda discorrem que o PB está gradualmente perdendo as propriedades do seu parâmetro de sujeito nulo ao constatarem a ocorrência cada vez menor de *pro*s, alocados na função de sujeito comparativamente ao PE, em cuja associação reside, por consequência, o uso mais expressivo de pronomes plenos, confirmando a mesma constatação desta perda gradual paramétrica feita por Duarte (1995) para o português brasileiro falado, também em comparação ao PE, em estudo de corpora oral, a partir de análise de fala espontânea e de jogos populares.

Por intermédio de experimento *on-line* de leitura automonitorada em que só se foi investigado o comportamento do pronome nulo (*pro*) em subordinadas adverbiais temporais, Luegi (2012) e Luegi, Costa e Maia (2014) estudaram as preferências pronominais em se

estabelecer a correferência anafórica através de uma pesquisa contrastiva promovida entre português europeu (PE) e português brasileiro (PB) de modo que, embora os resultados não tenham sido estatisticamente significativos, eles apontaram certas tendências, quais sejam, de que os tempos de leitura mais altos registraram-se nas condições em que o *pro* é forçado a correferir com o oblíquo, que é o objeto, alocado em posição pós-verbal, em ambas as variedades de língua portuguesa comparadas, à medida que os tempos mais baixos são registrados nos casos em que o sujeito nulo é forçosamente induzido a manter correferência com o sujeito pré-verbal da oração subordinante precedente tanto em português europeu quanto em português brasileiro.

Dessa forma, essa primeira experiência apontou haver, nas situações de ordem canônica (SVO: Sujeito-Verbo-Objeto) da oração subordinante, um efeito forte do fator *função sintática* o qual demonstra que o sujeito, em posição pré-verbal, figura como o antecedente mais saliente que prefere, por conseguinte, ser retomado por uma forma pronominal mais reduzida, notadamente o *pro*. Em PE, não se registraram diferenciações entre a retomada de sujeito e de objeto quando este era topicalizado e aquele pós-verbal, o que parece indicar que os dois entes possuem a mesma saliência na ordem não cânone. Já em PB, diferenças foram registradas de sorte que se evidenciou haver preferência com tempos reduzidos de leitura na retomada de sujeito pós-verbal a ser passivelmente interpretada como uma predileção do pronome nulo em correferir com o antecedente espacialmente mais próximo. Bem, quando se avaliando unicamente o PB, as diferenças foram estatisticamente significativas e retrataram que os tempos de leitura foram sempre mais elevados na retomada feita perante o antecedente objeto independente de a posição estrutural assumida ser mais alta ou mais baixa.

Na sequência, em estudo de questionário do tipo lápis-papel, caracterizador de um experimento *off-line* que visou comparar ambas as variedades linguísticas do português, Luegi (2012) e Luegi, Costa e Maia (2014), no tocante à ordem canônica, não encontraram diferenças significativas na retomada de sujeito com o pronome nulo, muito embora tenham registrado diferenciações na correferência efetivada por pronome pleno. Enquanto que em PE houve predileção por retomar o antecedente objeto por parte do pronome pleno, no PB a existência de tamanha preferência foi tênue, havendo diferença mínima para o pronome pleno retomar o antecedente sujeito ou o objeto. Em relação ao pronome nulo, os resultados replicaram o do experimento *on-line* anterior e retrataram que, tanto para o PE quanto para o

PB, o *pro* é interpretado como retomando o antecedente sujeito, não importando se alocado antes ou depois do verbo.

Quanto ao pronome pleno em PE, sucedeu-se uma alteração dos resultados da ordem canônica para a ordem de topicalização em que passou a haver uma diminuição da preferência de retomadas de antecedentes objetos; já em PB, a taxa de retomada de antecedente objeto, seja na ordem canônica seja na não canônica, foi semelhante. Por sua vez, em PE, a predileção por retomar antecedente sujeito pré-verbal correspondeu a 29% ao passo que, em PB, esta preferência foi maior, atingindo o patamar de 41% na ordem canônica (LUEGI, 2012, p. 166; LUEGI, COSTA & MAIA, 2014, p. 81). Logo, é relevante ressaltar que essas conclusões foram válidas mais para o português europeu, dado que os resultados do contraste entre as duas variedades linguísticas, a europeia e a brasileira, pareceram ser, sobretudo, influenciados pelos dados do PE em razão de o PB não ter registrado efeitos significativos de ordem de referência. De qualquer maneira, quer na ordem canônica ou na inversa, a porcentagem de retomada de antecedentes sujeitos por pronomes plenos foi maior em PB do que em PE.

Dessa vez, valendo-se de outro experimento *on-line*, o do paradigma do mundo visual (*visual world paradigm*), juntamente com tarefa de questionário *off-line*, e estudando não só os pronomes nulos, mas também os plenos, a autora concluiu, para o português europeu, que há, em ordem canônica dos constituintes, uma prevalência de retomadas do antecedente sujeito por *pro* e de entes não-sujeitos, que são os objetos, pelos pronomes plenos. Já no concernente à ordem não canônica, Luegi (2012) captou que esse padrão é alterado de maneira tal que o *pro* detém preferência por retomar o objeto que se encontra alocado como tópico frásico e o pronome pleno têm predileção por fincar correferência com o sujeito quando ele se encontra em posição pós-verbal. A partir dessas constatações, concluiu-se que a modificação posicional dos constituintes na frase ou sentença por meio da topicalização do objeto e da posposição do sujeito ao verbo exerce cristalina interferência no estabelecimento da correferência entre as expressões anafóricas e seus respectivos antecedentes.

Por conclusão, em seu último experimento, o *on-line* de monitoramento ocular (*eyetracking*), semelhante ao primeiro de leitura automonitorada, só que com a introdução do estudo dos pronomes plenos juntamente com os nulos, Luegi (2012) depreendeu para o PE, em se tratando da correferência anafórica firmada por *pro*, que os tempos de leitura foram mais elevados quando a correferência foi feita com o objeto em posição canônica pós-verbal à proporção que os tempos de leitura mais baixos ocorreram na correferência firmada com o objeto topicalizado em posição não canônica em face do tempo da primeira leitura e também

quando a correferência foi levada a efeito junto com as condições de retomada do sujeito em função da avaliação do tempo total de leitura, em que tempos mais reduzidos procederam para o vínculo correferencial fincado com o sujeito pré-verbal, seguido do sujeito pós-verbal e imediatamente depois do objeto pré-verbal.

Com relação ao pronome pleno, os tempos de leitura foram parecidos no tangente à primeira leitura e ao tempo total de leitura. Assim, os valores temporais mais baixos foram encontrados na correferência estabelecida com o objeto topicalizado na ordem não canônica enquanto os mais altos na firmada com o sujeito pós-verbal em ordem também invertida. Já na ordem canônica, os tempos mais dispendiosos foram registrados nos casos em que se retomou correferencialmente o sujeito ao mesmo tempo em que os menos demorados corresponderam àqueles em que se retomou o objeto. O contraste entre a ordem canônica e invertida apontou para o fato de que os pronomes plenos são prediletamente interpretados como correferentes de antecedentes os quais constituam entes detentores de funções sintáticas menos salientes ou relevantes, tais como os objetos, mas que, apesar dessa condição, detenham posições estruturais de destaque.

Enfim, Luegi (2012) chegou a conclusão de que a resolução correferencial e de expressões anafóricas é resolvida pela atuação concomitante da forma pronominal assumida pela expressão anafórica e pela função sintática e posição estrutural dos antecedentes a ponto de a saliência destes ser fruto da combinação desses diferenciados fatores os quais intervêm nos diversos momentos ou fases constituintes do processamento.

Por seu turno, Costa e Matos (2012), a partir de experimento *off-line* baseado em tarefa de escrita provocada, através da qual se estudou a correferência anafórica, investigaram as estratégias preferenciais para produção de correferência, por escrito, demonstrada por crianças do 4º e 6º ano do ensino básico de português europeu (PE) e brasileiro (PB). O objetivo consistiu em comparar as diferenças de preferências na conformação de sujeitos correferenciais entre falantes de PE e de PB pertencentes a dois grupos de idades distintos e marcados por diferentes fases de desenvolvimento cuja realização das produções escritas foi induzida com base na apresentação de narrativas às crianças de sorte que elas tiveram de elaborar um texto que relatasse os acontecimentos observados na estória referente à narrativa à qual foram expostas.

Assim sendo, as autoras depreenderam que ambos os grupos de falantes de PB optaram por utilizar, como recurso mais frequente, a construção de sujeitos lexicalizados do

que omitidos⁹³ ao passo que, para o 4º ano do PE, houve um equilíbrio entre a formação das duas formas expressivas do sujeito enquanto que, para o 6º ano do PE, foi adotada a utilização das formas pronominais nulas ou *DP-gaps* para formar os sujeitos omitidos em desfavor dos pronomes plenos. Por isso, os falantes pueris do 6º ano do PB produziram textos, com base na narrativa a que foram expostos, com emprego significativamente maior de sujeitos plenos do que nulos enquanto os do 4º ano não demonstraram diferença significativa na maneira como expressaram o sujeito durante a elaboração de seus textos. Da mesma forma, os falantes infantis do 6º ano do PE recorreram à utilização mais expressiva de sujeitos omitidos do que lexicalizados ou plenos em meio à criação dos seus textos narrativos enquanto os do 4º ano também não apresentaram distinção significativa na forma de expressão do sujeito. Além do mais, esta ausência de distinção é ainda mais acentuada e equilibrada entre as crianças do 4º PE do que do 4º PB.

Na comparação entre as duas línguas, constatou-se que as crianças do 6º ano do PB recorreram significativamente mais, em termos estatísticos, ao emprego de pronomes plenos do que as do 6º e 4º anos do PE da mesma maneira que as do 4º ano do PB também se valeram mais do emprego de pronomes plenos do que as do 4º ano do PE. Em suma, evidenciou-se que as crianças falantes do PB costumam usar mais os pronomes plenos do que as falantes de PE.

Diante do averiguado, o contraste existente quanto ao uso de sujeitos lexicalizados ou omitidos revelou ser produtivo para diferenciar os dois grupos de língua entre si a ponto de, em PE, a estratégia de preencher lexicalmente o sujeito frástico ser abandonada por efeitos de desenvolvimento a que estão associados outros relativos à aprendizagem da língua escrita, havendo límpida predileção pelo uso de sujeitos omitidos, à medida que, em PB, a preferência por construir sujeitos lexicalmente realizados diminui com o avanço da idade das crianças ao passarem do 4º para o 6º ano, embora continue a se sobrepor à utilização de sujeitos não realizados, o que comprova que há consolidação do uso anafórico de sujeitos lexicais seguido da redução do emprego de omitidos. Então, em PE, as crianças, ao avançarem do 4º para o 6º

⁹³ Costa e Matos (2012) referem-se às construções analisadas como sujeitos lexicalizados e omitidos e não como pronomes plenos e nulos ou *pro*, porque, ao trabalharem com experimento que investiga a produção e não a compreensão, as autoras obtiveram textos das crianças compostos pelas mais diversas categorias sentenciais em que se constataram a construção de sujeitos que são omitidos não exclusivamente porque contêm *pro*, concernentes a sentenças finitas, mas também PRO, referentes a sentenças infinitas e *DP-gaps*, lacunas de um sintagma determinante, relativas a coordenadas em que o que ocorre é um movimento de extração simultânea do sujeito de ambos os termos coordenados. Neste caso das frases coordenadas, o sujeito omitido não implica na existência de um *pro* que foi inserido, mas é consequência de movimentação de constituintes nominais por extração simultânea, o “*across the board*”, em que o sujeito omitido não é um pronome nulo e sim uma cópia-A do sujeito que se moveu do interior do sintagma verbal para a posição argumental de sujeito frástico, que é o especificador de Flexão/Tempo.

ano, ampliam a taxa de emprego de *pro*_s, de PRO_s e de *DP-gaps* na constituição de sujeitos omitidos à proporção que, em PB, os infantes seguem o processo inverso, pois diminuem a frequência de utilização dessas formas nulas.

Além do mais, em PE, acusou-se diferença significativa no uso das formas pronominais nulas frente às *DP-gaps*, fato que expõe clara preferência das crianças pela utilização de sentenças justapostas ou subordinadas contra as coordenadas, afora o que pela construção de sujeitos pronominais nulos em face dos sujeitos omitidos cuja formação seja decorrente de movimento inerente às *DP-gaps*. Costa e Matos (2012) mostraram ainda que, em sentenças-raiz e nas subordinadas, os alunos do 6º ano do PE empregam mais sujeitos *pro*_s do que os discentes do 4º ano, como também que os estudantes do 4º ano do PB, que usavam parcamente *pro*_s na conformação dos sujeitos omitidos, deixam completamente de fazê-lo no 6º ano.

De um modo final, concluiu-se que, no referente ao PE, sujeitos correferenciais omitidos são preferenciais enquanto que, no concernente ao PB, os sujeitos lexicalizados é que são os preferidos no estabelecimento da correferência.

2.4.6.5 Em Português Brasileiro (PB)

A priori, tendo como meta distinguir as condições de processamento que favorecem a utilização de estratégias inerentes à escolha de antecedentes linguísticos para uma forma pronominal das condições que facultam privilegiado acesso a uma fornecida representação linguística que é particularmente conservada ativa na memória de trabalho em dado segmento discursivo durante o processamento do discurso, Corrêa (1998) estudou a correferência anafórica de pronomes nulos, plenos e de PRO em função de sujeito em diferentes tipos de sentenças, inseridas em diminutos discursos, nos quais se manipulou o *tema*, elemento temático ou tópico do discurso, e o *foco*, foco do segmento discursivo, a partir de dois experimentos *off-lines*, baseados em tarefa de interpretação classificada como do tipo pergunta-resposta, referentes à interpretação da correferência dentro da sentença. Com isso, a autora explorou o contraste entre pronome pleno e *pro* em português brasileiro (PB) como artifício para discernir procedimentos de interpretação dependentes do acesso à representação de determinado antecedente linguístico, um NP por exemplo, de mecanismos de interpretação que recuperam a representação do referente e não dele em si, de sorte a dispensar o acesso a

uma forma linguística concreta; investigando também o quanto a interpretação do pronome pleno e de *pro* é afetada pela introdução de um novo referente no discurso.

Assim, o Experimento 1 almejou constatar se a ausência ou presença de vínculo sintático entre as cláusulas que compõem a sentença constituía fator responsável por atuar no modo como as formas pronominais categorizadas como sujeito são processadas por meio do uso dos pronomes plenos de 3ª pessoa do singular (‘ele’ e ‘ela’) e nulo (*pro*) investigados em torno de orações independentes, coordenadas e subordinadas adverbiais temporais em que se manipulou a correspondência da variável *tema* ou elemento temático ao sujeito da primeira oração. Nesse sentido, os participantes ouviram com atenção pequenos textos apresentados pelo experimentador antes de responderem a uma pergunta interpretativa ao final da auscultação de maneira que todos os textos e perguntas foram mostrados oralmente, assim como as respostas dos sujeitos também foram verbalmente fornecidas.

Como resultado, houve um efeito principal significativo para a variável *vínculo sintático* em que se sucedeu um número maior de respostas paralelas para as formas pronominais sujeito das orações independentes, além de um efeito principal da *forma pronominal*, em decorrência do número mais elevado de respostas paralelas para *pro*, bem como um também efeito principal do *grau de ativação*, diante do qual foram obtidas mais respostas paralelas quando o sujeito da primeira oração e o elemento temático coincidiam. As sentenças com grau ativo ou [+ativadas] correspondiam à situação na qual o elemento temático e o sujeito da primeira oração possuíam o mesmo referente enquanto o referente desses elementos não coincidia nas [-ativadas], quer dizer, o referente do sujeito não era o mesmo do tópico discursivo. Também ocorreu interação significativa entre as variáveis *vínculo sintático* e *forma pronominal*. Os dados igualmente demonstraram que o contraste entre pronome pleno e *pro* procede em todas as condições, notavelmente na presença de um vínculo sintático, não havendo evidência clara de comportamento diferenciado entre coordenadas e subordinadas adverbiais temporais, muito embora estas tenham parecido admitir mais do que aquelas a correferência de *pro* com um não sujeito da mesma forma que do pronome pleno com o sujeito.

Tem-se observado que o efeito do grau de ativação é manifestado seja na interpretação de *pro* seja na do pronome pleno; no entanto, enquanto o efeito incidente sobre *pro* se estendeu por todas as condições definidas em função do vínculo sintático, tamanho efeito se restringiu e se manifestou caracteristicamente em orações independentes em se tratando do pronome pleno. Portanto, o efeito do grau de ativação sobre *pro*, independentemente do

vínculo sintático, implicou por sugestionar que a interpretação do pronome nulo, isto é, da forma fonologicamente vazia é operada por um recurso de natureza discursiva, notavelmente a manutenção de foco a independer do ambiente sintático ao qual o nulo esteja relacionado.

Quanto ao pronome pleno, o procedimento operativo é diverso de sorte que, em sentenças sintaticamente vinculadas, uma estratégia de seleção de antecedente de orientação lexical, sintagmática e, porquanto, sintática tem atuado à medida que, em sentenças sintaticamente independentes tem operado a acessibilidade relativa das representações de possíveis referentes para o pronome em um grau de abstração maior e em um nível mais semântico orientado por um procedimento de caráter discursivo; afora o que ficou verificado que a busca de um referente para o pronome pleno é prioritariamente reservada ao espaço sentencial, fato confirmado pela relativa resistência destas formas lexicalizadas ao efeito do grau de ativação.

Desse modo, Corrêa (1998) demonstrou que o falante de PB estabelece um contraste entre pronome pleno e *pro* a partir do efeito principal da forma pronominal à medida que corroborou a hipótese de que condições de processamento específicas, tais como a caracterizada pelo mecanismo do vínculo sintático, são capazes de neutralizar este contraste de acordo com a interação significativa que se obteve entre *forma pronominal* e *vínculo sintático*. Evidenciou-se, demais, que, em sentenças independentes, a distinção feita entre *pro* e pronome pleno tende a ser enfraquecida à proporção que, nas orações sintaticamente vinculadas, a possibilidade disponibilizada de acesso à representação de dois possíveis antecedentes para a forma pronominal em tela possibilita ser o contraste estabelecido.

Bom, o Experimento 2 seguiu igualmente a lógica do anterior, contudo limitou-se a conferir a interpretação de formas pronominais como sujeito apenas de orações independentes sintaticamente a partir da manipulação da correspondência da variável foco do segmento discursivo com o tema, da mesma forma que por meio da manutenção da equivalência do referente de PRO com tal elemento temático. Diferentemente, outrossim, da primeira experiência, os textos experimentais desta foram idealizados de modo tal que o sujeito da oração imediatamente anterior à que contém a forma anafórica não condizia, em necessário, à representação linguística equivalente ao foco do segmento discursivo na qual o par crítico de orações se encontrava.

Os resultados, porquanto, revelaram um efeito principal altamente significativo da variável *foco* e também uma interação considerável entre *foco* e *forma pronominal*. Logo,

a interpretação de *pro*, apesar de afetada pela presença de um elemento novo, tal como o antecedente de PRO na terceira condição, é mais afetada pelo fato de o antecedente de PRO corresponder ao elemento temático na segunda condição das três experimentais elaboradas para este experimento ao passo que o pronome pleno, mesmo que afetado de forma análoga, pela recuperação do elemento temático sendo tido como antecedente de PRO, é bem mais sensível à presença de um elemento novo enquanto antecedente de PRO.

Ora, retratou-se, assim, que o grau de ativação de uma dada representação na memória de trabalho compreende um fator que tem de ser levado em consideração na maneira como formas pronominais são interpretadas e que a ambigüidade potencial da referência pronominal é atenuada quando a representação equivalente ao foco do segmento se mantém, de igual modo, ativada como elemento temático. Ademais, a interpretação de *pro* remete diretamente, em sentenças independentes, ao mais alto nível de atividade da memória de trabalho no processamento do discurso, isto é, no nível em que se preservam ativados elementos de caráter temático e através do qual se patrocina o monitoramento da compreensão em patamar discursivo. Além do mais, o contraste entre *pro* e pronome pleno, que se revelou neutralizado nas duas primeiras condições, em que o elemento temático é igual ao foco do segmento e diferente do referente de PRO (F1) e em que o elemento temático é diferente do foco do segmento e igual ao referente de PRO (F2), em pertinência com o obtido no primeiro experimento, se manifestou na terceira condição (F3), em que o elemento temático é diferente tanto do foco do segmento quanto do referente de PRO, quando se mostra acessível um referente alternativo ao que se apresenta como foco do discurso ou da unidade discursiva em pauta.

Enfim, Corrêa (1998) concluiu que a presença ou ausência de vínculo sintático em uma sentença que contenha uma forma pronominal sujeito e factíveis antecedentes para ela constitui fator que afeta a interpretação da correferência anafórica. A existência de vínculo sintático garante, pois, o acesso a uma representação de natureza sintagmática da primeira oração sentencial, favorecendo a seleção de antecedentes linguísticos (NPs) na interpretação de um pronome sujeito. Já na ausência desse vínculo, uma representação mais abstrata, que é mantida particularmente ativada na memória de trabalho, é prioritariamente recuperada. Diante disso, na interpretação das formas pronominais que assumem a função sintática de sujeito, a ausência de um vínculo sintático entre as orações constituintes da sentença inclinam-se no sentido de neutralizar o contraste entre *pro* e pronome pleno o qual se manifesta quando decorre a presença de concebíveis antecedentes linguísticos na memória

imediate. Tal contraste, entretanto, pode ser restabelecido a partir do momento em que ocorre uma alteração local do foco do segmento discursivo, o que torna acessível uma representação alternativa para a resolução pronominal e para a interpretação correferencial correlata.

Embora os fatores responsáveis pela modificação local do foco da referência não se encontrem e nem estejam de todo plenamente definidos, a inserção de um referente novo tomado como antecedente de PRO, que é o sujeito do infinito verbal, aponta por criar uma condição favorável para essa mudança. Logo, uma formulação geral passível de ser promovida para permitir uma condição de processamento requerida para o estabelecimento do contraste entre *pro* e pronome pleno reside na possibilidade de acesso a uma representação alternativa à que se mantém prevalentemente em foco e particularmente ativada quer seja no domínio de um enunciado, quando as estratégias de seleção de um antecedente linguístico podem ser operantes, quer seja no âmbito de um segmento discursivo mais amplo em que reinem as representações semânticas e discursivas, haja vista que as alterações de foco características dessa dinâmica do discurso tornam particularmente vulnerável a referência do pronome pleno.

Corrêa (1998, p. 23) ainda racionaliza que esses:

resultados são compatíveis com um modelo da memória de trabalho que opera paralelamente em três níveis de atividade — um nível que mantém ativas representações dos elementos temáticos do discurso, um nível que mantém particularmente ativada a representação correspondente ao foco de um segmento discursivo e um nível imediato, no qual se mantém a representação de natureza lexical e/ou sintagmática do enunciado em processamento. Observa-se que, quando a representação mantida no nível imediato de atividade da memória apresenta possíveis antecedentes para uma forma pronominal sujeito — o que é facilitado pela existência de um vínculo sintático entre as orações, um destes é selecionado. Do contrário, a representação correspondente ao foco do segmento discursivo é prioritariamente recuperada. A condição de acesso que minimiza a ambigüidade da forma pronominal como sujeito de orações independentes é, contudo, aquela em que um referente se mantém representado em mais de um nível de atividade da memória — como foco do segmento discursivo em questão e como elemento temático.

Finalmente, ela pontuou que o uso de estratégias de seleção, durante o decurso do processamento correferencial anafórico, que considera propriedades formais do material linguístico, estaria subordinado a uma privativa condição de acessibilidade, a saber, aquela de acesso à representação de natureza sintagmática da oração que detém admissíveis antecedentes para o pronome. Afinal, tal qual inicialmente descoberto por Corrêa (1989 apud CORRÊA, 1998), Corrêa (1998) ratificou que os falantes de português brasileiro costumam interpretar *pro* como correferente de um antecedente que seja um NP em função de sujeito enquanto tendem a interpretar o pronome pleno como correferindo a um antecedente que não

seja o sujeito da oração precedente em contextos de vínculo sintático em que decorre uma relação de coordenação ou de subordinação adverbial temporal. E por último, à medida que Corrêa (1989 apud CORRÊA, 1998) averiguara que, independentemente do vínculo sintático, a neutralização do contraste entre *pro* e pronome pleno ocorre quando a primeira oração do par constituinte da sentença complexa está na voz passiva, Corrêa (1998) também confirmou que esse contraste entre *pro* e pronome pleno é neutralizado diante de orações que sejam sintaticamente independentes.

Por via de experimento *off-line*, encaminhado a partir da execução de um questionário impresso em livreto e acoplado a um teste de produção escrita, por sua vez, Fonseca e Guerreiro (2012) exploraram o processamento dos pronomes nulos e plenos de terceira pessoa dentro de configurações anafóricas e catafóricas intrassentenciais ambíguas a fim de desvendarem quais as preferências que os falantes de PB demonstram ter na eleição de um antecedente ou poscedente dentre dois possíveis para correferirem com uma das duas formas pronominais em subordinadas adverbiais temporais dispostas em ordem subordinante-subordinada para as disposições anafóricas e subordinada-subordinante para as catafóricas. Eles obtiveram como resultado a preponderância em indexar *pro* ao sujeito (81%) e o pronome pleno ao complemento do verbo (74%), isto é, ao objeto nas situações de correferência anafórica à medida que *pro* também ao sujeito (96%), mas não necessária e exclusivamente o pronome pleno ao objeto nos casos de correferência catafórica, uma vez que se verificou uma proximidade muito grande e um equilíbrio entre se eleger quer o sujeito (41%) quer o objeto (40%) como poscedentes para o pronome pleno (FONSECA & GUERREIRO, 2012, p. 129).

Esses resultados bastante próximos juntamente com o aparecimento da resposta ‘outro’, que pode ser encarada como a possibilidade de se considerar como possível correferente um referente extralinguístico, uma exófora em outras palavras, além do maior número de respostas etiquetadas como ‘branco’, em comparação ao captado nas ocorrências anafóricas, imprimem não haver uma predileção clara ou um comportamento padronizado do pronome pleno quanto ao antecedente com que deve correferir, não importando sua posição ou função sintática. Além do mais, ficou evidenciado que essa flutuação na indexação do pronome pleno sugere que a ambiguidade não é resolvida pela estrutura linear da sentença. Para os autores ainda restou esclarecido que o efeito principal do tipo de referente significa afirmar que a posição diferente assumida pelo antecedente dentro da sentença, se sujeito ou se complemento, influi na correferenciação, havendo uma predisposição do falante do PB em

estabelecer a correferência de acordo com a posição da sentença. Seguindo o mesmo raciocínio, a interação significativa entre a posição dos pronomes nulos e plenos e suas correferências indicou que o tipo de pronome e sua posição, em sendo anáfora ou catáfora, também influi na correferenciação.

Em sequência, Fonseca e Guerreiro (2012) mostram, porquanto, que os falantes do PB detêm desanuviada predisposição em indexar *pro* a um antecedente em posição de sujeito tanto diante das anáforas quanto das catáforas e que há uma transparente predisposição de o pronome pleno firmar correferência com o poscedente que esteja na posição ou de sujeito ou de objeto na conformação catafórica se comparado for à escolha de um referente extralinguístico como aceitável correferente, embora a aceitação de um correferente exofórico seja uma opção também um tanto aceitável (14%) (FONSECA & GUERREIRO, 2012, p. 129).

Como conclusão, por fim, segundo os autores, o PB parece funcionar como as demais línguas *pro-drop* no que concerne à obediência à estratégia de processamento e de escolha do antecedente por parte do pronome nulo e pleno junto à correferência anafórica e apenas por parte de *pro* frente à correferência catafórica.

Por seu turno, na pesquisa referente à sua dissertação de mestrado, Hora (2014) investigou, dentro do processamento da correferência anafórica em português brasileiro (PB), quais as preferências dos pronomes nulos e plenos quanto ao antecedente a ser escolhido dentre os possíveis nominativos alocados em posição de sujeito ou objeto. No primeiro experimento de leitura automonitorada, ela comparou o processamento do pronome pleno perante *pro* posicionado tanto em posição de sujeito quanto de objeto em que tais expressões pronominais estiveram relacionadas a antecedentes também dispersos nessas duas posições sintáticas a fim de testar se o estabelecimento da correferência seria feito com base na Hipótese do Paralelismo Estrutural ou na Hipótese da Posição do Antecedente. A partir dele, evidências apareceram de que o pronome pleno em posição de sujeito está cada vez mais tomando o lugar de *pro*, fazendo com que este seja mais difícil de ser processado e que o pronome pleno é utilizado tanto para retomar antecedentes a assumir a função de sujeito quanto a de objeto, não tendo predileção em firmar correferência em relação à forma ou função sintática desempenhada pelo seu possível antecedente, ou seja, exurgiram evidências de que o pronome pleno não tem preferência quanto à posição sintática e/ou estrutural de seu antecedente. Evidenciou-se ainda que, por o pronome pleno reter em si características para

retomar antecedentes em quaisquer das duas posições sintático-estruturais aludidas, ele apresenta uma demora um pouco maior na identificação do antecedente a ser retomado.

Em seu segundo experimento, a compreender uma experiência *off-line* trabalhada a partir da aplicação de questionário de lápis e papel, e em sua terceira experiência *on-line*, a compor uma tarefa de leitura automonitorada com contraste de número, os quais objetivaram identificar a preferência de interpretação assumida pelas formas pronominais nulas e realizadas que envolvessem o traço phi (ϕ) de número na interveniência da potencial correferência, Hora (2014) divisou que a concordância de número entre antecedente e pronome, seja *pro* ou pleno, resolve o estabelecimento da correferência pronominal em PB, confirmando que os *traços-phi* (ϕ) de número auxiliam na correferenciação anafórica, sendo tamanho traço um facilitador no decurso do processamento correferencial entre expressões anafóricas e/ou pronominais e seus antecedentes.

No quarto e último experimento *on-line* de leitura automonitorada com contraste de gênero que visava reconhecer se, assim como o traço de número, o traço phi (ϕ) de gênero influiria na resolução da correferência, a autora descortinou que tal traço residente nos pronomes também resolve o estabelecimento da correferência pronominal. Assim, ela distinguiu que ambos os traços são altamente relevantes no estabelecimento da correferência anafórica. Conclusivamente, obteve-se que *pro* toma por *default* o estabelecimento da correferência com antecedente em posição de sujeito enquanto que o pronome pleno demonstra poder ser usado para retomar antecedentes posicionados em qualquer posição estrutural dentro da sentença sem nenhum custo ao processamento, embora haja a tendência maior para correferir com antecedentes alocados em função de sujeito, apesar de as retomadas correferenciais com antecedentes em desempenho da função de objeto serem aceitas e verificadas quando feitas com pronome pleno. No entanto, verificou-se que retomar tais antecedentes em locus de objeto pelo pronome nulo, por outro lado, configura-se como atitude menos aceitável. Portanto, os pronomes nulos e plenos funcionam da mesma forma quando retomam um antecedente sujeito; entretanto diferem em respeito às retomadas com antecedentes objetos, visto que os plenos retomam o objeto sem qualquer problema, ainda que numa taxa de frequência menor em comparação com a retomada do sujeito, enquanto que, para os nulos, retomar o objeto é mais custoso processualmente.

Divisou-se também que a informação referente ao Paralelismo Estrutural não corresponde ao dado principal que seja utilizado na correferenciação, como também que a Estratégia da Posição do Antecedente só se confirma para o nulo e não para o pleno, já que

não se tem, em PB, o pronome pleno retomando o antecedente em posição hierárquica mais baixa dentro da estrutura frasal; o que se tem é ele funcionando semelhantemente ao nulo, tendo como antecedente preferente aquele que está em posição de Spec-IP, em posição mais alta na estrutura sintática. Além do mais, considerou-se que essa preferência em eleger como antecedente aquele que está na posição frástica de sujeito deve-se à Proeminência Sintática. Em suma, Hora (2014) concluiu, em face disso, que fatores tais como ordem das orações, tipo de expressão anafórica e posição do antecedente imprimem papel significativo no processamento da correferência pronominal anafórica em PB.

Ainda mais, com vistas a descobrirem quais as preferências sintáticas em português brasileiro (PB) e a fim de confirmarem haver uma função específica para cada uma das formas pronominais em PB, Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014) exploraram a correferência de pronomes nulos e plenos, em configurações anafóricas e catafóricas, a partir de períodos complexos por subordinação, por meio de estudo *off-line* de verificação de resposta comportamental e através de experimento *on-line* de compreensão leitora que foi viabilizada por experimento de monitoramento ocular (*eyetracking*) durante a leitura de frases ambíguas constituídas por uma oração principal e por uma oração subordinada adverbial temporal introduzida pela conjunção temporal ‘quando’ ou ‘enquanto’.

Sem se deterem às restrições gramaticais inerentes às formas pronominais, mas sim ao processamento dos pronomes nulos e plenos em função de fatores de ordem sintática, as autoras procuraram testar se ainda perdura, para os falantes de PB, a existência de especialização sintática da categoria vazia *pro*. Em geral, elas objetivaram examinar o processamento dessas formas pronominais através do experimento *on-line* da mesma maneira que intencionaram averiguar, por meio de experimento *off-line*, a decisão dos falantes de PB quando perante uma ambiguidade a qual consistia em uma competição entre prováveis antecedentes eleitos para a correferência dos pronomes nulos e plenos.

Quanto aos resultados *off-lines* referentes à performance comportamental dos sujeitos, a correferência dos pronomes nulos e plenos foi preferencialmente instaurada com o antecedente em função de sujeito canonicamente posicionado, com exceção da condição de pronome pleno em configuração anafórica em que os valores relativos ao estabelecimento da correferência flutuaram em torno dos 50%, o que demonstrou uma escolha aleatória dos participantes. Além do mais, nas disposições catafóricas, estes estabeleceram a correferência entre o pronome pleno e a posição de objeto em 30% dos casos, situação que corresponde a um índice bem mais acentuado do que os correspondentes valores encontrados para o

pronome nulo no que concerne à correferência com o objeto. Essa avaliação, afinal, pôde ser depreendida a partir do efeito principal que foi encontrado para a variável *tipo de pronome* vs. *posição*. Para as autoras, tudo isso sustentou a interpretação de que o pronome pleno não se apresenta apto a resolver a ambiguidade imposta por competidores do mesmo gênero, número e em posições sintáticas de sujeito e objeto.

Já em concernência ao experimento *on-line* de rastreamento ocular, os tempos de leitura foram maiores para as condições com pronome pleno do que para aquelas com pronome nulo. Na comparação com a posição tanto do pronome pleno quanto de *pro*, Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014) perceberam haver mais custo processual para a catáfora do que para a anáfora, uma vez que os tempos de leitura daquelas foram maiores do que os destas, o que não configura um resultado estranho segundo as autoras que alegam ser a catáfora uma estratégia mais raramente empregada, até mesmo na língua escrita. Apesar dessa evidenciação, a análise da variância não demonstrou haver significância estatística na interação das condições experimentais. Por outro lado, o exame do tempo total de fixação revelou existir efeito significativo na interação entre os fatores *posição* e *tipo de pronome*, o que implicou assegurar, em linhas gerais, que os participantes fixaram por mais tempo as regiões do sujeito na condição de catáfora à proporção que fixaram mais a região de objeto na condição de anáfora. Para as pesquisadoras, a constatação de maior tempo dispensado nas regiões de sujeito para a condição catafórica requer dizer que a catáfora impõe dificuldade na atribuição do poscedente tanto para um pronome pleno quanto para um pronome nulo ou *pro*.

Por sua vez, no tangente aos dados referentes à duração média de fixação, não foram obtidos efeitos significativos para a interação entre os mesmos fatores relativos ao *tipo de pronome* e *posição*, muito embora as autoras, ao retirarem o fator *posição* da análise da variância, tenham então encontrado diferença significativa no tempo de duração média da fixação para o fator *tipo de pronome*. Conforme entendimento delas, uma interpretação que pôde ser inicialmente depreendida desses dados correspondeu à constatação de que os participantes inspecionaram por mais vezes a região do objeto, apesar de terem se detido menos tempo nas visitas a essa região de modo que as visitas empreendidas eram breves, porém em maior quantidade. Enquanto isso, a região concernente ao sujeito da oração foi visitada menos vezes, entretanto as visitas aí dispensadas foram mais longas do que aquelas reservadas à área do objeto, fato a explicar por que razão, embora tenha havido mais tempo conferido ao espaço delimitado pelo objeto, a correferência tenha sido estabelecida com o

sujeito, o qual está localizado na extensão em que as visitas permaneceram por mais tempo, na qual houve, porquanto, maior custo de processamento. As autoras também observaram que praticamente não há diferenciações nos tempos médios de duração entre pronomes nulos e plenos quando se analisa separadamente a condição de anáfora e a de catáfora.

Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014), ao final das análises experimentais promovidas, concluíram que existe uma preferência no estabelecimento da correferência da categoria vazia, em outros termos, do pronome nulo com o antecedente mais saliente, situado em posição de sujeito da oração. A análise dos dados comportamentais ainda sugeriu ser aceitável distinguir no sistema pronominal do PB um grau de acessibilidade distinto para os pronomes nulos e plenos de maneira tal que estes tenderiam a se ligar a antecedentes menos acessíveis enquanto aqueles aos mais salientes e com maior acessibilidade. Também como os participantes claramente preferiram estabelecer a correferência entre *pro* e a posição de sujeito em todas as condições experimentais as quais englobam as subordinadas em posição tanto anafórica quanto catafórica, a partir da análise desses dados comportamentais, evidenciou-se que a ambiguidade é resolvida por meio da presença da categoria vazia, isto é, de *pro* na oração que aponta expressamente para o antecedente em posição de Spec IP, dentro de uma relação na qual a robustez exige classificar o aludido fenômeno como restrição obrigatória do sistema de regras do falante de PB. Em virtude disso, uma vez sendo constatada tal regularidade, não se deveria falar, consoante as autoras, de mudança de parâmetro de sujeito nulo em PB, posto que essa resposta comportamental se apresentou por demais nítida a ponto de indicar a coerência que faz com que a categoria vazia (*pro*) satisfaça suas características semânticas e sintáticas com o antecedente em posição de sujeito da oração principal.

Ademais, a avaliação das medidas de duração média de fixação ocular apontou que os competidores elegidos como correferentes são fixados por mais tempo ainda que em uma menor quantidade de vezes, bem como indicou que a posição gera um efeito nos custos de processamento os quais são inversamente proporcionais para sujeito e objeto. Além disso, as medidas de duração média e tempo total de fixação avaliadas conjuntamente sugeriram, outrossim, uma relação entre posição e distância do antecedente para a forma pronominal.

Em resumo, Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014) arremataram que, em períodos complexos compostos por duas cláusulas, o DP a ocupar a função de sujeito da matriz integra o antecedente prediletamente retomado para firmar correferência com *pro*. De toda forma, como a observação continuada dos papéis temáticos dos competidores pelos

participantes não os levaram a eleger, na tarefa de compreensão, respostas coerentes, não foram consolidados os meios necessários e suficientes a fim de permitir às autoras ratificar que o pronome nulo e o pleno exercem funções complementares em PB.

Aliás, diante dos resultados colhidos nesse experimento *on-line* concernente ao estudo de processamento de frases por meio de monitoramento ocular que indicam falta de especialização para o pronome pleno, além de forte interferência da catáfora e anáfora na computação do sistema pronominal do PB, Teixeira (2013) executou uma sondagem, na qualidade de pequeno experimento, com vistas a preliminarmente identificar as decisões tomadas pelos falantes de PB ao produzir um período complexo em sua língua vernácula. Essa sondagem consistiu na realização de uma tarefa de produção a qual requeria do participante unir, através do uso de uma conjunção temporal, em apenas um único período que deveria ser complexo por subordinação, duas informações apresentadas em frases separadas.

Assim sendo, nesse levantamento, a grande maioria dos participantes retrataram preferir empregar a categoria vazia correspondente a *pro* no estabelecimento da correferência quer anafórica quer catafórica com o antecedente na posição de sujeito, tendo essa predileção alcançado cerca de 91% dos casos, dentre os quais cerca de 41% na condição anafórica e 50% na condição catafórica. Somente 9% dos sujeitos utilizaram um pronome lexicalizado ou um item lexical para instaurar tamanha correferência e mesmo assim os termos usados foram ‘aquele’ e ‘o primeiro’. Por outro lado, de forma similar, a imensa maioria dos participantes, cerca de 95% dos sujeitos, utilizaram o pronome lexical como a apropriada expressão anafórica para correferir com o objeto da oração principal, apesar de que tal pronome predominantemente eleito não tenha sido o pleno ‘ele’ que atingiu apenas 13% das escolhas para a correferência, mas sim o pronome demonstrativo ‘este’ como expressão anafórica ideal para imprimir correferência com o objeto da matriz, o qual foi escolhido por 82.45% dos participantes para tanto (TEIXEIRA, 2013, p. 118s.).

Assim, Teixeira (2013) constatou que o pronome nulo (*pro*) está em distribuição complementar com um pronome seja ele pleno ou de outra natureza como o demonstrativo, visto que *pro* se revela especializado para correferir com o sujeito e o pronome com o objeto. Nesse sentido, ela argumenta ser possível que *pro* seja uma categoria não marcada ao passo que o pronome lexicalizado seja marcado e se distribua em contextos distintos e talvez de maneira diferente nas quatro modalidades da linguagem, a abarcar não só a escrita, como também a oral por exemplo. Enfim, a sondagem retratou que a correferência com o sujeito foi

estabelecida preferencialmente com *pro*, tendo variado igualmente entre a posição catafórica e/ou anafórica em relação ao antecedente. A tarefa de produção também revelou que a correferência com o objeto foi feita preferencialmente através do uso do pronome demonstrativo ‘este’ que serviu ao propósito de desfazer a ambiguidade sugerida pela tarefa.

CAPÍTULO 3: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO ESTADO DA ARTE

A tradição do estudo desse tipo de estrutura referencial, concernente à **correferência catafórica**, em terreno psicolinguístico, por ser ela um dos espécimes existentes de *dependência de longa distância* (*long distance dependencies*), tem início a partir do desdobramento das investigações perfeitas em torno do processamento de outra dependência desse mesmo jaez, as *filler-gap dependencies* (*dependências do tipo preenchedor-lacuna*) tais como as *wh-interrogatives* ou *wh-questions* (*interrogativas com pronome interrogativo iniciadas pelos grafemas ou letras Wh- em língua inglesa e por Qu- em português*), as *topicalizations* (*topicalizações*) e as *scrambling constructions* (*construções invertidas ou embaralhadas ou não canônicas*)⁹⁴.

Inquirições prévias, diga-se de passagem, estabeleceram duas generalizações principiológicas que vieram a também sustentar inicialmente as perscrutações iniciadas sobre a correferência catafórica a qual constitui, da mesma maneira, juntamente com as dependências *filler-gap*, uma estrutura ou relação referencial circunscrita na categoria das dependências de longa distância como já frisado. Ambos os princípios generalizados serão, a propósito, explanados mais adiante dentro deste capítulo.

Assim, antes de se discorrer e explicar detalhadamente esses estudos retromencionados e tais generalizações, é vital que se defina a catáfora psicolinguisticamente; de tal maneira que, desse ponto de vista, Kazanina et. al. (2007) incorporam tais definições catafóricas – já efetuadas em campo próprio da Linguística Gerativa no capítulo anterior – em meio às pesquisas da Linguística Psicológica, procurando adaptar, em outras palavras, o conceito de catáfora ao típico setor das inquirições em Psicolinguística, com vistas a disponibilizar uma conceituação da catáfora, a partir do panorama técnico, menos linguística e, por sua vez, mais psicolinguística, ao definir que “*Referential dependencies between a pronoun and an antecedent noun phrase include [...] backwards anaphora, in which the pronoun precedes the antecedent.*”⁹⁵ (KAZANINA et. al., 2007, p. 385, grifo meu).

⁹⁴ Esse é um termo bem peculiar da tradição linguística de cultura inglesa, não havendo uma tradução precisa e fiel para o nosso idioma português. O sentido mais próximo que podemos resgatar e tentar transpassar para nossa língua é a de que seriam construções invertidas ou de movimento rápido ou de mudança repentina da posição sintagmática de seus constituintes.

⁹⁵ Tradução correspondente da citação para o português: “Dependências referenciais entre um pronome e um sintagma nominal antecedente incluem [...] **a catáfora, na qual o pronome precede o antecedente**” (KAZANINA et. al., 2007, p. 385, tradução minha).

A autora juntamente com seus colegas ainda sucintamente comparam as propriedades das *referential dependencies* (dependências referenciais) com as *filler-gap dependencies* (dependências da espécie preenchedor-lacuna), as quais consistem em outro espécime de dependência instituída linguisticamente, claramente retratando as características intrínsecas à correferência catafórica que são compartilhadas de modo semelhante e análogo com as dependências de natureza *filler-gap*. Daí, sobre isto, eles pontuam que “*Similar to filler-gap dependencies, referential dependencies can span multiple clauses [...] and are subject to structural restrictions.*”⁹⁶ (KAZANINA et. al., 2007, p. 385, grifo meu).

Tendo exposto essas definições catafóricas efetuadas por Kazanina e companheiros (2007, p. 385) dentro da esfera psicolinguística, voltemos a considerar as questões vinculadas às dependências de longa distância sejam elas referenciais ou do tipo *filler-gap*. Janet Fodor (1978) foi quem antes de qualquer outro e precipuamente incursionou pelas pesquisas em *wh-filler-gap-dependencies* ao desanuiar dois tipos de mecanismo com potencialidade de esboçar-se diante do processamento dessas dependências-QU. De um lado, ela desnudou a mecânica da perspectiva do *gap-driven account* ou *view* em que a edificação da dependência é somente iniciada quando o *parser* acha todas as necessárias peças de informação a restar no *input*, *id est*, a partir do instante em que tanto o *filler* quanto a *gap* são absorvidos e notados no parseamento pelo processador. De outro, aclarou a engrenagem através do prisma do *filler-driven view*, sob o qual o *parser* faz a predição das prováveis possibilidades de correferência dependencial a serem consolidadas, ao preditivamente edificar uma dependência assim que entrevê e computa o *filler* o qual constitui a primeira parcela desta dada dependência.

Apoiados por esses alicerces estreantes (FODOR, Janet, 1978), os cientistas linguísticos tiveram os meios para, primeiramente, entremostrarem evidências as quais sugeriram que o *parser* (parseador) constrói as *filler-gap dependencies* ativamente, posto que, após encontrar um plausível *filler* (preenchedor) – um *wh-phrase* ou *sintagma-Qu* por exemplo –, ele instaura uma *gap position* (posição de lacuna) sem esperar por evidências não ambíguas para a consolidação da posição do *gap* no *input*, tendo sido este, aliás, o primeiro princípio a ser generalizado de que se mencionou (q.v. CRAIN & FODOR, 1985; FRAZIER & CLIFTON JÚNIOR, 1989; STOWE, 1986).

⁹⁶ Idem: “Similarmente às dependências preenchedor-lacuna, as dependências referenciais **podem estender-se ao longo de múltiplas sentenças [...] e estão sujeitas a restrições estruturais**” (KAZANINA et. al., 2007, p. 385, tradução minha).

Em segundo lugar, os mecanismos, os quais são postos em prática durante a procura por potenciais posições *gap*, indicaram ser sensíveis a *constraints* (restrições gramaticais), de modo que a construção ativa das *gaps* não foi observada em posições estruturais que são excluídas por tais limitações sintáticas, havendo de ter sido esta a segunda generalização preceitual acima relatada (STOWE, 1986; TRAXLER & PICKERING, 1996).

Assim sendo, pouco depois da formalização dos estudos pioneiros em torno das *wh-dependencies*, Hirst e Brill (1980) estabeleceram-se como os primeiros a estudarem psicolinguisticamente a ação do Princípio C, que eles, à época, denominaram de restrição sintática (*syntactic constraint*) de modo mais geral e abstrato, quando tal princípio ainda não havia nem sido formalmente formulado por Chomsky, o que viria a ser feito em sua abordagem linguística gerativa dentro do rol das regras dos Princípios e Parâmetros no ano seguinte (CHOMSKY, 1981). Eles demonstraram que as restrições contextuais (*contextual constraints*) operam sobre a atribuição e correferência pronominal em sentenças com pronomes ambíguos e não ambíguos e, para além disso, que elas afetam a designação pronominal quando a correferência é restrita sintaticamente. Além do mais, retrataram que a integração da informação referencial ocorre durante a atribuição pronominal (*pronominal assignment*), bem como proveram suporte para o uso da diferença de plausibilidade (*plausibility difference*) como uma medida de restrições contextuais.

Assim ficou evidenciado que, como a integração não decorre depois da atribuição pronominal, mas sim durante o decurso dela, então não só as restrições sintáticas e lexicais afetam esse processo, como também as contextuais de modo que o *parser* integra a informação na cláusula pronominalizada com a informação do texto da cláusula precedente até quando a integração não é necessária para a referida atribuição (*assignment*). Sumarizando, a relevância maior deste trabalho não foi simplesmente mostrar os efeitos do contexto, e sim que eles procedem mesmo quando a atribuição pronominal poderia ser realizada tão somente através do pavimento sintático de maneira que as restrições de natureza contextual trabalham harmonizadas e em conjunto com aquelas de caráter sintático. Finalmente, os autores concluíram que os pronomes servem como sinalizadores para integrar a informação referencial do que como desencadeadores de uma rotina de busca por um antecedente para o pronome (HIRST & BRILL, 1980).

Nesta conformidade, diante daquelas duas generalizações descobertas acerca das *filler-gaps dependencies*, no embalo dessas incursões, quanto a princípios psicolinguísticos operantes na cognição humana e depois da primeira expedição inquiritiva sobre a ação da restrição sintática do Princípio C e das restrições contextuais sobre as dependências

correferenciais endofóricas pronominais impulsionadas por Hirst e Brill (1980), inquirições foram feitas junto ao processamento catafórico a fim de se observar se essas mesmas duas propriedades existentes nas *filler-gap dependencies*, descritas mais acima, também se aplicavam às dependências catafóricas. Logo, ao enfocarem em seus estudos as dependências referenciais e mais especificamente as catafóricas, Cowart e Cairns (1987) examinaram que as dependências correlacionais catafóricas estão sujeitas a restrições gramaticais, isto é, evidenciaram que a correlação catafórica está submetida a restritores (*constraints*) de cunho sintático semelhantemente ao constatado anteriormente nas dependências *filler-gap* e na correlação endofórica com atuação de restrição sintática tipo o Princípio C em Hirst e Brill (1980).

Tempos depois, Van Gompel e Liversedge (2003) acrescentaram que o processamento da correlação catafórica é afetado por restrições morfossintáticas de maneira a sofrer influência de informações morfológicas tanto de gênero quanto de número.

Mais tarde, Kazanina (2005) observou existir, junto à correlação catafórica, a formação da dependência ativa a partir da constituição de um mecanismo de busca ativa, *active search*, por via de uma varredura prospectiva executada pelo *parser*, em busca da resolução da correlação catafórica, em que se varre toda a sentença prospectivamente a procura do potencial antecedente para o pronome catafórico depois de defrontar-se com a forma remissiva, o primeiro elemento linguístico a compor a correlação em tela, sem se esperar por evidências *bottom-up* à semelhança do corrente com as dependências-QU dentre as *filler-gap dependencies* a ponto de ela ter aventado que o processamento da correlação catafórica pronominal em inglês compartilha das mesmas propriedades processuais e/ou computacionais do processamento das *filler-gap dependencies*.

Para finalizar, como esses estudos – pioneiros quanto à consideração e alocação da correlação catafórica enquanto objeto de estudo no cenário psicolinguístico – chegaram a descobertas abertas a interpretações alternativas, Kazanina (2005) examinou essas questões mais pormenorizadamente no processamento do inglês, como também tanto na aquisição quanto no processamento catafórico em russo. Na sequência, Kazanina et. al. (2007) examinaram novamente essas questões em maiores detalhes na língua inglesa enquanto Kazanina e Phillips (2010) fizeram o mesmo com maior profundidade no idioma russo, constatando se o estabelecimento de relações catafóricas correlacionais apresentavam, de fato, essas duas propriedades típicas das *filler-gap dependencies* e focando particularmente na distinção dos efeitos provenientes das restrições gramaticais ou *constraints* dos efeitos das probabilidades distribucionais atuantes sobre o processo de formação de dependência ativa.

Deste modo, estando alicerçada nessas duas grandes empreitadas postas frente ao estudo investigativo do fenômeno linguístico da correferenciação catafórica procedente em línguas inglesa e russa, assim como já em outras distintas línguas também, que serão mais à frente relatadas, esta inquirição, por meio da presente dissertação, ousa expandir tamanha investigação acerca dessa espécie de correferência para o domínio da língua portuguesa falada em território brasileiro, de tal maneira que intenciona e pretende contribuir para a comunidade linguística e psicolinguística mundial com conhecimentos científicos contundentes sobre o funcionamento, comportamento, características e propriedades intrínsecas ao processamento linguístico das relações catafóricas, em estado de correferência, operantes em português brasileiro (PB).

Antes de a revisão, porém, ser empreendida, é importante destacar que uma série de estudos acerca do que se denominou de dispositivos catafóricos foi engendrada a partir dos estudos de Gernsbacher e colegas (ver GERNSBACHER, 1990; GERNSBACHER & JESCHENIAK, 1995; GERNSBACHER & SHROYER, 1989; JESCHENIAK, 2000). Como, no entanto, estas investigações não se centraram no processamento da correferência catafórica em si estabelecida por pronomes e sim no processamento de catáforas não pronominais instanciadas por artigos indefinidos tais como ‘*this*’ contrapostos a ‘*a/an*’ e por acento pronunciado (*spoken stress*) e tendo em vista que a presente pesquisa se circunscreve no âmbito da correferência catafórica pronominal, esses estudos não serão comentados na revisão interposta no tópico seguinte.

Logo, ponderando que estas espécies de estudo de elementos catafóricos permanecem fora do escopo desta perquisição e a fim de que esta dissertação não fique demasiadamente densa ou por demais extensa, tais explorações encabeçadas por Gernsbacher não serão aqui relatadas. Por isso, caso seja de interesse uma compreensão mais abrangente a respeito do processamento envolvendo a catáfora em uma perspectiva mais ampla, que se pondere consultar à parte tais estudos liderados por Gernsbacher.

Relatemos e debatamos, pois, em maiores detalhes a seguir, os propósitos dessas inculcas mencionadas imediatamente acima e já um pouco agora debatidas enquanto vinham sendo paulatinamente elencadas, no capítulo introdutório deste escrito magistral, no intuito de conceituar psicolinguisticamente a relação referencial catafórica à medida que a contrabalanceava, em seu perfil configurador de suas características definidoras, com as propriedades delineadoras e constituintes da natureza das relações próprias das dependências-QU, que serviram cronologicamente de respaldo e base para o início das

investigações referenciais catafóricas, as quais se revelam estratégicas para o entendimento do que procede em português brasileiro (PB).

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E ANÁLISE SISTEMÁTICA DO ESTADO DA ARTE SOBRE AS PESQUISAS DEPREENDIDAS EM TORNO DA CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA NO ÂMBITO DA PSICOLINGUÍSTICA⁹⁷

3.1.1 Os Primeiros Estudos Correferenciais Catafóricos: as Incursões no Âmbito do Processamento Linguístico junto ao Espeque dos Idiomas Indo-Europeus e Japônicos

3.1.1.1 As Investigações em Língua Inglesa

3.1.1.1.1 TYLER & MARSLEN-WILSON (1977): *Estudo Psicolinguístico em Processamento de Tarefa de Continuação de Sentença Combinada com Tarefa de Nomeação de Palavra acerca dos Efeitos do Contexto Semântico sobre a Computação Sintática e em torno da Interação entre as Informações Semânticas e Sintáticas junto ao Processamento Sentencial*

Tyler e Marslen-Wilson (1977) estudaram o processamento intrassentencial, entre sentenças ligadas por conectivos, isto é, conjunções, com base no confronto de teorias processuais distintas, por meio do teste de modelos diferentes de processamento *on-line*, ao testarem se o processamento sintático *on-line* é autônomo e não afetado pelo contexto semântico ou se é interativo e daí influenciado pela semântica. Assim sendo, a fim de comprovar que o processamento sentencial é orientado de forma interativa e não autônoma ou serial, os autores acabaram por, de certa forma, estender as conclusões para o processamento correferencial e, de modo ainda mais particular, para o processamento da correferência catafórica, haja vista que parte das sentenças, as quais foram elaboradas para compor os estímulos frasais constituintes do experimento desta inquirição, foi estruturada de modo tal

⁹⁷ Sugere-se tomar como material de leitura orientativa o handbook de Psicolinguística de Spivey, McRae e Joanisse (2012), bem como o de Traxler e Gernsbacher (2006) no que concerne ao panorama de estudos psicolinguísticos. Em alusão ao domínio da Psicolinguística, observe, na mesma medida, Ducrot e Todorov (1998, p. 75-78).

que acabou por compor também sentenças delineadoras de potenciais estados de correferência catafórica.

Sendo assim, Tyler e Marslen-Wilson (1977), a partir da utilização das sentenças em (22), presentes logo a seguir e dispostas em torno de uma tarefa de continuação de sentença (*sentence continuation task*) combinada com uma outra tarefa de nomeação de palavra (*word-naming task*), buscaram fornecer evidências empíricas de que o processamento sentencial segue uma postura interativa em vez de uma orientação autônoma:

(22) **Ambiguous Word Pairs (Pares de Palavras Ambíguas)**

a. Adjective Type/Tipo Adjetivo – Continuação Plausível com ‘are’

As they_i glide gracefully over the city, *flying kites*_i... is/are

“Já que/conforme/como elas_i se deslocam graciosamente sobre a cidade, as *pipas voadoras*_i... é/são”

b. Verb Type/Tipo Verbo – Continuação Plausível com ‘is’

If you know how to handle sudden gusts of wind, *flying kites*... is/are

“Se você sabe como lidar com rajadas repentinas de vento, *soltar pipas*... é/são”

Unambiguous Word Pairs

c. Adjective Type/Tipo Adjetivo – Continuação Plausível com ‘earn’

If they_i re in charge of large corporations, *managing directors*_i... earn/earns

“Se eles_i são responsáveis/estão encarregados por grandes corporações, os *diretores administrativos/executivos/gerais*_i... ganham/ganha”

d. Verb Type/Tipo Verbo – Continuação Plausível com ‘is’

If you_i ve studied for years to be a dentist, *cleaning teeth*... is/are

“Se você_i estudou durante anos para ser dentista, *limpar os dentes*... é/são”

Desse modo, evidencie-se que as cláusulas correspondidas por (22a) e por (22c) integram a parcela de estímulos dos quais se mencionou tratar de sentenças caracterizadas pela conformação de uma correferência catafórica em potencial. Em vista disso, é importante, pois, destacar que os participantes da referida experiência foram apresentados auditivamente a esses segmentos sentenciais expostos em (22) e que a segunda oração, a matriz, sempre era constituída por um sintagma ambíguo (a exemplo de *flying kites* acima) que poderia configurar uma estrutura de tipo adjetivo ou de tipo verbal que poderia ser seguida por um verbo no singular ou no plural, designado de sonda, de maneira a constituir uma sentença semanticamente apropriada ou inapropriada. A partir daí, parcela dessas sentenças foram introduzidas em sentenças ambíguas e a outra parte em sentenças não ambíguas. Assim, depois da segunda sentença e ao fim da exposição do sintagma ambíguo, a sonda era

apresentada ao sujeito que tinha de pronunciá-la em voz alta assim que a ouvisse e interpretasse toda a sentença. Naturalmente a sonda consistia de um verbo que poderia semanticamente completar ou de modo apropriado ou de maneira inapropriada a sentença escutada. Nesses termos, se a representação sintática dos fragmentos ambíguos dos sujeitos não fosse restringida pelo sentido da sentença precedente, não haveria de se esperar que a latência das respostas para nomear os verbos das sondas apropriadas fosse mais rápida do que a para nomear o verbo da inapropriada. Entretanto, caso as decisões sintáticas não pudessem ser afetadas pelas análises semânticas de sorte tal que os sujeitos ignorassem o contexto antecedente, não ocorreria de se verificar diferenciações sistemáticas nas latências das nomeações. Nesse sentido, dado que as latências de nomeação para os fragmentos ambíguos podem ser comparadas com aqueles inerentes a um grupo de sentenças não ambíguas, em sendo as predições do modelo *on-line* interativo corretas, haveria de se constatar que a diferença entre as sondas inapropriadas e as apropriadas seriam iguais tanto para as sentenças ambíguas quanto para as não ambíguas.

Logo, como resultado do experimento executado, através do trabalho com as variáveis aleatórias dos grupos e sentenças e dos fatores fixos do contexto, se propenso a induzir a interpretação em direção à estrutura adjetiva ou à verbal, e da sonda, se apropriada ou inapropriada, Tyler e Marslen-Wilson (1977), no tocante às sentenças ambíguas, encontraram um efeito principal significativo da sentença e do grupo, além do que, como mais importante aspecto da análise, o efeito altamente significativo do fator sonda que foi verificado devido às latências das nomeações terem sido mais rápidas para as sondas apropriadas do que para as inapropriadas. Já em relação às sentenças não ambíguas, eles também trabalharam com as mesmas variáveis aleatórias dos grupos e sentenças e com os dois fatores fixos do contexto ou tipo de sentença, em favor da estrutura adjetiva ou da verbal, e da sonda, caso seja apropriada ou inapropriada, de maneira que observaram efeitos principais significativos de grupos e de sentenças. De igual forma, obtiveram um efeito principal significativo da sonda, o que indicou que a latência das nomeações cresceu quando os participantes enxergaram uma sonda que era sintaticamente inapropriada em respeito ao fragmento sentencial predecessor, tendo sido significativamente maior o seu tempo de reação em comparação ao das sondas em contexto apropriado. Além de tudo, presenciaram que as latências de nomeação para as versões estruturais que propiciavam a interpretação da estrutura adjetiva foram as mesmas para ambos os tipos de sonda. Quanto às versões que induziam à interpretação da estrutura verbal, uma certa vantagem para a sonda do contexto inapropriado foi por eles captada.

Com isso, tendo como propósito maior, através da condução deste experimento, determinar se o significado e/ou semântica de uma sentença é capaz de predispor o *parser* dos sujeitos humanos em direção a uma leitura única e/ou singular de um fragmento sentencial que seja sintaticamente ambíguo, Tyler e Marslen-Wilson (1977) puderam concluir, a partir do sugerido pelas latências de nomeação para as sentenças ambíguas, que, antes mesmo de uma cláusula e/ou sentença ser completada quanto à sua conformação material e estrutural e também no tocante ao seu processamento, o sujeito ouvinte que é participante da experiência prefere escolher a interpretação da estrutura sintática que é compatível com o contexto predecessor. Isso, para eles, sugere que as decisões sintáticas dos indivíduos dentro do decurso de uma sentença são afetadas pelo sentido e/ou semântica da sentença até o exato ponto do teste, relativo à mensuração, que inegavelmente corresponde ainda ao transcurso da sentença e não ao seu término. Observaram então que, em razão de uma estrutura sintática ser mais apropriada do que outra à luz das restrições semânticas exercidas pela sentença precedente, o sujeito ouvinte desenvolve, pois, expectativas acerca da estrutura sintática do restante da sentença. Isto, porquanto, explicou porque, quando a sonda consistia em uma forma verbal inapropriada, as latências de nomeação dos sujeitos ouvintes eram mais longas do que quando a sonda ia ao encontro das expectativas estruturais. Assim, a implícita assunção testada neste experimento correspondeu ao fato de sintagmas sintaticamente ambíguos poderem ser imediatamente desambiguados pelo contexto anterior a ponto de se poder argumentar a favor de uma interação *on-line* no que concerne às decisões processuais de natureza sintática e semântica juntamente com a importância do contexto semântico na computação das decisões sintáticas.

Os autores também concluíram que se é possível preservar a autonomia da sintaxe no sentido estrito de, desde cedo, no escopo da sentença, ambas as leituras sintáticas dos pares de palavras ou sintagmas ambíguos poderem ser geradas. E, adicionalmente, que, uma vez tendo sido realizados os julgamentos preferenciais referentes às decisões interpretativas de caráter processual, resta ser implausível que uma estrutura sintática, a qual tenha sido marcada como inconsistente a partir de outras fontes de informação, continue a ser computada sem o restante da sentença; e, mesmo que seja, e a interação entre informação sintática e semântica, já inicialmente na sentença, de fato, resulte na subsequente computação de uma estrutura sintática no lugar de uma outra, tardiamente, na mesma sentença, o processamento sintático não é então estritamente autônomo. Ademais, embora a forte declaração sobre a interação entre informação sintática e semântica, durante o processamento, de que apenas a estrutura sintática compatível com o contexto precedente seja computada, para que a sentença seja

funcionalmente não ambígua, não possa ser diretamente comprovada por tal experimento executado, Tyler e Marslen-Wilson (1977) asseguraram que as diferenças, seguramente significativas, entre as latências de nomeação para as sondas apropriadas e inapropriadas foram similares tanto para os pares de palavras ou sintagmas ambíguos quanto para os não ambíguos, o que configura uma tendência a apontar na direção de que a leitura sintática inconsistente com o contexto predecessor pode nunca ter sido explicitamente computada. Conforme os autores, isso se sustenta porque, dado um sintagma não ambíguo, caso apenas uma leitura fosse computada, haveria de se esperar diferenças maiores entre as latências de nomeação das sondas apropriadas e inapropriadas quando comparadas aos pares de palavras ou sintagmas ambíguos em que duas leituras deveriam ser computadas, o que não se verificou ao longo do experimento. Segundo eles, essa constatação é perfeitamente compatível com o modelo interativo *on-line* do processamento através do qual o sujeito ouvinte tem avaliável ao final da primeira cláusula um panorama do que está por vir o qual não dita qual estrutura sintática particular deve emergir, mas que, fornecidos os itens lexicais que realmente procedem no início da segunda cláusula, estabelece que uma interpretação de itens em relação a uma outra é mais plausível de ocorrer.

Finalmente, com base nos resultados do experimento aplicado, Tyler e Marslen-Wilson (1977) assumiram que o processamento sentencial não é compatível com o modelo serial da teoria modular em que a sintaxe é autônoma, já que os defensores deste paradigma propõem uma interação bidirecional, isto é, em dois sentidos entre a análise sintática e semântica dentro do esqueleto de uma sentença cuja interação deve aguardar até os limites da fronteira de término da sentença, o que diverge dos resultados deste experimento que revelaram que a interação ocorre antes mesmo que o *parser* alcance o limiar de finalização da sentença. E enfim, Tyler e Marslen-Wilson (1977) enfatizaram haver indícios robustos mais do que suficientes de que o processamento sintático e sentencial sofre efeitos diretos do contexto semântico precedente à sentença sob computação do *parser* de modo a ser compatível com o modelo processual vinculado à teoria interativa de que as informações sintáticas e semânticas interagem de modo unidirecional e antes que haja o fechamento e processamento do final da sentença, ou seja, de sua fronteira última.

3.1.1.1.2 COWART & CAIRNS (1987): *Estudo Psicolinguístico em Processamento de Tarefa de Continuação de Sentença e de Nomeação de Palavra sobre a Não Influência de Constraints Semânticas e Pragmáticas no Estabelecimento dos Mecanismos Anafóricos Envolvendo a Correferência Catafórica Pronominal em Inglês dentro da Esfera de Processamento Sintático e Sentencial*

Por meio de três experimentos cujos estímulos frasais foram compostos por sentenças subordinadas adverbiais em cujas estruturas configurações catafóricas foram empregadas, Cowart e Cairns (1987) almejavam investigar se, dentro do processamento sintático sentencial, o mecanismo anafórico e as relações referenciais instauradas são orientados exclusivamente por fatores estruturais e informações sintáticas a ponto de desafiar restrições semânticas e pragmáticas, premissa defendida pelas autoras, ou se o processamento desses mecanismos de referência é influenciado por informações semântico-pragmáticas que concorrem de modo paralelo com as sintáticas conforme o modelo interativo proposto por Tyler e Marslen-Wilson (1977).

Sendo assim, com o uso das frases expostas em (23), as quais foram incluídas em uma tarefa de continuação de sentença juntamente com uma outra de nomeação de palavra semelhante ao procedimento usado na experiência anterior de Tyler e Marslen-Wilson (1977), dentro do Experimento 1, Cowart e Cairns (1987) apresentaram tais fragmentos sentenciais, expostos em (23a) e em (23b), aos sujeitos através de fones de ouvido com o auxílio de um taquitoscópio o qual projetava sobre o slide as formas verbais a serem faladas em voz alta pelos participantes, de um microfone através do qual cada participante pronunciava a forma verbal projetada e de uma fita (*tape*) que rodava os estímulos auditivos, isto é, as sentenças experimentais a serem escutadas pelos sujeitos.

(23) **a. Referência Disjunta com Sintagmas Nominais Lexicais Sujeitos**

While **the boxes** usually come with several internal partitions, **packing cases ... is/are**

*“Enquanto **as caixas** geralmente vêm com várias partições internas, **estojos de embalagem ... é/são OU** Embora **as caixas** geralmente venham com várias partições internas, **estojos de embalagem ... é/são**”*

b. Correferência Catafórica com Pronome Pessoal Plural They (Eles/Elas)

While they usually come with several internal partitions, packing cases ... **is/are**

*“Enquanto **eles** geralmente vêm com várias partições internas, **estojos de embalagem ... é/são OU** Embora **eles** geralmente venham com várias partições internas, **estojos de embalagem ... é/são**”*

Ao final da auscultação de cada fragmento, o taquitoscópio disparava, no slide do ecrã, a palavra a ser vista, processada e subsequentemente pronunciada pelo participante em voz alta, o verbo ser no singular, *'is'* (é), ou no plural, *'are'* (são), flexionados no presente do indicativo. Após o disparo e projeção na tela do ecrã, o temporizador era acionado a fim de gravar o tempo que o sujeito dispndia para pronunciar o verbo *'is'* ou *'are'* então projetado de modo que a fonação dele, ao ser iniciada, parava o timer. Daí, só então a eles se era perguntado para indicarem se o verbo apresentado na projeção correspondia a uma boa continuação da sentença lida imediatamente antes.

Os resultados conduziram, assim, a duas conclusões iniciais. A primeira é a de que a presença do pronome catafórico *'they'*, em contexto prévio, pode influenciar a interpretação sintática de uma estrutura ambígua tal o sintagma nominal *'packing cases'* ou qualquer outro correlato de sorte que a aparente fonte deste efeito reside no fato de que o pronome *'they'* necessita de um poscedente para sustentar a interpretação e que uma expressão nominal como *'packing cases'* pode servir como esse poscedente, contanto que seja sintaticamente estruturado como um sintagma nominal plural. Já a segunda consiste na de que a ocorrência do pronome *'they'*, no contexto, se reflete exclusivamente no tempo de resposta para a nomeação de *'is'* quando esta forma verbal é inconsistente com a análise preferida da expressão ambígua à proporção que o mesmo pronome não acusa nenhum aumento significativo no tempo de resposta da nomeação para o verbo *'are'*. Nesse sentido, as autoras concluem que os resultados obtidos em Tyler e Marslen-Wilson (1977) resultaram de uma distribuição assimétrica de *'they'* e dos pronomes relacionados os quais foram empregados nos excertos sentenciais desse estudo predecessor.

O Experimento 2, por sua vez, ensejou explorar se três tipos de informações relevantes para a interpretação de pronomes catafóricos feito *'they'* – a sintática, a semântica e a pragmática – estão igualmente envolvidos no estabelecimento dos mecanismos de relações correferenciais e no que Cowart e Cairns (1987) denominaram de *pronoun bias effect*, que corresponde ao efeito de diminuição dos tempos de resposta de nomeação para a forma verbal *'is'* quando o pronome *'they'* aparece em materiais configurados por ambiguidade, ou seja, em condição ambígua. Dessa forma, as autoras usaram as frases em (24) em que os estímulos referentes aos exemplos enumerados em (24a), (24c) e (24e) corresponderam às condições não anômalas similares aos materiais utilizados no primeiro experimento e em que aqueles concernentes às exemplificações enumeradas em (24b), (24d) e (24f) aludiram às condições anômalas em que a anomalia emergia caso a interpretação que daí resultasse fosse a

do pronome ‘*they*’ sendo tomado por correferente da expressão nominal ambígua localizada no final do fragmento experimental. Além disso, no design experimental, o pronome ‘*you*’ também foi empregado para integrar as condições como controle:

(24) **a. Sentenças Subordinadas Não Anômalas Sintaticamente**

If **you/they** want to save money, **visiting uncles... is/are**

“Se **você/eles** quiser(em) economizar dinheiro, **visitar tios/tios visitantes... é/são**”

b. Sentenças Subordinadas Anômalas Sintaticamente

If **you/they** want to believe that **visiting uncles... is/are**

“Se **você/eles** quiser(em) acreditar que visitar **os tios/os tios visitantes... é/são**”

c. Sentenças Subordinadas Não Anômalas Semanticamente

Even though **you/they** use very little oil, **frying eggs... is/are**

“Mesmo que **você/eles** use(m) muito pouco óleo, **fritar ovos/ovos fritos... é/são**”

d. Sentenças Subordinadas Anômalas Semanticamente

Even though **you/they** eat very little oil, **frying eggs... is/are**

“Mesmo que **você/eles** coma(m) muito pouco óleo, **fritar ovos/ovos fritos... é/são**”

e. Sentenças Subordinadas Não Anômalas Pragmaticamente

Whenever you/they smile during the procedure, charming babies... **is/are**

“Sempre que **você/eles** sorri(em) durante o procedimento, **encantar bebês/bebês encantadores... é/são**”

f. Sentenças Subordinadas Anômalas Pragmaticamente

Whenever you/they lecture during the procedure, charming babies... **is/are**

“Sempre que **você/eles** palestra(m) durante o procedimento, **encantar bebês/bebês encantadores... é/são**”

Em (24b), por exemplo, a interpretação anômala é atribuída a limitações de base estrutural incidentes sobre a correferência que são orientadas sintaticamente; em (24d) ela decorre de um relevante princípio semântico que é a restrição de seleção operante sobre o verbo o qual requer como argumento um sujeito animado; já em (24f) ela procede das restrições que o conhecimento pragmático impõe sobre a possibilidade de ocorrência de alguns fatos que neste caso exemplificativo corresponde à inviabilidade de bebês palestrarem ou serem capazes para tanto dentro do contexto biossocial da vida real.

Os resultados deste segundo experimento demonstraram, então, que os impedimentos ou restrições seletivas, de natureza semântica, e os pragmáticos não bloqueiam o *pronoun bias effect* de maneira tal que parece que alguns processos instituem uma preliminar atribuição de correferência entre o pronome catafórico ‘*they*’ e a expressão nominal ambígua

do tipo *VERBing NOUNs* (nome no plural seguido de verbo no gerúndio terminado em *-ing*) onde não há coibição estrutural e que, além disso, o conhecimento dos ouvintes sujeitos relativo às propriedades seletoriais e pragmáticas desses materiais é irrelevante para tamanho processo. Também não ficaram evidenciadas diferenças entre as anomalias seletoriais e pragmáticas, o que levou à consideração, presumido que o sistema de processamento sintático foi responsável por coibir o *pronoun bias effect* onde as anomalias estavam presentes, de que o sistema sintático não lida com restrições de cunho seletorial e, porquanto, semântico.

Quanto ao Experimento 3, uma replicação parcial do segundo, por seu turno, almejou-se prover evidências adicionais sobre os efeitos granjeados e discutidos na segunda experiência, bem como se ensejou superar duas limitações observadas até então no que se refere às respostas de decisão em ‘sim’ ou ‘não’ que os sujeitos deram ao final da leitura de cada fragmento a fim de informar se a palavra projetada no ecrã, a forma verbal, correspondia a uma boa continuação da sentença experimental que haviam acabado de ouvir, pois esse procedimento não forneceu registros completamente fiáveis dessas respostas de julgamento finais, como também de nenhuma disfluência ou erros produzidos pelos sujeitos durante a pronunciação ou fonação da palavra-alvo projetada pelo taquitoscópio no ecrã. Assim sendo, os materiais e as frases usadas foram as mesmas do segundo experimento com apenas algumas poucas alterações tais como a eliminação da condição não anômala e, dentro da condição anômala, do tipo de anomalia envolvendo o caso concernente à restrição seletorial de caráter semântico. Assim, o terceiro experimento investigou dois tipos de anomalia, a pragmática e a estrutural, e o tipo de contexto, se a envolver o pronome pessoal ‘you’ ou ‘they’. Além do mais, o procedimento técnico também foi modificado, uma vez que foi implementado em um computador que gravou o tempo de nomeação dos sujeitos e as respostas dos julgamentos feitas no final de cada fragmento em registros mais confiáveis, muito embora o material experimental usado tenha sido aproveitado do segundo experimento. Para garantir uma fiabilidade ainda maior, o experimentador monitorou as respostas pronunciadas pelos sujeitos e gravou qualquer disfluência ou substituição de palavra que tenha aparecido ou ocorrido. Logo, os dados obtidos conduziram a resultados que reafirmaram os mais importantes saldos conquistados no Experimento 2, reforçando a evidência de que o pronome catafórico ‘they’ é capaz de exercer uma influência sobre a interpretação sintática de uma expressão nominal ambígua da espécie *VERBing NOUNs* até mesmo quando uma relação de correferência entre esses elementos linguísticos – pronome ‘they’ e expressão linguística ambígua – é implausível.

Finalmente, Cowart e Cairns (1987) chegaram a uma conclusão geral que suporta duas conclusões teoricamente importantes, a saber, primeiramente, que há circunstâncias em que a presença de um pronome catafórico em um contexto preliminar é passível de influenciar a procedência do caráter de análise sintática a ser designado ao constituinte seguinte estruturalmente ambíguo, correspondente à expressão ambígua categorizada como VERBing NOUNs, as quais resultam diretamente no *pronoun bias effect* observado nas três séries de experimentos; e, em segundo lugar, muito embora as relações de correferência pareçam ser centrais para a ocorrência do *pronoun bias effect*, a instauração da correferência não é sensível às influências de cunho seletional e/ou semântico e pragmático que são comumente envolvidas em matéria de correferência. E mais especificamente ainda, as relações correferenciais são estabelecidas até quando o resultado da interpretação soa bizarro. Demais, o *pronoun bias effect* pode ser implementado por um processo que ignora o contexto e que diferencia os pronomes apenas de acordo com parâmetros realizados morfologicamente como caso, gênero e número, sendo sensível apenas às informações de natureza sintática.

Portanto, há ocasiões em que a ocorrência do pronome catafórico ‘*they*’ pode influir na análise sintática de uma expressão linguística ambígua seguinte em meio a um mecanismo que parece respeitar as restrições sintáticas sobre a correferência, porém não as *constraints* semânticas ou pragmáticas. Mais além, aparenta ser este efeito uma manifestação de um mecanismo de atribuição de referência que opera dentro de um sistema de processamento sintático e que explora tão somente os tipos de informação presentes neste sistema.

3.1.1.1.3 GORDON & HENDRICK (1997): Estudo Psicolinguístico de Tarefa de Julgamento de Gramaticalidade sobre Os Padrões de Aceitabilidade da Correferência a Envolver Nomes e Pronomes e acerca da Especificação dos Fatores Sintáticos Responsáveis pela Influência da Correferência Intrassentencial e Intersentencial

Em uma série de experimentos *off-line*, Gordon e Hendrick (1997) examinaram alguns dos padrões centrais de aceitação do processo de correferência a envolver nomes e pronomes que têm sido, desde sempre, aventadas pela linguística teórica e que têm configurado ponto central na teoria sintática gerativa. A partir de tarefas de julgamento de gramaticalidade (*grammaticality judgment task*), objetivaram, portanto, explorar inicialmente se a aceitabilidade da correferência intrassentencial seria influenciada pela proeminência sintática nos moldes do já averiguado para a correferência intersentencial em

Gordon, Grosz e Gilliom (1993), como também, na sequência, até que ponto os julgamentos de gramaticalidade, aceitos como gramaticais na literatura linguística, descrevem esmeradamente os julgamentos dos falantes nativos de inglês, isto é, até onde os julgamentos dos linguistas e especialistas da área de estudo correspondem ao que é considerado gramatical por sujeitos humanos os quais são ingênuos quanto aos propósitos da pesquisa e às nuances relativas à teoria correlata aos critérios de gramaticalidade dentro do processo de correferência. Logo, por meio de seis experimentos, embora os autores tenham investigado a maneira como os Princípios A e B da Teoria da Ligação interferem no julgamento de gramaticalidade perpetrado pelos falantes nativos de inglês os quais se constituíram como participantes das experiências no tocante a aceitarem ou não determinada potencial correferência, as implicações do Princípio C, nesse procedimento, integraram os mais controversos e, porquanto, relevantes, propósitos, tendo assumido, pois, o foco do encaminhamento de toda esta perscrutação.

No Experimento 1, Gordon e Hendrick (1997) examinaram a acurácia do Princípio C demonstrada por competentes falantes nativos de inglês completamente alheios à teoria sintática contemporânea no tangente à caracterização dos julgamentos de gramaticalidade. Com isso em vista, dois fatores foram manipulados, a saber, (1º) o tipo de sequência de NP (se nome-pronome, nome-nome ou pronome-nome) e (2º) se a primeira expressão referencial seria c-comandante da segunda. Assim, na elaboração das frases componentes dos estímulos experimentais em (25), os autores consideraram duas importantes questões, quais sejam, (1ª) qual é o efeito do c-comando na ligação dos nomes independente da precedência esquerda-para-direita? e (2ª) os mesmos princípios que governam a correferência entre dois nomes fazem o mesmo na correferenciação entre um pronome e um nome?

(25) **ANTECEDENTES NA POSIÇÃO DE SUJEITO**

a. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command

(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)

John's roommates met **him** at the restaurant.

*“Os colegas de quarto de **John** encontraram-~~no/ele~~ no restaurante.”*

b. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command

(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)

John met **his** roommates at the restaurant.

*“**John** encontrou os colegas de quarto ~~dele~~ no restaurante.”*

c. NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command

(NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)

John's roommates met **John** at the restaurant.

*“Os companheiros de quarto de **John** encontraram **John** no restaurante.”*

d. NP₁ Name-NP₂ Name/Yes C-command

(NP₁ Nome- NP₂ Nome/Com C-comando)

John met **John’s** roommates at the restaurant.

*“**John** conheceu os colegas de quarto de **John** no restaurante.”*

e. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command

(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)

His roommates met **John** at the restaurant.

*“Os companheiros de quarto **dele** encontraram **John** no restaurante.”*

f. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command

(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)

He met **John’s** roommates at the restaurant.

*“**Ele** encontrou os colegas de quarto de **John** no restaurante.”*

Além dessas questões levantadas diretamente da Teoria da Ligação, pretendeu-se investigar, com a disposição dos estímulos em (25), se a aceitação/aceitabilidade da correferência seria influenciada pelo fato de o antecedente estar posicionado dentro da posição de sujeito da sentença de maneira que metade das sentenças experimentais continha estímulos com o primeiro NP na posição de sujeito e a outra metade fora dessa posição. Assim, as condições exemplificadas em (25) correspondem à parcela ocupante da posição de sujeito à medida que as sentenças dispostas ao longo das condições em (26) compreendem àquelas que não ocupam a posição de sujeito sentencial:

(26) ANTECEDENTES FORA DA POSIÇÃO DE SUJEITO

a. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command

(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)

Mary asked **Michael’s** parents about **him**.

*“Mary perguntou aos pais de **Michael** sobre **ele**.”*

b. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command

(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)

Mary asked **Michael** about **his** parents.

*“Mary perguntou a **Michael** sobre os pais **dele**.”*

c. NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command

(NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)

Mary asked **Michael’s** parents about **Michael**.

*“Mary perguntou aos pais de **Michael** sobre **Michael**.”*

d. NP₁ Name-NP₂ Name/Yes C-command

(NP₁ Nome- NP₂ Nome/Com C-comando)

Mary asked **Michael** about **Michael’s** parents.

*“Mary perguntou a **Michael** sobre os pais de **Michael**. ”*

**e. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)**

Mary asked **his** parents about **Michael**.

*“Mary perguntou aos pais **dele** sobre **Michael**. ”*

**f. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)**

Mary asked **him** about **Michael’s** parents.

*“Mary perguntou a **ele** sobre os pais de **Michael**. ”*

Nessa tarefa de julgamento de gramaticalidade, os sujeitos responderam a uma lista em formato de caneta-e-papel em que foram instruídos a julgarem, dentre as sentenças constituintes do questionário, se era possível que as duas expressões destacadas em negrito se referissem a mesma pessoa. Ao final, obteve-se como resultado da aplicação do teste, após o devido tratamento estatístico, sobre a aceitabilidade da correferência, um efeito principal da forma da expressão referencial, como também da relação de c-comando. Além disso, foi atingida uma interação significativa entre a forma da expressão referencial e a relação de c-comando. Adicionalmente, e de modo mais específico, as sentenças, nas condições nome-nome, foram significativamente menos aceitáveis quando o primeiro NP c-comandava o segundo. Fora isso, o c-comando não demonstrou nenhum efeito significativo nas outras sequências, a saber, nome-pronome e pronome-nome. Quanto ao tipo de antecedente, se sujeito ou fora da posição de sujeito sentencial, não houve interação significativa com a relação de c-comando para essas mesmas sequências: nome-pronome e pronome-nome. Entretanto, a interação revelou-se significativa para as condições marcadas pelas sequências nome-nome com o c-comando apresentando um efeito maior sobre a referência disjunta quando o antecedente estava situado na posição de sujeito do que quando não estava, de modo que os contrastes individuais mostraram que o vínculo de c-comando detinha um efeito significativo frente aos antecedentes que assumiam o lócus de sujeito da oração principal enquanto que, por outro lado, apresentava ausência de significância quando o antecedente não se colocava como sujeito da matriz.

Os resultados do experimento, portanto, revelaram que os julgamentos de exímios falantes nativos de inglês estão de acordo com alguns dos princípios básicos postulados pela Teoria da Ligação, mas que também estão consideravelmente em desacordo com uma série de outros. Isso porque os participantes retrataram geralmente aceitar a possível correferência entre um nome e um pronome na condição *name-pronoun* (nome-pronome) o que é

consistente com as prescrições do Princípio B o qual permite a correferência entre um nome e um pronome desde que este não esteja na categoria de regência daquele; além do que em razão de os sujeitos terem demonstrado alguma conformidade com o prescrito pelo Princípio C, nos casos em que um nome correferre com outro nome, a partir do momento em que julgaram aceitável a correferência quando não havia relação de c-comando entre os NPs se comparado o julgamento em face das circunstâncias em que havia tamanho vínculo. Ademais, esse efeito, embora distribuído ao longo de todas as condições e presente por todas as sentenças, foi ainda mais visível e intenso naquelas em que o ente a c-comandar era o sujeito sentencial. O mais interessante foi que os participantes são menos favoráveis, do que o sugerido pela Teoria da Ligação, à interpretação correferencial de dois nomes quando não existe uma relação de c-comando entre eles. Os resultados também apontaram que os sujeitos divergem substancialmente dos postulados da Teoria da Ligação no que se refere aos seus julgamentos de aceitabilidade da correferência entre um nome e um pronome que o preceda numa disposição catafórica, já que a correferência é normalmente julgada como inaceitável nessas situações independente do fato de o pronome c-comandar ou não o nome. Isso diverge da Teoria da Ligação clássica porque o Princípio C estabelece que um pronome e um nome podem ser correferenciais se aquele preceder este e não c-comandá-lo, isto é, se o pronome vier antes do nome em um arranjo catafórico sem que este pronome c-comande o nome. O que o primeiro experimento evidenciou foi que os julgamentos dos sujeitos não forneceram qualquer evidência de que o c-comando exerça algum efeito na aceitação da correferência nos casos específicos em que o pronome antecede o nome. A experiência também revelou que os participantes contrariam o que a Teoria da Ligação postula sobre o c-comando no que diz respeito à maior aceitabilidade da correferência nas sequências nome-nome quando o antecedente é o sujeito da matriz em comparação às condições em que ele não é, uma vez que nada na Teoria da Ligação tradicionalmente formulada prediz tal padrão baseado nessa espécie de distinção.

Como Gordon e Hendrick (1997), a partir das conclusões do Experimento 1, desenvolveram um conceito de proeminência sintática passível de ser aplicado tanto na correferência intersentencial tal qual estudado na Teoria da Centralidade (GROSZ, JOSHI & WEINSTEIN, 1983, 1995) quanto na correferência intrassentencial conforme investigado na Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) cujos resultados, apesar de permitirem essa confluência, desafiaram o status do Princípio C, especialmente mais severa quanto aos seus postulados perante os casos em que o nome está para ser interpretado como correferencial com um pronome precedente, notadamente catafórico, os autores executaram o

segundo experimento a fim de examinar e descobrir se existem algumas circunstâncias ou situações em que os nomes podem ser naturalmente interpretados como correferenciais a pronomes que lhes antecedam segundo o julgamento fornecido por falantes nativos de língua inglesa.

Dado isso, no Experimento 2, Gordon e Hendrick (1997) particularmente investigaram a aceitabilidade da correferência entre um nome e um pronome precedente não c-comandante do nome cuja ocorrência na sentença se desse dentro de um sintagma adjunto preposto. Essa escolha foi feita tendo em conta os estudos sobre ligação no tocante à literatura do desenvolvimento da linguagem infantil que indicam um poderoso efeito do c-comando em tais estruturas e em virtude de os pronomes posicionados em sintagmas prepostos não receberem imediatamente uma interpretação completa até que a oração principal da sentença tenha sido alcançada de maneira tal que a suspensão da interpretação neste caso pode fazer o pronome avaliável para uma subsequente interpretação correferencial com um nome a ele subsequente na sentença.

Assim, a partir das frases em (27) a seguir apresentadas, que compõem a parcela dos estímulos experimentais estruturados em torno de sintagmas clausulares, e das sentenças em (28) mais abaixo, as quais integram a segunda parte dos estímulos organizados em derredor de sintagmas preposicionais, coletou-se, como resultado da execução do referido experimento, um efeito principal da aceitabilidade do tipo de sequência de NP e também da relação de c-comando, afora o que uma interação significativa entre o tipo de sequência e o vínculo de c-comando:

- (27) a. **NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command**
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)
 Before **Susan** began to sing, **she** stood up.
*“Antes que **Susan** começasse a cantar, **ela** se levantou.”*
- b. **NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command**
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)
Susan stood up before **she** began to sing.
*“**Susan** levantou-se antes de **ela** começar/ter começado a cantar.”*
- c. **NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command**
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)
 Before **Susan** began to sing, **Susan** stood up.
*“Antes que **Susan** começasse a cantar, **Susan** levantou-se.”*
- d. **NP₁ Name-NP₂ Name/Yes C-command**
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/Com C-comando)

Susan stood up before Susan began to sing.
“Susan levantou-se antes de Susan começar/ter começado a cantar.”

**e. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command
 (NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)**

Before she began to sing, Susan stood up.
“Antes de ela começar/ter começado a cantar, Susan levantou-se.”

**f. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command
 (NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)**

She stood up before Susan began to sing.
“Ela levantou-se antes de Susan começar/ter começado a cantar.”

(28) **a. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command
 (NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)**

For Mary’s birthday, she got a new car.
“Pelo aniversário de Mary, ela ganhou um carro novo.”

**b. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command
 (NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)**

Mary got a new car for her birthday.
“Mary ganhou um carro novo pelo aniversário dela.”

**c. NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command
 (NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)**

For Mary’s birthday, Mary got a new car.
“Pelo aniversário de Mary, Mary ganhou um carro novo.”

**d. NP₁ Name-NP₂ Name/Yes C-command
 (NP₁ Nome- NP₂ Nome/Com C-comando)**

Mary got a new car for Mary’s birthday.
“Mary ganhou um carro novo pelo aniversário de Mary.”

**e. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command
 (NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)**

For her birthday, Mary got a new car.
“Pelo aniversário dela, Mary ganhou um carro novo.”

**f. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command
 (NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)**

She got a new car for Mary’s birthday.
“Ela ganhou um carro novo pelo aniversário de Mary.”

Os participantes expostos, pois, aos estímulos frasais em (27) e (28) demonstraram, frente às sentenças constituintes da condição nome-pronome, serem mais significativamente tolerantes em aceitar o estabelecimento da correferência quando o primeiro NP, o nome, c-comandava o segundo NP, o pronome. Já para as sentenças tanto das condições nome-nome

quanto das pronomes-nomes, a correferência se mostrou significativamente menos aceitável quando o primeiro NP, seja nominal seja pronome, c-comandava o segundo NP. Com base nisso, os resultados desse segundo experimento também retrataram que claramente existem estruturas sintáticas dentre as quais os falantes nativos de inglês aceitam a correferência entre um nome e um pronome precedente, constituindo tal situação aquela em que a correferência catafórica é estabelecida em razão de estar o pronome catafórico inserido em um sintagma adjunto o qual seja preposto à matriz numa sequência pronome-nome em que o c-comando seja eliminado justamente por se adjungir esse sintagma em posição preposta à oração principal. Por outro lado, quando tais sintagmas adjuntos são pospostos ao pronome, a aceitabilidade da correferência na sequência pronome-nome cai drasticamente de acordo com o julgamento dos sujeitos. Já com relação à sequência nome-nome, os resultados coligidos são consistentes com os do primeiro experimento. Não obstante, os resultados sugerem que os antecedentes-nomes e os antecedentes-pronomes comportam-se distintamente, posto que, em meio às relações de c-comando, as sequências pronome-nome são muito menos aceitáveis do que as sequências nome-nome no julgamento da aceitabilidade de uma possível correferência por parte dos participantes.

Subsequentemente, no Experimento 3, Gordon e Hendrick (1997) sondaram, além do Princípio C, os Princípios A e B da Teoria da Ligação no concernente aos julgamentos de gramaticalidade dos falantes nativos de inglês quanto à aceitação ou não da correferência envolvendo não só nomes e pronomes, mas também reflexivos (*anaphors*). Para tanto, foram empregados os estímulos frasais em (29) a seguir:

- (29) a. **NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command**
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)
 Joan's father respects **her**.
"O pai de Joan a respeita/respeita ela."
- b. **NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command**
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)
Her father respects **Joan**.
"O pai dela respeita Joan."
- c. **NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command**
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)
 Joan's father respects **Joan**.
"O pai de Joan respeita Joan."
- d. **NP₁ Pronoun-NP₂ Anaphor/No C-command**
(NP₁ Pronome-NP₂ Reflexivo/Sem C-comando)

Her father respects herself.

“O pai dela respeita ela mesma/a si própria.”

**e. NP₁ Name-NP₂ Anaphor/No C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Reflexivo/Sem C-comando)**

Joan’s father respects herself.

“O pai de Joan respeita ela mesma/a si própria.”

**f. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)**

Joan respects her.

“Joan a respeita/respeita ela.”

**g. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)**

She respects Joan.

“Ela respeita Joan.”

**h. NP₁ Name-NP₂ Anaphor/Yes C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Reflexivo/Com C-comando)**

Joan respects herself.

“Joan respeita a si mesma/a si própria.”

Nesses termos, com posse desse terceiro experimento, colheu-se um efeito principal significativo do tipo de sentença consistente com o aventado pelo Princípio A, quando um reflexivo tem um nome como um antecedente, em que se averiguou que a correferência é mais aceitável quando o antecedente está em uma posição c-comandante do que quando está em uma c-comandada; da mesma forma que em conformidade com o instituído pelo Princípio B, quando um pronome possui um nome como um antecedente, em que a aceitação da correferência é menor quando o antecedente detém uma posição de c-comando do que quando ocupa uma na qual não é c-comandado. Além de tudo, o c-comando também deteve um efeito sobre a aceitabilidade da correferência nas sequências pronome-nome de maneira que tal efeito do c-comando foi menor do que o observado para os reflexivos no que tange ao Princípio A e no vistoriado para os pronomes no que tangencia o Princípio B. Por fim, os resultados dessa experiência retrataram que os nomes são favorecidos frente aos pronomes como antecedentes nas sequências pronome-nome, constituintes, pois, de disposições catafóricas.

Os resultados do terceiro experimento deixaram claro, por conseguinte, que o conhecimento dos participantes, no sentido do julgamento de gramaticalidade da aceitabilidade da correferência, corresponde na mesma medida ao que é modelado pelos Princípios A e B da Teoria da Ligação e que as distinções são evidentes, grandes, intensas e

de mesma magnitude, afora o que reconfirmaram as descobertas dos dois primeiros experimentos quanto ao fato de mostrar que os nomes e pronomes comportam-se assimetricamente como antecedentes. Isso fica mais esclarecido quando, nos casos de correferência, se confrontam as sequências de pronome-nome com as de nome-nome, sendo estas mais aceitáveis do que aquelas no estabelecimento da correferenciação. De todo modo, o Experimento 3 evidenciou, de inovador, que a ausência de relação de c-comando incrementa a aceitabilidade da correferência nas sequências catafóricas de pronome-nome, o que configura um efeito que vai na direção do esperado e estabelecido pelo Princípio C e que até então não havia sido constatado nem no Experimento 1 nem no 2. Mesmo assim, apesar de estatisticamente significativa, ainda mantém-se aquém da expectativa que se tem com base no Princípio C em si, precipuamente arrolado pela Linguística Gerativa.

Assim sendo, os três primeiros experimentos levaram a duas possíveis conclusões, quais sejam, de que, primeiramente, ou a interpretação correferencial de dois nomes e a de um pronome e um nome não respondem aos mesmos fatores estruturais ou que, por segunda opção, a habilidade de correferencialmente interpretar um nome e um pronome a ele precedente depende de uma suspensão da plena interpretação do pronome inicial, o catafórico. Então, a fim de esclarecer melhor quais dessas conclusões seriam, de fato, válidas e na intenção de prover evidência adicional para o padrão de resultados até então encontrado, Gordon e Hendrick (1997) executaram o Experimento 4 com vistas a examinar a aceitabilidade da correferência em uma série de distintas configurações em que se manipularam os NPs em *possessivos* e *compostos* e os tipos de antecedentes que c-comandavam em sujeito ou objeto. Aliás, quer os possessivos quer os compostos podiam ser tanto um pronome quanto um nome encaixado ou combinado a um nominativo.

Demais, com o objetivo de se obter resultados mais sensíveis do que os julgamentos binários como até então feitos, os participantes passaram a avaliar em uma escala de 1 a 6 a aceitabilidade da correferência dos estímulos frasais aos quais eram submetidos através de uma tarefa de taxa de aceitabilidade (*acceptability rating task*) muito semelhante ao exercício *off-line* dos experimentos anteriores. E finalmente, foram utilizados dois grupos distintos de instrução os quais foram separados em duas classes. A primeira delas correspondia às *instruções reflexivas*, que alertavam os sujeitos a lerem e refletirem primeiro sobre o que acabaram de ler para então poderem avaliar a aceitação da correferência ou não ao passo que a segunda versava sobre as *instruções imediatas*, que instruíam os mesmos sujeitos a avaliarem os estímulos de imediato assim que completassem a leitura da sentença sem recorrerem à reflexão mais demorada.

Em face disso, as sentenças retratadas em (30) correspondem aos estímulos formados pelos antecedentes possessivos em posição tanto de sujeito quanto de objeto enquanto que as demonstradas em (31) compreendem os antecedentes compostos também em posição ora de sujeito ora de objeto conforme podem ser visualizadas em sequência uma da outra logo a seguir:

(30) **Possessives – Antecedent within Subject**
(Caso dos Possessivos com Antecedente em Posição de Sujeito)

a. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)

Lisa's brother visited **her** at college.

"O irmão de Lisa a visitou na faculdade."

b. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)

Lisa visited **her** brother at college.

"Lisa visitou o irmão dela na faculdade."

c. NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)

Lisa's brother visited **Lisa** at college.

"O irmão de Lisa visitou Lisa na faculdade."

d. NP₁ Name-NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/Com C-comando)

Lisa visited **Lisa's** brother at college.

"Lisa visitou o irmão de Lisa na faculdade."

e. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)

Her brother visited **Lisa** at college.

"O irmão dela visitou Lisa na faculdade."

f. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)

She visited **Lisa's** brother at college.

"Ela visitou o irmão de Lisa na faculdade."

Possessives – Antecedent within Object
(Caso dos Possessivos com Antecedente em Posição de Objeto)

g. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/No C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Sem C-comando)

Mary asked **Michael's** parents about **him**.

"Mary perguntou aos pais de Michael sobre ele."

h. NP₁ Name-NP₂ Pronoun/Yes C-command
(NP₁ Nome-NP₂ Pronome/Com C-comando)

Mary asked **Michael** about **his** parents.
*“Mary perguntou a **Michael** sobre os pais **dele**. ”*

i. NP₁ Name-NP₂ Name/No C-command
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/ Sem C-comando)
 Mary asked **Michael’s** parents about **Michael**.
*“Mary perguntou aos pais de **Michael** sobre **Michael**. ”*

j. NP₁ Name-NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Nome- NP₂ Nome/Com C-comando)
 Mary asked **Michael** about **Michael’s** parents.
*“Mary perguntou a **Michael** sobre os pais de **Michael**. ”*

k. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/No C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Sem C-comando)
 Mary asked **his** parents about **Michael**.
*“Mary perguntou aos pais **dele** sobre **Michael**. ”*

l. NP₁ Pronoun-NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Pronome- NP₂ Nome/Com C-comando)
 Mary asked **him** about **Michael’s** parents.
*“Mary perguntou a **ele** sobre os pais de **Michael**. ”*

❖ **Answer concerning The Judgment of Rating**
(Resposta referente ao Julgamento da Avaliação)

- 1 = Completely Unacceptable (completamente não aceitável)
- 2 = Unacceptable (inaceitável)
- 3 = Just Barely Unacceptable (um pouco inaceitável)
- 4 = Just Barely Acceptable (um pouco aceitável)
- 5 = Acceptable (aceitável)
- 6 = Completely Acceptable (completamente aceitável)

- (31) **Conjuncts – Antecedent within Subject**
(Caso dos Compostos com Antecedente em Posição de Sujeito)
- a. NP₁ Conjunct Name-NP₂ Pronoun (NP₁ Nome Composto- NP₂ Pronome)**
 Jeff and Cindy asked the bakery to make a cake for **him**.
*“**Jeff** e Cindy pediram à padaria para fazer um bolo para **ele**. ”*
- b. NP₁ Name-NP₂ Conjunct Pronoun (NP₁ Nome- NP₂ Pronome Composto)**
 Jeff asked the bakery to make a cake for **him** and Cindy.
*“**Jeff** pediu à padaria para fazer um bolo para **ele** e Cindy. ”*
- c. NP₁ Conjunct Name-NP₂ Name (NP₁ Nome Composto- NP₂ Nome)**
 Jeff and Cindy asked the bakery to make a cake for **Jeff**.
*“**Jeff** e Cindy pediram à padaria para fazer um bolo para **Jeff**. ”*
- d. NP₁ Name-NP₂ Conjunct Name (NP₁ Nome- NP₂ Nome Composto)**
 Jeff asked the bakery to make a cake for **Jeff** and Cindy.

“Jeff pediu à padaria para fazer um bolo para Jeff e Cindy.”

e. NP₁ Conjunct Pronoun-NP₂ Name (NP₁ Pronome Composto- NP₂ Nome)

He and Cindy asked the bakery to make a cake for Jeff.

“Ele e Cindy pediram à padaria para fazer um bolo para Jeff.”

f. NP₁ Pronoun-NP₂ Conjunct Name (NP₁ Pronome- NP₂ Nome Composto)

He asked the bakery to make a cake for Jeff and Cindy.

“Ele pediu à padaria para fazer um bolo para Jeff e Cindy.”

Conjuncts – Antecedent within Object

(Caso dos Compostos com Antecedente em Posição de Objeto)

g. NP₁ Conjunct Name-NP₂ Pronoun (NP₁ Nome Composto- NP₂ Pronome)

Jill told Dustin and Sara that he was uninsured.

“Jill disse a Dustin e Sara que ele não estava seguro.”

h. NP₁ Name-NP₂ Conjunct Pronoun (NP₁ Nome- NP₂ Pronome Composto)

Jill told Dustin that he and Sara were uninsured.

“Jill disse a Dustin que ele e Sara não estavam seguros.”

i. NP₁ Conjunct Name-NP₂ Name (NP₁ Nome Composto- NP₂ Nome)

Jill told Dustin and Sara that Dustin was uninsured.

“Jill disse a Dustin e Sara que Dustin não estava seguro.”

j. NP₁ Name-NP₂ Conjunct Name (NP₁ Nome- NP₂ Nome Composto)

Jill told Dustin that Dustin and Sara were uninsured.

“Jill disse a Dustin que Dustin e Sara não estavam seguros.”

k. NP₁ Conjunct Pronoun-NP₂ Name (NP₁ Pronome Composto- NP₂ Nome)

Jill told him and Sara that Dustin was uninsured.

“Jill contou a ele e a Sara que Dustin não estava seguro.”

l. NP₁ Pronoun-NP₂ Conjunct Name (NP₁ Pronome- NP₂ Nome Composto)

Jill told him that Dustin and Sara were uninsured.

“Jill disse a ele que Dustin e Sara não estavam seguros.”

**❖ Answer concerning The Judgment of Rating
(Resposta referente ao Julgamento da Avaliação)**

1 = Completely Unacceptable (completamente não aceitável)

2 = Unacceptable (inaceitável)

3 = Just Barely Unacceptable (um pouco inaceitável)

4 = Just Barely Acceptable (um pouco aceitável)

5 = Acceptable (aceitável)

6 = Completely Acceptable (completamente aceitável)

Os resultados angariados em relação às sequências dos tipos de NPs e das relações de c-comando revelaram não haver um efeito principal significativo do vínculo de c-comando,

contudo demonstraram um efeito principal significativo da sequência do tipo de expressão referencial, assim como uma interação significativa do c-comando com o tipo de expressão-R. Em função disso, as condições nome-pronome cujos antecedentes c-comandavam obtiveram taxas mais altas na avaliação da aceitação da correferência em análise gradual por escala quando comparadas àquelas cujos antecedentes não eram c-comandantes. Enquanto isso, nas condições nome-nome, as taxas de aceitação foram significativamente menores para as sentenças com antecedentes c-comandantes. Já nas condições pronome-nome, responsáveis pelo arranjo catafórico, as taxas também foram significativamente menores para os antecedentes que exerciam c-comando. Além de tudo, os efeitos de c-comando foram significativamente maiores nas condições nome-nome do que nas condições catafóricas de pronome-nome.

No que comporta o efeito das instruções, por outro lado, o efeito principal dela não foi significativo, muito embora a interação do tipo de expressão referencial com as instruções tenha sido significativa, além do que a da interação do c-comando com as instruções tenha sido marginalmente significativa. Isso colocado, quando a interação das instruções com o c-comando foi examinada exclusivamente nas condições nome-nome e pronome-nome, um efeito significativamente maior de c-comando foi encontrado com as instruções reflexivas em comparação com as instruções imediatas. Já nas condições nome-nome, foram achados efeitos significativos de c-comando tanto para as instruções reflexivas quanto para as imediatas. Enfim, nas condições pronome-nome, as catafóricas, apenas houve efeito significativo de c-comando com as instruções reflexivas, não tendo havido para as imediatas.

Quanto aos tipos de sentenças, não foram colhidos efeitos principais significativos em razão de o antecedente estar ou não na posição de sujeito, entretanto foram granjeadas interações significativas entre o status de sujeito do antecedente, o c-comando, a sequência do NP e a interação a três desses fatores. Assim, o padrão dessas interações implicou no fato de, nas condições nome-pronome, o efeito do c-comando ter sido maior quando o antecedente não se encontrava na posição de sujeito sentencial, da mesma forma que, nas condições nome-nome e pronome-nome, o efeito do c-comando ter sido mais expressivo quando o antecedente estava exercendo a função de sujeito. Ademais, as condições nome-nome demonstraram que o c-comando exercia um efeito significativo quer quando os antecedentes eram sujeitos quer quando eram objetos à proporção que as condições pronome-nome retrataram um efeito significativo de c-comando quando os antecedentes eram sujeitos e apenas marginalmente significativo quando eles eram objetos.

Por sua vez, no que toca ao tipo de NP, se possessivo ou composto, obteve-se um efeito significativo com os possessivos, tendo sido, pois, mais altamente avaliados como aceitáveis correferencialmente. De igual modo, houve interações significativas dos tipos de NP, c-comando, sequência de NP e a interação a três desses fatores cujos reflexos se fizeram presentes na baixa taxa de avaliação da aceitabilidade da correferência incorporada às condições nome-pronome com NPs compostos quando não havia relação presente de c-comando entre os NPs, quer dizer, quando o nome em posição de sujeito era um composto e o pronome subsequente estava para ser tomado como correferente de um dos nomes do composto. Ainda mais, tanto as condições nome-pronome quanto as nome-nome apresentaram ter, em face do c-comando, um efeito significativo quer seja sobre os possessivos quer seja sobre os compostos ao passo que as condições pronome-nome demonstraram tal efeito sobre os possessivos e não sobre os compostos.

Então, a partir dos resultados desse quarto experimento, Gordon e Hendrick (1997) chegaram ao consenso de que os efeitos básicos do c-comando e da sequência do NP resistem aos tipos de sentença, no entanto são modulados pelo papel sintático do antecedente, caso seja sujeito ou objeto. Notaram que este efeito moderador opera na direção oposta sobre as sequências de NP quando o c-comando favorece a correferência, no caso da disposição nome-pronome, e quando a desfavorece, nas situações de arranjo nome-nome e pronome-nome. Nesse sentido, o efeito do c-comando em favorecer a interpretação correferencial mostrou-se maior quando o antecedente estava presente dentro de uma posição de objeto do que quando estava posicionado na função de sujeito. Em contraste a isso, o efeito do c-comando em desfavorecer a interpretação correferencial revelou-se menor quando o antecedente estava assumindo a posição de objeto em confronto com o caso em que estava a ocupar o lócus de sujeito.

Em suma, esse padrão contrastivo sugere o mecanismo através do qual a correferência e a referência disjunta interagem com a estrutura sintática. Isso decorre por meio de um simples princípio unificador que apresenta os pronomes sendo facilmente vistos como correferenciais com um nome precedente que seja proeminente enquanto os nomes não são assim tão facilmente visualizados como correferenciais com um nome precedente igualmente proeminente de sorte que, nessa conjuntura, a proeminência pode inicialmente ser enxergada como inversamente dependente do número de nós de ramificação da árvore sintática que estejam dominando um NP. Logo, tamanha noção cá veiculada, segundo os autores, é similar ao c-comando em sua referência para dominação por nós ramificadores, apesar de diferente desta por não descrever uma relação entre dois NPs. Em respeito a isso, as entidades c-

comandantes são mais proeminentes do que as que não são c-comandadoras do mesmo jeito que, outrossim, os antecedentes-sujeitos são mais proeminentes do que os objetos.

Além disso, ambos os pesquisadores também chegaram ao consentimento de que o efeito do c-comando foi significativamente maior perante as instruções reflexivas do que diante das imediatas seja para as sequências nome-nome seja para as pronomes-nome. Da mesma forma, concluíram que o efeito significativo do c-comando para as sequências pronomes-nome apenas foram encontradas em face das instruções reflexivas e não das imediatas. Dito isso, assim suspeitaram de que a emergência do efeito, tão somente frente às instruções reflexivas, correspondessem a um processo de alguma maneira semelhante ao observado no Experimento 2, diante dos sintagmas adjuntos prepostos à matriz, em que as instruções levaram os participantes a suspenderem a completa interpretação do pronome para quando pudessem também interpretar a matriz para assim permitir a aceitação da correferência catafórica neste caso em específico. Conforme os autores, como no Experimento 4 as instruções induziram os participantes a lerem pelo menos duas vezes cada sentença, esse processo de releitura provavelmente pode ter conduzido a essa espécie de suspensão e consequentemente favorecido, em última instância, a correferência.

Quanto ao Experimento 5, este foi elaborado tendo-se em conta a habilidade linguística que os seres humanos têm de distinguir sentenças que são meramente inapropriadas em certos ou alguns contextos daquelas que são agramaticais sempre, i.é., em quaisquer contextos. Diante disso, com o objetivo de se saber se esse mecanismo, de algum modo, se aplicou ao contexto das sentenças constituintes das condições pronomes-nome dos quatro primeiros experimentos e se, portanto, os contextos dos experimentos anteriores não foram adequados para o estabelecimento da correferência na perspectiva dos participantes, aliás, falantes nativos de inglês, Gordon e Hendrick (1997) adicionaram, neste quinto experimento, um contexto discursivo que mencionava o nome do ente que participava na correferência subsequente às sentenças componentes dos estímulos frasais que foram submetidas aos julgamentos da aceitabilidade da correferência dos participantes da experiência.

Dessa maneira, a partir dos estímulos em (25) a seguir, investigou-se se a atual disposição das sentenças pronomes-nome neste tipo de contexto, colocado como mais natural e comum, tornaria a correferência deste arranjo catafórico mais aceitável por parte dos sujeitos participantes, bem como também se testou se questões relativas à Teoria da Centralidade (*Centering Theory*) se aplicam a este tipo de correferência, haja vista que a introdução e uso de contexto discursivo levanta questões próprias da correferência intersentencial no

endereçamento da solução dos casos de correferenciação. Nesse sentido, o Experimento 5, na mesma proporção, almejou confirmar se os mesmos processos tanto desencadeados quanto empregados na correferência intersentencial seriam, de igual maneira, utilizados na resolução da correferência de natureza intrassentencial a ponto de poder haver uma convergência entre a Teoria da Centralidade e a Teoria da Ligação em se tratando de modelos teóricos que versem sobre o processamento do estabelecimento de relações correferenciais nos mais diversos níveis de funcionamento e de organização da arquitetura da linguagem.

(32) a. **NP₁ Pronoun–NP₂ Pronoun/No C-command**
(NP₁ Pronome–NP₂ Pronome/Sem C-comando)

Who visited Lisa at college?

Her brother visited **her** at college.

“Quem visitou Lisa na faculdade?”

*“O irmão **dela a** visitou na faculdade.”*

b. **NP₁ Pronoun–NP₂ Pronoun/Yes C-command**
(NP₁ Pronome–NP₂ Pronome/Com C-comando)

Who did Lisa visit at college?

She visited **her** brother at college.

“Quem Lisa visitou na faculdade?”

*“**Ela** visitou o irmão **dela** na faculdade.”*

c. **NP₁ Name–NP₂ Pronoun/No C-command**
(NP₁ Nome–NP₂ Pronome/Sem C-comando)

Who visited Lisa at college?

Lisa’s brother visited **her** at college.

“Quem visitou Lisa na faculdade?”

*“O irmão de **Lisa a** visitou na faculdade.”*

d. **NP₁ Name–NP₂ Pronoun/Yes C-command**
(NP₁ Nome–NP₂ Pronome/Com C-comando)

Who did Lisa visit at college?

Lisa visited **her** brother at college.

“Quem Lisa visitou na faculdade?”

*“**Lisa** visitou o irmão **dela** na faculdade.”*

e. **NP₁ Name–NP₂ Name/No C-command**
(NP₁ Nome–NP₂ Nome/Sem C-comando)

Who visited Lisa at college?

Lisa’s brother visited **Lisa** at college.

“Quem visitou Lisa na faculdade?”

*“O irmão de **Lisa** visitou **Lisa** na faculdade.”*

f. **NP₁ Name–NP₂ Name/Yes C-command**
(NP₁ Nome–NP₂ Nome/Com C-comando)

Who did Lisa visit at college?

Lisa visited **Lisa's** brother at college.
"Quem Lisa visitou na faculdade?"
"Lisa visitou o irmão de Lisa na faculdade."

g. NP₁ Pronoun–NP₂ Name/No C-command
(NP₁ Pronome–NP₂ Nome/Sem C-comando)
 Who visited Lisa at college?
Her brother visited **Lisa** at college.
"Quem visitou Lisa na faculdade?"
"O irmão dela visitou Lisa na faculdade."

h. NP₁ Pronoun–NP₂ Name/Yes C-command
(NP₁ Pronome–NP₂ Nome/Com C-comando)
 Who did Lisa visit at college?
She visited **Lisa's** brother at college.
"Quem Lisa visitou na faculdade?"
"Ela visitou o irmão de Lisa na faculdade."

❖ **Answer concerning The Judgment of Rating**
(Resposta referente ao Julgamento da Avaliação)

- 1 = Completely Unacceptable (completamente não aceitável)
- 2 = Unacceptable (inaceitável)
- 3 = Just Barely Unacceptable (um pouco inaceitável)
- 4 = Just Barely Acceptable (um pouco aceitável)
- 5 = Acceptable (aceitável)
- 6 = Completely Acceptable (completamente aceitável)

Para este experimento, em assim sendo, foram aplicadas, aos participantes, instruções reflexivas semelhantes às do quarto experimento, como também dois espécimes de listas de modo que parte dos sujeitos foi submetida a questionários contendo as questões contextuais com a presença das perguntas a compor os segmentos discursivos conforme exemplificado acima em (32) e outra parte foi apresentada a questionário que continha apenas as sentenças com as sequências potencialmente correferenciais, tais como correntes nos experimentos anteriores, sem as perguntas contextualizadoras como mostradas supra em (32). O questionamento, a preceder a sentença que tinha de ser julgada pelos participantes, expunha o nome da entidade a qual deveria ser julgada na sentença afirmativa e que, nesta, estabelecia potencial relação de correferência de tal modo que as expressões se mantinham em posição de sujeito e de objeto, além do que os antecedentes das sequências foram manipulados como fatores para ora funcionarem como sujeitos ora como objetos.

Os resultados coligidos expuseram nenhum efeito principal significativo da pergunta contextual, não obstante tenha apresentado uma interação significativa entre a pergunta e a

forma do NP₁, traduzida na maior taxa de avaliação de aceitabilidade da correferência conferida às sentenças cujo NP₁ se constituía como um pronome e em taxas menores cedidas quando correspondia a um nome. Em linhas gerais, a pergunta contextual não modulou o efeito do c-comando na aceitabilidade da correferência nas sequências pronome-nome. Além do mais, os participantes julgaram como mais aceitáveis correferencialmente as sequências nome-pronome, seguidas respectivamente da pronome-pronome, da nome-nome e da pronome-nome de forma que esta última foi, porquanto, a sequência julgada como menos aceitável pelos sujeitos participantes. Os resultados deste quinto experimento também mostraram que a relação de c-comando solavancou a aceitação da correferência nas sequências nome-pronome e pronome-pronome à proporção que desencorajou a aceitabilidade da correferência nas sequências nome-nome e pronome-nome. Afora tudo isso, o posicionamento do antecedente, se assumindo a função de sujeito se a de objeto, interviu no efeito do c-comando em duas frentes, quais sejam, em primeiro lugar, nas sequências nome-pronome, quando o antecedente estava na posição de sujeito, acabou por haver um efeito positivo menor do c-comando sobre a aceitabilidade da correferência em contraste com a situação detentora do antecedente em posição de objeto; e, em segundo lugar, nas sequências nome-nome, em que o antecedente se encontrava em posição de sujeito, acabou por ocorrer um aumento do efeito negativo do c-comando sobre a aceitação da correferência em comparação ao caso em que o antecedente se colocava em função de objeto. Ao final de tudo, verificou-se que a posição do antecedente não interferiu nem moderou o efeito do c-comando na aceitabilidade da correferência nas situações em que se têm as sequências pronome-nome ou pronome-pronome.

Em virtude disso, Gordon e Hendrick (1997), respaldados nos resultados do Experimento 5, puderam concluir que a presença da pergunta contextual não influi significativamente no crescimento do efeito do c-comando sobre a aceitabilidade da correferência nas sequências pronome-nome e que a interpretação correferencial numa sequência não c-comandante de pronome-nome permanece com índices de aceitação baixos, tal como observado nos experimentos prévios, até mesmo quando o pronome inicial – notadamente catafórico em potencial, no escopo da sentença, e simultaneamente anafórico, no esboço do contexto discursivo – poderia ser interpretado como se referindo a uma entidade que, categorizada tal qual um nominativo ou nome, é mencionada previamente na pergunta contextual. De toda forma, contudo, mesmo que a presença da questão contextual (a pergunta ou questionamento) não tenha facilitado a aceitação da correferência nas

sequências potencialmente catafóricas de pronome-nome, ela produziu um efeito pequeno, porém significativo, sobre os julgamentos da correferência das sentenças seguintes.

A par disso, a última experiência, o Experimento 6, ainda prosseguiu numa última tentativa para entender a divergência persistente entre os julgamentos dos participantes das experiências, falantes nativos de inglês, e os autorrelatos dos linguistas gerativistas quanto às prescrições do Princípio C diante, principalmente, dos arranjos catafóricos envolvendo as sequências pronome-nome. Por isso, Gordon e Hendrick (1997) continuaram examinando o efeito da contextura, só que, desta vez, buscaram manipular o contexto de julgamento das sentenças circundantes no lugar do contexto discursivo da sentença a ser julgada. Portanto, este sexto experimento foi elaborado no intuito de averiguar se a existência de um contexto de julgamento, que inclui sequências potencialmente correferenciais para as quais a correferência é altamente aceitável, impacta na magnitude da diferença constatada na aceitabilidade da correferência nas sequências pronome-nome com ou sem relação de c-comando. Isso foi então viabilizado através da criação de três contextos julgadores distintos, a saber, um intitulado de *no context*, outro de *name-pronoun context* e mais um de *pronoun-pronoun context*. Na primeira condição, a *no context*, os participantes deveriam julgar a aceitabilidade da correferência nas sequências pronome-nome dentre as quais metade das sentenças continham pronomes c-comandando o nome e a outra metade sem que o pronome c-comandasse o nome. Na segunda condição, as mesmas sentenças eram randomicamente interpassadas juntamente com sentenças que contivessem as sequências nome-pronome. Já na terceira condição, o procedimento usado era o mesmo do contexto anterior, havendo apenas a substituição das sequências de nome-pronome por pronome-pronome. Alicerçado nessa organização, os autores utilizaram, por assim dizer, as mesmas construções possessivas correspondentes aos estímulos do Experimento 4 de modo que as expressões em estado de potencial correferência diferiam apenas entre uma condição e outra no sentido de o antecedente c-comandar ou não a segunda expressão referencial, o nome, ou de estar assentado na posição sintática de sujeito ou de objeto. E por fim, os participantes foram instruídos a fornecerem julgamentos categóricos tais como os utilizados nos Experimentos 1, 2 e 3 em relação às respostas das avaliações quanto à aceitabilidade da correferência entre as expressões constituintes das sequências.

Os resultados do experimento, daí, retrataram que, no geral, a correferência apresentou-se como mais aceitável quando o antecedente não estava em uma posição de c-comando frente aos casos em que se apresentava c-comandando. Fora isso, emergiu uma interação significativa entre o c-comando e o contexto, já que a diferença na aceitabilidade da

correferência em decorrência do c-comando foi maior na condição *no context* à medida que foi menor nos outros dois contextos concernentes às condições *name-pronoun context* e *pronoun-pronoun context*.

Logo, embasados nas informações oriundas dos dados desse sexto experimento, Gordon e Hendrick (1997) intuíram, com mais absoluta certeza, que a aglomeração das sentenças, o modo como estão dispostas e a maneira como os diversos tipos de sequências podem interagir e se comunicar entre si influem na aceitação da correferência, por parte dos falantes nativos de inglês, das sequências pronome-nome, potencialmente catafóricas, quando o antecedente não está em posição de c-comandar. Por conta disso, quando as sentenças contendo sequências pronome-nome são misturadas com outras sentenças diversas as quais contêm sucessões correferenciais detentoras de altas taxas de aceitabilidade, ocorre de a aceitação da correferência com as sequenciações pronome-nome, em que o antecedente não é c-comandante, cair substancialmente tanto diante das séries potencialmente anafóricas de nome-pronome e mais ainda nas de pronome-pronome. Por outro lado, a aceitabilidade da correferência nas sequências pronome-nome detendo um antecedente que c-comanda é menos impactada e influenciada pela mistura de sentenças. Sendo assim, os autores entenderam que o c-comando exerce um efeito real sobre a aceitabilidade gramatical da interpretação correferencial das ordens pronome-nome, em potencial catafóricas, de sorte que tamanho efeito havia sido parcialmente mascarado nos experimentos predecessores devido à presença de outros espécimes de sequências de NPs. Igualmente compreenderam que tal efeito deveria ser caracterizado como comparativamente fraco por causa de sua suscetibilidade de ser encoberto pela estada de outros tipos de sequências de NPs na disposição das sentenças julgadas e avaliadas. Apesar de tudo isso, contrastivamente, no Experimento 2, a correferência das sequências pronome-nome foi julgada como altamente aceitável quando o pronome, por sinal potencialmente catafórico, ocorreu em um sintagma adjunto preposto, ou seja, associado a uma preposição ou conjunção dentro de uma subordinada adverbial, mesmo que havendo, entre as sentenças a serem julgadas, outras sequências cujas correferências eram consideradas altamente e até mais aceitáveis, perante a ótica dos participantes julgadores, a exemplo da sucessão nome-pronome já taxada como extremamente aceitável do ponto de vista correferencial. Em face disto, deliberaram que, claramente, o pronome instanciado em um sintagma adjunto preposto é, de longe, mais aceitável como um antecedente para um nome subsequente do que um pronome que seja encaixado em um constituinte sintagmático na condição de um sintagma nominal possessivo.

Como síntese geral de todos os seis experimentos, Gordon e Hendrick (1997) concluíram que a aceitabilidade da correferência entre dois NPs depende do tipo e/ou forma deste nominal, sendo a aceitação para as sequências nome-pronome a maior de todas, para as sucessões nome-nome intermediária e para as séries pronome-nome a menor. Além disso, observaram que a relação de c-comando entre os NPs reduz a aceitabilidade da correferência nas sequências nome-nome ao passo que amplia a aceitação nas sucessões nome-pronome e enquanto tem, em geral, pouco efeito sobre os ordenamentos pronome-nome. Daí, a eles foi possível depreender que o efeito do c-comando sobre a referência disjunta é maior quando o antecedente está inserido dentro do sujeito da matriz, da mesma forma que o mesmo efeito sobre a correferência é maior quando o antecedente não está locado na posição sintática de sujeito. Eles também descobriram que a correferência entre um nome e um pronome precedente é largamente aceita quando o pronome está assentado em um sintagma adjunto preposto, isto é, nos casos em que o pronome está situado dentro de uma subordinada adverbial que anteceda a oração principal e associado ou a uma conjunção ou a uma preposição ou ainda a um conectivo que integre uma sentença a qual sirva de adjunto a todo o período. Ademais, Gordon e Hendrick (1997) obtiveram, como conclusão, que o efeito do c-comando sobre a referência disjunta se expande quando os participantes são submetidos a julgamentos reflexivos em vez de imediatos e que, na ausência de tipos de sentenças que normalmente são taxadas como altamente aceitáveis correferencialmente, os julgamentos das sequências pronome-nome, as disposições potencialmente catafóricas, em que o pronome não c-comanda o nome, tornam-se mais propensas a acatar uma avaliação que integre mais facilmente a aceitação de uma interpretação correferencial. Afora isso, captaram que os julgamentos dos participantes que são falantes nativos de inglês, em relação à correferência envolvendo os reflexivos e os pronominais, são consistentes com os ditados dos Princípios A e B da Teoria da Ligação. Os autores também perceberam que se antecipar uma pergunta contextual a uma sentença que contenha uma relação de correferência causa um aumento na aceitabilidade de sentenças que comecem com pronomes quando comparadas àquelas que iniciem com nomes, por mais que tais perguntas contextuais especificamente não ampliem a aceitação das sequências pronome-nome em que não vigore o c-comando.

Ao fim de tudo, Gordon e Hendrick (1997) concluíram, em definitivo, que os julgamentos dos falantes nativos de inglês são consistentes com algumas das reivindicações da teoria sintática contemporânea, especificamente no que concerne à aceitabilidade da correferência envolvendo reflexivos e alguns pronominais, afora o que também não são consistentes com as declarações concernentes à correferência de nomes e de alguns outros

pronominais. De igual modo, confirmaram que a estrutura sintática desempenha um papel crítico sobre a correferência neste nível estrutural ao influenciar a ordem através da qual as entidades são introduzidas na representação de um discurso e por influir na acessibilidade das entidades dentro dessa representação, considerado que essas representações também contribuem diretamente para a percepção psicológica da coerência em segmentos estendidos do discurso. E sob essa ótica, ambos consideraram que a estrutura sintática pode ser vista como contribuindo para a organização de um modelo de discurso mais largo e amplo que incorpore o sentido de uma comunicação genuinamente linguística.

Por fim, pelo fato de estarem alicerçados nesta gama de diversos experimentos ora desencadeados, Gordon e Hendrick (1997) reafirmaram tanto a necessidade quanto a importância, que os padrões constatados experimentalmente sugerem, de se reformular a teoria da correferência então vigente nos padrões gerativistas a qual distingue o núcleo gramatical responsável pela distribuição dos reflexivos (*anaphors*), além de um segundo conjunto de operações que se responsabiliza por interpretar os nomes e os pronominais e/ou pronomes. Deparados com isso, eles acabam, enfim, dando conta dos padrões de aceitação da correferência entre nomes e pronomes ao analisarem como as estruturas sintáticas são mapeadas junto às estruturas de representação discursiva.

3.1.1.1.4 VAN GOMPEL & LIVERSEDGE (2003): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Eye-Tracking quanto à Influência de Informações Morfológicas de Gênero e Número na Resolução da Correferência Catafórica Pronominal em Inglês dentro do Âmbito de Processamento Sentencial

Van Gompel e Liverledge (2003) pesquisaram a influência exercida pela informação morfológica de gênero e número durante a resolução pronominal catafórica ao investigarem a utilização dessa espécie de dado ou conhecimento mórfico na impressão do processamento da correferência catafórica expressa por meio de pronomes pessoais de terceira pessoa do singular e plural (*'he'*, *'she'* e *'they'*; *'ele'*, *'ela'* e *'eles ou 'elas'*) em língua inglesa por meio de três experimentos *on-line* de rastreamento ocular por *eye-tracker*. Eles ambicionaram averiguar se o uso de informação do tipo genérica e numérica eram retardadas para depois da concretização das relações correferenciais. No Experimento 1, eles pesquisaram como a informação de gênero, que corresponde aos *traços-phi* (ϕ) de gênero enquanto dado que é acessado no Léxico mental através da ação do sistema computacional da linguagem operante durante o processamento nos termos do caracterizado pelo Gerativismo, influi na resolução do

estabelecimento da relação correferencial a partir do emprego de pronomes pessoais catafóricos por meio de sentenças dispostas tais como as em (33):

(33) **a. NP₁ Congruent/Masculine (NP₁ Congruente/Masculino)**

When he was fed up, the boy visited the girl very often.

“Quando ele estava irritado, o garoto visitava a garota frequentemente.”

b. NP₁ Congruent/Feminine (NP₁ Congruente/Feminino)

When she was fed up, the girl visited the boy very often.

“Quando ela estava irritada, a garota visitava o garoto frequentemente.”

c. NP₁ Incongruent/Masculine (NP₁ Incongruente/Masculino)

When she was fed up, the boy visited the girl very often.

“Quando ela estava irritada, o garoto visitava a garota frequentemente.”

d. NP₁ Incongruent/Feminine (NP₁ Incongruente/Feminino)

When he was fed up, the girl visited the boy very often.

“Quando ele estava irritado, a garota visitava o garoto frequentemente.”

A análise estatística se desenvolveu em torno do fator congruência do pronome catafórico com o NP₁ através do contraste pronome congruente vs. pronome incongruente ao sintagma nominal seguinte. Ambos os pesquisadores observaram um efeito principal de congruência de gênero em que os participantes demonstravam uma demora significativa quando se deparavam com o NP₁ da oração principal que fosse incongruente com o pronome pessoal catafórico presente na oração subordinada adverbial anterior por forma que a leitura era mais ágil nas condições em que esse NP₁ era congruente com o pronome. Segundo eles, esse achado impõe estar na linha do proposto por Cowart e Cairns (1987) de que há uma preponderância do *parser* de assinalar a correferência do pronome catafórico com o primeiro NP ou sintagma nominal a aparecer na sequência de construção da sentença junto ao discurso. E como descoberta ainda mais importante, apresenta as primeiras evidências na literatura científica de que o acesso à informação de gênero é retardada para ser usada até depois do firmamento das relações de correferência, configurando uma conjuntura tal que provê evidência contra o modelo modular de Cowart e Cairns (1987), de que esse tipo de informação morfológica é utilizada imediatamente, e também em desfavor do modelo interativo forte de Tyler e Marslen-Wilson (1977) que defende ser a utilização de tal dado precedente à computação da relação correferencial, já que as informações semânticas são avaliadas juntamente com as genéricas e sintáticas antes de a correferência ser firmada.

O Experimento 2, por sua vez, foi idealizado e consecutivamente aplicado em razão de ter havido a possibilidade de as interpretações formalizadas na primeira experiência não terem

se sustentado em virtude da plausibilidade de que os efeitos captados se devessem a uma ruptura, com consequente aumento dos tempos de leitura, simplesmente pela elevação da complexidade sentencial caracterizada pela inserção de uma nova entidade discursiva no âmbito de concepção da sentença. Assim, para testar se essa explanação alternativa era válida, Van Gompel e Liversedge (2003) rodaram um novo experimento, agora com seis condições, a partir do manuseio das frases experimentais expostas em (34) a seguir as quais se assemelhavam às do experimento inicial, unicamente com a diferença de que duas das seis condições continham, no lugar dos pronomes de terceira pessoa ‘*he*’ e ‘*she*’, o pronome de primeira pessoa ‘*I*’ (‘eu’).

(34) **a. NP₁ New Referent/Masculine (NP₁ Novo Referente/Masculino)**

When I was at the party, the boy cruelly teased the girl during the party games.

“Quando eu estava na festa, o garoto cruelmente caçoava a garota durante os jogos festivos.”

b. NP₁ New Referent/Feminine (NP₁ Novo Referente/Feminino)

When I was at the party, the girl cruelly teased the boy during the party games.

“Quando eu estava na festa, a garota cruelmente caçoava o garoto durante os jogos festivos.”

c. NP₁ Congruent/Masculine (NP₁ Congruente/Masculino)

When he was at the party, the boy cruelly teased the girl during the party games.

“Quando ele estava na festa, o garoto cruelmente caçoava a garota durante os jogos festivos.”

d. NP₁ Congruent/Feminine (NP₁ Congruente/Feminino)

When she was at the party, the girl cruelly teased the boy during the party games.

“Quando ela estava na festa, a garota cruelmente caçoava o garoto durante os jogos festivos.”

e. NP₁ Incongruent/Masculine (NP₁ Incongruente/Masculino)

When she was at the party, the boy cruelly teased the girl during the party games.

“Quando ela estava na festa, o garoto cruelmente caçoava a garota durante os jogos festivos.”

f. NP₁ Incongruent/Feminine (NP₁ Incongruente/Feminino)

When he was at the party, the girl cruelly teased the boy during the party games.

“Quando ele estava na festa, a garota cruelmente caçoava o garoto durante os jogos festivos.”

Outra diferenciação, ademais, surgiu com o acréscimo de um advérbio semanticamente neutro, o ‘*cruelly*’ (‘cruelmente’), entre o NP₁ e o verbo subsequente,

haja vista que os efeitos conseguidos anteriormente haviam sido do tipo *spillover*, na primeira região após o NP₁ que coincidia com a posição de emergência do verbo ou VP. O acréscimo do advérbio, portanto, foi adotado para se ter a certeza de que os efeitos adquiridos, uma região após o primeiro sintagma nominal na tentativa de estabelecer um vínculo inerente à relação correferencial, se devem exclusivamente ao uso de informação morfológica e não ao de estratégias outras bem conhecidas como, *v.g.*, o de avaliação de informações características e subjacentes ao jaez verbal dos VPs encontradas em verbos, que nem os dispostos imediatamente após o primeiro NP no Experimento 1, os quais podem ser muito ardilosa e habilmente empregados como recursos verbais para possibilitar a desambiguação semântica de possíveis relações correferenciais em estruturação⁹⁸.

Nesse segundo experimento, a avaliação estatística englobou novamente a congruência genérica entre o pronome e o NP₁, só que dessa vez com o adicionamento de uma contrastação a mais, referente ao novo referente instituído, o pronome de primeira pessoa 'I' (eu), de tal modo que se comparou o NP₁ congruente com o pronome catafórico vs. o NP₁ incongruente com o pronome e versus o NP₁ em face do novo referente.

Como no teste inicial, Van Gompel e Liversedge (2003) obtiveram um efeito principal imediato de congruência na região imediatamente seguinte ao NP₁, em que se encontrava antes o verbo e na qual agora se encontra o advérbio, o que indica que o uso da informação morfológica de gênero e o estabelecimento da relação correferencial são incrementacionais e são conformados antes de o *parser* se deparar com o verbo e de interpretar tanto a grade argumental quanto a temática a ele inerente. A mensuração advinda das medidas empíricas e tecnológicas do *eye-tracking* correspondentes ao número de regressões (as *regression-path times*) e concernentes à regressão de primeiro passe e fixação (as *first-pass regressions*) na região de presença do advérbio, imediatamente adjacente ao NP₁, revelou que os participantes sentiram menos dificuldade em ler e foram mais velozes quando o NP₁ era congruente com o pronome catafórico em comparação aos casos em que não era, isto é, em que o NP₁ era incongruente. E ainda vai além, ao também mostrar que a adição de uma nova entidade discursiva pelo NP₁ não produziu qualquer dificuldade significativa, provando que as interpretações geradas no Experimento 1 são verossímeis, apresentando uma linha de raciocínio que parece seguir a direção certa, posto que a maior lentidão na leitura do NP₁ que não é congruente ao pronome não decorre da introdução de um novo ente discursivo, mas se deve, de fato, ao fator congruência genérica, ou seja,

⁹⁸ Consulte Sanford e Garrod (1989) para uma discussão, relacionada a essa pauta, tanto mais detalhada quanto aprofundada e melhor trabalhada.

ao efeito de incongruência de gênero ou ao *gender-mismatch effect* (GMME) como postulado no experimento abridor desse estudo.

Em resumo, esses resultados também forneceram evidência adicional e mais robusta que contribuiu para solidificar ainda mais a hipótese dos investigadores de que a informação morfológica de gênero é, em seu uso, atrasada para depois de as relações correferenciais terem já sido firmadas. Efeitos tardios de *spillover*, visualizados na região ocupada pelo verbo depois do NP₁, e padrões de resultados, que se mostraram um tanto diferentes nas regiões finais da sentença para além do NP₁, possibilitaram, aos autores desse estudo, que se descobrisse ser mais difícil, para o processador dos sujeitos, formar uma representação computacional e sequencialmente linguística quando o NP₁ vem a introduzir um novo referente ou ente discursivo o qual, a par e passo, seja incongruente com o pronome catafórico predecessor, assim como permitiram que se percebesse ser ligeiramente mais fácil construir tal representação quando o NP₁ apenas vem a incluir um novo referente no escopo da sentença, além do que o quanto mais facilitado ainda o é, tal processo, quando esse sintagma nominal inicial se mantém congruente ao pronome e não introduz nenhum referente novo à sentença.

Por conseguinte, como havia a suspeita de que os efeitos encontrados, em relação ao uso das informações de gênero ser retardado para depois da computação das relações correferenciais, poderem decorrer do fato de que a informação de gênero não constitui, de fato, informação de natureza morfológica em inglês, Van Gompel e Liversedge (2003) viabilizaram o Experimento 3 com vistas a testar o uso da informação de número no estabelecimento da correferência, haja vista que tal informação é, de longe, claramente morfológicamente marcada sobre a maioria dos sintagmas nominais em língua inglesa, constituindo, pois, traço que seja mais aceitável como verdadeiramente morfológico por contraste à informação de gênero perante o idioma inglês. Assim sendo, o terceiro experimento foi configurado a partir dos estímulos frasais em (35), que são retratados logo a seguir, em que foram empregados o pessoal *'he'*, como exemplo de pronome marcado no singular, e o pessoal *'they'*, como amostra de pronome marcado no plural:

(35) **a. NP₁ Congruent/Singular (NP₁ Congruente/Singular)**

When he appeared, the king immediately greeted the boys very warmly.

“Quando ele apareceu, o rei imediatamente saudou os garotos muito calorosamente.”

b. NP₁ Congruent/Plural (NP₁ Congruente/Plural)

When they appeared, the boys immediately greeted the king very warmly.

“Quando eles apareceram, os meninos imediatamente saudaram o rei muito calorosamente.”

c. NP₁ Incongruent/Singular (NP₁ Incongruente/Singular)

When they appeared, the king immediately greeted the boys very warmly.

“Quando eles apareceram, o rei imediatamente saudou os garotos muito calorosamente.”

d. NP₁ Incongruent/Plural (NP₁ Incongruente/Plural)

When he appeared, the boys immediately greeted the king very warmly.

“Quando ele apareceu, os meninos imediatamente saudaram o rei muito calorosamente.”

Os resultados desse terceiro experimento seguiram a mesma linha das evidências obtidas nas duas experiências antecessoras devido ao fato de os participantes terem experienciado uma ruptura processual menor seguida ao NP₁ quando o pronome casava em número do que quando ele não concordava com o nominativo sucessor. É tanto que os efeitos mais incipientes, conforme relatado pelos autores, foram observados nos tempos de leitura concernentes à primeira fixação ocular e aos tempos de regressão na região imediatamente seguinte ao NP₁. Da mesma forma que ocorrido com os traços de gênero, os dados apontaram que o uso da informação de número é adiado até depois da computação das relações correferenciais. Verificou-se, além do mais, que os efeitos captados mais principiantes de número e gênero foram percebidos na mesma região e mensurados com medidas similares. Assim, uma vez que a interrupção primeiramente apareceu na região imediatamente seguinte ao NP₁, ficou entendido que tal ruptura aconteceu em decorrência verdadeiramente da incongruência de número do que em razão da introdução de um novo referente.

Em síntese, Van Gompel e Liversedge (2003) concluíram, a partir dos três experimentos de *eye-tracking* tomados em conjunto, que as evidências são robustas demais para que se possa afirmar que o uso da informação morfológica quer de gênero quer de número, durante a resolução pronominal do estabelecimento da correferência catafórica, é postergado até depois da computação das relações correferenciais. Ademais, visto que a interrupção processual em decorrência da incongruência de gênero ou de número tem ocorrido no mesmo ponto em relação à gravação do movimento ocular feita pelo equipamento do *eye-tracking*, eles também puderam atestar, pois, que o *parser* usa tanto a informação de gênero quanto a de número de maneira similar, segundo o mesmo *modus operandi*.

Por derradeiro, com base nas evidências colhidas, ambos os autores propuseram um modelo de processamento que utiliza as diferentes fontes de informações em diferentes momentos de sorte que a informação sintático-estrutural é usada imediatamente ao passo que

o emprego da informação sintático-lexical que engloba a morfológica referente aos traços-*phi* (ϕ) de gênero e de número é postergado para que a informação seja utilizada em um segundo momento do processamento.

3.1.1.1.5 KAZANINA, LAU, LIEBERMAN, YOSHIDA & PHILLIPS (2007): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada e Julgamento da Taxa de Aceitabilidade Gramatical sobre a Operância do Princípio C e do Mecanismo de Busca Ativa na Correferência Catafórica Pronominal do Inglês dentro do Domínio do Processamento Sentencial

Kazanina e colegas estenderam e aprofundaram mais pormenorizadamente o estudo que fora germinado e também já intensificado no trabalho da pesquisa da tese de doutorado da primeira autora sobre a correferência catafórica em língua inglesa (KAZANINA, 2005). Então, eles exploraram características referentes às propriedades processuais desse tipo de correferência em inglês, buscando descobrir se o parseamento é sensível a *constraints* e mais especificamente à restrição sintático-estrutural do Princípio C e se o *parser* trabalha em cima de um mecanismo de busca ativa no momento de tentativa de estabelecimento da correferência catafórica dentro do espaço compreendente entre o pronome catafórico e o poscedente. A promoção dessa investigação se deu através da execução de três experimentos *off-line*, representados pela tarefa de taxa de aceitabilidade (*acceptability rating task*), e de mais três tarefas *on-line* de leitura automonitorada (*self-paced reading*).

Na primeira experiência, o Experimento 1, foram usadas as frases expostas em (36), conforme expostas a seguir, para testar a sensibilidade ao princípio e a realidade existencial do mecanismo de busca ativa quando a correferência catafórica é engendrada em meio a um período sentencial complexo identificado e caracterizado por adverbiais causais e concessivas e composto por três sentenças conectadas harmonicamente entre si, sendo uma subordinada adverbial na qual está presente o pronome catafórico pessoal, além de uma principal e uma encaixada ou intercalada temporal iniciada pelo conectivo '*while*' ('enquanto') dentro das quais estão situados NPs em que um deles é o poscedente da catáfora respectiva e o outro é um nominal não correspondente à correferenciação. Dessa forma, o *parser* do sujeito caso não possa estabelecer a correferência com o primeiro NP, ele poderá estabelecê-la com o segundo NP constituinte do período composto em tela, a sentença complexa de caráter adverbial, do mesmo modo que, caso possa firmar a correferência com o primeiro NP, não mais terá como

correferir com o segundo NP em razão da própria disposição e organização semântica da sentença que delimita, a depender de qual das condições está sob análise, quais dos dois NPs, se o primeiro ou o segundo, são os correferencialmente viáveis para o pronome catafórico que está em busca de correferir com algum nominativo presente na sentença, isto é, com algum dos dois NPs.

(36) **a. Principle C/Match**

(Operância do Princípio C/Congruência de Gênero)

Because last semester she_i was taking classes full-time while Kathryn was working two jobs to pay the bills, Erica_i felt guilty.

“Porque semestre passado ela_i estava estudando em tempo integral enquanto Kathryn estava trabalhando em dois empregos para pagar as contas, Erica_i se sentia culpada.”

b. Principle C/Mismatch

(Operância do Princípio C/Incongruência de Gênero)

Because last semester she_i was taking classes full time while Russell was working two jobs to pay the bills, Erica_i felt guilty.

“Porque semestre passado ela_i estava estudando em tempo integral enquanto Russell estava trabalhando em dois empregos para pagar as contas, Erica_i se sentia culpada.”

c. No-Constraint/Match

(Inoperância do Princípio C/Congruência de Gênero)

Because last semester while she_i was taking classes full-time Kathryn_i was working two jobs to pay the bills, Russell never got to see her.

“Porque semestre passado enquanto ela_i estava estudando em tempo integral Kathryn_i estava trabalhando em dois empregos para pagar as contas, Russell_i nunca chegava a ver ela.”

d. No-Constraint/Mismatch

(Inoperância do Princípio C/Incongruência de Gênero)

Because last semester while she_i was taking classes full-time Russell was working two jobs to pay the bills, Erica_i promised to work part-time in the future.

“Porque semestre passado enquanto ela_i estava estudando em tempo integral Russell estava trabalhando em dois empregos para pagar as contas, Erica_i prometeu trabalhar parte do tempo no futuro.”

e. No-Constraint/Name

(Inoperância do Princípio C/Controle com Anáfora)

Because last semester while Erica_i was taking classes full-time Russell was working two jobs to pay the bills, she_i promised to work part-time in the future.

“Porque semestre passado enquanto Erica_i estava estudando em tempo integral Russell estava trabalhando em dois empregos para pagar as contas, ela_i prometeu trabalhar parte do tempo no futuro.”

A propósito, esta pesquisa magistral em português brasileiro se baseou especial e prioritariamente neste primeiro experimento do trabalho de Kazanina et. al. (2007), do mesmo modo que as minhas argumentações mais centrais relacionadas à consecução deste experimento e, em consequência disso, desta própria perscrutação como um todo nele se fundamentaram. É tanto que eu também cá investigo a correferência catafórica em PB procedente em período complexo, também detentor de três sentenças e em derredor das adverbiais causais e concessivas ingeridas pelas conjunções subordinativas ‘já que’ e ‘embora’ em respectivo (além de outras associadas de mesma classe), as quais são intercaladas por temporais introduzidas pela conjunção ‘enquanto’. E, ainda por cima, utilizo os pronomes pessoais de terceira pessoa (‘ele’ e ‘ela’) em posição de sujeito e em caso nominativo à semelhança do que foi realizado nesse estudo em inglês o qual usou os pessoais ingleses ‘he’ (ele) e ‘she’ (ela) na mesma posição de argumento externo e assumindo o mesmo caso também.

Os dados do experimento confirmaram as hipóteses previstas pela autora e associados, uma vez que os resultados revelaram ter havido um efeito principal de restrição sintática ou *constraint* e um de interação dos fatores de restrição e congruência de gênero. Muito embora isso tenha retratado que há um MPFDA (Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa) operado pelo *parser* e que a computação da correferência é orientada pela *constraint* do Princípio C, havia a dúvida quanto ao fato de se esses resultados não poderiam se dever a questões de previsibilidade ocasionadas por causa de uma assimetria inerente às estruturas a qual se percebeu existir entre a condição do *Princípio C* e a da *No-constraint*. Nesta há uma capacidade concedida pela estrutura sentencial que lhe permite antecipar ou prever a posição do segundo NP e factível poscedente na correferência assim que ele visualiza, ainda na primeira sentença, o conector ‘*while*’. Já naquela, essa habilidade não pode ser desenvolvida pelo *parser* que não tem meios nem recursos estruturais suficientes para, ainda na primeira sentença, prever a posição exata do segundo NP, dado que a conjunção ‘*while*’ só aparece imediatamente antes desse nominal, a funcionar como potencial poscedente, no início, pois, da segunda sentença, o que só possibilita ao *parser*, a partir desse ponto de visualização do conectivo, começar a previsão, levando-o de modo inevitável a fazer as devidas previsões retardatariamente.

O esquema dessa assimetria pode ser visualizado subsequentemente em (37) onde há a retratação dessa divergência estrutural que permite a ocorrência, de um lado, da previsão de forma veloz e, de outro, da presciência de maneira mais retardada de um dos sujeitos sentenciais que correspondem ao potencial poscedente do pronome catafórico:

(37) **Schematic representation of conditions from Experiment 1**
(Representação esquemática das condições do Experimento 1)

No-constraint:

[Porque [enquanto pronome [~~2^o sujeito~~ ...]], 3^o sujeito ...]

↕

[Because [while pronoun [~~2nd—subject~~ ...]], 3rd subject ...] ➔ *Alta Previsibilidade sobre O Segundo Sujeito que Se Apresenta Tachado.*

Principle C:

[Porque [pronome ... [enquanto 2^o sujeito ...]], ~~3^o sujeito~~ ...]

↕

[Because [pronoun ... [while 2nd subject ...]], ~~3rd—subject~~ ...] ➔ *Alta Previsibilidade sobre O Terceiro Sujeito que Se Apresenta Tachado.*

Justamente para se ter certeza de que os efeitos gerados se deveram à atuação da *constraint* sintática do Princípio C e não à previsibilidade, Kazanina e parceiros aplicaram o Experimento 2, cujos estímulos podem ser vistos em (38) a seguir:

(38) **a. Principle C/Match**

(Operância do Princípio C/Congruência de Gênero)

It seemed worrisome to him_i that John was gaining so much weight, but Matt_i didn't have the nerve to comment on it.

“Parecia preocupante para ele_i que John estivesse ganhando muito peso, mas Matt_i não tinha nervo para comentar sobre isso.”

b. Principle C/Mismatch

(Operância do Princípio C/Incongruência de Gênero)

It seemed worrisome to him_i that Ruth was gaining so much weight, but Matt_i didn't have the nerve to comment on it.

“Parecia preocupante para ele_i que Ruth estivesse ganhando muito peso, mas Matt_i não tinha nervo para comentar sobre isso.”

c. No-constraint/Match

(Inoperância do Princípio C/Congruência de Gênero)

It seemed worrisome to his_i family that John_i was gaining so much weight, but Ruth thought it was just a result of aging.

“Parecia preocupante para a família dele_i que John_i estivesse ganhando muito peso, mas Ruth pensava ser exatamente um resultado do envelhecimento.”

d. No-constraint/Mismatch

(Inoperância do Princípio C/Incongruência de Gênero)

It seemed worrisome to his_i family that Ruth was gaining so much weight, but Matt_i thought it was just a result of aging.

“Parecia preocupante para a família dele_i que Ruth estivesse ganhando muito peso, mas Matt_i pensava ser exatamente um resultado do envelhecimento.”

Nesse segundo experimento, com o propósito de desfazer o impasse e sanar a dúvida de que os resultados do primeiro experimento decorreram, de fato, em razão do Princípio C e não da previsibilidade estrutural da sentença, eles testaram a eficácia de ação dos fatores não mais em adverbiais, mas sim, agora, em cima de substantivas subjetivas instanciadas pela conjunção integrante *‘that’* (‘que’) e justapostas a coordenadas adversativas cujo conector introdutor era o *‘but’* (‘mas’). Com efeito, os resultados angariados a partir dessa segunda experiência reproduziram os achados e conclusões do anterior de sorte que as descobertas se mantiveram constantes, mostrando que a interpretação não se deve à previsibilidade dos sujeitos a sucederem o pronome catafórico e a funcionarem como admissíveis correferentes, a depender da condição analisada. A título de lembrança, é de suma importância ressaltar que parte da pesquisa de Lessa (2014) se alicerçou neste segundo experimento de Kazanina et. al. (2007).

Por fim, os pesquisadores executaram o Experimento 3 que consistia, de igual maneira, em uma tarefa de leitura automonitorada que se propunha a investigar o processamento correferencial catafórico em adverbiais temporais encabeçadas pela conjunção *‘while’* (‘enquanto’) e adjuntas a uma oração coordenada adversativa introduzida, outrossim, pelo conectivo *‘but’* (‘mas’) a partir do uso das frases experimentais dispostas como em (39) logo a seguir:

(39) **a. Principle C/Match**

(Operância do Princípio C/Congruência de Gênero)

He_i chatted amiably with some fans while the talented, young quarterback signed autographs for the kids, but Steve_i wished the children’s charity event would end soon so he could go home.

“Ele_i conversava amavelmente com alguns fãs enquanto o talentoso e jovem coordenador do projeto dava autógrafos para as crianças, mas Steve_i desejava que o evento de caridade das crianças terminasse logo para que ele pudesse ir para casa.”

b. Principle C/Mismatch

(Operância do Princípio C/Incongruência de Gênero)

She_i chatted amiably with some fans while the talented, young quarterback signed autographs for the kids, but Carol_i wished the children’s charity event would end soon so she could go home.

“Ela_i conversava amavelmente com alguns fãs enquanto o talentoso e jovem coordenador do projeto dava autógrafos para as crianças, mas Carol_i desejava que o evento de caridade das crianças terminasse logo para que ela pudesse ir para casa.”

c. No-constraint/Match**(Inoperância do Princípio C/Congruência de Gênero)**

His_i managers chatted amiably with some fans while the talented, young quarterback_i signed autographs for the kids, but Carol wished the children's charity event would end soon so she could go home.

“Os gerentes dele_i conversavam amavelmente com alguns fãs enquanto o talentoso e jovem coordenador do projeto_i dava autógrafos para as crianças, mas Carol desejava que o evento de caridade das crianças terminasse logo para que ela pudesse ir para casa.”

d. No-constraint/Mismatch**(Inoperância do Princípio C/Incongruência de Gênero)**

Her_i managers chatted amiably with some fans while the talented, young quarterback signed autographs for the kids, but Carol_i wished the children's charity event would end soon so she could go home.

“Os gerentes dela_i conversavam amavelmente com alguns fãs enquanto o talentoso e jovem coordenador do projeto dava autógrafos para as crianças, mas Carol_i desejava que o evento de caridade das crianças terminasse logo para que ela pudesse ir para casa.”

Em tais sentenças, o nome próprio que compunha o primeiro sujeito a funcionar como um dos potenciais poscedentes foi substituído por um nome comum adjetivado, mas que, naturalmente em língua inglesa, era veiculado com sentido estereotipado na direção de um determinado gênero, em que prevalece o estereótipo, por exemplo, do masculino. Essa experiência, além de propor confirmar mais uma vez em inglês a realidade de atuação do Princípio C durante a computação da correferência catafórica, almejou, de modo mais contundente e especial, compreender melhor a natureza do mecanismo preditivo de busca ativa instaurado pelo *parser* com vistas a descobrir se ele operava segundo o paradigma da *resolução instantânea* ou consoante a engrenagem alternativa da *resolução contínua*. É premente e insigne lembrar que a pesquisa de Maia, Garcia e Oliveira (2012) quanto ao experimento que estudou a interferência do Princípio C na correferência catafórica de anáforas conceituais contrastadas com as formas linguísticas estudadas nesta e em todas as demais pesquisas mundialmente, os pronomes, se baseou neste terceiro experimento dos pesquisadores Kazanina et. alii. (2007).

Os resultados apontaram para um *parser* impetuosamente ativo que promove uma *resolução contínua* ao invés de uma *instantânea*, o que implica dizer que o processador, ao computar as relações correferenciais de jaez catafórico, não o faz simplesmente no exato instante em que encontra a forma remissiva, isto é, única e exclusivamente no momento em que visualiza o pronome catafórico, prevendo justamente e tão somente aí a posição de seu potencial poscedente. Mais que isso, o *parser* é hábil o suficiente para prever no exato lócus

de aparição da catáfora e também para além e depois dela, estando capacitado para prosseguir com as presciências em posições posteriores ao pronome e ainda anteriores ao seu respectivo poscedente com quem procurará firmar uma relação de correferência, aproveitando as pistas fornecidas pelo material linguístico, a suceder a forma remissiva pronominal, para conseguir continuar prevendo ou maximizar o que já havia previsto a ponto de potencializar qualitativamente as chances de acerto de suas antevisões.

A bem da verdade, os três estudos *off-lines* de taxa de aceitabilidade consistiram na aplicação de questionários que utilizaram um excerto dos estímulos usados nos experimentos *on-lines* para atestar em nível interpretativo se os falantes de língua inglesa conscientemente demonstravam não aceitar estabelecer a correferência catafórica em situações de bloqueio ocasionado pela presença interveniente do Princípio C. Esses exercícios acabaram por comprovar que eles são sim conscientes e que atendem interpretativamente a esses quesitos.

O conjunto dos resultados, resta incontestado, vindos dos três experimentos, demonstraram que a correferência catafórica em inglês é desencadeada por um mecanismo de busca ativa cuja resolução é contínua e restrita a ser firmada em posições lícitas gramaticalmente e que não sejam, portanto, cingidas pelo Princípio C ou por qualquer restrição estrutural tal qual esse princípio chomskiano de modo que o *parser* é capaz de prever a posição estrutural a ser assumida pelo poscedente do pronome catafórico e de estabelecer de maneira *top-down* a relação de correferência catafórica pronominal sem esperar por processar o input do material linguístico constituinte da forma materialmente fonológica do poscedente no decurso da sentença a menos que haja uma restrição que bloqueie essa previsão.

3.1.1.1.6 KENNISON, FERNANDEZ & BOWERS (2009): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada e de Julgamento de Correferência e de Taxa de Confidência do Julgamento acerca das Diferenças Processuais entre o Processamento Pronominal de Anáforas e de Catáforas em Inglês dentro do Domínio de Processamento Sentencial

Movidos pelo propósito de investigar a forte possibilidade de que sentenças contendo pronomes anafóricos e catafóricos são processados diferentemente e tendo considerado que nenhum estudo anterior havia comparado diretamente o processamento de pronomes anafóricos e catafóricos, Kennison, Fernandez e Bowers (2009) decidiram promover esse estudo comparativo entre o processamento das duas formas pronominais, a anafórica e a catafórica, através da execução de dois experimentos, um *on-line*, concernente ao da tarefa de

leitura automonitorada (*self-paced reading*), e outro *off-line*, referente ao de julgamento de correferência e de taxa de confiança do julgamento em formato de questionário (*grammaticality judgment task* e *acceptability rating task*) semelhante à metodologia aplicada por Gordon e Hendrick (1997). A pesquisa almejou comparar o processamento dos usos anafóricos e catafóricos dos pronomes dentro das mesmas estruturas e/ou molduras sentenciais a fim de determinar a extensão das diferenças processuais entre esses dois tipos de manifestação pronominal em emoldramento correferencial.

(40) **a. Correferência Anafórica Congruente Masculina**

After/**Ted**/arrived/at the party,/he/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **Ted** chegou à festa, **ele** decidiu rapidamente sair.”*

b. Correferência Catafórica Congruente Masculina

After/he/arrived/at the party,/Ted/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **ele** chegou à festa, **Ted** decidiu rapidamente sair.”*

c. Correferência Anafórica Congruente Feminina

After/**Sue**/arrived/at the party,/she/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **Sue** chegou à festa, **ela** decidiu rapidamente sair.”*

d. Correferência Catafórica Congruente Feminina

After/she/arrived/at the party,/Sue/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **ela** chegou à festa, **Sue** decidiu rapidamente sair.”*

e. Correferência Anafórica Incongruente Masculina

After/**Sue**/arrived/at the party,/he/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **Sue** chegou à festa, **ele** decidiu rapidamente sair.”*

f. Correferência Catafórica Incongruente Masculina

After/he/arrived/at the party,/Sue/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **ele** chegou à festa, **Sue** decidiu rapidamente sair.”*

g. Correferência Anafórica Incongruente Feminina

After/**Ted**/arrived/at the party,/she/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **Ted** chegou à festa, **ela** decidiu rapidamente sair.”*

h. Correferência Catafórica Incongruente Feminina

After/she/arrived/at the party,/Ted/decided/very/quickly/to leave./
*“Depois que **ela** chegou à festa, **Ted** decidiu rapidamente sair.”*

O Experimento 1 compreendeu a tarefa de leitura automonitorada, sendo composto por sentenças complexas, subordinadas adverbiais temporais, que continham duas cláusulas como as retratadas mais acima em (40) em que os estímulos são apresentados com as barras de separação sintagmática tal como foram expostos aos sujeitos durante a experiência. Metade

das condições continham o pronome masculino ‘*he*’ e a outra metade o feminino ‘*she*’, além do que os nomes e pronomes ou eram congruentes ou incongruentes em gênero em cada sentença.

A partir da avaliação dos fatores trabalhados, tipo de pronome, se anafórico ou catafórico, congruência de gênero, se congruente ou incongruente, e gênero do pronome, se masculino ou feminino, Kennison e colegas (2009) obtiveram resultados em acordância com os prévios de Van Gompel e Liversedge (2003) ao observarem que os sujeitos levam mais tempo para ler a segunda oração das sentenças subordinadas quando ambos os referentes são incongruentes em gênero do que quando são congruentes genericamente. Adicionalmente, os autores encontraram que as diferenças dos tempos de leitura entre as condições de incongruência genérica e de congruência de gênero foram maiores para as condições de pronome anafórico do que para as de pronome catafórico o que resultou em uma interação significativa entre os fatores congruência de gênero e tipo de pronome. Ademais, nenhum efeito principal foi encontrado para a variável gênero do pronome. Por sua vez, as comparações em pares (*pairwise comparisons*) revelaram que esta interação originou-se do fato de que, nas condições de congruência de gênero, os sujeitos resolveram as condições de pronome anafórico significativamente mais rápido do que as condições de pronome catafórico e que, nas condições de incongruência de gênero, os participantes solucionaram os pronomes catafóricos mais velozmente do que os anafóricos em termos significativos.

Assim sendo, os resultados apontaram que, nas condições de congruência genérica, quando a correferência pode ser achada, os pronomes anafóricos são resolvidos de modo significativamente mais ágil do que os pronomes catafóricos ao passo que, nas condições de incongruência genérica, quando a correferência não pode ser estabelecida, os pronomes anafóricos são solucionados mais vagarosamente do que os catafóricos de sorte que, nestas condições em que vigora o pronome catafórico, a resolução pronominal resulta no pronome sendo interpretado como exofórico, isto é, obtendo a correferência fora do domínio e/ou contexto da sentença, referindo-se a uma entidade não previamente mencionada no pequeno discurso, a um ente extralinguístico e não ao nominativo endofórico ‘Ted’ ou ‘Sue’, por exemplo, presente na segunda parte da sentença, na segunda cláusula que é a oração principal. Além de tudo isso, os autores também mostraram que as condições de pronome catafórico são solvidas mais rapidamente do que as condições de pronome anafórico quando a correferência não era pretendida, ou seja, nas condições de incongruência genérica; assim como as condições de pronomes catafóricos eram solucionadas mais devagar do que as

condições de pronome anafórico quando a correferência podia ser instaurada, o que implica nas condições de congruência genérica.

Já o Experimento 2 visou averiguar e comparar a extensão até onde chegaram os pronomes anafóricos e catafóricos testados na experiência anterior, o primeiro experimento, no que diz respeito a terem sido interpretados como correferentes. Kennison, Fernandez e Bowers (2009) obtiveram, através desse segundo experimento, os julgamentos intuitivos de correferência dos participantes adotando uma metodologia similar a que foi usada por Gordon e Hendrick (1997) de sorte que os sujeitos receberam sentenças completas inscritas em um questionário tais como expostas em (41) abaixo:

(41) **a. Sentença Retirada do Experimento Inicial a Ser Julgada**

After **Ted** arrived at the party, **he** decided very quickly to leave.

*“Depois que **Ted** chegou à festa, **ele** decidiu rapidamente sair.”*

❖ **Pergunta referente ao Julgamento de Correferência**

Do the two words in bold refer to the same person?

“As duas palavras em negrito se referem à mesma pessoa?”

_____ Yes _____ No

❖ **Pergunta referente à Medição da Taxa do Nível de Confiança do Próprio Julgamento dos Participantes**

Please rate your confidence level.

“Por favor, avalie seu nível de confiança.”

Not confident				Confident
1	2	3	4	5

Também, em cada uma das sentenças experimentais, tanto o pronome quanto o nome apareciam destacados em negrito. Os participantes eram instruídos a julgar se as duas palavras assim destacadas se referiam à mesma pessoa. E em adição a isso, os autores coletaram as taxas de confiança para cada julgamento proferido.

Os resultados concernentes à análise dos julgamentos de correferência apontaram que os pronomes anafóricos foram interpretados como correferentes mais frequentemente do que os catafóricos (49% vs. 39% respectivamente), resultando em um significativo efeito principal de tipo de pronome. Ainda mais, os participantes julgaram os referentes congruentes em gênero como se referindo à mesma pessoa com mais frequência do que os

referentes incongruentes em gênero, o que resultou em um efeito principal de congruência de gênero (77% vs. 10% respectivamente). Além do mais, a diferença da percentagem de respostas ‘sim’ entre as condições de pronomes catafóricos e anafóricos foi maior para as condições de congruência de gênero do que para as de incongruência, havendo uma interação significativa entre as variáveis tipo de pronome e congruência de gênero (KENNISON, FERNANDEZ & BOWERS, 2009, p. 38).

Além disso, os resultados referentes à análise dos julgamentos relativos às taxas de confiança dos sujeitos frente aos julgamentos seguiram padrão semelhante de maneira que os participantes foram mais confiantes em julgar os pronomes anafóricos do que os catafóricos, o que resultou em um efeito principal de tipo de pronome também (4.05 vs. 3.96 respectivamente). Na mesma direção, os sujeitos foram mais confiantes em taxar a confiança nas condições de incongruência genérica do que nas de congruência de gênero, culminando, outrossim, em um efeito principal de congruência de gênero (4.14 vs. 3.88 respectivamente). Por último, a diferença no nível de confiança entre as condições de pronome catafórico e as de pronome anafórico se revelaram mais expressivas nas condições de congruência de gênero do que nas de incongruência genérica, o que culminou em uma significativa interação também entre os fatores tipo de pronome e congruência de gênero (KENNISON, FERNANDEZ & BOWERS, 2009, p. 39).

Tais resultados, então, mostram que os participantes usam a informação referente à congruência de gênero diferentemente nas condições anafóricas quando comparadas com as catafóricas. Tanto nas condições de congruência quanto de incongruência de gênero os sujeitos se expõem mais propensos a alcançar uma interpretação correferencial quando o pronome segue-se a um nome próprio do que quando o nome próprio é que se segue ao pronome de modo que o padrão de correferência demonstrado nos julgamentos *off-line* foi parecido com o encontrado na padronagem dos tempos de leitura do primeiro experimento *on-line*.

Enfim, Kennison, Fernandez e Bowers (2009), confrontando os resultados de ambos os experimentos, chegaram à conclusão de que existem diferenças entre o processamento de sentenças que contenham pronomes anafóricos e aquelas que detenham os catafóricos (ler LESSA, 2014, na última seção deste capítulo para se inteirar de semelhantes descobertas feitas em português brasileiro quanto às diferenças captadas no processamento da correferência anafórica e catafórica). Para eles, o *parser* linka os dois tipos de pares de referentes, tanto o nome seguido do pronome quanto o pronome do nome, seguindo um procedimento similar, já que o processamento geralmente tem se mostrado mais longo quando

os pares correferenciais são incongruentes em gênero do que quando são congruentes. Todavia, o tempo que os sujeitos levam para aceitar uma interpretação de correferência nas condições de congruência genérica ou para avaliarem e então rejeitarem uma interpretação correferencial, aceitando uma que seja condizente com a referência disjunta, nas condições de incongruência genérica difere para os dois tipos de pronomes e pode ser explicado pelas diferentes expectativas demonstradas pelos participantes quanto à correferência para as duas espécies de pronomes e sendo essa expectativa relacionada ao conhecimento dos sujeitos das propriedades discursivas dos pronomes e dos nomes próprios.

Ocorre que quando a expectativa para a correferência é elevada, como quando um nome próprio é seguido por um pronome, os compreendentes são mais ágeis em aceitar uma interpretação correferencial do que quando a expectativa para a correferência é baixa, naqueles casos em que o pronome é que é seguido pelo nome próprio. Por contraste, quando essa expectativa é alta, os mesmos compreendentes demoram mais a rejeitar uma interpretação correferencial nas condições de incongruência de gênero do que quando tal expectativa é diminuta. Os autores cogitaram também muito provavelmente que a diferença entre tais expectativas para a correferência, seja com pronomes anafóricos seja com os catafóricos, pode se dever à diferença nas ocorrências estatísticas dos dois espécimes pronominais em que se verifica a maior frequência do uso dos pronomes anafóricos frente aos catafóricos.

Em última análise, Kennison, Fernandez e Bowers (2009) alegaram que os resultados são consistentes com a abordagem teórica de que existem dois estágios de processamento em que primeiramente o pronome é linkado a um potencial correferente nominativo para depois essa linkagem ser avaliada a fim de ser aceita, acarretando a correferência, ou recusada, gerando a referência disjunta; e que o processamento dos pronomes anafóricos e catafóricos podem ser explicados dentro de um mesmo paradigma teórico.

No final das contas, a pesquisa evidenciou haver diferenças no processamento de pronomes anafóricos em contraste com os catafóricos, demonstrando que os participantes são mais velozes em processar um pronome com um precedente nome próprio congruente em gênero do que computar um nome próprio com um pronome predecessor congruente genericamente à medida que eles, de igual maneira, são mais vagarosos em processar um pronome com um nome próprio incongruente em gênero que lhe preceda do que computar um nome próprio com um pronome incongruente genericamente que lhe anteceda. E, com efeito, as diferenças no tempo que os sujeitos levam para resolver a correferência quer para os pronomes anafóricos quer para os catafóricos foram percebidas como sendo diretamente

vinculadas às diferenciações das expectativas para a correferência de sorte tal que se observou a expectativa para tamanha correferenciação ser geralmente maior para os pronomes anafóricos do que para os pronomes catafóricos.

3.1.1.1.7 YOSHIDA, KAZANINA, PABLOS & STURT (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada acerca da Influência da Restrição de Ilha (A Island Constraint) sobre o Estabelecimento da Correferência Catafórica Pronominal através de Ilhas Sintáticas ao longo de Relativas no Inglês dentro do Espeque do Processamento Sentencial

Yoshida et. al. (2014), diante da considerável controvérsia alçada de que as *islands constraints* são realmente operantes sobre as *wh-dependencies* dentro da literatura psicolinguística, resolveram verificar se essas restrições de ilha resultam de limitações exclusivamente processuais tais como as relativas à capacidade de memória de trabalho ou de conhecimentos linguísticos de fundo e origem gramatical os quais sejam concernentes a domínios específicos da cognição e mais restritamente do módulo da linguagem. Para atingir esse anseio, eles estudaram as dependências correferenciais catafóricas, só que com um detalhe, tendo sido a correferência, no encaminhamento do estudo, estabelecida ao longo de sentenças relativas as quais são naturalmente geradoras de ilhas sintáticas e de suas respectivas restrições, a exemplo da *island constraint*.

A investigação tomou por base o poscedente das condições na posição acusativa e exercendo, incontestavelmente, a função de objeto direto. Como parte das argumentações em apoio à primeira condição – de que as dependências-QU são governadas, em seus restritores, por limitadores computacionais – advém dos ideais ou princípios apregoados pela *Complexity Account* (Proposituras da Complexidade), Yoshida e colegas decidiram testar a sua universalidade, enquanto proposição teórica, ao considerar a aplicação dessa *account* nas relações próprias das dependências catafóricas, haja vista as diversas semelhanças quanto às propriedades compartilhadas por ambos os tipos de dependências de longa distância: as *wh-filler-gap-dependencies* e as *dependências correferenciais catafóricas*.

Cientes do fato de que quando as *wh-dependencies* apresentam seu elemento licenciador (o verbo ou preposição a gerar a *gap*) caído dentro de uma ilha, isto é, instanciado no interior de uma sentença relativa, isto ocasiona um sobrecarregamento insuportável da memória de trabalho (*working memory*) sobre o *parser*, então esses estudiosos erigiram o entendimento de que outros tipos de dependência possuidoras de licenciadores – dentre os

quais se enxerta a catafórica cujo licenciador é o *antecedente*, ou melhor dizendo, o *poscedente* – quando surgentes em meio a uma ilha deveriam apresentar comportamento calcular similar, com a devida dificuldade de processamento alçada.

Utilizando-se dos estímulos frasais representados em (42) a partir da eleição da técnica *on-line* da leitura automonitorada, *self-paced reading*, a ser aplicada experimentalmente, Yoshida e seus companheiros averiguaram se, em tempo real, o processamento das dependências catafóricas continuavam a operar mesmo tendo de atravessar uma cláusula relativa e de vencer a sua inerente *constraint* da ilha sintática. Do mesmo modo, eles submeteram os participantes a uma tarefa *off-line* de julgamento de aceitabilidade, *acceptability judgement task*, quanto ao material experimental adotado:

(42) **a. Genitive/Gender Match**

(Caso Genitivo/Congruência de Gênero)

His_i managers revealed that the studio that notified Jeffrey Stewart_i about the new film selected a novel for the script, but Annie did not seem to be interested in this information.

“Os gerentes dele_i revelaram que o estúdio que notificou Jeffrey Stewart_i sobre o novo filme selecionou um romance para o roteiro/script, porém Annie não parecia estar interessada nesta informação.”

b. Genitive/Gender Mismatch

(Caso Genitivo/Incongruência de Gênero)

Her_i managers revealed that the studio that notified Jeffrey Stewart about the new film selected a novel for the script, but Annie_i did not seem to be interested in this information.

“Os gerentes dela_i revelaram que o estúdio que notificou Jeffrey Stewart sobre o novo filme selecionou um romance para o roteiro/script, porém Annie_i não parecia estar interessada nesta informação.”

c. Nominative/Gender Match

(Caso Nominativo/Congruência de Gênero)

He_i revealed that the studio that notified Jeffrey Stewart about the new film selected a novel for the script, but Andy_i did not know which one.

“Ele_i revelou que o estúdio que notificou Jeffrey Stewart sobre o novo filme selecionou um romance para o roteiro/script, porém Andy_i não sabia qual.”

d. Nominative/Gender Mismatch

(Caso Nominativo/Incongruência de Gênero)

She_i revealed that the studio that notified Jeffrey Stewart about the new film selected a novel for the script, but Annie_i did not know which one.

“Ela_i revelou que o estúdio que notificou Jeffrey Stewart sobre o novo filme selecionou um romance para o roteiro/script, porém Annie_i não sabia qual.”

O experimento relativo ao exercício *on-line* de leitura consistiu da constituição de dois fatores, sendo um deles o de Caso Pronominal (Genitivo vs. Nominativo) e o outro da Congruência Genérica (Concordância de Gênero vs. Discordância de Gênero). Nas regiões críticas, os autores encontraram um efeito principal da variável tipo de Caso e também da Congruência de Gênero, bem como um efeito de interação entre as duas variáveis.

A resposta à atividade *off-line*, por sua vez, revelou a existência de considerável taxa de aceitabilidade gramatical quanto à possibilidade de estabelecimento da correferência de sorte que os participantes consideraram ser plausível e existente a correferência entre a forma remissiva pronominal e o poscedente junto à análise estatística comparada que foi feita dentro de cada fator.

Outra tarefa *off-line* de julgamento de aceitabilidade gramatical foi lançada por Yoshida e seus camaradas em que eles também checaram se os experimentandos aceitavam instituir esse firmamento da dependência correferencial entre o pronome catafórico e o nome próprio dentro da ilha de uma relativa. A resposta ao questionário demonstrou uma tendência de resultados diferentes da primeira atividade julgadora, retratando uma elevadíssima taxa de aceitabilidade da correferência em apenas uma situação, a referente à condição primeira, do genitivo com concordância genérica, à medida que, nas outras três condições, a aceitação por parte dos sujeitos foi mínima, ou seja, bem menor. Isso era esperado, tendo em conta que a correferência não foi aceita na segunda condição, mesmo sendo ela um exemplar de caso genitivo, isenta de qualquer restrição estrutural ou sintática, a qual impeça a referenciação mútua, em decorrência de os correferentes não casarem em gênero, não podendo se referir à mesma entidade ou pessoa do mundo real. Da mesma maneira, as duas últimas não receberam aceitação em meio ao julgamento escrito em razão de serem representativas de sentenças do caso nominativo, as quais apresentam a operância do Princípio C enquanto *constraint* atuante no impedimento da correferência.

Yoshida et. al. (2014) encontraram como resultados um *gender mismatch effect* (GMME) ou efeito de incongruência de gênero na altura do poscedente Jeffrey Stewart nas condições genitivas, fato indicador de que a correferência catafórica é gerada mesmo que dentro de uma ilha e através de relativas, tendo o *parser* que perpassar os limites e cruzar, de um lado a outro, as fronteiras de uma sentença relativa, e sob interferência direta da *constraint* de ilha. De outra face, esses cientistas não encontraram o mesmo efeito GMME na condição nominativa, pontuado que os tempos de leitura de ambas as condições, se congruente ou incongruente genericamente, não sofreram consideráveis mudanças, o que caracteriza que o *parser* não considera como potencial poscedente para o termo licenciado – a

forma remissiva a qual é o pronome catafórico – um elemento licenciador, o qual é o sintagma nominal ou NP, nessa posição em que seja c-comandado por ele e, portanto, submisso à *constraint* do Princípio C da Teoria da Ligação, até mesmo quando dentro de uma ilha sintática e/ou sentença relativa e ao estar submetido a uma outra restrição natural das *wh-dependencies*, a *constraint* de ilha.

Yoshida et. al. (2014) concluíram, por consequência direta de tudo isso, que a formação dessa dependência correferencial não acontece dentro de relativas quando opera a restrição sintática do Princípio C, uma notável *constraint* estrutural, porque, se ocorresse, feriria ou violaria tal restrição principiológica, comprovando que a correferência catafórica não procede em situações ilícitas gramaticalmente e as quais estejam sujeitas a restrições estruturais, como o Princípio C, mesmo que também em sentenças relativas marcadas por restritor de ilha, a *island constraint*, o que configura mais um indício extra e adicional a garantir ou pelo menos a sugerir a universalidade atuadora da restrição própria do princípio chomskiano em tela sobre as computações linguísticas sentenciais e correferenciais ao redor das mais diversas estruturas linguísticas marcadoras de correferencialidade dentro de uma dada língua.

3.1.1.1.8 MATCHIN, SPROUSE & HICKOK (2014): Estudo Neurolinguístico em Processamento de fMRI – Imagem de Ressonância Magnética Funcional a respeito do Impacto da Distância Estrutural Incidente sobre a Correferência Catafórica Pronominal na Área de Broca em Inglês dentro do Campo de Processamento Sentencial

Matchin, Sprouse e Hickok (2014) investigaram, em experimento neurolinguístico por meio do manuseio de recursos altamente tecnológicos de neuroimagem decorrentes do emprego do fMRI enquanto técnica experimental, o efeito que a distância estrutural a ser firmada no estabelecimento e resolução da correferência catafórica exerce na ativação neuronal da Área de Broca em língua inglesa. Para a realização do estudo *on-line*, os estímulos utilizados pelos investigadores compreenderam gravações em áudio de sentenças verbalizadas por um adulto masculino falante nativo de inglês de modo que o teste consistia em mensurar, em tempo real, a atividade cerebral dos sujeitos na medida em que eles eram submetidos à escuta dos áudios gravados. Durante tal procedimento de ressonância magnética funcional, as medições neurais estiveram focalizadas na região de Broca, em virtude dos propósitos neurolinguísticos da pesquisa em curso.

Matchin e parceiros produziram, de um lado, sentenças do tipo *filler-gap*, compostas por questões-QU (*WH-questions*), isto é, por indagações ou questionamentos realizados por pronomes interrogativos, em que a cláusula matricial era modificada por uma outra adjunta, a relativa, sendo o questionamento-QU formado pelo deslocamento do objeto da oração principal ou matriz para a frente da sentença, ao passo que, de outro lado, eles construíram sentenças com dependências correferenciais catafóricas em que o pronome a constituir a catáfora mantinha-se inserido na sentença adverbial, a oração subordinada adverbial causal, que era seguida pela principal a qual continha o antecedente para a forma remissiva pronominal na posição de sujeito que nem ilustrado em (43):

(43) **a. WH/SHORT (Questionamento-QU/Sentença Curta)**

Which song_i did the band play___i at the concert [that ended early]?

“Que/Qual canção_i a banda tocou___i no concerto [o qual acabou cedo]?”

b. WH/LONG (Questionamento-QU/Sentença Longa)

Which song_i did the band [that won the contest] play___i at the concert?

“Que/Qual canção_i a banda [a qual ganhou o concurso/a competição] tocou___i no concerto?”

c. BA/SHORT (Correferência Catafórica/Sentença Curta)

Because he_i extinguished the flames, the fireman_i saved the resident [that arrived later].

“Haja vista que ele_i extinguiu as chamas, o bombeiro_i resgatou o morador [que chegou mais tarde].”

d. BA/LONG (Correferência Catafórica/Sentença Longa)

Because he_i extinguished the flames [that burned all night long], the fireman_i saved the resident.

“Haja vista que ele_i extinguiu as chamas [as quais queimaram/incendiaram a noite toda], o bombeiro_i resgatou o morador.”

Para cada uma dos dois tipos de construções integrantes das dependências de longa distância, a distância estrutural e linear entre os constituintes foi manipulada com sentenças relativas de forma que os períodos curtos (*short*) continham relativas no final da sentença, as sentenças-QU longas (*long*) apresentavam a relativa modificando o sujeito da matriz e as sentenças com correferência catafórica detinham a cláusula relativa fazendo a modificação do objeto da adverbial causal frontal. Junto a essas frases experimentais, os pesquisadores adicionaram sentenças semanticamente anômalas (ANOM) para comparar a diferença de ativação eletroquímica no cérebro entre essas situações implausíveis quanto à semântica e as perfeitamente plausíveis no sentido que são as experienciais. Também introduziram sentenças

articulatórias (ART) a fim de localizarem cerebralmente a rede de memória de trabalho verbal através do ensaio articulatorio de desempenho subvocal promovido a partir da articulação da sequência silabar /pa-ta-ka/.

Os autores reportaram em seu experimento um efeito principal de distância retratado pelo significativo aumento de atividade no hemisfério esquerdo da Área de Brodmann 45 (*'Brodmann Area 45'* ou simplesmente *'BA45'*), também conhecida como Par Triangular do Giro Frontal Inferior da Área de Broca, que fica situada no córtex frontal do cérebro humano, na porção da parte orbital desse giro, o IFG (*'Inferior Frontal Gyrus'*), e adjacente ao Limbo Horizontal Anterior do Sulco Lateral. Quanto à interação entre a referida distância, se curta ou longa, e o tipo de construção, se dependência-QU ou dependência correferencial catafórica, não houve significância ou efeito principal, posto que não se revelou atividade neurológica nessa área durante a execução da experiência.

Matchin e colegas relataram, no ritmo de seus trabalhos, adicionalmente uma interação significativa no Par Opercular Esquerdo e no Giro Pré-Central Esquerdo, em um reduzido level de tamanho de agrupamento ou *cluster*, com uma ativação crescente na direção de um efeito de distância para a condição de correferência catafórica nessa área. Eles também obtiveram um efeito principal de espécie de construção, se dependência-QU ou se catafórica, em que para [BA > WH] se observou atividade bilateral no Lobo Temporal Anterior (*'ATL'* ou *'Anterior Temporal Lobe'* em inglês), outra bilateral no Giro Angular e mais uma outra bilateral no Giro Cingulado Posterior. Já para a circunstância estabelecida do [WH > BA] foi revelada uma atividade neuroquímica no Giro Pré-Central Esquerdo. É importante lembrar, antes de qualquer relato adicional, que, como os próprios estudiosos ressaltam, apenas o fator distância espacial foi estrita e altamente controlado ao passo que a variável tipo de construção não foi restrita e precisamente controlada.

A título explanativo sobre isto que se acabou de afirmar, segundo os aludidos pesquisadores, a existência do símbolo '>' entre duas variáveis sob investigação indica a necessidade de realização de um teste unicaudal entre os fatores enquanto '-' aponta para a precisão de um teste bicaudal. Como para o tipo de construção eles empregaram um teste bicaudal [BA – WH], isso implica na interpretação de que dois testes são realizados, um na direção [BA > WH] em que se avalia a atividade neuronal do lado esquerdo do cérebro para a ocorrência de condições materializadas pela correferência catafórica (*'BA'* ou *'backwards anaphora'* que significa catáfora em inglês) à proporção que se avalia a atividade neural do lado direito da massa encefálica quando da procedência das condições representadas pela dependência-QU (*'WH'* para o inglês). Por sua vez, a outra

testagem é feita na direção oposta [WH > BA] através do que se é avaliada a atividade neural do lado esquerdo do cérebro no momento da sucessão da dependência-QU e a do lado direito no instante de emersão da correferência catafórica⁹⁹.

Por conseguinte, toda e qualquer interpretação desses efeitos principais e conclusões correlatas acerca da influência deste fator, espécie de construção sintática, é meramente especulativa. Diante disso, a única conclusão isenta de especulações que eles elencaram, em decorrência da implementação de sua inquirição, foi a de que a ATL está previamente implicada no processamento sentencial na medida em que o Giro Angular no processamento semântico, sugerindo, isso, que a incidência da correferência catafórica requer mais do que computação sintático-semântica enquanto a aí revelada ativação dessas regiões frontais do cérebro podem refletir uma crescente dependência da memória de trabalho e/ou do controle cognitivo durante a resolução processual das dependências-QU.

Apesar da não interação significativa de distância e construção no Par Triangular, a experiência evidenciou um efeito principal simples do fator distância junto às condições de dependências correferenciais catafóricas perante as quais se constatou três agrupamentos de atividades: um *cluster* no Giro Frontal Inferior (*IFG* ou *Inferior Frontal Gyrus* em inglês), no Par Triangular; outro no Giro Temporal Medial Direito ou Sulco Temporal Superior; e uma terceira bilateral na Área Motora Suplementar.

Esses resultados comprovam que a correferência catafórica gera um efeito de distância no IFG de Broca dado o mecanismo preditivo de busca ativa instituído nessa categoria e instância processual. Dando-se prosseguimento à explanação, o efeito sintático para a correferência catafórica no Par Triangular da Área de Broca sugere que os resultados revelam não ser tal região cerebral seletivamente sensível às operações sintáticas subjacentes às dependências *filler-gap*, a exemplo do movimento-QU; mas sim, sensível ao processamento das dependências de longa distância as quais envolvem mecanismos de predição de busca ativa as quais subjazem não só as *filler-gap dependencies*, como também as dependências correferenciais catafóricas. Sugere ainda que a contribuição do Par Triangular para o processamento sentencial não é específico de operações sintáticas de movimento e, além de tudo, indica que alguns aspectos do mecanismo antecipatório de busca ativa, a envolver tanto as dependências-QU quanto as catafóricas, está dirigindo a ativação da Área de Broca.

⁹⁹ Para melhor entendimento dessa questão complexa, leia-se o original dessa pesquisa (MATCHIN et. al., 2014, p. 3ss.) e, para fins de avaliação, compare o lido nesse trecho com a Figura 2 (MATCHIN et. al., 2014, p. 7) a fim de se obter uma análise mais reflexiva e melhor compreensão do fato.

Relataram tais pesquisadores, de igual forma, que a manipulação espacial de distância gerou uma ativação no Sulco Temporal Superior ou STS (*'Superior Temporal Sulcus'*, em nomeação própria da língua inglesa) e no Giro Temporal Medial ou MTG (*'Middle Temporal Gyrus'*) dentro do Lobo Temporal Superior (*'Posterior Temporal Lobe'* ou *'Superolateral Temporal Lobe'*) cujos aumentos de atividade têm sido relacionados ou à complexidade ou então à distância sintática. Eles também surpreendentemente encontraram uma ausência de efeito de distância para as dependências-QU, não havendo nenhum aumento de atividade na referida área.

O contraste instaurado entre os *níveis longo* e *curto* do fator distância sintática com o articulatório, ART, retrataram, enquanto atividade neural, dois agrupamentos, em um reduzido grau do tamanho de união dos *clusters*, nas adjacências da Área de Broca, sendo um no Par Triangular Esquerdo, um segundo na porção inferior do Giro Frontal Inferior Esquerdo ou LIFG (*'Left Inferior Frontal Gyrus'*, para a denominação em inglês), mais um no Par Orbital, um outro efeito bilateral no Lobo Occipital e um último no Sulco Temporal Superior Esquerdo.

A atividade na condição articulatória (ART) não repercutiu para o efeito de distância no Par Triangular, sugerindo que não se pode prestar conta desse espécime de efeito relativo à distância por intermédio de uma proposta que considere a atuação da memória de trabalho verbal. Tais cientistas, para essa condição ART, acharam ativações no Par Opercular e no Opérculo Frontal, ou seja, nas partes mais posteriores e inferiores do LIFG, como também é mais tecnicamente intitulada a Área de Broca. Com isso, eles ponderaram que os efeitos distanciais no Par Triangular não podem ser atribuídos a uma crescente demanda resvalante sobre a memória de trabalho verbal.

Por tais razões, Matchin et. al. (2014) concluíram, nessa perquisição, que a Área de Broca é mais propensa a efetivamente suportar mecanismos preditivos de busca ativa, ou correlacionados a processos cognitivos gerais, empregados na procura de *gaps*, ou localizações lacunares, nas dependências típicas de questionamentos-QU e de antecedentes, que nesta minha pesquisa nomeio de poscedente, quando das implementações de correferências catafóricas, do que alicerçar operações sintáticas específicas tais como movimento sintático. Enfim, Matchin et. al. (2014) mostraram evidências de que a Área de Broca corresponde à região do cérebro humano que mais está associada às atividades processuais e/ou computacionais inerentes às relações catafóricas e ao processamento correferencial catafórico perfeito pelo *parser*.

3.1.1.2 As Investigações em Língua Japonesa

3.1.1.2.1 AOSHIMA, YOSHIDA & PHILLIPS (2009): *Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada e de Julgamento de Aceitabilidade concernente à Incrementacionalidade das Relações Correferenciais Pronominais e de Binding Catafóricas em Japonês dentro da Seara de Processamento Sentencial*

Aoshima, Yoshida e Phillips (2009) exploraram, por meio de duas atividades *on-line* de leitura automonitorada e três exercícios *off-line* de julgamento de aceitabilidade, a correferência catafórica em japonês em dependências em que um pronome antecede um NP como potencial correferente. Eles intencionaram, com isso, avaliar, em tempo real, se os falantes de japonês são capazes de construir relações correferenciais e correlações de *ligação operador-variável* (*operator-variable binding relations*) em línguas *head-final* feito o japonês de forma incrementacional e, portanto, de maneira altamente preditiva através da construção de estruturas sintáticas incrementadas e acuradas gramaticalmente, a ponto de serem sensíveis à superveniência de restrições estruturais tais como o é o Princípio C.

Nessa conformidade, eles almejaram investigar a natureza da formação de estruturas pré-verbais a fim de constatar se o *parser* dos japoneses é suficientemente hábil e capacitado para compor relações correferenciais endofóricas, e mais especificamente catafóricas, entre pronomes e sintagmas nominais antes de alcançar o verbo a encabeçar o final da sentença, o que é próprio das línguas *head-final*. A ocorrência disso apontaria para a manifestada realidade da constituição de dependências composicionais em japonês, isto é, indicaria que o *parser* monta uma estrutura que combina sintagmas nominais e pronomes entre si e interpreta as relações semânticas entre eles.

Assim, o Experimento 1 investigou o processamento das relações correferenciais catafóricas com os pronomes pessoais '*kare*' ('ele') e '*kanojo*' ('ela'). O Experimento 1A correspondeu ao *off-line* de julgamento de aceitabilidade enquanto o Experimento 1B ao *on-line* de leitura automonitorada. O Experimento 1A cujas frases submetidas aos sujeitos estão retratadas em (44) foi integrado por condições que manipularam a ordem sentencial, se *canônica* ou *não relativa ao canon*, e o tipo de sintagma a compor a sentença de entrada, se possuidora ou não de sintagma-QU. Com isso, a experiência demonstrou que os japoneses possuem uma aceitação bem maior em firmar a correferência catafórica nas ordens invertidas (*scrambled*).

(44) **a. Non-wh-phrase/Canonical**
(Sentença Não Iniciada com Sintagma-QU/ Ordem Sentencial Canônica)

Kare-no gakusei-ga syokudoo-de sensei-ni atta.

(he-GEN student-NOM cafeteria-at teacher-DAT met)

‘His student met the teacher at the cafeteria.’

“O estudante dele encontrou o professor na cafeteria.”

b. Non-wh-phrase/Scrambled

(Sentença Não Iniciada com Sintagma-QU/ Ordem Sentencial Invertida)

Kare-no gakusei-ni syokudoo-de sensei-ga atta.

(he-GEN student-DAT cafeteria-at teacher-NOM met)

‘His student, the teacher met at the cafeteria.’

“O estudante dele, o professor encontrou na cafeteria.”

c. Wh-phrase/Canonical

(Sentença Iniciada com Sintagma-QU/Ordem Sentencial Canônica)

Kare-no dono-gakusei-ga syokudoo-de sensei-ni atta-no?

(he-GEN which- student-NOM cafeteria-at teacher-DAT met-Q)

‘Which of his students met the teacher at the cafeteria?’

“Qual/Quais dos estudantes dele encontrou o professor na cafeteria?”

d. Wh-phrase/Scrambled

(Sentença Iniciada com Sintagma-QU/Ordem Sentencial Invertida)

Kare-no dono-gakusei-ni syokudoo-de sensei-ga atta-no?

(he-GEN which- student-DAT cafeteria-at teacher-NOM met-Q)

‘Which of his students did the teacher meet at the cafeteria?’

“Qual/Quais dos estudantes dele o professor encontrou na cafeteria?”

Aoshima e colegas, no Experimento 1B de leitura automonitorada, manipularam o fator gênero em masculino e feminino entre o pronome e seu poscedente e o fator ordem relativa da sentença entre NPs nominativos e dativos de maneira a criar a ordem canônica de nominativo>dativo ou a ordem não integradora do cânone, referente ao *scrambling*, de dativo>nominativo e a fim de estudar o processamento da correferência catafórica enquanto relação endofórica, ou anafórica em sentido lato, realizada por pronome pessoal. Essa forma pronominal se mantinha declinada no genitivo, formando o pronome masculino marcado genitivamente ‘*kare-no*’ (‘dele’) e ‘*kanojo-no*’ (‘dela’) a aparecer na oração subordinada, manifesta sempre no início da cláusula, e dentro de um sintagma-QU na condição de determinante de uma *wh-phrase* conforme as condições experimentais expressas em (45) em que, sob os termos japoneses, há as expressões inglesas correspondentes às

japonesas já traduzidas em estado de correspondência direta e com a indicação do caso que assumem, se genitivo, acusativo, dativo ou nominativo por exemplo:

(45) **a. Scrambled/Mismatch**

(Ordem Invertida/Incongruência de Gênero)

Daidokoro-de kare-no dono-kodomo-ni tyoosyoku-go oba-ga
(kitchen-at him-GEN which child-DAT breakfast-after aunt-NOM)
isoide obentoo-o watasita-ka titioya-wa oboeteita.
(in-hurry lunchbox-ACC handed-Q father-TOP remembered)

‘In the kitchen the father remembered to which of his children the aunt handed a lunch box in a hurry after breakfast.’

“Na cozinha o pai lembrou para qual das crianças dele a tia entregou uma lancheira às pressas depois do café da manhã.”

b. Scrambled/Match

(Ordem Invertida/Congruência de Gênero)

Daidokoro-de kare-no dono-kodomo-ni tyoosyoku-go oji-ga
(kitchen-at him-GEN which child-DAT breakfast-after uncle-NOM)
isoide obentoo-o watasita-ka oba-wa oboeteita.
(in-hurry lunchbox-ACC handed-Q aunt-TOP remembered)

‘In the kitchen the aunt remembered to which of his children the uncle handed a lunch box in a hurry after breakfast.’

“Na cozinha a tia lembrou para qual das crianças dele o tio entregou uma lancheira às pressas depois do café da manhã.”

c. Canonical/Mismatch

(Ordem Canônica/Incongruência de Gênero)

Daidokoro-de kare-no dono-kodomo-ga tyoosyoku-go oba-ni
(kitchen-at him-GEN which child-NOM breakfast-after aunt-DAT)
isoide obentoo-o watasita-ka titioya-wa oboeteita.
(in-hurry lunchbox-ACC handed-Q father-TOP remembered)

‘In the kitchen the father remembered which of his children handed a lunch box to the aunt in a hurry after breakfast.’

“Na cozinha o pai lembrou qual das crianças dele entregou uma lancheira para a tia às pressas depois do café da manhã.”

d. Canonical/Match (Ordem Canônica/Congruência de Gênero)

Daidokoro-de kare-no dono-kodomo-ga tyoosyoku-go oji-ni
(kitchen-at him-GEN which child-NOM breakfast-after uncle-DAT)
isoide obentoo-o watasita-ka titioya-wa oboeteita.
(in-hurry lunchbox-ACC handed-Q father-TOP remembered)

‘In the kitchen the father remembered which of his children handed a lunch box to the uncle in a hurry after breakfast.’

“Na cozinha o pai lembrou qual das crianças dele entregou uma lancheira para o tio às pressas depois do café da manhã.”

Aoshima e companheiros, ao analisarem os resultados do segmento crítico contendo o NP que funcionava como potencial poscedente do pronome catafórico que lhe precedia – *kare* ou *kanojo* –, obtiveram efeito significativo para o fator congruência genérica, com taxas de leitura mais lentas nas condições incongruentes, e para o fator ordem das palavras dentro da sentença, com médias de tempos de leitura mais vagarosos nas condições de inversão ou *scrambling*. Também adquiriram uma interação significativa entre ambos os fatores. O fato de ter sido encontrado o GMME apenas na condição *scrambling*, em que a correferência é liberada, em oposição à condição da ordem canônica cuja disposição dos vocábulos funciona como uma forte *constraint* a qual impossibilita a correferência, replica os achados em inglês e em russo sobre a atuação das restrições e do mecanismo antecipatório de busca ativa sobre o processo de correferência catafórica. Isso prova que, em japonês, o *parser* constrói dependências referenciais ativamente entre os DPs e pronomes, atentando para as imposições colocadas pelas restrições, as *constraints*, e antes sequer de visualizar o verbo componente da sentença.

Enquanto os Experimentos 1A e 1B investigaram a correferência em relações correferenciais catafóricas, os experimentos *off-lines* de julgamento de aceitabilidade, 2A e 2B, e o *on-line* de leitura automonitorada, o Experimento 3, exploraram as relações catafóricas de interpretação de variável-amarrada ou *bound-variable* através do pronome demonstrativo de lugar ‘*soko*’ (‘aí’) em estruturas tanto canônicas quanto invertidas. Daí, usando as frases abaixo expostas em (46), oriundas das condições do Experimento 2A, Aoshima e parceiros confirmaram que os japoneses mais prontamente permitem interpretações catafóricas *bound-variable* para o pronome *soko* na ordem clausular invertida ou não canônica a qual é denominada de *scrambled*:

(46) **a. Soko/Scrambled (Soko [Aí]/Ordem Invertida)**

Shinbunkiji-niyoruto [soko_i-no itiban yakunitatanai
(news article-by that place-GEN most useless)
syain]-o [dono jidoosyagaisya]_i-mo kubinsita toiu
(employee-ACC every automobile company-MO fired)
hookoku-ga dehajimeta-rasii.
(saying report-NOM appear-began-seem)

‘According to a newspaper article, it seems that a report emerged that every automobile company_i fired its_i most useless employee.’

“De acordo com o artigo do jornal, parecia que um relato surgia de que cada companhia automobilística_i demitira a maioria dos funcionários desnecessários delas_i/de cada uma delas_i.”

b. Soko/Canonical (Soko/Ordem Canônica)

Shinbunkiji-niyoruto [soko_i-no itiban yakunitatanai
(news article-by that place-GEN most useless)
syain]-ga [dono jidoosyagaisya]_i-mo uttaeta
(employee-ACC¹⁰⁰ [sic] every automobile company-MO sued)
toiu hookoku-ga dehajimeta-rasii.
(saying report-NOM appear-began-seem.)

‘According to a newspaper article, it seems that a report emerged that its_i most useless employee sued every automobile company_i.’

“De acordo com o artigo do jornal, parecia que um relato surgia de que a maioria dos funcionários desnecessários delas/de cada uma delas_i processara cada companhia automobilística_i.”

c. Asoko/Scrambled (Asoko [Ali, lá]/Ordem Invertida)

Shinbunkiji-niyoruto [asoko_i-no itiban yakunitatanai
(news article-by that place-GEN most useless)
syain]-o [dono jidoosyagaisya]_i-mo kubinisita
(employee-ACC every automobile company-MO fired)
toiu hookoku-ga dehajimeta-rasii.
(saying report-NOM appear-began-seem)

‘According to the newspaper article, it seems that a report emerged that every automobile company_i fired its_i most useless employee.’

“De acordo com o artigo do jornal, parecia que um relato surgia de que cada companhia automobilística_i demitira a maioria dos funcionários desnecessários delas/de cada uma delas_i.”

d. Asoko/Canonical (Asoko/Ordem Canônica)

Shinbunkiji-niyoruto [Asoko_i-no itiban yakunitatanai
(news article-by that place-GEN most useless)
syain]-ga [dono jidoosyagaisya]_i-mo uttaeta
(employee-NOM every automobile company-MO sued)
toiu hookoku-ga dehajimeta-rasii.
(saying report-NOM appear-began-seem)

‘According to the newspaper article, it seems that a report emerged that its_i most useless employee sued every automobile company_i.’

“De acordo com o artigo do jornal, parecia que um relato surgia de que a maioria dos funcionários desnecessários delas/de cada uma delas_i processara cada companhia automobilística_i.”

¹⁰⁰ A partícula ‘-ga’ indica o caso nominativo em japonês, e não o caso acusativo, de modo que deve ter ocorrido algum equívoco gráfico em termos da exposição desta exemplificação que foi cedida pelo autor, ou seja, parece ter havido erro de impressão. É tanto que, na condição ‘d’ também caracterizada como exemplificadora da mesma ordem clausular que a condição ‘b’ a igualmente representar a ordem canônica, os próprios autores reportam o vocábulo em japonês ‘syain-ga’, traduzido para o inglês como ‘employee’, que, por sua vez, significa ‘empregado’ em português, da seguinte maneira: ‘employee-NOM’. Além do mais, confira-se que, ao longo de todo o artigo, em todos os demais exemplos fornecidos, as palavras às quais se associa a partícula designadora de caso ‘-ga’ são classificadas por Aoshima, Yoshida e Phillips (2009) como representativas do caso nominativo.

Enquanto isso, o Experimento 2B focou no estudo das dependências correferenciais catafóricas nas ordens *scrambled* para atestar que o pronome demonstrativo *soko* permite tanto leituras correferenciais quanto de *variável-amarrada* para o estabelecimento de dependências catafóricas à medida que os pronomes pessoais ‘*Kare*’ e ‘*Kanojo*’ apenas admitem as correferenciais a partir da utilização dos estímulos frasais apresentados no exemplo (47) que se segue:

(47) **a. Kare/Referential NP (Kare [Ele]/NP Referencial)**

Kare-no seito-ni sono sensei-wa kyoositu-de
(he-GEN student-DAT the teacher-TOP classroom-at)
jisyo-o watasita.
(dictionary-ACC gave)

‘The teacher gave a dictionary to his student(s) at the classroom.’

“O professor deu um dicionário para o(s) estudante(s) dele na sala de aula.”

b. Kare/Quantificational NP (Kare/NP Quantificado)

Kare-no seito-ni dono sensei-mo kyoositu-de
(he-GEN student-DAT every teacher-MO classroom-at)
jisyo-o watasita.
(dictionary-ACC gave)

‘Every teacher gave a dictionary to his student(s) at the classroom.’

“Cada professor deu um dicionário para o(s) estudante(s) de cada um deles na sala de aula. OU Cada professor deu um dicionário para o(s) estudante(s) deles na sala de aula.”

c. Soko/Referential NP (Soko [Aí]/NP Referencial)

Soko-no syain-ni sono
(that place-GEN employee-DAT the)
hokengaisya-wa cyoorei-de
(health insurance company-TOP morning meeting-at)
bunsyo-o watasita.
(document-ACC gave)

‘The health insurance company gave a document to its employees at the morning meeting.’

“A companhia de seguro de saúde deu um documento para os funcionários dela na reunião da manhã.”

d. Soko/Quantificational NP (Soko/NP Quantificado)

Soko-no syain-ni dono
(that place-GEN employee-DAT every)
hokengaisya-mo cyoorei-de
(health insurance company-MO morning meeting-at)
bunsyo-o watasita.
(document-ACC gave)

‘Every health insurance company gave a document to its employees at the morning meeting.’

“Cada companhia de seguro de saúde deu um documento para os funcionários de cada uma delas na reunião da manhã. OU Cada companhia de seguro de saúde deu um documento para os funcionários delas na reunião da manhã.”

Sendo assim, ao se empregar os estímulos a representar as condições experimentais aqui aclaradas e expostas acima em (47), os pesquisadores puderam atestar que os falantes nativos de japonês, em geral, aceitam muito mais relações catafóricas correferenciais do que as de *variável-amarrada*, sendo esse contraste bem mais intenso para os pronomes pessoais *Kare* e *Kanojo* do que para o demonstrativo *Soko*, o que favorece a idealização de que *soko* permite leituras de *variável-amarrada* enquanto *kare/kanojo* não as permitem.

Isso assim posto, levados em conta os Experimentos 2A e 2B conjuntamente, foi admissível para os autores ratificar que o pronome demonstrativo *soko* aceita firmar relações de ligação ou *binding* de *variável-amarrada* especificamente nas ordens *scrambled*, o que é condizente com a condição padrão de c-comando sobre as relações de *operator-variable binding*. Esta propriedade do *soko*, aliás, conjuntamente com sua seletividade semântica, tornou-o mais do que apropriado para a condução de um teste *on-line* de construção de relações de ligação que teste a incrementalidade do estabelecimento das relações catafóricas em japonês.

Em sendo apropriada a testagem nesse sentido, o Experimento 3A, por sua vez, foi elaborado a ponto de ter ambicionado averiguar se o *parser* dos falantes de japonês edifica relações de ligação entre NPs acurada e incrementalmente antes de o verbo da sentença ser visualizado e consequentemente processado, aproveitando ainda da vantagem das propriedades gramaticais, notadamente interessantes para os intentos da sondagem, de que *soko* pode se referir a uma instituição, mas não a uma pessoa.

Para tanto, Aoshima, Yoshida e Phillips (2009) valeram-se de estímulos frasais montados em torno das condições em (48), exibidos a seguir, em que os fatores manipulados foram a congruência semântica, se congruente ou incongruente, e a ordem vocabular na cláusula, se canônica ou *scrambled*, isto é, se na ordem natural da língua ou invertida. Assim, quando o NP a conter *soko* estava na condição *scrambled*, ele era marcado com o caso dativo, inegavelmente assumindo a função de objeto indireto, à medida que era marcado com o nominativo quando estava presente na ordem canônica, indiscutivelmente exercendo o papel de sujeito sentencial. Como no experimento inicial, esperava-se observar um efeito de incongruência apenas na ordem invertida, a *scrambled*, e não na canônica:

(48) a. Scrambled/Incongruous (Ordem Inversa/Incongruência Semântica)

Keizaishi-de soko-no syain-ni fukeeki-de
 (business.magazine-in soko-GEN employee-DAT recession-for)
 dono kacyoo-mo ookina fuman-o motteiru-toiu
 (every manager-MO serious complaint-ACC have-that)
 keikoo-ga aru-rasii-to aru kaisya-ga hookokusiteiru.
 (tendency-NOM be-seem-that some company-NOM reports)

‘In a business magazine a company reports that a tendency has been observed for every manager to bring a serious complaint against its employees due to the recession.’

“Em uma revista de negócios uma companhia reporta que uma tendência tem sido observada para cada gerente de trazer uma séria queixa/de que cada gerente traz uma séria queixa contra seus empregados em decorrência da recessão.”

b. Scrambled/Congruous (Ordem Invertida/Congruência Semântica)

Keizaishi-de soko-no syain-ni fukeeki-de
 (business.magazine-in soko-gen employee-dat recession-for)
 dono kaisya-mo ookina fuman-o motteiru-toiu
 (every company-mo serious complaint-acc have-that)
 keikoo-ga aru-rasii-to aru keieesya-ga hookokusiteiru.
 (tendency-nom be-seem-that some executive-nom reports)

‘In a business magazine an executive reports that a tendency has been observed for every company to bring a serious complaint against its employees due to the recession.’

“Em uma revista de negócios um executivo reporta que uma tendência tem sido observada para cada companhia de trazer uma séria queixa/de que cada companhia traz uma séria queixa contra seus empregados em decorrência da recessão.”

c. Canonical/Incongruous (Ordem Canônica/Incongruência Semântica)

Keizaishi-de soko-no syain-ga fukeeki-de
 (business.magazine-in soko-GEN employee-NOM recession-for)
 dono kacyoo-ni-mo ookina fuman-o motteiru-toiu
 (every manager-DAT-MO serious complaint-ACC have-that)
 keikoo-ga aru-rasii-to aru kaisya-ga hookokusiteiru.
 (tendency-NOM be-seem-that some company-NOM reports)

‘In a business magazine a company reports that a tendency has been observed for its employees to bring a serious complaint against every manager due to the recession.’

“Em uma revista de negócios uma companhia reporta que uma tendência tem sido observada para os empregados dela de trazer uma séria queixa/de que os seus empregados trazem uma séria queixa contra cada gerente em decorrência da recessão.”

d. Canonical/Congruous (Ordem Canônica/Congruência Semântica)

Keizaishi-de soko-no syain-ga fukeeki-de
 (business.magazine-in soko-GEN employee-NOM recession-for)
 dono kaisya-ni-mo ookina fuman-o motteiru-toiu
 (every company-DAT-MO serious complaint-ACC have-that)
 keikoo-ga aru-rasii-to aru kaisya-ga hookokusiteiru.
 (tendency-NOM be-seem-that some company-NOM reports)

‘In a business magazine a company reports that a tendency has been observed for its employees to bring a serious complaint against every company due to the recession.’

“Em uma revista de negócios uma companhia reporta que uma tendência tem sido observada para os empregados dela de trazer uma séria queixa/de que os seus empregados trazem uma séria queixa contra cada companhia em decorrência da recessão.

Os resultados aduziram uma diferença significativa para as condições *scrambled* na qual a condição congruente, em que há concordância semântica com o NP quantificado, foi lida mais lentamente do que a incongruente. Aoshima et. al. (2009), dessa maneira, demonstraram que os falantes de japonês são seletivos na construção *on-line* de dependências endofóricas e, portanto, catafóricas. Em japonês, eles confirmaram, então, que nessa língua, assim como já constatado nas línguas *head-initial*, o *parser* procura ativamente um antecedente para um pronome catafórico, com correferência suspensa e em processo de resolução, em posições apenas que sejam estruturalmente lícitas; e que o processador é eficiente em estabelecer correferências e relações de *variável-amarrada* entre um pronome e seu potencial poscedente antes mesmo sequer de qualquer informação verbal estar disponível.

3.1.1.3 As Investigações em Língua Italiana

3.1.1.3.1 FEDELE & KAISER (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Questionário Web-Based em torno da Computação de Pronomes Nulos e Plenos em Contextos Correferenciais Endofóricos no Italiano dentro do Escopo de Processamento Sentencial

Fedele e Kaiser (2014) investigaram a anáfora e catáfora em italiano tendo em mente dois claros objetivos principais: primeiramente, explorar a interação existente entre as bases de processamento, notadamente o Mecanismo de Busca Ativa, e as bases referenciais linguísticas de forma-específica identificadas com a Estratégia da Posição do Antecedente, caracterizadamente com a preferência processual pela escolha de sujeitos versus objetos

precedentes no estabelecimento da correferência entre os pronomes endofóricos e seus respectivos antecedentes. Em segundo lugar, almejaram clarificar melhor quais as propriedades das bases de referência de forma-específica dos pronomes nulos, tecnicamente caracterizados como *pro* (*prozinho*), e dos pronomes plenos, além das diferenças basilares entre ambos. Ao examinarem os efeitos da ordem clausal e a distinção efetuada entre anáfora e catáfora sobre a preferência do antecedente a ser escolhido, elas buscaram aprender mais refinada e sofisticadamente acerca de como distintos e diversificados fatores podem contribuir ou influenciar a resolução pronominal, além do que como os mecanismos processuais humanos compreendem e esquematizam as diferentes modalidades de expressões referenciais.

Desse modo, as autoras esquadriharam essas questões a partir da condução de dois estudos *off-line* de questionário com base de disseminação via internet (*web-based questionnaire*) que manipularam a ordem da cláusula (anáfora vs. catáfora) e a forma pronominal (pronome nulo/*pro* vs. pronome pleno). Quanto ao delineamento das experiências, registre-se que a diferença básica entre ambos os testes residiu na locação ou posicionamento do pronome sob esquadrihamento de sorte que esteve locado na oração subordinada no primeiro experimento ao passo que se manteve presente na oração matricial, isto é, na principal no segundo.

(49) **a. SVO/Null (Anáfora/*Pro* ou Pronome Nulo)**

Maria abbraccia Rita, mentre __ parla del viaggio a Londra

Maria hugs Rita, while **null** **speaks** about-the trip to London

“Maria abraça Rita, enquanto _{pro} fala acerca da viagem para Londres. OU Maria abraça Rita, enquanto __ fala acerca da viagem para Londres.”

b. Null/SVO (*Pro*/Catáfora)

Mentre __ parla del viaggio a Londra, Maria abbraccia Rita

While **null** **speaks** about-the trip to London, Maria hugs Rita

“Enquanto _{pro} fala acerca da viagem para Londres, Maria abraça Rita. OU Enquanto __ fala acerca da viagem para Londres, Maria abraça Rita.”

c. SVO/Overt (Anáfora/Pronome Pleno)

Maria abbraccia Rita, mentre **lei** parla del viaggio a Londra

Maria hugs Rita, while **she** speaks about-the trip to London

*“Maria abraça Rita, enquanto **ela** fala acerca da viagem para Londres.”*

d. Overt/SVO (Pronome Pleno/Catáfora)

Mentre **lei** parla del viaggio a Londra, Maria abbraccia Rita

While **she** speaks about-the trip to London, Maria hugs Rita

*“Enquanto **ela** fala acerca da viagem para Londres, Maria abraça Rita.”*

❖ Pergunta-Sonda Interpretativa

Chi parla del viaggio a Londra?
Who talks about-the trip to London[?]

- a. Maria
- b. Rita
- c. Qualcun altro (“someone else”)
- d. Entrambi/e (“could-be-either”)

Desse modo, utilizando-se de sentenças experimentais como as demonstradas em (49) logo acima em que os pronomes pessoais em posição crítica encontravam-se postos na oração subordinada temporal introduzida pela conjunção *‘mentre’* (‘enquanto’ em italiano) à medida que os dois potenciais antecedentes posicionavam-se na oração principal, as autoras concluíram, a partir dos resultados captados pelos questionários, haver a preferência significativamente maior dos falantes pela escolha da correferência do pronome nulo com o antecedente situado na posição de sujeito quando comparado ao pronome pleno, em decorrência do efeito principal de forma pronominal encontrado. A propósito, procedem, em (49), as sentenças experimentais no original em italiano seguidas das respectivas traduções em inglês e em português.

Também acharam elas um efeito principal da ordem sentencial através da constatação de uma prevalência muito mais significativa das condições catafóricas sobre as anafóricas em correferir com antecedentes em posição de sujeito. Junto a isso, os mesmos efeitos se sucederam com o acréscimo da interação entre os dois fatores dentro da proporção de escolha da correferência com o antecedente a ocupar a posição de objeto. Os pronomes plenos nessa circunstância responderam por uma taxa significativamente mais alta do que os pronomes nulos em pleitear a correferenciação com o *antecedente objeto*. Então, ao compararem as condições anafóricas e as catafóricas, tomando por base o comportamento do pronome nulo, descobriram que o *pro* aceita muito mais facilmente correferir com o antecedente objeto nas condições anafóricas de maneira tal que a predileção pelo antecedente sujeito é bem mais forte de ser admitida pelo mesmo *pro*, o pronome nulo, nas conjunturas da condição catafórica.

Em relação aos pronomes plenos, por seu turno, os efeitos obtidos seguiram na direção oposta por forma que a preferência de formalização da correferência procede com muito mais força perante o *antecedente objeto* nas condições anafóricas quando deparadas com as catafóricas, assim como com bem mais disposição em escolher o *antecedente sujeito* para

com ele estar em mútua referência nas condições catafóricas em face das anafóricas, o que acarreta uma preferência incrivelmente mais poderosa pelo *antecedente objeto* a ser protagonizada pelo pronome pleno no enquadramento peculiar da condição anafórica.

Esses resultados, que restam não controversos, revelam o importante papel que pode ser desempenhado pela ordem sentencial, especialmente em línguas latinas que normalmente detêm forte parâmetro *pro-drop*, no ato de estabelecimento correferencial entre o modelo anafórico e o catafórico no direcionamento a ser deflagrado na interpretação dos pronomes nulos e plenos em seus processos de concretização da correferência com seus plausíveis antecedentes, modelando uma propensão referencial em que cada uma dessas categorias pronominais traçam invariavelmente direções opostas.

Logo após o Experimento 1, Fedele e Kaiser aplicaram um segundo experimento na sequência, empregando as seguintes sentenças experimentais as quais estão expostas em (50) com o objetivo de testar se a propensão da restrição de processamento, que pode ser também nomeada de *mecanismo de busca ativa do parser impaciente*, demonstrado no primeiro experimento, é poderoso o suficiente para bloquear ou atropelar a operacionalização do Princípio C, poderosa restrição sintática universal e, *ipso facto*, translinguística. Como antes, nos estímulos frasais apresentados em (50), a seguir, seguem-se, à sentença em italiano, as sentenças que correspondem à tradução em inglês e em português respectivamente:

(50) **a. SVO/Null (Anáfora/pro)**

Mentre Maria abbraccia Rita, __ parla del viaggio a Londra

While Maria hugs Rita, null speaks about-the trip to London

“Enquanto Maria abraça Rita, *pro* fala acerca da viagem para Londres. OU

Enquanto Maria abraça Rita, __fala acerca da viagem para Londres.”

b. Null/SVO (pro/Catáfora)

__ parla del viaggio a Londra, mentre Maria abbraccia Rita

null speaks about-the trip to London, while Maria hugs Rita

“*pro* fala acerca da viagem para Londres, enquanto Maria abraça Rita. OU

*pro*fala acerca da viagem para Londres, enquanto Maria abraça Rita.”

c. SVO/Overt (Anáfora/Pronome Pleno)

Mentre Maria abbraccia Rita, **lei** parla del viaggio a Londra

While Maria hugs Rita, **she** speaks about-the trip to London

“Enquanto Maria abraça Rita, **ela** fala acerca da viagem para Londres.”

d. Overt/SVO (Pronome Pleno/Catáfora)

[**Lei**] parla del viaggio a Londra, [mentre] Maria abbraccia Rita

She speaks about-the trip to London, [while] Maria hugs Rita

“**Ela** fala acerca da viagem para Londres, enquanto Maria abraça Rita.”

❖ Pergunta-Sonda Interpretativa

Chi parla del viaggio a Londra?
Who talks about-the trip to London[?]

- a. Maria
- b. Rita
- c. Qualcun altro (“someone else”)
- d. Entrambi/e (“could-be-either”)

Fedele e Kaiser (2014), em derradeiro, invertendo a posição dos pronomes nulos e plenos para serem enxertados na matriz e não na oração subordinada tal qual ocorrido na experiência anterior, se depararam, nas condições catafóricas (única condição em que ocorre a busca ativa e impaciente do *parser* pelo antecedente da catáfora), com a prevalência de correferência com um item extralinguístico ou exofórico, de tal forma que as pessoas que responderam ao questionário não aceitaram, quer tenha sido para os pronomes nulos quer tenha sido para os pronomes plenos, a correferência da forma remissiva, o pronome catafórico, com nenhum dos antecedentes cabíveis, nem com o que assumia o papel de sujeito nem com o de objeto. A partir de então, surgiram indícios de que, em línguas com sistema pronominal pro-drop como o italiano, em que vigoram tanto pronomes fonologicamente realizados quanto nulos, os mecanismos operacionais responsáveis pelo processamento da correferência catafórica podem ser distintos daqueles empregados em línguas que sejam não pro-drop tais como o inglês em que apenas existe o pronome em sua forma lexicalizada.

3.1.1.4 As Investigações em Língua Holandesa

3.1.1.4.1 PABLOS, DOETJES, RUIJGROK & CHENG (2011b, 2012b, 2015): *Estudo Neurolinguístico em Processamento de EEG – Eletroencefalografia acerca da Captação da Contraparte Neural referente à Implementação do Princípio C e do Mecanismo de Busca Ativa na Correferência Catafórica Pronominal do Holandês no Espaço do Processamento Sentencial*

O estudo do processamento da correferência catafórica pôde passar por proveitosa atualização a partir das pesquisas de Pablos et. al. (2011b, 2012b, 2015) os quais introduziram duas novidades à investigação do fenômeno catafórico em estado de correferenciação que (i), pela primeira vez na história da literatura especializada, foi sondado pela técnica

neurolinguística do EEG, a partir do uso do equipamento tecnológico do eletroencefalograma, e que (ii) teve sua averiguação estendida para o holandês.

A par dessa novidade, os autores objetivaram replicar a pesquisa de Kazanina (2005) e de Kazanina et. al. (2007) só que mirando a pesquisa em torno do uso de um paradigma metodológico diferenciado, baseado na análise dos *potenciais de eventos relatados* (ERP) os quais são emanados da atividade eletroencefalográfica do cérebro dos partícipes da perscrutação e que, por sua vez, são captados pelos eletrodos fixados no escalpo de cada um deles para a captação da correspondente atividade elétrica cerebral. Eles ansiaram fornecer evidências experimental-científicas, abastecidas por dados neurofisiológicos, para indicação da implementação, em língua holandesa, do MPFDA através de seu processo baseado no Mecanismo de Busca Ativa e se existe a interferência do Princípio C, tomado na qualidade de restritor, a impedir a formação e concretização da dependência correferencial catafórica pronominal ao longo da extensão da sentença, sendo notória a motivação em se identificar o correlato neural para a ASM ou *active search*.

Assim, Pablos et. al. (2011b, 2012b, 2015) acabaram por utilizar os estímulos frasais presentes em (51) a seguir para rodar a experiência e ainda utilizaram um sobrenome junto ao nome para facilitar a captação do efeito, já que assim o parser passa a ter mais espaço para poder processar o NP e a consequente relação correferencial que lhe é subjacente:

(51) **a. No-Constraint/Match**

(Ausência de Princípio/Congruência Genérica)

Zijn_j assistenten kwamen erachter dat **Lodewijk_j Boer** geen prijswinnaar
(His assistants found out that Lodewijk_{masc} Boer no prizewinner)
geselecteerd had, maar **Mirjam_i** had geen interesse in de roddel.
(selected had but Mirjam_{fem} had no interest in the gossip).

‘His assistants found out that Lodewijk Boer had not selected a prizewinner, but Mirjam had no interest in the gossip.’

“Os assistentes dele descobriram que Lodewijk Boer não tinha selecionado um vencedor do prêmio, contudo Mirjam não tinha/teve interesse na fofoca.”

b. No-Constraint/Mismatch

(Ausência de Princípio/Incongruência Genérica)

Haar_i assistenten kwamen erachter dat **Lodewijk_j Boer** geen prijswinnaar
(Her assistants found out that Lodewijk_{masc} Boer no prizewinner)
geselecteerd had, maar **Mirjam_i** had geen interesse in de roddel.
(selected had, but Mirjam_{fem} had no interest in the gossip).

‘Her assistants found out that Lodewijk Boer had not selected a prizewinner, but Mirjam had no interest in the gossip.’

“Os assistentes dela descobriram que Lodewijk Boer não tinha selecionado um vencedor do prêmio, contudo Mirjam não tinha/teve interesse na fofoca.”

c. Principle C/Match**(Atuação do Princípio C/Congruência Genérica)**

Hij_i, kwam erachter dat **Lodewijk_j Boer** geen prijswinnaar
(He found out that Lodewijk_{masc} Boer no prize winner)
geselecteerd had, maar **Thomas_i** had geen interesse in de roddel.
(selected had, but Thomas_{masc} had no interest in the gossip).

‘He found out that Lodewijk Boer had not selected a prizewinner, but Thomas had no interest in the gossip.’

“Ele descobriu que Lodewijk Boer não tinha selecionado um vencedor do prêmio, contudo Thomas não tinha/teve interesse na fofoca.”

d. Principle C/Mismatch**(Atuação do Princípio C/Incongruência Genérica)**

Zij_i, kwam erachter dat **Lodewijk_j Boer** geen prijswinnaar
(She found out that Lodewijk_{masc} Boer no prize winner)
geselecteerd had, maar **Mirjam_i** had geen interesse in de roddel.
(selected had, but Mirjam_{fem} had no interest in the gossip).

‘She found out that Lodewijk Boer had not selected a prizewinner, but Mirjam had no interest in the gossip.’

“Ela descobriu que Lodewijk Boer não tinha selecionado um vencedor do prêmio, contudo Mirjam não tinha/teve interesse na fofoca.”

Pablos e colegas – ao tomar como recursos as frases experimentais em (51) por meio das quais eles estudaram a contraparte neuronal do estabelecimento correferencial da catáfora, estando ocupando, os correferentes, a posição de sujeito – acharam uma aparente negatividade, sustentada no intervalo da região correspondente à janela temporal de 200 a 600 ms, através da comparação visual feita da grande média dos traços de tempo nos eletrodos anteriores para as condições *No-constraint match* e *No-constraint mismatch* quando confrontadas entre si.

As análises estatísticas realizadas dentro dos limites compreendentes dessa janela revelaram um significativo efeito de interação envolvendo quatro variáveis (*4-way*), quais sejam, entre a *Restrição*, a *Congruência*, o *Hemisfério* e a *Posição*. A vistoria do comportamento das interações simples demonstraram uma interação significativa a envolver três fatores (*3-way*), a saber, entre *Hemisfério*, *Congruência* e *Posição* em meio às condições *No-constraint* à medida que nenhuma interação significativa ou efeito principal para as condições *Principle C*. Ainda houve um efeito significativo do fator *Congruência* nos sítios anteriores a partir de uma averiguação mais focadamente analítica da interação *3-way* da condição *No-constraint* para cada nível da condição própria do fator *Posição* e sem nenhuma dependência revelada sobre o do *Hemisfério*.

Para mais, eles retrataram que a média da amplitude da onda elétrica do cérebro é mais negativa para as condições de *No-constraint mismatch*, em que há incongruência de gênero, do que nas de *No-constraint match*. Os resultados, então, acabam por mostrar diferenças significativas para o nível alfa de significância entre as condições detentoras do fator congruência juntamente com as do relativo à incongruência apenas em se tratando dos casos acobertados pela condição *No-constraint*, não sendo elas geradas quando da ocorrência dos casos do *Princípio C* manifesto.

Os resultados do experimento confirmaram as hipóteses alçadas de que há um correlato neurológico para o GMME que é a manifestação do componente da negatividade das ondas cerebrais captadas pelos eletrodos instalados no couro cabeludo dos participantes da experiência, fato comprovador da realidade neurofisiológica da ASM gramaticalmente orientada por princípios restritivos feito o Princípio C dentro do quadro manifestado do MPFDA. Ocorre que Pablos e parceiros encontraram na condição *No-constraint mismatch*, de discordância de gênero entre o pronome catafórico e o seu respectivo poscedente, a geração de uma negatividade anterior na posição de encontro do potencial antecedente, o nome próprio holandês *Lodewijk*, o que caracteriza a emersão do GMME em grau e domínio neurocerebral. Essa negatividade pode ser interpretada como resultado, em sua contraparte neuro-orgânica, do efeito de incongruência de gênero emergida entre a forma remissiva e seu antecedente, o famoso poscedente, além de que como efeito da falha do *parser* em encontrar um poscedente apropriado na primeira posição de antecedente em potencial.

Contrariamente ao observado nas duas primeiras condições, nenhum componente elétrico negativo foi gerado na posição de ocorrência da expressão-R, o provável antecedente, das duas últimas nas quais o pronome catafórico não podia correferir com o nome *Lodewijk* devido à operância do Princípio C. Em conclusão, os resultados advindos dos cálculos de medidas repetidas do ANOVA expuseram diferenças significativas para um grau alfa em torno ~ 0.07 entre as condições *match* e *mismatch* unicamente nos casos do *No-constraint* com, o mais importante de se salientar por ora, a distribuição de uma topografia anterior através do intervalo de tempo a compreender a janela de 300 a 420 ms.

Pois então, conclusivamente, os autores, de posse de suas descobertas reveladas pela análise dos dados, acabaram por replicar os estudos precursores de Kazanina (2005) e os de aprofundamento promovidos por Kazanina et. al. (2007) e Yoshida et. al. (2014) acerca das dependências pronominais em estado de correferência catafórica. Reafirmaram para o holandês as conclusões anteriores de que o *parser* ativamente varre a sentença em busca de um antecedente para o pronome catafórico até quando este poderia firmar sua correferência

com um antecedente que estivesse fora do escopo sentencial da cláusula e que esta procura é cingida à escolha de concebíveis poscedentes que estejam localizados em posições gramaticalmente lícitas, especificamente não submetidas ao Princípio C, a situações em que esse tipo de restritor barra a correferência.

Essa reafirmação mostrou-se particularmente importante porque conferiu evidência primeira dessas constatações em termos de ERP, a ponto de fornecer a primeira comprovação da realidade neurofisiológica dessas características inerentes a esse fenômeno por meio do manuseio de EEG. E como descoberta extra, em decorrência da metodologia diferenciada empregada, eles expuseram que o GMME *linkado* aos tempos de resposta mais lentos obtidos nos experimentos comportamentais precedentes, baseados largamente em leitura automonitorada, estão espelhados neste estudo de ERP através da eliciação de uma negatividade anterior emanada da parcela frontal da atividade elétrica cerebral durante o momento de visualização e subsequente processamento do potencial antecedente da dependência catafórica em questão. Isso, há de se perceber perfeitamente, conduz Pablos et. al. (2011b, 2012b, 2015) a postular que a eliciação desta negatividade anterior reflete a frustração ou falha da predição de um apropriado antecedente para integrar e fechar a correferência catafórica após ter sido encontrado pelo *parser* o pronome catafórico da sentença inicial e matriz.

3.1.1.4.2 PABLOS, DOETJES, RUIJGROK & CHENG (2011a, 2012a): Estudo Neurolinguístico em Processamento de EEG - Eletroencefalografia acerca da Correferência Catafórica Estabelecida sobre Itens de Polaridade Negativa-NPI e Negação no Holandês na Área do Processamento Sentencial

Pablos, Doetjes, Ruijgrok e Cheng (2011a, 2012a) estudaram, por meio do ERP gerado pelo EEG, o comportamento processual dos itens de polaridade negativa (*Negative Polarity Items* ou *NPI*) nas dependências catafóricas em holandês e resolveram fazer isso em decorrência da mínima atenção que a literatura tem dado ao licenciamento catafórico de dependências constituídas por um NPI tal como um pronome indefinido e uma negação (*negation*). Eles ensejaram evidenciar se as dependências correferenciais catafóricas de negação-NPI empregam o mesmo Mecanismo de Busca Ativa presentes nas *wh-gap-dependencies* e nas dependências catafóricas tradicionais, construídas em torno não da *negação* e sim da *afirmação*, ou seja, de declarações afirmativas sobre o acontecimento dos eventos do mundo e que classicamente são construídas a partir do uso de

pronomes pessoais ou de demonstrativos a funcionarem como pronomes catafóricos a constituírem a forma remissiva com que um potencial nominativo que se classifique como possível poscedente poderá vir a correferir.

Nesse diapasão, empregando sentenças experimentais tal como exemplificadas em (52), Pablos e colegas desejaram examinar se o *parser* de falantes de neerlandês instauravam uma busca ativa por um licenciador, a *negation*, imediatamente após encontrar uma NPI em uma *dependência catafórica-NPI* onde tal item de polaridade negativa aparece linearmente antes daquele que lhe licencia. Os autores do estudo também tinham a meta traçada de experienciar se o processamento das *dependências-NPI* é afetado pela distância da NPI em relação à negação. As sentenças experimentais continham, pois, a expressão NPI ‘*ook maar iets*’ (‘*anything*’ em inglês) que significa ‘nada’ inserida dentro de uma sentença subordinada:

(52) **1a. Sentença em Tamanho Normal**

[Dat de man **ook maar iets** gezegd heeft] is niet waarschijnlijk.

‘*That the man **anything** said has is **not** probable.*’

“Que o homem **qualquer coisa** que tenha dito **não** é provável.”

1b/c. Sentença com Um e Dois Acréscimos Lineares da Distância na Oração Subordinada onde Está o NPI

Dat de man **ook maar iets**(b/c) {over zijn problemen}(c) {tegen zijn moeder}

*That the man **anything** over his problems to his mother*

gezegd heeft is **niet** waarschijnlijk.

*said has is **not** probable.*

‘*That the man **anything** over his problems to his mother said has is **not** probable.*’

“Que o homem **alguma coisa** sobre os problemas dele para a mãe dele disse ter **não** é provável.”

1d/e. Sentença com Um e Dois Acréscimos Lineares da Distância na Oração Principal onde Está A Negation

Dat de man **ook maar iets** gezegd heeft is (d/e){in dit geval}

*That the man **anything** said has is in this case*

(e){om verschillende redenen} **niet** waarschijnlijk.

*for different reasons **not** probable.*

‘*That the man **anything** said has is in this case for different reasons **not** probable.*’

“Que o homem **alguma coisa** dito tenha neste caso por razões diferente **não** é provável.”

A ideia dos estudiosos seria a de que o aumento crescente e linear de material linguístico interveniente junto à sentença e dentro dela afetaria o parseamento sentencial diferentemente de modo tal que o incremento da distância nas cláusulas subordinadas onde há o NPI seria menos custoso computacionalmente para o trabalho do *parser* do que o enxerto de material a fim de aumentar a linear distância espacial na cláusula matriz onde se localiza a copula, que é o verbo *'is'* ('é' do verbo 'ser'), e a negação a qual é aí altamente requerida de existir.

Os resultados abstraídos do ERP mostraram que a negação neerlandesa *'niet'* (*'not'* em inglês) que significa 'não' evocou uma negatividade anterior central na janela temporal de 200-600 ms em todas as condições testadas em concernência a 1ª, havendo interação significativa dos fatores *Condição* e *Posição* (*Anterior*, *Central* e *Posterior*). Nesse ritmo, eles captaram que esta negatividade foi maior em amplitude para '1d' e '1e', onde o material extra foi adicionado depois do verbo principal *is* quando feita a comparação com '1b' e '1c', em que o material adicional foi colocado depois do NPI na oração subordinada.

A partir desses resultados, Pablos e camaradas descobriram que, quando há um NPI funcionando como catáfora no input e necessitando de ser licenciado, há uma imediata busca que é iniciada em prol da procura de um licenciador plausível para criar a devida correferência desse jaez, isto é, dessa natureza de dependência catafórica de NPI para a língua holandesa. Em outro dizer, eles vieram a desvendar que o crescimento da distância linear entre o NPI e seu licenciador gera uma ruptura no processamento da estrutura, particular e principalmente se o material interferente extra é adicionado na matriz, ou seja, na oração principal.

Isto é devidamente atestado pela amplitude revelada da negatividade anterior central elucidada na negação de todas as condições além da '1a'. Notaram ainda, do mesmo modo, que a negatividade anterior cresceu em amplitude quando o material foi introduzido na matriz em comparação com as sentenças em que tamanho material foi inserido na oração subordinada, o que claramente indica haver uma elevação da dificuldade de parseamento.

Em conclusão, esses cientistas provaram haver uma *ASM* ou mecanismo de busca ativa no holandês para as dependências catafóricas de negação-NPI ou *NPI-neg dependencies* onde a posição para a negação é ativamente procurada pelo *parser*.

3.1.2 As Pesquisas na Esfera da Aquisição da Linguagem e na Seara do Processamento perante as Línguas Eslávicas e Anglo-Frísias

3.1.2.1 As Investigações em Língua Russa

3.1.2.1.1 KAZANINA (2005): *Estudo Psicolinguístico de Julgamento de Valor de Verdade sobre A Aquisição por Crianças da Restrição do Princípio C e da Poka-constraint no tangente à Correferência Catafórica Pronominal do Russo no Espeque do Processamento Sentencial*

Essa autora russa, dentre as questões acerca das dependências catafóricas em inglês e russo estudadas em sua tese de doutorado, investigou a aquisição¹⁰¹ das *constraints* incidentes sobre a catáfora e correferência catafórica em crianças falantes do idioma russo, tendo notadamente explorado como crianças falantes deste idioma adquirem o Princípio C da Teoria da Ligação e uma *constraint* particular dessa língua eslava denominada de *Poka-constraint*, verdadeira idiossincrasia do russo. Para promover essa exploração no âmbito da aquisição da linguagem, Kazanina (2005) elegeu a aplicação de um teste *off-line* a ponto de ter escolhido utilizar enquanto técnica experimental a tarefa de julgamento de valor de verdade (*truth value judgment task – TVJT*). As crianças testadas tinham idade entre 2 anos e 8 meses e 4 anos e 11 meses, todas residentes em Moscou, na Rússia, e oriundas de duas creches da capital.

A execução do experimento foi montada a partir da contação de uma estória infantil encenada por dois experimentadores com o auxílio de brinquedos e de uma marionete. À proporção que a estória era contada para os infantes, um deles mexia os brinquedos enquanto o outro manuseava a marionete a qual era a responsável por descrever algo que ele, o *puppet*, pensava ter acontecido na estória narrada. Por intermédio da exposição às crianças experimentadas da estória em (53a), divididas em duas sessões, a pesquisadora reuniu condições empíricas de sondar a natureza da aquisição da restrição sintática operante sobre a dependência catafórica nessas crianças orientais do Leste Europeu e Norte Asiático. Ao fim da narração da estorinha, a marionete introduzia uma declaração final a qual era, de vereda,

¹⁰¹ Pode-se tomar por orientação leitora Villiers e Roeper (2011) cujo handbook versa acerca das abordagens gerativistas aplicadas à aquisição da linguagem para uma compreensão mais global das interfaces entre essas duas áreas teórico-científicas.

seguida por uma de quatro possíveis perguntas diferentes. Estas indagações compunham, aliás, as condições experimentais e pode ser visualizada em (53b) logo abaixo:

(53) **Exemplo da Estória Usada no Experimento Infantil a qual Foi Traduzida do Russo para o Inglês.**

(53a) **SETTING:** *A room. There is a table in the corner of the room, and there is an apple and two bananas on the table. Eeyore is in the other corner of the room reading a book.*

POOH: “Hi, Eeyore. You are reading a book, I see. I wonder what I should do? – *Pooh walks around the room, notices the apple. - Oh, what a nice apple! I shall eat it right now.*”

EYORE: “No, Pooh, you can't eat it: that's my apple.” *Eeyore continues to read the book.*

POOH: “OK, I can't eat the apple, because it's Eeyore's apple. Then I shall have to eat a banana instead.” *Pooh eats a banana.*

EYORE: “OK, Pooh, I've finished reading the book, so you can read the book now.” *Pooh starts reading the book.*

EYORE: *Eeyore walks across the room to the table with the apple. “Here is my apple. I think I shall eat it right now.” Eeyore takes the apple to his mouth to eat it, but just before biting into it he stops and says: “I shouldn't be such a greedy donkey! Pooh wants the apple and so I think I should give it to him. As for me, I can have a banana instead.” Eeyore drags the table with the apple to Pooh who is reading the book. “Pooh, here is the apple and you can have it.”*

POOH: “Oh, I'm such a happy bear! I have a book to read and an apple to eat! I am going to read the book and eat the apple!”

(53b) **FINAL SETTING:** *Pooh continues reading the book. At the end of the story, there is an apple leaf next to Pooh and the book, to remind the child that it was Pooh who ate the apple, while reading the book.*

PUPPET: “That was a story about Eeyore and Pooh. First Eeyore was reading the book and then Pooh was reading the book. I know one thing that happened

a. Anáfora/Aparição Inicial da Oração Subordinada

While Pooh was reading the book, he ate the apple.

“Enquanto Pooh estava lendo o livro, ele comeu a maçã.”

b. Anáfora/Aparição Inicial da Oração Principal

Pooh ate the apple, while he was reading the book.

“Pooh comeu a maçã, enquanto ele estava lendo o livro.”

c. Catáfora/ Aparição Inicial da Oração Principal com Ocorrência do Princípio C-constraint

He ate the apple, while Pooh was reading the book.

“Ele comeu a maçã, enquanto Pooh estava lendo o livro.”

d. Catáfora/Aparição Inicial da Oração Subordinada com Ocorrência da Poka-constraint

While he was reading the book, Pooh ate the apple.

“Enquanto ele estava lendo o livro, Pooh comeu a maçã.”

Os resultados obtidos pela investigadora aduzem que as crianças rejeitaram a leitura correferencial em sua esmagadora maioria, refletida em uma taxa de 83%, nos julgamentos acerca das condições em que operava o Princípio C, fato que contribuiu para a adição de mais uma evidência translinguística de que crianças muito jovens respeitam esse princípio. Em relação às condições que apresentavam a *Poka-constraint* (que incluíam exemplos tanto com *poka* {enquanto} quanto com *kogda* {quando} na lista de apresentação), elas rejeitaram a correferência a uma taxa bem inferior, correspondente a 42%. As taxas de aceitação da correferência nos casos de relação anafórica, por outro lado, foram bem maiores, por forma tal que o grau de rejeição flutuou entre 10% e 18%.

A *Poka-constraint* compreende uma restrição exclusiva do russo, que não chega a ser averiguada nem mesmo em outras línguas aparentadas e irmãs, integrantes da mesma família eslava, em que orações adverbiais iniciadas com *poka*, a qual traduzida corresponde à conjunção temporal ‘*enquanto*’, em que tanto o pronome catafórico, que funciona como forma remissiva da relação correferencial a ser estabelecida e que é o sujeito da sentença adverbial-*poka*, quanto o sintagma nominal, o qual funciona como sujeito da oração principal ou matriz, exercem a *função agentiva*. Portanto, essa restrição que integra as sentenças-*poka*, impele dois correferentes, que são (i) *sujeitos* de suas respectivas orações e (ii) simultaneamente *agentes*, a não correferirem cataforicamente.

Isso esclarecido, compete explicar que Kazanina achou um efeito significativo da ordem clausular para os casos de correferência catafórica ao passo que não encontrou nenhum efeito para as situações integrantes das *condições-controle*, aquelas tão conhecidas *correferenciais anafóricas*. Ela também descobriu que as crianças desde tenra idade respeitam a restrição imposta pelo Princípio C, sendo sensíveis à *constraint* desde os 3 anos de idade, à

medida que o nível de respeitabilidade frente à *Poka-constraint* varia conforme a idade da criança, em que se apresenta um gráfico evolutivo o qual não é estanque e estável como aquele ao longo das fases etárias infantis, mas que é, sim, linearmente crescente e exponencial até o final da infância, de sorte tal que a estabilidade plena somente é atingida na fase adulta conforme aclarado graficamente. Essa mudança, todavia, é acentuada até por volta dos 5 anos de idade, momento em que a sensibilidade à *Poka-constraint* já é semelhante àquela apresentada pelos adultos.

A experiência, no final de tudo, deixou evidente que as crianças de 3 anos aceitam, em altos níveis, a correferência nas situações proibitivas da *Poka-constraint* as quais não permitem à gramática da língua adulta a correferenciação. Nesse período a taxa de rejeição chega a menos de 20%. Entre 3 e 4 anos, já há uma mudança abrupta dessa tendência de maneira que o level de rejeição chega ao patamar de 48%. A partir dos 5 anos, a mudança continua a ser considerável, haja vista que as crianças praticamente não aceitam estabelecer mais a correferência, rejeitando-a em 78% das vezes. De todo modo, apesar da alta taxa, a estabilização total em 100% só acontece mesmo quando a criança se torna adulta.

Comparativamente, O Princípio C apresenta uma curva de desenvolvimento de sua implementação computacional na cognição humana bem inferior ao retratado pela *Poka-constraint*, sendo linearmente pouco crescente e sendo capaz de se estabilizar ainda na infância, bem antes da fase adulta, já em torno dos 5 anos de idade. Dentre as crianças de 3 anos, o nível de rejeição já atinge a altura de pouco menos de 80% enquanto, junto aos infantes de 4 a 5 anos, ela alcança o grau de mais de 80% e, em meio àquelas que possuem 5 anos, a taxa de rejeição já é unanimemente de 100%.

Sumariamente, isso mostra que as crianças falantes de russo apresentam uma representação cognitiva das implicações do Princípio C, junto às possibilidades de correferência catafórica, similar à de um ser humano adulto precocemente, por volta dos 3 anos de idade, à medida que adquirem essa mesma representação em direção às implicaturas da *Poka-constraint* mais tarde e não tão prematuramente, apenas mais ou menos entre os 3 e 6 anos de idade. Em remate, há, pelo que retrata a tese de Kazanina, uma clara dissociação desenvolvimental entre o Princípio C e a *Poka-constraint* na língua russa, posto que enquanto as crianças mais jovens já com 3 anos respeitam o princípio arrolado, elas violam a *Poka-constraint* até, pelo menos, a idade de 5 anos.

3.1.2.1.2 KAZANINA & PHILLIPS (2010): Estudo Psicolinguístico em Processamento acerca da Operacionalização por Adultos do Princípio C, da Poka-constraint e do Mecanismo de Busca Ativa inerentes à Correferência Catafórica Pronominal no Russo no Perímetro do Processamento Sentencial

Kazanina (2005) juntamente com e logo depois (KAZANINA & PHILLIPS, 2010) de estudar a *aquisição do Princípio C* e da *Poka-constraint* por parte das crianças russas, passou a estudar o processamento linguístico dessas estruturas em tempo real com adultos falantes de russo e seguindo os parâmetros também estabelecidos por ela em inglês (KAZANINA et. al., 2007). Nessa conformidade, Kazanina e Phillips (2010), a partir de três experimentos distintos, um *on-line* de leitura automonitorada e dois *off-lines* de julgamento, investigaram se os mecanismos de processamento da correferência catafórica poderiam ser reduzidos a uma só modalidade ou se eles valer-se-iam de estratégias diversas que se acumulariam em torno da natureza e protocolo de seu *modus operandi*.

Além de objetivarem estender para a língua russa o que haviam realizado em inglês, almejando verificar se a correferência catafórica em russo apresenta uma MPFDA, sendo desempenhada por um mecanismo de busca ativa (ASM), e se ela respeita o Princípio C a ponto de não violá-lo no engendramento da correferenciação da catáfora; eles visaram descobrir se as *constraints* que agem sobre esse espécime de correferência atuam como restritores na geração de interpretações, prevenindo relações endofóricas (e mais especificamente catafóricas) ilícitas de serem geradas desde o princípio ou se alternativamente agem como filtros tardios sobre as interpretações ao rejeitar a interpretação de certos candidatos a correferentes depois de uma consideração primordial ou primitiva.

O primeiro experimento *off-line*, que consistiu de uma tarefa de taxa de aceitação (*rating task*) montada em derredor de um questionário de caneta-e-papel (*pen-and-paper questionnaire*), testou a premissa de que os russos deveriam rejeitar a correferência catafórica entre o pronome catafórico e o sujeito da oração principal nos casos de sujeição ao Princípio C e à *Poka-constraint* à medida que seriam capazes de aceitar a correferência nas demais situações de formação da dependência correferencial catafórica que não estivessem subjugadas a nenhuma restrição estrutural. A experiência, no final, confirmou as predições feitas ao mostrar que os falantes russos, na fase interpretativa do pós-processamento, submetem-se a tais restrições sintáticas enquanto consideram a computação correferencial.

(54) a. Principle C Conditions – Gender Match/Gender Mismatch

(Condição Princípio C – Congruência de Gênero/Incongruência de Gênero)

Poskol'ku pered efirom ona_i prosmatrivala teksty soobščeni_j, poka *Marina/Daniil* grimmirovalas'/grimmirovalsja k načalu s'emok, Zoja_i pervoj uznala sensacionnuju novost'. (Original dos autores em Russo).

'Since before the broadcast she_i looked through the news texts while *Marina/Daniel* put on make-up for the shoot, Zoja_i was the first one to learn about the sensational news.' (Tradução dos autores em Inglês).

"Já que antes da transmissão do programa (televisivo ou de rádio) ela_i lia rapidamente os textos das notícias jornalísticas enquanto *Marina/Daniel* colocava a maquiagem para a gravação/filmagem, Zoja_i foi a primeira a aprender a respeito das notícias/dos noticiários sensacionalistas." (Tradução minha em Português).

b. Poka Conditions – Gender Match/Gender Mismatch

Condição Poka – Congruência de Gênero/Incongruência de Gênero)

Poskol'ku pered efirom poka ona_i prosmatrivala teksty soobščeni_j, *Marina/Daniil* grimmirovalas'/grimmirovalsja k načalu s'emok, Zoja_i sama opredelila porjadok reportažej v vypuske.

'Since before the broadcast while she_i looked through the news texts *Marina/Daniel* put on make-up for the shoot, Zoja_i figured out the order of the reports in the program by herself.'

"Já que antes da transmissão do programa (televisivo ou de rádio) enquanto ela_i lia rapidamente os textos jornalísticos/os textos das notícias jornalísticas *Marina/Daniel* colocava a maquiagem para a gravação/filmagem, Zoja_i imaginava/decifrava a ordem das reportagens no programa sozinha/por conta própria."

c. No-Constraint – Gender Match/Gender Mismatch

Condição sem Restrição Sintática – Congruência de Gênero/Incongruência de Gênero)

Xotja posle togo kak ona_i napisala zakazannuju stat'ju, Nataša_i/Mixail pravila/pravil tekst neskol'ko raz, Mixail/Nataša_i bol'she vsego gordilsja svoim pervonačal'nym variantom.

'Although after she_i wrote the commissioned article *Natasha/Michael* edited the text several times, *Michael/Natasha*_i was most proud of the original version.'

"Embora depois de ela_i ter escrito o artigo encomendado *Natasha/Michael* tenha/tivesse editado o texto diversas vezes, *Michael/Natasha*_i estava mais orgulhoso(a) da versão original."

O segundo experimento *on-line* de leitura automonitorada, o qual detinha uma pergunta interpretativa no final das condições experimentais, cujas frases estão exemplificadas em (54) tal como exibidas acima, elencou as mesmas predições soerguidas na tarefa anterior *off-line* com o mesmo objetivo de apurar, só que agora em nível retroflexo e

automático durante o instante exato do processamento, a submissão a essas duas *constraints* durante o estabelecimento da correferência catafórica. Aos estímulos em russo, frise-se, consoante acima avaliado, seguiram-se respectivamente as traduções para o inglês e português dos originais das sentenças apresentadas experimentalmente às crianças.

Nesse ponto, a acurácia das respostas para as questões compreensivas foi de 88.6% para os itens experimentais e de 93.2% para os distratores, o que reflete ter havido um efeito marginalmente significativo de congruência de gênero nas condições *No-constraint* e significativo nas relativas à condição do *Princípio C* e da *Poka-constraint*, assim como um efeito marginalmente significativo do tipo de restrição.

Na tarefa de *self-paced reading*, em relação à condição *No-constraint*, eles mostraram que houve um efeito principal marginalmente significativo de congruência de gênero uma e duas casas depois do ponto crítico e inteiramente significativo três regiões após o segmento marcado por criticidade. Logo, com esses resultados, os autores replicaram o GMME antes encontrado nos estudos da catáfora inglesa por Kazanina et. al. (2007) e por Van Gompel e Liversedge (2003). Nas condições de *Princípio C* e de *Poka-constraint*, os pesquisadores encontraram, junto à segmentação crítica, um efeito principal significativo da congruência de gênero e marginalmente significativo da interação entre os fatores congruência de gênero e tipo de restrição.

(55) **a. Principle C Condition/Condição:**

E1, *while*/enquanto E2 (E = Evento).

[E1 = figure/figura, E2 = ground/fundo].

b. Poka Condition/Condição:

While/enquanto E1, E2.

[E1 = ground/fundo, E2 = figure/figura].

Para confirmar se a estruturação dos estímulos experimentais não sofrera qualquer interferência de tendências semântico-pragmáticas e que as sentenças estavam bem formuladas a ponto de não serem contaminadas pelo fator de mudança da perspectiva da *figura e fundo* (*figure/ground shift*) dos eventos transmitidos pelas frases experimentais elaboradas segundo as diretrizes apontadas em (55), conforme retratadas bem acima, um segundo experimento foi lançado para que se tivesse a certeza de que os resultados captados refletiam, de fato, a atuação de restrições sintáticas sobre a correferência e não questões de plausibilidade semântica.

O Experimento 2 aplicado por Kazanina e mentor acabou por também compreender um questionário (*pen-and-paper questionnaire*) cujas frases utilizadas para compor o seu formulário podem ser consultadas em (56) bem a seguir:

(56) **a. Forwards Anaphora/Main First**

(Sentença da Correferência Anafórica/Matriz como Primeira Oração)

Marina prosmatrivala teksty soobščenij, poka **ona** grimmirovalas' k načalus'emok. **(Original dos autores em russo).**

"Marina looked through the news texts while **she** put on make up for the shoot."
(Tradução dos autores em inglês).

"Marina lia rapidamente os textos jornalísticos enquanto **ela** colocava a maquiagem para a gravação." **(Tradução minha em Português).**

b. Forwards Anaphora/Embedded First

(Sentença da Correferência Anafórica/Subordinada como Primeira Oração)

Poka **Marina** prosmatrivala teksty soobščenij, **ona** grimmirovalas' k načalus'emok.

"While Marina looked through the news texts **she** put on make up for the shoot."

"Enquanto Marina lia rapidamente os textos jornalísticos **ela** colocava a maquiagem para a gravação."

c. Control/Highly Plausible

(Sentença Controle/Altamente Plausível)

Tak kak za poslednie tri goda **ona** ni razu ne brala otpuska, **Olesja** tverdo rešila, čto v etom godu uedet otдыхat' na more.

"Since in the last three years she had never taken time off, **Olesja** firmly resolved to go to a seaside resort."

"Já que nos últimos três anos ela nunca tinha se ausentado/ tinha tirado folga (do trabalho), **Olesja** firmemente resolveu ir para um balneário/uma estância balnear/um resort da costa litorânea/um resort à beira-mar."

d. Control/Highly Implausible

(Sentença Controle/Altamente Implausível)

Poka **Inna** naxodilas' po bedro v gipse, **ona** bez truda begala po lestnicam.

"While Inna's leg was in a cast, **she** could easily climb stairs."

"Enquanto a perna de Inna estava no gesso/engessada, **ela** podia facilmente subir as escadas/os degraus da escadaria."

Como agora pontuado, o objetivo dessa tarefa foi interceptar se os pares de eventos usados nos materiais componentes das condições do *Princípio C* e da *Poka-constraint* no Experimento 1 estavam balanceados e se a inversão ingerida em suas configurações de *figura*

e *fundo* criariam uma clara propensão ou no sentido da *correferência* ou na direção da *referência disjunta* dos dois *NPs sujeitos*. Todas as variantes de concordância genérica integrantes das condições constituintes do *Princípio C* e da *Poka-constraint* do experimento inicial foram aproveitadas nesse segundo experimento. A única diferenciação consistiu no fato de que os subordinadores da sentença inicial ‘*although*’ (‘embora’) ou ‘*since*’ (‘já que’) e a terceira cláusula fechadora do período foram descartados nesse exercício.

Consequentemente, outra diferença ocasionada, para permitir a viabilidade da tarefa, fora a transformação das sentenças catafóricas, componentes das condições do *Princípio C*, em anafóricas nas quais a oração principal precedia a subordinada à proporção que os estímulos catafóricos, inerentes às das condições da *Poka-constraint*, também tinham sido convertidos em cláusulas correferenciais anafóricas nas quais a subordinada era quem antecedia a matriz. Isso foi relevante e necessário de se fazer porque, invertendo-se a ordem *pronome-nome* dentro das sentenças, a operância quer do *Princípio C* quer da *Poka-constraint* torna-se espúria e irrelevante, o que torna viável, além de possibilitar otimizar a identificação de qualquer efeito da relação *figura-fundo* dos eventos sobre a interpretação das sentenças.

Os resultados clarificados por esse segundo experimento retiraram toda e qualquer dúvida referente à interceptação de algum *bias* semântico, comprovando que os estímulos usados nas condições de *Princípio C* e de *Poka-constraint* no experimento de entrada estiveram balanceados em termos da relação *figura-fundo* entre os eventos matriciais e os subordinados de forma tal que não existiu quaisquer propensões direcionadas a uma maior ou menor aceitabilidade da leitura da correferência atrelada à reversão da relação *figura-fundo* dos eventos nas duas condições testadas.

Com a reunião dos resultados oriundos de todos esses dados, Kazanina e orientador confirmaram que o comportamento dos falantes de russo, quanto à interpretação da correferência catafórica nas condições de não implementação, a *No-constraint*, e de emprego do *Princípio C*, é idêntico ao dos que falam inglês, haja vista que eles só aceitam estabelecer tal correferência em posições estruturalmente lícitas as quais não sejam impedidas por qualquer restrição estrutural. Já em se tratando da *Poka-constraint*, o funcionamento processual do *parser*, no fundo, é diferente, muito embora, superficialmente, a sua conduta seja bem similar à da *constraint* do *Princípio C*. De qualquer modo, os falantes de russo também respeitam essa restrição idiossincrática a qual se apresentou como sendo de origem e natureza discursiva, não aceitando firmar correferência nos casos em que a restrição-*poka* acontece. De outro lado, mesmo com ambas essas restrições se assemelhando uma com a outra por não serem violadas durante o processamento, em virtude de serem implementadas

em tempo real para prevenir a correferência, os dois estudiosos desvendaram que elas utilizam recursos distintos e se comportam através de mecanismos diferenciados.

Enfim, o GMME elucidado nas situações de sobreveniência do Princípio C comprovam que os falantes da língua russa vêm a implementar essa restrição por sobre a *geração de candidatas interpretações (generative of candidate interpretations approach)* ao passo que o GME (*gender match effect*, efeito de concordância de gênero) indica que esses mesmos falantes russos aparecem para empregar a *Poka-constraint* enquanto uma restrição que age como um *filtro a incidir sobre interpretações (filter on interpretations approach)* as quais são prematura e precipuamente erguidas e temporariamente consideradas pelo *parser*.

3.1.2.2 As Investigações em Língua Inglesa

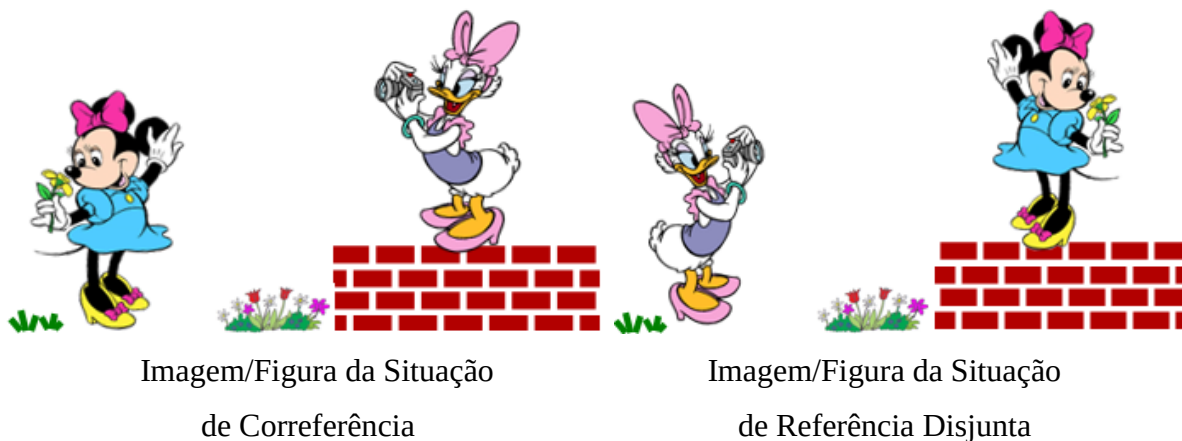
3.1.2.2.1 CLACKSON & CLAHSSEN (2011): Estudo Psicolinguístico de Monitoramento Ocular Cruzado por Estímulo Auditivo com Ausculta dentro do Paradigma do Mundo Visual sobre A Aquisição em Crianças e acerca do Processamento em Adultos da Ação da Princípio C-constraint e do Mecanismo de Busca Ativa na Efetivação da Correferência Catafórica Pronominal no Inglês no Terreno do Processamento Sentencial

Clackson e Clahsen (2011) estenderam os estudos anteriores em inglês de Kazanina et al. (2007), que foram promovidos com enfoque nos adultos, para as crianças a fim de entender o processamento infantil da correferência catafórica pronominal. Por intermédio de dois experimentos, um *off-line* de julgamento de valor de verdade (*truth-value judgement task*) e um *on-line* de rastreamento ocular mixado com estímulo imagético e auditivo dentro do paradigma do mundo visual, eles investigaram a natureza do processamento das dependências catafóricas em crianças e também em adultos, apesar de terem sido os infantes o alvo prioritário.

Como os propósitos se configuravam essencialmente como sendo os mesmos que aqueles da Kazanina e colegas (2007), só que direcionados agora, em sua exploração, para os pequeninos, os investigadores utilizaram praticamente a mesma estrutura das sentenças da cientista russa e seus correligionários, a saber, os períodos compostos por subordinação com uma oração principal e uma subordinada adverbial de tempo introduzida pela conjunção temporal ‘*while*’ (‘enquanto’). Dessa maneira, no teste *off-line*, os autores quiseram espionar o conhecimento do Princípio C demonstrado pelas crianças quanto à

capacidade de julgamento delas quando o relatado princípio não excluía a correferência. Os estímulos eram apresentados às crianças auditivamente enquanto elas olhavam para a imagem mostrada na Figura 3 exibida a seguir:

Figura 3 - Imagens das Personagens da Disney



Fonte: Clackson e Clahsen (2011, p. 4).

(57) Adjunct-First (Subordinada Aparece como Primeira Oração)

In the garden while she stood on a brick wall Daisy Duck took a photo.

“No jardim enquanto ela permanecia/permaneceu sobre um muro de tijolos Daisy Duck tirava/tirou uma foto.”

Adjunct-Second (Subordinada Aparece como Segunda Oração)

In the garden she stood on a brick wall while Daisy Duck took a photo.

“No jardim ela permanecia/permaneceu sobre um muro de tijolos enquanto Daisy Duck tirava/tirou uma foto.”

As sentenças que aparecem em (57), imediatamente acima, correspondem às frases experimentais que as crianças escutavam durante a execução do experimento. As mesmas ouviam a frase ditada pelo aplicador e no final elas lhe diziam a qual das duas imagens correspondia o conteúdo frasal que tinham acabado de ouvir. Feito isso, o experimentador anotava a resposta dada pela criança enquanto sujeito experimental. O mesmo procedimento, aliás, foi adotado para os adultos.

Na condição *Adjunct-Second*, as crianças e os adultos expuseram padrões comportamentais quejandos, com ambos os grupos aceitando menos a interpretação de correferência do que de referência disjunta. Em contraste a essa primeira constatação, na outra condição, da *Adjunct-First*, cada um dos dois grupos revelou padrão distinto um do outro, tendo as crianças demonstrado uma tendência na direção oposta àquela dos adultos.

Crucialmente, no entanto, os dois agrupamentos de sujeitos mostraram diferença de reação entre as duas condições, o que sugere que qualquer um deles é sensível ao Princípio C.

Houve a percepção também de diferenças no comportamento das crianças, quando elas apresentavam idades diferentes, na condição *Adjunct-First*, de inoperância do Princípio C, fato que mostra uma clara tendência desenvolvimental e que comporta efeitos significativos de idade. As crianças mais jovens, nesse sentido, aceitaram mais as interpretações de referência disjunta ao passo que as mais velhas acataram mais as de correferência, assumindo um status mais integrado ao dos adultos.

Com esse quadro exposto, os pesquisadores replicaram estudos prévios de que os julgamentos infantis em termos *off-line* são guiados pelo Princípio C e, portanto, por fatores estruturais ou sintáticos. Adicionalmente, contribuíram com a formulação da descoberta de que, nas circunstâncias em que a correferência não é excluída pelo Princípio C, os julgamentos referenciais pueris são afetados por efeitos etários.

(58) **a. Adjunct-First (Subordinada Aparece como Primeira Oração)**

There are lots of things to play on in the park.

Last week while she played on the swing, ~~while~~ *carefully* Peter balanced on a log and Susan was very impressed.

‘Há muitas coisas para se fazer no parque/a desempenhar no parque.’

“Semana passada enquanto ela treinava o suingue/executava a ginga, enquanto cuidadosamente/com cuidado Peter se equilibrava sobre uma tora/um tronco de árvore Susan estava bastante impressionada.”

b. Adjunct-Second (Subordinada Aparece como Segunda Oração)

There are lots of things to play on in the park.

Last week she played on the swing *while carefully* Peter balanced on a log and Susan was very impressed.

‘Há muitas coisas para se fazer no parque/a desempenhar no parque.’

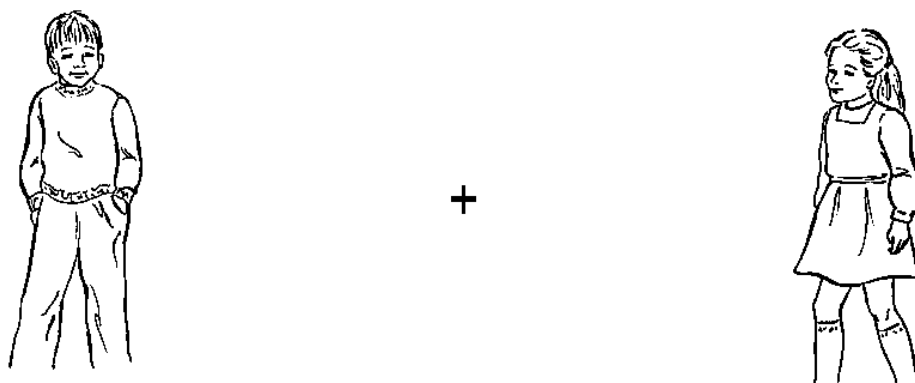
“Semana passada ela treinava o suingue/executava a ginga enquanto cuidadosamente/com cuidado Peter se equilibrava sobre uma tora/um tronco de árvore e Susan estava bastante impressionada.”

O experimento *on-line*, por seu turno, objetivou examinar, em tempo real, o processamento da catáfora em crianças e adultos. Os responsáveis pela pesquisa utilizaram as sentenças, na condição de experimentais, apresentadas em (58), conforme demonstradas acima, as quais foram gravadas e expostas aos sujeitos na forma de áudios de modo que, em metade das condições, as subordinadas compunham a primeira oração enquanto a matriz a segunda à medida que, na outra metade, as subordinadas integravam a segunda oração da

sentença a ponto de a oração principal compor a primeira oração do período composto justamente para controlar a ação da restrição do Princípio C sobre o estabelecimento da correferência ao longo da sentença. Desse modo, o processamento deveria ocorrer ora com ora sem a intervenção do princípio.

Assim, enquanto eles escutavam a sentença sendo pronunciada sonoramente, uma tela, com a imagem cá exposta através da Figura 4 logo abaixo, era projetada em um telão a fim de que os movimentos dos olhos dos participantes fossem captados. Essa atividade, afinal, trabalhou com o paradigma de monitoração da antecipação do movimento ocular imputado perante as crianças e adultos os quais participavam da experiência conhecido como paradigma do mundo visual.

Figura 4 - Garoto e Garota Emparelhados



Fonte: Clackson e Clahsen (2011, p. 7).

Os resultados retratam ter havido um efeito significativo da condição nos adultos de tal modo que eles fixavam o olhar em uma das duas imagens da figura (o garoto ou a garota retratados acima) até que o NP da segunda sentença fosse ouvido e a correferência, assim, estabelecida na condição de não operância do Princípio, a *Adjunct-First*. Só depois, então, desviavam eles o foco ocular. Na outra condição, da *Adjunct-Second*, a mudança da direção ocular entre um personagem e outro acontecia imediatamente, sem haver fixação constante.

Isso indica, como nos trabalhos predecessores, que os adultos são sensíveis ao Princípio C na hora de firmar a correferência catafórica. Para as crianças, o comportamento foi igual em ambas as condições, não tendo havido efeito principal da condição de operacionalização da restrição sintática inerente ao princípio chomskiano.

No final de tudo, Clackson e Clahsen (2011) descobriram que as crianças operam processualmente que nem os adultos na aplicação de restrições sintáticas e estruturais durante o processamento de dependências correferenciais catafóricas ao aperceberem-se que elas mostram posturas semelhantes na condição de atuação do Princípio C, a *Adjunct-Second*, o que poderia ser um indício de que as crianças aplicam o Princípio C *on-line* nos mesmos moldes que os adultos.

Entretanto, como as crianças na condição de não ação do princípio, a *Adjunct-First*, desempenharam um padrão diferenciado dos adultos ao anteciparem a referência disjunta no sentido de espelhar uma maior aceitação da interpretação não correferencial no lugar da correferencial, não se pôde afirmar categoricamente que os infantes são capazes de aplicar *on-line* o Princípio C, embora a performance deles seja condizente com a submissão e respeito a essa *constraint* ou restrição sintática. Eles postularam então que as crianças, devido à sua capacidade cognitiva e de processamento limitada, tendem a fazer prevalecer a alternativa sintática mais provável enquanto os adultos são mais habilidosos em utilizar um leque de fatores diversificados em meio ao processamento por terem um potencial cognitivo mais desenvolvido e amadurecido e em razão de possuírem mais recursos disponíveis para o funcionamento da cognição.

Conclusivamente, os dois autores propuseram que a gramática de crianças de 6 a 9 anos inclui as mesmas restrições sintáticas daquelas dos adultos; contudo, o processamento *on-line* dos pronomes catafóricos não são completamente simétricos e assemelhados ao dos adultos de sorte tal que as diferenças observadas entre ambos os grupos, de crianças e adultos neste domínio, devem-se aos mecanismos mais restritos das crianças para determinar a referência *on-line* por motivo de seus recursos cognitivos ainda serem insuficientes e em fase de maturação e desenvolvimento.

Mesmo assim, é evidente que os infantes são sensíveis desde tenra idade a essa *constraint*, apenas não são aptos o suficiente, nos casos opostos de não interferência da restrição e de possibilidade de estabelecimento concreto de uma correferência catafórica, para resolver processualmente e em tempo real o pronome catafórico em termos correferenciais, não sendo eles, pois, o tanto destros para firmar a correferência catafórica entre um pronome e o poscedente que o sucede.

3.1.3 As Inquirições dentro do Domínio do Bilinguismo concomitantemente com o Processamento diante de Línguas Românicas ou Neolatinas e Anglófonas ou Germânicas Insulares

3.1.3.1 As Investigações em Línguas Italiana e Inglesa

3.1.3.1.1 *SERRATRICE (2007): Estudo Psicolinguístico de Verificação de Imagens sobre a Influência Translinguística na Aquisição das Relações Correferenciais Endofóricas com Pronome Nulo e Pleno em Crianças Aprendizes Bilíngues de Italiano e Inglês, em Infantes Monolíngues de Italiano e acerca do Processamento desses Vínculos em Adultos Monolíngues do Italiano na Esteira do Processamento Sentencial*¹⁰²

Serratrice (2007) investigou, por intermédio de experimento *off-line*, o processamento da resolução pronominal anafórica e catafórica ao comparar as preferências de estabelecimento da correferência, em ambas as situações correferenciais endofóricas, apresentadas de modo interpretativo, em outros termos, após a computação processada pelo *parser*, por adultos monolíngues cuja língua vernácula é o italiano, por crianças também monolíngues que detém o italiano como língua materna e por crianças bilíngues de inglês e italiano. A pesquisadora estudou como cada um desses três grupos processava

¹⁰² Como este estudo em bilinguismo de Serratrice (2007) envolve uma pesquisa não apenas de processamento de adultos monolíngues em italiano, mas também de aquisição e processamento em crianças quer monolíngues de italiano quer bilíngues de italiano e inglês, em sendo ambas as línguas tidas como L₁, e também como replica os resultados obtidos, no que toca o depreendido em torno dos adultos, por Tsimpli et. al. (2004), por Sorace e Filiaci (2006) e por Belletti, Bennati e Sorace (2007), decidiu-se, pois, não se relatar nem comentar pormenorizadamente estas três últimas perquirições diligenciadas em língua italiana. Ademais, outras duas relevantes razões pesaram para que esta atitude fosse tomada: primeiramente para não tornar tal dissertação ainda mais extensa do que ela inevitavelmente acabou tendo que vir a ser, o que se faz, porquanto, necessário a fim de enxugá-la em sua já densa extensão ao máximo possível de um modo que seja tanto viável quanto principalmente sensato; e, em segundo lugar, haja vista que os principais resultados e descobertas angariadas nestas três diligências já foram quer discorridos quer debatidos mais minuciosamente antes, na Seção 2.4.5: A Especialização Pronominal do Capítulo 2: Marco Teórico, quando se foram pontuados os efeitos gerados pela diferenciação de usos entre *pro* e pronome pleno no concernente aos impactos exercidos, por tamanha especialização pronominal no inventário da língua italiana, sobre a interpretação e processamento da correferência endofórica: anafórica e especialmente catafórica em italiano. Como visto, Tsimpli et. al. (2004) investigaram essas questões em experimento de compreensão por meio de tarefa de verificação de imagens (*picture verification task* ou PVT) em falantes bilíngues de grego e italiano como L₁ e de inglês como L₂ e de falantes monolíngues de grego e de italiano. Por sua vez, Sorace e Filiaci (2006) estudaram isso também em experimento compreensivo através de PVT, só que em falantes bilíngues de inglês como L₁ e de italiano como L₂ e de falantes monolíngues de italiano. Já Belletti, Bennati e Sorace (2007) perscrutaram esses quesitos da mesma forma por intermédio de PVT em falantes bilíngues de inglês como L₁ e de italiano como L₂ e de falantes monolíngues de italiano, porém com a diferença de ter assim procedido em experiência tanto de compreensão quanto de produção e não somente de sujeitos pré-verbais pronominais nulos e plenos, mas também sujeitos pós-verbais.

pronomes nulos e plenos inseridos nessas estruturas correferenciais e se preferiam direcionar a correferência em curso da forma remissiva pronominal para um potencial antecedente em posição gramatical de sujeito ou de objeto, ou ainda em lôcus dêitico ou discursivo-pragmático o qual apontasse para um possível referente externo, isto é, exofórico. Ainda por cima, mais adiante disso, a autora ambicionou checar a influência translinguística a ser exercida no grupo das crianças bilíngues de inglês e italiano, em comparação aos outros dois grupos, das crianças e adultos monolíngues, na conformação das duas modalidades de correferência, envolvendo anáforas e catáforas, sistematizadas por pronomes nulos e plenos enquanto formas remissivas de seus prováveis e respectivos antecedentes.

Para isso, ela avaliou o comportamento computacional entre os três grupos por meio do emprego de frases, como as dispostas nas condições visíveis em (59), as quais foram submetidas aos sujeitos adultos e pueris dentro da técnica experimental conhecida como tarefa de verificação de imagens (*picture verification task*):

(59) **a. (Correferência com Pronome Nulo/Correferência Catafórica-Catáfora)**
Mentre Ø sbadiglia, il controllore prende il biglietto al passeggero.

‘While (he) yawns, the ticket inspector takes the ticket from the passenger.’
“Enquanto Ø boceja, o fiscal da passagem apanha o bilhete do passageiro.”

b. (Correferência com Pronome Nulo/Correferência Anafórica-Anáfora)
La mamma dà un bacio alla figlia, mentre Ø si mette il cappotto.

‘The mother kisses the daughter, while (she) puts her coat on.’
“A mãe beija a filha, enquanto Ø veste o casaco dela.”

c. (Correferência com Pronome Pleno/Correferência Catafórica-Catáfora)
Mentre lui versa il vino nel bicchiere, il cliente paga il conto al cameriere.

‘While he pours wine in the glass, the client pays the bill to the waiter.’
“Enquanto ele põe o vinho na taça, o cliente paga a conta ao garçom.”

d. (Correferência com Pronome Pleno/Correferência Anafórica-Anáfora)
Il portiere saluta il postino, mentre lui apre la porta.

‘The porter greets the postman, while he opens the door.’
“O porteiro cumprimenta o carteiro, enquanto ele abre a porta/o portão.”

Os resultados referentes à correferência estabelecida por *pro* em língua italiana, como esperado pela autora, não revelaram diferença significativa na condição anafórica com pronome nulo entre os três grupos investigados em que todos eles selecionaram a interpretação de sujeito na metade das vezes. Na condição catafórica com *pro*, essa mesma

interpretação foi favorecida pelo grupo dos adultos junto ao qual 100% deles escolheram essa interpretação três ou mais vezes à medida que as crianças optaram por ela mais do que dois terços do tempo. Conforme esperado já pela pesquisadora, a correferência endofórica, tanto anafórica quanto catafórica, não impõe diferenças no que toca o processamento de nenhum dos grupos analisados.

Já os dados concernentes aos resultados apontados pela correferência endofórica impetrada pelo pronome pleno em italiano, consoante previsto por Serratrice (2007), apresentam um comportamento computacional que difere entre cada grupo testado, especialmente entre os dois infantis tomados em conjunto e o adulto. Até mesmo entre as crianças monolíngues e as bilíngues, a propensão do comportamento processual delas varia entre si. A autora descobriu, nessa sua experiência, que, nas condições de manifestação da catáfora com pronome pleno, as crianças bilíngues elegem a interpretação de sujeito mais frequentemente tanto do que os adultos quanto do que as crianças monolíngues, apesar de a significância ter apenas emergido entre o grupo dos adultos quando confrontado com ambos os conjuntos das crianças. Ocorre que somente 5% dos adultos escolheram essa interpretação enquanto 31% das bilíngues e 38% das monolíngues.

De outra parte, nas condições de anáfora manifesta junto com pronome pleno, os infantes bilíngues escolheram o *antecedente sujeito* para o respectivo pronome mais frequentemente do que os adultos e também em relação às crianças monolíngues. Diferenciações significativas também foram encontradas entre os adultos e os dois grupos infantis, indicando que até as crianças monolíngues optam por escolher mais a opção interpretativa de sujeito com mais frequência do que os adultos. Nenhum dos adultos escolheu essa decisão quanto à interpretação a ser realizada três ou mais vezes à proporção que 8% dos infantes monolíngues e 31% dos bilíngues o fizeram.

Por fim, a partir desse quadro traçado pela análise dos resultados conquistados com o experimento, a cientista pôde ratificar que a *restrição restritiva de língua específica*, imposta ao italiano e a grande parte das línguas neolatinas, da *Hipótese da Posição do Antecedente (HPA)*, proposta por Carminati (2002), guiam quer as crianças monolíngues quer as bilíngues em uma extensão diferente e com menos força, poder e potência do que os adultos. Logo, Serratrice (2007) colheu novas importantes evidências de que o atraso desenvolvimental na preferência infantil por eleger *estratégias de processamento de língua-específica* reforçam a ideologia e posicionamento doutrinário de que a resolução endofórica em crianças bilíngues é afetada por influência translinguística.

3.1.3.2 As Investigações em Línguas Alemã e Russa

3.1.3.2.1 **FELSER & DRUMMER (2016): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Eyetracking quanto à Correferência Catafórica de Pronome Pleno Estabelecida por Falantes de Russo Aprendizes Bilíngues de Alemão como L₂ e por Falantes de Alemão como L₁ referente à Implantação do Princípio C e à Atuação do Mecanismo de Busca Ativa em Alemão no Seio do Processamento Sentencial**

Com base em um experimento *on-line* de monitoramento ocular (*eyetracking*), Felser e Drummer (2016) estudaram a resolução pronominal catafórica em alemão ao testarem a operacionalização do mecanismo de busca ativa e a operância da restrição estrutural do Princípio C no tocante à correferência catafórica quando compararam o processamento de falantes nativos de alemão com o de falantes bilíngues aprendizes de alemão os quais detinham o russo como L₁. No primeiro experimento da investigação delas, o Experimento 1, a partir do uso dos estímulos frasais retratados em (60), as autoras examinaram se tanto os falantes de alemão como L₁ quanto os como L₂ empreendiam uma busca ativa por um poscedente na matriz – cujo NP concordava ou discordava em gênero com o pronome predecessor – para o pronome catafórico presente na cláusula inicial adjunta à principal categorizada como uma subordinada adverbial temporal deslocada à esquerda.

(60) **a. Subordinada Temporal Adverbial Isenta de Restrição/Constraint.**

Als **er** im Krankenhaus war, fragte **Joseph/Sandra** gleich den Arzt nach Schmerzmitteln...

‘When **he** was in hospital, **Joseph/Sandra** asked the doctor for pain killers straight away...’ (*Tradução para o inglês*).

“Quando **ele** estava no hospital, **Joseph/Sandra** solicitou imediatamente ao médico analgésicos...” (*Tradução para o português*).

A análise dos tempos de leitura dos participantes em relação ao segmento crítico referente ao sujeito da matriz, composto pelos nominativos ‘Joseph’ e ‘Sandra’, revelou um efeito significativo de incongruência de gênero, um GMME effect, nas durações das primeiras fixações oculares, nas leituras concernentes à primeira passagem e nas relativas às regressões que não foram moduladas por grupos de linguagem. Isso acabou por replicar e estender as descobertas iniciais que foram feitas frente ao inglês para os estudos em bilinguismo e também para o processamento em língua alemã, mostrando que tanto os falantes de L₁ quanto

de L₂ de alemão, em verdade, engatam uma busca por um possível referente, ou seja, por um poscedente, que é orientada por um mecanismo de engrenagem ativa, semelhante ao que procede com o processamento da correferência catafórica em inglês e com a computação das dependências *filler-gap*.

Por outro lado, no segundo experimento, o Experimento 2, Felser e Drummer (2016) exploraram se e em que determinado ponto do tempo a busca por um referente para o pronome catafórico seria restringida pela condição de ligação inerente ao Princípio C. Através de uma tarefa complementar de julgamento do antecedente de natureza *off-line*, elas constataram que ambos os grupos demonstraram atender à condição do Princípio C. Assim, com a utilização de frases tais as mostradas em (61), as autoras elaboraram um experimento de *eyetracking* em que, numa dada condição, o pronome da sentença adverbial inicial c-comandava o nome próprio seguinte da matriz, como exposto em (61a) a seguir, e que, na outra condição, o pronome não exercia c-comando sobre o nome próprio, conforme exibido em (61b) abaixo. Além do mais, ao longo das condições o nome ora concordava ora discordava em gênero com o pronome tal qual se pode checar na sequência:

(61) **a. Subordinada Temporal Adverbial com *Constraint* – Princípio-C.**

Er fütterte die Tiere, als **Daniel/Annika** ein lautes Geräusch hörte, und der Zoowärter wusste woher der Lärm kam.

‘**He** was feeding the animals as **Daniel/Annika** heard a loud noise, and the zookeeper knew where the noise was coming from.’ (*Tradução para o inglês*).

“**Ele** estava alimentando os animais quando **Daniel/Annika** ouviu um barulho alto, e o guarda do jardim zoológico sabia de onde o ruído estava vindo.” (*Tradução para o português*).

b. Subordinada Temporal Adverbial Isenta de *Constraint* – No-Constraint.

Sein Freund fütterte die Tiere, als **Daniel/Annika** ein lautes Geräusch hörte, und der Zoowärter wusste woher der Lärm kam.

‘**His** friend was feeding the animals as **Daniel/Annika** heard a loud noise, and the zookeeper knew where the noise was coming from.’

(*Tradução para o inglês*).

“O amigo **dele** estava alimentando os animais quando **Daniel / Annika** ouviu um barulho alto, e o guarda do jardim zoológico sabia de onde o ruído estava vindo.” (*Tradução para o português*).

Felser e Drummer (2016) encontraram, na análise dos tempos de leitura, uma interação significativa entre os fatores grupo e gênero na duração da primeira fixação, nos tempos de leitura da primeira passagem e nos tempos de leitura total na altura do nome próprio que não

foi modulado pelo fator restrição sintática ou *constraint*. Ademais, essas interações refletiram que o grupo L₁ apresentou um tempo de leitura maior para os casos de incongruência genérica, estabelecidos com o nome próprio feminino ‘Annika’, do que para os casos de congruência, ocorridos com o nome masculino ‘Daniel’, enquanto o grupo L₂ revelou um padrão comportamental oposto quanto ao processamento. Além disso, evidências da intervenção ou aplicação do Princípio C no decurso do processamento foram vistos apenas tardiamente nas medidas processuais, envolvendo probabilidades de releituras e de regressões na região do nome próprio, e também foram captadas através de ambos os grupos participantes. Também nenhuma interação a três ou de três vias com o fator grupo – envolvendo duração da primeira fixação, os tempos de leitura da primeira passagem e os tempos de leitura total – foi identificada em nenhum ponto da análise, da mesma maneira que evidências da aplicação do Princípio C apenas foram visualizadas através de ambos os grupos de participantes e em medidas tardias do processamento, o que implica dizer que somente foi alcançado quando do cruzamento analítico dos dois grupos, bem como da avaliação da probabilidade de releitura e de regressões à região nominal sob investigação e a corresponder ao segmento crítico.

Felser e Drummer (2016) interpretaram esses resultados como indicativo de que tanto para os falantes alemães nativos quanto para os falantes de alemão não nativos e de origem russa a *constraint* do Princípio C restringe a busca por um referente para o pronome catafórico apenas nos estágios de processamento mais tardios. Os imediatos efeitos de incongruência de gênero, o GMME effect, observados no grupo L₁ indicam que o referente que casa em *traços-phi* (ϕ) de gênero com o pronome era antevisto até quando a correferência deveria ser bloqueada pela restrição sintática inerente ao Princípio C. Por sua vez, os efeitos contrários de congruência de gênero, o GME effect, enxergados no grupo L₂ sugerem ou que a referência disjunta era pressagiada até nas condições *No-constraint* de inexistência de restrição sintática e, porquanto, de atuação do Princípio C ou que o presságio era mais fraco e que a tentativa de estabelecer a correferência tão somente foi desencadeada no exato momento em que o *parser* encontrou o nome próprio no input, levando aos elevados tempos de leitura nas condições de congruência, as *match conditions*.

Enfim, apesar das dessemelhanças dos dois grupos tomadas à parte, Felser e Drummer (2016) concluíram que quer os falantes de alemão como L₁ quer os falantes de russo aprendizes bilíngues de alemão como L₂ inicialmente, em termos computacionais, ignoram as dissimilitudes entre a proeminência sintática dos pronomes catafóricos, isto é, o c-comando de sorte tal que o Princípio C corresponde a uma *constraint* ou restrição sintática

que se aplica como um filtro relativamente tardio sobre dependências referenciais inapropriadas pragmaticamente.

3.1.3.3 *As Investigações em Língua Chinesa e em Português Europeu (PE)*¹⁰³

3.1.3.3.1 ***ZHENG (2016): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Julgamento de Preferência quanto à Correferência Catafórica de Pronome Pleno Estabelecida por Falantes Chineses Aprendizes Bilíngues de Português Europeu (PE) como L₂ e por Falantes de PE como L₁ referente à Ação do Mecanismo de Busca Ativa ou da Estratégia da Hipótese da Vantagem da Primeira Menção em PE nos Domínios do Processamento Sentencial***

Em estudo que focalizou como procede a aquisição da interpretação de pronomes plenos em português europeu (PE) por chineses aprendizes de PE como L₂ em configurações catafóricas, Zheng (2016) aplicou uma tarefa *off-line* de julgamento de preferência (*task of preference judgment*) em um grupo de falantes chineses que eram aprendizes avançados de PE, bem como em um grupo controle de portugueses os quais eram falantes nativos de PE para investigar qual estratégia resolutiva era empregada pelos aprendentes, se a Estratégia 1 referente ao mecanismo de busca ativa postulado por Kazanina et. al. (2007) ou se a Estratégia 2 concernente à Hipótese da Vantagem da Primeira Menção de Gernsbacher e Hargreaves (1988) que, por consequência, favorece a atuação da Hipótese da Posição do Antecedente (PAH) de Carminati (2002). Em suma, o estudo focou, porquanto, na aquisição da interpretação dos pronomes plenos em português europeu (PE) pelos aprendizes chineses de PE como L₂ em meio a configurações marcadas por correferência catafórica de modo a identificar como os falantes de uma língua de sujeito de discurso nulo, caso dos falantes nativos de chinês, interpretam os pronomes plenos que são inseridos junto a uma sentença e/ou sintagma adverbial temporal deslocado à esquerda dentro do período sob análise.

¹⁰³ Muito embora os trabalhos de Canceiro (2014, 2016) constituam pesquisa acerca da correferência catafórica, eles não mais serão resenhados neste capítulo, haja vista que já foram reportados na Seção 2.4.5 referente ao tópico sobre a Especialização Pronominal do Capítulo 2: Marco Teórico e também porque não constituem perquirições que tratam especificamente do processamento correferencial catafórico, mas sim das interpretações preferenciais estipuladas quanto ao estabelecimento da correferência catafórica conjuntamente com a anafórica em português europeu (PE) numa concepção de correferenciação endofórica. Esta decisão também é fortemente motivada com vistas a otimizar este espaço destinado à discussão dos prévios estudos já desenvolvidos sobre o processamento correferencial catafórico de maneira que a resenha da literatura não fique por demais extensa e volumosa.

Portanto, utilizando sentenças experimentais, como as descritas em (62) logo a seguir, Zheng (2016) estudou a correferência catafórica pronominal em sentenças adverbiais temporais encabeçadas pelo conectivo ‘quando’ de maneira que obteve, em seus resultados preliminares, dados os quais demonstraram que os aprendizes chineses preferem predominantemente o nominativo que é sujeito da oração principal como antecedente de um pronome catafórico inserido em uma oração subordinada adverbial deslocada à esquerda, o que se revela consistente com a Estratégia 1 oriunda do Mecanismo de Busca Ativa formulado nos termos de Kazanina et. al. (2007). Assim, a tarefa de julgamento de preferência foi aplicada tanto a um grupo de falantes nativos de chinês que se caracterizavam como aprendentes avançados de PE quanto a um grupo controle de falantes nativos de PE.

(62) **a. Subordinada Adverbial Temporal**

Quando **ela** começou as férias, a **Rita** visitou a **Sara**.

*‘When **she** started the holidays, **Rita** visited **Sara**.’*

(Tradução para o inglês).

❖ **Pergunta de Julgamento**

Quem é que começou as férias?

‘Who started the holidays?’

(Tradução para o inglês).

❖ **Resposta**

A. a Rita

B. a Sara

C. uma outra pessoa

‘another person’

Por outro lado, o grupo controle que diz respeito aos falantes nativos de PE demonstrou um comportamento distinto ao demonstrar uma taxa de aceitação de interpretação flutuante, a girar em torno de 50% em relação ao fato de aceitar o sujeito da matriz como antecedente, o que privilegia a Estratégia 2. Isso se deu porque, segundo o atestado pelos dados, os falantes nativos também aceitam uma entidade contextual, ou seja, um ente extralinguístico, isto é, uma exófora como antecedente do pronome catafórico presente na subordinada adverbial além da possibilidade de se aceitar o sujeito da principal.

Como conclusão, Zheng (2016) observou haver diferenciação entre os aprendizes chineses e os nativos portugueses ao prever que ambas as estratégias funcionam com os

falantes nativos de PE à medida que apenas a Estratégia 1 funciona com os bilíngues chineses, afora o que concluiu que certas estratégias processuais, notadamente a Estratégia 1, são adquiridas pelos aprendentes chineses de PE como L₂ enquanto que outras, caso da Estratégia 2, faltam aos bilíngues.

3.1.4 As Perquirições em meio ao Escopo da Língua Portuguesa enquanto Língua Vernácula

3.1.4.1 As Investigações em Português Brasileiro (PB)¹⁰⁴

3.1.4.1.1 MAIA, GARCIA & OLIVEIRA (2012): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada relativo à Interveniência da Restrição do Princípio C sobre as Anáforas Conceituais e Pronomes Totalmente Especificados na Instanciação da Correferência Catafórica Pronominal no Português Brasileiro (PB) na Rota do Processamento Sentencial

Maia, Garcia e Oliveira (2012) estudaram, pela primeira vez, a sensibilidade de pronomes totalmente especificados em contraposição às anáforas conceituais frente às restrições impostas pelos Princípios B e C da Teoria da Ligação, em português brasileiro (PB), por meio de três técnicas experimentais distintas, a leitura e escuta automonitoradas (*self-paced reading e self-paced listening*) e o monitoramento ocular (*eyetracking*), ao longo de quatro experimentos diferentes, porém interconectados harmonicamente quanto aos seus propósitos.

Como o Princípio B e as anáforas conceituais não integram o escopo nem os objetivos desta perquirição, as experiências correlativas a essas questões não serão aqui tratadas por se ter em vista a não extrapolação dos limites razoáveis desta redação maestral de modo que

¹⁰⁴ Tendo-se em vista que os trabalhos *off-lines* e *on-lines* de Fonseca e Guerreiro (2012), de Teixeira (2013) e de Teixeira, Fonseca e Soares (2014), os quais inspecionaram o processamento e as interpretações preferenciais da correferência catafórica em Português Brasileiro (PB), já foram relatados na Seção 2.4.5 concernente ao tópico a respeito da Especialização Pronominal do Capítulo 2: Marco Teórico, optou-se por resenhar e discutir, na seção deste capítulo, apenas as inquirições em PB que versam sobre as implicações do Princípio C no processamento correferencial catafórico. Isso foi decidido pelas mesmas razões já apontadas quanto ao procedente com as pesquisas em italiano e em português europeu (PE), como seja, a fim de não avolumar ainda mais a dissertação, a essa altura já densa, até porque os pontos, resultados e correspondentes conclusões investigados nas perquirições acima elencadas já foram expostos e debatidos quando se examinou, no capítulo anterior, a preferência do falante de PB em estabelecer a correferência catafórica com um pronome pleno ou *pro* em face de um poscedente sujeito ou objeto em tarefas de compreensão leitora no capítulo anterior.

apenas será apresentada, em pormenores, a parte do trabalho deles que trata do Princípio C (vide o integral de MAIA, GARCIA & OLIVEIRA, 2012 para a compreensão mais global).

Em um de seus quatro experimentos, Maia e alunas exploraram, de forma inédita no PB, se as anáforas conceituais se comportavam processualmente de maneira idêntica aos pronomes quanto ao fato de estarem também sob o jugo do Princípio C enquanto restritor a impedir a correferência entre um DP o qual esteja ligado por um pronome e sob a ação, portanto, dessa *constraint* sintática.

Considerando que os autores também ensejavam reunir provas de que as anáforas conceituais são semelhantes quanto às suas propriedades aos pronomes totalmente especificados (PTEs), eles montaram um teste de leitura automonitorada, cuja amostragem do perfil de suas condições pode ser visto em (63), em que tanto uma forma quanto a outra puderam ser empiricamente sondadas, a ponto de que fosse verificada se a correferência catafórica seria estabelecida nos mesmos moldes para as duas formas pronominais a funcionar como forma remissiva em uma cláusula adjunta, uma oração subordinada temporal ex. gr.:

(63) **a. Correferência com Pronome Totalmente Especificado/Inoperância do Princípio C**

Quando/ ele/ praticava/ com/ muito/ afinco,/ **o time**/ sempre/ marcava/ vários/ gols.

b. Correferência com Anáfora Conceitual/Inoperância do Princípio C

Quando/ eles/ praticavam/ com/ muito/ afinco,/ **o time**/ sempre/ marcava/ vários/ gols.

c. Correferência com Pronome Totalmente Especificado/ Violação do Princípio C em Operância

Ele/ sempre/ marcava/ vários/ gols,/ quando/ **o time**/ praticava/ com/ muito/ afinco.

d. Correferência com Anáfora Conceitual/ Violação do Princípio C em Operância

Eles/ sempre/ marcavam/ vários/ gols/ quando/ **o time**/ praticava/ com/ muito/ afinco.

❖ **Pergunta-sonda**

Quando o time praticava com muito afinco, marcava vários gols?
(SIM ou NÃO).

O resultado da análise estatística da ANOVA, nesse que foi o segundo experimento dos pesquisadores nacionais, retratou um efeito principal do fator Princípio C de sorte que os

tempos de leitura dos participantes foram mais lentos nas duas primeiras condições de inoperância do Princípio C em que tal restrição legitima a possibilidade de correferência catafórica do que naquelas em que a interveniência dessa *constraint* deslegitima a correferenciação, em razão dos porquês explicados anteriormente na subseção em que se explanou acerca do estudo em inglês de Kazanina (2005) e nos demais que o sucederam e nele se embasaram e que igualmente foram acá relatados no sequenciamento apresentativo das disquisições. Ao contrário deste cálculo estatístico inicial, a estatística não revelou efeito principal do Tipo de Anáfora, se pronome ou anáfora conceitual. Na mesma direção, não houve interação entre os dois fatores testados.

A partir dessas elucidações, Maia e discípulas confirmaram suas hipóteses antes elaboradas de que as anáforas conceituais tais quais os pronomes são suscetíveis à interferência direta do Princípio C, sendo sensíveis a restrições estruturais. Os seus resultados juntamente com os de Lessa (2014) e com estes a compreender esta pesquisa de mestrado (ALMEIDA, 2016) em PB fornecem novas evidências quanto à operacionalização do Princípio C enquanto restritor sintático na autorização ou não da formação de correferência pronominal.

De modo mais específico, este trabalho estende as descobertas feitas com relação aos PTEs às anáforas conceituais e ainda contribui ineditamente com a reivindicação de que estas entidades em nada diferem dos pronomes à respeito de suas propriedades constitutivas e no tocante a suas identidades, não sendo necessário postular que as anáforas conceituais constituem um ente com estatuto diferenciado dos pronomes.

Por tudo isso, Maia e pupilas, ao utilizarem, na condição de formas remissivas catafóricas, os pronomes pessoais no plural (em sua flexão de 3ª pessoa do plural, ‘eles’) de modo piloto tanto em PB quanto no tocante às demais línguas já estudadas no mundo, em se tratando das dependências correferenciais catafóricas, acabam eles, mestre e aprendizes, por fazer ainda mais uma contribuição à literatura técnica de que não tão somente os pronomes catafóricos flexionados no singular, mas também os que estão em flexão plural sujeitam-se às mesmas regras e propriedades, sendo sensíveis à interveniência do Princípio C quando da tentativa de postulação de uma correferência catafórica.

Em outras palavras, esses estudiosos brasileiros, prógono e epígonas, acabaram por mostrar que pronomes no plural como o ‘eles’, ao assumirem a função de forma remissiva dentro de uma potencial dependência catafórica de longa distância, não admitem correferir com nominais ou DPs que estejam ocupando uma posição sintática a qual seja ilícita para assumir um status de plausível correferente para a catáfora que a preceda em virtude da

operância de restrições sintáticas feito o Princípio C as quais bloqueiam a aceitável correferência, dado que, se a permitisse, violaria essa notabilíssima *constraint*.

Um detalhe, não obstante, que precisa ser esclarecido é que Maia, Garcia e Oliveira (2012), na ocasião, não investigaram o mecanismo de busca ativa que é explorado nesta pesquisa e que constitui uma das novidades deste trabalho inquiritivo.

3.1.4.1.2 LESSA & MAIA (2011) e LESSA (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada correspondente à Superveniência da Restrição do Princípio C sobre a Conformação da Correferência Catafórica Pronominal em Substantivas no Português Brasileiro (PB) no que concerne ao Setor do Processamento Sentencial

No primeiro experimento a compor a sua pesquisa, a fim de poder investigar pouco mais adiante, nas próximas experiências a compor a sua dissertação de mestrado, o comportamento das anáforas para juntamente com isso ter os subsídios necessários para contrapô-las às catáforas dentro das relações correferenciais endofóricas, Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011) recentemente exploraram a atuação do Princípio C no estabelecimento da correferência catafórica em um dos primeiros estudos acerca desse fenômeno em português brasileiro, visto que ela precisava compreender melhor um pouco do funcionamento e da natureza imanente da catáfora quando atuante em meio a contextos referenciais no intuito de poder adquirir uma base comparativa de análise em face da referenciação anafórica e até para conseguir poder sustentar os objetivos de sua inquirição a qual consistia em capturar o papel que o ordenamento das estruturas potencialmente referenciais tem na cognição de falantes do PB. Não seria coerente, assim sendo, investigar uma só estrutura, ou as anáforas ou as catáforas, pois só faz sentido um estudo que avalia o ordenamento caso haja uma sondagem contrastiva que contraponha uma certa posição ordenatória com uma outra razoável ordenação dentre duas ou mais opções sintático-estruturais suscetíveis de existir.

É de se notar que para atestar essa possível realidade cognitiva na mente dos brasileiros que falam português é necessário ingerir um estudo comparativo, uma comparação então entre dois entes, a anáfora e catáfora, neste caso, a saber, na intenção de se perceber a força que cada um deles possua ou venha a possuir em uma interação dual de duas grandezas a duelarem e disputarem espaço no processo linguístico da comunicação e, conseqüentemente, do processamento em nível psicolinguístico.

Baseada nos dois últimos experimentos de Kazanina et. al. (2007), ela montou, através da aplicação de uma tarefa de leitura automonitorada (*self-paced reading*), estímulos frasais conforme as estruturadoras das condições mostradas em (64) com vistas a testar a influência de restrições sintáticas, focalmente o Princípio C, ao operar sobre a catáfora do português brasileiro (PB):

(64) **a. (Correferência Licenciada pelo Princípio C/Congruência de Gênero)**

A família dela achava que Gisele estava aprendendo e *Simone* não entendia as notas tão baixas.

b. (Correferência Licenciada pelo Princípio C/Incongruência de Gênero)

A família dela achava que Genaro estava aprendendo e *Simone* não entendia as notas tão baixas.

c. (Correferência Bloqueada pelo Princípio C/Congruência de Gênero)

Como ela achava que Gisele estava aprendendo, a *Simone* não entendia as notas baixas no boletim.

d. (Correferência Bloqueada pelo Princípio C/Incongruência de Gênero)

Como ela achava que Genaro estava aprendendo, a *Simone* não entendia as notas baixas no boletim.

Apesar de se basear no estudo predecessor em inglês, ela trabalhou a correferência catafórica diferentemente ao espionar a sua ação em orações substantivas objetivas diretas (introduzidas pela conjunção integrante ‘que’) mescladas com coordenadas aditivas (iniciadas pela conjunção ‘e’) em certa classe de condições, as de inexistência do princípio (64a e 64b), concomitantemente também com substantivas objetivas diretas encaixadas dentro de adverbiais causais representadas exclusivamente pela conjunção ‘como’ (64c e 64d); o que difere um pouco da organização experimental adotada por Kazanina e colegas os quais trabalharam em cima também de substantivas e adverbiais, só que integradas e interpostas com outro status e sob as feições de uma modalidade de expressão linguístico-discursiva diferenciada a que se deve, muito em razão é verdade, por se tratar de outro idioma, detentor de suas próprias peculiaridades e idiossincrasias.

Lá, naquela ocasião anglófona (ver Kazanina et. al. 2007), as substantivas, correspondentes a subjetivas nessa situação, foram trabalhadas em um experimento (o segundo daquela pesquisa) que detinha o pronome catafórico, quer livre quer encaixado genitivamente dentro de um DP, em posição objetiva indireta dentro da oração principal em mesclagem com coordenadas adversativas como o ‘but’ (‘mas’), sendo elas as categorias oracionais implementadas para compor as condições experimentais. No terceiro e último teste,

Kazanina e parceiros avaliaram adverbiais temporais por meio do ‘while’ (‘enquanto’), e. g., também finalizadas por adversativas na terceira sentença, última cláusula, a integrar o período composto.

De todo modo, os resultados advindos da execução da experiência despertaram para Lessa (2014) um efeito principal de restrição sintática ou tipo de princípio, revelando que o Princípio C enquanto restrição estrutural é atuante em PB. Todavia, o parâmetro desse resultado é que foi surpreendente e curioso face aos relatos da literatura, pois o princípio atuou facilitando a leitura do poscedente, em potencial, justamente nas condições em que ele permitia a correferência e estava ausente como restrição a não licenciá-la. Isso vai de encontro totalmente com os achados sobre a ação direta do princípio na correferência de dependências catafóricas apreendido por Van Gompel e Liversedge (2003), Kazanina (2005), Kazanina et. al. (2007), Kazanina e Phillips (2010), Maia, Garcia e Oliveira (2012), Pablos et. al. (2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2015), Yoshida et. al. (2014), entre outros já discutidos aqui, os quais vislumbraram o Princípio C atuar facilitando a leitura das frases compreendentes das condições em que ele impedia a correferência, restando tempos de leitura que se revelaram menos céleres nos contextos em que ele estava ausente, qual seja, na condição de *constraint*.

Lessa (2014), diversamente disso, encontrou exatamente o comportamento oposto através do qual a velocidade de processamento do *parser* é bem maior nas circunstâncias em que a restrição do princípio em tela licencia a correferência entre o pronome catafórico e o primeiro sintagma nominal, o NP que funciona como aceitável antecedente. Todavia, é bem possível que esse resultado contrastante ao da literatura prévia, tanto nacional (consultar MAIA, GARCIA & OLIVEIRA, 2012) quanto internacional (avaliar KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007 e outros) se deva ao modo como a metodologia experimental foi organizada e especialmente, no tocante a ela, à maneira pela qual os estímulos foram estruturados por Lessa (2014). É provável que a assimetria que se constata entre parte das condições do experimento, especificamente entre as duas primeiras condições referentes à correferência licenciada, (64a) e (64b), e as duas últimas concernentes à correferência bloqueada, (64c) e (64d), tenham contribuído para a emersão de resultado discrepante ao que seria esperado, além do que o fato de a montagem do experimento em português brasileiro não ter replicado de forma exatamente igual as estruturas das substantivas usadas por Kazanina (2005) e Kazanina et. al. (2007) como frisado acima, visto que os estímulos frasais relativos à experiência em inglês mantiveram a homogeneidade das

construções ao utilizarem apenas substantivas e sem recorrer a adverbiais como ocorreu nesta perquisição em PB.

Ademais, é de se frisar que, muito provavelmente, o uso do pronome catafórico, sob investigação, em assumindo funções sintático-estruturais diversas dentro de categorias sentenciais diferenciadas, enquanto pronome associado à preposição ‘de’ tido por constituinte encaixado de um NP em função de sujeito e sob caso genitivo presente na oração principal e antes da subordinada substantiva (‘dele/dela’ em (64a) e (64b)) e sob as feições de um pronome pessoal em posição de sujeito e sob caso nominativo inserido imediatamente dentro da subordinada adverbial, depois do conectivo ‘como’, e, portanto, fora da principal, embora antes da substantiva a lhe suceder (‘ele/ela’ em (64c) e (64d)), é capaz de ter influído nos resultados gerais, haja vista que Kazanina et. al. (2007) mantiveram os pronomes catafóricos unicamente dentro da sentença matriz e anteriormente às substantivas em todas as condições, sem misturá-las com outras estruturas, tais como as adverbiais, em cada condição específica.

Essa diferença entre o arranjo experimental de Lessa (2014) em português brasileiro e de Kazanina et. al. (2007) em inglês somada à heterogeneidade e/ou assimetria dos estímulos verificada, como se pôde denotar, ao longo das condições daquela (LESSA, 2014) no estudo em PB, constitui evidência robusta para explicar as disparidades de resultados entre ambas as diligências, especialmente quando se é sabido que inúmeros fatores, como se veem elencados pela literatura linguística, podem influir no estabelecimento da correferência e da resolução pronominal, a exemplo da proeminência sintática ou estrutural associada à acessibilidade dos referentes (GORDON & CHAN, 1995; GORDON, GROSZ & GILLIOM, 1993; GORDON & HENDRICK, 1997, 1998; GORDON, HENDRICK, LEDOUX & YANG, 1999; GORDON & SCEARCE, 1995; YANG, GORDON, HENDRICK & WU, 1999; YANG, GORDON, HENDRICK, WU & CHOU, 2001; KENNISON & GORDON, 1997; SWAAB, CAMBLIN & GORDON, 2004); a proeminência semântica, que tem se mostrado afetada pela transitividade verbal (PYYKKÖNEN, MATTHEWS & JÄRVIKIVI, 2010); o contexto discursivo e os modelos do discurso (GREENE, McKOON & RATCLIFF, 1992); a causalidade implícita dos verbos e a semântica verbal (CARAMAZZA, GROBER, GARVEY & YATES, 1977; CARAMAZZA & GUPTA, 1979; COZIIN, COMMANDEUR, VONK & NOORDMAN, 2011; GARVEY & CARAMAZZA, 1974; GARVEY, CARAMAZZA & YATES, 1975; GARNHAM, OAKHILL & CRUTTENDEN, 1992; GARNHAM, TRAXLER, OAKHILL & GERNSBACHER, 1996; GROBER, BEARDSLEY & CARAMAZZA, 1978; KOORNNEEF & VAN BERKUM, 2006; LONG & DE LEY, 2000; McDONALD & MacWHINNEY, 1995; McKOON,

GREENE & RATCLIFF, 1993; PYYKKÖNEN & JÄRVIKIVI, 2010; STEWART, PICKERING & SANFORD, 2000; VAN BERKUM, KOORNNEEF, OTTEN & NIEUWLAND, 2007); a consequencialidade implícita dos verbos (AU, 1986; PICKERING & MAJID, 2007; RIGALLEAU, GUERRY & GRANJON, 2014); o tempo e aspecto verbais (FERRETTI, ROHDE, KEHLER & CRUTCHLEY, 2009; ROHDE & KEHLER, 2008 também citado por FEDELE & KAISER, 2014); a complexidade do sintagma nominal, se caracterizado como um NP simples ou como um NP complexo, do tipo combinado (*conjoined NP*) ou possessivo (*possessive NP*) (GORDON et. al., 1999); a frequência lexical do antecedente (HEINE, TAMM, HOFMANN, HUTZLER & JACOBS, 2006; VAN GOMPEL & MAJID, 2004); os tipos de conectivos oracionais utilizados para interligar as cláusulas ou orações e a classificação sintática assumida pelas sentenças em consonância com seus valores semânticos (EHRlich, 1980; RIGALLEAU, GUERRY & GRANJON, 2014; TRAXLER, BYBEE & PICKERING, 1997); a prosódia dentro da sentença referente ao stress e/ou acentuação pronominal (AKMAJIAN & JACKENDOFF, 1970); a modalização, que corresponde ao uso de construções modais, e o uso dos marcadores espaciais, que são os construtores de espaço associados à geração de espaços mentais no discurso (TRAXLER, SANFORD, AKED & MOXEY, 1997); a distância referencial, aquela estabelecida entre pronome anafórico e/ou anáfora e respectivo antecedente (CLARK & SENGUL, 1979; EHRlich, 1983; EHRlich & RAYNER, 1983; O'BRIEN, ALBRECHT, HAKALA & RIZZELLA, 1995), considerada inclusive a distância semântica entre os referentes (GARROD & SANFORD, 1977; ALMOR, 1999); a tipicidade do termo antecedente em relação à expressão anafórica (ALMOR, 1999; GARROD & SANFORD, 1977; O'BRIEN & ALBRECHT, 1992; O'BRIEN et. al., 1995; O'BRIEN, RANEY, ALBRECHT & RAYNER, 1997; RAYNER, KAMBE & DUFFY, 2000; VAN GOMPEL, LIVERSEDGE & PEARSON, 2004); a informatividade do nome e do pronome enquanto antecedentes e expressões anafóricas (ALMOR, 1999); a elaboração circundante ao termo antecedente que aumenta o grau de ativação nos processos de ressonância (GARROD, O'BRIEN, MORRIS & RAYNER, 1990); mecanismos de supressão e de reforço dos antecedentes no aprimoramento do acesso referencial (GERNSBACHER, 1989); a informação morfológica de gênero (ARNOLD, EISENBAND, BROWN-SCHMIDT & TRUESWELL, 2000; McDONALD & MacWHINNEY, 1995) e de número (VAN GOMPEL & LIVERSEDGE, 2003); a informação contextual (CLARK & HAVILAND, 1977; LEONARD, WATERS & CAPLAN, 1997); a informação inferencial (HAVILAND & CLARK, 1974); a informação pragmática e a

posição gramatical (UENO & KEHLER, 2016); a dinâmica das inter-relações, competição e/ou integração entre as informações morfológicas, as categorias verbais segundo a causalidade implícita dos verbos e as espécies de conectivos oracionais ocorridas em meio ao que se tem definido como princípio da seleção racional das informações (VONK, 1984); as restrições estruturais em interação com informações morfossintáticas (BADECKER & STRAUB, 2002); a marcação (FLETCHER, 1984) e a topicalização, que engloba o tópico e a continuidade tópica (ANDERSON, GARROD & SANFORD, 1983; CLIFTON JUNIOR & FERREIRA, 1987; CHAFE, 1974; GIVÓN, 1983; LESGOLD, ROTH & CURTIS, 1979; MARSLEN-WILSON, LEVY & TYLER, 1982; VAN DIJK & KINTSCH, 1983); a focalização, que envolve o status do foco (COLONNA, SCHIMKE & HEMFORTH, 2013); o foco semântico e estrutural e relações de coerência (STEVENSON, CRAWLEY & KLEINMAN, 1994; STEVENSON, KNOTT, OBERLANDER & McDONALD, 2000); relação entre informação pressuposta e focal, entre pressuposição e foco (YEKOVICH, WALKER & BLACKMAN, 1979); a ordem das palavras e a função gramatical que envolve a influência da informação sintático-estrutural (BOUMA & HOPP, 2006; JÄRVIKIVI, VAN GOMPEL, HYÖNÄ & BERTRAM, 2005); o conhecimento sintático, aquele referente à estrutura sintática (YANG, SU & TAN, 2006); a estrutura episódica (FOX, 1986; TOMLIN, 1987); a estrutura de eventos juntamente com as relações de coerência discursivas (ROHDE, KEHLER & ELMAN, 2006); a estrutura de eventos, de foco e a marcação de foco contrastivo enquanto fontes de informações semânticas (KIM, GRÜTER, SCHAFER, 2013); a interação do conhecimento semântico com o sintático e com a memória de trabalho (HAMMER, JANSMA, LAMERS & MÜNTE, 2008); o conhecimento geral (EHRlich, 1980) e/ou o conhecimento de mundo (STEVENSON & VITKOVITCH, 1986) atrelado à semântica e às inferências estabelecidas nas relações de coerência discursivas (HOBBS, 1979); o conhecimento da estrutura textual operado com base na inter-relação muito próxima e/ou íntima entre informação tópica e informação temática (KIERAS, 1979b); o conhecimento da estrutura e conteúdo semântico guiado pelos efeitos da menção inicial (KIERAS, 1979a); a ação dos papéis temáticos tais como o papel de alvo e de fonte (ARNOLD, 2001); as propriedades estruturais superficiais das sentenças, a passivização, a negação oracional e o relativo status do NP, se congruente ou não congruente com as atitudes, ações e/ou traços lexicais do verbo detentor de causalidade implícita (GARVEY, CARAMAZZA & YATES, 1975); o paralelismo temático¹⁰⁵

¹⁰⁵ O paralelismo temático ou congruência dos papéis temáticos e o paralelismo estrutural ou congruência das

(SMYTH, 1992), que também envolve o influxo dos papéis temáticos (RIGALLEAU, GUERRY & GRANJON, 2014); o paralelismo estrutural (CHAMBERS & SMYTH, 1998; GROBER, BEARDSLEY & CARAMAZZA, 1978; SHELDON, 1974); o pareamento gramatical (SMYTH, 1994); o mecanismo da assinalação ao sujeito (CRAWLEY, STEVENSON & KLEINMAN, 1990; FREDERIKSEN, 1981, 1982) e o efeito da primeira menção juntamente com a manifestação do privilégio da primazia (CARREIRAS, GERNSBACHER & VILLA, 1995; GERNSBACHER, 1990, 1991a, 1991b; GERNSBACHER & HARGREAVES, 1988, 1992; GERNSBACHER, HARGREAVES & BEEMAN, 1989; JÄRVIKIVI et. al., 2005; KIM, LEE & GERNSBACHER, 2004); e até mesmo a diferença de habilidade compreensiva existente entre grupos distintos de pessoas, entre os compreendentes e/ou leitores mais habilidosos e aqueles menos hábeis em tarefas linguísticas de compreensão (OAKHILL & YUILL, 1986).

Além do mais, tendo em vista a abordagem de Lappin e Leass (1994) dentro da Linguística Computacional a qual, respaldada no uso bem-sucedido de algoritmos no tangente à resolução pronominal, deriva uma medida da saliência discursiva a partir de estruturas sintáticas a ser utilizada para resolver a referência de uma expressão pronominal em que se está a par de que uma classe heterogênea de fatores sintáticos intrassentenciais contribuem para essa medida e que um desses fatores intervenientes é o de o pronome não estar contido dentro de outro sintagma nominal ou NP; há de se suspeitar que o uso do pronome ‘ele/ela’, em sua forma possessiva ‘dele/dela’, ao estar encaixado no NP ‘a família’, apenas em parte das condições, em (64a) e (64b), a saber, e não em todas as demais constituintes do experimento, gerou assimetria que, segundo tal abordagem, afeta a resolução pronominal e que, portanto, aponta o caminho de uma provável explicação para os resultados controvertidos obtidos por Lessa (2014).

Assim sendo, diante de todas essas cabais evidências de provável e potencial interferência de variáveis extrínsecas e/ou esdrúxulas, de fatores não devidamente controlados e de algumas falhas no delineamento de alguns pontos concernentes às condições integrantes do design experimental, é preciso examinar mais cuidadosamente este fenômeno e replicar a experiência a fim de se saber quais são as reais propriedades processuais do Princípio C dentro da correferência catafórica pronominal e se ele exerce alguma atuação na resolução

funções sintáticas podem ser consideradas vertentes ou concepções que integram a estratégia processual primordialmente expressa pela hipótese da função paralela, na década de 70, proposta seminalmente por Sheldon (1974).

pronominal deste tipo de correferenciação; é um dos objetivos afinal que se pretende com o experimento desta pesquisa.

Já no tocante ao fator inerente à concordância genérica, ela também achou um efeito significativo em relação à congruência nas situações de bloqueio estrutural pelo princípio de maneira que os tempos de leitura foram mais elevados nos casos de discordância genérica e menos céleres nos de concordância de gênero. Outra significância foi encontrada para os padrões de inacusatividade do princípio perante a sua possível congruência de sorte que, nas situações em que a restrição não bloqueia a correferência e há concordância de gênero, os tempos de leitura do segmento crítico do NP₁ são baixos enquanto que, quando existe discordância, esse valor sobe consideravelmente. Quanto a esses resultados, estão em perfeita sintonia com os daqueles outros estudos correlativos de que se mencionou acima por demonstrarem também um GMME cá no PB.

3.1.4.1.3 LESSA (2014): Estudo Psicolinguístico em Processamento de Leitura Automonitorada, Produção Eliciada e Monitoramento Ocular acerca do Papel do Ordenamento dos Elementos Referencialmente Dependentes em Uma comparação Efetivada entre Correferência Pronominal Anafórica e Catafórica em Adverbiais Condicionais e Temporais em Português Brasileiro (PB) no que se refere às Demarcações do Processamento Sentencial

Lessa (2014) explorou o contraste entre a posição dos elementos referencialmente dependentes e o efeito do material fonológico do pronome em configurações correferenciais junto às quais se comparou o comportamento processual da correferência anafórica com a catafórica a partir da execução de uma tarefa de leitura automonitorada em que foram trabalhadas adverbiais condicionais compostas por duas cláusulas como expostas em (65):

- (65) **a. (Correferência Catafórica com Pronome Nulo)**
Se _{proi} está com muita fome, **o ator_i** almoça na esquina.
- b. (Correferência Catafórica com Pronome Pleno)**
Se **ele_i** está com fome, **o ator_i** almoça na esquina.
- c. (Correferência Anafórica com Pronome Nulo)**
Se **o ator_i** está com fome, _{proi} almoça na esquina mesmo.
- d. (Correferência Anafórica com Pronome Pleno)**
Se **o ator_i** está com fome, **ele_i** almoça na esquina.

❖ Pergunta Interpretativa

Quando o ator está com fome almoça na esquina?

Resposta: Botão Verde = SIM / Botão Vermelho = NÃO

Lessa (2014) averiguou um efeito principal do fator preenchimento do elemento pronominal em que a correferência entre *pro* e pronome pleno revela uma diferença importante e que surpreendentemente o pronome nulo nas configurações correferenciais catafóricas tende a apontar para uma referência extrassentencial e que em qualquer das duas configurações correferenciais o nulo não expõe preferência pela leitura correferencial, mas sim por uma referência disjunta. Mas como a própria autora alerta, isso provavelmente se deu em virtude do tipo de sentença abordada, a condicional, e de como ela se configura em português brasileiro (PB). Como não se é usado produtivamente a estratégia de reflexivização em PB que auxiliam no processo de correferenciação, as condicionais na variedade brasileira acabam por perder poder referencial e pistas estruturais importantes que favoreçam o estabelecimento da correferência.

Ela concluiu que a ordenação linear concernente à disposição dos elementos referencialmente dependentes, as formas pronominais nulas e plenas, parecem ter uma importante função na fluência leitora dos falantes de PB e aventou a possibilidade de que *pro* nos casos de correferência catafórica assumiu uma leitura com referente genérico, isto é, de que o *parser* ao encontrar *pro* sem deter um referente prévio, próprio das configurações catafóricas, assumiria que o referente poderia ser qualquer um, qualquer entidade extralinguística ou nominal intralinguístico, havendo, pois, uma referência indefinida.

Assim, para testar essa hipótese, Lessa (2014) aplicou um experimento *off-line* de produção eliciada com possibilidade de exploração correferencial em formulário de papel e percebeu que a hipótese não se sustentava quanto à interpretação de um referente genérico de modo que ficou testificado que o pronome nulo pode influir em caráter positivo na escolha de uma sentença que explore a correferencialidade entre seus elementos junto a um item que tenha referência não genérica a ser definida em pessoa, em gênero e/ou em número, ou seja, *pro* tende a correferir com um antecedente que não detenha referência genérica.

No quarto e último experimento de sua pesquisa, na experiência de monitoramento ocular, Lessa (2014) procurou determinar o fator paramétrico que determina o preenchimento da posição de sujeito em português brasileiro ao testar a realização fonética do

pronome, a estrutura sintática e a ordem dos elementos correferenciais em estudo que empreendeu comparar as correferências em configurações anafóricas e catafóricas entre si incidentes sobre subordinadas adverbiais temporais compostas por duas cláusulas. Detendo o objetivo de aferir o grau de produtividade ou idiosincrasia demonstrado pelos elementos pronominais em posições cuja correferencialidade pudesse ser permitida ou não em acordância com os princípios estruturais hierárquicos sentenciais associados ao c-comando, a autora descobriu, a partir do esquadrinhamento das sentenças experimentais em (66) que o fator licenciamento estrutural, composto pelas variáveis de bloqueio ou não interferência sintático-estrutural, é atuante e interage significativamente com o fator ordem, constituído por anáfora e catáfora, e material fonético, integrado por pronome nulo e pleno ou lexicalizado que é o pronome preenchido fonética e lexicalmente. O fator ordem também mostrou atuar significativamente de modo isolado e em interação com os fatores licenciamento e material fonético; além do que o fator preenchimento do material fonético igualmente se apresentou como preponderante por si só e ao interagir com o licenciamento, porém não revelou ser significativa sua atuação em conjunto com o fator ordem:

(66) **a. (Correferência Anafórica/Pronome/Ausência de Bloqueio Estrutural)**
Enquanto Isa cozinhava o macarrão ela anotava a receita.

b. (Correferência Anafórica/Pro/Ausência de Bloqueio Estrutural)
Enquanto Isa cozinhava o macarrão anotava a receita.

c. (Correferência Anafórica/Pronome/Atuação de Bloqueio Estrutural)
Isa cozinhava o macarrão enquanto ela anotava a receita.

d. (Correferência Catafórica/Pronome/Ausência de Bloqueio Estrutural)
Enquanto ela anotava a receita Isa cozinhava o macarrão.

e. (Correferência Catafórica/Pro/Ausência de Bloqueio Estrutural)
Enquanto anotava a receita Isa cozinhava o macarrão.

f. (Correferência Catafórica/Pronome/Atuação de Bloqueio Estrutural)
Ela anotava a receita enquanto Isa cozinhava o macarrão.

❖ Pergunta de Compreensão

Quem anotava a receita?

Resposta: a. Isa / b. Outra pessoa

Ao analisar os dados referentes aos resultados comportamentais das respostas às perguntas de compreensão, Lessa (2014) delimitou que, nas configurações catafóricas com correferência bloqueada por princípio estrutural, nomeadamente o Princípio C, os falantes optam por responder à alternativa de letra ‘b’ que remete a ‘outra pessoa’ (87,41%). Já nas situações de correferência livre, quando feita com *pro*, as respostas predominantes fornecidas pelos sujeitos correspondem à alternativa de letra ‘a’, o correferente intrassentencial pretendido (66,14%). Mesmo assim, há de se considerar a elevada taxa de respostas em direção à letra ‘b’ a indicar uma correferencialidade agramatical interna à sentença, isto é, intrafrástica (33,86%). Quanto aos arranjos de correferência livre empreendidas com pronome pleno, ocorre o inverso e existe uma prevalência em os participantes do experimento responderem na direção da letra ‘b’ (66,41%), estabelecendo uma correferência exofórica com um referente extralinguístico, muito embora a taxa de respostas no caminho da letra ‘a’ em que procede a correferência endofórica com o nominativo potencialmente correferente e pretendido, o poscedente que sucede o pronome, é relevante, havendo de ser pesado (33,59%).

Pode ser delimitado pela experiência que, nas condições em que há livre escolha entre se estabelecer a referência intra ou extrassentencial através do pronome pleno, há um equilíbrio bem mais acentuado entre as duas espécies de apontamentos correferenciais, ou seja, para dentro ou fora do universo linguístico nas condições anafóricas em que a flutuação dos índices responsivos é pouco oscilatória, estando estas taxas bem próximas entre si (53% para ‘b’ e 47% para ‘a’ em média). Por sua vez, nos arranjos catafóricos, percebe-se uma predisposição em se apontar o referente do pronome pleno, aquele com quem ele correferencia, para o domínio exofórico ou extralinguístico, isto é, para fora da sentença. Diante disso, uma descoberta curiosa acerca da correferência catafórica foi constatada, de que existe uma tendência bem maior de não observância das restrições estruturais relativas à correferência nas disposições catafóricas quando tomadas em comparação com os arranjos anafóricos e de que coexiste um pendor em se optar pela instituição da referência extrassentencial nas condições em que o pronome pleno precede o nome, quer dizer, nas situações de correferência catafórica (LESSA, 2014, p. 85).

Logo, Foi concluído que a correferência promovida em português brasileiro retrata-se mais relativamente facilitada quando o princípio estrutural proporciona que a correferenciação seja resolvida em seara intrassentencial e que esse mesmo princípio estrutural que é regulado pelo c-comando aparenta constituir-se como válido em PB da mesma maneira que sucedem diferenças de processamento ocasionadas pela presença ou ausência de material fonético no

elemento referencialmente dependente; em outras palavras, que ocorrem distinções processuais entre *pro* e pronome pleno na constituição da correferência pronominal.

Enfim, pesando-se o todo da pesquisa de Lessa (2014), consensualizou-se que existe um ordenamento entre elementos autorreferentes ou autodenotantes e referencialmente dependentes que é prevalente e preferido pelos falantes de português brasileiro à luz da economia do processamento de forma tal que a estratégia mais econômica corresponde à ordenação anafórica em detrimento da configuração catafórica. Isso acontece porque uma dependência referencial que é criada sem elemento conceitual preenchedor causa uma espécie de desconforto temporário para o sistema e para o *parser* gerado pela lacuna da informação pendente. Aliás, embora a autora não tenha se dado conta disso à época, é plenamente possível encarar esse dito incômodo como sendo reflexo direto da atuação de mecanismos processuais inerentes às *filler-gap dependencies* e mais especificamente à ação interveniente do processo de busca ativa, a *active search*.

“Haveria, na mente, um modelo conceitual mental *default*, que exhibe preferência por partir do elemento referencialmente autônomo, e então, a partir dele, usar itens linguísticos referencialmente dependentes, que podem ser a ele ligados” em face disso, a propósito (LESSA, 2014, p. 88). Nessa linha, é tanto pensável quanto possível pesar a correferência como sendo um mecanismo linguístico híbrido, situado no meio do caminho ou trajetória computacional, entre a sintaxe pura a qual é automática, reflexa, biológica e regida por algoritmos e o discurso o qual compreende um terreno consideravelmente marcado pela subjetividade, idiosincrasia, pragmática e imprevisibilidade dos fatos, processos e fenômenos quer linguísticos quer paralinguísticos. A autora finaliza suas ponderações, portanto, concluindo ser pertinente declarar que:

Quando aparece antes do elemento com autonomia conceitual, um pronome causa uma dificuldade de compreensão leitora bem maior do que na ordem inversa, com um modelo conceitual de dependências referenciais apresentadas após elementos denotantes. Aparentemente, quando o pronome não está materializado foneticamente, a carga de facilidade no processamento e a taxa de correferência realizada diminuem consideravelmente, em contraste ao pronome pleno. As restrições estruturais estipuladas pela TL também respondem por um efeito significativo na observação das possibilidades de reconhecimento da referência compartilhada entre os elementos linguísticos intrassentenciais. (LESSA, 2014, p. 89).

Enfim, depois de completada esta revisão bibliográfica que permitiu conhecer o panorama detalhado do estado da arte concernente ao atual estágio de desenvolvimento das pesquisas desenvolvidas em torno da correferência catafórica pronominal tanto em nível

nacional quanto internacionalmente, passemos à descrição, análise e avaliação pormenorizada do experimento, o qual compreendeu esta inquirição, a seguir, no próximo capítulo, ao longo do qual a metodologia de sua condução será explicitada e também explicada, bem como os resultados e a discussão inerente à execução da experiência psicolinguística serão empreendidos.

CAPÍTULO 4:

A METODOLOGIA ADOTADA, OS RESULTADOS EXPERIMENTAIS E A DISCUSSÃO DO EXPERIMENTO

Tratar-se-á, neste capítulo, considerando o até então exposto, da consecução do experimento aplicado, de sua elaboração, delineamento e aplicação prática perante os sujeitos escolhidos, após triagem delicadamente procedida, além de que haverá análise minudente acerca dos resultados logrados depois de rodada tal experimentação, talqualmente se procederá, enfim, à devida discussão em respeito aos corolários granjeados.

Nesses termos, discorrer-se-á sobre o experimento que foi executado no decorrer desta inquirição o qual integra a sondagem do comportamento processual no português brasileiro, em termos psicolinguísticos, do fenômeno linguístico relativo à catáfora por meio da correferência catafórica pronominal pessoal de terceira pessoa do singular do caso reto, em função nominativa, a qual é desencadeada através de determinado pronome pessoal que, como forma remissiva, dentre os referentes em interação, se coaduna correferencialmente a um sintagma nominal ou NP o qual funciona como seu respectivo **antecedente** ou, melhor classificando, **poscedente** como já elucidado antes.

Por assim dizer, esta pesquisa segue os moldes das investigações, em Psicolinguística Experimental e no tocante ao Processamento Linguístico, as quais foram desenvolvidas em torno do mesmo fenômeno cá já mencionado, isto é, em relação às manifestações catafóricas correntes em língua inglesa, russa e japonesa procedentes em torno do uso sistematizado da técnica experimental da leitura automonitorada, a *self-paced reading*, em estudos liderados pelo pesquisador inglês e/ou britânico, naturalizado norte-americano, Collin Phillips (AOSHIMA, YOSHIDA & PHILLIPS, 2009; KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007; KAZANINA & PHILLIPS, 2010) de maneira tal que corresponde a uma extensão destes estudos para a nossa língua nacional ou vernácula, a portuguesa brasileira, a qual parcialmente carece desse tipo de abordagem.

Abordar-se-ão, por conseguinte, as etapas efetuadas na realização do experimento *on-line* de leitura automonitorada (*self-paced reading*), em se tratando da conformação deste exame, deliberado a partir da monitoração dos efeitos oriundos da análise do comportamento deste fenômeno em testilha, o qual foi empiricamente testado.

Passemos, por fim, à constatação do modo como tal experiência *on-line* de leitura automonitorada foi operada durante o desenvolvimento da pesquisa. Logo, os detalhes

operacionais, metodológicos e os respectivos resultados, prontamente seguidos da sua fiel interpretação, proporcionada, afinal, pela examinação dos dados empíricos que foram obtidos durante a execução do teste, são retratados logo a seguir.

4.1 O EXPERIMENTO

Este experimento, a compor tal pesquisa maestral, consiste em uma tarefa *on-line*, tipificada como uma atividade de leitura automonitorada, que, através do emprego do paradigma da incongruência de gênero, pretende depreender as propriedades subjacentes à operacionalização da correferência catafórica e cuja meta abrange testar o impacto que o Princípio C possa exercer sobre a procura, feita pelo *parser*, por poscedentes para o pronome pessoal, o qual funciona como forma remissiva e/ou catáfora dentro do contexto de manifestação desse fenômeno linguístico correferencial, de cunho catafórico e de natureza pronominal pessoal, em virtude de ser efetivado por um pronome pessoal de terceira (3ª) pessoa o qual exerce a função nominativa típica do Caso Nominativo, dentro da Teoria do Caso, e a de agente, junto à Teoria Temática.

Da mesma maneira, com fulcro em tais observações e na investigação efetuada em torno da ocorrência dessa forma de expressão linguística, a experiência objetiva, outrossim, descobrir se o *parser* instaura uma busca ativa por um poscedente assim que visualiza o pronome catafórico – a forma remissiva que consta como um dos referentes junto à correferência estabelecida –, gerando, dando partida e produzindo, como efeito, tal *active search* ao procedimento linguístico e cognitivo da varredura prospectiva segundo a orientação própria captada por intermediação do Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa, resumidamente MPFDA.

No mais, o experimento enseja constatar se os *traços-phi* (ϕ) de gênero, juntamente com as restrições sintáticas, as *constraints*, interferem no processamento da correferência catafórica pronominal pessoal em português brasileiro de forma a se observar se a seleção de poscedentes para o pronome catafórico é diretamente influenciada também por tais fatores morfossintáticos, além de o ser pelos sintáticos os quais estão devidamente representados pela restrição do Princípio C.

Enfim, esta experiência, vale evidenciar, foi elaborada e aplicada com vistas a testar o impacto que o Princípio C exerce na procura por poscedentes válidos e plausíveis para serem correferenciados ao pronome catafórico. Intenta-se, *eo ipso*, captar os efeitos, em tempo real, desse princípio no comando e orientação que ele busca conferir à catáfora, o pronome pessoal

que precisa correferenciar-se com um NP, na efetuação da correferência endofórica subclassificada como catafórica em sentenças adverbiais causais e concessivas as quais sejam compostas por três cláusulas distintas, sendo uma a concernente à oração principal, a outra referente à oração subordinada adverbial causal ou concessiva e a seguinte relativa à oração subordinada adverbial temporal encaixada.

Em contrapartida, a elaboração do experimento tal como operacionalizada nesta inculca, através do qual os meios para viabilizar a confrontação entre as duas categorias de condições, diferenciadas pela operacionalização ou não do Princípio C, acabou por, consequentemente, permitir experienciar se o MPFDA existe e opera no PB e até que ponto essa busca é orientada e/ou otimizada pelo casamento, entre os potenciais termos correferentes, da informação morfossintática inerente aos seus *traços-phi* (ϕ) de gênero a ponto de a congruência entre ambos, forma remissiva (pronomes catafóricos ou catáfora) e poscedente em potencial, interferir no estabelecimento da correferência entre os poscedentes disponíveis.

Em assim sendo, na subseção por vir, explanar-se-á acerca do método utilizado nas etapas de consecução e viabilização do experimento, retratando-se quais foram os participantes da experiência, a metodologia adotada no experimento, os materiais usados na delineação dos estímulos experimentais, o design elaborado na constituição da arquitetura experimental e os procedimentos empregados na consecução do exercício experiencial. Só então, depois, serão deflagradas as hipóteses e previsões relativas aos esperados resultados e/ou efeitos a emergirem da execução do experimento a fim de que finalmente tanto os dados quanto os resultados, de fato, sejam apresentados. Por conclusão, encerrar-se-á o capítulo com a respectiva interpretação dos dados, seguida da pertinente discussão dos resultados então retratados, de modo que se fará o encaminhamento da exposição das conclusões as quais foram obtidas a partir da execução do experimento e que serão apresentadas no último capítulo referente à Conclusão da pesquisa.

Em resumo, serão descritos pormenorizadamente abaixo, nos tópicos que se seguem, cada etapa traçada, assim como os detalhes da organização, condução e execução completa do experimento em todos os seus estágios, desde aqueles pertinentes à formulação dos estímulos e à sua modelagem no programa informático apropriado até a aplicação em tempo real perante os sujeitos testados, os quais serviram de cobaia para o empreendimento do estudo. Retratar-se-á, de igual modo, a tabulação, bem como a interpretação dos dados oriundos da atividade experimental adotada.

4.1.1 Método

a) Participantes

Os sujeitos participaram de forma voluntária do experimento, compreendendo um montante de 23 participantes adultos, em sua totalidade, submetidos à experiência, sem desordens médicas, psiquiátricas, cognitivas, visuais e/ou de leitura as quais comprometessem a realização do experimento, através do ato de ler a este subjacente, sendo todos residentes do município e região metropolitana de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, localizado na região Nordeste do Brasil, falantes nativos do português brasileiro (PB) e com idade entre 18 e 40 anos, fato caracterizador, pois, de uma média etária de 26 anos.

Afora isso, os indivíduos detentores de distúrbios oftalmológicos participaram da atividade por meio do uso de seus próprios óculos de grau, com os quais já estão adaptados e acostumados, para correção visual durante a participação no exercício experimental por forma que isso não interferisse nos resultados finais do teste. Houve uma distribuição mais ou menos equivalente no tangente ao sexo entre a participação de mulheres e de homens, tendo havido a participação de 14 pessoas do gênero feminino e de 09 do sexo masculino de modo tal que, enfim, o experimento contou com a participação de 23 indivíduos. Cada participante, dentre as moças e rapazes que se voluntariaram, foi apresentado a uma e unicamente a uma das cinco listas que compuseram o Quadrado Latino.

Depois da submissão ao experimento, cada sujeito preencheu e respondeu ao Questionário Acadêmico-Científico de Pesquisa Experimental (APÊNDICE E), anotando seus dados pessoais e respondendo aos questionamentos médicos arrolados no documento. Na sequência, cada um deles leu e assinou o Termo de Compromisso (APÊNDICE F) integrante da pesquisa experimental. A seguir, da mesma maneira, cada participante foi instruído a ler, a preencher suas informações pessoais e a assinar o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE G), apondo ainda a sua respectiva rubrica em cada uma das páginas desse último documento submetido à apreciação dos voluntários.

A propósito, o Questionário Acadêmico-Científico de Pesquisa Experimental, o Termo de Compromisso e o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE podem ser consultados no final desta dissertação, na seção dos APÊNDICES na página 398. O primeiro documento acima citado, enumerado como Apêndice E, está localizado na página 458, o

segundo, descrito como Apêndice F, mantém-se situado na página 461 e o terceiro, intitulado de Apêndice G, encontra-se na página 462.

Observemos, em seguida, a metodologia eleita para compor esta pesquisa e os recursos metodológicos empregados para viabilizar o experimento.

b) Metodologia

A idealização, a elaboração e a estruturação organizada e sistemática dos estímulos procederam inicialmente em um editor de texto, o Microsoft Word 2010, ao passo que, depois de arquitetadas as orações tanto experimentais quanto distratoras, houve a modelagem e a programação do experimento em um software especializado para desenvolvimento de pesquisas científicas, o programa computacional Paradigm, versão 2.5.0, para que a experiência, em seguida, fosse aplicada perante os sujeitos participantes da tarefa. A atividade experimental de caráter acadêmico-científico, eleita para a consecução do teste, a partir da montagem do experimento, dentro do respectivo programa de informática, correspondeu à leitura automonitorada (*self-paced reading*) desenvolvida dentro do paradigma não-cumulativo do *moving-window*. Assim, o experimento foi estruturado e aplicado perante os sujeitos com base no padrão conduzido por Just, Carpenter e Woolley (1982)¹⁰⁶.

Os estímulos experimentais compreenderam sentenças complexas, períodos compostos constituídos por no mínimo três (03) orações ou cláusulas as quais possuem, portanto, três (03) verbos e três (03) sujeitos, sendo dois destes representados por sintagmas nominais ou NPs (*Nominal Phrases*) e um dos tais por um pronome pessoal de terceira pessoa, no singular, do caso reto, quer masculino quer feminino, ‘*ele*’ e ‘*ela*’, dispostos na função própria do caso nominativo e na posição temática de agente.

Cada período possui uma oração subordinada adverbial temporal, segundo a definição de construções temporais proposta por Neves (2000, p. 787-801), diretamente intercalada seja a sua correspondente oração subordinada adverbial causal, talqualmente no sentido da conceituação de construções complexas causais de Neves (2000, p. 801-829), seja a uma oração subordinada adverbial concessiva, também conforme o critério classificatório para as conjunções concessivas instituído em Neves (2000, p. 862-884), com as quais interage ou na 1ª classe de sentenças experimentais ou na segunda (2ª) como no disposto nestes exemplos seguintes em (67) e (68) para a adverbial causal e para a concessiva respectivamente:

¹⁰⁶ Confronte o modelo *moving-window condition* cá adotado respectivamente com o *cumulative condition* e *stationary-window condition* de Just, Carpenter e Woolley (1982) e Aaronson e Scarborough (1976).

(67) [[Uma vez que recentemente *ela_i* contabilizava os mantimentos para a campanha] sentença adverbial causal [enquanto *Laila_j* *segmento crítico* cadastrava os beneficiários aptos a participarem do programa assistencial,] adverbial temporal [*Carol_i* se dedicava ao máximo no trabalho para atender aos mais necessitados.]] matriz ou oração principal

(68) [[Mesmo que no tangente à rescisão de contrato *ele_i* tenha de avaliar as cláusulas contratuais do acordo] sentença adverbial concessiva [enquanto *Ivan_j* *segmento crítico* se preocupa em atestar sua validade jurídica,] adverbial temporal [*Fabio_i* sempre solicita uma revisão extra da análise geral a um terceiro especialista.]] matriz ou oração principal

Averiguemos no quadro retratado infra, bem a seguir, o Quadro 1, duas das sentenças utilizadas durante o experimento de acordo com a maneira que foram segmentadas durante a modelagem computacional no referido programa experimental e as quais foram extraídas das condições elaboradas para o desenvolvimento da perquisição:

Quadro 1 - Sentenças Adverbiais Causais e Concessivas

SENTENÇA ADVERBIAL CAUSAL
➤ Visto que / antigamente / <i>ela_i</i> / trabalhava / como vigia / a noite toda / enquanto / <i>Selma_{ii}</i> / tinha / de estudar / para a universidade, / <i>Julia_i</i> / acabava / se preocupando / com as noites não dormidas / da amiga estudando. Pergunta-sonda: Selma trabalhava como vigia a noite toda? Não
SENTENÇA ADVERBIAL CONCESSIVA
➤ Embora / nos primeiros dias de aula / <i>ela_i</i> / tivesse / o costume / de permanecer mais tempo / dentro da sala / enquanto / <i>Lane_{ii}</i> / conversava / as novidades com a turma, / <i>Paty_i</i> / dessa vez / acabou saindo para se enturmar / com as meninas na cantina. Pergunta-sonda: Lane costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não

Fonte: Dados da pesquisa.

Aliás, a lista com a amostragem de todos os estímulos e sentenças experimentais usadas nesta experiência encontra-se na seção dos APÊNDICES (pág. 398), podendo ser consultada no final desta dissertação tal-qualmente sob o título de Apêndice A na página 399.

A primeira cláusula do Quadro 1 corresponde a um exemplo oriundo da primeira classe de sentenças a qual foi organizada e modelada, em que há a presença de um conectivo, categorizado como locução conjuntiva causal, o qual compreende a oração subordinada adverbial¹⁰⁷, segundo a nomenclatura da GT, denominada daqui por diante de sentença adverbial causal de acordo com a nomenclatura técnica da GG¹⁰⁸, de que se mencionou antes. Já a segunda exemplificação retratada pelo Quadro 1 acima advém da segunda classe em que vigora uma locução conjuntiva ou conjunção concessiva a compreender a oração subordinada adverbial concessiva conforme a GT e intitulada daqui para frente de sentença adverbial concessiva consoante o disposto pela GG.

As variáveis independentes utilizadas, a propósito, na conformação dos estímulos experimentais foram a restrição sintática (Presença do Princípio C vs. Ausência do Princípio C) e a congruência de gênero (Incongruência de Gênero vs. Congruência de Gênero) à proporção que a variável dependente correspondeu ao tempo de leitura de cada segmento crítico das divisões frasais operadas sobre as frases interpostas para integrarem o processo experimental da leitura automonitorada. Dessa forma, os períodos ou possuem a restrição sintática aludida ou não a possuem de maneira a haver ou não a existência e operacionalização do Princípio C sobre a superfície frasal em pauta.

Da mesma maneira, cada período detém a concordância de gênero entre os referentes ou então tais correferentes refletem não concordarem em termos genéricos de maneira que a forma remissiva e o seu respectivo antecedente, notadamente o poscedente como já se tem frisado e aludido nos capítulos anteriores, ora mantêm congruência de gênero, sendo ambos masculinos ou femininos, ora manifestam incongruência, sendo um masculino enquanto o outro feminino.

Vejamos agora, pois, que materiais foram utilizados na consecução do experimento, como também o design que foi configurado para a execução da experiência na subseção seguinte a fim de que, logo em seguida, seja detalhadamente abordado o procedimento adotado para tanto.

¹⁰⁷ Olhe Neves (2000, p. 787-929) para obter uma detida e mais elaborada conceituação, caracterização e classificação sobre as conjunções subordinativas adverbiais no português brasileiro (PB).

¹⁰⁸ GT = Gramática Tradicional enquanto GG = Gramática Gerativa.

c) *Materiais e Design*

O experimento foi idealizado de maneira tal a ser composto por 4 conjuntos experimentais e 1 controle, totalizando 5 conjuntos, com 30 sentenças experimentais, divididas em dois pacotes ou classes de 15 cada em que, em um deles, as sentenças foram construídas com 3 locuções conjuntivas adverbiais causais (já que, uma vez que, visto que) e, na outra, por 3 conjunções ou locuções conjuntivas adverbiais concessivas (embora, ainda que, mesmo que) de tal modo que cada uma das sentenças se desdobrou ou foi projetada ao redor de 05 frases por condição, 04 das quais organizadas em um design 2X2, detendo os fatores *Constraints* ou operação da Restrição Sintática (Princípio C vs. *No-constraint*/Não-restrição) e caracterização da Congruência de Gênero (Congruência/Match vs. Incongruência/Mismatch entre o pronome e o sujeito da segunda oração). Além disto, em cada conjunto de estímulos, como frisado, foi adicionada uma sentença referente a uma quinta condição, a condição controle de nome ou *name control* em que há uma correferência anafórica para balancear a análise e permitir uma comparabilidade paramétrica com o fenômeno analisado.

As condições, por sua vez, foram dispostas em torno de 30 conjuntos de frases experimentais distribuídos ao longo de 05 listas por meio do delineamento de Quadrado Latino e seguindo também a lógica da delineação do tipo *within subjects* (intrassujeitos), por tal forma que cada sujeito submetido à experiência visualizou e teve contato com tão somente um conjunto experimental de apenas uma das cinco listas produzidas para a experimentação. Em respeito a isso, o quadro expositivo com a montagem das condições experimentais dentro do quadrado latino está disponível para eventuais consultas na secção APÊNDICES, estando tal arquivo nomeado de Apêndice C na página 434.

Todos os participantes visualizaram todas as condições existentes, só que sem enxergarem ou contatarem os mesmos itens experimentais de cada condição de modo que todos os participantes estiveram em contato com todas as condições experimentais, mas não com mais de uma versão do mesmo item experimental de cada condição. Além do mais, essas sentenças experimentais foram intercaladas com o triplo de distratoras, o que se traduz em um total de 90 estímulos frasais. No a isso tocante, todas as 90 frases distratoras utilizadas neste experimento podem ser consultadas no final do trabalho na seção dos APÊNDICES, estando este documento denominado de Apêndice B na página 420.

A mais, em rápidas pinceladas, cada classe teve os pronomes e nomes balanceados quanto ao gênero masculino e feminino de sorte que, quando em uma das classes ocorreram 05 pronomes pessoais femininos ‘ela’ e 10 masculinos ‘ele’, na outra sucederam 10 pronomes ‘ela’ e 05 pronomes ‘ele’. Por fim, os estímulos experimentais foram combinados e intercalados com 90 conjuntos de sentenças distratoras como já pontuado.

Quadro 2 - Primeira Classe de Sentenças Experimentais

CONDIÇÕES DA PRIMEIRA CLASSE DE SENTENÇAS EXPERIMENTAIS: AS ADVERBIAIS CAUSAIS	
❖ 1ª Condição (PrinC/Match):	Visto que \ tempos atrás \ ~~ela~~ _i \ estava estudando \ para a seleção \ enquanto \ <u>Carmen</u> \ trabalhava \ o dia inteiro, \ <u>Carla</u> _i \ se sentia \ constrangida \ por não contribuir \ também \ com as despesas. (15 segmentos)
Pergunta-sonda:	Carmen estava estudando para a seleção? Não
❖ 2ª Condição (PrinC/Mismatch):	Visto que \ tempos atrás \ <u>ela</u> _i \ estava estudando \ para a seleção \ enquanto \ <u>Paulo</u> \ trabalhava \ o dia inteiro, \ <u>Carla</u> _i \ se sentia \ constrangida \ por não contribuir \ também \ com as despesas.
Pergunta-sonda:	Paulo estava estudando para a seleção? Não
❖ 3ª Condição (No-Const/Match):	Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ <u>ela</u> _i \ estava estudando \ para a seleção \ <u>Carmen</u> _i \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Paulo \ quase \ não a via \ para namorar \ por ela \ viver \ muito ocupada. (16 segmentos)
Pergunta-sonda:	Carmen estava estudando para a seleção? Sim
❖ 4ª Condição (No-Const/Mismatch):	Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ <u>ela</u> _i \ estava estudando \ para a seleção \ <u>Paulo</u> \ trabalhava \ o dia inteiro, \ <u>Carla</u> _i \ prontificou-se \ a vê-lo \ para namorar \ nas horas vagas \ disponíveis \ para os dois. (16 segmentos)
Pergunta-sonda:	Paulo estava estudando para a seleção? Não
❖ 5ª Condição (Name Control):	Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ <u>Carla</u> _i \ estava estudando \ para a seleção \ <u>Paulo</u> \ trabalhava \ o dia inteiro, \ <u>ela</u> _i \ prontificou-se \ a vê-lo \ para namorar \ nas horas vagas \ disponíveis \ para os dois.
Pergunta-sonda:	Paulo estava estudando para a seleção? Não > <u>Segmento Crítico: 7º</u>

Fonte: Dados da pesquisa.

As condições experimentais planejadas, concebidas e esboçadas foram as seguintes: a primeira condição possui o Princípio C junto à congruência de gênero (*PrinC/Match*); a segunda, a presença do Princípio C em consonância com a incongruência de gênero (*PrinC/Mismatch*); a terceira apresenta a não presença do Princípio C junto com a

congruência de gênero (*No-constraint/Match*); a quarta enquadra também a não observância do Princípio C coadunado com a incongruência de gênero (*No-constraint/Mismatch*); e a quinta corresponde à condição controle em que ocorre uma correferência anafórica, oposta e simétrica à catafórica. No que a isso diz respeito, as condições da primeira classe que englobam as sentenças adverbiais causais podem ser miradas no Quadro 2 imediatamente acima posicionado para averiguação.

Quadro 3 - Segunda Classe de Sentenças Experimentais

CONDIÇÕES DA SEGUNDA CLASSE DE SENTENÇAS EXPERIMENTAIS: AS ADVERBIAIS CONCESSIVAS

❖ **1ª Condição (PrinC/Match):** Embora \ todo fim de semana \ ~~ela~~_i \ caminhasse \ pela calçadinha da orla \ enquanto \ Sara \ contemplava \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ focava \ mais nos seus exercícios físicos \ e acabava não percebendo \ a beleza natural ao seu redor. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

❖ **2ª Condição (PrinC/Mismatch):** Embora \ todo fim de semana \ ela_i \ caminhasse \ pela calçadinha da orla \ enquanto \ Bruno \ contemplava \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ focava \ mais nos seus exercícios físicos \ e acabava não percebendo \ a beleza natural ao seu redor.

Pergunta-sonda: Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

❖ **3ª Condição (No-Const/Match):** Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ ela_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Sara_i \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ Bruno \ teimava \ em não acompanhar \ a mulher nos exercícios físicos \ e nas caminhadas diárias \ rentes ao mar. **(16 segmentos)**

Pergunta-sonda: Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Sim

❖ **4ª Condição (No-Const/Mismatch):** Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ ela_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Bruno \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ não se dava conta \ da beleza natural \ ao seu redor \ ao se concentrar inteiramente \ no seu exercício físico. **(16 segmentos)**

Pergunta-sonda: Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

❖ **5ª Condição (Name Control):** Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ Laís_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Bruno \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ ela_i \ não se dava conta \ da beleza natural \ ao seu redor \ ao se concentrar inteiramente \ no seu exercício físico.

Pergunta-sonda: Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não >

Segmento Crítico: 7º

Fonte: Dados da pesquisa.

Por seu lado, as condições da segunda classe que abarcam as sentenças adverbiais concessivas podem ser espreitadas no Quadro 3 o qual está exposto bem acima para a devida verificação.

Em ambas as amostragens exemplificativas, é possível ver detalhes da elaboração e organização dos estímulos, assim como as minúcias que foram tomadas para o delineamento de cada uma das frases experimentais e de suas respectivas condições a compor o experimento. Assim, em linhas gerais, a estrutura das sentenças experimentais e o modo de segmentação delas seguiu o esquema conforme exposto a seguir: CP (sintagma complementizador representado pelo complementador que é a conjunção ou locução conjuntiva causal ou concessiva) + AdvP (sintagma adverbial representado pelo advérbio ou locução adverbial) + {CP (*sintagma complementizador representado pelo complementizador que é a conjunção temporal*)} ou ϕ a depender da condição + Pronome Catafórico ou NP a depender da condição + V (verbo) seguido de seus complementos e/ou adjuntos (NPs, PPs, APs e/ou AdPs a depender do conjunto experimental) + {CP (*sintagma complementizador representado pelo complementizador que é a conjunção temporal*)} ou ϕ a depender da condição + 1º NP[+animado] (Congruente ou Incongruente a depender da condição) + V seguido de seus complementos e/ou adjuntos e podendo ser precedido por um AdvP em certos conjuntos experimentais por questões semânticas + 2º NP[+animado] ou Pronome Anafórico a depender da condição + V seguido de seus complementos e/ou adjuntos podendo ser precedido por um AdvP em certos conjuntos experimentais por questões semânticas.

O segmento crítico relativo ao 1º NP foi modificado entre as condições: na 1ª e 3ª condição o 1º NP concordava morfológicamente em gênero com o pronome catafórico, sendo um poscedente aceitável para o pronome na 3ª condição isenta de restrição sintática, mas não na 1ª condição em que opera o Princípio C; ao passo que na 2ª e 4ª condições o 1º NP discordava em gênero do pronome catafórico, não sendo um poscedente viável para o pronome em nenhuma dessas duas condições quer na 2ª condição de vigência da restrição sintática quer na 4ª condição de não operância do Princípio C. Nas 3ª e 4ª condições, em que não vigora a restrição sintática do Princípio C, houve uma alteração do encaixamento da adverbial temporal e consequentemente do complementador de modo que a conjunção enquanto foi deslocada para se posicionar antes do pronome catafórico a fim de permitir que o Princípio C não operasse em razão de o pronome passar a não mais c-comandar o 1º NP. Já nas 1ª e 2ª condições o complementizador representado pela conjunção enquanto permaneceu posicionado antes do 1º NP da posição para que o Princípio C pudesse atuar, já que assim, nessa disposição, o pronome passa a c-comandar o 1º NP e a invalidá-lo sintaticamente como

possível poscedente. Fora isso, nas 1ª e 2ª condições em que procede o Princípio C, o pronome catafórico foi disposto de modo a correferir com o 2º NP com o qual concorda morfológicamente em gênero. Na 3ª condição de não ocorrência de restrição o pronome concorda genericamente com o 1º NP com quem deve correferir e discorda do 2º NP à medida que na 4ª condição o pronome catafórico concorda com o 2º NP com quem se espera que ele correfera e discorda do 1º NP. Em todos os casos, as sentenças foram semanticamente dispostas e montadas de tal forma para que o pronome catafórico pudesse sintática e morfológicamente ter um correferente endofórico que permitisse que a relação correferencial fosse resolvida intrassentencialmente. Por último, a 5ª condição, a controle, foi estruturada de forma idêntica à 4ª condição com a diferença apenas de que o pronome, para se transformar em anafórico, teve sua posição trocada com o 2º NP para que então se sucedesse uma correferência anafórica.

Além do mais, ao final de cada sentença experimental, uma questão compreensiva relativa à pergunta-sonda foi apresentada em todos os itens experimentais com foco no estabelecimento da correferência catafórica pretendida entre o pronome catafórico e o 1º NP localizado na posição de sujeito a fim de checar se o participante, de fato, firmou a relação correferencial ou referência disjunta que se almejava, seguindo o seguinte modelo de acordo com as sentenças acima exibidas a título exemplificativo: “Carmen estava estudando para a seleção?” para as 1ª e 3ª condições da primeira classe das adverbiais causais, havendo de se esperar a resposta “Não” para a 1ª condição e “Sim” para a 3ª; bem como “Paulo estava estudando para a seleção?” para as 2ª, 4ª e 5ª condições também da primeira classe de adverbiais causais, havendo de se aguardar a resposta “Não” para as três condições, sendo a 5ª condição a controle relativa à correferência anafórica. Do mesmo modo, seguiu-se o modelo “Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla?” para as 1ª e 3ª condições da segunda classe das adverbiais concessivas em que se esperava a resposta “Não” para a 1ª condição e “Sim” para a 3ª; assim como “Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla?” para as 2ª, 4ª e 5ª condições também da segunda classe de adverbiais concessivas junto às quais a resposta esperada era “Não”. Assim sendo, as respostas negativas na direção do “Não” na 1ª, 2ª e 4ª condições tinham o propósito de indicar que os participantes estabeleceriam a referência disjunta entre o pronome catafórico e o 1º NP ao passo que as respostas positivas no sentido do “Sim” na 3ª condição almejavam apontar para o fato de que os mesmos participantes firmariam a correferência catafórica entre os postulados potenciais correferentes. Já a resposta igualmente negativa caracterizada como “Não” na 5ª condição concernente à controle objetivou observar, a partir da confirmação da referência disjunta no

momento de concessão da resposta pelo sujeito, se os participantes não sobrepunham as ações referentes ao 1º NP sobre o 2º NP ou vice-versa durante a interpretação da sentença a ponto de considerar que o ato expresso por um dos NPs seria também expressado pelo outro NP devido à complexidade e extensão da sentença lida.

Eis as condições presentes em cada conjunto de sentença experimental, melhor elencadas e passíveis de serem visualizadas pela diagramação e exemplificações a seguir:

- Condição a: Principle C, Gender-match
- Condição b: Principle C, Gender-mismatch
- Condição c: No-constraint, Gender-match
- Condição d: No-constraint, Gender-mismatch
- Condição e: Name control¹⁰⁹

Agora, pois, avaliemos, logo a seguir, os procedimentos que foram adotados para a consecução da experiência e como eles foram operacionalizados.

d) Procedimento

Os cuidados iniciais, para iniciar a rodagem do experimento e a fim de que a experimentação ao final lograsse êxito e fosse um sucesso, foram tomados de tal maneira que alguns procedimentos foram adotados para garantir o máximo proveito da tarefa a ser realizada pelos participantes escolhidos. A execução do experimento ocorreu na sala do LAPROL (Laboratório de Processamento Linguístico), dentro dos domínios da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), ou seja, no laboratório pertencente ao grupo de estudos do GEPROL (Grupo de Estudos em Processamento Linguístico) ao qual pertenço, integro e onde exerço minhas funções, estudos e pesquisas.

A sala situa-se no primeiro andar do prédio principal e central do CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes), no Campus I (Primeiro), sede da respectiva universidade no estado, que se localiza na cidade de João Pessoa, capital estadual da Paraíba. O laboratório, local de aplicação das experimentações, a propósito, está locado em um ambiente reservado, silencioso e isolado acusticamente de

¹⁰⁹ Significados e respectivas traduções em língua portuguesa: *Gender-match* = Congruência de gênero; *Gender-mismatch* = Incongruência de gênero; *No-constraint* = Sem Restrição; *Name control* = Controle de nome por anáfora.

ruídos e interferências externas, condição imprescindível para a lisura e correição das atividades.

Logo, a primeira etapa seguida procurou familiarizar tal participante com o teste ao qual seria submetido. Inicialmente, assim que a pessoa a ser testada chegava ao local de trabalho, o experimentador colhia suas informações pessoais e checava os dados, previamente colhidos em outro dado momento ou dia, os quais garantiam que o participante preenchia os requisitos necessários para participar da pesquisa sem comprometer a validade científica da mesma. Como protocolo, procedia-se com a checagem e anotação – em inventário específico a compor a documentação e arquivos inerentes aos dados pessoais de todos os participantes da inquirição – do nome completo da pessoa, a idade, o sexo e a data e horário em que foi realizada a tarefa componente do experimento. Daí, sequencialmente, o sujeito sentava-se em uma poltrona confortável e acolchoada das instalações laboratoriais de frente para o computador, a máquina em que seria executado o experimento, o qual era colocado sobre a mesa principal do salão.

O PC usado, aliás, foi um moderno *notebook* ou *lap top* da marca Acer com características técnicas de hardware e software arrojadas e cujas configurações caracterizadoras são estas: processador Intel Core I5-2450M de 2,5 GHz de frequência com *Turbo Boost* que pode solavancar a potência processual para até 3,1 GHz; memória de trabalho de 4 GB da categoria DDR3; HD ou disco rígido com capacidade de 500 GB; placa de vídeo Intel HD Graphics 3000 com memória de vídeo dinâmica com potencial para atingir até 1760 MB; tela de HD de LED LCD de 15,6” (polegadas); teclado numérico ou *numeric keypad*; *Webcam* com alta resolução em HD; *drive de DVD-ROM Super Multi DL Drive*; conectividade do tipo 802.11 b/g/n; e bateria de Lítio ou Li-ion de 6 células. Além do mais, o computador tem instalado o sistema operacional Windows com a versão atualizada 8.1 da Microsoft.

Assim, estando o sujeito sentado diante do equipamento e junto ao experimentador, que estava no começo ao seu lado, o programa Paradigm era inicializado e o experimento aberto. A partir de então, o aplicador, juntamente com o participante, lia as primeiras instruções as quais surgiam na tela, com a abertura do experimento nesse respectivo software em que foi programado, e as orientações que iam exsurgindo na sequência. Depois disso, tendo o voluntário entendido as sugestões lidas no próprio computador, as dicas perpassadas pelo experimentador e o objetivo essencial da atividade, começavam as simulações para que ocorresse a familiarização com o exercício, assim como com os passos da tarefa experimental

por parte do participante, o que se colocava como imprescindível para as etapas serem plenamente compreendidas e assimiladas pelo indivíduo experienciado.

Essa simulação, além de familiarizar o voluntário com a natureza do experimento, serviu como treinamento prévio para que o participante soubesse exatamente o que fazer durante a execução da tarefa sem correr o risco de ter alguma dúvida na hora exata e decisiva da ocorrência do teste. De mais a mais, ela compreendia a leitura segmentada de duas orações, diferentes das experimentais e extraídas do montante das noventa (90) frases distratoras, em meio a um exercício prévio de leitura automonitorada semelhante e nos moldes do que a pessoa viria a ler logo após, durante a realização do experimento verídico em si.

Depois de tudo isso procedido, o experimentador saía da sala, ficando do lado de fora do laboratório, fechava a porta do recinto por fora, mas sem trancar, e deixava o experimentado sozinho, isolado e recluso pelo lado de dentro do ambiente para poder realizar a tarefa, típica do experimento em questão, de modo calmo, tranquilo e bastante concentrado. Quando o sujeito terminava de fazer toda a tarefa, isto é, de ler 30 das frases experimentais de uma das cinco listas e as 90 frases distratoras, as quais se encontravam interpassadas de forma aleatória e randomizadas no instante de execução do experimento, ele tocava o sino e chamava o aplicador para avisá-lo que havia cumprido a missão, terminado a atividade por completo, ou que, em alguns casos, tinha desistido de continuar até o fim com a experiência. Em situações como esta última, os dados do desistente são excluídos da análise e não considerados para o andamento do experimento, como um todo, e para a procedência dos cálculos estatísticos a serem efetuados posteriormente. De resto, apenas uma pessoa desistiu, uma garota por sinal, que não completou a tarefa até o final.

Durante todo o experimento, cada participante teve de ler excertos frasais previamente segmentados de acordo com a modelagem experimental que foi adotada. Nesses termos, antes de começar a ler as sentenças, o participante foi instruído a fixar atentamente para o canto esquerdo central da tela do computador e a apertar o botão esquerdo do mouse com seu dedo indicador direito para que lhe fosse apresentado o 1º segmento a ser lido quando ele estivesse definitivamente preparado para começar a leitura. Assim, após ter lido e processado o segmento exibido, o participante teve de apertar novamente o botão esquerdo do mouse para poder visualizar o excerto seguinte a compor a sentença de maneira a prosseguir naturalmente com a fluidez da leitura. Com isso, quando ele pressionava o botão esquerdo do mouse a palavra ou sintagma que ele havia acabado de ler antes era apagado antes que o vocábulo ou expressão sintagmática seguinte aparecesse na tela do PC. Então, cada vez que o participante apertava o botão esquerdo do mouse, a palavra lida desaparecia da tela à medida que aquela

ainda por ser lida ia aparecendo enquanto a sentença se movimentava da esquerda para a direita da tela em decorrência do fato de as palavras irem sendo lidas em sequência.

Aliás, os espaços ocupados pelas palavras e sintagmas constituintes de cada uma das sentenças não foram substituídos por traços (*dashes*), único ponto apenas em que o método utilizado nesta pesquisa se diferenciou do adotado por Just, Carpenter e Woolley (1982) no tocante às experiências conduzidas por meio de experimentos de leitura automonitorada. Isso significou que tão somente os espaços em branco e os vocábulos descobertos pela sequência de cliques efetuados durante a leitura compuseram o material disponível para a percepção visual dos participantes. Ora, a eliminação dos travessões ou *dashes* foi feita, porquanto, para impedir que a visualização desses sinais gráficos a esconder as palavras a serem lidas funcionassem como pistas que permitissem aos participantes terem uma ideia prévia da extensão e estrutura da sentença a ser lida de tal maneira que pudesse facilitar de algum modo e em certo grau a capacidade de previsão do parser quanto às estruturas a serem processadas. Isso é particularmente importante quando se trata da investigação do fenômeno do processamento da correferência catafórica que envolve mecanismos processuais preditivos junto ao qual é oportuno que todo e qualquer vestígio, que inevitavelmente aponte para algum favorecimento quanto à previsão do input linguístico ainda por ser visualizado e processado, deva ser eliminado e/ou neutralizado.

Finalmente, ao final da leitura de cada sentença, uma pergunta-sonda que versava sobre o estabelecimento da correferência catafórica ou da referência disjunta apareceu diante dos participantes para que respondessem de modo afirmativo ou negativo a fim de demonstrarem que tanto compreenderam a sentença quanto estabeleceram a correferência ou referência disjunta apropriada. Nesse sentido, os participantes, caso optassem por responder ‘Sim’ à pergunta-sonda, deveriam apertar o botão referente à letra ‘S’ do teclado do notebook e, caso desejassem responder ‘Não’, tinham de pressionar o botão correspondente à letra ‘N’ do teclado. Para facilitar e agilizar esse procedimento de apertar uma ou outra letra, adesivos foram colados sobre cada um dos dois botões de modo que sobre o ‘S’ foi adesivada uma etiqueta sobre a qual estava inscrito ‘SIM’ sob a cor azul enquanto sobre a letra ‘N’ foi etiquetado um adesivo no qual se havia redigido ‘NÃO’ na cor vermelha. Essas perguntas-sondas enquanto tarefa *off-line* foram colocadas no final de cada sentença para serem respondidas categoricamente pelos participantes com vistas a monitorar a atenção deles à leitura, à compreensão e/ou entendimento da sentença lida e para checar se eles foram capazes de estabelecer a correferência catafórica ou a referência disjunta na fase reflexiva do processamento ao completarem toda a leitura, a computação e a interpretação de cada uma das

sentenças investigadas. Depois do clique em cima do botão ‘SIM’ ou sobre o ‘NÃO’ concernentes às respostas da pergunta-sonda, uma tela em branco aparecia para que o participante soubesse que teria de começar a ler uma nova frase. No entanto, a primeira palavra da sentença só começava então a aparecer na tela a partir do momento em que o participante retornava a clicar com seu dedo indicador direito sobre o botão esquerdo do mouse para seguir com a respectiva leitura. A aparição das perguntas-sondas, a propósito, ocorreu sempre de forma centralizada em relação à tela do computador, tendo sido tais perguntas posicionadas para emergirem um pouco acima da linha central da tela do PC por sobre o qual as sentenças quer experimentais quer distratoras exsurgiam ao se movimentarem centralmente da esquerda para a direita durante o fluxo natural da leitura. Em suma, a média de duração de cada seção para a aplicação do experimento junto a cada um dos participantes foi de 1 hora e 15 minutos.

Do exposto, ao término da participação frente à execução da experiência, era indagado ao voluntário do experimento a respeito do que ele achava de que se tratava o teste ou qual fenômeno estava sendo investigado com vistas a se ter certeza de que o sujeito, em nenhum momento, descobriu acerca do que a pesquisa versava e a fim de que, dependendo de seu posicionamento, seus dados fossem mantidos para configurar posterior análise ou se já deveriam ser, desde já, descartados e não considerados para a composição analítica do estudo à semelhança do protocolo adotado para os possíveis sujeitos desistentes tal qual demonstrado no parágrafo anterior. No final de tudo, o sujeito recebia o agradecimento do aplicador por ter se disponibilizado a se submeter à tarefa. Findado isso, o experimentador entregava o Questionário Acadêmico-Científico para ser respondido e assinado, assim como o Termo de Compromisso para a leitura e aposição da assinatura do voluntário, além do que o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE a fim de ser lido, rubricado em cada uma das folhas integrantes de tal documento e assinado na última folha. Enfim, depois da concordância do sujeito com os termos redigidos na documentação e após a empunhadura das respectivas assinaturas e rubricas, o experienciador solicitava que o voluntário assinasse seu nome na lista de participantes, o acompanhava até as imediações externas do laboratório e do centro universitário e finalmente se despedia dele.

Sendo assim, logo depois de ter-se discutido qual o método utilizado e como a metodologia elegida foi operacionalizada a fim de concretizar a execução do experimento de leitura automonitorada, inteiremo-nos, na seguinte seção, acerca das previsões levantadas quanto ao que se espera como possíveis resultados a serem decorrentes e oriundos da execução desta experiência.

4.1.2 Hipóteses e Previsões

Caso exista e opere em português brasileiro o mecanismo de busca ativa por meio de varredura prospectiva, i.e., o *active search mechanism* ou mecanismo preditivo de formação de dependência ativa, doravante denominado de MPFDA como dito anteriormente, nos mesmos moldes que o constatado em inglês e demais línguas estudadas no mundo as quais foram antes discutidas nesta dissertação, mais precisamente ao longo do Capítulo 2; espera-se que seja encontrado, no segmento crítico das condições *No-constraint* de ausência de restrição sintática, concernente ao segundo sujeito e primeiro NP, um efeito de incongruência de gênero, em outras palavras, um *gender mismatch effect* ou GMME entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch* de maneira tal que os tempos de leitura sejam mais elevados nesta condição em que vigore a incongruência de gênero do que naquela outra em que se manifeste a congruência genérica.

Essa manifestação indicaria haver a formação de uma dependência ativa entre os correferentes de tal maneira que o *parser* preveria a posição estrutural em que o potencial poscedente para o pronome catafórico poderia ocorrer de sorte tal que ele antecipadamente estabeleceria o exato locus sintático de emersão do possível poscedente, de acordo com a previsibilidade arquitetural realizada pelo parseador. Isso indicaria que o *parser*, por antecipação processual, idealiza a arquitetura frasal, ou seja, planeja como provavelmente virá a estar disposta a sintaxe da cláusula em conformação sintática a qual, neste caso em específico, comporta a estruturação de uma adverbial em torno de um período composto por três cláusulas, em que uma delas se delineia como sendo uma oração subordinada adjunta a uma outra a qual é a matriz, a oração principal, enquanto outra se conforma tal qual uma cláusula encaixada dentro da subordinada e também em estado de subordinação à matriz.

Ainda mais para além disso, o GMME acenaria para o fato de que a relação correferencial entre os dois referentes, isto é, o estabelecimento da correferência catafórica ocorre antes que o poscedente seja alcançado na estrutura linear e hierárquica da sentença, sem que se aguarde por evidências concretas mais precisas – de traços morfológicos, semânticos e pragmáticos e/ou discursivos *verbi gratia* – que sejam baseadas em informações não ambíguas de natureza *bottom-up* as quais só podem ser confirmadas quando o constituinte ou sintagma, que funciona como poscedente, é visualizado e processado sentencialmente. A operação de tal conduta, se comprovada, apontaria para a constatação de que o *parser* cria relações correferenciais, pelo menos em modalidades de correferenciações prospectivas como

essa da correferência catafórica, assim que visualiza e processa o primeiro referente, o elemento referencialmente dependente – à semelhança do que o próprio parser faz ao processar as *filler-gap dependencies* ao já instituir a relação de dependência entre preenchedor (*filler*) e lacuna (*gap*) própria das dependências-qu tão logo visualize e processe o primeiro elemento a constituir tamanha dependência que é o *filler* (o preenchedor) –, já prevendo a existência de um poscedente para o pronome catafórico e, muito para além disso, projetando preditivamente a posição sintática onde tamanho elemento autônomo, qual seja, o poscedente, em termos referenciais, aparecerá em meio à sentença.

Pelo que respeita às previsões de operância do Princípio C, hipotetiza-se que seja ele também operante em português brasileiro à semelhança do confirmado em estudos estrangeiros anteriores acerca do que ocorre em outras mundiais línguas naturais. Espera-se, nesse diapasão, que não haja GMME nas condições *Principle-C* de atuação do referido princípio estrutural restritivo, isto é, entre as condições *Principle-C Match* e *Principle-C Mismatch*; dado que, se o *parser*, desde o princípio da computação do elemento referencialmente dependente, não considera potenciais poscedentes dispostos em posições estruturais refreadas pelo princípio, o qual proíbe a correferência com nominais presentes nesses espaços sintáticos blindados por ele, por tamanho restritor ou *constraint*, a predição e todos os demais procedimentos computacionais feitos pelo processador para a formação da relação correferencial, logo que o pronome catafórico é processado, desconsidera, desde os primórdios processuais, a possibilidade de que o NP localizado na posição estruturalmente ilícita e blindada pelo Princípio C seja sequer considerado, nem que momentaneamente, como provável ou liberado poscedente para o primeiro referente dependente, a forma remissiva em outras palavras. Aguarda-se, além de tudo, a emersão de um efeito principal da restrição sintática que seja significativo, sendo os tempos de leitura das condições em que não ocorre *constraint* maiores do que os daquelas em que o Princípio C opera enquanto restrição sintática e para as quais o tempo de leitura deverá ser menor. Em isso acontecendo, comprova-se a interferência do princípio no estabelecimento e processamento da correferência catafórica.

Por outro lado, se não houver a emersão de um GMME entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch*, a não manifestação de um efeito de incongruência morfológica seria um indicativo de que o mecanismo de busca ativa não opera em português brasileiro (PB) de modo tal que isso indicaria ser o *parser*, ao menos em PB, orientado por outras estratégias ou engrenagens processuais menos ativas do ponto de vista prospectivo, ou seja, que não detenham tanto poder preditivo e que não sejam capazes de

estabelecer relações correferenciais ativa e prospectivamente segundo uma lógica processual marcadamente *top-down*. Na realidade, uma ausência de efeito demonstraria que o *parser* processa a correferência catafórica em PB através de mecanismos computacionais e/ou processuais que estabelecem as relações correferenciais a partir de um procedimento *bottom-up* que é, portanto, distinto do adotado no processamento das *filler-gap dependencies* e que pode ser mais aproximado ao *modus operandi* empregado pelo *parser* na computação da correferência anafórica, estando mais afinado, pois, ao mecanismo de *bonding*, por exemplo, que é utilizado quando do processamento das relações anafóricas.

É talqualmente esperado que haja efeito principal de congruência morfológica, igualmente significativo, de maneira que os tempos de leitura das condições em que ocorre concordância de gênero, na comparação entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch*, sejam menores do que aquelas em que procede a discordância genérica cujos tempos de leitura devem ser maiores, em razão de a ruptura na congruência gerar custos processuais extras em decorrência da necessidade que então surge de se ter de revisar a relação correferencial preditivamente instituída pelo *parser* na altura do pronome catafórico por meio da ação do prospectivo mecanismo da busca ativa, a *active search*. Caso assim se proceda, confirma-se que, além da restrição sintática, a congruência morfológica e, porquanto, os dados morfossintáticos concernentes aos *traços-phi* (ϕ) de gênero, em âmbito linguístico e computacional, também interferem no processamento e conformação da correferência do tipo catafórica.

Além do mais, se nenhum efeito significativo surgir entre as condições *Principle-C Match* e *Principle-C Mismatch* ao passo que ocorrer um efeito de GMME entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch*, isso apontaria para o fato de que o mecanismo de busca ativa é restringido pela ação da restrição sintática inerente ao Princípio C no decurso do processamento da correferência catafórica de modo que o *parser* tão somente firmaria as relações correferenciais catafóricas preditivamente na altura do pronome catafórico entre este, a forma remissiva, e um poscedente que fosse lícito gramaticalmente, ou seja, que estivesse localizado em uma posição sintática que não fosse bloqueada pela atuação do Princípio C enquanto restrição sintático-estrutural. A não emersão de um efeito entre as condições de *Principle-C* também sugeriria que a implementação do Princípio C é independente, preponderante e absoluta na interferência que promove junto ao processamento da correferência catafórica, haja vista que, apesar das distinções morfológicas de gênero existentes entre a condição de *Principle-C Match* e *Principle-C Mismatch*, não haveria diferença temporal significativa entre os tempos de leitura observados entre a

condição de concordância e a de discordância de gênero ocorridas ambas sob a interferência da restrição sintática do Princípio C. Tal situação demonstraria que o raio de operacionalização da restrição não é afetado pela ação dos traços-phi (ϕ) de gênero, pois diferenças significativas nos tempos de leitura passariam então a não ser observadas, mesmo havendo diferenciações entre os traços genéricos entre uma condição e outra, a saber, entre a condição de congruência e a de incongruência genérica. Isso evidenciaria que a mudança dos traços phi (ϕ) de gênero, a caracterizar os potenciais correferentes a fim de permitir o estabelecimento de uma provável relação correferencial ou referência disjunta entre forma remissiva e poscedente por meio exclusivamente do casamento dos traços morfológicos de gênero, não geraria custos processuais adicionais, o que implicaria em se considerar que tais traços não são capazes de interferir diretamente na ação do Princípio C frente ao processamento da correferência catafórica.

Avaliemos, portanto, os dados oriundos do experimento e chequemos os resultados obtidos por meio da análise interpretativa deles para que possamos confirmar se as hipóteses postuladas se confirmam tal qual formuladas logo após.

4.1.3 Resultados

Três segmentos distintos, considerados relevantes para os efeitos da análise estatística, foram analisados. São eles os referentes ao primeiro sujeito da adverbial causal e concessiva em estudo, que corresponde ao pronome catafórico ‘*ele*’ e ‘*ela*’; ao segundo sujeito, que diz respeito ao segmento crítico correspondente ao primeiro NP e potencial correferente do pronome que lhe antecede, seu possível poscedente; e ao terceiro sujeito que remete ao segundo NP e ao outro provável poscedente do pronome expresso cataforicamente e, portanto, manifestado anteriormente a esses dois NPs.

A título ilustrativo, vejamos, a seguir, um dos períodos adverbiais utilizados no experimento a fim de que sejam observados os 3 segmentos de que se menciona, tomados como alvo do tratamento estatístico. Observe-se que os índices estão distribuídos numericamente (^{1 2 3}) acima das palavras componentes do segmento analisado com vistas a ilustrar a ordem analítica dos segmentos cá tratados:

- Já que em outros tempos ela¹ costumava ir para a repartição de carro enquanto Glauce² passou a ter de ir mais de ônibus para o trabalho, Lívia³ se sentia mal e

desconcertada por ainda estar numa situação mais confortável do que a da companhia.

Assim, os pronomes ‘*ele*’ e ‘*ela*’, que assumem a posição estrutural e sintática do sujeito ‘*ela*’ da adverbial exemplificativa acima (denotado com o índice numérico ¹), correspondem ao 1º segmento analisado estatisticamente ao passo que os sintagmas nominais, presentes na posição do nome próprio ‘*Glauce*’ nesse exemplo (marcado pelo índice ²), integram o 2º segmento e os NPs, por sua vez, localizados no espaço ocupado pelo nome ‘*Lívia*’ na mesma exemplificação acima exposta (dotada pelo índice ³), compreendem o 3º segmento os quais foram tratados pelo pacote estatístico.

Inicialmente, conforme o protocolo adotado por Chambers (1983) e resenhado por Bookstein (1985), efetuou-se a *estatística básica* para o início dos cálculos estatísticos, começando-se pela *estatística descritiva*, em meio aos quais os dados foram primeiramente tabulados e, na sequência, filtrados. Depois da tabulação e da filtragem que compõem essa primeira fase estatística, os dados foram plotados, tendo sido submetidos à avaliação no DIAGRAMA DE CAIXA, também denominado de *BOXPLOT*¹¹⁰ como mais popularmente é descrito, em que tal ferramenta estatística é usada para avaliar como se sucede a distribuição empírica dos dados, localizando-se e analisando-se como se dá a variação de uma variável dentre grupos de dados diversificados. Os dados são lançados no BOX PLOT com o objetivo de visualizar a existência de valores discrepantes ou *OUTLIERS* que precisam ser retirados da análise. Logo, todos os *outliers* foram destacados, removidos e substituídos pelas médias do tempo de leitura dos demais dados daquele segmento em específico referentes a cada um dos sujeitos em que se verificou essa discrepância valorativa.

Em seguida, na intenção de finalizar esta fase analítica do tratamento estatístico inicial, de descrição estatística dos dados, foi realizado o TESTE DE NORMALIDADE o qual é essencial de ser desenvolvido e imprescindível de ser encaminhado para que se constate se a distribuição dos dados, e sua ocorrência dentro do fenômeno sob investigação, é normal ou não normal. Então, para atender a esse objetivo, realizou-se o TESTE DE SHAPIRO-WILK a fim de que a normalidade dos dados fosse averiguada, completando-se, pois, as mensurações próprias da estatística descritiva.

Logo depois, procedeu-se com a *estatística inferencial*, optando-se por submeter os dados a uma Análise de Variância a partir de seu lançamento no pacote estatístico da

¹¹⁰ O boxplot também pode ser denominado ainda de Diagrama de Extremos e Quartis ou de Gráfico de Caixa.

ANOVA, por se ter consciência que é um teste robusto, muito embora se esteja ciente de que os cálculos feitos anteriormente na fase da estatística descritiva, dentro do rol da estatística básica, tenham revelado que os dados concernentes a esse segmento inicial apresentem distribuição não normal, não sendo aconselhado esse tipo de procedimento estatístico, o qual é aconselhável para dados com distribuição normal, caso não verificado aqui. Apesar disso, o teste mais apropriado para a natureza desses dados, nomeado de TESTE DE KRUSKAL-WALLIS, foi igualmente realizado para fins comparativos e terá seus resultados retratados mais adiante. Ainda mais, é vital recordar, depois de se constatar que os dados não revelam uma distribuição normal nas ocorrências do 1º segmento, que o experimento comporta duas variáveis, a *restrição sintática* e a *congruência morfológica*, e que os cálculos foram efetuados em torno de um design fatorial 2x2, através de *avaliação estabelecida por sujeitos*.

Isso colocado, a ANOVA feita no 1º segmento revelou tanto um efeito principal do fator restrição sintática, ou tipo de princípio, que se mostrou significativo ($F(1,22) = 4,20$; $p < 0.04$) quanto da variável congruência morfológica, que culminou em um resultado igualmente significativo ($F(1,22) = 4,73$; $p < 0.03$) tal como se pode observar na Tabela 1¹¹¹ presente na seção referente ao Apêndice D na página 445. No entanto, não houve efeito significativo de interação entre essas duas variáveis ($F(1,22) = 0,09$; $p < 0.8$).

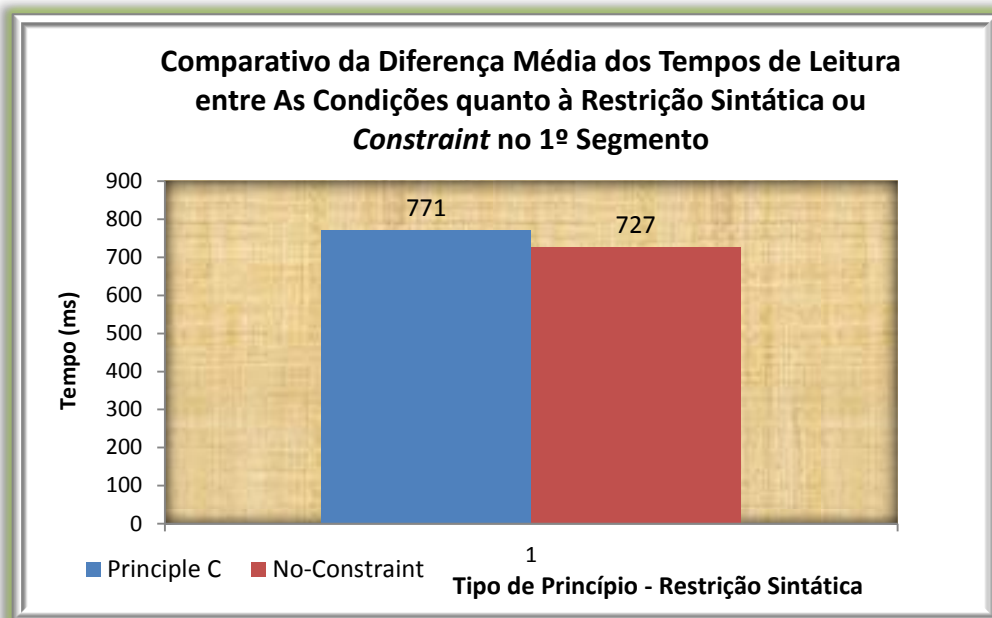
Segue-se então a Tabela 2, presente na página 445 do Apêndice D, relativa ao intervalo de confiança dos efeitos, para averiguação mais pormenorizada, com os valores correspondentes ao Limite Inferior, ao Limite Superior e ao Efeito processado pelos dados ao longo das quatro condições experimentais analisadas, ressaltando que a quinta condição não entra no rol analítico por corresponder à condição controle.

Disso empossado, o Gráfico 1, abaixo retratado, permite que os tempos de leitura entre as condições experimentais possam ser comparados no tangente à operacionalização da restrição sintática ou tipo de princípio. Por meio de sua averiguação, fica evidente que o tempo de leitura é significativamente maior nas condições em que se verifica a atuação do Princípio C enquanto espécie de *constraint* presente e operante na estrutura oracional, sendo de 771 ms (*Principle C*). Já nas condições em que tal fator restritivo em termos sintáticos não existe, na manifestação das situações de *No-constraint*, o tempo que os sujeitos levam para ler

¹¹¹ Esta e as demais tabelas a serem citadas ao longo deste capítulo estão todas elas compiladas no APÊNDICE D, de sorte que quaisquer delas podem ser acessadas e/ou consultadas a partir da página 445 da seção dos APÊNDICES no final deste trabalho.

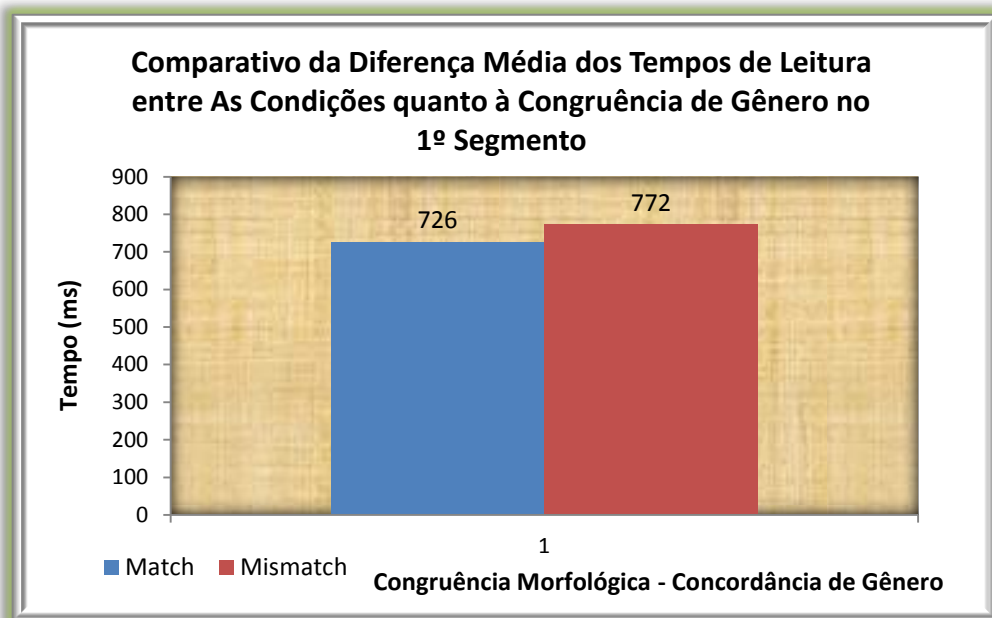
o segmento é significativamente menor, sendo de 727 ms (*No-constraint*), como se pode observar no Gráfico 1 apresentado a seguir:

Gráfico 1 - Médias Temporais quanto à Restrição Sintática no Primeiro Segmento



Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 2 - Médias Temporais quanto à Congruência Morfológica no Primeiro Segmento



Fonte: Dados da pesquisa.

Por sua vez, o Gráfico 2, apresentado acima, revela a comparação dos tempos de leitura entre as condições experimentais no tocante à incidência da congruência morfológica de gênero entre concordância masculina e feminina.

Por intermédio de sua análise, resta claro que o tempo de leitura é significativamente maior nas condições em que não há concordância de gênero – havendo incongruência morfológica, pois, entre o pronome e o primeiro NP como prováveis correferentes –, tendo sido o decurso temporal de leitura do excerto de 772 ms diante da estrutura clausular. Quanto àquelas condições em que houve concordância genérica e, portanto, congruência morfológica, os tempos de leitura foram significativamente menores, tendo a média figurado em torno de 726 ms, como se pode averiguar no Gráfico 2 supra.

Todavia, essa diferença temporal de valores não resta plausível de ser considerada, já que o último efeito principal da ANOVA da Tabela 1 referente à concordância genérica deve ser considerado espúrio. Isso deve ser ponderado porque até essa altura da sentença não há diferença entre nenhuma das condições experimentais delineadas quanto aos elementos linguísticos componentes de sua estrutura frasal em termos morfológicos de maneira que a personalidade ou composição frástica de cada uma das sentenças, a compor cada uma das quatro condições experimentais, é a mesma se comparadas as condições em que figura controlado o fator congruência genérica com aquelas demais condições junto às quais ocorre a incongruência morfológica de gênero. Não há meios de o *parser* conseguir, já neste momento do processamento, prever quais as condições em que vigora ou a concordância ou a discordância de gênero a ponto de captar, no decurso de sua computação, diferença temporal que seja significativa e, portanto, reflexo das diferenciações e peculiaridades demandadas por cada uma das condições regidas pelo fator congruência morfológica sob manipulação e análise, isto é, entre as condições de vigência da concordância genérica e aquelas de vigor da discordância de gênero, diferentemente do que acontece com a expressão das condições caracterizadas pelo fator ou variável da restrição sintática em que existe diferença estrutural da frase entre as condições de operância do Princípio C e aquelas de não atuação do referido restritor, que se dá pela aparição ou não da conjunção ‘enquanto’ imediatamente antes do pronome catafórico ‘ele’ ou ‘ela’. Assim, a significância do efeito para esta variável deve ser considerada válida, pois é previsto, a essa altura do início da sentença, que o *parser* consiga prever as diversidades sintático-estruturais vigorantes entre um tipo de condição e outra, ou seja, entre as condições em que a restrição opera e aquelas em que não operacionaliza em decorrência de as estruturas de organização sentencial se alterarem entre as condições em que

vigora ou não a restrição sintática, em meio a uma ação *in totum* diversa da incidente sobre o outro fator avaliado da congruência morfológica em que essa previsão não é possível.

Em suma, em razão de haver diferenças estruturais na composição da sentença experimental concernentes ao fator restrição sintática sob o prisma puramente sintático, os efeitos significativos são válidos. Por outro lado, não havendo, nesse ponto da sentença, qualquer diversidade composicional dentro da sentença quanto ao fator congruência morfológica do ponto de vista mórfico ou morfológico, os efeitos significativos são ilegítimos e muito provavelmente devidos a outros fatores diversos e/ou não controlados.

Com o propósito de referendar os resultados, os dados foram, de igual modo, submetidos ao teste de KRUSKAL-WALLIS, cálculo mais apropriado para dados como estes detentores de distribuição não normal, no cuidado de se evitar distorções e de, com mais certeza e segurança, dimensionar a validade da extensão dos resultados obtidos no teste anterior, tido como mais poderoso, com vistas a garantir a mais plena, verdadeira e transparente interpretação do fenômeno em estudo.

A principal diferença, além da força estatística e da finalidade, é que essa modalidade de cálculo estatístico só permite testar e calcular um fator de cada vez, diferentemente da ANOVA que possibilita realizar as computações de todos os fatores e/ou variáveis em jogo em uma única carrada. Sabendo-se disso, a Tabela 3, presente nas páginas 445 e 446, é exposta com os resultados adquiridos a partir da testagem do *fator restrição sintática* em que há a atuação ou não da *universal-language constraint*¹¹² conhecida por Princípio C. Acompanhe-se, a esse passo, a Tabela 4, localizada na página 446, com os resultados angariados através dos cálculos os quais foram agora efetuados em cima do *fator congruência morfológica de gênero*, em que se averiguou a existência de interferência da concordância genérica em masculino e feminino no estabelecimento da correferência catafórica.

Como se pode denotar, os resultados obtidos por esse teste corroboram os já colhidos pela ANOVA em ordem a ratificar a veracidade da estatística anteriormente capturada por este cálculo mais tradicional da análise da variância. Houve, pois, um efeito significativo de cada variável em isolado, ou seja, das duas variáveis em estudo, tanto da *restrição sintática* ($H(1) = 7,03$; $p < 0.008$) conforme mostrado na Tabela 3 quanto da *congruência morfológica* ($H(1) = 4,46$; $p < 0.03$) consoante exposto na Tabela 4.

¹¹² *Universal-language constraint* é usado para designar uma restrição linguística que se supõe ser universal e presente ou operante em todas as línguas do mundo ao passo que *specific-language constraint* corresponde ao oposto, a restrições que são específicas a determinada língua.

Posteriormente, ao fim da aplicação desses testes que serviram para avaliar o efeito das variáveis em si, isto é, isoladamente, e em interação uma com a outra, independente da disposição das condições, realizou-se outro teste estatístico correspondente aos cálculos inerentes às *pairwise comparisons* (comparações múltiplas em pares), o TESTE DE FISHER-BONFERRONI, que avalia o efeito de cada um dos níveis, componentes das condições experienciais, sendo confrontados entre si, um por um, e, adicionalmente, a interação das variáveis quando confrontadas dentro de cada um desses múltiplos níveis, a compor as condições experimentais, estabelecidos para a montagem e execução do experimento.

Como se pode captar através dos resultados desse teste, que podem ser visualizados na Tabela 5, exposta na página 447, não houve efeito significativo na maioria das duplas de condições comparadas entre si, tendo sido obtida significância tão somente em uma delas, qual seja, a comparação entre os níveis das condições em que se tem o Princípio C associado à incongruência de gênero, de um lado, e a ausência de operância do princípio casada com a congruência genérica, de outro. Isso quer dizer que houve significância dos efeitos no cruzamento e comparação, ao longo do teste, entre a condição *Principle C Mismatch* e a *No-constraint Match* ($p < 0.02$).

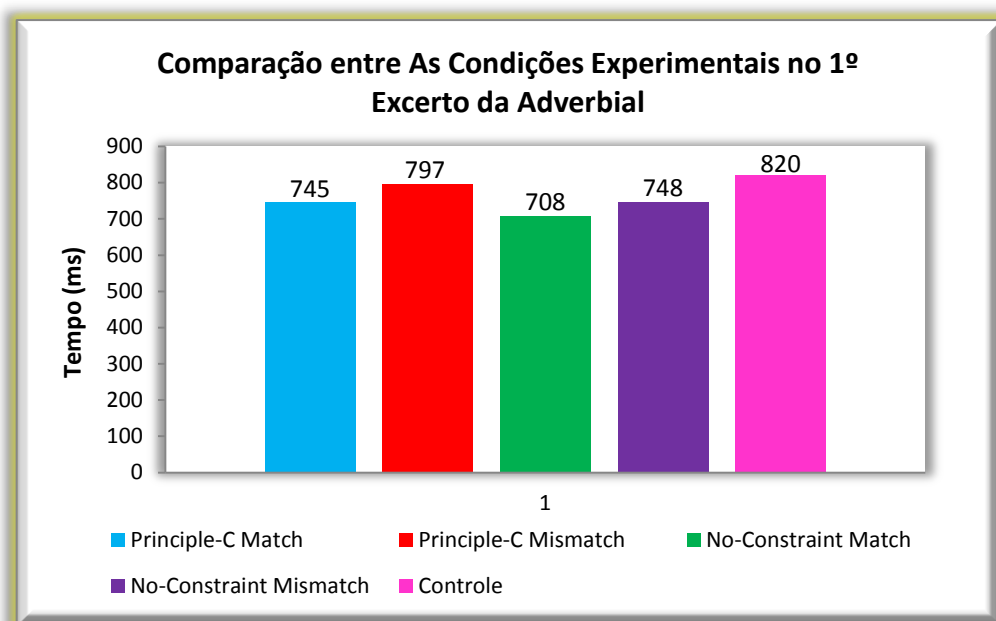
Concluída essa etapa, outro tipo de teste ainda foi feito para encerrar os cálculos e análises estatísticas desse 1º segmento frasal da adverbial sob investigação, o TESTE DE DUNNETT, que faz a avaliação do efeito de embate entre os níveis de cada uma das condições experimentais em confronto com os níveis integrantes da condição controle. Essa testagem foi realizada, nesse dado ponto do processo analítico, a fim de se verificarem diferenças processuais entre o fenômeno tido por alvo desta pesquisa, a correferência catafórica que foi manipulada ao longo de todas as condições experimentais, e entre aquele escolhido como controle da experiência, a *correferência anafórica*, para compor a condição controle dentro da qual foi trabalhada.

A observação da Tabela 6, retratada na página 447, revela que houve efeito significativo em praticamente todos os níveis das condições comparadas. Há de se ver pelo teste que os resultados foram significativos quando se confrontaram com os níveis próprios da condição *controle* os seguintes níveis inerentes às condições experimentais: aqueles em que se verifica a ausência do princípio típico da restrição sintática junto à congruência de gênero (*No-constraint Match* – *Controle* = $p < 0.0008$); a ausência desse mesmo princípio coadunado com a incongruência de gênero morfológico (*No-constraint Mismatch* – *Controle* = $p < 0.05$); e a atuação de tal princípio restritivo juntamente com a congruência genérica

(*Principle C Match* – *Controle* = $p < 0.04$). Entrementes, conforme se pode verificar, apenas um único espécimen de comparação de níveis experimentais entre os de controle ocorreu sem que houvesse significância dos efeitos gerados, aquele exemplar em que se há a atuação do referido princípio em consonância com a ocorrência da incongruência de gênero masculino e feminino (*Principle C Mismatch* – *Controle* = $p < 0.86$).

Para que avancemos nos cálculos estatísticos, antes de prosseguirmos para a próxima fase e etapa mais importante da análise concernente ao segmento crítico, o segundo excerto da adverbial, é de notória importância estratégica, para efeitos de avaliação global póstuma dos resultados angariados ao fim de todo o escrutínio do experimento ao final do estudo, examinar cuidadosamente as diferenças temporais médias entre cada uma das condições inerentes ao primeiro segmento de maneira a serem analisadas lado a lado; o que pode ser empreendido através do exame do Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 - Médias dos Tempos de Leitura do Primeiro Segmento em cada uma das Cinco Condições Experimentais e de Controle



Fonte: Dados da pesquisa.

A averiguação do Gráfico 3 revela-nos que todas as condições flutuam em torno de uma média aproximada de tempos de leitura, a flutuar entre 708 e 820 ms, muito embora esteja evidente que a condição controle corresponde àquela lida mais vagarosamente. Isso se deve provavelmente ao maior custo em se processar um DP, já que aí ocorre uma correferência anafórica, do que um pronome tal como acontece nas outras quatro condições experimentais em que se tem uma correferência catafórica. Sabe-se que os

pronomes são computados muito mais rapidamente e com menos custos processuais do que os nominativos. Além disso, as condições em que ocorre a manifestação da restrição sintática (*Principle C*) detêm tempo de leitura aproximadamente igual ou superior às demais condições em que não vigora o Princípio C enquanto restritor sintático (*No-constraint*). Mais especificamente, as condições em que o princípio vige juntamente com a concordância de gênero (*Principle C Match*) possuem tempo de leitura semelhante às que não apresentam vigência do princípio conjuntamente à discordância genérica (*No-constraint Mismatch*). De todo modo, todos estes últimos resultados apontados são esdrúxulos e, porquanto, não devem ser considerados analiticamente, haja vista que não obtiveram significância estatística (notadamente a comparação dos níveis *No-constraint Mismatch* e *Principle C Match*).

Por sua vez, é pertinente notar com mais desvelo, a diferença temporal colhida entre duas condições em específico, posto que os efeitos obtiveram significância. É o que sucede na comparação entre as condições em que existe a validade operativa da restrição sintática dada pelo Princípio C junto à discordância genérica (*Principle C Mismatch*) e aquelas em que não está em vigor tal princípio restritivo associadamente à concordância de gênero (*No-constraint Match*). Nesse sentido, eis que o resultado se revelou significativo ($p < 0,004$).

Com respeito ao grupo de condições, é vital notar que há diferença significativa entre os tempos de leitura das duas primeiras condições de ocorrência do Princípio C (*Principle C Match* = 745 ms e *Principle C Mismatch* = 797 ms) quando comparados com os das duas últimas de não manifestação de tal restrição sintática (*No-constraint Match* = 708 ms e *No-constraint Mismatch* = 748 ms) conforme averiguado antes na análise do Gráfico 1 e das Tabelas 1 e 3, uma vez que se tem observado efeito principal significativo tanto a partir da execução do teste da ANOVA (Tipo de Princípio = $p < 0.04$) quanto por meio do teste de KRUSKAL-WALLIS (No-constraint – Principle C = $p < 0.008$). Na mesma esteira, notório é abstrair a existência também de diferença temporal significativa entre o grupo de condições em que procede a concordância morfológica de gênero, primeira e terceira colunas compreendentes do Gráfico 3 consideradas conjuntamente (*Principle C Match* = 745 ms e *No-constraint Match* = 708 ms), e aquele conjunto dentre os quais sucede a inconcordância genérica, segunda e quarta colunas e/ou condições associadas em face do mesmo gráfico acima considerado (*Principle C Mismatch* = 797 ms e *No-constraint Mismatch* = 748 ms), tal como retratado anteriormente na avaliação do Gráfico 2 e das Tabelas 1 e 4, posto que se tem averiguado efeito principal significativo quer seja através da aplicação da ANOVA (Congruência = $p < 0.03$) quer seja por intermédio da interposição do KRUSKAL-WALLIS (*Match* – *Mismatch* = $p < 0.03$).

Ao cabo de tudo isso, encerra-se o tratamento estatístico sobre os dados desse 1º segmento, tendo sido esses testes, até então empregados, os inicialmente necessários e imprescindíveis para a condução dos trabalhos inquiritivos desta pesquisa. Essa mesma grade de teste, aliás, foi novamente executada e usada para também dar subsídios à análise dos dados dos dois segmentos subsequentes ainda por serem avaliados. Por essa razão, o mesmo protocolo foi adotado, de maneira simétrica e homogênea¹¹³, bem como foi impetrado para analisar os dados e expor os resultados provenientes da avaliação estatística tanto do segundo quanto do terceiro segmentos cujas etapas analíticas dos cálculos estatísticos efetuados serão, logo na sequência, respectivamente publicizadas.

A essa altura, terminada a análise estatística do 1º segmento, passemos, a partir de agora, a proceder com os cálculos estatísticos frente aos dados perfiladores do 2º segmento, caracterizado como o excerto crucial, central e mais importante desta perquirição. Isso procede por obra de este corresponder ao **segmento crítico**, parcela vital e primordial da *adverbial causal e concessiva* em avaliação nesta recolha, por ser esse o ponto da sentença complexa em estudo, uma *oração subordinada adverbial* – também denominada de sentença adverbial complexa em termos linguísticos mais técnicos do jargão especializado – a conter uma correferência do tipo catafórica pronominal, em que o Princípio C, enquanto restrição sintática ou *constraint*, atua diretamente, intervindo na gama das pertinentes ou potenciais opções de escolha do poscedente perfeitas pelo *parser* durante o processamento sintático da cláusula em evidência.

Considerado esse apontamento cabal, ressalte-se que os cálculos indispensáveis de serem realizados foram iniciados em face do 2º segmento, que contém o 1º NP como possível ou provável correferente, logo após o encerramento da análise calcular do 1º segmento acima abordado. Primeiramente, os dados foram submetidos ao pacote ANOVA e unicamente a ele, não tendo sido necessário aplicar o Teste de Kruskal-Wallis, tendo em vista que a estatística descritiva demonstrou terem os dados uma distribuição normal, fato mais que suficiente para dispensar este teste e priorizar aquele.

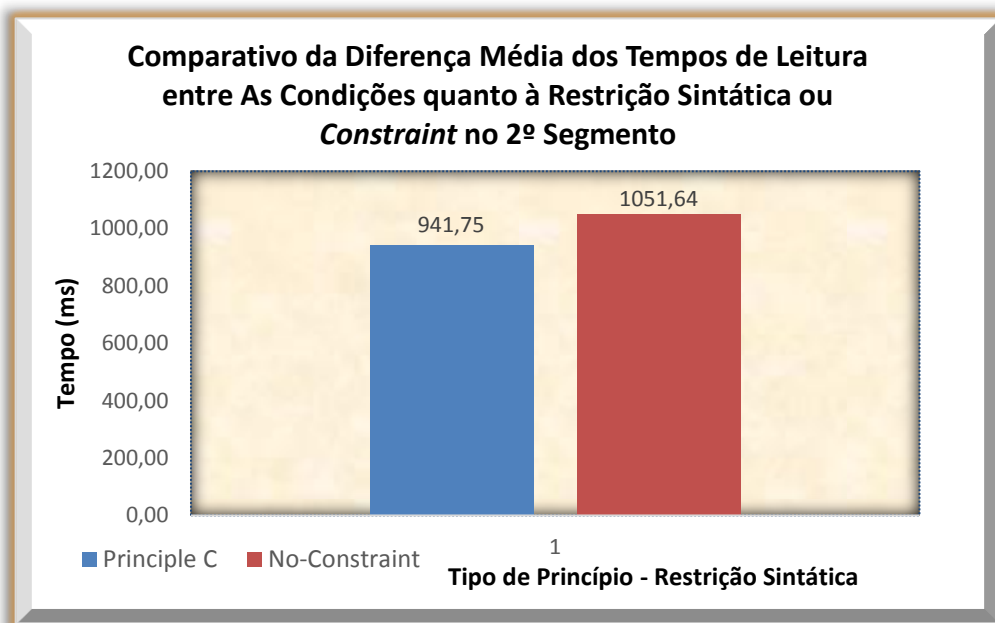
Colocado isso, procedeu-se com a avaliação estatística das variáveis independentes, calculando-se o efeito da intervenção delas no segmento crítico. Com tal finalidade em mente, os dados correlativos aos tempos de leitura desse excerto, correspondente ao segundo sujeito da sentença e primeiro NP na condição de potencial poscedente para o pronome catafórico,

¹¹³ A despeito disso, naturalmente pequenas mudanças se sucederam na pesquisa, peculiares de cada parcela em estudo, decorrentes do mister curso das computações estatísticas que tiveram de ser adotadas em cada caso em particular o qual, às vezes, exige cálculos diferentes e nem sempre iguais ou semelhantes ao dos demais segmentos passíveis de análise.

foram lançados no pacote ANOVA para o devido tratamento estatístico cujos resultados, oriundos desse cálculo, podem ser vistos na Tabela 7, situada na página 447.

Dessarte, em conformidade protocolar com a consecução das fases analíticas a serem seguidas na ordem dos cálculos em estatística, os dados foram submetidos a uma análise de variância ANOVA, design fatorial 2 x 2, com avaliação feita por sujeitos, e os resultados, mostrados na aludida tabela (Tabela 7), indicaram um efeito principal da variável Tipo de Princípio ($F(1,22) = 7,96$; $p < 0.005$), indicando uma diferença entre as condições *Principle C* e *No-constraint* de modo que o tempo de leitura daquela condição foi significativamente mais rápida do que a desta conforme pode ser vislumbrado no Gráfico 4 subsequente em que o tempo de leitura foi de 941,75 ms (*Principle C*) nos casos em que procedeu a restrição sintática enquanto que, naqueles em que ela não ocorreu, foi de 1051,64 ms (*No-constraint*), acima, pois, de 1 s:

Gráfico 4 - Médias Temporais quanto à Restrição Sintática no Segmento Crítico

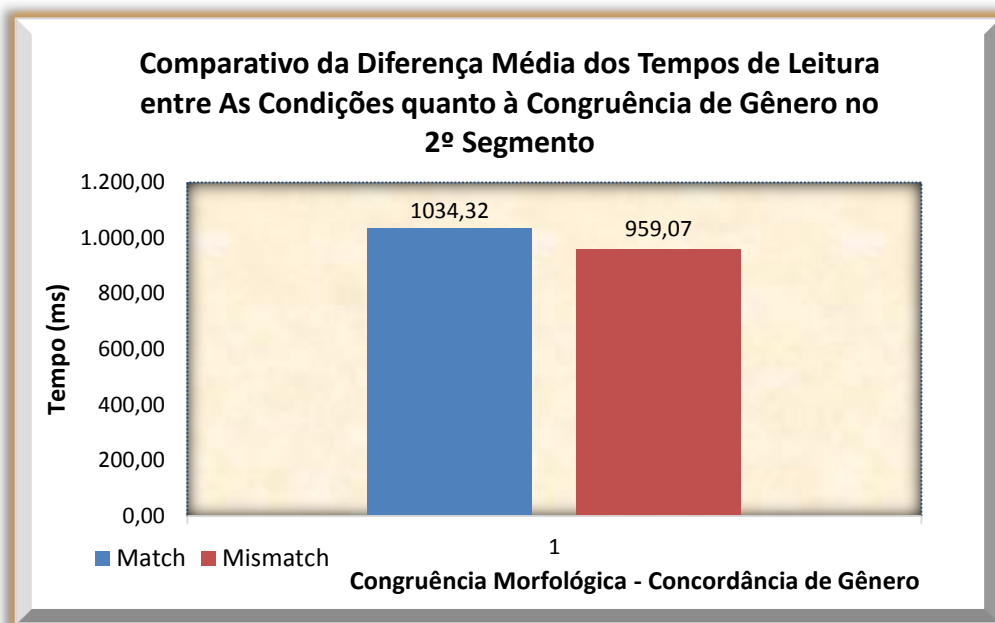


Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados passíveis de serem averiguados na Tabela 7 também revelam ter havido um efeito principal da variável Congruência de Gênero ($F(1,22) = 3,73$; $p < 0.05$), apontando uma diferença entre as condições *Match* e *Mismatch*, isto é, entre as condições de concordância e de não concordância genérica, tal qual se pode visualizar no Gráfico 5 que se segue em que o tempo de leitura para os casos de congruência morfológica foi mais lento, sendo de 1034,32 ms (*Match*) ao passo que, nos casos de incongruência, o tempo foi de

959,07 ms (*Mismatch*), tendo sido, portanto, mais rápido. A propósito, importante se faz pontuar que, diferentemente do decorrente no primeiro segmento, conforme visualizado no Gráfico 2 relativo ao excerto do pronome catafórico ‘ele’/‘ela’, a diferença agora cá encontrada não deve ser considerada espúria, haja vista que, nesta altura da sentença em que vigora o primeiro NP e potencial poscedente, tanto existem quanto operam distinções de ordem morfológica, posto que, de uma condição para a outra, os NPs se alternam em gênero masculino e feminino – por exemplo entre ‘Glauce’ e ‘Julio’ – em meio a uma situação de dualidade genérica não procedente, entretanto, no segmento inicial em que tão somente o pronome catafórico manifesta-se por meio de um só gênero ao longo das quatro condições experimentais e da controle como exemplificadamente demonstrado acima a partir do pronome ‘ela’ do exemplo desta seção a qual é unicamente do gênero feminino e, portanto, testificador de um caso de unicidade genérica até esse ponto sentencial:

Gráfico 5 - Médias Temporais quanto à Congruência Morfológica no Segmento Crítico



Fonte: Dados da pesquisa.

Em resumo, conforme pode ser observado na Tabela 7 da ANOVA, em que se verificam os efeitos de cada uma das duas variáveis em isolado e entre uma e outra em estado de cruzamento mútuo, na análise por sujeito, houve a manifestação de um efeito significativo para a variável *constraint*, ou seja, para o tipo de restrição sintática ($F(1,22) = 7,96$; $p < 0.005$), concernente à operância do Princípio C, em decorrência dos tempos de leitura terem sido mais rápidos nas condições inerentes à ocorrência do princípio,

as condições *Principle C*, para esse segmento em questão, quando comparadas àquelas referentes à não intervenção do referido princípio, as condições *No-constraint*, nas quais ele está ausente. Da mesma maneira, houve a emergência de um efeito significativo para a variável congruência morfológica, respeitante à ocorrência de concordância ou não de gênero em masculino e feminino entre este 1º NP e o pronome catafórico predecessor ($F(1,22) = 3,73$; $p < 0.05$). Vê-se assim que os tempos de leitura foram mais acelerados nas condições em que procede a discordância genérica quando postas em comparação com aquelas em que sucede a concordância de gênero, nas quais foram mais desacelerados, quer dizer, mais lentos. Entretanto, não se obteve efeito significativo na interação entre os dois fatores ($F(1,22) = 0,01$; $p < 0.9$).

Em conjunto com esses resultados da ANOVA, para uma avaliação mais detalhada, a Tabela 8, presente na página 448, apresenta o intervalo de confiança dos efeitos. Nela é pertinente checar o Limite Inferior, o Superior e o Efeito do Intervalo de Confiança inerente a estas computações matemáticas da análise da variância até agora efetuadas e de que se tem aqui tratado. Vale lembrar que não consta neste intervalo a quinta condição, dado que ela corresponde à condição controle a qual não convém participar desta modalidade de cálculo de confiabilidade como descrito e comentado em esclarecimento argumentativo anterior.

Sequencialmente à análise de variância, seguiu-se com a efetuação do Teste de Fisher-Bonferroni, uma modalidade conservadora de cálculo estatístico para comparações múltiplas (as *pairwise comparisons*), para se verificar a existência ou não, com diferença significativa entre os graus sob evidenciação, de interação entre os níveis das condições que foram testadas. Em razão de este cálculo ter sido efetivado no segmento crítico, o 2º sujeito e primeiro NP da adverbial, o qual figura, porquanto, como o mais importante deste estudo, muito embora este teste seja preferencialmente indicado para se testar apenas os níveis das condições experimentais ao cruzá-las entre si na busca de constatação de diferença entre tais níveis, tamanho cálculo estatístico foi empreendido entre todas as condições de tal maneira que se procurou cruzar os níveis não só das condições experimentais entre si, como também, e excepcionalmente, entre os níveis da condição controle com as experimentais, testando-se todas as possíveis situações de embaralhamento, permuta e intercepção de cada level existente. Os resultados deste teste são, pois, expostos na Tabela 9, apresentado na página 448.

Que se ressalve o fato de que, apesar da indicação prioritária de que se mencionou, não é inválido nem esdrúxulo impetrar este teste considerando a condição controle

conjuntamente com as experimentais, apenas se é preferível, embora não proibido, que somente as condições experimentais sejam testadas umas em relação às outras. De todo modo, o cálculo mais apropriado já criado para a inclusão do controle, o Teste de Dunnett, também foi engendrado. Assim sendo, o Teste de Fisher-Bonferroni revelou um efeito significativo na comparação entre os níveis *No-Constraint Match* e *Principle C Mismatch* ($p < 0.004$), em outras palavras, entre a condição em que não há estabelecimento do princípio ao mesmo tempo em que procede a concordância de gênero e a condição na qual sucede o princípio juntamente com a discordância genérica em masculino e feminino. Do mesmo jeito, houve um efeito significativo entre os níveis da condição *No-constraint Match* com os da *Controle* ($p < 0.002$), o que implica dizer ter isso ocorrido entre os níveis daquele caso em que se obtém a não procedência do princípio simultaneamente à concordância genérica em comparação com os relativos ao da manifestação da correferência anafórica representada pela condição controle.

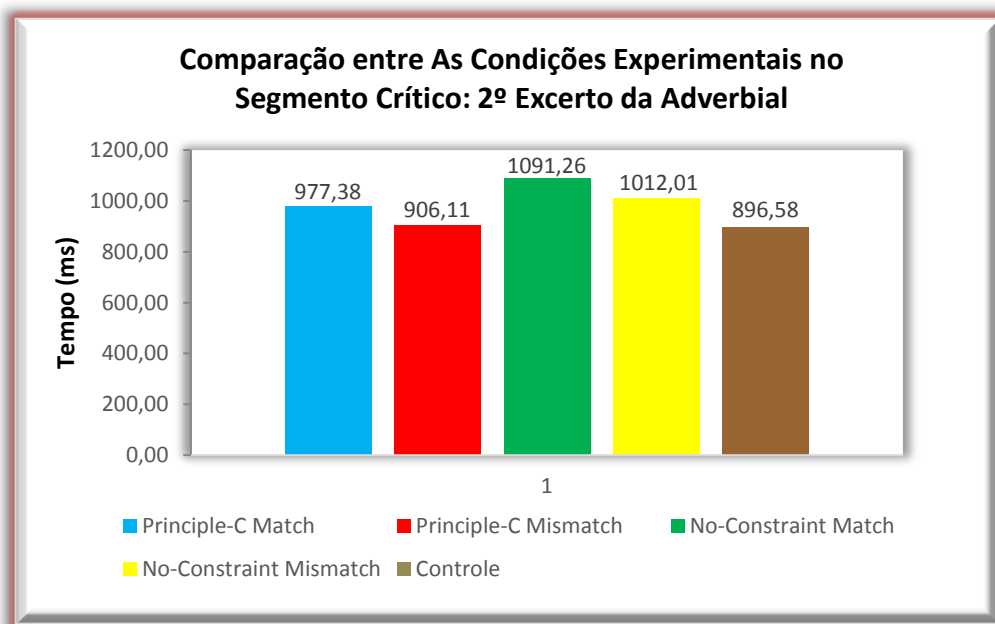
Como não foram obtidas diferenças significativas entre as condições mais cruciais para a constatação estatística da procedência do GMME (*o gender mismatch effect*) esperado entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch* ($p < 1$) com este tipo de teste em razão talvez de seu conservadorismo estatístico, outro teste de comparações múltiplas, o TESTE DE TUKEY, que é menos conservador que o anterior de Bonferroni, foi realizado com o propósito de buscar encontrar efeito significativo na *pairwise comparison* entre estas duas condições capitais. Os resultados do Teste de Tukey estão disponibilizados na Tabela 10, disponibilizada nas páginas 448 e 449. Mesmo assim, os efeitos encontrados também, mais uma vez, não foram significativos entre essas condições cruciais do *No-constraint Match* e do *No-constraint Mismatch* ($p < 0.48$) para a constatação do GMME mesmo depois de este teste ter sido efetivado. Por outro lado, tal como sucedido com o teste anterior de Fisher, novamente foram obtidos efeitos significativos entre as condições *No-constraint Match* e *Principle C Mismatch* ($p < 0.005$).

De um modo final, ainda no tangente a essa 2ª parcela da segmentação frasal, aplicou-se o TESTE DE DUNNETT com vistas a estabelecer a comparação entre os níveis das condições experimentais e os da controle, na estrita intenção de se observar se existia diferença significativa entre ambos os tipos de condições. A Tabela 11, expressa na página 449, demonstra os resultados desse cálculo. Assim, constata-se, através da análise tabular, que procederam efeitos significativos em duas comparações entre níveis promovidas. Para tanto, houve extrema significância de efeitos na comparação entre a condição *No-constraint Match* e a *Controle* ($p < 0.0008$), de ausência do princípio junto com a

concordância de gênero; e marginalmente significativa entre a condição experimental *No-constraint Mismatch* e a *Controle* ($p < 0.09$), também de inoperância do princípio, mas em situação de discordância genérica. A diferença significativa entre a condição controle e o par de condições *No-constraint* comprovam que o aumento no tempo de leitura nas condições em que não vigora a restrição sintática do Princípio C não se devem à introdução de um novo referente discursivo, pois se assim fosse, era de se esperar um tempo de leitura igualmente crescente na condição controle, o que não procedeu, tendo em conta que, neste caso, o tempo decorrido na leitura foi menor, portanto mais ágil, e não maior ou mais lento.

Antes de qualquer outra coisa e de se iniciar o processo da análise da variância do terceiro segmento, para que haja uma melhor visualização global dos efeitos captados nas análises estatísticas do segmento crítico e com o objetivo de se ter um panorama geral, bem como um quadro mais contundente do fenômeno sob tutela, os resultados das médias das condições experimentais são mostrados no Gráfico 6 seguinte com relação à análise do segmento crítico, aquele em que se verifica o segundo sujeito da sentença e o primeiro NP que sirva como potencial poscedente para o pronome catafórico como já frisado.

Gráfico 6 - Médias dos Tempos de Leitura do Segmento Crítico em cada uma das Cinco Condições Experimentais e de Controle



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do acesso ao Gráfico 6 susoretratado, existe diferença significativa de tempo de leitura entre duas condições comparadas entre si, a saber, entre as sentenças em que ocorre a Operacionalização do Princípio C junto com a Incongruência de Gênero

(*Principle C – Mismatch*) frente àquelas em que procede a Inoperância do Princípio conjuntamente com a Congruência de Gênero (*No-constraint – Match*). Pela observação direta do gráfico em elucidação, em que o eixo horizontal representa os diferentes jaezes de condições analisadas à medida que a haste vertical compreende os tempos de leitura efetivados por cada sujeito experimental diante de cada uma dessas condições, enquanto estavam sendo submetidos à tarefa de leitura automonitorada; percebe-se que a leitura das condições em que o Princípio C atua (correspondente às duas primeiras colunas) foi mais rápida do que o observado nas condições de não presença do princípio (referente à terceira e à quarta colunas) consoante demonstrado pelo Gráfico 4 anteriormente.

Assim mesmo, quando comparado, ao longo das condições, o fator *Presença do Princípio* com a condição *Controle*, em que se tem uma correferência anafórica, há de se fazer uma ressalva, pois apenas na condição em que há presença operante do princípio junto ao caso de incongruência de gênero os tempos de leitura foram mais rápidos do que os da condição *Controle*. Contudo, na condição em que o princípio se faz presente, havendo congruência genérica, os tempos de leitura são mais lentos se comparados ao que acontece no controle, assim como também acontece com as outras duas condições de inoperância do princípio. O gráfico também revela que o tempo de leitura na condição em que existe incongruência de gênero é mais rápido que na condição na qual ocorre a congruência genérica desde que consideradas conjuntamente com a presença ou não do princípio, isto é, a leitura na situação de incongruência é mais veloz que na de congruência, estando ambas as possibilidades de concordância inseridas simultaneamente ou na condição em que há operacionalização do princípio ou naquelas em que não há.

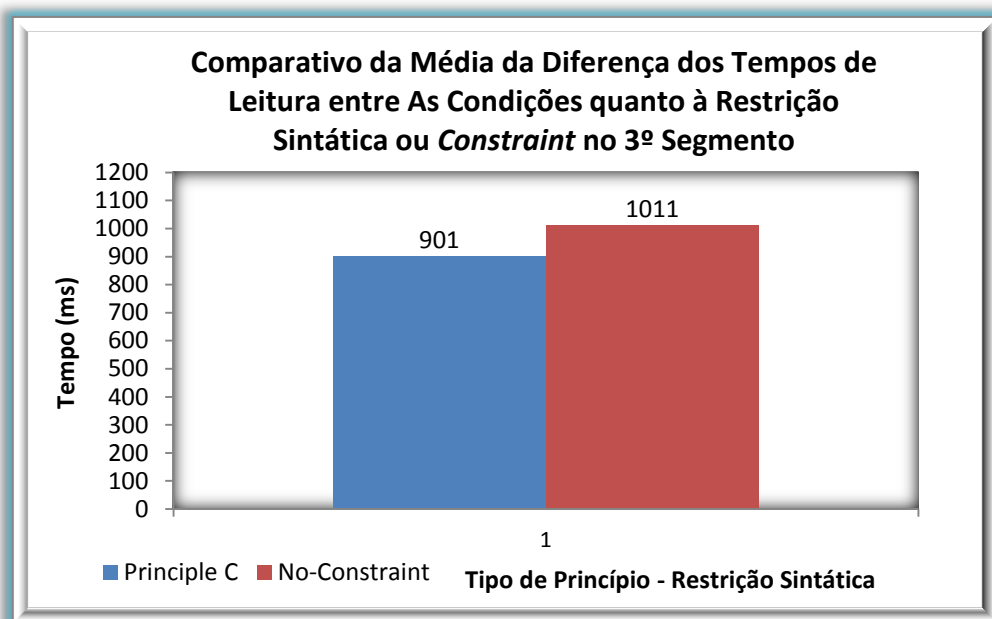
Algumas reservas também são importantes de serem feitas além do já dito com relação ao comportamento da congruência. Nas condições em que procede a incongruência em associação com a atuação do princípio, os tempos de leitura são menores do que em todas as demais condições onde existe tanto concordância quanto discordância de gênero, inclusive são mais céleres até do que naquelas caracterizadas como controle. Já em respeito àquelas condições em que se sucede a incongruência genérica em conluio com a ausência do princípio, os tempos de leitura delas só são mais ágeis do que as condições de congruência de gênero procedentes com a mesma ausência de princípio à proporção que são mais lentos do que todas as outras condições comparadas, incluindo as controles, quer sejam as de concordância quer sejam as de discordância genérica supervenientes em conjunto com a presença do princípio.

Encerradas, pois, as análises estatísticas principais concernentes ao segmento crítico, nada mais do que correspondentes ao 2º segmento submetido para a avaliação desta cata, estabeleceram-se os cálculos e avaliações vinculadas ao 3º e último excerto a ser analisado e trabalhado tanto matematica quanto estatisticamente.

Chegado a esse ponto, a conta inicial pautou-se novamente a partir do envio dos respectivos dados desse trecho ao tratamento estatístico da análise de variância do pacote ANOVA com o mesmo propósito de que se enxergasse a indubitável manifestação de efeitos significantes em consideração aos fatores em isolado. A Tabela 12, publicizada na página 449, demonstra os resultados absorvidos com esse processo. O exame dessa tabela indica ter havido um efeito significativo do tipo de princípio ($F(1,22) = 13,3$; $p < 0.0003$). Porém, a significância de efeitos para esse trecho da adverbial ocorreu apenas em relação a esse fator, e unicamente a ele, não havendo a sua emersão nem para o fator congruência de gênero em isolado ($F(1,22) = 0,6$; $p < 0.4$), como havia ocorrido nos dois outros segmentos anteriores analisados e nem para a interação entre os dois fatores em observância ($F(1,22) = 0,6$; $p < 0.4$), não tendo havido, portanto, efeito de interação dos fatores.

Mantendo-se o cerimonial, da mesma forma que o imputado antes para os dois outros segmentos analisados, para que seja viabilizada uma vista minuciosa, a Tabela 13, na página 450, apresenta o intervalo de confiança dos efeitos para esse terceiro segmento sob sondagem, através do qual se verifica o seu próprio efeito e particular limite inferior e superior.

Gráfico 7 - Médias Temporais quanto à Restrição Sintática no Terceiro Segmento

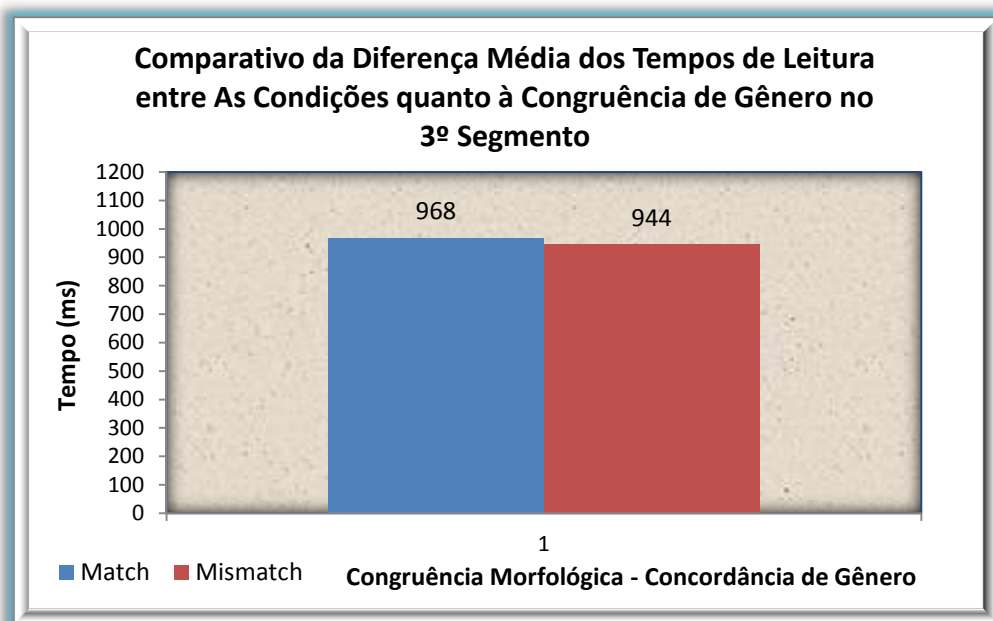


Fonte: Dados da pesquisa.

A examinação do Gráfico 7, logo acima evidente, nos permite notar que os tempos de leitura nas condições em que se evidencia a ocorrência do princípio enquanto restritor sintático é significativamente mais rápido, sendo de 901 ms, do que naquelas outras ao longo das quais não há procedência operacional do Princípio C, as condições nomeadas de *No-constraint*, nas quais o tempo é de 1011 ms.

Por sua vez, em razão de não ter havido significância, a visualização do Gráfico 8, exposto em sequência, nos possibilita constatar que a diferença do tempo de leitura entre as duas condições confrontadas é irrisória, sendo de valor absoluto um pouco menor, em torno de 944 ms, nas condições em que a congruência morfológica não procede, ou seja, em meio àquelas em que ocorre a discordância genérica à medida que o tempo de leitura é um pouco superior, sendo de 968 ms, nas condições em que a concordância de gênero é praxe:

Gráfico 8 - Médias Temporais quanto à Congruência Morfológica no Terceiro Segmento



Fonte: Dados da pesquisa.

Almejando-se ratificar a veracidade desses resultados, aplicou-se, de igual maneira, o Teste de Kruskal-Wallis cujos resultados podem ser visualizados nas Tabelas 14 e 15, retratadas nas páginas 450 e 450/451 respectivamente, haja vista a distribuição não normal desses dados a qual foi perfeitamente conformada para a amostra desse 3º segmento após executado o Teste de Normalidade de Shapiro-Wilk.

A Tabela 14 retrata o teste aplicado sobre o fator restrição sintática, que corrobora os achados nos cálculos anteriores da ANOVA, de tal sorte que houve um efeito principal para essa variável em questão ($H(1) = 9,66$; $p < 0.002$), o que implica em diferenciação entre os fatores comparados, isto é, entre o *No-constraint* e o *Principle C*, com efeito significativo em se tratando desse fator.

Já a Tabela 15 enquadra os resultados advindos da execução do teste por sobre o fator congruência morfológica. A sua observação atenta demonstra que não houve efeito principal de concordância de gênero ($H(1) = 0,1$; $p < 0.75$), corroborando mais uma vez o que foi postulado antes nas computações da ANOVA, de maneira que não existe diferença entre os fatores comparados, os quais não demonstram efeito significativo para essa variável em pauta.

Os dois testes de Kruskal-Wallis efetivados reafirmaram os resultados obtidos pelos cálculos da análise da variância estipulados pela ANOVA pouco antes, demonstrando que eles, a despeito da distribuição não normal dos dados, estão corretos e isentos de qualquer vício e equívoco estatístico.

Com essa etapa cumprida, prosseguiu-se com o Teste de Fisher-Bonferroni enquanto modalidade de *pairwise comparison* para comparar cada um dos níveis das condições experimentais entre si em busca de efeitos significativos. Os resultados podem ser vistos na Tabela 16, retratada na página 451, a qual mostra ter havido um efeito significativo em duas situações distintas. De um lado, ocorreu significância nas condições em que foram comparados os níveis *No-constraint Match* com *Principle C Mismatch* ($p < 0.01$) e, de outro, naquelas ditas tais condições através das quais se compararam os níveis *No-constraint Mismatch* com o *Principle C Mismatch* ($p < 0.01$). Dito de outro modo, vê-se então diferença entre níveis, primeiramente, quando se estabelece comparação entre as condições em que o princípio não ocorre juntamente com a concordância de gênero e naquelas em que tal princípio atua conjuntamente com a discordância genérica (*No-constraint Match* e *Principle C Mismatch*). Em segundo lugar, observa-se a diferenciação quando se comparam os níveis das condições em que o mesmo princípio não concorre simultaneamente à não concordância de gênero e entre aquelas outras em que o princípio em tela procede igualmente junto a uma discordância genérica (*No-constraint Mismatch* e *Principle C Mismatch*).

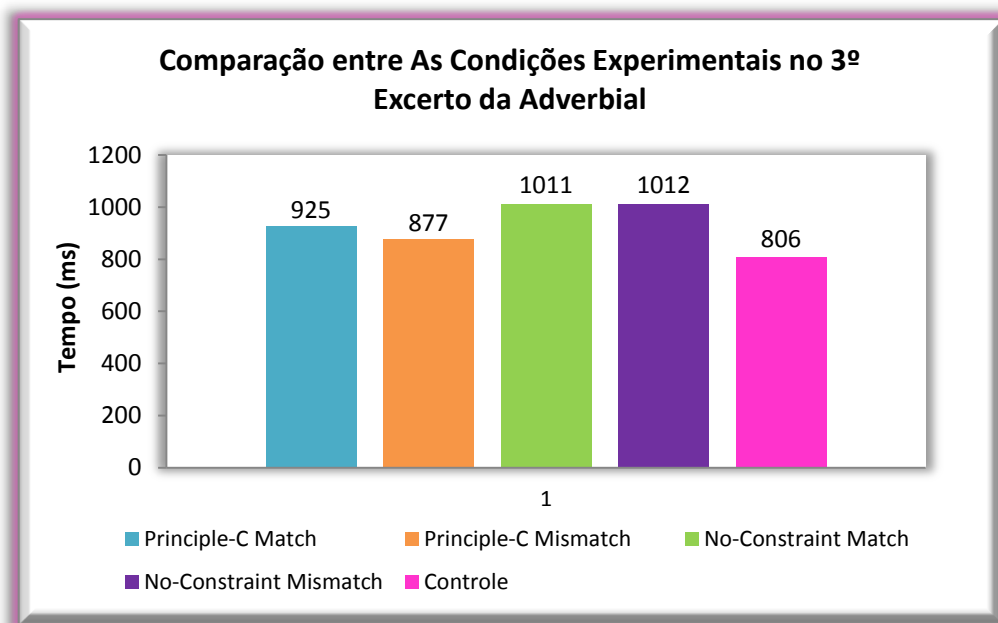
Vencido mais esse estágio, cogita-se fazer o Teste de Dunnett na intenção de comparar os diversos níveis das condições experimentais com os da condição controle a procura de efeitos significativos. A Tabela 17, apresentada na página 451, expõe os resultados resultantes da execução desse teste que absorveu diferença significativa em quase todas as situações

envolvidas, ou seja, entre os níveis de pelo menos três tipos de comparações efetuadas à semelhança do ocorrido com o 1º segmento analisado por meio deste tipo de teste e que foi exposto mais acima bem no início desta secção.

Logo, obteve-se significância de efeitos nas comparações efetivadas da condição *Controle* tanto com as condições experimentais *No-constraint Match* ($p < 1,66^{E-06}$) quanto entre a condição *Controle* e as condições *No-constraint Mismatch* ($p < 1,28^{E-06}$), assim como entre o *Controle* e o *Principle C Match* ($p < 0,01$), não procedendo a diferenciação significativa quanto ao efeito obtido apenas entre o *Controle* e o *Principle C Mismatch* ($p < 0,2$) tomados ambos em comparação entre si. Em outros termos, houve diferença significativa entre os níveis nos casos em que se compararam a condição *Controle* ou com as condições de inoperância do princípio enquanto restrição juntamente com a concordância de gênero (*No-constraint Match* – *Controle*), ou de inobservância do princípio junto à discordância genérica (*No-constraint Mismatch* – *Controle*) ou quando o mesmo princípio opera conjuntamente à concordância de gênero (*Principle C Match* – *Controle*).

Assim como procedido com o segmento crítico, o Gráfico 9 seguinte retrata as diferenças temporais médias estabelecidas entre cada uma das condições experimentais do terceiro segmento as quais foram comparadas entre si:

Gráfico 9 - Médias dos Tempos de Leitura do Terceiro Segmento em cada uma das Cinco Condições Experimentais e de Controle



Fonte: Dados da pesquisa.

De posse visual do Gráfico 9, susoevidente, houve diferença de tempo de leitura significativa entre as condições de Atuação do Princípio juntamente com a Incongruência de Gênero e as condições de Inoperância do Princípio C em consonância com a Congruência de Gênero (*Principle C Mismatch – No-constraint Match* = $p < 0.01$) de um lado, assim como entre as condições de Operância do Princípio em conformidade com a Incongruência de Gênero e as condições de não operância do Princípio em conjunto com a Incongruência de Gênero (*Principle C Mismatch – No-constraint Mismatch* = $p < 0.01$) de outro.

A análise do Gráfico 9, acima retratado, demonstra que as condições em que há atuação da restrição sintática do Princípio C incidente sobre o terceiro segmento compõem sentenças que são lidas mais rapidamente do que aquelas em que tal restritor não opera, as sentenças *No-constraint*, sendo a diferença entre ambos os grupos de condições significativa quando um fator é comparado com o outro independente dos níveis que sejam de fato constituídos a partir deles (as variáveis ou fatores), isto é, os dois primeiros pares considerados em conjunto, primeira e segunda colunas, diferem significativamente em termos estatísticos do que os dois últimos, terceira e quarta colunas, no que se refere à variável restrição sintática ($F(1,22) = 13,3$; $p < 0.0003$).

Dado interessante é que estas sentenças são lidas quase que com a mesma velocidade tanto nas condições de concordância (*Match*) quanto de discordância genérica (*Mismatch*), visto que ambas apresentam praticamente o mesmo tempo de leitura (1011 e 1012 ms respectivamente). Por sua vez, em relação às sentenças de operância do Princípio C (*Principle C*), as condições em que há incongruência de Gênero (*Mismatch*) são lidas mais velozmente que aquelas em que procede a congruência (*Match*). E como já esperado, a condição controle correspondeu à sentença que foi lida com mais agilidade, tendo sido mais rápida do que todas as demais sentenças experimentais.

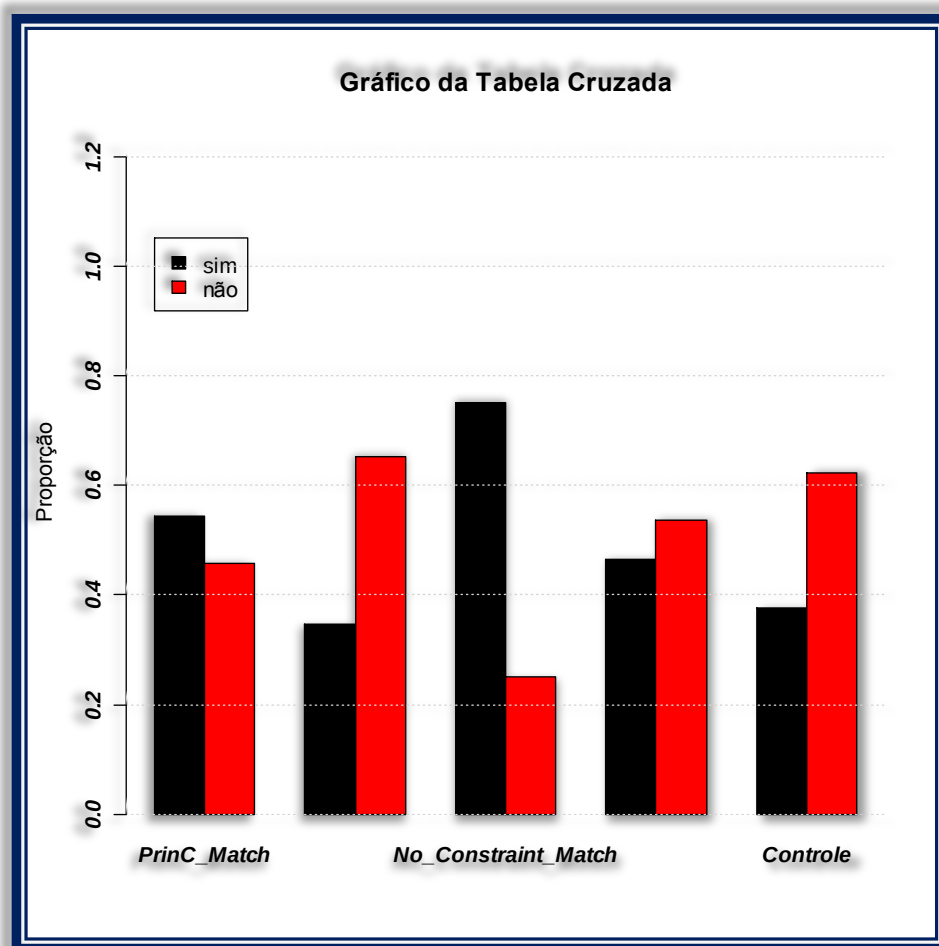
Finalizado esse último teste reproduzido em derredor do terceiro segmento da adverbial, encerram-se os cálculos estatísticos em relação aos seus excertos e no que se refere à análise da estrutura frasal do período em si, ou seja, da oração subordinada adverbial em tela, restando tão somente de ser realizada a avaliação estatística da pergunta-sonda interpretativa que aparece ao final da leitura de cada uma das condições por meio das quais as frases foram montadas e que compreende o teste *off-line*.

O direcionamento para a observação atenta da Tabela 18, demonstrada na página 452, a Tabela de Contingência, elucida ter havido um efeito altamente significativo para o TESTE DO QUI-QUADRADO efetuado ($\chi^2(4) = 56,9$; $p < 1,31^{E-11}$) de tal maneira que os resultados apontados por ele indicam que os fatores em observância nas condições

experimentais favorecem as respostas binárias em ‘*sim*’ ou ‘*não*’ em uma determinada direção, não conformando uma situação na qual as respostas sejam aleatórias e movidas pela probabilidade de distribuição equivalente – ou meio a meio, sendo dito de forma diversa – entre uma dada resposta e outra das duas acessíveis tal qual se pode enxergar mais facilmente na Tabela 19, exposta na página 453, em que se apresenta o resultado desse evidenciado cálculo em isolado, o Teste do Qui-Quadrado, para uma melhor interpretação, em que se verifica que o efeito foi significativo ($\chi^2(4) = 56,9$; $p < 1,31 \times 10^{-11}$).

Com os alicerces fincados nesse teste *off-line*, torna-se apreensível avaliar objetivamente os dados vinculados ao gráfico da Tabela Cruzada por intermédio da análise do Gráfico 10 passível de ser subsequentemente avaliado:

Gráfico 10 – Gráfico da Tabela Cruzada do Teste Off-line referente à Pergunta-Sonda Interpretativa



Fonte: Dados da pesquisa.

A análise minuciosa e atenta do Gráfico da Tabela Cruzada, a saber, o Gráfico 10 acima, é capaz de informar que, nas condições em que se verifica a congruência morfológica ou concordância de gênero (*Match*), a tendência a ser dada nas respostas à pergunta-sonda é

prioritariamente ‘*Sim*’ ou afirmativa enquanto que na condição Controle e naquelas em que ocorre discordância de gênero (*Mismatch*) a tendência é a oposta, sendo priorizada a resposta ‘*Não*’ ou negativa independente da inobservância ou não do princípio nessas situações. Nas situações em que a congruência sucede dentro do contexto de inexistência do Princípio C, a quantidade de respostas ‘*Sim*’ ou positivas é imensamente superior às ‘*Não*’ ou negativas (*No-constraint Match*) enquanto que, nos casos de observância da restrição sintática inerente à existência do Princípio C quando há congruência (*Principle C Match*), a quantidade de respostas ‘*Sim*’ ou afirmativas é apenas ligeiramente superior às que são negativas, havendo quase que uma equivalência entre ambas as respostas.

Assim colocado, a mesma diferença ou comparabilidade simétrica quanto à reação de respostas ‘*Sim*’ ou ‘*Não*’ por parte dos participantes quanto à atuação ou não do princípio não pode ser vislumbrada no mesmo sentido, tendo em vista que tanto nas condições com operância da restrição sintática quanto nas de não operacionalização as respostas são divididas em afirmativas ou negativas de modo diverso do que procede quando se averigua o fator Congruência a depender da satisfação a ser conferida à concordância ou não de gênero à situação em específico. É tanto que, quando a sentença em que a ocorrência do princípio casa, havendo concordância de gênero, a tendência de respostas é ‘*Sim*’ (*Principle C Match*) à proporção que, quando descasa, existindo discordância genérica, a tendência se reverte para ‘*Não*’ (*Principle C Mismatch*). Procedimento quejando ocorre com os casos de não imposição da restrição através do princípio, havendo respostas majoritariamente direcionadas para o ‘*Sim*’ quando concorre a concordância de gênero (*No-constraint Match*) e em quantidade ligeiramente inferior quando há concorrência da discordância genérica de maneira que o número de respostas ‘*Não*’ é um pouco maior nesses casos de incongruência (*No-constraint Mismatch*).

Tendo encerrado esse estágio inicial dos cálculos imanentes à pergunta interpretativa, passou-se aos TESTES DE PROPORÇÃO DE UMA e DE DUAS AMOSTRAS através da ESTATÍSTICA DE PEARSON, o famoso TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON, a fim de se checar o balanceamento das respostas entre ‘*Sim*’ e ‘*Não*’ ao longo das amostras interpassadas entre si. Efetuou-se, assim, o TESTE DE PROPORÇÃO DE UMA AMOSTRA, de início, considerando-se, pois, os sucessos (número de respostas *sim*) e os fracassos (número de respostas *não*) fornecidos em cada uma das condições em particular dentre as quatro experimentais existentes. Esse tipo de teste de uma amostra averigua se as diferenças entre respostas categóricas, neste caso a diferenciação entre o que se responde como

‘SIM’ e como ‘NÃO’, são significativas junto ao escopo de cada um dos níveis compreendentes dos fatores ou variáveis que compõem a experiência.

O primeiro cálculo foi efetivado sobre a condição de ocorrência do princípio juntamente com a concordância de gênero (*Principle C – Match*) como claramente publicizado na Tabela 20, localizada na página 453. Conforme nela se pode ver, não houve efeito significativo para essa amostra concernente à primeira condição analisada isoladamente ($\chi^2(1) = 0,88$; $p < 0.3$). Logo em seguida, realizou-se o mesmo teste para se verificar significância no que tange à quantidade de sucessos e fracassos ocorridos na condição em que sucede a implementação do princípio junto à discordância genérica (*Principle C – Mismatch*) cujos resultados podem ser vistos na Tabela 21, elucidada nas páginas 453 e 454. A sua análise dessa vez, no entanto, demonstra ter havido efeito significativo no tocante à amostra típica dessa condição avaliada ($\chi^2(1) = 12,78$; $p < 0.0003$).

Na sequência, procedeu-se então com a verificação em relação à condição de não efetivação do princípio conjuntamente com a concordância de gênero (*No-constraint – Match*) de tal modo que os resultados encontrados foram também extremamente significativos ($\chi^2(1) = 34,5$; $p < 4,26 \times 10^{-9}$) consoante demonstrado na Tabela 22, representada na página 454. Por fim, para encerrar esses testes de uma amostra, houve a verificação da condição em que não se manifesta a restrição sintática inerente ao princípio junto à discordância genérica (*No-constraint – Mismatch*). Os resultados oriundos dos cálculos desse último nível avaliado, tal como ocorrido com o primeiro level ou condição, não revelaram efeitos significativos ($\chi^2(1) = 0,59$; $p < 0,4$) de acordo com o clarificado pela Tabela 23, apresentada na página 455.

Tomando-se em consideração que as respostas esperadas a serem fornecidas pelos participantes da pesquisa deveriam ser ‘Não’ para a primeira (*Principle C – Match*), segunda (*Principle C – Mismatch*) e quarta (*No-constraint – Mismatch*) condições experimentais ao passo que ‘Sim’ exclusivamente para a terceira condição experimental (*No-constraint – Match*), parece evidente, com base nos resultados até então colhidos, que os sujeitos responderam aleatoriamente ‘Sim’ ou ‘Não’ em face à primeira e à quarta condições postas à medida que responderam prevalecentemente em uma só direção seja ao responderem majoritariamente ‘Não’ perante a segunda condição seja ao darem ‘Sim’ como resposta prevalente diante da terceira condição, conforme o já aguardado para ocorrer com estas duas últimas condições em que se colheu efeito significativo.

Concluídos esses testes de uma amostra, o segundo passo consistiu em seguir-se com os testes de duas amostras. O TESTE DE PROPORÇÃO DE DUAS AMOSTRAS trabalha não com um fator dentro de uma única condição ímpar em particular, mas com a variável

realizada em todas as condições em que se cruza com as demais variáveis sob manipulação. Logo, essa modalidade de teste verifica se tamanha diferenciação é significativa no âmbito das próprias variáveis sob experimentação em se considerando toda sua extensão fatorial, as quais, neste experimento, notadamente compreendem os fatores ‘**Restrição Sintática**’ e ‘**Congruência de Gênero**’.

Assim, testou-se, neste caso, o comportamento do fator *Restrição Sintática* ao se cruzar as condições de operacionalização e inoperância do Princípio C, isto é, entre as variáveis *Principle C* e as *No-constraint* independente da interação que elas possam ter com o outro fator que concerne à Congruência Morfológica. Com isso, o cruzamento entre os níveis do fator Restrição Sintática gerou efeito significativo ($z = 3,75$; $p < 0.0002$) tal qual constatado na Tabela 24, exposta nas páginas 455 e 456.

Sequencialmente, seguiu-se com o mesmo teste a fim de entrelaçar a outra variável faltante para ser testada estatisticamente, correspondente ao fator *Congruência Morfológica*. Sendo assim, o cruzamento entre as condições de ingerência da concordância e da discordância de gênero foi efetuado, ou seja, as variáveis *Match* e *Mismatch* foram cruzadas, não importando, da mesma forma, as interações que elas mantenham com o fator referente à restrição sintática de sorte que os cálculos realizados em cima desse entrelaçamento acabou por resultar também em efeito imensamente significativo ($z = 5,63$; $p < 1,84^{E-08}$) de acordo com o exposto na Tabela 25, expressa na página 456.

Por fim, a Estatística de Pearson referente às perguntas-sonda da condição Controle foi efetuada a fim de observar se os participantes efetivaram a referência disjunta entre ambos os NPs. Foram encontrados efeitos significativos ($\chi^2(1) = 7,89$; $p < 0,005$) na diferença das médias das respostas fornecidas pelos sujeitos para essa condição controle de sorte que as respostas na direção do ‘Não’ foram significativamente superiores às respostas dadas no sentido do ‘Sim’, fato a revelar que os participantes não confundiram as ações que foram praticadas pelo NP₁ como tendo sido realizadas pelo NP₂ e vice-versa, justificando o estabelecimento da referência disjunta entre o 1º e 2º NPs por parte dos sujeitos conforme apontado pelos dados na Tabela 26, publicada na página 457.

Isso exibido, enfim encerram-se todos os testes estatísticos referentes a esta pesquisa. Dessa feita, no subtópico seguinte, haverá a discussão desses resultados para então finalmente serem tecidas as conclusões a que se tem chegado com a consecução deste estudo alicerçado em torno de uma pesquisa experimental a qual foi movida pela execução do aludido experimento a integrar esta dissertação enquanto trabalho inquiritivo magistral.

4.1.4 Discussão

Inicialmente, no tocante à análise do segmento crítico correspondente ao segundo excerto da adverbial que compreende o 1º NP processado, o conjunto dos dados estatisticamente analisados sugere que o Princípio C enquanto restrição sintática é operante em português brasileiro. Isso significa dizer que, independente da influência à parte que possa ser exercida pelos *traços-phi* (ϕ) de gênero referentes à informação morfológica veiculada pelos potenciais correferentes, os quais compreendem a forma remissiva e o pronome catafórico, o *parser* de falantes do PB é sensível a restrições de natureza sintático-estrutural, ou seja, a *constraints* durante o decurso da resolução pronominal em contextos de dependência de longa distância, além do que em meio ao estabelecimento da correferência catafórica, mais especificamente quando tamanho fenômeno linguístico, do domínio da correferenciação, é engendrado por pronomes e, ainda mais afuniladamente, pelos pronomes pessoais em função de sujeito e posição própria do caso nominativo de argumentos externos. Essa constatação é, pois, sugerida, levando-se em conta os efeitos principais significativos que foram obtidos para o fator restrição sintática os quais demonstram ter sido o segmento crítico, concernente ao conjunto das duas condições isentas da operacionalização do restritor inerente ao Princípio C, lido e processado de maneira significativamente mais morosa (1.051,64 ms) do que o conjunto das condições marcadas pela ação do princípio o qual teve a leitura e respectivo processamento realizado de modo significativamente mais célere (941,75 ms) pelo *parser*, lembrando que tal conjunto quer seja caracterizado ou não pela ação da restrição sintática do Princípio C tanto se compõe quanto se caracteriza pela congruência e incongruência de gênero entre os potenciais correferentes, isto é, entre o pronome catafórico e o 1º NP com o qual potencialmente pode estabelecer a correferência.

Para além disso, o efeito particular obtido na comparação entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Mismatch* das *pairwise comparisons* (comparações múltiplas) demonstram que tamanhos efeitos principais não procedem da atuação isolada do princípio, mas sim de sua ação conjunta com os *traços-phi* (ϕ) de gênero, pois, se assim não fosse e a restrição atuasse de modo absoluto, independente e/ou isolado, os efeitos teriam ocorrido entre a condição *No-constraint Match* e as duas condições marcadas pela operacionalização do Princípio C, a saber, o *Principle-C Match* e o *Principle-C Mismatch*, a fim de comprovar que, isolada a ação dos *traços-phi* (ϕ) de gênero, a aplicação do princípio se faria contundente em quaisquer circunstâncias. Além do mais, se o Princípio C fosse

inteiramente autônomo em sua capacidade de intervir no processamento correferencial catafórico sem que a informação morfológica fosse capaz de interferir em sua ação, não haveria razão de ter emergido efeito principal significativo para o fator congruência morfológica, fato que sugere serem os *traços-phi* (ϕ) de gênero influentes junto ao processamento da correferência catafórica pronominal em PB de maneira que a concordância dos traços morfológicos de gênero entre os potenciais correferentes, correspondentes ao pronome catafórico e ao 1º NP, evidenciou retardar o processamento das relações correferenciais catafóricas em curso, uma vez que a correferência é estabelecida ou se é tentada estabelecê-la. Do mesmo modo, a discordância entre os *traços-phi* (ϕ) de gênero dos possíveis correferentes demonstrou agilizar o processamento, visto que não se procede com a tentativa de estabelecimento da correferência de maneira que ela não é firmada para que consequentemente assim seja gerada uma referência disjunta. É por essa razão que se tem observado terem sido os tempos de leitura do segmento crítico significativamente mais rápidos para o conjunto de condições em que procede a discordância de gênero entre o pronome catafórico e o 1º NP (959,07 ms) do que para aquelas em que vigora a concordância genérica entre os potenciais correferentes (1034,32 ms).

Em face disso, há de se destacar que, apesar de impactar diretamente o processamento da correferência catafórica, os dados sugerem, portanto, que o Princípio C parece não influir de modo absoluto e livre em meio a esse processo, de modo que a ação de implementação da restrição não se mostra processualmente decisiva ou plenamente independente a ponto de bastar por si só para interpor a resolutividade necessária da relação correferencial que se lhe impõe; posto que os *traços-phi* (ϕ) de gênero, como evidenciado pelo experimento, parecem simbioticamente se adjungir à conjuntura de atuação da restrição sintática de maneira a interferir sobre o Princípio C na resolução do processamento da correferência catafórica quer seja cooperando ou não com o restritor. Isto pode ser concluído ao se observar que não houve diferença significativa, em se tratando das análises respeitantes às comparações em pares, as *pairwise comparisons*, entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Match* quando notadamente deveria ter havido diferença entre a condição *No-constraint Match* e as duas condições de atuação da restrição sintática do Princípio C as quais compreendem a *Principle-C Match* e a *Principle-C Mismatch*, como pontuado, para assim se poder afirmar categoricamente que o Princípio C é autônomo, ou caso se desejasse ratificar que tal restrição sintática pudesse ser imperativa e livre em sua capacidade de tanto estabelecer a correferência catafórica quanto a referência disjunta correspondente.

Com isso, não havendo diferenciação estatística e, obviamente, efeito significativo encontrado entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Match*, resta evidenciado que há determinados contextos em que a aplicação do Princípio C não é suficiente e preponderante por si só para hegemonicamente firmar a imperiosa referência disjunta que se faz mister impor para encaminhar o devido processamento da correferência catafórica pronominal. Portanto, o fato de o efeito não ter sido significativo na comparação entre a condição *No-constraint Match* e a *Principle-C Match*, em que o 1º NP é congruente em gênero com o pronome catafórico, implica na consideração de que este nominal, desconsiderado como potencial poscedente para o pronome em decorrência da violação ao Princípio C, pode ter sido, por seus *traços-phi* (ϕ) de gênero estarem em congruência com o pronome catafórico precedente, temporariamente considerado ou ao menos por um instante pautado como possível poscedente, durante os estágios da computação, em função exclusivamente da informação morfológica compartilhada entre os possíveis correferentes, de tal forma que essa influência dos traços possivelmente pode ter minimizado o poder de ação em tempo real e/ou o alcance em termos estritamente retroflexos e *on-line* a ser desempenhado pela restrição sintática inerente ao Princípio C a ponto de ter naturalmente impedido a emersão de um efeito significativo entre tais condições, notadamente entre a *No-constraint Match* e a *Principle-C Match*.

Assim, é cabível que o *parser*, em algum instante do processamento, até mesmo nos estágios finais ou mais tardios se não ao menos naqueles iniciais, tenha considerado como correferente do pronome catafórico, mesmo que temporariamente, um nominativo gramaticalmente ilícito que estivesse diretamente sob ação do Princípio C, mas que fosse congruente morfológicamente a ponto de essa concordância dos *traços-phi* (ϕ) de gênero ter, mesmo sem que tenha conseguido, ao final, lograr êxito na violação ao Princípio C, forçado ou estimulado o estabelecimento da correferência, apesar de indevidamente em razão da operância da restrição sintática, por conta do casamento da informação morfológica de gênero que aparenta desempenhar, por sinal, um papel preponderante em PB, de tal sorte que tais ponderações e os resultados cá encontrados para o PB estão de acordo com os obtidos por Hirst e Brill (1980) os quais concluíram para a língua inglesa que, durante a resolução correferencial endofórica pronominal, tanto anafórica quanto catafórica, o *parser* de falantes de inglês temporariamente considera correferentes gramaticalmente ilícitos, inclusive sujeitos ao Princípio C. É tanto que, apesar de a diferença não ter sido significativa, o *parser* demorou mais, em termos absolutos, a processar o 1º NP na condição *Principle-C Match* (977,38 ms) do que na *Principle-C Mismatch* (906,11 ms), o que é um tanto sugestivo, por outro ângulo

comparativo, quanto à interferência exercida pelos *traços-phi* (ϕ) de gênero; uma vez que, mesmo não sendo a diferença significativa, se o princípio por si só fosse suficiente para firmar a referência disjunta entre o pronome catafórico e este 1º NP, seria de se esperar que numericamente os tempos de leitura fossem equivalentes um ao outro ou extremamente próximos, o que demonstraria, mais acertadamente ainda, que o *parser* teria processado as duas estruturas semelhantemente e que não se teria deixado influenciar, em hipótese alguma, pela informação morfológica nessa altura da sentença sob computação devido à possível ação imperativa do Princípio C. Ora, como os valores não se revelaram iguais ou bem próximos, há de se cogitar que possa ter acontecido de o efeito não ter emergido entre as condições *Principle-C Match* e *Principle-C Mismatch* em razão de o tamanho da amostra não ter sido grande o suficiente de maneira que o aumento dela poderia fazer com que o efeito emergisse apontando para uma diferença significativa entre ambas as condições de sorte a compor uma evidência a mais a ser adicionada à já obtida significância para a diferenciação estabelecida entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Mismatch* tal como acima destacado.

Logo, depreende-se também, com isso, que a informação morfológica caracterizada pelos *traços-phi* (ϕ) de gênero não se revela ser inteiramente suplantada pela ação da restrição sintática do Princípio C em PB no decurso do processamento da correferência catafórica pronominal porque se mostra capaz, por outro lado, de coadunar-se com o princípio para favorecer ou dificultar o estabelecimento e subsequente processamento da referência disjunta ao longo do processamento correferencial catafórico, o que é compatível com o defendido por Lessa (2014) também para o PB a qual também achou evidências de que os *traços-phi* (ϕ) provocam interferências junto ao Princípio C no processamento de substantivas em estudo de sentenças complexas compostas por duas cláusulas. Todavia, a constatação de que a ação do Princípio C é modulada pelos *traços-phi* (ϕ) de gênero e vice-versa, ou seja, que a atuação da restrição sintática característica do Princípio C e que a implementação dos *traços-phi* (ϕ) modulam um ao outro não se compatibiliza com o pautado para o processamento da correferência catafórica pronominal em inglês, holandês, russo e japonês (cf. AOSHIMA, YOSHIDA & PHILLIPS, 2009; KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007; KAZANINA & PHILLIPS, 2010; PABLOS et. al., 2011b, 2012b, 2015; YOSHIDA et. al., 2014) em que não se tem averiguado a modulação dos *traços-phi* (ϕ) de gênero sobre a intervenção do Princípio C na solução da computação das relações correferenciais catafóricas, mas sim uma prevalência e plena autonomia da restrição sintática própria do Princípio C que não se mostrou ser afetada pela interferência de variáveis outras tais como os *traços-phi* (ϕ) de gênero. Em assim sendo, o fato de ter emergido efeito significativo apenas entre a condição

No-constraint Match e a *Principle-C Mismatch* indica que a ação do Princípio C é regulada pela atuação dos *traços-phi* (ϕ) de gênero de modo que nem a restrição sintática nem a informação morfológica são hegemônicas na capacidade de estabelecer a referência disjunta ou em ajudar a prover a correferenciação; pelo contrário, ambos parecem regular um ao outro no processo de estabelecimento e processamento da correferência catafórica e da devida computação de tais relações correferenciais em português brasileiro (PB).

Tamanha constatação, patrocinada por meio desta perscrutação, sobre a interferência do Princípio C no processamento da correferência catafórica pronominal de certa forma replica, porquanto, em português brasileiro (PB), em se tratando exclusivamente do estudo dos pronomes pessoais ‘ele’ e ‘ela’, a respeito do processamento das catáforas e dos seus respectivos processos de correferenciação, os achados já realizados em outras línguas para as quais se tem evidenciado haver interferência, em tempo real, da ação do Princípio C e de outras restrições gramaticais e/ou sintático-estruturais no decurso da computação das relações correferenciais catafóricas; coadunando-se, a priori, com os resultados que foram capturados primeiramente *off-line* por tarefa de taxa de aceitabilidade e depois *on-line* por leitura automonitorada acerca do parseamento dessas estruturas correferenciais no estudo psicolinguístico clássico conduzido em inglês frente ao processamento correferencial catafórico perfeito por adultos (KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007).

Ademais, alinha-se, em sequência, ao psicolinguisticamente obtido perante o processamento quer infantil quer adulto e de aquisição em inglês, também por modalidade metodológica *on-line* a partir do paradigma do mundo visual juntamente com o uso de metodologia *off-line* caracterizada pelo emprego de uma tarefa de julgamento de valor de verdade, em respeito à aquisição desse complexo estrutural em estado de correferência e à precoce atuação do Princípio C em crianças (CLACKSON & CLAHSEN, 2011), além do que ao observado no Experimento 2 do estudo *off-line* de julgamento de aceitação da correferência catafórica juntamente com a anafórica impetrada em inglês por Gordon e Hendrick (1997).

Compatibiliza-se, igualmente, com o estudo psicolinguístico sobre correferenciação catafórica em inglês associada às restrições da ilha sintática, *island constraint* (YOSHIDA et. al., 2014), bem como mantém compatibilidade, exclusivamente neste aspecto da interveniência do Princípio C enquanto restritor no transcurso do processamento, com os estudos protagonizados em russo (KAZANINA, 2005; KAZANINA & PHILLIPS, 2010) e posteriormente em holandês (PABLOS et. al., 2011b, 2012b, 2015). Também estão afinados com os resultados colhidos em alemão para falantes nativos de alemão como L₁ e por falantes proficientes em alemão como L₂ tendo o russo como L₁ (FELSER & DRUMMER, 2016).

Estes resultados concernentes às restrições aqui impostas pelo Princípio C também são condizentes com o relatado em Aoshima, Yoshida e Phillips (2009) para o japonês, já que o processamento da correferência nesta língua *head-final* também se mostrou sensível à ação de *constraints*, isto é, de restrições sintáticas, notadamente das propriedades configuracionais e de caso dos potenciais poscedentes, ao sofrer interferência processual da restrição própria da ordem sintática não canônica, a saber, do restritor sintático-estrutural pertinente ao *scrambling*, bem como daquele inerente à marcação de caso que é intimamente vinculado a essa restrição da ordem vocabular sentencial quer seja ela canônica ou não canônica.

Nesse sentido, mesmo que o Princípio C enquanto restritor sintático não tenha sido diretamente investigado em japonês, e sim outra restrição mais naturalmente integrada a uma língua *head-final* feita a japonesa, notadamente a *constraint* tangente ao *scrambling*, em que o pronome catafórico pode preceder seu antecedente e ainda ser c-comandado por ele ao ser interpretado em sua posição canônica, aquela posterior ao antecedente tal como se fosse uma anáfora (cf. AOSHIMA, YOSHIDA & PHILLIPS, 2009); os resultados cá encontrados, quanto ao fato de haver real interferência do Princípio C diante do processamento *on-line* em português brasileiro de relações correferenciais de caráter catafórico, são compatíveis com os granjeados em japonês segundo a concepção de que o processamento da correferência catafórica em PB, ao ser guiada e influída pela ação da referida restrição no decurso do processamento, evidencia-se como constituindo a conformação de estruturas que são gramaticalmente acuradas e incrementacionais tal como evidenciado em japonês o qual também demonstrou construir e processar as estruturas correferenciais de modo gramaticalmente acurado e incrementacional.

Por iguais razões, estão em acórdância com o aprisionado no estudo *off-line* de aquisição da linguagem desenvolvido por Kazanina (2005), relativo à aquisição da restrição sintática do Princípio C pelos infantes do russo sem que se considere o processo de aquisição da idiossincrática restrição russa da *Poka-constraint* também investigado na tese de Kazanina (2005) por fugir do escopo deste trabalho.

De igual forma, alinham-se, outrossim, ao apreendido através de metodologia *off-line* por Fedele e Kaiser (2014) quanto à interferência exercida pelo Princípio C no processamento por adultos da correferência catafórica em italiano, nos termos do âmbito das pesquisas em bilinguismo, e no que tem sido angariado em italiano por Serratrice (2007) em concernência a essa mesma aquisição empreendida por crianças bilíngues de inglês e italiano (ambas tomadas e tidas como L₁), monolíngues falantes exclusivamente de italiano e adultos monolíngues também de italiano. E resta incontroverso que se equiparam ao achado pelos estudos de

Maia, Garcia e Oliveira (2012) pioneiramente em português brasileiro que estudaram a interferência do Princípio C em sentenças complexas compostas por duas cláusulas ao compararem o processamento de pronomes e anáforas conceituais dispostas em adverbiais.

Todavia, os resultados aqui abstraídos estão em desacordo com os de Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011), haja vista que, enquanto cá neste estudo, como já se era esperado, o Princípio C impediu a correferência conforme o reportado em grande parte da literatura quer nacional quer estrangeira, sendo os tempos de leitura maiores nas condições em que a *constraint* referente ao restritor do Princípio C não operava, constatado pelo efeito principal significativo capturado pelo fator restrição sintática; a tal restrição, na inquirição de Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011), não obstruiu a correferência, pelo contrário, parece não ter sido capaz de impedi-la, considerando que a leitura dos sujeitos foi bem superior justamente nas condições em que ela foi implementada e inferior naquelas em que a *constraint* não existia nem se manifestava.

Isso evidencia que os resultados obtidos por Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011), quanto ao fato de o Princípio C não facilitar o estabelecimento da referência disjunta, distintos do aqui observado, muito provavelmente se devem à assimetria constatada nas condições concernentes aos seus estímulos experimentais, dado que metade deles, duas das condições, apresentava o pronome catafórico encaixado como possessivo de um sintagma nominal sujeito da oração principal de uma subordinada substantiva enquanto que as duas outras condições expunham o referido pronome inserido como sujeito de uma subordinada adverbial ao estar adjungido a um sintagma complementizador, isto é, a uma conjunção. O fato de apenas parcela dos estímulos configurar o pronome catafórico encaixado em um sintagma adjunto preposto tal como estando introduzido em um CP (*Complementizer Phrase* ou Sintagma Complementizador), ou seja, dentro de uma subordinada adverbial composta e iniciada por uma conjunção pode ter contribuído para a obtenção dos resultados discrepantes de Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011), tendo em vista que Gordon e Hendrick (1997) retrataram que a correferência catafórica geralmente não é tolerada na maioria das configurações existentes segundo o julgamento de aceitabilidade dos falantes nativos de inglês, sendo unicamente aceita quando o pronome catafórico integra um sintagma adjunto preposto à matriz, estando introduzido a uma sentença subordinada naturalmente instanciada por um CP ou complementizador, quer dizer, por uma conjunção, não sendo aceitável em disposições nas quais o pronome catafórico esteja encaixado em um constituinte como um sintagma nominal possessivo ou que integre uma oração absoluta, a exemplo de uma matriz, a

qual foi utilizada por Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011) em parte dos estímulos de suas condições experimentais.

Logo, o fato de Gordon e Hendrick (1997) terem demonstrado que a correferência catafórica é de longe mais aceitável quando o pronome catafórico está inserido em um sintagma adjunto preposto à matriz do que quando se mantém encaixado como possessivo de um sintagma nominal é importante para explicar os resultados discrepantes do experimento de Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011) que trabalharam com possessivos encaixados os quais não são tão aceitos no estabelecimento da correferência catafórica. Também ajuda a explicar o fato de que se este experimento, realizado com o uso de pronomes dentro de sintagmas adjuntos prepostos representados pela inserção deles junto a conjunções causais e concessivas constituintes de sentenças adverbiais antepostas à matriz, não encontrou efeito de GMME, muito menos tal experimento inerente a esta pesquisa haveria de encontrar, é provável, caso empregasse estruturas catafóricas baseadas em possessivos. Isso comprova que a ausência do efeito não se deve ao uso de uma sequência pouco usual ou aceitável por parte dos falantes, pois os pronomes encaixados em adjuntos prepostos, de longe, importam em maior aceitabilidade de correferência catafórica do que os pronomes encaixados em constituintes que sejam sintagmas possessivos tal como evidenciado por Gordon e Hendrick (1997). Se até num arranjo de sequência pronome-nome mais naturalmente aceito como veiculador de uma verdadeira correferência catafórica não faz emergir efeito como aqui reportado nesta experiência é porque, de fato, em português brasileiro, parece que os processos que operam no estabelecimento e resolução da correferência catafórica são diversos daqueles até então observados em inglês e demais línguas que a ela se sucederam nas pesquisas internacionais a ponto de ser provável de se conceber que o *parser* dos falantes nativos de português brasileiro provavelmente não empregue os mesmos recursos e as estratégias naturalmente empregadas junto aos processos empreendidos pelas *filler-gap dependencies* no processamento da correferência catafórica pronominal em PB.

De forma igual, esta perquirição mantém-se em discordância com Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011) em referência ao delineado nas condições de não interferência ou existência do Princípio C, visto que eles encontraram tempos de leitura maiores nas circunstâncias de incongruência entre os correferentes em potencial ao passo que se foi encontrado justamente o inverso nesta disquisição, inclusive não tendo sido isso aguardado pelas hipóteses prévias levantadas nesta pesquisa. De feito, o que então procede é que se tem cá constatado uma leitura mais lenta nos casos em que o pronome catafórico e o 1º NP, a funcionar como factível poscedente, mostram-se congruentes morfológicamente entre si como

se pode observar pelo efeito principal significativo obtido para o fator congruência morfológica neste experimento.

Não restam dúvidas, pois, em razão da conjuntura dos dados obtidos, de que o Princípio C é energeticamente atuante e interveniente durante o processamento em tempo real das dependências de longa distância correferenciais, cingindo as possibilidades de estabelecimento da correferenciação no escopo sentencial e estreitando as posições sintáticas ao longo da estrutura frasal em que os NPs podem estar localizados para poderem correferir com um pronome que o preceda em português brasileiro (PB).

Agora discutamos, por sua vez, o que os resultados revelam sobre a possibilidade de ação do *Mecanismo de Busca Ativa* (*Active Search Mechanism*, simplesmente *Active Search* ou *ASM*) a ser impetrado junto à correferência catafórica pronominal. Surpreendentemente, os tempos de leitura nas condições *No-constraint* em que ocorre a concordância de gênero foram maiores do que naquelas em que procedeu a discordância genérica diferentemente do que fielmente se supunha que iria acontecer, de acordo com as hipóteses iniciais levantadas, quando se esperava que os falantes leriam mais vagarosamente as condições *No-constraint* em que haveria incongruência entre o gênero do pronome catafórico, ou simplesmente da catáfora, e o 1º NP que o sucede a funcionar como potencial poscedente. Aguardava-se um efeito inerente ao GMME (*Gender Mismatch Effect*) para a comparação entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch* como projeção da execução do experimento exatamente como ocorrido em praticamente todos os estudos relatados até então na literatura internacional e inclusive no PB em Lessa (2014) e Lessa e Maia (2011). Entretanto o que, pasmem, ocorreu a partir da viabilização desta experiência foi uma ausência de efeito e, portanto, da não manifestação de um efeito de incongruência morfológica de gênero ou GMME; e sim de uma tendência para a ocorrência de um efeito oposto, isto é, de um GME (*Gender Match Effect*) ou efeito de congruência morfológica de gênero. Apesar de não se ter obtido efeito significativo que, de fato, confirmasse o GME, é bem provável, em decorrência da análise dos dados, que o aumento do número de sujeitos submetidos ao experimento, fizesse surgir tal efeito, sendo esta a razão de se falar cautelosamente, pelo menos por ora, em tendência do efeito.

A comparação, a propósito, com o trabalho em português brasileiro (PB) de Maia, Garcia e Oliveira (2012) não é possível de ser incursionada, vez que eles – para poderem expandir suas explorações também para as anáforas e, porquanto, para exclusivamente além das catáforas – focaram a investigação unicamente na operacionalização do Princípio C sobre a correferência endofórica, tanto a anafórica quanto a catafórica

incidentes sobre as anáforas conceituais as quais precisavam ser comparadas e confrontadas com os pronomes a fim de se poder atingir a meta então proposta. Não haveria meios de pesquisar as anáforas em isolado sem que se firmasse um padrão paramétrico e comparativo que só seria passível a partir do manuseio das formas pronominais. Logo, o Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa ou MPFDA não foi investigado até porque a manipulação de gênero não figurou como um dos recursos empregados na implementação da experiência, talvez por não ter havido espaço adequado ou suficiente e contextualizado dentro de uma circunstância lógica e configuracional não viável para que se investigasse o Mecanismo de Busca Ativa nesse primeiro empreendimento em PB possuidor da correferência catafórica como um dos fenômenos sondados dentro do quadro investigativo.

Inexiste, portanto, suporte fático para afirmar que existe MPFDA e consequentemente Mecanismo de Busca Ativa em português brasileiro. Na realidade, o que os resultados deste experimento, ao contrário, então apontam é que a *Active Search* não é ativada e/ou posta para operar no sentido de propiciar a resolução da correferência catafórica por conta de não ter havido a captação de um GMME e, mais importante ainda, em função especialmente da observação de uma tendência para um GME que inviabiliza completamente a postulação de que tal Mecanismo de Busca Ativa é desencadeado para a resolução correferencial intencionada.

Ainda mais, levando-se em consideração o trabalho de Hirst e Brill (1980), a ausência do efeito referente ao GMME associado ao elevado tempo de leitura nas condições congruentes em comparação às incongruentes pode ser considerada um indicativo de que o *parser* não necessariamente desencadeia uma rotina de busca característica de uma *Active Search* ao processar o pronome catafórico, e sim uma de sinalização prognóstica em que, ao fazer a predição da possível posição em que o poscedente vier a aparecer, o *parser* é sinalizado quanto ao(s) possível(is) NP(s) tido(s) como poscedente(s) a ser(em) integrado(s) à correferenciação com o pronome catafórico e no tocante à informação a ser integrada entre ambos os correferentes ao longo das duas distintas orações sob processamento (cf. HIRST & BRILL, 1980, p. 174).

Mesmo com essa discrepância frente aos demais estudos, não é para se coligir que a ausência cá verificada de GMME e que a tendência para o GME igualmente aqui observada implique na não existência de *mecanismos prospectivos* que sejam atuantes no português brasileiro (PB), embora tais evidências levem a considerar que o MPFDA ou simplesmente que o Mecanismo de Busca Ativa não compreende o tipo de engrenagem ou estratégia processual utilizada pelo *parser* para conduzir à correferência catafórica em PB, já que este

mecanismo emprega processos de natureza extremamente *top-down* que exige o estabelecimento das relações correferenciais catafóricas já na altura do pronome catafórico de maneira tal a inevitavelmente gerar um GMME quando o *parser* percebe que o poscedente tido como 1º NP em posição de sujeito não é um correferente lícito por ser morfologicamente incongruente. Muito pelo contrário, isso é um indicativo de que a natureza desse mecanismo é que pode ser diferenciado no português brasileiro quando comparado ao de outras línguas dentre a miríade de idiomas mundialmente existentes de tal sorte que o PB possa não ser tão alicerçado em processos *top-down* e mais baseado naqueles de caráter eminentemente *bottom-up* que permitam que a correferência catafórica seja firmada pelo *parser* mais tardiamente na altura do poscedente e não necessariamente antes junto ao pronome catafórico, mesmo que prospecções quanto aos possíveis poscedentes já tenham sido previamente realizadas pelo processador. Isso é passível de ser dito em decorrência de a simples diferenciação significativa entre as condições de superveniência do Princípio C e as de sua não existência manifestada na condição *No-constraint*, especialmente entre as condições *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Match*, serem indícios e provas irrefutáveis de que mecanismos prospectivos operam em PB na resolução da correferência catafórica, mesmo que não exatamente o Mecanismo de Busca Ativa opere nessa resolutividade, já que, se assim não fosse, não haveria sentido em se obter manifestação de efeito significativo quanto à restrição estrutural tampouco diferença significativa entre uma condição em que vigora o restritor do Princípio C e outra em que ela não atua tal como acontece em *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Match*.

Assim assentado, dentro de uma estrutura linguística que, apesar de hierárquica, é tanto materializada quanto processada, ou visual ou auditivamente, de forma linear ao longo do espaço físico, sonoro ou imagético, se o *parser* não fosse guiado por um maquinismo de varredura prospectivo mantido por um estado de controle ativo que o permitisse basear sua ação de procura por um poscedente para o seu respectivo pronome catafórico a partir de uma busca naturalmente fundamentada em prospecção, não se sucederia o efeito significativo de *constraint* ou restrição sintática por tal forma que o processador teria de considerar prospectivamente, em sua devassa, todos os sintagmas nominais que estivessem à frente da forma remissiva, até mesmo aqueles aqui impedidos pela ação do restritor do Princípio C, à medida que fosse processando o *upcoming* (ainda por vir) material linguístico a se enquadrar em um mecanismo massivamente redundante no concernente à formação de dependências catafóricas correferenciais, um improvável estado de coisas.

Com isso colocado, nota-se, pois, que os resultados apresentados em face dos dados colhidos por esta inquerição não replicam o obtido por Cowart e Cairns (1987) em tarefa de continuação de sentença e de nomeação de palavra exclusivamente segundo a interpretação alegada por Kazanina et. al. (2007) de que o saldo obtido nessa pesquisa parece apontar para um possível reflexo da manifestação do Mecanismo de Busca Ativa na resolução das relações correferenciais.

Não se coaduna também com o primeiramente desvendado em inglês por Van Gompel e Liversedge (2003) em estudo de monitoramento ocular ou *eyetracking* quanto ao tipo de efeito morfológico emergido, uma vez que eles encontraram um GMME à proporção que tal efeito relativo ao GMME não foi encontrado nesta pesquisa, tendo-se achado, ainda mais, algo que sinaliza na direção oposta, no que concerne a uma tendência que aponta para um provável GME tal qual até então ponderado.

Não são compatíveis também com o obtido para a língua inglesa por Kazanina (2005) e Kazanina et. al. (2007) também em estudo de leitura automonitorada, por Clackson e Clahsen (2011) em trabalho com o paradigma do mundo visual junto a adultos e por Matchin, Sprouse e Hickok (2014) em investigação neurolinguística com uso de recursos de neuroimagem como o fMRI.

De igual maneira, estes resultados não são condizentes com o observado em holandês tanto para a correferência catafórica pronominal conforme evidenciado por Pablos et. al. (2011b, 2012b, 2015) quanto para aquela estabelecida com itens de polaridade negativa que envolvem pronomes indefinidos e advérbios de negação como o ‘não’ conforme verificado por Pablos et. al. (2011a, 2012a) e segundo confirmado pelos estudos neurolinguísticos de EEG sobre a correferenciação catafórica de Pablos et. al. (2015).

Além do mais, não há aqui compatibilidade com os achados de Zheng (2016) para o português europeu (PE) junto ao qual se demonstrou que os falantes nativos de PE e os falantes proficientes não nativos que possuem o PE como L₂ e o chinês como L₁ valem-se do Mecanismo de Busca Ativa para promover a resolução e estabelecimento da correferência catafórica.

Do mesmo modo, no que diz respeito à língua alemã, não condiz com os resultados obtidos por Felser e Drummer (2016) para os falantes nativos que possuem o alemão como L₁ e para os falantes de alemão como L₂ e de russo como L₁ exclusivamente para os casos em que a correferência catafórica é estabelecida a partir do encaixe do pronome catafórico na subordinada adverbial que precede a matriz.

Por outro lado, os dados apontados por esses falantes bilíngues de alemão como L₂ junto ao processamento da correferência catafórica, na pesquisa de Felser e Drummer (2016), quando o pronome catafórico é disposto na oração principal, sendo encaixado ou não como possessivo a um NP para formar um genitivo, coaduna-se com os resultados aqui encontrados, visto que, em se tratando desta configuração, as autoras obtiveram um GME que confirmou que esses falantes bilíngues de alemão como L₂, a depender do arranjo sentencial, podem utilizar outros mecanismos computacionais que não o Mecanismo de Busca Ativa para solucionar o processamento da correferência catafórica ao sugerir que a prospecção é feita pelo *parser* na direção de uma referência disjunta ou que a predição é fraca a ponto de basear a solvência das relações correferenciais catafóricas em informações de natureza mais *bottom-up* de tal forma que a correferência somente é desencadeada e, porquanto, firmada quando o processador encontra o NP com quem potencialmente o pronome catafórico pode correferir, o que naturalmente justifica a elevação nos tempos de leitura, a qual alude ao efeito de GME, das condições em que há congruência morfológica de gênero entre ambos os possíveis correferentes, pronome catafórico e nominal. Em dito isso, o mesmo procedimento pode corresponder à estratégia processual padrão a ser utilizada pelo *parser* do falante nativo de português brasileiro, dado que se revelou haver, nesta perquirição, uma tendência para o mesmo efeito de GME.

Na mesma direção, afina-se aos resultados que têm sido obtidos por Clackson e Clahsen (2011) em relação ao processamento correferencial catafórico em crianças, posto que o fato de estas preverem a referência disjunta entre o pronome catafórico e o 1º NP em posição de sujeito com o qual não é congruente morfológicamente aponta que as crianças não previram a correferência entre ambos já na altura do pronome e que muito menos desencadearam um procedimento processual como o Mecanismo de Busca Ativa que concretamente viabilizasse tal correferenciação, caso contrário não haveria motivo de as crianças preverem exatamente a realização do processo oposto concernente à previsão do estabelecimento da referência disjunta. Ora, a constatação da ocorrência da alteração do foco do olhar das crianças da imagem correspondente ao referente do pronome catafórico para o outro referente de gênero contrário antes mesmo de estes mesmos infantes terem processado auditivamente o 1º NP subsequente ao pronome impossibilita se considerar que as crianças tenham empregado o ASM enquanto estratégia resolutiva, pois se assim fosse elas deveriam apenas modificar o foco de olhar da imagem concernente ao referente do pronome tão somente quando tivessem processado auditivamente o 1º NP como fizeram os adultos os quais se valeram do mecanismo do ASM para processar a correferência catafórica.

Conforme constatado por Clackson e Clahsen (2011), as crianças falantes nativas de inglês ainda não estabeleceram o parâmetro não *pro-drop* próprio da língua inglesa. Então se nessa faixa etária elas são unânimes em aceitar mais preferencialmente a referência disjunta nos casos em que os adultos aceitam a correferência, mesmo a correferência catafórica sendo viabilizada pela regra do Princípio C, isso é mais um indício contundente de que os mecanismos processuais empregados na resolução das relações correferenciais catafóricas não são translinguisticamente uniformes ou homogêneos e, portanto, universais porque senão não haveria razão para parametrização à medida que houvesse maturação do desenvolvimento linguístico da criança, havendo de ela apresentar o mesmo comportamento que os adultos de aceitar a correferência desde sempre, o que não acontece de fato. Se a criança, mesmo diante do processamento de um pronome pleno dentro de uma língua não *pro-drop* como é o caso do inglês, a qual não dá margem interpretativa alternativa para a solução do pronome catafórico a não ser correferir com um NP sujeito intrassentencial, ainda assim, insiste em firmar a referência disjunta; isso significa que é perfeitamente plausível que o pronome pleno assuma a correferência com quaisquer outras opções que não a de tradicionalmente correferir com um NP sujeito em línguas *pro-drop* ou parcialmente *pro-drop* e de sujeito nulo parcial como o português brasileiro que apresentam opções alternativas ao pronome pleno para serem empregadas na solvência da correferência de maneira a constituir um sistema de possibilidades especializadas e, portanto, variadas, sendo mais uma forte evidência, esta, de que o *parser*, ao se deparar com um pronome pleno, ora pode desencadear a manifestação de um mecanismo processual tal que procure estabelecer correferência com o próximo NP sujeito em potencial à semelhança do corrente em línguas não *pro-drop* como o inglês ora pode buscar instituir outros mecanismos computacionais que considerem a potencialidade de ser exequível a concretização de uma correferência com um outro nominal qualquer, tal como com um NP objeto mais aproximado ou então com um referente extrasentencial de maneira a conformar uma correferência de natureza distinta por passar a ser ou se transmutar em exofórica a partir do desencadeamento de novas engrenagens computacionais.

Com efeito, havendo, em PB, mais de uma possibilidade processual colocada ao pronome catafórico de escolher guiar qual o procedimento a ser adotado na resolução da correferência catafórica que se impõe, resta esclarecido que seja bem possível que a metodologia empregada da congruência de gênero, tal como trabalhada unicamente em torno do pronome pleno e do poscedente tido como NP em posição tão somente de sujeito, não tenha sido sensível o suficiente para captar um possível efeito de GMME, se é que existe, devido à não homogeneidade do comportamento processual do *parser*, isto é, em decorrência

da sua variabilidade comportamental em termos processuais em que possivelmente múltiplas previsões podem ter sido feitas quanto às pertinentes correferências em potencial a serem estabelecidas.

Ora, se em inglês e nas demais línguas não *pro-drop* se obteve um significativo efeito do GMME, isso se deve muito provavelmente ao fato de o *parser*, em tais línguas, ter um comportamento mais unidirecionado e baseado em uma única e determinada previsão quanto às possíveis relações correferenciais a serem firmadas, fato que inevitavelmente acarreta no desencadeamento e engendramento de um único tipo de mecanismo a ser utilizado na solução da correferência, notadamente o Mecanismo de Busca Ativa, paralelo ao operacionalizado nas dependências *filler-gap*. Em razão dessa singularidade, da uniformidade processual baseada em um só mecanismo de predição, em uma mecânica computacional mais diretamente uniformizada, naturalmente é de se imaginar que o efeito tenha sido mais potencializado de ser capturado e devidamente otimizado com a ajustada e/ou adequada sensibilização da metodologia utilizada na condução dessas pesquisas em inglês e demais línguas não *pro-drop*. Já no PB, como é possível que haja múltiplos mecanismos preditivos sendo considerados pelo *parser* na altura do processamento do pronome catafórico e em razão dessa multiplicidade processual desencadeada quanto às exequíveis relações correferenciais catafóricas que potencialmente podem ser estabelecidas, a capacidade de captação do efeito naturalmente tende a diminuir justamente por conta da perda de sensibilidade da metodologia, tal como delineada e colocada em execução, diante dessa variabilidade de posições postas pelo *parser*. Daí decorre provavelmente a não possibilidade de emersão de um possível efeito GMME, caso se pense existir, o que não se acredita que seja a realidade dos fatos em função de os dados empíricos terem revelado uma tendência oposta, na direção de um potencial GME. Pelas mesmas razões, outrossim, podem muito bem aí residir os motivos de não ter sido, de igual maneira, angariado um significativo efeito de GME, mas tão somente uma tendência, dado que o resultado empírico obtido na altura do primeiro NP ora pode ter manifestado o mecanismo que estabeleceu a correferência entre o pronome e tal NP conforme se era desde o princípio esperado ora pode ter feito manifestar a frustração desse mecanismo em função de o *parser* ter escolhido previamente instaurar outro mecanismo que correspondesse ao estabelecimento da correferência catafórica do pronome catafórico só que com o NP objeto intrassentencial ou do pronome com uma exófora ou referente externo em meio a uma correferência exofórica.

Assim sendo, como é bem possível que, para gerar um possível efeito do GMME ou confirmar estatisticamente a tendência de um provável efeito GME mais concreta e

empiricamente palpável pela configuração dos dados revelados nesta pesquisa, a computação do primeiro NP só possa ter utilizado aqueles resultados empíricos oriundos desse processamento do primeiro NP que manifestassem a previsão de uma correferência catafórica intrassentencial entre o pronome catafórico e este próprio primeiro NP em posição estrutural de sujeito, e não outro potencial NP a compor a sentença ou o universo discursivo externo à cláusula tal como uma exófora, isso pode ter enfraquecido a sensibilidade da metodologia em captar o efeito esperado, pois pode ter reduzido o raio de sua análise pela metade ou a um terço a título exemplificativo, o que não se sabe ao certo devido a essa heterogeneidade computacional apresentada pelo *parser* que parece apresentar múltiplos mecanismos de previsibilidade e consequentemente das múltiplas possibilidades de potenciais relações correferenciais que são avaliadas como possivelmente viáveis de serem constituídas dadas as aberturas mais variadas e flexíveis quanto às oportunidades de se correferir um pronome e um nome em línguas mistas parcialmente *pro-drop* como é o caso do PB que apresentam mais de uma forma pronominal, a nula e a lexicalizada, a se complementarem ou intercambiarem entre si no que corresponde à função que cada uma exerce no estabelecimento da correferência catafórica e quanto à distribuição que cada uma tem dentro do sistema da língua no que se refere às possibilidades apresentadas de engendramento de relações correferenciais (q.v. CLACKSON & CLAHSEN, 2011, p. 119ss. e 130).

Isso esclarecido, prossegue a necessidade de se explicar a razão pela qual procede uma verificada tendência na direção de um potencial GME e o porquê de não ter ocorrido um GMME nesta pesquisa. O que aparenta ocorrer é que o *parser* parece prever, em português brasileiro (PB), não apenas a posição estrutural do poscedente, mas também qual é a sua potencial identidade morfológica, as quais incluem os *traços-phi* (ϕ) de gênero e provavelmente os de número também, ou pelo menos ele parece previamente pesar a importância que a informação morfológica de gênero pode exercer sobre a resolução correferencial catafórica, preferindo esperar por checar os *traços-phi* (ϕ) de gênero através do procedimento *bottom-up* de processamento para só então firmar a correferência.

Em isso colocado, os dados permitem supor ser provável que o *parser* cruze, na altura do processamento dos predicadores, a saber, das conjunções adverbiais introdutórias das subordinadas adverbiais causais ou concessivas e das temporais, as informações oriundas tanto de sua previsão em relação à estrutura sintática quanto das advindas da antevisão relacionada ao cabedal morfológico para só então, depois desse procedimento inicial, estabelecer qual a posição estrutural, ao longo da superfície hierárquica da sentença, que seja capaz de acomodar um poscedente que seja biunivocamente viável – por ter de se dar a

satisfação dos pré-requisitos impostos em duas frentes, a morfológica e a sintática – para o pronome catafórico precedente o qual necessita de ser correferido em um processo sequente. Este procedimento ulterior, por sua vez, surge para vir a complementar a ação primitiva de levantamento e consideração das possíveis características morfossintáticas do plausível poscedente, o qual é empreendido tal-qualmente antes da operação secundária e/ou derivada, portanto cognitivamente superior, de alocação espacial dos potenciais poscedentes que potencialmente satisfaçam os requisitos impostos pelo *parser* para se imporem e se sustentarem como permissíveis ou pelo menos toleráveis poscedentes para a forma remissiva ainda carente de plena e completa correferência estabelecida até a computação total e final do seu respectivo poscedente a se dar, ao menos, quando seu material for visualizado e consequentemente processado a partir de um processo que, apesar de ser orientado por meio de uma postura *top-down*, ainda necessita de se fiar em informações recolhidas e/ou checadas de modo *bottom-up* com vistas a se poder firmar definitivamente a relação correferencial catafórica pretendida. Isso ocorre porque o *parser*, mesmo prevendo as informações morfológicas conjuntamente com as sintáticas do elegível poscedente, ainda inevitavelmente precisa aguardar a checagem dos *traços-phi* (ϕ) de gênero concernentes a estas informações de caráter mórfico quando do processamento *in loco* do NP tomado como potencial poscedente, já que os traços morfológicos de um dado NP só podem ser computados a partir do processamento *bottom-up* de uma dada estrutura linguística, isto é, do status morfológico de um NP tomado como factível poscedente, muito embora o *parser* seja capaz de antever tanto a posição estrutural quanto o status sintático e morfológico do potencial poscedente quando se depara com o pronome catafórico e o começa a processar de maneira a se aperceber da necessidade de instaurar a procura por um correferente para esta forma remissiva em face da percepção de que há o engendramento de um processo de correferenciação catafórica que precisa ser desencadeado neste momento.

Como então, sob esse enfoque teórico, a relação correferencial catafórica só pode ser engendrada depois de as informações morfológicas de gênero terem sido computadas, necessariamente o processo de correferenciação só se pode desencadear na altura do próprio NP caracterizado como poscedente quando suas propriedades constitutivas de cunho morfológico são, pois, processadas e consideradas para efeitos de instauração da referida correferência por meio de um procedimento claramente *bottom-up*. Essa conduta do *parser* explicaria por que os tempos de leitura, nesta pesquisa em português brasileiro (PB), sobem nas condições de congruência genérica ao invés de o ser na de incongruência de gênero como tem sido reportado em outros estudos de leitura automonitorada em que se tem

recorrentemente constatado elevação dos tempos de leitura nas condições de discordância de gênero (cf. KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007, KAZANINA & PHILLIPS, 2010, YOSHIDA et. al., 2014), demonstrando porque o efeito do GMME não emergiu neste experimento em português brasileiro. Parece que, em PB, quando o *parser* chega ao NP₁, ele processa tanto os seus traços morfológicos quanto os sintático-estruturais para só então admitir instaurar uma relação correferencial caso todas as premissas sejam satisfeitas e estejam de acordo com as previsões feitas ou na altura do pronome catafórico ou até mesmo antes, na da locução conjuntiva e conjunção ‘Já que’ e/ou ‘Embora’ que abre a oração subordinada adverbial.

Assim sendo, no decurso do processamento, ao alcançar o NP₁, checar suas propriedades morfossintáticas e inteirar-se de que as características integrantes de sua identidade morfológica não conferem ou casam com os *traços-phi* (ϕ) de gênero da catáfora antecessora (a forma remissiva), muito embora também se dê conta da plausibilidade estrutural e da coadunação das informações sintáticas com o pronome catafórico antecessor, em uma posição arquetetônica que se mostra admissível para a geração da dependência correferencial em termos estritamente sintáticos e estruturantes; o *parser* não tenta criar uma relação correferencial e já prossegue em seu percurso, fazendo com que permaneça ele próprio pouco tempo detido no ponto de aparição do NP₁. Quando, porém, o *parser* atinge o alvo, isto é, o NP₁, confere suas credenciais morfológicas e também, em seu encaixo, os seus atributos sintáticos e apercebe-se que esse nominal satisfaz a todas as exigências imputadas pelo sistema no que concerne à possibilidade de ser um correferente para o pronome catafórico precedente, por ser compatível tanto em termos sintáticos quanto morfológicos e não apenas no tocante às exigências e/ou pré-requisitos sintático-estruturais, ele começa, diferentemente da ocasião anterior, a gestar uma correlação entre ambos os elementos – forma remissiva e poscedente – pautada na produção de uma relação de correferência caracterizadora de uma dependência correferencial de longa distância. Em verdade, esse *plus* nas atividades que devem ser geridas pelo *parser* e o consequente aumento no trabalho a ser desempenhado gera um custo processual que se reflete no crescimento dos tempos de leitura nas condições *No-constraint* de congruência morfológica de gênero, o que explicaria por que motivo os participantes do experimento, falantes de PB, foram mais vagarosos em ler as sentenças dessas condições congruentes e mais velozes nas incongruentes, apontando uma tendência, pois, para a emersão de um GME. Daí, em suma, os tempos de leitura serem maiores nas situações de concordância genérica em comparação com as de discordância em razão de ser junto ao poscedente congruente morfolologicamente com o pronome catafórico que

o *parser* inicia o processo de estabelecimento da correferenciação catafórica, o que demanda maior custo processual em contraponto ao caso de incongruência em que o *parser* não gera esse tipo de relação correferencial, e sim uma referência disjunta que não dispensa maiores custos computacionais.

Assim pautado, esses resultados parecem conformar-se mais ao constructo teórico de Cowart e Cairns (1987) os quais consideram que a morfologia é um tipo de informação que integra a sintaxe por forma tal que informações morfológicas e sintáticas estão reunidas em uma só categoria a que eles chamam de morfossintática. A adequação se verifica caso se assuma, segundo o proposto por Cowart e Cairns (1987), que a informação morfológica tal como a de gênero e número é usada antes de as relações correferenciais serem computadas e que apenas as informações não sintáticas, isto é, lexicais, semânticas e pragmáticas são consideradas após o estabelecimento dessas relações. Em face disso, como o *parser* precisa visualizar o input do material linguístico para ter acesso às informações morfológicas, é necessário que o processador primeiro cheque, por meio de processo *bottom-up*, os traços- ϕ (ϕ) de gênero do potencial poscedente para só então poder desencadear a correferenciação catafórica, não sendo possível estabelecer a correferência anteriormente através de procedimentos *top-down* em razão de a informação morfológica de gênero não ter sido ainda checada e computada e de não poder ser prevista antes que haja o processamento do NP tido por poscedente em potencial juntamente com suas propriedades morfossintáticas.

Embora Kazanina et. al. (2007) assumam haver indícios de que o Mecanismo de Busca Ativa opere na resolução correferencial da pesquisa empreendida por Cowart e Cairns (1987) pelo fato de a presença do pronome catafórico ‘they’ induzir o *parser* a analisar o sintagma ambíguo como um sintagma nominal, e não como uma forma verbal no gerúndio de maneira a sugerir que a formação da dependência correferencial não se põe por aguardar até depois de as categorias e informações gramaticais terem sido identificadas com base na análise *bottom-up* do input linguístico; a ruptura processual na altura do verbo mensurado, quando este se revelava congruente com a interpretação do sintagma ambíguo como sendo a forma verbal no gerúndio, não necessariamente implica que o *parser* tenha estabelecido a correferência de forma ativa por meio de processo *top-down* e antes da visualização do input linguístico referente ao poscedente. Como a mensuração na pesquisa de Cowart e Cairns (1987) ocorreu logo após o sintagma ambíguo, o termo crítico por ser o potencial poscedente, e por não ter empregado uma metodologia que controlasse a incongruência de gênero, e sim uma que manejava a forma verbal, não há meios de se distinguir precisamente quais os processos correferenciais que estão em curso no instante da

computação nem como eles estão sendo implementados em tempo real tampouco em que momento processual a relação correferencial é estabelecida e computada e nem mesmo precisamente quando, de fato, a informação morfológica é empregada no decurso do processamento, se antes ou depois de as relações correferenciais terem sido estabelecidas, uma vez que o curso temporal do processamento não está sendo medido ao longo da sentença, mas sim o segmento pontual imediatamente seguinte ao poscedente quando todas as operações processuais concernentes à atribuição da correferenciação já foram estabelecidas ou pelo menos encaminhadas.

Nesse sentido, no momento em que o *parser* apresenta dificuldade em processar a forma verbal 'is' incompatível com a interpretação do precedente sintagma ambíguo como sendo um sintagma nominal e consequentemente tal qual um poscedente válido para o pronome catafórico, isso não exclui a possibilidade de que o processador tenha avaliado primeiramente a informação morfológica de gênero ao checar in loco a compatibilidade dos *traços-phi* (ϕ) de gênero do poscedente com o pronome catafórico a partir de um procedimento que tenha aguardado por evidências não ambíguas de natureza *bottom-up* para só então permitir estabelecer a relação correferencial tão somente a partir do processamento do input linguístico e consequentemente na altura do NP tomado por poscedente.

Com isso, muito embora o custo de processamento, associado à incompatibilidade do verbo com a expressão ambígua enquanto sintagma nominal a qual passa a ser caracterizada como gerúndio em frustração às previsões desencadeadas pelo *parser*, inegavelmente indique que uma relação correferencial tenha sido projetada e estabelecida pelo processador, não está inteiramente claro e evidenciado se tal relação é estabelecida por um processo ativo baseado em um Mecanismo de Busca Ativa predominantemente *top-down* em que as relações correferenciais são firmadas antes da computação das informações *bottom-up* do poscedente e também antes mesmo de a sua informação morfológica ser pesada, ou se é engendrada por um processo majoritariamente *bottom-up* através do qual a correferenciação apenas é estabelecida quando o poscedente é processado e depois que a sua informação morfológica é considerada e checada. Como os resultados dos experimentos inerentes à investigação de Cowart e Cairns (1987) mantêm em aberto às duas possibilidades de interpretação quanto ao *modus operandi* do estabelecimento da correferência catafórica e especialmente por se considerar a assunção dos próprios autores de que a informação morfológica tanto de gênero quanto de número é acessada pelo *parser* antes de a relação correferencial ser definitivamente estabelecida é que se aponta serem esses resultados condizentes com o desta pesquisa, haja vista que o maior tempo de leitura nas condições em que vigora a concordância de gênero

frente àquela em que procede a discordância indica que o *parser* primeiramente esperou visualizar, de modo *bottom-up*, as informações morfológicas do poscedente ao processá-lo, com vistas a checar a compatibilidade de seus *traços-phi* (ϕ) de gênero com o do pronome catafórico predecessor para então poder iniciar a instauração da relação correferencial catafórica pretendida, o que demanda maior custo computacional e consequentemente elevação nos tempos de leitura.

Destarte, estes resultados também são passíveis de se adequar ao *modelo de um processador interativo forte* proposto por Tyler e Marslen-Wilson (1977) que defendem serem todas as fontes de informações linguísticas quer sejam as sintáticas, morfológicas e lexicais quer sejam as semânticas e pragmáticas contabilizadas imediatamente antes de as relações correferenciais serem estabelecidas pelo *parser*. Da mesma forma que no modelo de um processador modular conforme instituído por Cowart e Cairns (1987), as informações morfológicas de gênero são usadas antes de as relações correferenciais serem devidamente computadas segundo a proposta interativa forte deliberada por Tyler e Marslen-Wilson (1977) de tal modo que, quanto ao uso dos *traços-phi* (ϕ) de gênero, esses dois modelos fundamentalmente não diferem entre si, já que ambos postergam a instauração da correferenciação catafórica para depois da computação dos traços morfológicos. A única diferença reside no fato de que o modelo interativo de Tyler e Marslen-Wilson (1977) também considera que as informações semânticas, pragmáticas e referentes às restrições de seleção são, assim como as morfológicas e sintáticas, também utilizadas antes do estabelecimento da correferência ser desencadeado e efetivado enquanto que no modelo serial de Cowart e Cairns (1987) unicamente as informações morfossintáticas são empregadas antes da instituição da correferência, sendo as demais informações de caráter semântico e pragmático postergadas para serem consideradas depois da correferenciação ser efetivada. Pesquisas futuras poderão buscar responder a essas questões deixadas em aberto por esta pesquisa, procurando resolver tais lacunas colocadas por este experimento.

E além do mais, esses resultados são condizentes com Kazanina (2005), Kazanina et. al. (2007) e Kazanina e Phillips (2010) caso se considere que a previsibilidade com a qual o *parser* trabalha opera na instanciação da dependência correferencial assim que identifica a presença do pronome catafórico e segundo pistas estruturantes fornecidas pela própria sintaxe da sentença, prioritariamente através das conjunções causais, concessivas e temporais. É fato que essas conjunções, nesta pesquisa, possivelmente são indicativas de que as dependências são, pelo menos parcialmente, previstas e assinaladas antes mesmo de o NP₁ ser identificado e na altura tanto dos pronomes catafóricos quanto, até mesmo, das conjunções

subordinativas, embora a correferência só se estabeleça em definitivo na altura do processamento *bottom-up* do NP₁ tomado como potencial poscedente.

Por derradeiro, os resultados também são ajustados à abordagem completamente baseada no processamento de Berwick e Weinberg (1986) que sugerem que a indexação do pronome e do nominativo tomado por antecedente só ocorre depois que a estrutura de toda a sentença é construída. Nesses termos, o processamento das relações correferenciais é inteiramente fundamentado nos processos *bottom-up* que implicam na computação do input linguístico tal como se pôde observar em português brasileiro (PB) por meio desta pesquisa junto à qual se tem constatado que o processamento da correferência catafórica procede a partir de procedimento *bottom-up* quando tanto o pronome quanto o poscedente em potencial são visualizados e processados enquanto material linguístico.

Por outro lado, os resultados obtidos nesta pesquisa não são compatíveis com o *modelo teórico modular* de Van Gompel e Liversedge (2003) os quais apresentam evidências experimentais, em função da manifestação da GMME, de que as informações morfológicas de gênero, além do que as de número também, são ponderadas pelo *parser* após as relações correferenciais já terem sido firmadas e as quais são igualmente corroboradas por Kennison, Fernandez e Bowers (2009) para o estudo comparativo entre correferência catafórica e anafórica em inglês, uma vez que tal perquirição, da mesma forma, obteve o efeito concernente à GMME para ambos os tipos de correferenciação. O efeito relativo à GMME também demonstra que o processo de correferenciação é orientado por um Mecanismo de Busca Ativa o qual é *fracamente ativo* segundo Van Gompel e Liversedge (2003) que propõem ser a relação correferencial firmada imediatamente antes de a informação morfológica de gênero e também de as informações semânticas e pragmáticas serem contabilizadas tão logo o *parser* encontre o NP tido como potencial poscedente com base no processamento do input linguístico, a partir de processo *bottom-up*, junto ao qual o processador mantém um estado de controle das previsões geradas dos possíveis correferentes para a forma remissiva desde o instante do processamento do pronome catafórico.

A mais, é importante frisar que as propostas e conclusões obtidas por Van Gompel e Liversedge (2003) e por Kennison, Fernandez e Bowers (2009) são pertinentemente conciliáveis com o *modelo de duplo estágio* fornecido por Sanford, Garrod, Lucas e Henderson (1983) os quais propõem que a correferência ocorre em dois estágios, *bonding* e *resolution* (ligação e resolução), de tal sorte que o processo inicial do *bonding* ocorre quando é estabelecido um *link* fraco entre o pronome e um ou mais potenciais

anteriores à medida que a resolução, a qual corresponde à formação de um *link* forte, procede a partir da avaliação do *link* anteriormente gerado na fase do *bonding* e da então estabelecida relação correferencial, independentemente do fato de ter sido inicialmente instituída de modo coerente ou equivocado nessa fase inicial do processo, a se dar juntamente com sua integração à interpretação semântica da sentença. Nesse sentido, é possível racionalizar que o *parser* estabelece, em Van Gompel e Liversedge (2003) e em Kennison, Fernandez e Bowers (2009), um *link* entre o pronome catafórico, ao processá-lo, e os potenciais poscedentes ainda por emergirem, a essa altura previstos de modo *top-down*, desencadeando assim a fase do *bonding* para só então, quando do processamento *bottom-up* do poscedente em potencial, desencadear a segunda fase referente à resolução em que o *parser* avalia o *link* anteriormente instituído e a tentativa de relação correferencial daí decorrente por meio do uso da informação morfológica de gênero e, por conseguinte, das informações semânticas e pragmáticas a fim de decidir acerca da aceitação ou rejeição pela interpretação da correferência estabelecida entre o pronome e o potencial poscedente. Em suma, em face dessa conciliação capaz de se estabelecer entre a proposta teórica de Sanford et. al. (1983) com os dados obtidos em Van Gompel e Liversedge (2003) e em Kennison, Fernandez e Bowers (2009), é possível afirmar que os resultados desta investigação, de igual maneira, não se conciliam com o modelo de duplo estágio, também denominado de modelo de estágios múltiplos, de Garrod e colegas (cf. GARROD & TERRAS, 2000; SANFORD & GARROD, 1989).

Em isso dito, uma vez que Kennison, Fernandez e Bowers (2009) demonstraram que, nas condições de incongruência de gênero, os pronomes anafóricos são resolvidos mais lentamente que os catafóricos à medida que, nas condições de congruência de gênero, tais pronomes anafóricos são solucionados mais rapidamente que os da contraparte catafórica; há de se considerar ser possível que, no experimento desta pesquisa, enquanto, nas condições de congruência genérica, o *parser* tenha demandado mais custo processual na altura do primeiro NP tido como potencial poscedente e, portanto, mais tempo para resolver e estabelecer a correferência com o pronome catafórico, nas condições de incongruência genérica, o *parser* pode ter sido mais célere do que o convencional e do que o naturalmente esperado em sua capacidade de, na altura do primeiro NP, o não poscedente neste caso, já que o poscedente seria o segundo NP, resolver a situação de possível estabelecimento da correferência ao firmar a referência disjunta mais prontamente. Isso também explicaria os maiores tempos de leitura nas condições *No-constraint* de congruência de gênero apontados neste experimento em relação às condições de incongruência genérica. Embora naturalmente seja sabido que a

referência disjunta é solucionada com mais rapidez que a correferência por razões óbvias relativas ao custo processual concernente ao processo de ligação morfossintático-semântica que existe entre os correferentes, o procedimento computacional relatado por Kennison, Fernandez e Bowers (2009) de que operacionalmente existem diferenças nos ritmos e posturas processuais dos pronomes anafóricos em relação aos catafóricos ao retratar que estes são, por natureza, mais lentos em firmar correferência e mais ágeis em conformar uma referência disjunta frente àqueles confere um reforço para que a referência disjunta do pronome catafórico seja firmada ainda mais rapidamente nas condições de incongruência genérica, sendo o *parser* capaz de se recuperar mais eficazmente de uma não correferência, isto é, de uma referência disjunta (cf. KENNISON, FERNANDEZ & BOWERS, 2009, p. 35s.) de maneira que isso pode, em verdade, contribuir para os tempos de leitura menores das condições *No-constraint* de incongruência de gênero observados nesta experiência.

Dessarte, estes resultados também não mantêm compatibilidade com o *modelo de busca altamente ativo* de Kazanina (2005) e Kazanina et. al. (2007) os quais postulam, embasados em achados experimentais e em função da emergência de um GMME, serem as relações correferenciais estabelecidas de uma maneira ainda mais ativa que o postulado por Van Gompel e Liversedge (2003) por serem elas desencadeadas já na altura do pronome catafórico por meio de um processo preditivo fortemente *top-down* que não se propõe a esperar por evidências *bottom-up* a serem fornecidas apenas quando do processamento do potencial NP considerado como potencial poscedente do pronome catafórico a fim de que, depois de a correferenciação ter sido efetivada, a informação morfológica de gênero possa ser contabilizada pelo *parser* no decurso do processamento *bottom-up* do input linguístico referente ao NP tido como provável correferente.

Em resumo, a ausência de manifestação de um efeito na direção de um GMME no experimento componente desta pesquisa não corrobora a implementação, em português brasileiro (PB), da abordagem de Janet Fodor (1978) referente ao *filler-driven view*, proposta para explicar os mecanismos de processamento das dependências *filler-gap*, também válida para dar conta da computação da correferência catafórica e que é vinculada à expressão do Mecanismo de Busca Ativa conforme evidenciado experimentalmente por Stowe (1986), a qual propala que o *parser* previsivelmente, de maneira *top-down*, constrói dependências, neste caso correferenciais, tão logo encontre o *filler*, o pronome catafórico quando considerado a correferência catafórica, que constitui o primeiro componente da dependência sem aguardar que a *gap*, ou o sintagma nominal (NP) a funcionar como poscedente no contexto da correferência catafórica, seja processada. Especialmente por causa da ausência do GMME,

mas também em razão da tendência obtida no sentido de um provável efeito oposto inerente ao GME nesta experiência, os resultados desta pesquisa acomodam-se melhor à outra teorização de Janet Fodor (1978) correspondente à *gap-driven view* que alvitra ser a formação da dependência, quer seja ela de natureza correferencial catafórica quer seja de caráter *filler-gap*, iniciada tão somente quando o *parser* tem encontrado, de maneira *bottom-up*, todas as evidências necessárias e todos os pedaços e/ou componentes de informação no ou diante do input, ou seja, que a dependência só é instituída quando o *parser* tem processado tanto o *filler* quanto a *gap*, o que implica afirmar que, em se tratando da correferenciação catafórica, a dependência é firmada a partir do momento em que tanto o pronome catafórico quanto o NP tido como potencial poscedente é processado (cf. KAZANINA et. al., 2007, p. 386).

Afora tudo isso, há de se considerar que a ausência de um GMME no experimento desta pesquisa pode ser fruto da existência de especialização pronominal no português brasileiro (PB) resultante da condição de língua parcialmente *pro-drop* do PB que é caracterizada como de sujeito nulo parcial (FIGUEIREDO SILVA, 1996) em razão da constatação que se tem observado da perda de suas propriedades enquanto língua natural de sujeito nulo (BARBOSA, DUARTE & KATO, 2005; DUARTE, 1995, 2000; KATO, 1999, 2000), de modo que a existência de mais de uma variedade pronominal relativa tanto aos pronomes nulos quanto aos lexicalizados pode ser um fator a mais, dentre diversos outros, a interferir diretamente no estabelecimento da correferência catafórica diferentemente do que possa ocorrer com as línguas não *pro-drop* que apresentam apenas uma forma pronominal referente ao pronome lexicalizado, a exemplo do que procede em inglês, em que se há configurado um contexto junto ao qual a diversidade pronominal não acarreta ser uma variável de interveniência junto à interpretação e processamento da correferência em função de não haver a divisão entre pronomes nulos e lexicalizados no sistema destas línguas não *pro-drop*. Se assim for, vê-se que influentes mecanismos tradicionalmente utilizados para o estabelecimento especificamente da correferência catafórica e também para a resolução, de modo mais abrangente, das mais diversas relações correferenciais existentes enquanto bem definidas estratégias naturalmente empregadas nas línguas não *pro-drop* tais como o paralelismo estrutural (CHAMBERS & SMYTH, 1998; SHELDON, 1974), o pareamento gramatical (SMYTH, 1994), a assinalação do pronome ao sujeito (CRAWLEY, STEVENSON & KLEINMAN, 1990) e a assinalação do pronome ao primeiro sintagma nominal (NP) da sentença em referência à vantagem da primeira menção (GERNSBACHER & HARGREAVES, 1988) não são suficientes por si só para dar conta da solução das relações

correferenciais e consequentemente da correferenciação catafórica em meio ao panorama das línguas parcialmente *pro-drop* como o PB, além também das consistentemente *pro-drop*.

Portanto, parece ser factível que a especialização pronominal exerça notória influência e impacto processual ao lado desses mecanismos usualmente constatados como sendo empregados nas línguas não *pro-drop* de maneira que os meios, o modo e os motivos pelos quais as diferentes formas pronominais, quer em distribuição complementar quer em competição e disposição intercambiável, as quais se dispersam pelo interior da língua no tocante à estruturação e funcionamento dela e de seus processos correferenciais, podem impactar os mecanismos de resolução correferencial e de correferenciação catafórica em vários níveis que precisam ser investigados. Entretanto, uma questão se levanta e ainda resta ser explicada: por que outra língua parcialmente *pro-drop* como é o caso do russo apresenta um comportamento processual, no tocante ao processamento da correferência catafórica, semelhante ao que tem sido verificado nas línguas não *pro-drop* tal qual o inglês (cf. KAZANINA, 2005; KAZANINA & PHILLIPS, 2010) e não de modo similar ao constatado neste experimento para o português brasileiro (PB) que, afinal, também é uma língua parcialmente *pro-drop*? (cf. VERÍSSIMO, 2017 para uma discussão sobre a evolução do parâmetro do sujeito nulo e consequentemente para tomar ciência acerca da classificação das línguas *pro-drop*). A fonte da resposta talvez esteja na sugestão fornecida por Carminati (2002 apud SORACE & FILIACI, 2006, p. 345) que menciona haver microvariações entre as línguas *pro-drop* quanto às possibilidades de atribuição pronominal exercidas pelo pronome pleno em função de sujeito para estabelecer correferência com um potencial antecedente em uma situação de correferenciação (q.v. também CHOMSKY, 1982; ROBERTS & HOLMBERG, 2010, p. 1-57).

Assim considerado, a ausência de um efeito concernente ao GMME pode ter sido reflexo, por exemplo, da manifestação, em português brasileiro (PB), de uma contraparte da Estratégia da Posição do Antecedente (*Position Antecedent Strategy* ou PAS), um tipo de mecanismo resolutivo processual de correferência fundado em especialização pronominal que foi proposto em italiano por Carminati (2002) para a correferência anafórica com repercussão no estudo *off-line* correferencial catafórico desenvolvido em italiano por Fedele e Kaiser (2014) em torno de adultos e por Serratrice (2007) junto a crianças monolíngues e bilíngues de italiano-inglês e perante adultos monolíngues de italiano. Isso assentado, no que se refere ao italiano, uma língua consistentemente *pro-drop*, Carminati (2002 apud CARMINATI, 2005) apontou que os *pro*_s tendem a correferir com um NP na posição de sujeito e que os pronomes plenos costumam estabelecer correferência com um NP em posição de objeto. Em

face disso, pode não ter havido tentativa de o *parser* de parcela dos falantes, que se submeteram ao experimento desta pesquisa, em firmar uma correferência na posição de ocorrência do NP₁ em função deste estar na posição de sujeito e de o pronome catafórico ser lexicalizado caso procedimento análogo e, porquanto, comparável à Estratégia da Posição do Antecedente seja presente e atuante ou esteja vigorando na interpretação e processamento das relações correferenciais e mais precisamente daquelas que são catafóricas em PB.

Diante disso, talvez o *parser*, ao ter encontrado o pronome catafórico, por ser pleno, tenha previsto uma potencial correferência com um NP que possivelmente viesse a ocorrer na posição de objeto na sentença a porvir, achando estranha uma possibilidade de correferência sendo construída na posição de sujeito, o qual comportaria ser correferido originalmente e de preferência por um pronome nulo, por um *pro*. É o que pode ter acontecido neste experimento em que a correferência criada ao longo dos estímulos foi ajustada entre um pronome pleno e o NP₁ sujeito. Nesse sentido, mesmo que, em nível interpretativo, a correferência seja totalmente gramatical e licenciada; é possível que, em nível processual e automático, o processador possa ser e ter sido mais taxativo e dicotômico, sistematicamente criando correferência de pronomes plenos com NPs objetos e a de *pro*, com NPs sujeitos tal como procede no italiano. Sob esse aspecto, só depois que haja frustração no atendimento de uma dessas imposições, é que muito provavelmente os fatores semânticos, discursivos e pragmáticos possam ser trabalhados para forçar uma correferência catafórica entre o pronome pleno com o NP₁ sujeito, o que não deveria acontecer a priori, com vistas a assumir a admissível postura de gramaticalidade, em decorrência de pressões sociais decorrentes do próprio uso sistemático da língua, de caráter sociolinguístico com concebíveis repercussões nas interfaces entre a semântica, o discurso e a pragmática.

De toda forma, faz-se importante pontuar que Carminati (2002 apud TEIXEIRA, 2013, p. 101) constatou uma diferença de forças existente entre os pronomes nulo e pleno no italiano a se observar na robusta preferência de *pro* em correferir, por um lado, com um antecedente em posição de Spec-IP ou sujeito por um lado e na flexibilidade do pronome pleno em correferir, de outro, com um localizado na posição estrutural de objeto. Essa diferença de forças entre pronome nulo e pleno em que se tem verificado a forte preferência de *pro* por correferir com um antecedente sujeito à medida que nem tanto a do pronome pleno com o antecedente em posição de objeto é condizente com os resultados aqui encontrados nesta e em outras pesquisas, uma vez que não apenas Carminati (2002) para o italiano, mas também Sorace e Filiaci (2006), em estudo com falantes bilíngues de italiano tendo o inglês como L₁, além de Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014), em pesquisa frente ao

português brasileiro, têm demonstrado que o pronome pleno apresenta certa flexibilidade quanto à capacidade de reter a correferência com a posição estrutural menos saliente de objeto. Por conta disso, muito provavelmente em face dessa maleabilidade reside o fato de os participantes do experimento desta inquirição terem demonstrado altas taxas de aceitação da correferência do pronome pleno com o poscedente em posição saliente de sujeito na oração seguinte a da adverbial causal e/ou concessiva na qual estava presente o pleno nas tarefas *off-line* referentes à pergunta-sonda.

Esta é, portanto, mais uma evidência *off-line* de que o pronome pleno pode estabelecer correferência com um antecedente ou poscedente, como neste caso, em posição distinta da de objeto, notadamente sendo a ele permissível correferir com um nominativo ante(pos)cedente¹¹⁴ em posição sintática de sujeito, além do que é prova de que a correferência catafórica entre o nominativo poscedente em posição de sujeito e o pronome pleno, posicionado na adverbial causal ou concessiva nas condições de operância da restrição sintática do Princípio C (*Principle C*) e localizado na adverbial temporal encaixada nas condições de ausência de restrição sintática (*No-constraint*), foi amplamente estabelecida, ao longo das condições, pelos sujeitos desta perquisição. Evidências adicionais provêm de Marslen-Wilson et. al. (1982), Fox (1986) e Tomlim (1987) os quais demonstram que, no início de episódios e parágrafos, falantes e escritores tipicamente usam as formas mais explícitas de uma anáfora, ou seja, os pronomes que sejam mais evidentes, o que configura como natural a correferência catafórica entre um pronome pleno e um NP sujeito. Portanto, sob esse ponto de vista, como os sujeitos, quando estão a ler os estímulos experimentais, simulam a leitura do início de um trecho ou parágrafo que dá vazão a um determinado episódio, é natural que eles prefiram, pois, iniciar essa estrutura sentencial, que não deixa de ser também episódica e textual, com um pronome pleno. Assim considerado, sendo os pronomes utilizados nesta experiência todos lexicalizados, há então mais uma comprovação de que os participantes deste experimento, ou parte deles, buscaram correferir o 1º NP tido como possível poscedente com o pronome catafórico predecessor, visto que este era pleno, a

¹¹⁴ Considere que um “ante(pos)cedente” corresponda a uma referência indefinida e arbitrária por mim criada para designar um sintagma nominal que possa tanto ser considerado um antecedente quanto um poscedente a depender do contexto de correferenciação que se coloque em questão ou evidência, se relativo a uma correferência anafórica ou se a uma de natureza catafórica. Este termo compreende novo jargão linguístico por mim adotado e inserido na literatura linguística e psicolinguística para indicar as situações hipotéticas em que se deseja aludir, por exemplo, a dado NP que pode tanto ser um antecedente de um pronome anafórico num contexto de correferência anafórica quanto a um poscedente de um pronome catafórico numa conjuntura de correferência catafórica. Nesse sentido em particular, a nova expressão confunde-se com o próprio termo “antecedente” tal como já tradicionalmente empregado na literatura da área, só que com o benefício de não gerar confusões semânticas e ambiguidades desnecessárias.

forma pronominal adequada e preferencial para dar abertura à sentença e consequentemente para facilitar o estabelecimento da correferência com o 1º NP em posição de sujeito tomado por potencial poscedente. Fora isso, tendo em vista que Sanford, Moar e Garrod (1988) pregoam que sintagmas nominais categorizados como nomes próprios são, em geral, mais acessíveis e suscetíveis à avaliação do que nomes comuns, além do fato de que se mantêm mais propensos para manter a continuidade referencial, para serem tanto sujeitos quanto agentes de um enunciado e para ocorrerem no início de uma sentença de modo a darem abertura a ela; é certo que um NP sujeito caracterizado como nome próprio que seja tido por potencial poscedente de um pronome catafórico naturalmente demonstre suscetibilidade para integrar o estabelecimento de uma correferência catafórica. Disso em posse, como todos os NP_s sujeitos que compuseram os estímulos experimentais desta pesquisa compreenderam nomes próprios de pessoas e, ainda mais, populares e de extenso uso social, mais uma comprovação resta colocada de que naturalmente parcela dos participantes do experimento estabeleceu a correferência catafórica entre o pronome catafórico ‘ele/ela’ e o 1º NP sujeito, por exemplo, de maneira que tal nominativo tenha se consolidado como lícito poscedente.

Essa constatação é, aliás, mais fielmente observada na condição *No-constraint Match* em que o pronome pleno, não podendo correferir com o 2º NP, o nominativo da última oração da sentença, a matriz, por ser incongruente em gênero, só poderia correferir com o 1º NP da adverbial causal, com o qual é congruente em gênero o pronome pleno da adverbial temporal precedente, ou com um referente externo. Em tendo sido, pois, a imensa maioria das respostas dadas pelos participantes na direção esperada, respostas ‘sim’ as quais se revelaram estatisticamente significativas, como evidenciadas no Teste Qui-Quadrado de Pearson, fica comprovado que os participantes do experimento desta pesquisa, falantes de português brasileiro, aceitaram e estabeleceram a correferência catafórica de maneira *off-line*, ao menos no nível interpretativo da fase do processamento (q.v. TEIXEIRA, 2013, p. 100-104).

Além de tudo, o fato de os pronomes plenos e nulos estabelecerem preferência em correferir com os antecedentes em posição de sujeito quando considerados em uma avaliação conjunta, ou seja, aglutinados em uma só classe a que se possa chamar de pronomes, quer sejam eles anafóricos ou catafóricos, tal como averiguado em Teixeira (2013) e em Teixeira, Fonseca e Soares (2014), conformam-se com os resultados cá encontrados nesta recolha em que há também preponderância e elevada taxa de estabelecimento da correferência catafórica do pronome pleno com o nominativo subsequente em posição de sujeito e em escopo endofórico que é significativo do ponto de vista estatístico. Assim como Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014) expuseram que os falantes de português

brasileiro aceitam uma porcentagem de correferência dos pronomes anafóricos com o antecedente sujeito em mais de 60% dos casos e dos pronomes catafóricos em cerca de 80%, encontrou-se uma considerável taxa de correferência do pronome catafórico com o poscedente sujeito nesta pesquisa que gira em torno de 75,4%, constatada na condição *No-constraint Match*, a mais adequada para tal avaliação, tendo em vista corresponder àquela em que não há restrição sintática do Princípio C nem restrição morfológica da incongruência de gênero que são passíveis de bloquear ou impor obstáculos à correferência. Há também uma equivalência aproximada entre os percentuais de correferência do pleno catafórico com um poscedente não sujeito nesses estudos e os desta inquirição. Em Teixeira e colegas, tais pronomes correferiram com o poscedente objeto em cerca de 19% enquanto que, neste experimento, os plenos que não correferiram com o primeiro NP sujeito, tendo correferido talvez ou com o segundo NP sujeito ou com um referente externo e/ou exofórico, chegou a cerca de 24,6%.

E mais, a análise de Teixeira (2013) e de Teixeira, Fonseca e Soares (2014), de que os pronomes plenos avaliados conjuntamente em suas expressões anafóricas e catafóricas oscilam entre acatar a correferência com o ante(pos)cedente sujeito ou com o ante(pos)cedente objeto, evidencia a menor especialização do pleno diante do nulo e consequentemente seu menor poder preditivo, para as catáforas, e/ou retroativo para as anáforas. Assim, essa oscilação gerada por menor especialização adequa-se também, na fase interpretativa do processamento, ao fato de não se ter acá encontrado um efeito GMME, mas, incrivelmente, exatamente o contrário, uma tendência a um efeito GME que se contrapõe ao Mecanismo de Busca Ativa das *filler-gap dependencies*, corroborando, então, para o nível interpretativo da computação linguística deste fenômeno, o que foi corroborado antes na fase *on-line* e retroflexa do processamento de tamanho pronome pleno em situação de correferência catafórica. Da mesma forma, a preponderante taxa de correferência do pronome nulo, seja ele anafórico ou catafórico, com o ante(pos)cedente sujeito em Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014), indicam que a correferência catafórica de *pro*, em português brasileiro (PB) possa operar analogamente às *filler-gap dependencies* segundo o Mecanismo de Busca Ativa e diferentemente, portanto, do pronome pleno o qual segue, como se observou neste estudo, um mecanismo de outra natureza orientado por uma abordagem *gap-driven* e mais dependente dos inputs dos estímulos e das informações *bottom-up* (cf. TEIXEIRA, 2013, p. 112).

Com isso estabelecido, a ausência de um efeito inerente ao GMME e a respectiva tendência no sentido do GME cá encontrado pode significar então que o *parser*, como talvez

já não esperasse prioritariamente correferir, em termos prospectivos, com qualquer NP em caso nominativo e na função de sujeito, ao notar que o NP₁, além de tudo, não podia também se configurar como um possível correferente por fatores morfológicos, já que apresentava um gênero distinto que implicava supetaneamente em referência disjunta, acabou por passar normalmente pelo NP₁, processando-o enquanto material linguístico que precisava ser processado, mas sem consumir recursos e tempo adicionais, resultados de custo processual extra, os quais fossem necessários para se tentar, justamente nesse ponto, estabelecer algum tipo de relação com o pronome ou alguma correferência. Daí o tempo de leitura menor, em termos absolutos, na condição de incongruência de gênero, reflexo de um processamento rápido e eficiente a demonstrar que o *parser* não estabeleceu preditivamente a correferência de modo claramente *top-down* já na altura do pronome catafórico e a partir de um Mecanismo de Busca Ativa entre o pronome catafórico e o NP₁ na posição de sujeito, o que inevitavelmente teria de resultar na não manifestação de uma GMME, tal como de fato ocorreu. Com efeito, se verdadeiramente qualquer previsão tivesse sido feita pelo *parser* no tocante ao estabelecimento da correferência entre o pronome catafórico e um NP na posição de objeto justamente porque o pronome é lexicalizado ou pleno, seria de se esperar, portanto, que o processamento entre o pronome e o NP₁ localizado na posição de sujeito, no que concerne à condição de incongruência de gênero, não sofresse custos processuais que viessem a caracterizar a emersão de um GMME, como realmente aconteceu, o que indica que o *parser* provavelmente não previu certamente correferir com o NP₁ em lócus sintático de sujeito em termos processuais de natureza *top-down*, muito embora pudesse admitir perfeitamente que a correferência catafórica, de fato, ocorresse caso considerado o caráter *bottom-up* do processamento em curso.

Todavia, mesmo que não se tenha alcançado o efeito, mas sim uma tendência a apontar para o GME, a Estratégia da Posição do Antecedente unicamente não explica por que os tempos de leitura na condição de congruência de gênero (*No-constraint Match*) quando comparados à incongruência de gênero (*No-constraint Mismatch*) foram mais elevados quanto à apreciação dos valores absolutos dos dados de modo a indicar a tendência de maior custo computacional durante o processamento por parte do *parser*; pois se a previsão feita estipulasse correferir o pronome sempre com um NP objeto por exemplo, seria natural de se esperar que os tempos de leitura fossem igualmente semelhantes na comparação entre as condições de congruência e de incongruência de gênero, entre *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch*, independente de haver ou não significância estatística do teste, haja vista que o processamento do NP₁ em ambas as situações, de concordância e de discordância,

independente dos *traços-phi* (ϕ) de gênero apresentados pelo NP₁ que está locado na posição de sujeito, seria estabelecido do mesmo modo em razão de o *parser* não procurar tentar e nem ter tentado estabelecer a relação de correferência em nenhum dos casos. Apesar de as diferenças de tempos de leitura não terem sido estatisticamente significativas entre as condições *No-constraint* de congruência e de incongruência, elas apontam uma tendência para a ocorrência de um GME, uma propensão que, aliás, é relevante e informativa, visto que um maior tempo de leitura na condição de congruência perante a condição de incongruência é esclarecedor no sentido de que o NP₁ em posição de sujeito pode ter sido considerado como possível correferente para o pronome catafórico em decorrência do casamento das informações morfológicas de gênero entre ambos, o que mostra o papel preponderante que os *traços-phi* (ϕ) de gênero podem ter na condução das relações correferenciais e no estabelecimento da correferência catafórica a ponto de desafiar uma factível operacionalização da Estratégia da Posição do Antecedente como sendo a estratégia *default*, o único mecanismo e/ou até mesmo exclusiva forma de especialização pronominal atuante no direcionamento da correferenciação catafórica em português brasileiro (PB). Vê-se assim que a Estratégia da Posição do Antecedente, embora possa ter compreendido um dos fatores a inviabilizar a manifestação de um GMME, dentro do rol das modalidades de mecanismo resolutivo fundamentado em especialização pronominal que possam existir em PB, parece não ter sido o único responsável por tanto, de maneira que outros elementos, mecanismos processuais ou estratégias operativas decerto contribuíram para que isso acontecesse tais como a informação morfológica concernente aos *traços-phi* (ϕ) de gênero como já discutido acima.

Nessa rota, é importante frisar que, conforme muito bem destacam Sorace e Filiaci (2006), apesar de a Estratégia da Posição do Antecedente parecer ser um mecanismo linguístico altamente eficiente usado no processamento da resolução da correferência, quer seja anafórica quer seja catafórica, em línguas de sujeito nulo que nem o italiano; ela não comporta ser uma estratégia taxativa e/ou infalível, bem como pertencente exclusivamente ao domínio da sintaxe, dado que as violações às prescrições de suas regras, na maioria das vezes, não importam em agramaticalidade, e sim em impropriedade ou, no máximo, em inadequação, o que sugere que o lugar da PAS e de seu raio de atuação encontra-se na interface entre a sintaxe e a pragmática discursiva. Logo, mesmo dentro das prescrições da Estratégia da Posição do Antecedente, é admissível, mesmo em italiano, uma língua canonicamente *pro-drop*, que um pronome nulo contextualmente seja forçado a correferir com um NP não sujeito da mesma forma que um pronome pleno venha a ser

pressionado a estabelecer correferência com um NP não objeto sem que isso incorra em uma leitura agramatical da sentença, mas sim, no melhor dos casos, em um maior custo de processamento *on-line* da estrutura, em termos computacionais, e em um estranhamento, do ponto de vista interpretativo e/ou reflexivo, que venha a ser ocasionado em virtude do não atendimento à preferência primordialmente formada a ser demonstrada por parte do interpretante que, mesmo assim, no final das contas, é capaz de acatar como aceitável e gramatical a estrutura não preferencial.

Isso então acaba por comprovar que mais do que leis que devem ser seguidas rigorosamente, as prescrições evidenciadas pela Estratégia da Posição do Antecedente estão mais ajustadas a preferências a serem observadas e a tendências a serem perseguidas em italiano e provavelmente, por conseguinte, em outros idiomas junto aos quais ela possa atuar. Mais que isso, o trabalho de Carminati (2002 apud SORACE & FILIACI, 2006) aponta para uma flexibilidade ainda maior do pronome pleno em aceitar violar as suas preferências em estabelecer a correferência com um NP objeto quando comparado à permissividade do pronome nulo em admitir correferir com um NP que não seja sujeito dentro de um processo de violação das suas inclinações pragmática e discursivamente governadas as quais são alinhadas às prescrições impostas pela PAS, haja vista que um custo processual mais brando emerge quando um pronome pleno toma um NP sujeito como seu correferente do que quando um *pro* se associa a um NP não sujeito para com ele correferir num contexto em que o custo processual é mais robusto.

Assim sendo, quanto a essa predisposição demonstrada de predileção de comportamento linguístico diante da interpretação pronominal, a constatação de que a Estratégia da Posição do Antecedente, em vez de se conformar como um rígido código, está mais para um receituário a indicar uma recomendação de como se deve proceder frente à resolução da correferência, em termos processuais e de engendramento da correferenciação, permite então melhor compreender o porquê de o pronome pleno em italiano não acompanhar fielmente, ou pelo menos de modo absoluto, o que prescreve a PAS observada em outros trabalhos, explicando os resultados aparentemente divergentes encontrados nos demais estudos sobre processamento correferencial conduzidos em língua italiana e também em outras línguas *pro-drop*. Em suma, como oportunamente destacado por Serratrice (2007, p. 228), até mesmo a gramática dos falantes nativos adultos de italiano demonstra uma correspondência um tanto opaca no que diz respeito à correferência anafórica entre os pronomes plenos em posição de sujeito e os seus possíveis antecedentes não-sujeitos, sendo essa reciprocidade obscura provocada pelas possibilidades de correferenciação

existentes serem mais amplas para os pronomes plenos do que para os *pros*, de modo que isso se reflete na permissividade de, inclusive em certos contextos restritos do italiano, a correferência entre o pronome pleno e um antecedente sujeito ser com naturalidade permitida.

Frente a isso, esse panorama conforma-se perfeitamente com o que tem sido aventado por Duarte (1993, 1995) sobre o vigente comportamento contemporâneo do português brasileiro (PB) que tem se observado ser caracterizado por um gradativo e crescente uso dos pronomes plenos a ocupar a posição de sujeito sentencial, até mesmo quando remetem a antecedentes não-humanos e, porquanto, [-animados]. Essa apuração inclusive reforça a validade dos resultados desta pesquisa, uma vez que garante ser a correferência catafórica estabelecida entre pronome pleno e poscedente, a assumir posição de sujeito, natural de se ocorrer dentro dos atuais padrões de vigência de desenvolvimento do parâmetro do sujeito nulo em PB. Decerto que isso evidencia que os participantes do experimento desta inquirição não tiveram maiores dificuldades em firmar a correferência entre o pronome pleno e o potencial poscedente em função de sujeito, sendo tanto capazes quanto suscetíveis em admitir tal possibilidade de correferenciação à luz do tornado patente por Duarte e outros autores (confer BARBOSA, DUARTE & KATO, 2005).

De qualquer maneira, o próprio Duarte (1993) alega que o decréscimo da ocorrência de sujeitos nulos tem afetado mais a primeira e a segunda pessoa do discurso do que a terceira, o que tem resultado no emprego mais vasto de pronomes plenos a preencher a posição de sujeito da primeira e da segunda pessoa do discurso do que da terceira. Isso simplesmente revela que a terceira pessoa do discurso é e/ou está mais resistente à gradual mudança já em curso que vem sofrendo o parâmetro do sujeito nulo em português brasileiro (PB) de tal modo que essa resistência pode significar que, quanto ao domínio da terceira pessoa, não haja um padrão razoavelmente definido para o atual estágio da gramática da língua, ou seja, há uma sistemática ainda por se definir que pode estar acabando por gerar uma instabilidade e um comportamento ambivalente com duas possibilidades a coexistir, quais sejam, a do preenchimento do sujeito sentencial ora com pronome pleno ora com pronome nulo que permitam que a correferência catafórica a ser estabelecida com um poscedente que assuma a posição sintática de um NP sujeito possa se dar tanto com o pronome pleno quanto com o pronome nulo e que o pronome pleno ora possa ser naturalmente escolhido como o correferente de praxe de um NP sujeito ora possa não o ser, sofrendo certa resistência por se esperar que se firme a correferência catafórica com um NP não-sujeito seja ele objeto ou exofórico.

Assim, muito provavelmente seja devido a essa ambivalência e à falta de estabilidade paramétrica diante da terceira pessoa do discurso em se tratando da marcação do parâmetro do sujeito nulo que resida o motivo pelo qual esta experiência não tenha acusado um efeito referente ao GMME e por meio do qual tenha apresentado dificuldades para alcançar o efeito pertinente ao GME, tendo somente sido capaz de apontar uma tendência para tal efeito. Esse comportamento instável e ambivalente – especialmente no tocante à 3ª pessoa do discurso consoante destacado por Duarte (1993) – do português brasileiro (PB) contemporâneo que atualmente está a passar por uma transição na marcação de seu parâmetro enquanto língua natural que lhe permite simultaneamente possuir características identitárias tanto de uma língua *pro-drop* quanto de uma não *pro-drop* ajusta-se harmonicamente à teoria das gramáticas múltiplas de Amaral e Roeper (2014) os quais alegam que as regras linguísticas que compõem uma dada língua podem ser de certa forma contraditórias e que, mesmo sendo divergentes, podem coexistir na mente do falante dessa determinada língua de tal forma que explica como regras incompatíveis e idiossincráticas podem coexistir nas gramáticas de monolíngues adultos e como elas contribuem para a aquisição de primeira língua de uma criança.

Dessa forma este modelo teórico adverte que as regras a compor qualquer gramática naturalmente permitem que algumas construções sejam sub-regulares de tal sorte que o termo ‘gramáticas’ alude aos subconjuntos constituintes dessas regras que são denominados de subgramáticas as quais são capazes de coexistir no âmbito de uma mesma gramática mental. Ainda por cima, é postulado que a frequência corresponde a um dos fatores responsáveis pelo afloramento das subgramáticas e que a razão para o seu uso também pode ser de origem lexical a partir da necessidade ou objetivo do usuário da língua de modificar certas nuances semânticas inerentes ao enunciado (q.v. AMARAL & ROEPER, 2014).

Ora, conforme Duarte (1993, 1995) adverte, o português brasileiro (PB) há muito vem passando por uma mudança severa e gradual no que se refere às frequências de ocorrências dos pronomes plenos e nulos quando se compara o padrão de usos de cada uma das formas pronominais no tempo presente em relação aos últimos séculos mais recentes. A mudança pela qual passa o PB quanto às possibilidades de distribuição e uso de seus elementos pronominais sejam nulos ou lexicalizados que é acompanhada da alteração das frequências de suas ocorrências do ponto de vista diacrônico sugerem que o português brasileiro (PB) apresente as condições necessárias e o terreno devidamente fértil para que construções sub-regulares e, portanto, subgramáticas nasçam e desenvolvam-se em torno de uma gramática central com regras nucleares, o que permite que o português brasileiro (PB) seja

caracterizado como uma língua parcialmente *pro-drop* em vez de consistentemente *pro-drop* como em outrora, em tempos passados mais remotos, que é atualmente híbrida e mista justamente porque apresenta tanto particularidades de uma língua de sujeito nulo ou *pro-drop* quanto de uma língua de sujeito preenchido ou não *pro-drop*.

Em face do então dito, por ser o *parser* dos participantes desta experiência um processador constituinte da mente de um falante de português brasileiro (PB) passível de ser constituído, por sua vez, por múltiplas gramáticas segundo o idealizado por Amaral e Roeper (2014), é cabível supor que tal *parser* ora seja guiado pelas regras de determinada subgramática ora pelas regras oriundas de uma outra subgramática a constituírem uma plena gramática mais geral ou central, o que leva a cogitar que o *parser* dos participantes deste experimento umas vezes podem ter se deixado guiar pela subgramática relacionada ao caráter *pro-drop* da língua e, porquanto, ao perfil mais conservador e histórico do português brasileiro (PB) e outras vezes pela subgramática concernente à natureza não *pro-drop* do idioma, representado pelo seu processo de mudança paramétrica nos últimos tempos. Nesse caso, quando o *parser* é orientado pelo contorno mais eminentemente *pro-drop* da língua ele provavelmente é mais cético em aceitar estabelecer a correferência do pronome pleno com o 1º NP sujeito, posto que o natural seria a posição de sujeito ser preenchida pelo pronome nulo a fim de viabilizar de maneira mais suave a correferenciação dessa posição com a daquela ocupada pelo 1º NP sujeito da oração subsequente que é tomado como potencial poscedente, já que ambas as formas pronominais devem estar em distribuição complementar. Já quando o *parser* é dirigido pelo traço mais caracteristicamente não *pro-drop* do PB então ele possivelmente é mais tolerante em acatar o estabelecimento da correferência catafórica entre o pronome pleno e o 1º NP sujeito, haja vista que tal forma pronominal lexicalizada é tolerada como podendo preencher a posição de sujeito dentro do sistema da língua, sendo intercambiável com *pro*.

Em isso colocado, é assim que se pode considerar que o efeito caracterizador do GME não alcançou efeito, tendo apenas conseguido apontar para uma tendência, certamente por conta da não uniformidade processual gerada no decurso do processamento em decorrência da variabilidade de procedimento computacional passível de ser assumido pelo *parser* em razão de seu direcionamento estar instável e ambivalentemente pautado pelas prescrições das regras gramaticais componentes de duas subgramáticas distintas, quais sejam, as correspondentes a da identidade *pro-drop* e a da não *pro-drop* do português brasileiro (PB). Em razão disso é que estudos posteriores deverão centrar-se no processamento de formas pronominais que não estejam tão sujeitas ou sensíveis a essa variabilidade, ambivalência e dualidade apontada pelo

pronome pleno ao longo desse processo de mudança pelo qual vem passando o PB de tal forma que a investigação do pronome nulo juntamente com o pleno pode se constituir como fonte de confirmação mais transparente quanto aos mecanismos subjacentes ao processamento do pronome pleno e ser esclarecedora quanto aos reais processos postulantes da correferenciação catafórica pronominal de um modo mais geral e amplo (cf. também ROEPER, 1999).

É nesse sentido que, embora Carminati (2002 apud CARMINATI 2005) tenha evidenciado essa complementariedade na especialização pronominal para a correferência anafórica, Fedele e Kaiser (2014) demonstraram, no que concerne à correferência catafórica em italiano, haver uma preferência acertada em se estabelecer a correferência entre um *pro* e um NP sujeito apontada pelo julgamento dos falantes nativos conforme o previsto pela Estratégia da Posição do Antecedente. No entanto, expuseram que o pronome pleno não denota preferência quanto ao NP com que deve correferir, aceitando estabelecer correferência tanto com o NP objeto quanto com o NP sujeito e com um referente extralinguístico que corresponderia a uma exófora. Isso retrata que, em línguas canonicamente *pro-drop* como o italiano em que vigora um sistema pronominal em distribuição complementar, ao menos no patamar interpretativo e/ou reflexivo do processamento, além das estratégias linguísticas de estabelecimento das relações correferenciais interligadas à especialização pronominal da língua em questão, somam-se as estratégias processuais prospectivas tais como as conectadas ao Mecanismo de Busca Ativa de maneira tal que as duas operações podem coocorrer e entrar em conflito durante o processamento da correferência catafórica. Muito embora Fedele e Kaiser (2014) assumam que a variabilidade no apontamento da correferência catafórica o qual é desempenhado pelo pronome pleno decorra do conflito emergido entre o Mecanismo de Busca Ativa e a especialização pronominal em italiano a qual é marcada pela Estratégia da Posição do Antecedente (PAS), como o estudo delas é *off-line* e baseado em julgamentos de gramaticalidade quanto à aceitação da correferência anafórica e catafórica contrastadas entre si, não se dá para afirmar, com exatidão, que o conflito seja decorrente de um Mecanismo de Busca Ativa (ASM), visto que a análise do processamento *on-line* da sentença não foi efetuada através de um paradigma de congruência morfológica para se poder captar um efeito de GMME que evidenciaria a ocorrência, em tempo real, de uma *Active Search* na computação *on-line* da correferência catafórica em italiano e que, portanto, o conflito gerado frente à implementação da operação referente à especialização pronominal da PAS decorre desse mecanismo processual em específico. Uma vez que esse tipo de evidência não esteja disponível em decorrência da natureza *off-line* da experiência, outros mecanismos

computacionais e até mesmo prospectivos que não o Mecanismo de Busca Ativa é que podem estar conflitando com o que determina a Estratégia da Posição do Antecedente enquanto rotina ou mecanismo processual fincado sobre a especialização pronominal no tangente ao processamento da correferência catafórica frente à língua italiana.

É possível, pois, no que toca à resolução da correferência, que os mecanismos *modulares* observados no estudo de Cowart e Cairns (1987), os *interativos* obtidos no trabalho de Tyler e Marslen-Wilson (1977) ou o mecanismo de *bonding* apreendido na pesquisa de Sanford et. al. (1983), por outro lado, estejam a interagir e a se confrontar com a mecânica da Estratégia da Posição do Antecedente no lugar do Mecanismo de Busca Ativa (*Active Search*) captados nas diligências de Van Gompel e Liversedge (2003) e de Kazanina et. al. (2007) em torno da correferência catafórica em inglês. De todo modo, os resultados de Fedele e Kaiser (2014) deixaram claro que o pronome pleno especificamente é afetado quer por questões concernentes ao mecanismo apoiado sobre a especialização pronominal da língua quer por fatores correspondentes aos maquinismos processuais que sejam relativos àqueles prospectivos em particular, de maneira tal que o mesmo pode acontecer, ou que melhor se diga, estar acontecendo em português brasileiro (PB) a tal ponto de ter essa coadunação de diferentes forças e desses distintos fatores, porquanto, se refletido nos resultados do experimento desta pesquisa. Isso implica evidentemente na assunção de que é perfeitamente lícito racionalizar que, tal como ocorre em italiano, os mecanismos processuais, que nem a *Active Search* (ASM), coexistam com outras estratégias linguísticas, a exemplo daquela firmada por meio da especialização pronominal no encaminhamento da resolução pronominal, a Estratégia da Posição do Antecedente, a saber, de um modo que cada uma dessas mecânicas empregadas possam ser tanto conflitantes quanto solidárias umas em relação às outras durante o decurso de suas ações e implementações junto ao processamento e à interpretação das relações correferenciais catafóricas. Portanto, o que procede com a língua italiana, a partir do comprovado pela exploração *off-line* perpetrada por Fedele e Kaiser (2014), compreende uma evidência de que se considerar a especialização pronominal correspondente a um fator de interferência e direcionamento da correferência catafórica não implica necessariamente em ter de desconsiderar a existência de outros mecanismos ou engrenagens como atuantes na orientação do estabelecimento dessas relações correferenciais.

Assim ponderado, a postulação de que haja uma provável rotina computacional firmada sobre a especialização pronominal, diga-se em nível processual, operante em português brasileiro (PB) à semelhança do que ocorre em italiano por intermédio

da Estratégia da Posição do Antecedente, não impele, de modo indispensável, em automaticamente ter de se descaracterizar ou desconsiderar o fato de que outros mecanismos operacionais estejam ativados e em curso, de forma tal que não há necessidade de se cogitar descartar a possibilidade de que mecanismos prospectivos paralelamente estejam atuando ou que o mecanismo de *bonding* de Sanford et. al. (1983), o modular de Cowart e Cairns (1987) ou o interativo forte de Tyler e Marslen-Wilson (1977), como já ponderado, não sejam opções consideráveis ou até aceitáveis como intervenientes no direcionamento da correferenciação catafórica, dado que já se está em ação uma estratégia resolutiva outra de natureza não só sintática, mas também mais linguística e pragmaticamente orientada, e não psicolinguisticamente direcionada a partir de mecanismos prospectivos, a qual é a inerente àquela instanciada em torno da especialização pronominal sob ação e influência das determinações da pragmática discursiva da língua as quais se colocam na interface da sintaxe-discurso para a resolução da correferência catafórica.

De mais a mais, a percepção de que os falantes de italiano julguem aceitar, em Fedele e Kaiser (2014), que o pronome pleno indistintamente estabeleça correferência com um NP sujeito, um NP objeto ou com uma exófora permite deduzir que possa haver um comportamento interpretativa e computacionalmente semelhante ao do italiano corrente em português brasileiro (PB), que é também uma língua essencialmente *pro-drop* em suas origens da mesma forma que a língua italiana, apesar de sua natureza mista ou híbrida que a coloca como língua parcialmente *pro-drop* (confer FIGUEIREDO SILVA, 1996), de maneira tal que os falantes nativos de PB possam igualmente tender a procurar correferir um pronome pleno tanto com um NP sujeito quanto com um NP objeto ou com uma exófora em decorrência da sugestão da factível existência de transparente divisão de trabalho entre pronomes nulos e plenos propiciada pela especialização pronominal própria da língua, isto é, do PB no direcionamento quer seja do processamento quer seja da interpretação das relações correferenciais catafóricas, especialmente quando isso é confrontado à luz das evidências obtidas por Fedele e Kaiser (2014) e sob a apreciação da própria flexibilidade de assinalação do pronome pleno a um correferente endofórico qualquer, o qual não obrigatoriamente precisa sempre ser um NP objeto, conforme abordado pela própria Carminati (2002) e atestado também pelas reflexões e pelos resultados dos trabalhos de Sorace e Filiaci (2006) e de Serratrice (2007) por exemplo.

É concebível, pois, que o *parser* de certos falantes de PB, durante esta experiência, tenha estabelecido a correferência entre o pronome catafórico e o NP sujeito tal qual naturalmente hipotetizado, como também que o *parser* de outros falantes tenha optado por

correferir o pronome com algum possível NP objeto, caso existisse e fosse encontrado durante o processamento, ou até mesmo pode ter acontecido de o *parser* de determinados participantes do experimento, ao longo do curso do processamento, terem tentado firmar a correferência entre o pronome catafórico e um referente extralinguístico, isto é, com uma exófora.

Assim, segundo retratado por Fedele e Kaiser (2014), a possibilidade de o pronome pleno poder correferir não só obrigatoriamente com o NP objeto como determina o mecanismo da Estratégia da Posição do Antecedente de Carminati (2002), mas também com o NP sujeito permite translinguisticamente confirmar a alegação inicial aqui apontada de que a correferência catafórica estabelecida entre pronome pleno e NP sujeito é perfeitamente possível e natural de acontecer tal como idealizado inicialmente neste experimento, constituindo mais uma evidência translinguística de que o *parser* de parcela dos participantes, em verdade, não apenas pôde perfeitamente ter processado, como, de fato, processou a correferência entre o pronome pleno catafórico e o NP₁ sujeito a ponto de isso ter sido atestado, por exemplo, na diferença significativa dos tempos de leitura obtida *on-line* entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Mismatch*. Evidencia também que os participantes, em grande medida, não só podem ter julgado perfeitamente aceitável, como verdadeiramente julgaram cabível a possibilidade de correferência entre o pronome catafórico e o NP sujeito de maneira que esse comportamento foi, outrossim, confirmado pelo efeito significativo que se obteve das respostas apontando para a correferência catafórica na condição *No-constraint Match* fornecidas pelos sujeitos falantes nativos de PB no teste *off-line* referente à pergunta-sonda, isto é, concernente ao questionamento do teste interpretativo desta pesquisa. Da mesma forma, permite explicar os tempos de leitura mais elevados na condição *No-constraint* de congruência de gênero que não poderiam ser explicados unicamente à luz do que determina a Estratégia da Posição do Antecedente de Carminati (2002); já que, estando orientado a buscar um NP correferente para o pronome pleno na posição também de sujeito, o *parser* haveria de se deter, em meio ao processamento, com mais atenção a essa posição estrutural, especialmente quando checasse a informação morfológica do NP sujeito e observasse que seus *traços-phi* (ϕ) de gênero casariam com o do pronome catafórico lexicalizado a ponto de fazer com que se confirmasse que tal NP seria verdadeiramente um poscedente viável a desencadear um processo de estabelecimento da correferência catafórica o qual naturalmente repercutiria no aumento do tempo de leitura do referido segmento nesta condição em particular. Nesse sentido, nos casos em que o *parser* não pôde usar a informação morfológica de gênero incongruente para mais facilmente tomar a

decisão de descartar o NP₁ como possível correferente para o pronome que lhe antecede, a catáfora em suma, e se deu conta de que estruturalmente esse mesmo NP₁ reunia características e indícios sólidos, do ponto de vista sintático-estrutural coadunado com o morfológico relativo à congruência de gênero, de que podia e/ou devia ser seu destinado correferente, em termos intrassentenciais, reforça-se, considerando-se o domínio estritamente da sentença e, portanto, morfossintático; há de ser realmente provável que o *parser* tenha firmado a relação correferencial entre o pronome pleno e o NP₁ na posição de sujeito de modo a gerar um custo adicional no processamento que conseqüentemente se refletiu nos maiores tempos de leitura absolutos da condição em tela, a *No-constraint Match* em comparação com a *No-constraint Mismatch*, tal como pertinentemente frisado.

Ora, assim como observam Sorace e Filiaci (2006), é importante ainda lembrar que a gramática e o *parser* são mais tolerantes às violações do mecanismo inerente à Estratégia da Posição do Antecedente (PAS) em contextos cujas sentenças não são ambíguas e em que o potencial de se gerar falhas na comunicação é baixo de modo que os falantes nativos de italiano notadamente parecem aplicar o Princípio de Evitar A Falha na Comunicação (*Avoid Miscommunication Principle*) cuja consequência direta envolve a observação estreita às prescrições da Estratégia da Posição do Antecedente junto aos contextos em que vigoram sentenças ambíguas. Logo, em face disso, fica evidente que tamanha estratégia comporta ser um mecanismo mais estritamente obedecido em situações cujo processamento é marcado por sentenças ambíguas do que quando as sentenças a serem processadas não são ambíguas, caso em que há um relaxamento da Estratégia da Posição do Antecedente, e a vinculação de um pronome pleno a um NP sujeito, por exemplo, conduziria a uma má interpretação da sentença a gerar uma condução não muito boa e equivocada da comunicação.

Dessa forma, uma vez que as sentenças experimentais a comporem o conjunto experimental desta pesquisa foram todas não ambíguas, isso tem importantes implicações para os resultados cá obtidos neste experimento caso estratégia semelhante à PAS seja operante em português brasileiro (PB), quais sejam essas implicações, de que o *parser* provavelmente não tenha observado estritamente as prescrições de que deveria correferir o pronome catafórico com um NP objeto, tendo tido, assim, maior flexibilidade no exercício de sua atividade correferenciadora, inclusive com mais liberdade para violar as recomendações de um mecanismo como a Estratégia da Posição do Antecedente no decurso do processamento justamente em razão de as sentenças experimentais adotadas nesta pesquisa não terem configurado estruturas ambíguas. Isso naturalmente implica que parte do *parser* dos falantes nativos de PB participantes da experiência pode ter normalmente aceitado firmar

correferência com um NP em posição de sujeito como desde o princípio hipotetizado de sorte a evidenciar que, de fato, os participantes do experimento estabeleceram a correferência catafórica entre o pronome catafórico e o 1º NP em função de sujeito, o que se alinha aos resultados *off-line* das perguntas-sonda que retratam terem estes falantes de PB voluntariados para o experimento, em grande parte, significativamente aceitado e estabelecido a correferência entre tal pronome catafórico ‘ele/ela’ e o 1º NP sujeito na direção do previsto pelas hipóteses aventadas para a condição *No-constraint Match*. Porém, o fato de as sentenças do experimento desta inquirição terem sido não ambíguas a ponto de importarem no relaxamento de uma engrenagem tal qual a Estratégia da Posição do Antecedente também pode ter igualmente proporcionado a abertura de um leque de possibilidades maior e mais flexível para que o pronome pleno estabelecesse a correferência catafórica, permitindo que parcela dos participantes da experiência também procurassem firmar a correferência do pronome pleno com um referente extralinguístico e outra parte talvez com um NP em posição de objeto em uma tentativa frustrada por não ter havido nenhum nominativo assumindo a função de objeto disponível para ser um potencial poscedente para o pronome catafórico, o que também abre a possibilidade para se pensar que esses sujeitos podem ter redirecionado postumamente sua tentativa de correferência para o 1º NP, que seria um NP categorizado como sujeito, ou para uma exófora fora do escopo da sentença ou ainda que podem ter deixado a relação correferencial em aberto e naturalmente sem solução, sem que a correferência catafórica tenha sido resolvida mesmo havendo meios e subsídios para tanto.

Portanto, em decorrência da flexibilização propiciada pela não observância estrita a certa ação da Estratégia da Posição do Antecedente em PB, o *parser* dos participantes ora pode ter buscado correferir o pronome pleno com o 1º NP, que é o NP sujeito, como desde sempre esperado, ora com um provável NP objeto ou ainda com um referente extralinguístico, isto é, com uma exófora ou até mesmo não ter resolvido a correferência catafórica, deixando-a em aberto de sorte tal que tudo isso muito bem pode ter contribuído também para a não emersão de um efeito significativo no sentido de um GMME e, mais importante ainda, por ter amortecido a captação do efeito do GME entre as condições *No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch*, a ponto de ter apenas indicado uma tendência, em razão da instabilidade de direcionamento da ação do *parser* quanto ao NP a ser escolhido para correferir com o pronome catafórico; falta de estabilidade, esta, a qual foi gerada, de um lado, pela variabilidade de opções abertas pela especialização pronominal em uma língua de natureza *pro-drop* e principalmente, por outro, pelo amortecimento de regras como as provenientes da Estratégia da Posição do Antecedente que acabam por conduzir o pronome

pleno a um não favoritismo em relação aos tipos de nominais com que deve correferir por serem essas normas tratadas como recomendações ou como posturas e/ou protocolos a serem preferencialmente adotados, permissíveis, porquanto, a toleráveis violações sem que se incorra em agramaticalidades ou sérios prejuízos à comunicação.

Afora isso, a propósito, o comportamento claramente observado nos estudos de Fedele e Kaiser (2014) de não seguir lealmente a Estratégia da Posição do Antecedente, pelo menos nas configurações de correferência catafórica, encontra eco e claro respaldo, em se tratando da correferenciação das relações catafóricas, também em outros estudos *off-lines* em bilinguismo igualmente promovidos em italiano tais como nos exames de Tsimpli et. al. (2004), Sorace e Filiaci (2006), Belletti, Bennati e Sorace (2007) e Serratrice (2007) os quais revelaram que os falantes nativos adultos de italiano tendem a preferir usar os pronomes plenos em configurações catafóricas que busquem a referência muito mais em referentes extralinguísticos, priorizando uma correferência exofórica, do que tentando resolvê-la dentro do próprio esqueleto da sentença, o que não quer dizer que as possibilidades de correferenciações endofóricas, como é a catafórica, sejam de todo excluídos pelos pronomes fonologicamente expressos, haja vista que eles também têm demonstrado aceitar a correferência entre o pronome pleno catafórico e um NP quer em posição de objeto quer em posição de sujeito.

Nos estudos de Tsimpli et. al. (2004) e de Sorace e Filiaci (2006) os falantes nativos adultos apontaram escolher que o pronome pleno catafórico correferisse com o NP objeto numa proporção bem menor que a de um referente extralinguístico e também demonstraram tolerar que o mesmo pronome pleno viesse a correferir com um NP sujeito só que numa proporção ainda menor tanto em relação ao NP objeto quanto especialmente no tocante à exófora, de modo que as aceitações entre cada uma das três alternativas correferenciais revelaram uma gradual hierarquia, sendo altamente preferidas no sentido de estabelecer a correferência entre o pronome pleno catafórico e o referente extralinguístico, seguido de uma predisposição a aceitar a correferência com um NP objeto que, por sua vez, correspondia a uma proporção quase que referente ao dobro da aceitação dos falantes em se tratando de correferir o pronome pleno com um NP sujeito.

Já nos estudos de Belletti, Bennati e Sorace (2007) e Serratrice (2007), embora a taxa de aceitação da correferência entre o pronome pleno catafórico e a exófora tenham sido, de longe, a opção preferida pelos falantes nativos adultos à semelhança do observado em Tsimpli et. al. (2004), a proporção de consideração da correferência do pronome quer tenha sido com o NP objeto quer tenha sido com o NP sujeito se manteve equivalente entre estas duas opções

menos preferidas. Por outro lado, Serratrice (2007) também mostrou que as crianças monolíngues de italiano apresentam propensões para a correferência as quais são distintas das predileções dos adultos a partir do fato de que elas retratam não aceitar correferir o pronome pleno com o referente extralinguístico e ao se dividirem de modo balanceado entre a inclinação em preferir estabelecer a correferência ou com o NP sujeito ou com o NP objeto. E além de tudo, o interessante a se observar é que as vocações desse comportamento, de certa forma, se alteram quando são avaliados os falantes quase nativos de italiano dentro da seara mais propriamente do estudo em bilinguismo. Assim, para os falantes nativos de italiano enquanto L₁ que são falantes quase nativos de inglês como L₂, Tsimpli et. al. (2004) reportaram uma queda mais acentuada na taxa de preferência no que diz respeito à correferência do pronome pleno com o referente extralinguístico em comparação aos falantes nativos de italiano, embora essa opção continue sendo relativamente a mais preferida também por esses falantes de italiano como L₁ e de inglês como L₂. E veja-se que, percebeu-se um aumento na porcentagem das aceitações de correferência do pronome pleno tanto com o NP sujeito quanto com o NP objeto, sendo esta ainda a opção mais aceitável depois da correferência com a exófora quando se procede a comparação com os falantes nativos de italiano. Nesses termos, verifica-se que os falantes de italiano que atingiram um nível quase proficiente em outra língua não *pro-drop* como o inglês, tendem a manter um certo equilíbrio da aceitação da correferência seja do pronome pleno com a exófora seja com o NP objeto, ainda que haja ainda ligeira inclinação por instituir a correferência com o referente extralinguístico; como também são mais suscetíveis a acatar a correferência entre o pronome pleno e o NP sujeito.

Por sua vez, Sorace e Filiaci (2006) apontaram um comportamento diverso para a situação contrária em que foram testados falantes nativos de inglês enquanto L₁ e que são quase nativos de italiano como L₂, dado que eles são proporcionalmente bem menos suscetíveis a aceitar a correferência do pronome pleno com o referente extralinguístico quando comparado com os falantes nativos de italiano e com os falantes de italiano como L₁ e de inglês como L₂ do estudo anterior de Tsimpli et. al. (2004). Demais, eles revelaram uma taxa de acatamento da correferência na direção do pronome pleno com o NP objeto que é similar ao dos falantes nativos de italiano e que, apesar de ser ligeiramente inferior, chega a ser equiparável à proporção de admissão da correferência do mesmo pronome pleno catafórico com a exófora. O mais surpreendente é que os falantes quase nativos de italiano tendo o inglês como L₁ prioritariamente aceitam firmar a correferência do pronome pleno com o NP sujeito, seguindo a lógica preferencialmente demonstrada em sua língua de origem

notadamente não *pro-drop*, o inglês, que se pauta em mecanismos prospectivos mais altamente *top-down* como o Mecanismo de Busca Ativa durante o desencadeamento do processamento linguístico das relações correferenciais catafóricas.

Já Serratrice (2007) mostrou que o comportamento das crianças bilíngues de italiano-inglês não difere muito das crianças monolíngues de italiano, apesar de diferir do comportamento e das preferências de atribuição correferencial dos adultos falantes nativos de italiano ao relatar que ambos os grupos de crianças são bastante reticentes em aceitar a correferência do pronome pleno com o referente extralinguístico, sendo, entretanto, capazes e predispostos a estabelecer a correferência do pronome pleno catafórico quer entre o NP sujeito quer entre o NP objeto sob proporções balanceadas principalmente no que concerne às suscetibilidades das preferências correferenciais das crianças monolíngues do italiano.

Em assim sendo, essa potencial tendência observada em italiano de se buscar correferir um pronome pleno catafórico prioritariamente com um poscedente exofórico, e não com um que seja endofórico, buscando uma alternativa para a resolução pronominal em âmbito extrassentencial ao invés de intrassentencial, associada ainda mais aos relatos inquiritivos de natureza *off-line* de Gordon e Hendrick (1997) de que a aceitação de conformação da dependência correferencial catafórica em língua inglesa tem aceitação menor até do que uma estratégia antieconômica que é firmar a correferência com um nome repetido, reiteradamente vinculado à Penalidade do Nome Repetido, salvo as situações em que a correferência catafórica é instanciada em meio a uma relação de subordinação em que o pronome catafórico esteja inserido dentro de uma subordinada caracterizada pela presença de um complementizador (uma conjunção), adequa-se, demais, à interpretação dos resultados deste experimento, haja vista que a não emergência de uma GMME pode indicar que o *parser* de parte dos participantes não firmou a correferência endofórica entre o pronome pleno catafórico e o poscedente que seja o NP sujeito talvez em razão de o processador sintático tender a buscar um correferente exofórico à luz desses autores.

Além disso, como também são existentes em italiano as propensões para correferir com o NP objeto e também com o NP sujeito, afora a predileção pela correferência exofórica a ser estabelecida entre o pronome pleno catafórico e o referente extralinguístico, a ausência de efeito no sentido de um GMME também pode ter ocorrido em razão da falta de especialidade do pronome pleno catafórico que, além de considerar o referente extralinguístico, tem de se dividir entre o NP objeto e o NP sujeito no momento de escolher com quem buscar correferir. Portanto a variabilidade de opções pode impedir que o *parser* em

PB faça prospeções exatas de com quais posições deve já estabelecer correferência a ponto de poder ser movido por um mecanismo altamente *top-down* como é o Mecanismo de Busca Ativa, o que naturalmente o faz ser guiado por estratégias resolutivas outras que sejam mais *bottom-up* e mais estritamente vinculadas à interface semântica-discurso-pragmática. Não tendo sido, pois, possivelmente orientado pelo Mecanismo de Busca Ativa, é natural que não tenha havido a emersão de um GMME, e sim uma tendência para um GME.

Afora isso, o fato de os falantes de italiano não serem resolutos em vincular um pronome pleno catafórico a um poscedente que seja o 1º NP em posição de sujeito sugere, dentro de um contexto em que sejam irresolutos quanto à decisão em estabelecer a correferência catafórica ou com o NP sujeito ou com o NP objeto ou mesmo com um referente extralinguístico, ainda que, em meio a essa ausência de determinação para apontar um exato correferente, decorra a preferência em apor a correferência com a exófora de modo que ela tenha primazia sobre as outras duas alternativas endofóricas cogitadas para a correferenciação as quais são referentes aos NPs sujeito e objeto, que a mesma conduta seja em parte empregada pelos falantes de português brasileiro (PB), por compartilhar de parcela das mesmas características de uma língua de natureza *pro-drop*, condição que também poderia sugerir por que razão, nesta pesquisa, os tempos de leitura foram mais elevados na condição de ocorrência de *No-constraint Match* do que na de *No-constraint Mismatch* de maneira a direcionar para uma tendência de efeito no sentido de um GME. Essa disposição pode perfeitamente ser um indicativo a insinuar a dificuldade encontrada pelo *parser* de processar um NP sujeito quando com ele se depara, mesmo que ele se mostre assimilável como correferente tanto pelo casamento dos *traços-phi* (ϕ) de gênero quanto pela flexibilização da atribuição pronominal para a resolução das relações correferenciais colocada pela Estratégia da Posição do Antecedente diante da correferenciação catafórica de um pronome pleno, de tal maneira que isso ocasione o estopim de um dilema para o processador que terá de ponderar ou em se submeter a essa permissividade do NP, mesmo em uma conjuntura que não lhe é a preferida, ou em suportar tamanha tentativa a fim de continuar fiel aos seus princípios primazes de ir em busca de um referente externo, de um poscedente exofórico em outras palavras. Essa procura, aliás, pode ocasionar custo processual adicional quer na tentativa de se estabelecer a correferência mesmo com o NP sujeito quer naquela de se instituir a correferência exofórica, pois tão somente na altura do primeiro poscedente viável, que é o 1º NP sujeito, que o *parser*, estando orientado muito provavelmente por uma rotina processual mais *bottom-up* e menos *top-down*, poderá começar a confrontar as opções existentes a fim de começar a tomar as decisões no sentido de ter de acatar e/ou rejeitar entre

cada uma das alternativas válidas e previamente ponderadas para se estabelecer a correferência.

Ademais, em relação às possibilidades de correferência anafórica no italiano, Tsimpli et. al. (2004), Sorace e Filiaci (2006), Belletti, Bennati e Sorace (2007) e Fedele e Kaiser (2014) encontraram uma predileção dos falantes nativos adultos em estabelecer a correferência entre o pronome pleno anafórico e o prévio NP objeto. Serratrice (2007) também observou o mesmo procedimento tanto para os falantes nativos adultos quanto para as crianças monolíngues de italiano que majoritariamente acataram a correferência entre o pronome pleno anafórico e o NP objeto precedente, embora Serratrice (2007) tenha constatado que as crianças bilíngues de italiano-inglês tenham se dividido na aceitação do NP sujeito ou do NP objeto para correferirem com o pronome pleno anafórico. Do mesmo modo, Tsimpli et. al. (2004), para os falantes de italiano como L₁ e inglês como L₂, juntamente com Sorace e Filiaci (2006) e com Belletti, Bennati e Sorace (2007), para os falantes de inglês como L₁ e italiano como L₂, perceberam que há uma disposição maior em aceitar a correferência anafórica entre o pronome pleno e o NP sujeito predecessor em comparação à sensibilidade retratada pelos falantes nativos de italiano em aceitar esta possibilidade de correferência segundo um *modus operandi* que se assemelha ao observado na comparação entre as preferências dos falantes nativos e quase nativos de italiano frente à correferência catafórica como já acima comentado.

Com tudo isso propalado, a confrontação das preferências demonstradas pelos falantes nativos de italiano quanto ao fato de com quem o pronome pleno pode e/ou deve correferir nas disposições quer catafóricas quer anafóricas retratam que a implementação da Estratégia da Posição do Antecedente, em italiano, ocorre de maneira diferenciada em cada uma das situações de correferência, procedendo de um modo perante a correferência anafórica e de outro diante da catafórica e também de maneira um tanto distinta na comparação entre os falantes nativos que têm ou o inglês ou italiano como L₁ e os falantes quase nativos que possuem uma das duas línguas como L₂ em situações de processamento quanto às preferências interpretativas optadas diante de estudos de bilinguismo. Como pontuam Fedele e Kaiser (2014) e Sorace e Filiaci (2006), isso se deve ao fato de os falantes colocarem em conflito simultaneamente mecanismos processuais distintos na resolução das relações catafóricas quando contrastadas com as anafóricas, visto que a gramática e o *parser* dos falantes têm à disposição um mecanismo prospectivo sintática e estruturalmente

coordenado e também um outro pragmaticamente governado que é o relativo à Estratégia da Posição do Antecedente.

Em sendo assim, haja vista que a diferenciação de tendência em relação às preferências correferenciais dos falantes nativos de italiano diverge entre os casos de correferência catafórica e de anafórica, resta esclarecido que tanto mecanismos prospectivos de cunho puramente sintático, a exemplo do Mecanismo de Busca Ativa, quanto engrenagens sintaticamente orientadas, afora o que discursiva e pragmaticamente governadas em termos da implementação e/ou execução delas dentro de uma dada língua a partir da atuação que elas têm junto à interface da sintaxe com a pragmática do discurso, tais como a Estratégia da Posição do Antecedente, a qual é, porquanto, sintática e pragmaticamente dirigida, são concomitantemente operantes em italiano e possivelmente em outras línguas de natureza essencialmente *pro-drop* como o português brasileiro (PB). Portanto, isso é mais uma evidência a constatar que, de fato, a correferência catafórica em português brasileiro (PB) possivelmente seja tanto orientada quanto afetada quer por mecanismos prospectivos de caráter sintático-estrutural quer por estratégias resolutivas de cunho pragmático-discursivo que se conflitem entre si durante suas respectivas implementações no decurso do processamento. Tal situação evidencia, pois, que o *parser* dos falantes de PB, participantes do experimento desta pesquisa, possivelmente esteve sob a influência e/ou interferência tanto dos mecanismos prospectivos quanto de estratégias sintáticas e pragmático-discursivas como a Estratégia da Posição do Antecedente para a resolução da correferência catafórica que ora guiaram o *parser* para correferir com o NP sujeito ora com outros possíveis correferentes que fossem necessariamente não sujeitos e também muito provavelmente com um referente extralinguístico em razão de não ter havido um NP objeto disponível para estabelecer correferência com o pronome pleno catafórico.

Assim divulgado, como os resultados não acusaram um efeito direcionado para o GMME, tendo apontado para uma tendência no sentido de um GME, é improvável que o mecanismo prospectivo que tenha interferido no processamento da correferência catafórica, neste experimento, tenha sido o Mecanismo de Busca Ativa de modo que isso, mais uma vez, sugere que outra engrenagem processual também prospectiva tal qual a inerente ao mecanismo modular de Cowart e Cairns (1987) ou a referente à mecânica interativa forte de Tyler e Marslen-Wilson (1977) é que tenha intervindo no processamento à proporção que, em meio ao curso de sua interveniência ou implementação, esteve conflitando com um procedimento feito a Estratégia da Posição do Antecedente na intenção de viabilizar o estabelecimento da correferência catafórica pertinente.

A mais, como bem colocado por Fedele e Kaiser (2014, p. 83), pontue-se que as diferenças encontradas entre os trabalhos de Carminati (2002) e os demais estudos em italiano em relação às preferências para a correferência apontadas pelos falantes nativos podem ter decorrido, em certa medida, das estruturas diferenciadas das sentenças que têm divergido umas das outras, posto que os pronomes plenos que têm sido apresentados nas sentenças da pesquisa de Carminati (2002) integravam a matriz à medida que os NPs tidos como potenciais correferentes compunham a subordinada, diferentemente do costumeiramente empregado nas sentenças das outras explorações promovidas em língua italiana, conforme assinalado por Sorace e Filiaci (2006, p. 349), que têm apresentado o pronome pleno na subordinada e os potenciais NPs com os quais pode correferir na matriz tal como também procede no experimento componente desta investigação. Parece então que, segundo pontuado por Fedele e Kaiser (2014), a ordem clausular associada ao arranjo por meio do qual tanto os elementos pronominais quanto os nominais são dispostos ao longo da sentença exerce efeitos práticos e contundentes que são relevantes na interpretação da resolução da correferência quer catafórica quer anafórica.

Perante o exposto, há de se ressaltar que o fato de os estímulos experimentais deste experimento terem todos sido elaborados em torno da ordem sentencial subordinada-matriz constitui-se em mais uma garantia de que os sujeitos, de fato, estabeleceram a correferência entre o pronome catafórico e o potencial poscedente adequadamente e que a integraram à estrutura semântica e discursiva da sentença, tendo interpretado corretamente o sentido por ela veiculado e a relação correferencial catafórica nela presente tal como atestam os resultados *off-lines* da pergunta-sonda, uma vez que se é sabido que a interpretação dos pronomes na ordem subordinada-matriz é facilitada em relação à ordem subordinante-subordinada conforme preconizado por Bever e Townsend (1979) e Garnham, Oakhill e Cain (1998). Além disso, é importante frisar que isso acontece porque a forma superficial do sintagma nominal que funciona como antecedente é mais acessível quando aparece na oração subordinada justamente por conta que, para ser completamente interpretada, o seu sentido precisa ser integrado à oração principal que ainda resta ser processada e também compreendida, o que faz com que a forma superficial da subordinada tenha de permanecer retida na memória até que a matriz seja computada, tornando a informação mais disponível, porém fazendo com que o custo processual que demonstram ter as subordinadas seja maior em face das matrizes que são menos custosas de se processar por poderem ter sua plena interpretação realizada sem ter de esperar pelo processamento da subordinada. Isso faz com que a informação superficial se perca e, por conseguinte, fique menos disponível.

De mais a mais, a facilitação da interpretação da ordem subordinada-matriz, aliás, é confirmada por Hora (2014) a qual verifica uma taxa de acertos maior para o estabelecimento da correferência quando os julgamentos se dão nessa ordem. Nessa direção, a ordem empregada neste experimento provavelmente tenha facilitado a interpretação da correferência catafórica que tinha de ser estabelecida, tendo-se refletido na obtenção de efeito significativo no teste *off-line* da pergunta-sonda à proporção que também possa ter colaborado para dificultar o processamento *on-line* da relação correferencial catafórica almejada de tal forma que essa maior dificuldade no nível processual em tempo real pode ter contribuído para minimizar e consequentemente mascarar o efeito inerente à GME que se expressou através de uma tendência, sem ter alcançado a significância estatística apropriada.

Em suma, há de se observar que o entendimento de sentenças com diferentes ordens clausulares podem envolver distintos processos de sorte que quando a subordinada precede a matriz ela age como uma moldura para a ação da oração principal enquanto que quando a ordem é a inversa e a subordinante antecede a subordinada, após completar a interpretação da oração principal, o compreendente pode considerar a sentença já concluída e não precisa mais esperar por nenhum outro input linguístico a ponto de a subordinada poder ser interpretada mais como um comentário adicionado à matriz já concluída em sua interpretação (cf. SALVI & VANELLI apud FILIACI, 2010).

Afora isso, Filiaci (2010) prescreve que há uma relação de coesão fraca entre as estruturas em subordinação nas condições subordinante-subordinada em que a oração subordinada é uma adverbial temporal de modo que a preferência por retomar o NP sujeito com *pro*, por exemplo, é atenuada ao passo que a predileção pela retomada do NP sujeito frente ao NP objeto mantém-se significativa e estável nas condições também subordinante-subordinada, mas que sejam constituídas por uma oração subordinada caracterizada como adverbial concessiva. Adicionalmente, Luegi (2012) e Hora (2014) confirmam que o tipo de conector temporal e sua função semântica de modificador temporário atenuam o efeito da saliência dos antecedentes e, por consequência, a resolução pronominal e correferencial correlata. Logo, esses resultados respaldam estudos que sugerem serem as preferências de retomada de um antecedente para uma forma pronominal, num contexto de correferenciação, afetado pelo tipo de conectivo que se escolhe empregar na concatenação das sentenças de sorte que a resolução pronominal da correferência se baseia nos papéis temáticos dos antecedentes. Essa solução correferencial é passível de ser explicada pelo fato de os interpretantes de um dado enunciado focarem a atenção nas consequências de um evento as quais podem perfeitamente serem modificadas ou anuladas a partir da mudança das relações

de coerência a se estabelecer entre as sentenças a qual é perpassada pelo uso dos conectivos responsáveis por interligar as referidas orações unidas sob regime de subordinação (cf. STEVENSON et. al., 1994, 2000). E também reforçam a ideia propalada de que as relações de coerência requerem o estabelecimento de uma relação de implicação entre as proposições que são estabelecidas a partir de duas cláusulas e que tal nexos não é requerido para as subordinadas temporais. Mais, corrobora a assunção de que as formas pelas quais esses vínculos se dão e por meio de quais conectivos se concretizam podem afetar as expectativas dos interpretadores em relação à entidade que será mencionada posteriormente, na próxima cláusula, ao longo da sentença, *id. est.*, validam a declaração de que a interpretação pronominal é influenciada pelas expectativas probabilísticas acerca do que os compreendentes encerram quanto ao que as relações de coerência estabelecidas são e em que vão resultar juntamente com as expectativas sobre quais entidades serão citadas na sequência da sentença, o que crucialmente é condicionado por tais nexos de coerência firmados sentencialmente (q.v. KEHLER, KERTZ, ROHDE & ELMAN, 2008). Portanto, tudo isso ratifica o prescrito por Mayol e Clark (2010) que consideram ser o nível de coesão entre as estruturas influenciado pelo conectivo a ponto de ser isto fator relevante para debilitar a saliência dos correferentes, o que naturalmente tem impacto direto junto ao estabelecimento e, por conseguinte, sobre o processamento das relações correferenciais.

Com base no até então discutido, vê-se, pois, que todos esses trabalhos em italiano sobre os quais discorrido, como já pontuado, de certa forma não conflitam com o estudo de Carminati (2002) no sentido de que a Estratégia da Posição do Antecedente não comporta um procedimento a ser rigidamente obedecido, mas que aponta uma determinada predisposição marcada por preferências quanto aos caminhos a serem percorridos no estabelecimento da correferência, passíveis de serem violados em razão das circunstâncias contextuais, discursivas e pragmáticas apresentadas.

A propósito, é vital destacar que esse mesmo comportamento claramente observado no processamento da correferência catafórica do italiano, conforme até então visto, que tem retratado não se alinhar inteiramente às prescrições concernentes à Estratégia da Posição do Antecedente também foi confirmada em outras línguas *pro-drop* tanto para a correferência anafórica quanto para a catafórica. Em sendo assim, tendência processual semelhante ao constatado no italiano, sem que se obedecesse de modo estritamente leal um mecanismo como a Estratégia da Posição do Antecedente, foi observado em espanhol para o processamento da correferência anafórica a partir do estudo desenvolvido por Filiaci (2010a, 2010b) e Filiaci, Sorace e Carreiras (2013/2014) em que não se obteve

preferência por estabelecer a correferência do pronome pleno com o NP objeto, tendo havido a possibilidade de correferência do pronome tanto com o NP sujeito quanto com o NP objeto. Em face disso, é importante pontuar que o trabalho referente à tese de doutorado de Filiaci (2010a), em se tratando da operacionalização e validade da Estratégia da Posição do Antecedente para o italiano e espanhol, através do qual se demonstrou haver diferença de tendência comportamental para os pronomes plenos, mas não para nulos na comparação entre ambas as línguas, em razão de se ter constatado que *pro* obedece às prescrições referentes ao mecanismo da Estratégia da Posição do Antecedente tanto para o italiano quanto para o espanhol, não diferindo, pois, entre as duas línguas no que respeita ao pronome pleno tão somente seguir o que determina a referida estratégia no tocante ao italiano, é mais uma evidência a favor da legitimidade quanto à universalidade da Escala de Acessibilidade de Ariel (1991).

Assim, sendo a tendência do sujeito nulo translinguisticamente invariável, atestada pela ausência de diferença processual acusada por *pro* em sua atribuição pronominal em italiano e espanhol, é mais provável que o processamento correferencial catafórico de pronome nulo em português brasileiro opere em torno de mecanismos mais universais e menos suscetíveis a variações paramétricas ou outras imposições quer do sistema organizacional da língua quer dos sistemas de processamento, tais como a especialização pronominal a interferir nas suas possibilidades de distribuição complementar ou de competição associadas a matizes tópicas, focais e de plausibilidade semântica e pragmática. Nesse sentido, é mais provável que o MPFDA ou o Mecanismo de Busca Ativa opere em PB à semelhança do que ocorre em inglês e segundo mecanismo processual análogo ao das *filler-gap dependencies* quando a correferência catafórica for estabelecida com *pro*, e não com pronome pleno como encaminhado neste experimento. Essa constatação deverá ficar, portanto, para pesquisa futura (cf. FILIACI, 2010, p. 100-110ss.).

Prosseguindo, Alonso-Ovalle, Fernández-Solera, Frazier e Clifton Junior (2002), ainda no que se refere à língua espanhola, da mesma forma, observaram que o pronome pleno é indistintamente empregado para correferir tanto com o antecedente que seja o NP sujeito quanto com aquele que seja o NP objeto e também que não importa a posição sintática nem a articulação de tópico-foco assumida pelo pronome pleno o qual aceita correferir com o NP sujeito estando ele quer em posição pós-verbal quer em pré-verbal, embora seja nesta mais acentuada a tendência para correferência.

Na mesma esteira tendencial, no tocante ao português europeu (PE), Costa, Faria e Matos (1998) demonstraram que, para a correferência anafórica, o pronome

pleno é preferencialmente aceito para correferir com o NP objeto de uma sentença coordenada ou subordinada, apesar de marginalmente ser aceita também a correferência com o NP sujeito.

A mesma tendência foi observada, igualmente, por Morgado (2011, 2013) no tocante às frases ativas em correferenciação anafórica, com o detalhe de ter havido uma taxa de aceitação maior para a correferência entre o pronome pleno e o NP sujeito, muito embora tenha persistido a preferência consideravelmente maior em se optar por correferir o pronome lexicalizado com o NP objeto.

O mesmo padrão preferencial, além do mais, tem sido observado por Luegi (2012) e Luegi, Costa e Maia (2014) que constataram a preferência de se estabelecer a correferência de *pro* com o NP sujeito, inclusive quando estruturalmente não destacado em posição pós-verbal, e do pronome pleno com o NP objeto até mesmo quando topicalizado em posição pré-verbal, embora essas preferências tenham se atenuado nas condições não canônicas ou invertidas do tipo OVS.

Do mesmo modo, Canceiro (2014) evidenciou que o pronome pleno tende a firmar referência disjunta com o NP sujeito em adverbiais não integradas à direita, o que tem levado a crer que ele pende por buscar correferir com um NP não sujeito à medida que, por outro lado, Canceiro (2016) demonstrou que o pronome pleno tanto tende a aceitar correferência com o NP sujeito quanto acata considerar simultaneamente a correferência e a referência disjunta com tal NP, fato a implicar que o pronome lexicalizado tem optado também por correferir com um NP não sujeito. Esse conflito observado na pesquisa de Canceiro (2016) em nunca se querer apenas se estabelecer a correferência interna, mas uma disjunta e, porquanto, externa como possível e concomitante à interna pode ser responsável por gerar custo processual na correferência catafórica pronominal do português brasileiro (PB) assim como pode acontecer no português europeu (PE) de maneira que isso pode constituir, sem dúvida, um fator que contribua para mascarar quer o efeito relativo ao GMME, caso exista, o que parece improvável em decorrência do assestado pelos dados, quer aquele inerente ao GME o qual parece ser mais plausível de existir em função da tendência apontada pelos resultados do experimento (cf. CANCEIRO, 2016, p. 129s. e 139ss.).

Ainda por cima, Costa e Matos (2012) retrataram que a preferência por estabelecer a correferência do NP sujeito com um pronome lexicalizado paulatinamente é abandonada pela predileção em firmar a correferência com um pronome nulo à medida que a criança cresce, desenvolve-se e começa a amadurecer, o que tem implicado, por dedução, na consideração de haver um direcionamento da correferência anafórica do pronome pleno em face de um NP não sujeito.

Em aditamento, na mesma direção em que se tem averiguado tendências similares no português brasileiro (PB), no que concerne à correferência anafórica, apesar de Corrêa (1998) e Fonseca e Guerreiro (2012) terem inicialmente retratado haver preferência do falante nativo de PB em firmar correferência de *pro* com o NP que seja sujeito e do pronome pleno com o NP que não seja sujeito em plena conformidade com a Estratégia da Posição do Antecedente, para além disso e mais importante, Luegi (2012), Luegi, Costa e Maia (2014), Hora (2014), Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014) logo depois retrataram que *pro* tende a correferir com o NP sujeito e que o pronome pleno tanto demonstra aceitar correferir com o NP sujeito quanto com o NP objeto, embora a tendência maior seja por correferir com o NP sujeito caso considerado o estudo de Hora (2014) ao passo que a tendência passe a ser ligeiramente maior com o NP objeto em se considerando o trabalho de Luegi (2012), Luegi, Costa e Maia (2014), Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014).

Por outro lado, o estudo de Teixeira (2013) acerca da sondagem sobre produção de períodos complexos a partir de subordinadas temporais demonstrou que o pronome pleno 'ele', em disposições correferenciais anafóricas e catafóricas, não incorre como preferência de correferência nem com o ante(pos)cedente em posição de sujeito nem com aquele em função de objeto, reforçando a assunção para o PB já observada em PE por Canceiro (2014, 2016) e Zheng (2016) de que o pronome pleno tende a correferir com um referente extralinguístico, portanto, com um poscedente exofórico (cf. TEIXEIRA, 2013, p. 117-122).

Demais, em concernência à correferência anafórica, a constatação de Luegi (2012), em português brasileiro (PB), de que *pro* é preferencialmente interpretado como sendo correferente de um NP que seja o constituinte mais próximo que o c-comande, caso do sujeito pós-verbal na ordem não canônica caracterizada por OVS, muito embora se tenha constatado que a sensibilidade do pronome nulo decorra tanto da função sintática do antecedente quanto da sua posição estrutural em português europeu (PE) diferentemente do observado em PB, é particularmente importante para mostrar que *pro* possa ser preferível na correferência catafórica com o primeiro NP sujeito que se coloque como potencial poscedente ao passo que o pronome pleno seja conduzido para correferir com uma exófora (cf. LUEGI, 2012, p. 133-137).

Por sua vez, a apuração de Hora (2014), em relação à correferência anafórica, de que o pronome pleno apresenta em si características que o tornam capazes de retomar tanto antecedentes em posição de sujeito quanto em posição de objeto e que essa capacidade dual faz com que a identificação do antecedente a ser retomado seja mais demorada implica dizer

que, na correferência anafórica, se o *parser* demora um pouco mais na identificação do antecedente porque pode retomar uma ou outra posição sintática que o deixa hesitante, isto é, em situação de divisão e/ou indecisão sobre qual posição reaver; é pertinente pensar que, na correferência catafórica, o *parser*, também por estar dividido entre apor o pronome pleno para correferir com um poscedente sujeito ou objeto, faça predições menos acuradas e ativas e, portanto, menos análogas ao processo de *busca ativa* verificado nas *filler-gap dependencies*.

Isso apurado em Hora (2014) é um indício de que, para os pronomes lexicalizados, o *parser*, assim que visualiza o pronome e a partir de uma *active search*, não estabelece, de imediato, uma relação de dependência correferencial entre o pronome e o poscedente que assumo o lócus sintático de sujeito segundo um mecanismo em que a correferenciação é estabelecida com base inteiramente na predição do *parser* que é assegurada por procedimento tipicamente *top-down* e responsável por instaurar o desencadeamento de um possível Mecanismo de Busca Ativa ou MPFDA. Assim, pelas imposições sistemáticas de especialização pronominal enfrentadas por uma língua parcialmente *pro-drop* tal qual o PB diante das possibilidades correferenciais que um pronome pleno assume dentro do atual sistema, como o *parser* prevê que é possível correferir tanto com um poscedente endofórico quer em posição de sujeito quer em posição de objeto quanto com um poscedente exofórico, ele não encontra meios viáveis de firmar ativamente, de modo *top-down*, uma correferência entre o pronome e a posição sintática do sujeito que lhe é subsequente, pois não há garantias de que essa posição tem de ser frequente e sistematicamente ocupada em PB por um nominativo que seja passível de ser assumido como poscedente feito ocorre com línguas não *pro-drop* que nem é o caso do inglês. Logo, em vez de firmar uma correferência instantânea, com base num MPFDA, o *parser*, no máximo, por meio de processos *top-down*, previsivelmente conecta o pronome com a posição sintática de sujeito e com outras posições tais como a de objeto e a extralinguística, prevendo-as como possíveis locais de manifestação de um viável poscedente sem, contudo, já firmar preditivamente a correferência, esperando processar o input referente ao material linguístico do poscedente para então firmar a correferência ou então instituir uma referência disjunta, com base em processo *bottom-up*, a fim de então prosseguir a averiguação das próximas posições sintáticas que possam resolver a correferenciação.

Já no que respeita à correferência catafórica, Fonseca e Guerreiro (2012) constataram que o pronome pleno indistintamente escolhe correferir seja com o NP sujeito seja com o NP objeto e que ainda acata também, mesmo que em menor proporção, correferir com um referente extralinguístico enquanto Teixeira (2013) e Teixeira, Fonseca e Soares (2014),

embora tenham também observado que *pro* prioritariamente tende a correferir com o NP sujeito, retrataram que o pronome pleno opta mais por correferir com o NP sujeito apesar de também aceitar, em boa medida, correferir com o NP objeto. Estes resultados de Teixeira (2013) e de Teixeira, Fonseca e Soares (2014) são, pois, mais um indício a confirmar que o *parser* de considerável cota dos participantes deste experimento, de fato, previu estabelecer naturalmente a correferência catafórica entre o pronome pleno catafórico e o 1º NP que obviamente assume a posição sintático-estrutural de sujeito, o que é confirmado pelo efeito significativo entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Mismatch*, bem como pela significância da condição *No-constraint Match* no teste *off-line* inerente à pergunta-sonda que indicou claramente o estabelecimento da correferência entre o pronome e o 1º NP sujeito pelos participantes da inquirição como já destacado.

Já para a correferência catafórica, Canceiro (2014, 2016) apresentou que o pronome pleno tanto aceita a correferência quanto a referência disjunta com o NP sujeito, apontando para o fato de que tal pronome pode naturalmente correferir com um NP sujeito quanto com um NP não sujeito o qual compreendeu ser, nestes casos, um referente extralinguístico. Zheng (2016) também retratou que os falantes de PE se dividem de forma balanceada entre aceitar correferir o pronome pleno com o NP sujeito ou com um correferente contextual que seja exofórico.

Além disso, os resultados de Fonseca e Guerreiro (2012) e os de Canceiro (2014, 2016) para o português europeu (PE) também são mais um indicativo de que também o *parser* de quota dos participantes desta experiência tenham optado por firmar a correferência com um outro potencial correferente que não fosse um NP sujeito, tal como com um viável NP objeto caso estivesse disponível ou com um referente extralinguístico, além do fato de se considerar que concomitantemente parte desses participantes também tenham decidido estabelecer a correferência com um NP sujeito representado, neste caso, pelo 1º NP, segundo o evidenciado pelo efeito significativo constatado na condição *No-constraint Match* do teste *off-line* da pergunta-sonda e pela verificação de uma taxa a ser conferida como sendo de respostas negativas e a qual indiscutivelmente aponta para uma referência disjunta estabelecida pelos participantes entre o pronome pleno catafórico e o 1º NP sujeito, apesar da prevalência de respostas positivas a certamente indicar a correferência e a respaldar o efeito estatisticamente significativo, de modo que essas respostas, no sentido da referência disjunta, podem apontar para a tentativa de os participantes terem tentado firmar correferência com um NP não sujeito, independente de terem tido êxito ou não.

Em resumo, essa tendência processual apontada por todos esses estudos nessas diferentes línguas *pro-drop* como o italiano, o espanhol, o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) de não cumprir precisamente as determinações fixadas pela Estratégia da Posição do Antecedente harmoniza-se aos resultados colhidos no experimento desta perquisição no sentido de que contribuem para explicar por que motivo um efeito significativo na direção de um GMME não exsurtiu segundo o previsto nas hipóteses iniciais, mas sim, em seu lugar, uma tendência a apontar para um procedimento resolutivo oposto que segue na trilha de um efeito contrário, notadamente de um GME, que consequentemente sugere não ser o Mecanismo de Busca Ativa operante na resolução da correferência catafórica em PB, já que a constatação de sua operância perpassa pela apuração de um GMME ou, ao menos, de uma tendência para esse efeito, o que não aconteceu, posto que, pelo contrário, verificou-se uma propensão para o efeito oposto da GME, o que seguramente descarta a possibilidade de que o Mecanismo de Busca Ativa ou MPFDA corresponda à mecânica eleita pelo *parser* do PB para conduzir a correferenciação catafórica, ao menos do pronome pleno de terceira pessoa, em português brasileiro (PB).

Em adição, ainda é vital destacar que tanto Teixeira (2013) quanto Teixeira, Fonseca e Soares (2014) claramente evidenciam que a resolução anafórica e catafórica em PB não está em distribuição complementar, mas, do contrário, em competição, evidências que se ajustam perfeitamente aos dados deste experimento, componente desta investigação, os quais confirmam a mesma tendência, haja vista que a experiência retratou altas taxas de correferência do pronome pleno com o poscedente sujeito conforme ratificado pelo teste off-line deste exame como já mencionado, o que é, aliás, comumente encontrado nas correferências com *pro* consoante evidenciado pelos mais diversos autores acima citados. O teste de sondagem sobre produção de períodos complexos com subordinada temporal realizado por Teixeira (2013) compreende mais um indício disto, uma vez que, enquanto os falantes de PB predominantemente produzem sentenças em que procuram estabelecer a correferência do antecedente sujeito com o nulo nas condições em que são forçados a imprimir a correferência com o nome próprio em função de sujeito seja em configuração anafórica seja na catafórica, os mesmos falantes não costumam empregar o pronome pleno (o pessoal ele) nas condições em que são incitados a instaurarem a correferência com o nome próprio em função de objeto. Na realidade, os participantes se valem de outros artifícios para construírem a correferência e acabam demonstrando uma tendência bem maior por preferirem usar o pronome demonstrativo 'este' para correferir com o antecedente objeto. Isso mostra que o pronome pessoal pleno 'ele' não é preferencialmente usado para designar uma correferência

alternativa ao antecedente sujeito, embora também ele não seja a opção majoritariamente preferida para correferir com o sujeito e, em razão disso, ganha ainda mais força o arrazoado de Rohde e Kehler (2014, p. 22) em defesa da necessidade de se estudar outras formas pronominais dentro da pesquisa psicolinguística além das já tradicionais como os pronomes pessoais.

De todo modo, tais evidências não excluem a possibilidade de que o pronome pleno seja uma alternativa concorrente ao *pro* para correferir com qualquer nominativo que exerça a função de sujeito. Talvez essa alternância seja mais verificável e esteja mais restrita ao âmbito da compreensão leitora em que o falante não tem domínio sobre as escolhas linguísticas a serem feitas na construção das sentenças e enunciados e na elaboração dos textos e discursos; e sim, é bem mais logicamente possível, que a força dessa alternância e a competição entre pronome pleno e *pro* decaia exponencialmente na seara da produção linguística em que o falante tem total controle sobre os itens linguísticos a serem utilizados na produção sentencial e discursiva. Nesses casos, o falante opta por prioritariamente usar *pro* para correferir com o antecedente sujeito. Só que esse comportamento em termos de produção não é incoerente com a conduta dos mesmos falantes no que diz respeito à compreensão em acatar que o pronome pleno divida juntamente com *pro* a correferência com o antecedente sujeito, apesar, evidentemente, de ainda ser prevalente a imprimida pelo nulo (confer TEIXEIRA, 2013, p. 120ss.).

Em face de tudo isso, é possível encarar, outrossim, estes resultados com o proposto por Chambers e Smyth (1998) que afirma serem as retomadas anafóricas facilitadas nos contextos de paralelismo de função sintática e de posição estrutural se se considerar que a mencionada hipótese de Carminati (2002) pode ser encarada como uma atualização, em outros termos, mais dirigida à mecânica dos pronomes plenos e nulos, do verbalizado por aquele autor (CHAMBERS & SMYTH, 1998), a partir da assunção de que a tendência de aposição de um NP objeto a um pronome pleno, de um lado, e de um NP sujeito a um *pro*, de outro, reverbera, nada mais nada menos, que uma espécie de paralelismo em que cada estrutura, seja pronome seja *pro*, concatenados com duas posições estruturais diversas, a de objeto e a de sujeito, simbolizam uma sistematização linguística em movimento de distribuição de ocorrência complementar e, portanto, paralela a qual acaba por reverberar uma modalidade de fenômeno tipicamente marcada como sendo de paralelismo.

Esse raciocínio, a prever uma analogia da sistemática dos dois processos, ganha ainda mais fôlego e força quando se é tomado a saber que, no recinto das manifestações linguísticas da correferência, existe o que se tem conhecimento como *estratégia da função paralela*,

estipulado por Grober, Beardsley e Caramazza (1978) e Sheldon (1974), a qual assegura que um pronome e seu antecedente, alternativamente o poscedente no caso das catáforas, são interpretados como correferentes quando assumem o mesmo papel gramatical, ou seja, funções gramaticalmente paralelas em relação à sua forma de distribuição sintática no escopo da sentença.

A mesma racionalização sucede quando se toma a conhecer o subterfúgio do *pareamento gramatical* (*gramatical matching*), arbitrado por Smyth (1994), quanto ao mesmo universo de dispersão fenomenal da correferência, o qual arbitra que o pronome enquanto forma remissiva procura correferir prediletamente com um antecedente que possua os mesmos traços gramaticais.

O questionamento, por sua vez, que possa surgir de que outras forças que não as estruturais são as que se responsabilizam por essas manifestas divergências típicas dos efeitos casados com o paralelismo devem ser desconsideradas tão logo venha a se saber que a interpretação dos pronomes é afetada por fatores estruturais mesmo quando as operosas forças semânticas são neutras; prova, portanto, de que o fator sintático atrelado diretamente à estrutura arquitetônica frasal tem efeitos claros no procedimento interpretativo pronominal, não sendo tal processo resultante de aleatoriedade ou pura coincidência (confronte GORDON & HENDRICK, 1998).

Tudo isso, no final das contas, converge, em essência, para a presunção de que o intercurso da correferência – tal qual fenômeno linguístico, cognitivo, biológico e, em síntese, natural – opera em estado de simetria e proporcionalidade, lembrando que todas as considerações desses autores, apesar de um pouco diferenciadas, fundamentalmente aludem a um só maquinismo, a uma única engrenagem e ao mesmo *status quo*, baseado no fenômeno do paralelismo em seu sentido amplo.

A partir desses esclarecimentos e do devido entendimento que lhes subjaz, o *parser* pode ter tido dificuldade em processar a sentença em *No-constraint Match*, na condição congruente, simplesmente porque não houve lealdade estabelecida quanto ao *paralelismo* que deveria ter havido entre os potenciais correferentes, posto que a tentativa de se instituir a correferência entre o NP₁ e o pronome pleno seria uma afronta ao ato instituído do paralelismo nesses moldes, pois é certo que essa correferência geraria um não paralelismo caso se considere que a obediência às prescrições de certa especialização pronominal em português brasileiro (PB), de modo geral, e à factível operância de uma Estratégia da Posição do Antecedente (PAS) em PB, mais especificamente, seja uma forma de manifestação de paralelismo na língua e junto aos seus processos de correferenciação.

A realidade dessa hipótese comprovada como existindo em italiano ganha ainda mais reverberação em português brasileiro (PB) a partir do trabalho de Corrêa (1998) que demonstra que, em posição de sujeito, pronome lexical (o mesmo que pleno) e *pro*, quando contrastados ambos com *PRO*, não diferem entre si em termos de não incitarem interpretações distintas nas situações de não coexistência de vínculo sintático entre esses elementos pronominais e seus respectivos antecedentes ao passo que passam a demonstrar diferenças nas sentenças em que o vínculo sintático acaba por surgir. Isso é uma prova de provável especialização no uso pronominal do PB que permite supor que essa maestria também já exista ou esteja em curso de implementação em grau e esfera do processamento, explicando mais uma vez por que razão tem havido uma demora na leitura do segmento representado por NP₁ na condição *No-constraint Match* em comparação à *No-constraint Mismatch* no experimento desta pesquisa. Justamente a surpresa de associação desse NP com um pronome lexical numa circunstância de se tentar travar uma correferência gera um pico no tempo de leitura que é reflexo de uso da modalidade pronominal inadequada, já que a apropriada seria o *pro* consoante o que prega a autora para a correferência anafórica (CORRÊA, 1998).

Diante dessas evidências sobre a distribuição pronominal em italiano e mais particularmente no próprio português brasileiro (PB), é oportuno que a realidade psicológica dessas especializações seja investigada processualmente no tocante ao processamento linguístico dessas categorias, em especial dentro dos contextos de correferência e mais especificamente da correferência catafórica. Estudos posteriores serão necessários para esclarecer as dúvidas ainda remanescentes quanto ao processamento da correferência catafórica especialmente alocada nessa referida conjuntura que define as leis de como os elementos pronominais são distribuídos no sistema da língua para que se entenda também como tais formas pronominais influenciam a distribuição das dependências catafóricas quando estão esparsas pelo sistema computacional da língua através de seus sistemas de processamento.

Tais iniciativas tornam-se especialmente ainda mais urgentes e motivadoras quando se toma consciência de que, em certas circunstâncias, existe um favorecimento do emprego de categorias vazias, ou *pro*s, na posição de sujeito, contrariando a tendência até então aqui exposta como predileção no italiano e no próprio PB, segundo o que aponta Novaes (1996), em seu estudo sociolinguístico, que adicionalmente expõe serem os cidadãos cultos uma classe de falantes do PB que preferem geralmente utilizar sujeitos preenchidos, ou seja, pronomes plenos na posição nominativa de sujeito quando a opção mais corriqueira, pelo que

se viu até aqui, é na de objeto¹¹⁵. Isso mostra que a especialização pronominal e, por consequência, o processamento da correferência de um modo geral e da correferência catafórica mais particularmente podem constituir importantes fatores a interferir na sistematização dos mecanismos que são empregados para estabelecer a correferenciação entre um pronome e um NP.

Há, excepcionalmente nesse nicho de falantes cultos, assim, uma prevalência do uso dos pronomes plenos, que são indistintamente usados tanto em função de sujeito quanto de objeto, e isso torna ainda mais intrigante o mecanismo que o processamento das correferências catafóricas pode tomar em decorrência dessas diferenças, as quais são potencializadas em Figueiredo Silva (1996), que traz à tona a confirmação, através de suas pesquisas, que atualmente o PB, em sua fase atual de desenvolvimento, corresponde a uma língua de *sujeito nulo parcial*, comportando ser um idioma de *parâmetro misto*, com características tanto de uma língua *pro-drop* quanto de uma *não pro-drop*, que se deve ao fato da introdução de novo elemento de tratamento e comportamento pronominal, o ‘a gente’, e à perda gradativa das marcas desinenciais de flexão no paradigma verbal. E além disso, Galves (1985, 2001) retrata que este enfraquecimento da flexão verbal em pessoa e número está correlacionado com o aumento da ocorrência de sujeitos realizados em português brasileiro (PB), implicando no fato de que os pronomes plenos tem sido mais usados em função e posição estrutural de sujeito em razão da debilitação que vem sofrendo o paradigma flexional do verbo dentro do atual estágio desenvolvimental vivenciado pela língua. Sendo assim, essa degradação tem gerado perda da diferenciação morfológica no PB no tangente à representação dos traços das pessoas do discurso e isso consequentemente pode e deve afetar o processamento de estruturas em correferência, incluindo as correferenciais

¹¹⁵ Consulte Novaes (1997) a fim de tomar ciência de como o sujeito nulo é representado mentalmente em português brasileiro (PB) e para compreender melhor a sua categorização seja como pronome seja como variável a depender da pessoa sintática considerada. Este estudo de linguística de corpus apresenta o sujeito nulo de 1ª pessoa como tendo uma natureza pronominal de modo a colocar o português brasileiro (PB) ao lado de línguas *pro-drop* como o italiano e o espanhol ao mesmo tempo em que coloca o sujeito nulo da 2ª e 3ª pessoas do discurso como possuindo a natureza de uma variável a ponto de pôr o PB junto a línguas como o chinês e o japonês. Se o sujeito nulo está suscetível até à mudança categorial entre uma pessoa do discurso e outra, há de se cogitar que o pronome pleno também possa ser consideravelmente sensível nas suas diferentes possibilidades de correferenciação quando da comparação entre as pessoas do discurso e inclusive no tocante à variação de possibilidades correferenciais que possam se apresentar exclusivamente a uma única pessoa discursiva, a exemplo da 3ª pessoa, tal como corrente no experimento desta pesquisa que focou unicamente esta pessoa discursiva, em função de mecanismos de especialização pronominal que nem a Estratégia da Posição do Antecedente. Portanto, a investigação de como cada uma das pessoas do discurso pode interferir no *modus operandi* da correferenciação de um modo geral e da correferência catafórica de maneira mais específica, sem dúvida alguma, constitui-se como terreno fértil e campo frutífero para pesquisas futuras e poderá ajudar a melhor entender a sistemática processual das relações correferenciais quer endofóricas em sentido lato quer catafóricas em sentido estrito.

catafóricas. Como os sujeitos que participaram desta experiência e que compuseram a pesquisa são estudantes universitários de graduação e pós-graduação os quais compõem um estrato da sociedade considerada intelectualizada ou culta, mais um motivo há, pois, para se conferir o crédito de que tais participantes, ou pelo menos considerável parcela deles, estabeleceram, de fato, a correferência e/ou procuraram e tentaram, com sucesso ou não em suas deliberadas tentativas, firmar tal correferenciação entre o pronome pleno catafórico ‘ele/ela’ e o NP₁ tido como potencial poscedente.

Essa realidade, por conseguinte, desafia mais ainda qualquer ousadia ou petulância em querer antecipar a natureza, as propriedades e reais mecanismos de funcionamento processual e cognitivo de um possível existente MPFDA operativo e, por consequência, de um Mecanismo de Busca Ativa dentro dos domínios da correferência catafórica em português brasileiro (PB) e até mesmo de sua existência e operância dentro do PB, o que justifica a premente necessidade de estudar essas nuances no bojo do processamento e na interface deste com as demais áreas investigativas da Linguística e de outras ciências.

Quanto à análise do primeiro e terceiro segmentos processados, correspondentes respectivamente ao primeiro excerto da adverbial identificado pelo pronome catafórico e pelo terceiro excerto da sentença caracterizado pelo 2º NP a introduzir a matriz componente da subordinada adverbial, a emersão, na mesma proporção, de um efeito principal significativo da restrição sintática do Princípio C na altura do pronome catafórico e também do 2º NP pode ser um indicativo de que os mecanismos preditivos empregados, independente da natureza que apresentem e sejam quais forem eles, na instauração da busca por um viável correferente para o pronome catafórico com o propósito de solver a relação correferencial posta, sejam capazes de prever qual a potencial estrutura sintática a ser sentencialmente estruturada perante o input do material linguístico a ser processado. Da mesma forma sugerem que tais mecanismos permanecem ativados e operantes ao longo de todo o processamento sentencial a ponto de serem habilitados a influírem permanentemente em cada etapa processual constituinte de toda a sentença. Ademais, também apontam para o fato de que a operacionalização do Princípio C é acionada nos instantes iniciais do processamento e que tamanha restrição permanece capaz quer de operar quer de intervir no processamento da correferência catafórica por toda a extensão sentencial e/ou clausal de maneira a atingir os limites finais da sentença e/ou cláusula, mantendo-se, pois, atuante até os estágios finais do processamento.

Assim, resta indiciado que tais mecanismos já possam antecipar quais dessas estruturas, de imediato, estejam ou possam vir a estar potencialmente sob a interferência ou

ação de determinada restrição sintática tal como o Princípio C a fim de preparar o *parser* para as possíveis possibilidades de processamento que a ele possam se apresentar desde então, dos instantes iniciais do processamento, os quais ocorrem junto ao pronome catafórico e até antes dele, exatamente na altura do predador da adverbial, ou seja, da conjunção causal ou concessiva, no respeitante às condições *Principle-C*; ou ainda tanto junto a estas conjunções causais e concessivas quanto também incrementacionalmente em meio às conjunções temporais, em se tratando da adverbial encaixada, que constitui as condições *No-constraint* de não intervenção de restrição sintática em que ambos os tipos de conjunções, causais/concessivas e temporais, estão presentes para o devido processamento do *parser* antes mesmo do aparecimento do primeiro segmento computado, que corresponde ao pronome catafórico. Esses indícios, em relação à restrição sintática do Princípio C, inclusive são abonados pelo efeito significativo diante da comparação de pares, as *pairwise comparisons*, que também se obteve para o primeiro e terceiro segmentos exatamente entre as mesmas duas condições para as quais se observou significância do efeito junto ao segmento crítico, a saber, entre os pares das condições *No-constraint Match* e *Principle-C Mismatch*.

Face ao exposto, primeiramente no que concerne à análise do primeiro segmento, no tocante às condições *No-constraint Match*, a aparição do predador, notadamente a conjunção ‘enquanto’ introdutória da adverbial temporal, imediatamente antes do pronome catafórico pode ter sinalizado ao *parser* pistas sobre a estrutura sintática a constituir o input da sentença encaixada ainda por ser processada de modo a fazer o processador prever mais acertadamente a ocorrência de uma posição sujeito no locus sintático ocupado pelo pronome catafórico, uma vez que a ocorrência de um predador tal como a conjunção ‘enquanto’, então mencionada, estipula a estruturação de uma subordinação entre sentenças e consequentemente da certa ocorrência da posição sintática de um sujeito a ser, em sequência, preenchida por um pronominal ou nominativo. Isso explica o porquê do pronome catafórico da condição *No-constraint Match* ter sido processado mais rapidamente do que o da condição *Principle-C Mismatch* que não é imediatamente predicado pela conjunção ‘enquanto’.

De toda forma, é interessante notar que o pronome é igualmente predicado nesta condição de *Principle-C Mismatch*, só que por um outro predador, especificamente pela conjunção causal (já que) ou concessiva (embora) introdutória da adverbial causal ou concessiva a preceder a matriz da sentença, apesar de ele não ser, de imediato, precedido pelo predador ‘enquanto’ a ponto de essa não adjacência não ter contribuído para uma previsão mais acertada e consequentemente para um processamento mais acelerado na mesma proporção do observado na condição *No-constraint Match*.

Isso, do modo que foi colocado, levanta a questão de que o *parser*, por meio destes predicadores, seria igualmente capaz de prever a existência da posição sujeito, a ser ocupada, por exemplo, pelo pronome catafórico, de acordo com um procedimento que, orientado na mesma medida do ocorrido com a previsão feita em cima da conjunção temporal ‘enquanto’ na outra condição de ausência da restrição sintática, não deveria processual e, portanto, temporalmente diferir do ocorrido na condição *No-constraint Match*. Era de se esperar então que os tempos de leitura fossem semelhantes, o que não foi, de modo algum, verificado. Talvez o fato de uma locução adverbial, a caracterizar um sintagma adverbial, ter sido inserida entre o predicador caracterizado pela conjunção causal ou concessiva e o pronome catafórico nas condições *Principle-C Mismatch* pode ter, de alguma maneira, interferido na previsão inicial perfeita pelo *parser* quando do processamento da estrutura na altura da referida conjunção de modo que a inserção dessa expressão adverbial, que não deixa de ser um material interveniente, tenha causado uma ruptura e, porquanto, uma afetação na previsão feita sobre a predicação naturalmente instituída entre a conjunção causal ou concessiva e o sujeito da subordinada adverbial causal ou concessiva, nesse caso marcado pelo pronome catafórico ‘ele/ela’.

Diante dessa conjuntura, é possível então que o *parser*, ao processar o predicador da conjunção causal ou concessiva, a priori, tenha previsto imediatamente a ulterior manifestação de um pronominal, no caso das catáforas, ou de um nominativo, em se tratando das anáforas, a preencher a natural posição de sujeito que preditivamente se esperaria ocorrer na sequência da sentença de modo natural. Assim, ao se deparar com o sintagma adverbial intercalado e não já com o pronome catafórico que seria o sujeito natural, é possível idealizar que o *parser* tenha sua prévia previsão rompida e a partir daí passe a operar sem tanta certeza preditiva, haja vista que o processador pode muito bem considerar que, se um sintagma adverbial foi encaixado de forma deslocada na sentença, outros sintagmas, sejam eles adverbiais ou não, poderão se adjungir à primeira expressão adverbial, tais como sintagmas preposicionais, antes mesmo que o sujeito seja apresentado como input a fim de ser processado.

Com esse quadro exposto, tal situação possivelmente explicaria o motivo de se verificar um tempo de leitura maior na altura do pronome catafórico nas condições *Principle-C Mismatch*, justamente porque se pode cogitar que o *parser*, após processar o sintagma adverbial, embora tenha previsão certa de que um sujeito terá de ocorrer ao longo da subordinada causal ou concessiva, não tenha mais, por outro lado, a tão acertada previsão que pudesse ter antes frente à configuração em que procedesse a ocorrência adjacente entre o predicador, categorizado pela conjunção causal e concessiva, e o sujeito, cá identificado pelo

pronome catafórico, de mais firmemente antever em que momento da estruturação linearizada da dita sentença o sujeito iria se apresentar, posto que a qualquer momento o item lexical a ocupar a posição de sujeito pode surgir ou não a depender de quais sintagmas intervenientes ainda restem de ser encaixados ou que se esperem ser inseridos entre a conjunção causal ou concessiva e o sujeito caracterizado pelo pronome catafórico.

Assim sendo, tão logo tenha processado o sintagma adverbial, o *parser*, ao defrontar-se com o pronome catafórico, de certa forma é surpreendido, pois não tem certeza de quando o sujeito emergirá, muito embora esteja certo de que ele, de fato, ocorrerá. Então naturalmente é concebível que a ruptura na previsão processual, causada pela inserção do sintagma adverbial precedente, seguida da recuperação desse rompimento quando da confrontação do *parser* com o pronome catafórico pode configurar o fator responsável pela elevação nos tempos de leitura do primeiro segmento correspondente ao pronome catafórico na condição *Principle-C Mismatch* quando comparada à condição *No-constraint Match*.

No entanto, é importante ressaltar que, embora essas sejam especulações feitas em cima dos resultados obtidos e das variáveis cuidadosamente manipuladas nesta pesquisa, elas recaem sobre outros fatores que não constituíram o escopo desta investigação e que não foram devidamente controlados tais como, por exemplo, a imediata adjunção entre o predador e o sujeito, em outras palavras, entre a conjunção predadora e o pronome catafórico subsequente, fato a demonstrar que a exploração das categorias linguísticas e dos processos envolvidos no estabelecimento das relações correferenciais catafóricas que sejam capazes de interferir quer seja branda ou seriamente, em maior ou menor grau, na aplicação das restrições sintáticas, a exemplo do Princípio C, e na atuação das informações morfológicas, tais como as referentes aos *traços-phi* (ϕ) de gênero, no decurso do processamento da correferência catafórica apresenta-se como um rico campo bastante profícuo e promissor a ser investigado. Nessa direção, pesquisas futuras poderão sondar se a quantidade de material linguístico interveniente entre o predador sentencial, isto é, a conjunção e o sujeito, bem como a distância estrutural entre ambos ou se a imediata adjunção da conjunção com o pronome a ocupar a posição de sujeito da adverbial causal ou concessiva, além do que da adverbial temporal encaixada interfere na ação do Princípio C e dos *traços-phi* (ϕ) de gênero; ou também poderão explorar se a quantidade de predadores encaixados dentro da subordinada adverbial causal ou concessiva, isto é, se a quantidade de subordinadas, sejam elas adverbiais ou adjetivas por exemplo, que sejam inseridas no interior da sentença, atrapalha a implementação do Princípio C e dos *traços-phi* (ϕ) de gênero de modo a dificultar ou facilitar o processamento da correferência catafórica; ou ainda se a natureza da conjunção, a que

classificação ela pertence, se substantiva, adjetiva ou adverbial e também, dentre estas, a título ilustrativo, se causal, concessiva, temporal, condicional, conformativa, além de outras, modifica a capacidade de se processar o estabelecimento da correferenciação catafórica.

Por sua vez, tendo em consideração a análise do terceiro segmento, na comparação entre as condições *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Match*, era esperado que os tempos de leitura do segundo NP da condição *Principle-C Mismatch*, que é congruente e potencialmente correferente com o pronome catafórico, fossem mais elevados que os do segundo NP da condição *No-constraint Match*, o qual é incongruente e não viável para a correferência com o pronome. Entretanto, os tempos de leitura foram menores na condição em que a correferência era possível, em *Principle-C Mismatch*, do que quando era inviável, em *No-constraint Match*, o que indica que o *parser* não estabeleceu a correferência entre o pronome catafórico e o 2º NP mesmo quando a correferência era permitida, haja vista a não procedência de tempos de leitura mais altos os quais consequentemente seriam reflexo dos maiores custos de processamento relativos à demanda computacional em firmar a correferência entre os dois itens lexicais, pronome e nominativo.

Assim, dado que o *parser* tem desconsiderado o 1º NP como potencial correferente para o pronome catafórico em face da ação do Princípio C associada à incongruência dos traços-*phi* (ϕ) de gênero entre ambos, que se refletiu nos tempos de leitura mais baixos os quais foram confirmados pela referência disjunta apontada pelos participantes no teste *off-line* da pergunta-sonda; mais uma evidência resta colocada de que o *parser* de considerável parcela dos sujeitos que participaram desta experiência buscou fechar a correferência exoforicamente pelo simples fato de o *parser* não ter estabelecido a correferência intrassentencialmente a partir da instauração de uma relação correferencial entre o pronome catafórico e o 2º NP. Isso retrata que o pronome catafórico muito provavelmente se verte em pronome exofórico e busca a correferência fora do domínio da sentença de maneira que o não estabelecimento da correferência catafórica e a não consequente necessidade de processar uma relação correferencial importa em menor custo processual e necessariamente em menor tempo de leitura dispendido para o excerto a compreender o 2º NP. Vê-se assim como a especialização pronominal, além de outros fatores tais como o paralelismo estrutural, o pareamento gramatical e a assinalação ao sujeito, verdadeiramente pode configurar mais um fator adicional a influir no estabelecimento e consequente processamento das relações correferenciais em línguas *pro-drop* ou parcialmente *pro-drop* em que se tem verificado que essa especialização, associada à existência de um repertório pronominal mais rico e vasto, tem

consequências claras e imediatas sobre a correferência, a exemplo do já observado para o espanhol, italiano, português europeu (PE) e também para o português brasileiro (PB).

Bom, possa ser que se argumente que os efeitos encontrados não se devam à operância do Princípio C e sim à habilitação de prever a ocorrência próxima ou imediata de um sujeito proporcionada pelo processamento do predicador sentencial da adverbial temporal encaixada, a conjunção ‘enquanto’, nas condições *Principle-C* (*Principle-C Match* e *Principle-C Mismatch*). Sendo assim, considerando-se o efeito significativo então observado entre as condições *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Match*, se esse fosse o caso e realmente o processamento do primeiro NP na condição *Principle-C Mismatch* tenha sido mais rápido em comparação à *No-constraint Match* em razão de haver a presença da conjunção ‘enquanto’ previamente aderente ao NP do que em decorrência da ação da restrição sintática do Princípio C, então seria de se esperar que tivesse emergido um efeito significativo entre esta condição do *Principle-C Mismatch* e a do *No-constraint Mismatch* também, o que não aconteceu.

Isso ponderado, se a condição *Principle-C Mismatch* se diferenciou da *No-constraint Match* ao demonstrar tempo de leitura menor e baixo custo processual porque a conjunção ‘enquanto’ permite ao *parser* prever a posição subsequente do NP sujeito ao passo que essa vantagem não é conferida ao processador na condição *No-constraint* em virtude da ausência do predicador, ou seja, da conjunção ‘enquanto’; ela deveria também naturalmente se diferenciar da condição *No-constraint Mismatch* a qual também não leva vantagem na previsão do NP sujeito por não possuir a presença da conjunção ‘enquanto’. Ora, se a diferença temporal foi significativa entre a condição *Principle-C* e a *No-constraint Match*, também deveria ser igualmente significativa a diferença apresentada entre as condições *Principle-C* e *No-constraint Mismatch* de maneira que, em suma, a condição *Principle-C Mismatch* teria de se distinguir de ambas as condições que envolvem *No-constraint* (*No-constraint Match* e *No-constraint Mismatch*) a partir da emersão de efeitos significativos entre estas relações.

Com efeito, embora visualmente os tempos de leitura da condição *No-constraint Mismatch* tenham sido mais elevados e, porquanto, mais custosos que os da *Principle-C Mismatch*, a não configuração de diferença estatisticamente relevante entre estas duas condições acarreta ponderar que, em termos computacionais, elas não diferem significativamente entre si e que o processamento delas ou opera um tanto similarmente ou que não há diferenças processuais gritantes entre elas. Isso impõe assumir que o processamento na condição *No-constraint*, e evidentemente da *No-constraint Match*,

necessariamente tem de ser significativamente mais demorado e custoso quando comparado ao da condição *Principle-C Mismatch*, o que acá se verificou não ocorrer, caso se queira sustentar que a presença da conjunção ‘enquanto’ é a responsável por desencadear certa vantagem computacional que venha a repercutir nos tempos de leituras menores e menos custosos das condições *Principle-C* em comparação, de modo mais geral, com as *No-constraint*.

Em face disso, se efeitos significativos não foram obtidos entre as condições *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Mismatch*, constata-se então que os tempos de leitura inferiores naquela condição verdadeiramente decorrem da ação da restrição sintática do Princípio C e não simplesmente da presença ou ausência estrategicamente posicionada da conjunção ‘enquanto’ a qual é propiciadora de maiores vantagens ao ser capaz de gerar habilitações preditivas adicionais e diferenciadas, dito assim porque é pertinente lembrar que os demais predicadores, as conjunções causais e concessivas, também proporcionam isso já no início do processamento de tais sentenças sob análise.

De igual maneira, o raciocínio inverso também é válido para alicerçar tal argumentação de que um efeito significativo deveria ter exsurgido entre as condições *No-constraint Match* e *Principle-C Match* para que se fosse possível alegar que os efeitos principais alcançados para a restrição sintática e que aqueles conseguidos para a comparação em pares entre as condições *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Match* decorreram de um outro fator extemporâneo ao fenômeno abordado ou extrínseco às variáveis e/ou fatores trabalhados de modo que tenham decorrido da possível intervenção de um mecanismo processual ocasionado pela adjacência da conjunção ‘enquanto’ responsável por engendrar uma ação preditiva que tenha vindo a resultar numa aceleração do processamento com uma consequente manifestação do efeito significativo.

Com isso, assim como verificado na condição *Principle-C Mismatch* que, na comparação com a *No-constraint Match*, apresentou efeito significativo na avaliação por pares, seria de se esperar que, na mesma comparação, efeito igualmente significante, deveria ter sido captado para a condição *Principle-C Match*; caso se pretenda justificar que o efeito é decorrente da interferência da ação preditiva engendrada por mecanismo desencadeado pela adjacência da conjunção ‘enquanto’. Isso porque se, na comparação efetivada entre as condições *Principle-C Match* e *No-constraint Match*, um efeito significativo não é gerado quando da implementação do Princípio C juntamente com os *traços-phi* (ϕ) de gênero em situação de concordância significa que, a restrição sintática e a informação morfológica,

apresentadas estas circunstâncias, têm sua atuação neutralizada ou, pelo menos, acentuadamente enfraquecida frente ao processamento da correferência catafórica.

Como procede acusação de efeito na comparação das condições *Principle-C Mismatch* e *No-constraint Match*, isso há de significar que não há neutralização na interveniência das ações dessas mesmas informações tanto referentes à restrição sintática quanto à informação morfológica dos *traços-phi* (ϕ) de gênero desde que as circunstâncias colocadas impliquem na conformação de uma discordância genérica. Logo, deduz-se que a conjuntura responsabilizada por conferir poder e capacidade interventora da restrição sintática identificada pelo Princípio C junto com a informação morfológica caracterizada pelos *traços-phi* (ϕ) de gênero é justamente a da instituição de uma concordância ou discordância genérica, de maneira que, quando ocorre congruência, a capacidade interventiva da restrição e dos *traços-phi* (ϕ) de gênero, dados em conjunto, é nula à medida que ela é atuante quando decorre a incongruência.

E também, se a ação da restrição do Princípio C e dos *traços-phi* (ϕ) de gênero, sob o contexto da congruência morfológica, em razão de estar anulada, neutralizada ou enfraquecida, não detêm poder para interferir e influir no processamento correferencial catafórico, tem-se as condições ideais para que o mecanismo preditivo relacionado à posição privilegiada da conjunção ‘enquanto’, tida por adjacente ao primeiro NP, se manifeste plenamente a ponto de a sua atuação poder se refletir na emersão de um efeito significativo que demonstre serem os tempos de leitura mais acelerados decorrentes da capacidade preditiva acionada pela conjunção ‘enquanto’ no instante de seu processamento e não da interveniência da restrição em associação com a informação morfológica, haja vista que a neutralidade da atuação interventora destas não mais estaria encobrindo a ação interventiva daquela junto ao processamento.

De feito, se mesmo diante da neutralização ou do baixo impacto da intervenção do Princípio C em conjunto com os *traços-phi* (ϕ) de gênero cuja fraca interferência se faz sentir na ausência de efeito significativo no processamento, a predição tal como mecanismo engendrado pela conjunção ‘enquanto’ não é capaz de gerar também efeito significativo mesmo não tendo seu raio de atuação tolhido, encobrido ou obscurecido pela ação da restrição conjuntamente com a informação morfológica; é certamente improvável que o efeito significativo alcançado na condição *Principle-C Mismatch* quando comparada à *No-constraint Match* decorra da atuação do mecanismo de previsão vinculado às engrenagens empregadas pela capacidade preditiva do predicator temporal identificado pela conjunção ‘enquanto’ e não em decorrência da influência direta exercida pela restrição sintática do

Princípio C em conjunto com a informação morfológica dos *traços-phi* (ϕ) de gênero implementadas durante o processamento.

De um modo final, em virtude de toda essa complexidade posta, avaliando-se os resultados do conjunto da obra desencadeada por esta perquisição, não é possível ratificar, com absoluta certeza e segurança, quais desses fenômenos são, de fato, operosos na resolução da correferência catafórica, quer o Princípio C licencie ou não a correferenciação. O que se pode afirmar, por ora, é que a existência do Mecanismo de Busca Ativa não parece ser operante em português brasileiro, não sendo psicologicamente existente e operativo no estabelecimento das dependências correferenciais catafóricas em PB com base na análise dos dados levantados e dos resultados até então obtidos. Por sua vez, os dados sugerem que o processamento da correferência catafórica é menos orientado por estratégias *top-down* como o MPFDA, e sim por mecanismos resolutivos de natureza mais *bottom-up* que ainda não restam totalmente elucidados. Por assim dizer, pesquisas futuras deverão ser conduzidas para responder mais cirúrgica e seguramente a essas dúvidas e questões ainda um tanto nebulosas em torno do PB e em derredor das diversas línguas do mundo já estudadas e antes aqui discutidas e cujo processamento correferencial catafórico seja conduzido por uma sistemática menos *top-down* como ocorre no inglês e mais *bottom-up* como cá evidenciado para o português brasileiro (PB).

Ao final, resguardado por essa diversidade de propriedades constitutivas dos padrões identitários da dependência correferencial catafórica em sua corpórea conformação estática e em seu dinâmico processo implementacional junto ao processamento linguístico, e mesmo estando ciente de que restem considerações um tanto opacas e não esclarecidas quanto ao aparato de alguns e certos mecanismos subjacentes à correferenciação catafórica, eu defendo o seguinte algoritmo para o processamento das dependências correferenciais catafóricas em PB com base nos dados então obtidos: o *parser* ao identificar a locução conjuntiva ou conjunção causal e/ou concessiva, abridora da sentença e da adverbial, desde já dá partida na *previsão* e então começa a construir o arquétipo de todo o período e o esboço de sua estrutura sintática primitiva, de acordo com o *tree parsing* (*parsing* de árvore), assim como o esqueleto da disposição estrutural dos sintagmas constitutivos do complexo sentencial e mais precisamente dos prováveis pronomes e nominais potencialmente correferenciáveis. Em seguida, ao deparar-se com a forma remissiva, que é o pronome catafórico, o *parser prevê as posições sintáticas* em que possivelmente seu *poscedente* poderá ocorrer juntamente com a *especulação* das suas propriedades morfossintáticas e *aciona o estado de controle ativo* o qual impulsiona a *varredura prospectiva* em cuja missão reside rastrear o poscedente. Todavia,

como a presciência só comporta, seguramente, a posição estrutural do nominal a funcionar como possível correferente e não prevê, ao certo, posto que apenas especula, as propriedades morfológicas do nominativo a assumir esse lugar de poscedente na frase, a *relação correferencial em si não é ainda plenamente firmada*, tão somente prevista e apontada, o que é garantia da ativação do estado de controle e da impulsão da *varredura prospectiva* em busca de um correferente para a catáfora, mas não ainda da correferenciação em si. Daí, à medida que varre toda a sentença a essa procura, logo que chega à primeira posição frasal aceitável, a do NP₁ – por já ter sido antecipada na altura da catáfora e até do conector adverbial – e que identifica o NP₁ candidato a correferente e, assim, a poscedente, o *parser* inspeciona as suas características morfológicas concernentes aos *traços-phi* (ϕ) de gênero (e a outros *traços-phi* (ϕ) possivelmente) para que, caso não case com a do pronome predecessor, exclua-o imediatamente do quadro de candidatos com o objetivo de prosseguir com o rastreamento de um outro possível poscedente que seja o verdadeiro correferente da catáfora pronominal ao longo da sentença com base em um processo *bottom-up*; ou então, se as informações morfológicas referentes aos *traços-phi* (ϕ) de gênero casarem (e também a de outros tipos de *traços-phi* (ϕ) provavelmente), a fim de que ratifique a previsão anterior – quanto à capacidade de tal nominativo de ser poscedente, correferente e engendrador de uma relação referencial – de modo que, a partir daí, rotule esse nominal como viável poscedente, classificando-o como correferente, com vistas a só aí estabelecer e firmar definitivamente a relação correferencial, implementando a referida correferência catafórica pronominal. Ressalte-se que em um caso ou outro, de casamento ou não, esse metiê gera um elevado custo de processamento, refletido, pois bem, nos elevados tempos de leitura, em termos absolutos, nas condições *No-constraint Match* de inoperância do Princípio C e em que a morfologia, por não ser incongruente, não poderia descartar a possibilidade do NP de ser um plausível correferente e potencial poscedente na situação colocada. Por fim, durante esse processo, o *parser* desconsidera as posições sintático-estruturais bloqueadas pelo Princípio C conforme constatado nos tempos de leitura mais elevados da condição *No-constraint Match* em comparação com a *Principle-C Mismatch*, embora a atuação do princípio possa sofrer interferência da informação morfológica inerente aos *traços-phi* (ϕ) de gênero que modelam a ação dessa restrição sintática, possibilitando que o processador seja tentado a considerar temporariamente um NP ilícito como potencial poscedente da forma remissiva, mas que seja congruente com o pronome catafórico em sua informação morfológica de gênero segundo conferido pela ausência de diferença significativa entre os tempos de leitura das condições *No-constraint Match* e *Principle-C Match*.

Explicado o algoritmo, postulo que *o mecanismo não pode ser considerado ativo em português brasileiro (PB)*, nem menos ativo e potencialmente prospectivo nos moldes de Van Gompel e Liversedge (2003) muito menos mais ativo e altamente presumível segundo o modelo de Kazanina (2005) e Kazanina et. al. (2007) no sentido de que, pelo que sugerem os resultados inerentes aos dados desta cata, o *parser*, embora pareça antecipar, em português brasileiro (PB), as posições estruturais possíveis de ocorrência de um NP que seja potencialmente poscedente do pronome, não aparenta estabelecer a formação da relação correferencial na altura do NP₁ por meio de processo *top-down* e antes que os dados morfológicos de gênero sejam processados por via *bottom-up* conforme constatado em Van Gompel e Liversedge (2003) e nem sequer parece firmar a correferenciação bem antes do nominativo cogitado como poscedente, isto é, junto ao pronome catafórico por intermédio de procedimento altamente *top-down* consoante o preconizado por Kazanina (2005), Kazanina et. al. (2007), Kazanina e Phillips (2010) e Aoshima, Yoshida e Phillips (2009) em que o mecanismo desencadeado pelo *parser* é *totalmente ativo* por demonstrar – em língua inglesa, russa e japonesa – que o sistema computacional e de parseamento dessas línguas é *altamente prospectivo e prognosticável*, já que a formalização da relação de correferência catafórica não é adiada para depois de terem os traços mórficos sido processados, mas, do contrário, essa imputação procede antes da avaliação, checagem e computação das informações morfológicas e até mesmo do processamento, a partir de procedimento *bottom-up*, do input linguístico do sintagma nominal tido como potencial poscedente e de todas as suas informações linguísticas, inclusive as sintático-estruturais já previstas pouco antes na altura do pronome catafórico de modo *top-down*. Como no PB, de acordo com os dados sugeridos por este experimento, a correferência não é gerada já na altura do pronome catafórico, antes da identificação do NP poscedente e do respectivo processamento dos dados morfológicos, não se pode afirmar que existe o Mecanismo de Busca Ativa e que *a busca é detentora de uma ativação forte e muitíssimo previsível de caráter top-down*. De igual maneira, conforme apontado pelos resultados desta experiência, não sendo a correferenciação catafórica estabelecida antes que as informações morfológicas de gênero possam intervir no processamento, mas sim provavelmente depois de os *traços-phi* (ϕ) de gênero relativos à informação morfológica serem contabilizados para então haver a formação da relação correferencial, nem sequer é possível também declarar que o mecanismo, ainda que existisse, fosse detentor de uma busca seja baseada em uma ativação fraca e pouco previsível de natureza mais *bottom-up*.

Enfim, o que pode ser defendido pelo delineado é que o mecanismo empregado para solucionar a correferenciação catafórica em PB unicamente pode ser restrito ao *estado de controle* que tem de ser mantido por razões operacionais, para desconsiderar a inspeção dos locais sintáticos e estruturais inviabilizados e destituídos de *potencial de correferência* pela *constraint do Princípio C*, e conjecturável até certo ponto, sendo *a capacidade de antecipação mais limitada* e, portanto, *pouquíssimo ou pelo menos bem menos prognóstica*, uma vez que se fia em processos de cunho mais eminentemente *bottom-up*.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa de mestrado deteve como núcleo a **catáfora**, tendo mirado no estudo do processamento da correferenciação que se é estabelecida por essa face da endófora. Ensejou-se estudar, portanto, a natureza e as propriedades intrínsecas à computação on-line, isto é, em tempo real da *correferência catafórica pronominal pessoal em português brasileiro (PB)*, ou seja, tendo como foco aquele processo de referenciação engendrado por *formas pronominais plenas* e mais especificamente por *pronomes pessoais de terceira pessoa do singular*, quais sejam, *‘ele’* e *‘ela’*.

Orientado por esse objetivo primordial, no Capítulo 1, referente à Introdução, o objeto de estudo referente ao processamento correferencial catafórico e a tudo que corresponde à catáfora foi apresentado e devidamente explanado em termos teórico-metodológicos, seguindo-se à exposição dos objetivos gerais e específicos do trabalho, assim como às hipóteses idealizadas em cima do problema, o qual também fora devidamente levantado, para que finalmente se prosseguisse com a exposição da organização desta dissertação magistral.

Sequencialmente, no Capítulo 2, relativo à fundamentação teórica, os conceitos de referência, referenciação, catáfora, correferência catafórica e suas classificações foram propalados juntamente com a explicação das diferenças entre correferência exofórica e endofórica e entre exófora e endófora. Ainda mais, a definição de endófora como união de duas faces, a catáfora e a anáfora enquanto fenômenos linguísticos correferenciais, foi esclarecida. Do mesmo jeito, logo após, a diferenciação entre o que é anáfora e catáfora foi tratada, bem como entre as correferências anafórica e catafórica. Daí, a conceituação de c-comando e do fenômeno da ligação foi fornecida com a dedicada definição do Princípio C.

Em seguida, já no Capítulo 3, concernente à revisão bibliográfica dos estudos desenvolvidos a respeito da correferência catafórica, foram pontuados os trabalhos quer internacionais quer nacionais realizados acerca das dependências de longa distância a compreender as *wh-filler-gap-dependencies* e as *dependências correferenciais catafóricas*. Nessa seção foram relatadas as perquirições anteriormente promovidas sobre o tema em tela em línguas tais como o inglês, o russo, o japonês, o holandês, o alemão, o chinês, o italiano, o português europeu (PE) e também o português brasileiro (PB).

Por finalização, no Capítulo 4, o experimento foi retratado no que concerne à metodologia que se foi empregada, além do que em relação ao método escolhido e à técnica metodológica utilizada para a realização da experiência e, por conseguinte, da própria inquirição a qual se embasou no paradigma da leitura automonitorada (*self-paced reading*).

Assim, depois de detalhadas as minúcias impetradas para a promoção da pesquisa e real viabilização do experimento, os dados e os resultados inerentes à análise realizada foram expostos, bem como a respectiva discussão. A partir deles, pôde-se, pois, chegar às descobertas vinculadas a esta investigação no tocante ao português brasileiro (PB).

Em sendo assim, quanto ao 1º objetivo específico concebido, o experimento confirmou as hipóteses levantadas ao constatar que a correferência catafórica em PB é operada segundo restrições sintáticas e estruturais as quais a proíbem de ocorrer em posições sentenciais que estejam submetidas ao Princípio C, sendo o processamento da correferenciação catafórica, porquanto, sensível a *constraints*.

No que se refere ao 2º objetivo traçado, pude verificar que tanto a restrição sintática concernente ao Princípio C quanto à informação morfológica inerente aos traços-phi (ϕ) de gênero interferem diretamente sobre o processamento da correferência catafórica pronominal e que a informação morfológica, pelo que revelam os dados, não é utilizada depois que a relação correferencial já tem sido estabelecida. Pelo contrário, os resultados sugerem que as propriedades morfológicas de cunho genérico são utilizadas antes de a correferenciação ser instaurada.

Já em relação ao 3º objetivo elencado, evidenciei não haver no português brasileiro (PB) a constituição de um *Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa (MPFDA)* caracterizador de um *Mecanismo de Busca Ativa*, uma *active search (busca ativa ou ASM)*, a qual agiria através de uma *varredura prospectiva* instaurada entre a visualização e computação do pronome catafórico e do poscedente. Portanto, os resultados da experiência permitem afirmar que a abordagem de uma *filler-driven view* de Janet Fodor (1978) não é suportada para o PB de modo que o processamento da correferência catafórica parece ser dirigido a partir do modelo da *gap-driven view* (cf. FODOR, Janet, 1978; KAZANINA et. al., 2007, p. 386) que estaria mais associado a uma, digamos, busca passiva.

No tocante ao 4º objetivo proposto, os resultados do experimento desta perquirição não suportam o estabelecimento da correferência catafórica cujo processamento seja conduzido por um mecanismo altamente *top-down* como o Mecanismo de Busca Ativa a partir de um processo de natureza fortemente previsível e ativo semelhante ao corrente com o processamento das dependências-qu ou do tipo *filler-gap*. Destarte, não foram encontradas evidências que suportem ser a instauração e computação da correferenciação catafórica efetuada pelo *parser* tão logo este visualize e processe o pronome catafórico que corresponde ao primeiro elemento da dependência correferencial. Do contrário, pude evidenciar, com base nos dados colhidos através da execução deste experimento, que o estabelecimento e

processamento da correferência catafórica parece ser efetivado apenas quando o *parser* visualiza o sintagma nominal tomado como potencial poscedente e que corresponde ao segundo elemento da dependência por meio de um processo estreitamente *bottom-up*, provavelmente marcado, pelo que tudo indica, por uma atividade relativamente antecipatória, mas não de caráter altamente prognóstico, e sim de cunho fracamente preditivo, alicerçado em um estado de controle e operado por uma varredura prospectiva de perfil não ativo.

Por sua vez, em se tratando do 5º objetivo expresso, o fato de a resultância desta experiência não ter confirmado a operacionalização do Mecanismo de Busca Ativa em português brasileiro (PB), permitem-me concluir que o processamento da correferência catafórica não se assemelha ao das *filler-gap dependencies*, pelo menos em PB pelo que se pôde observar, de maneira que o processamento correferencial catafórico não aparenta compartilhar das mesmas engrenagens e processos computacionais que o das dependências-qu de natureza *filler-gap*, uma vez que este é notoriamente ativo e altamente *top-down* enquanto aquele, como cá verificado nesta inquirição, demonstra ser não ativo e dependente de uma postura processual de ordem mais *bottom-up*.

Enfim, por intermédio desta pesquisa, eu forneci contraprovas, a partir de estudo conduzido em português brasileiro (PB), de que a correferência catafórica pronominal e as dependências correferenciais catafóricas não são estabelecidas através de um mecanismo antecipatório de busca ativa que seja baseado em varredura prospectiva. Por outro lado, também pude fornecer evidência adicional de que o processamento da correferência catafórica, apesar de não operar a partir de um MPFDA e/ou de um Mecanismo de Busca Ativa, opera por meio de outros processos tais como o relativo à *gap-driven view* os quais são acurados gramaticalmente em razão de estarem submetidos a restrições sintáticas e especificamente ao Princípio C, não permitindo que a correferenciação catafórica ocorra em posições sintático-estruturais que sejam limitadas pelo Princípio C e bloqueadas por *constraints de ordem sintática*.

Assim, pela primeira vez em PB, evidencia-se que o processamento da correferência catafórica como estando sujeita à ação de restritores sintáticos como o Princípio C estende-se também para as sentenças extremamente complexas, caracterizadas por *períodos compostos por subordinação* que contenham *três cláusulas* em sua formação sentencial e estrutural e que sejam conectadas a partir de conectores que estabelecem um vínculo *causal* ou *concessivo*, e não apenas temporal. Sobre mais, esta perscrutação contribui com evidências de ocorrência desses processos e particularmente da intervenção de restritores, como o Princípio C, em *adverbiais causais e concessivas* – iniciadas pelas *conjunções causais* ‘já que’, ‘uma vez que’

e *‘visto que’* e pelas *concessivas ‘embora’, ‘ainda que’ e ‘mesmo que’* – engendradas por *pronomes catafóricos pessoais de terceira pessoa (‘ele’ e ‘ela’)*, afora o que propicia contributo relativo à *primeira confirmação de não existência e/ou operância do MPFDA e/ou do Mecanismo de Busca Ativa não apenas em PB, mas em uma língua natural.*

Lembre-mos ainda que Maia, Garcia e Oliveira (2012) provaram haver a interferência do princípio chomskiano arrolado acima em anáforas conceituais e pronomes pessoais só que interpostos em sentenças mais simples, compostas por duas cláusulas, e de caráter diferenciado, por se tratarem de adverbiais temporais introduzidas pelo conector *‘quando’*. Já Lessa (2014), de igual maneira, fez constatações de atuação contundente do Princípio C em direção oposta ao convencional, dado que ela encontrou que em PB a presença do Princípio C, em vez de facilitar o processamento da tentativa de estabelecimento da correferência, dificulta-o, sendo o processamento mais facilitado quando a correferência é admissível e o Princípio não atuante como interventor. Para mais, as suas descobertas quanto à produção de dependências de correferência catafórica procederam em outro tipo de construção também mais simples, integrada por duas cláusulas e conformadas em torno de subordinadas substantivas começadas pela conjunção integrante *‘que’*. Ainda por cima, nem Lessa (2014) nem Maia, Garcia e Oliveira (2012) estudaram de modo focado e exclusivo a correferência catafórica, haja vista que a estudaram contrapostas comparativamente às anáforas, pesquisando a correferência com enfoque maior na de caráter anafórico. E ainda mais, não investigaram se o MPFDA e/ou o Mecanismo de Busca Ativa é operado e viabilizado durante o processamento das correferências catafóricas tal como o fiz nesta perquisição.

Ademais, face a todo o exposto, deflui-se que ainda não está claro no português brasileiro (PB) a formulação segura de que o processamento da correferência catafórica é impresso segundo especialização da distribuição pronominal do PB de acordo com o colocado por Carminati (2002) para o italiano e constatado *off-line* por Serratrice (2007) e Fedele e Kaiser (2014); apesar de haver pistas mais evidentes de que a computação não é altamente preditiva a ponto de as relações correferenciais serem estabelecidas antes de o poscedente ser identificado e de suas informações morfosintáticas serem computadas em processo *bottom-up*, na altura do pronome catafórico e até mesmo antes dele através das pistas estruturais geradas pela identificação de conectores ou conjunções introdutoras de sentenças subordinadas conforme pleiteado por Kazanina (2005), Kazanina et. al. (2007), Kazanina e Phillips (2010), Yoshida et. al. (2014) e Aoshima, Yoshida e Phillips (2009) segundo uma visão mais ativa ou de acordo com o oportunamente elencado por

Van Gompel e Liversedge (2003) a partir de uma ótica menos ativa referente ao modelo de processamento.

De todo modo, mesmo que se tenha evidenciado que o processamento correferencial catafórico não seja fortemente previsível e ativo de tal forma que a dependência correferencial catafórica só seja firmada no exato momento de percepção e computação do poscedente e após serem seus predicados morfológicos devidamente processados consoante o bradado por Cowart e Cairns (1987), os resultados até então obtidos indicam tendências, devendo ser apreciados com cautela e ser replicados em pesquisas posteriores. Afora isso, resta ainda saber, ao certo, se as informações mórficas são antecipadas já na identificação do pronome catafórico, a forma remissiva, juntamente com as previsões sintático-estruturais para só depois, no momento de visualização do antecedente, a relação correferencial ser gestada; ou se a informação morfológica, de fato, não é prevista e, portanto, é computada por meio de processo *bottom-up* decorrente da visualização do sintagma nominal tido como potencial poscedente e devidamente avaliada para que a relação correferencial catafórica seja instaurada. Como as propriedades e a mecânica precisa desse mecanismo não pôde ser fornecida pelo resultado dos dados oriundos deste estudo, são necessárias maiores e mais minuciosas investigações, além de que a promoção de adicionais pesquisas futuras para confirmar essas tendências e para melhor elucidar as questões ainda em aberto.

Por derradeiro, amparado pelo aglomerado teórico harmoniosamente entrançado e empiricamente respaldado por dados coesos e coerentes entre si os quais advieram das mais diversas pesquisas que aqui foram em minúcias discutidas, eu reivindico, também sustentado pelos resultados desta perscrutação magistral, que o processamento da correferência catafórica pronominal pessoal das formas pronominais plenas em português brasileiro (PB) é acurado gramaticalmente, do mesmo modo que não é integrado por um MPFDA ou Mecanismo de Busca Ativa, sendo tal processamento caracterizado por uma busca que, apesar de preditiva e baseada em um estado de controle, não é ativa, além de que é submissa a *constraints*, quer dizer, a restrições gramaticais de ordem sintática e estrutural, particularmente ao Princípio C, *exempli gratia*, formulado basilarmente nos termos chomskianos (CHOMSKY, 1981) e mais avançada e refinadamente segundo a proposta de Lasnik (1991), a qual detalha ainda mais as propriedades constitutivas desse princípio.

Conclui-se, dessarte, que a formação da correferência catafórica entre *pronome-nome*, em português brasileiro (PB), processualmente e, por conseguinte, em tempo real é restrita a posições sintático-estruturais que não sejam, de modo algum, *excluídas, bloqueadas e/ou invalidadas pelo Princípio C* durante o decurso do *mecanismo antecipatório de busca ativa* o

qual é implementado computacionalmente, isto é, em meio ao processamento frasal ou sentencial de acordo com uma conduta operativa que, ao que tudo indica, não é nenhum pouco *ativa*, embora a influência do Princípio C sobre a inviabilização de posições e correferentes estruturalmente ilícitos seja modelada pela informação morfológica caracterizada a partir dos traços-phi (ϕ) de gênero durante o decurso do processamento.

REFERÊNCIAS

AARONSON, Doris; SCARBOROUGH, Hollis Shapiro. Performance theories for sentence coding: some quantitative evidence. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, Washington, D.C., v. 2, n. 1, p. 56-70, 1976.

ADGER, David; SVENONIUS, Peter. Features in minimalist syntax. In: BOECKX, Cedric (Ed.). **The Oxford handbook of linguistic minimalism**. New York: Oxford University Press, 2011. p. 27-51. (Oxford Handbooks in Linguistics).

Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/000825>>. Acesso em: 27 out. 2015.

Ano e paginação da versão on-line = 2010. p. 1-53.

AKMAJIAN, Adrian; JACKENDOFF, Ray. Coreferentiality and stress. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 1, n. 1, p. 124-126, 1970.

ALMOR, Amit. Noun-phrase anaphora and focus: the informational load hypothesis.

Psychological Review, Washington, D.C., v. 106, n. 4, p. 748-765, 1999.

DOI: 10.1037/0033-295X.106.4.748.

ALONSO-OVALLE, Luis et al. Null vs. overt pronouns and the topic-focus articulation in spanish. **Italian Journal of Linguistics**, Pisa, v. 14, n. 2, p. 151-169, 2002.

ALTMANN, Gerry T. M. The language machine: psycholinguistics in review.

British Journal of Psychology, Malden, MA, v. 92, p. 129-170, 2001.

DOI: 10.1348/000712601162130.

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

AMARAL, Luiz; ROEPER Tom. Multiple grammars and second language representation.

Second Language Research, London, v. 30, n. 1, special issue, p. 3-36, 2014.

DOI: 10.1177/0267658313519017.

ANDERSON, Anne H.; GARROD, Simon C.; SANFORD, Anthony J. The accessibility of pronominal antecedents as a function of episode shifts in narrative text. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, Hove, East Sussex, v. 35, n. 3, p. 427-440, 1983.

Section A – Human Experimental Psychology. DOI: 10.1080/14640748308402480.

AOSHIMA, Sachiko. **The grammar and parsing of wh-dependencies**. 2003. 292 f.

Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics,

Graduate School, College of Arts & Humanities, University of Maryland, College Park, 2003.

_____; PHILLIPS, Colin; WEINBERG, Amy. Processing filler-gap dependencies in a head-final language. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 51, n. 1, p. 23-54, 2004.

_____; YOSHIDA, Masaya; PHILLIPS, Colin. Incremental processing of coreference and binding in japanese. **Syntax: A Journal of Theoretical Experimental and Interdisciplinary Research**, Hoboken, NJ, v. 12, n. 2, p. 93-134, 2009.

ARIEL, Mira. The function of accessibility in a theory of grammar. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v. 16, n. 5, p. 443-463, 1991. DOI: 10.1016/0378-2166(91)90136-L.

ARNOLD, Jennifer E. et al. The rapid use of gender information: evidence of the time course of pronoun resolution from eyetracking. **Cognition**, Amsterdam, v. 76, n. 1, p. B13-B26, 2000. DOI: 10.1016/S0010-0277(00)00073-1.

_____. The effect of thematic roles on pronoun use and frequency of reference continuation. **Discourse Processes**, Philadelphia, PA, v. 31, n. 2, p. 137-162, 2001. DOI: 10.1207/S15326950DP3102_02.

AU, Terry Kit-fong. A verb is worth a thousand words: the causes and consequences of interpersonal events implicit in language. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 25, n. 1, p. 104-122, 1986. DOI: 10.1016/0749-596X(86)90024-0.

BADECKER, William; STRAUB, Kathleen. The processing role of structural constraints on the interpretation of pronouns and anaphors. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 28, n. 4, p. 748-769, 2002. DOI: 10.1037//0278-7393.28.4.748.

BALIEIRO-Jr., Ari Pedro. Psicolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 171-202.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Null subjects in european and brazilian portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.

BARSS, Andrew; LASNIK, Howard. A note on anaphora and double objects. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 17, n. 2, p. 347-354, 1986.

BARTSCH, Renate; VENNEMANN, Theo (Ed.). **Linguistics and neighboring disciplines**. Amsterdam: North-Holland Publishing, 1975. 264 p. (Serie North-Holland Linguistic Series, v. 14).

BELLETTI, Adriana; BENNATI, Elisa; SORACE, Antonella. Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: evidence from near-native italian. **Natural Language & Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 25, n. 4, p. 657-689, 2007.

BERLINCK, Rosane de Andrade; AUGUSTO, Marina Rosa Ana; SCHER, Ana Paula. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 221-259.

BERWICK, Robert C.; WEINBERG, Amy S. **The grammatical basis of linguistic performance: language use and acquisition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1986. 325 p. (Serie Current studies in linguistics, v. 11).

BEVER, Thomas G.; GARRETT, Merrill F.; HURTIG, Richard R. The interaction of perceptual processes and ambiguous sentences. **Memory & Cognition**, Austin, v. 1, n. 3, p. 277-286, 1973. DOI: 10.3758/BF03198109.

_____; TOWNSEND, David J. Perceptual mechanisms and formal properties of main and subordinate clauses. In: COOPER, William E.; WALKER, Edward C. T. (Ed.). **Sentence processing**: psycholinguistic studies presented to Merrill Garrett. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1979. p. 159-226.

BISMARCK LOPES, Ícaro de Carvalho. Traços e concordância de gênero em português. **Inventário**, Salvador, n. 19, p. 1-14, 2016.

BOBALJIK, Jonathan David. Where's Φ ? Agreement as a post-syntactic operation. In: HARBOUR, Daniel; ADGER, David; BÉJAR, Susana (Ed.). **Phi theory**: phi-features across modules and interfaces. New York: Oxford University Press, 2008. p. 295-328. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics, v. 16).

BOLINGER, Dwight Le Merton. **Aspects of language**. 2nd ed. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975. 682 p.

BOOKSTEIN, Abraham. Graphical methods for data analysis – CHAMBERS, JM. **Information Processing & Management**, Kidlington, OX, v. 21, n. 5, p. 465, 1985.

BORGES NETO, José. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. v. 3. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 93-129.

BOUMA, Gerlof; HOPP, Holger. Effects of word order and grammatical function on pronoun resolution in German. In: European Summer School in Logic, Language and Information (ESSLLI 2006), 18., 2006, Málaga. **Anais...** Málaga: Universidad de Málaga, 2006. p. 5-12. Paper. Disponível em: <<http://cswww.essex.ac.uk/Research/nle/anaphora/aa06proc.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

BOURDAGES, Johanne S. Parsing complex NPs in french. In: GOODLUCK, Helen; ROCHEMONT, Michael (Ed.). **Island constraints**: theory, acquisition and processing. Dordrecht: Kluwer, 1992. p. 61-87. (Serie Studies in Theoretical Psycholinguistics, v. 15).

BROADBENT, Donald E. **In defence of empirical psychology**. London: Methuen, 1973. 222 p., il.

BÜHLER, Karl. **Theory of language**: the representational function of language. Traduzido por Donald Fraser Goodwin em colaboração com Achim Eschbach para o inglês do original em alemão *Sprachtheorie*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. 518 p.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**: referente à língua portuguesa. 3.ed. rev. e aum. São Paulo: Lozon, 1968. 383 p.

_____. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 262 p.

_____. **História da lingüística**. 7. ed. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 2011. 195 p.

CANCEIRO, Nádía Alexandra Santos. **Coordenação, subordinação adverbial e relações referenciais entre sujeitos**. 2016. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística Geral e Românica, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

_____. Sujeitos omitidos em frases coordenadas canônicas finitas e subordinadas adverbiais integradas e não integradas. In: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 29., 2013, Coimbra. **Atas...** Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2014. p. 145-159. Artigo. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/29-textos%20selecionados/16_CANCEIRO.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

CARAMAZZA, Alfonso et al. Comprehension of anaphoric pronouns. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 16, n. 5, p. 601-609, 1977. DOI: 10.1016/S0022-5371(77)80022-4.

_____; GUPTA, Shalini. The roles of topicalization, parallel function and verb semantics in the interpretation of pronouns. **Linguistics**, Hawthorne, NY, v. 17, n. 5-6, p. 497-518, 1979. DOI: 10.1515/ling.1979.17.5-6.497.

CARMINATI, Maria Nella. Processing reflexes of the feature hierarchy (person> number> gender) and implications for linguistic theory. **Lingua**, Amsterdam, v. 115, n. 3, p. 259-285, 2005.

_____. **The processing of italian subject pronouns**. 2002. 426 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics, Graduate School, College of Humanities & Fine Arts, University of Massachusetts, Amherst, MA, 2002.

CARNIE, Andrew. **Syntax**. Oxford: Blackwell, 2001. 225 p.

CARREIRAS, Manuel; GERNSBACHER, Morton Ann; VILLA, Victor. The advantage of first mention in spanish. **Psychonomic Bulletin & Review**, New York, v. 2, n. 1, p. 124-129, 1995. DOI: 10.3758/BF03214418.

CARRETER, Fernando Lazaro. **Diccionario de terminos filologicos**. Madrid: Gredos, 1953. 368 p.

CARROLL, David W. **Psychology of language**. 4th ed. Belmont, CA: Wadsworth, 2004. 482 p.

CARROLL, John B. Language and psychology. In: HILL, Archibald A. (Ed.). **Linguistics**. Washington, D.C.: The Voice of America, 1969. p. 185-195.

_____. **Language and thought**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1964. 118 p., il. (Foundations of Modern Psychology Series, 9).

_____, John B. **Psicologia da linguagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 174 p.

CARVALHO, Dannel da Silva. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. 2008. 154 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

_____. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 47, p. 30-46, 2013.

_____. Traços. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares; (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 113-131.

_____. Geometria de traços e a sintaxe de pronomes no português brasileiro. In: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 25., 2010, Lisboa. **Atas...** Porto: Associação Portuguesa de Linguística, 2010. p. 243-258. Disponível em: <<https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/18-Dannel-Carvalho.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Fundamentos teóricos da gramática do português culto falado no Brasil: sobre o segundo volume, classes de palavras e as construções gramaticais. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 99-135, 2007.

_____. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010. 768 p., il.

CASTRO, Joselaine Sebem de. A pesquisa em psicolinguística. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; PEREIRA, Vera Wannmacher (Org.). **Pesquisa em Letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 119-136.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. O demonstrativo e seus usos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 157-181, 2002.

CHAFE, Wallace L. Language and consciousness. **Language**, Washington, D.C., v. 50, n. 1, p. 111-133, 1974. DOI: 10.2307/412014.

CHAMBERS, Craig G.; SMYTH, Ron. Structural parallelism and discourse coherence: a test of centering theory. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 39, n. 4, p. 593-608, 1998. DOI: 10.1006/jmla.1998.2575.

CHAMBERS, John M. **Graphical methods for data analysis**. New York: Champman & Hall, 1983. 395 p.

CHANG, Frederick R. Active memory processes in visual sentence comprehension: clause effects and pronominal reference. **Memory & Cognition**, Austin, v. 8, n. 1, p. 58-64, 1980.

CHEN, Evan; GIBSON, Edward; WOLF, Florian. Online syntactic storage costs in sentence comprehension. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 52, n. 1, p. 144-169, 2005.

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Tradução de Luiz Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. 683 p., il.

CHOMSKY, Noam. Approaching UG from below. In: SAUERLAND, Uli; GÄRTNER, Hans-Martin (Ed.). **Interfaces + recursion = language?** Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics. v. 89. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007a. p. 1-30.

_____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965. 251 p., il.

_____. **Barriers**. Cambridge, MA: MIT Press, 1986a. 102 p.
(Linguistic Inquiry Monographs, 13).

_____. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, Adriana (Ed.). **Structures and beyond: the cartography of syntactic structures**. v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 104-131.

_____. Conditions on transformations. In: ANDERSON, Stephen R.; KIPARSKY, Paul. (Ed.). **A festschrift for Morris Halle**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973. p. 232-286.

_____. **Derivation by phase**. Cambridge, MA: MIT Press, 1999. 40 p.

_____. **Dialogues avec Mitsou Ronat**. Traduit de L'américain et présenté par Mitsou Ronat. Collection dirigée par Roger-Pol Droit et Antoine Gallien. Paris: Flammarion, 1977a. 216 p.

_____. Explanatory models in linguistics. **Studies in Logic and The Foundations of Mathematics**, Stanford, v. 44, p. 528-550, 1966a.

_____. **Knowledge of language: its nature, origin, and use**. Westport, CT: Praeger, 1986b. 307 p.

_____. Language and other cognitive systems. What is special about language? **Language Learning and Development**, Abingdon, Oxon, v. 7, n. 4, p. 263-278, 2011.

_____. **Lectures on government and binding**. 2nd ed. Dordrecht: Foris, 1981. 371 p.

_____. **Linguagem e pensamento**. Tradução de Francisco M. Guimarães. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977b. 130 p. (Coleção Perspectivas Linguísticas, v. 3).

_____. **Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista**. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1972. 126 p.
(Coleção Perspectivas Linguísticas, v. 4).

_____. **Logical structure of linguistic theory** – LSLT (1955). New York: Springer, 1975. 592 p. (Classic Titles in Linguistics, VI).

_____. Logical syntax and semantics: their linguistic relevance. **Language**, Washington, D.C., v. 31, n. 1, p. 36-45, 1955.

_____. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, Roger; MICHAEL, David; URIAGEREKA, Juan. (Ed.). **Step by step: essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. p. 89-155.

_____. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.** Tradução de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: Unesp, 2005. 364 p.

_____. Novos horizontes no estudo da linguagem. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, vol. 13, n. esp., p. 51-74, 1997.

_____. Of minds and language. **Biolinguistics**, Nicosia, v. 1, n. 1. p. 9-27, 2007b.

_____. On binding. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 11, n. 1, p. 1-46, 1980a.

_____. On phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos P.; ZUBIZARRETA, Maria Luisa (Ed.). **Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud.** v. 45. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p. 133-166.

_____. Problems of projection. **Lingua**, Amsterdam, v. 130, special issue, p. 33-49, 2013. DOI: 10.1016/j.lingua.2012.12.003.

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, Roderick; ROSEMBAUM, Peter (Org.). **Readings in english transformational grammar.** Waltham: Ginn, 1970. p. 184-221.

_____. Rules and representations. **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge, UK, v. 3, n. 1, p. 1-15, 1980b.

_____. **Syntactic structures** (1957). 2nd ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2002. 117 p., il. color.

_____. **The minimalist program.** Cambridge, MA: MIT Press, 1995. 420 p.

_____. **Conditions on transformations.** Bloomington: Indiana University Linguistics Club – IULC, 1971. 80 p.

_____. **Rules and representations.** New York: Columbia University Press, 1980c. 299 p.

_____. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding.** Cambridge, MA: MIT Press, 1982. 121 p.

_____. **Topics in the theory of generative grammar.** The Hague: Mouton, 1966b. 95 p.

CLACKSON, Kalil; CLAHSSEN, Harald. Online processing of cataphoric pronouns by children and adults: evidence from eye-movements during listening. In: Boston University Conference on Language Development (BUCLD 35), 35., 2010, Boston. **Anais...** Somerville, MA: Cascadilla Press, 2011. p. 119-131, v. 1. Paper.

CLARK, Herbert H.; HAVILAND, Susan E. Comprehension and the given-new contract. In: FREEDLE, Roy O. (Ed.). **Discourse production and comprehension.** Norwood, NJ: Ablex, 1977. p. 1-40. (Discourse Processes: Advances in Research and Theory Series, v. 1).

_____; SENGUL, C. J. In search of referents for nouns and pronouns. **Memory & Cognition**, Austin, v. 7, n. 1, p. 35-41, 1979. DOI: 10.3758/BF03196932.

CLIFTON JUNIOR, Charles; FERREIRA, Fernanda. Discourse structure and anaphora: some experimental results. In: COLTHEART, Max (Ed.). **Attention and performance XII: the psychology of reading**. Hove, UK: Lawrence Erlbaum Associates, 1987. p. 635-654.

_____; FRAZIER, Lyn. Comprehending sentences with long-distance dependencies. In: CARLSON, Greg N.; TANENHAUS, Michael K. (Ed.). **Linguistic structure in language processing**. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 273-317. (Serie Studies in Theoretical Psycholinguistics, v. 7).

_____; _____. The use of syntactic information in filling gaps. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 15, n. 3, p. 209-224, 1986.

COELHO, Marta; LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne (Org.). **Novas perspectivas linguísticas: Chomsky, Jakobson, Lenneberg, Halle, Bach, Postal, Saumjan**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971. 150 p. (Coleção Perspectivas Linguísticas, v. 1).

COLONNA, Saveria; SCHIMKE, Sarah; HEMFORTH, Barbara. Information structure effects on anaphora resolution in german and french: a crosslinguistic study of pronoun resolution. **Linguistics**, Berlin, v. 50, n. 5, p. 991-1013, 2012. DOI: 10.1515/ling-2012-0031.

CORREIA, Letícia Maria Sicuro. O papel da função paralela em estratégias de processamento. In: Encontro Nacional da ANPOLL, 4., 1989, São Paulo. **Anais...** Recife: ANPOLL, 1989. Mimeo.

_____. Acessibilidade e paralelismo na interpretação do pronome sujeito e o contraste pro/pronome em português. **DELTA: Documentação e Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 295-329, 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200002>.

COSTA, Armanda; FARIA, Isabel; MATOS, Gabriela. Ambiguidade referencial na identificação do sujeito em estruturas coordenadas. In: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 13., 1997, Lisboa. **Atas...** Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1998. p. 173-188. v.1. Artigo. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/actas-13-encontro-apl-1997_vol1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

_____; MATOS, Gabriela. Processamento da correferência e sujeitos anafóricos – dados sobre o português europeu e brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 196-220, 2012.

COWART, Wayne; CAIRNS, Helen S. Evidence for an anaphoric mechanism within syntactic processing: some reference relations defy semantic and pragmatic constraints. **Memory & Cognition**, New York, v. 15, n. 4, p. 318-331, 1987.

COZIEN, Reinier et al. The time course of the use of implicit causality information in the processing of pronouns: a visual world paradigm study. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 64, n. 4, p. 381-403, 2011. DOI: 10.1016/j.jml.2011.01.001.

CRAIN, Stephen; FODOR, Janet Dean. How can grammars help parsers? In: DOWTY, David R.; KARTTUNEN, Laurie; ZICKY, Arnold M. (Ed.). **Natural language parsing:**

psychological, computational, and theoretical perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 94-128. cap. 3.

CRAWLEY, Rosalind A.; STEVENSON, Rosemary J.; KLEINMAN, David. The use of heuristic strategies in the interpretation of pronouns. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York: NY, v. 19, n. 4, p. 245-264, 1990. DOI: 10.1007/BF01077259.

CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. 6th ed. Malden, MA: Blackwell, 2008. 555 p.

_____. **The Cambridge encyclopedia of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 472 p., il.

CUNHA LIMA, Maria Luiza. Semântica e psicolinguística experimental. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (Org.). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013. p. 121-134.

DE VILLIERS, Jill; ROEPER, Tom (Ed.). **Handbook of generative approaches to language acquisition**. London: Springer, 2011. 413 p. (Studies in Theoretical Psycholinguistics, 41).

DEESE, James Earle. **Psicolinguística**. Tradução de Ruth Wallace de Garcia Paula. Petrópolis: Vozes, 1976. 146 p., il. (Perspectivas Lingüísticas, v. 13).

DEN DIKKEN, Marcel. Phi-feature inflection and agreement: an introduction. **Natural Language & Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 29, n. 4, p. 857-874, 2011. DOI: 10.1007/s11049-011-9156-y.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. 161 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. (Org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica (homenagem a Fernando Tarallo). Campinas: Ed. UNICAMP, 1993. p. 107-128.

_____. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in brazilian portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Ed.). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Vervuert, 2000. p. 17-36.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998. 656 p.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. Tradução de Alice Kyoko Miyashiro et al. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 339 p.

_____; _____. **Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1972. 470 p., il. (Collection Points, v. 110).

EHRlich, Kate. Comprehension of pronouns. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, London, v. 32, n. 2, p. 247-255, 1980. DOI: 10.1080/14640748008401161.

_____. Eye movements in pronoun assignment: a study of sentence integration. In: RAYNER, Keith (Ed.). **Eye movements in reading: perceptual and language processes**. New York: Academic Press, 1983. 552 p. (Perspectives in Neurolinguistics, Neuropsychology, and Psycholinguistics: A Series of Monographs and Treatises Series).

_____; RAYNER, Keith. Pronoun assignment and semantic integration during reading: eye movements and immediacy of processing. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 22, n. 1, p. 75-87, 1983. DOI: 10.1016/S0022-5371(83)80007-3.

EVANS, Gareth. Pronouns. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 11, n. 2, p. 337-362, 1980.

FEDELE, Emily; KAISER, Elsi. Looking back and looking forward: anaphora and cataphora in Italian. In: Annual Penn Linguistics Conference, 37., 2013, Philadelphia. **Anais...** Philadelphia: Penn Working Papers in Linguistics – PWPL, 2014. p. 79-90, v. 20, n. 1, article 10. Paper.

FELSER, Claudia; DRUMMER, Janna. Cataphoric pronoun resolution in native and non-native sentence comprehension. In: Annual Meeting of XPrag.de, 2016, Tübingen. **Resumos...** Tübingen: Eberhard Karls Universität Tübingen, 2016. Comunicação. Disponível em: <http://www.xprag.de/wp-content/uploads/2016/04/XPrag2016_L2PronRes_cataphors.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2016.

FERNANDES, Maria José da Silva. **A referência catafórica: uma proposta de categorização e análise**. 2010. 212 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

FERNÁNDEZ, Eva M.; CAIRNS, Helen Smith. **Fundamentals of psycholinguistics**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011. 332 p.

FERRARI-NETO, José. Ciências da linguagem e filosofia: uma análise das relações entre linguística, psicolinguística e neurociências sob a ótica da filosofia da mente. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 93-101, 2012.

_____. Introdução: as bases e os objetivos da gramática gerativa. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 11-28.

_____. O minimalismo: conceitos-chave. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 29-40.

_____; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. 306 p.

FERREIRA, Fernanda; CLIFTON JUNIOR, Charles. The independence of syntactic processing. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 25, n. 3, p. 348-368, 1986. DOI: 10.1016/0749-596X(86)90006-9.

FERRETTI, Todd R. et al. Verb aspect, event structure, and coreferential processing. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 61, n. 2, p. 191-205, 2009. DOI: 10.1016/j.jml.2009.04.001.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **A posição sujeito no português brasileiro**: frases finitas e infinitivas. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996. 202 p.

FILIACI, Francesca. **Anaphoric preferences of null and overt subjects in italian and spanish: a cross-linguistic comparison**. 2010. 346 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics and English Language, School of Philosophy, Psychology and Language Sciences, University of Edinburgh, Edinburgh, 2010a.

_____. Anaphoric reference of null and overt subject pronouns in italian and spanish. In: *Going Romance*, 23., 2009, Nice. **Resumos...** Nice, 2009. Comunicação. Disponível em: <<http://www.lel.ed.ac.uk/~pgc/archive/2009/abstracts/filiaci.pdf>>.

_____. Null and overt subject biases in spanish and italian: a cross-linguistic comparison. In: *Hispanic Linguistics Symposium (HLS 12)*, 12., 2008, Quebec. **Anais...** Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2010b. p. 171-182.

_____. Restrictions on the interpretation of null and overt subjects in italian and spanish and the morphological ambiguity hypothesis. In: GROSZ, Patrick; PATEL-GROSZ, Pritty (Ed.). **The impact of pronominal form on interpretation**. Berlim: Walter De Gruyter Mouton, 2016. p. 319-346.

_____; SORACE, Antonella; CARREIRAS, Manuel. Anaphoric biases of null and overt subjects in italian and spanish: a cross-linguistic comparison. **Language, Cognition and Neuroscience**, Abingdon, Oxon, v. 29, n. 7, p. 825-843, 2014. Versão on-line publicada em 2013. DOI: 10.1080/01690965.2013.801502.

FILIK, Ruth; SANFORD, Anthony J. When is cataphoric reference recognised? **Cognition**, Amsterdam, v. 107, n. 3, p. 1112-1121, 2008. DOI: 10.1016/j.cognition.2007.11.001.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I**: objetos teóricos. v. 1. São Paulo: Contexto, 2002. 226 p.

_____. (Org.). **Introdução à linguística II**: princípios de análise. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003. 264 p.

_____. **Linguística?** Que é isso. São Paulo: Contexto, 2013. 208 p.

FLETCHER, Charles R. Markedness and topic continuity in discourse processing. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 23, n. 4, p. 487-493, 1984. DOI: 10.1016/S0022-5371(84)90309-8.

FODOR, Janet Dean. Parsing strategies and constraints on transformations. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 9, n. 3, p. 427-473, 1978.

FODOR, Jerry A. **The modularity of mind**: an essay on faculty psychology. Cambridge, MA: MIT Press, 1983. 145 p.

_____; BEVER, Thomas G.; GARRETT, Merrill F. **The psychology of language**: an introduction to psycholinguistics and generative grammar. New York: McGraw-Hill, 1974. 537 p. (McGraw-Hill Series in Psychology).

FONSECA, Maria Cristina Micelli; GUERREIRO, Erlândio. Resolução de correferência pronominal no português do Brasil. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 117-133, 2012.

FORSTER, Kenneth I.; OLBREI, Ilmar. Semantic heuristics and syntactic analysis. **Cognition**, Amsterdam, v. 2, n. 3, p. 319-347, 1973. DOI: 10.1016/0010-0277(72)90038-8.

_____; RYDER, Leonie A. Perceiving the structure and meaning of sentences. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 10, n. 3, p. 285-296, 1971. DOI: 10.1016/S0022-5371(71)80056-7.

FOSS, Donald J.; HAKES, David T. **Psycholinguistics**: an introduction to the psychology of language. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1978. 434 p.

FOX, Barbara A. Local patterns and general principles in cognitive processes: anaphora in written and conversational english. **Text & Talk: An Interdisciplinary Journal of Language, Discourse & Communication Studies**, Berlin, v. 6, n. 1, p. 25-52, 1986. DOI: 10.1515/text.1.1986.6.1.25.

FRAZIER, Lyn; CLIFTON JUNIOR, Charles. Successive cyclicity in the grammar and the parser. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 4, n. 2, p. 93-126, 1989. DOI: 10.1080/01690968908406359.

_____; _____; RANDALL, Janet. Filling gaps: decision principles and structure in sentence comprehension. **Cognition**, Amsterdam, v. 13, n. 2, p. 187-222, 1983. DOI: 10.1016/0010-0277(83)90022-7.

_____; FLORES D'ARCAIS, Giovanni B. Filler driven parsing: a study of gap filling in dutch. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 28, n. 3, p. 331-344, 1989. DOI: 10.1016/0749-596X(89)90037-5.

_____; RAYNER, Keith. Making and correcting errors during sentence comprehension: eye movements in the analysis of structurally ambiguous sentences. **Cognitive Psychology**, San Diego, CA, v. 14, n. 2, p. 178-210, 1982. DOI: 10.1016/0010-0285(82)90008-1.

FREDERIKSEN, John R. **Understanding anaphora**: rules used by readers in assigning pronominal referents. Center for the Study of Reading, University of Illinois at Urbana-Champaign, Champaign, IL; The National Institute of Education, U.S. Department of Health, Education and Welfare, Washington, D.C.; Bolt Beranek and Newman Inc., Cambridge, MA, 1982. 36 f. Technical Report (Relatório Técnico).

_____. Personnel and Training Research Programs, Office of Naval Research, Arlington, VA; Bolt Beranek and Newman Inc., Cambridge, MA, 1981. 78 f. Technical Report (Relatório Técnico).

GALVES, Charlotte. A sintaxe do português brasileiro. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, Belo Horizonte, n. 13, p. 33-52, 1985.

_____. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001. p. 43-59.

GÁMEZ, Elena; DÍAS, José M. (Org.). **Investigaciones en psicología básica ULL: psicolingüística, razonamiento y emoción**. San Cristóbal de La Laguna: Ed. da Universidad de La Laguna; San Cristóbal de La Laguna: CABRERA Y GALDÓS, 2006. 205 p.

GARNHAM, Alan et al. The locus of implicit causality effects in comprehension. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 35, n. 4, p. 517-543, 1996. DOI: 10.1006/jmla.1996.0028.

_____; OAKHILL, Jane; CAIN, Kate. Selective retention of information about the superficial form of text: ellipses with antecedents in main and subordinate clauses. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, Hove, East Sussex, v. 51, n. 1, p. 19-39, 1998. DOI: 10.1080/713755747.

_____; _____. CRUTTENDEN, Hannah. The role of implicit causality and gender cue in the interpretation of pronouns. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 7, n. 3-4, p. 231-255, 1992. DOI: 10.1080/01690969208409386.

GARNSEY, Susan M.; TANENHAUS, Michael K.; CHAPMAN, Robert M. Evoked potentials and the study of sentence comprehension. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 18, n. 1, p. 51-60, 1989. DOI: 10.1007/BF01069046.

GARROD, Simon C. et al. Elaborative inferencing as an active or passive process. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 16, n. 2, p. 250-257, 1990. DOI: 10.1037//0278-7393.16.2.250.

_____; TERRAS, Melody. The contribution of lexical and situational knowledge to resolving discourse roles: bonding and resolution. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 42, n. 4, p. 526-544, 2000. DOI: 10.1006/jmla.1999.2694.

GARVEY, Catherine; CARAMAZZA, Alfonso. Implicit causality in verbs. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v. 5, n. 3, p. 459-464, 1974.

_____; _____. YATES, Jack. Factors influencing assignment of pronoun antecedents. **Cognition**, Amsterdam, v. 3, n. 3, p. 227-243, 1975. DOI: 10.1016/0010-0277(74)90010-9.

GERNSBACHER, Morton Ann. Cognitive Processes and mechanisms in language comprehension: the structure building framework. In: BOWER, Gordon H. (Ed.). **The psychology of learning and motivation**. New York: Academic Press, 1991a. p. 217-263. (Advances in Research and Theory, v. 27).

_____. **Language comprehension as structure building**. Department of Psychology, University of Oregon, Eugene, OR, 1991b. 15 f. Technical Report (Relatório Técnico).

_____. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1990. 285 p.

_____. Mechanisms that improve referential access. **Cognition**, Amsterdam, v. 32, n. 2, p. 99-156, 1989. DOI: 10.1016/0010-0277(89)90001-2.

_____. Surface information loss in comprehension. **Cognitive Psychology**, San Diego, CA, v. 17, n. 3, p. 324-363, 1985. DOI: 10.1016/0010-0285(85)90012-X.

_____; HARGREAVES, David J. Accessing sentence participants: the advantage of first mention. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 27, n. 6, p. 699-717, 1988. DOI: 10.1016/0749-596X(88)90016-2.

_____; _____. The privilege of primacy: experimental data and cognitive explanations. In: PAYNE, Doris L. (Ed.). **Pragmatics of word order flexibility**. Philadelphia, PA: John Benjamins, 1992. p. 83-116. (Typological Studies in Language, 22).

_____; _____. BEEMAN, Mark. Building and accessing clausal representations: the advantage of first mention versus the advantage of clause recency. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 28, n. 6, p. 735-755, 1989. DOI: 10.1016/0749-596X(89)90006-5.

_____; JESCHENIAK, Jörg D. Cataphoric devices in spoken discourse. **Cognitive Psychology**, San Diego, CA, v. 29, n. 1, p. 24-58, 1995. DOI: 10.1006/cogp.1995.1011.

_____; SHROYER, Suzanne. The cataphoric use of the indefinite this in spoken narratives. **Memory & Cognition**, Austin, v. 17, n. 5, p. 536-540, 1989. DOI: 10.3758/BF03197076.

GIBSON, Edward. Linguistic complexity: locality of syntactic dependencies. **Cognition**, Amsterdam, v. 68, n. 1, p. 1-76, 1998. DOI: 10.1016/S0010-0277(98)00034-1.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008a. 176 p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008b. 220 p.

GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: an introduction. In: _____ (Ed.). **Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study**. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 1-42. (Typological Studies in Language, 3).

GORDON, Peter C. et al. Processing of reference and the structure of language: an analysis of complex noun phrases. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 14, n. 4, p. 353-379, 1999. DOI: 10.1080/016909699386266.

_____; CHAN, Davina. Pronouns, passives, and discourse coherence. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 34, n. 2, p. 216-231, 1995. DOI: 10.1006/jmla.1995.1010.

_____; GROSZ, Barbara J.; GILLIOM, Laura A. Pronouns, names, and the centering of attention in discourse. **Cognitive Science**, Norwood, NJ, v. 17, n. 3, p. 311-347, 1993. DOI: 10.1207/s15516709cog1703_1.

_____; HENDRICK, Randall. Intuitive knowledge of linguistic co-reference. **Cognition**, Amsterdam, v. 62, n. 3, p. 325-370, 1997. DOI: 10.1016/S0010-0277(96)00788-3.

_____; _____. The representation and processing of coreference in discourse. **Cognitive Science**, Hoboken, NJ, v. 22, n. 4, p. 389-424, 1998. DOI: 10.1016/S0364-0213(99)80045-7.

_____; SCEARCE, Kimberly A. Pronominalization and discourse coherence, discourse structure and pronoun interpretation. **Memory & Cognition**, Austin, v. 23, n. 3, p. 313-323, 1995. DOI: 10.3758/BF03197233.

GREENE, Judith. **Psicolinguística: Chomsky e a psicologia**. [S.I.]: Trillas, 1979. 191 p.

GREENE, Steven B.; McKOON, Gail; RATCLIFF, Roger. Pronoun resolution and discourse models. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 18, n. 2, p. 266-283, 1992. DOI: 10.1037/0278-7393.18.2.266.

GROBER, Ellen H.; BEARDSLEY, William; CARAMAZZA, Alfonso. Parallel function strategy in pronoun assignment. **Cognition**, Amsterdam, v. 6, n. 2, p. 117-133, 1978. DOI: 10.1016/0010-0277(78)90018-5.

GROSZ, Barbara J.; JOSHI, Aravind K.; WEINSTEIN, Scott. Centering: a framework for modelling the local coherence of discourse. Cambridge, MA, **Computational Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 203-225, 1995.

_____; _____. Providing a unified account of definite noun phrases in discourse. In: Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics, 21., 1983, Cambridge, MA. **Anais...** Morristown, NJ: Association for Computational Linguistics, 1983. p. 44-50. Artigo.

Disponível em: <https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/2580252/grosz_providingunified.pdf?sequence=2>. Acesso em: 08 out. 2015.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in english**. London: Longman, 1976. 374 p.

HAMMER, Anke et al. Interplay of meaning, syntax and working memory during pronoun resolution investigated by ERPs. **Brain Research**, Amsterdam, v. 1230, p. 177-191, 2008. DOI: 10.1016/j.brainres.2008.07.004.

HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. **Language**, Washington, D.C., v. 78, n. 3, p. 482-526, 2002. DOI: 10.1353/lan.2002.0158.

HARLEY, Trevor A. **The psychology of language: from data to theory**. 3rd ed. Hove, East Sussex: Psychology Press, 2008. 624 p., il.

_____. _____. 4th ed. London: Psychology Press, 2014. 625 p., il. color.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? **Science**, Washington, D.C., v. 298, n. 5598, p. 1569-1579, 2002. DOI: 10.1126/science.298.5598.1569.

HAVILAND, Susan E.; CLARK, Herbert H. What's new? Acquiring new information as a process in comprehension. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 13, n. 5, p. 512-521, 1974. DOI: 10.1016/S0022-5371(74)80003-4.

HEINE, Angela et al. Does the frequency of the antecedent noun affect the resolution of pronominal anaphors? An ERP study. **Neuroscience Letters**, Shannon, CE, v. 400, n. 1-2, p. 7-12, 2006. DOI: 10.1016/j.neulet.2006.02.006.

HERMONT, Arabie Bezri; XAVIER, Gláucia do Carmo (Org.). **Gerativa: (inter)faces de uma teoria**. Florianópolis: Beconn Produção de Conteúdo, 2014. 250 p.

HILL, Archibald A. (Ed.). **Linguistics**. Washington, D.C.: The Voice of America, 1969. 333 p.

HIRST, William; BRILL, Gary A. Contextual aspects of pronoun assignment. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 19, n. 2, p. 168-175, 1980. DOI: 10.1016/S0022-5371(80)90152-8.

HOBBS, Jerry R. Coherence and coreference. **Cognitive Science: A Multidisciplinary Journal**, Kidlington, v. 3, n. 1, p. 67-90, 1979. DOI: 10.1207/s15516709cog0301_4.

_____. **Pronoun resolution**. Department of Computer Sciences, City College, City University of New York, New York: NY, 1976. 60 f. Technical Report (Relatório Técnico).

HOIJER, Harry. The origin of language. In: HILL, Archibald A. (Ed.). **Linguistics**. Washington, D.C.: The Voice of America, 1969. p. 57-65.

HORA, Katharine de Freitas Pereira Neto Aragão da. **O processamento da correferência pronominal anafórica em estruturas complexas do português brasileiro**. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HÖRMANN, Hans. **Introduction à la psycholinguistique**. Traduit par Françoise Dubois-Charlier. Paris: Librairie Larousse, 1972. 315 p. (Langue et Langage).

HUANG, C. T. James. Move wh in a language without wh movement. **The Linguistic Review**, Berlin, v. 1, n. 4, p. 369-416, 1982. DOI: 10.1515/tlir.1982.1.4.369.

HULL, Clark Leonard. **Principles of behavior: an introduction to behavior theory**. New York: D. Appleton-Century, 1943. 422 p.

INDURKHYA, Nitin; DAMERAU, Fred J. (Ed.). **Handbook of natural language processing**. 2nd ed. Boca Raton: Chapman & Hall/CRC Press, 2010. 676 p. (Machine Learning & Pattern Recognition Series).

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic interpretation in generative grammar**. Cambridge: MIT Press, c1972, 1975. 400 p., il. (Studies in Linguistics Series, v. 2).

JÄRVIKIVI, Juhani et al. Ambiguous pronoun resolution: contrasting the first-mention and subject preference accounts. **Psychological Science**, Malden, MA, v. 16, n. 4, p. 260-264, 2005. DOI: 10.1111/j.0956-7976.2005.01525.x.

JESCHENIAK, Jörg D. The cataphoric use of spoken stress in narratives. **Psychological Research**, New York, v. 63, n. 1, p. 14-21, 2000. DOI: 10.1007/PL00008164.

JESPERSEN, Otto. **Nature, évolution et origenes du langage**. Traduit de L'anglais par L. Dahan et A. Hamm. Préface d'André Martinet. Paris: Payot, 1976. 440 p.

_____. **The philosophy of grammar**. London: George Allen & Unwin, 19--?. 859 p., il.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1976. 353 p. (Coleção Linguagem, v. 2).

JURAFSKY, Daniel; MARTIN, James H. **Speech and language processing: an introduction to natural language processing, computational linguistics and speech recognition**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 2000. 975 p.

JUST, Marcel Adam; CARPENTER, Patricia A.; WOOLLEY, Jacqueline D. Paradigms and processes in reading comprehension. **Journal of Experimental Psychology: General**, Washington, D.C., v. 111, n. 2, p. 228-238, 1982.

KAAN, Edith et al. The P600 as an index of syntactic integration difficulty. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 15, n. 2, p. 159-201, 2000.

KANTOR, Jacob Robert. **An objective psychology or grammar**. Bloomington: Indiana University Publications, 1936. 344 p.

KATO, Mary Aizawa. **Strong and weak pronominals in the null subject parameter**. *Probus*, Berlin, v. 11, n. 1, p. 1-38, 1999. DOI: 10.1515/prbs.1999.11.1.1.

_____. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in brazilian portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Ed.). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Vervuert, 2000. p. 223-258.

KAZANINA, Nina et al. The effect of syntactic constraints on the processing of backwards anaphora. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 56, n. 3, p. 384-409, 2007. DOI: 10.1016/j.jml.2006.09.003.

_____. **The acquisition and processing of backwards anaphora**. 2005. 257 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics, Graduate School, College of Arts & Humanities, University of Maryland, College Park, 2005.

_____; PHILLIPS, Colin. Differential effects of constraints in the processing of russian cataphora. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, Hove, East Sussex, v. 63, n. 2, p. 371-400, 2010. DOI: 10.1080/17470210902974120.

_____; _____. KAZANINA, Nina. **Multiple routes to pronoun resolution in russian cataphora**. Trabalho Inédito. Unpublished paper. 2010.
Disponível em: <http://ling.umd.edu/~colin/research/papers/kazanina2007_poka.pdf>.
Acesso em: 15 ago. 2015.

KEHLER, Andrew et al. Coherence and coreference revisited. **Journal of Semantics**, Oxford, OX, v. 25, n. 1, p. 1-44, 2008. DOI: 10.1093/jos/ffm018.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013. 304 p.

_____. Léxico e computações lexicais. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 41-69.

KENNISON, Shelia M.; GORDON, Peter C. Comprehending referential expressions during reading: evidence from eye tracking. **Discourse Processes**, Stamford, CT, v. 24, n. 2-3, p. 229-252. 1997.

_____; FERNANDEZ, Elaine C.; BOWERS, Michael J. Processing differences for anaphoric and cataphoric pronouns: implications for theories of discourse processing. **Discourse Processes**, Philadelphia, v. 46, n. 1, p. 25-45, 2009.
DOI: 10.1080/01638530802359145.

KESS, Joseph F. **Psycholinguistics: introductory perspectives**. New York: Academic Press, 1976. 268 p., il.

KIERAS, David E. **Initial mention as a cue to the main idea and the main item of a technical passage**. Personnel and Training Research Programs, Office of Naval Research, Arlington, VA; Department of Psychology, University of Arizona, Tucson, 1979a. 56 f. Technical Report (Relatório Técnico).

_____. **The relation of topics and themes in naturally occurring technical paragraphs**. Personnel and Training Research Programs, Office of Naval Research, Arlington, VA; Department of Psychology, University of Arizona, Tucson, 1979b. 48 f. Technical Report (Relatório Técnico).

KIM, Kitaek; GRÜTER, Theres; SCHAFER, Amy J. Effects of event-structure and topic/focus-marking on pronoun reference in korean. In: Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, 26., 2013, Columbia, SC. **Anais...** Columbia, SC: University of South Carolina, 2013. p. 59. Poster.
Disponível em: <http://artsandsciences.sc.edu/cuny2013/sites/sc.edu.cuny2013/files/final%20proceedings_0.pdf?q=sites/default/files/final%20proceedings_0.pdf>.
Acesso em: 27 ago. 2016.

KIM, Sung-il; LEE, Jae-ho; GERNSBACHER, Morton Ann. The advantage of first mention in Korean. The temporal contributions of syntactic, semantic and pragmatic factors. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 33, n. 6, p. 475-491, 2004. DOI: 10.1007/s10936-004-2667-5.

KIMBALL, John P. **Teoria formal da gramática**. Tradução de Luiz Alberto Cerqueira. Revisão Técnica de Yonne de Freitas Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 164 p.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 186 p.

_____.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009. 224 p.

KOORNNEEF, Arnout W.; VAN BERKUM, Jos J. A. On the use of verb-based implicit causality in sentence comprehension: evidence from self-paced reading and eye tracking. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 54, n. 4, p. 445-465, 2006. DOI: 10.1016/j.jml.2005.12.003.

KRAMER, Ruth. **The morphosyntax of gender**. New York: Oxford University Press, 2015. 286 p. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics, v. 58).

KUNO, Susumu. **Functional syntax: anaphora, discourse and empathy**. 3rd ed. Chicago: University of Chicago Press, 1987. 320 p., il.

LAPPIN, Shalom; LEASS, Herbert J. An algorithm for pronominal anaphora resolution. **Computational Linguistics**, Cambridge, MA, v. 20, n. 4, p. 535-561, 1994.

LASNIK, Howard. **Essays on anaphora**. Dordrecht: Kluwer, 1989. 179 p. (Studies in Natural Language & Linguistic Theory).

_____. On the necessity of binding conditions. In: FREIDIN, Robert (Ed.). **Principles and parameters in comparative grammar**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991. p. 7-28. cap. 1.

_____. The minimalist program in syntax. **TRENDS in Cognitive Sciences**, London, v. 6, n. 10, p. 432-437, 2002. DOI: 10.1016/S1364-6613(02)01977-0.

LEE, Ming-Wei. Another look at the role of empty categories in sentence processing (and grammar). **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 33, n. 1, p. 51-73, 2004. DOI: 10.1023/B:JOPR.0000010514.50468.30.

LEITÃO, Márcio Martins et al. Evidências experimentais do processamento da correferência e dos princípios de ligação em português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 289-332, 2014.

_____. **O Processamento do objeto direto anafórico no português brasileiro**. 2005. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005a.

_____. Processamento anafórico. In: MAIA, Marcus (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-58.

_____. Processamento co-referencial de nomes e pronomes em português brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 235-258, 2005b.

_____. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 217-234.

LEONARD, Carol L.; WATERS, Gloria S.; CAPLAN, David. The use of contextual information by right brain-damaged individuals in the resolution of ambiguous pronouns. **Brain and Language**, San Diego, CA, v. 57, n. 3, p. 309-342, 1997. DOI: 10.1006/brln.1997.1743.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. 193 p.

LESGOLD, Alan M.; ROTH, Steven F.; CURTIS, Mary E. Foregrounding effects in discourse comprehension. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 18, n. 3, p. 291-308, 1979. DOI: 10.1016/S0022-5371(79)90164-6.

LESSA, Priscila da Cunha; MAIA, Marcus Antonio Rezende. O processamento da correferência de expressões-R com restrições lexicais em português brasileiro. In: Congresso Internacional da Abralin, 7., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Associação Brasileira de Linguística, 2011. p. 3598-3606. Artigo.
Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3383655/O_processamento_da_correferencia_de_Expressoes-R_com_restricoes_lexicais_em_Portugues_Brasileiro.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1503866211&Signature=7BCop3dy67Qmeyh5d6FcgoAN8vg%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filena me%3DO_processamento_da_correferencia_de_Expr.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

_____. **O papel do ordenamento dos elementos referencialmente dependentes no processamento da correferência em português do Brasil**. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LEUNINGER, Helen. Linguistics and psychology. In: BARTSCH, Renate; VENNEMANN, Theo (Ed.). **Linguistics and neighboring disciplines**. Amsterdam: North-Holland Publishing, 1975. p. 193-208. (Serie North-Holland Linguistic Series, v. 14).

LEVELT, Willem Johannes Maria. **A history of psycholinguistics: the pre-chomskyan era**. Oxford: Oxford University Press, 2013. 652 p.

LEVINSON, Stephen C. Pragmatic reduction of the binding conditions revisited. **Linguistics**, London, v. 27, n. 1, p. 107-161, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 227 p.

LEWIS, Shevaun; PHILLIPS, Colin. Aligning grammatical theories and language processing models. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 44, n. 1, special issue, p. 27-46, 2015. DOI: 10.1007/s10936-014-9329-z.

LILES, Bruce L. **An introduction to linguistics**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1975. 352 p.

LIST, Gudula. **Introducción a la psycholinguistics**. Madrid: Gredos, 1977. 198 p. Versión española de Javier Morales Belda. Do original alemão *Psycholinguistik eine einföhrung*. (Biblioteca Románica Hispánica II – Estudios y Ensayos).

LONG, Debra L.; De LEY, Logan. Implicit causality and discourse focus: the interaction of text and reader characteristics in pronoun resolution. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 42, n. 4, p. 545-570, 2000. DOI: 10.1006/jmla.1999.2695.

LOPES, Ana Luiza Araújo. Os traços ϕ e a mudança na concordância verbal no português brasileiro. In: Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina – ALFAL, 27., 2014, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Associação de Linguística e Filologia da América Latina, 2014. p. 3988-4002.
Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0736-2.pdf>>.
Acesso em: 27 out. 2015.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. Prefácio de Eduardo Peñuela Cañizal. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 350 p.

LOPES, Rhandra Taysk da Silva. **A abordagem dos pronomes adverbiais pelas gramáticas tradicionais brasileiras**. 2011. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LUEGI, Paula. **Processamento de sujeitos pronominais em português**: efeito da posição estrutural dos antecedentes. 2012. 267 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística Geral e Românica, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

_____.; COSTA, Armanda; MAIA, Marcus. Processamento e interpretação de sujeitos nulos e plenos em português europeu e em português do Brasil. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 24, n. 49, p. 67-88, 2014.

LYONS, John. **As idéias de Chomsky**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1976. 121 p. (Mestres da Modernidade).

_____. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987. 284 p.

_____. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, c1977. 897 p. 2 v.

MAIA, Marcus (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. 208 p.

_____. **Aula 3**: centro e periferia na gramática da anáfora. Textos seminais em linguagem e cognição. Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ em 20/03/2002.

Disponível em: <www.museunacional.ufrj.br/labcoglin/FCCAnaforaMarcusMaia.doc>.
Acesso em: 24 set. 2013.

_____. **The comprehension of object anaphora in brazilian portuguese.** 1994. 258 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics, Graduate School, USC Dana and David Dornsife College of Letters, Arts and Sciences, University of Southern California, Los Angeles, 1994.

_____. The processing of object anaphora in brazilian portuguese.
Recherches Linguistique de Vincennes, Saint Denis, n. 26, p. 151-172, 1997.

_____; GARCIA, Daniela Cid de; OLIVEIRA, Cristiane de. The processing of conceptual anaphors and fully specified pronouns in intra-sentential contexts in brazilian portuguese.
ReVel: Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10, n. 6, special issue, p. 200-219, 2012.

MARSLEN-WILSON, William D. Sentence perception as an interactive parallel process.
Science, Washington, D.C., v. 189, n. 4198, p. 226-228, 1975.
DOI: 10.1126/science.189.4198.226.

_____. Linguistic structure and speech shadowing at very short latencies. **Nature**, London, v. 244, n. 5417, p. 522-523, 1973. DOI: 10.1038/244522a0.

_____; LEVY, Elena T.; TYLER, Lorraine Komisarjevsk. Producing interpretable discourse: the establishment and maintenance of reference. In: JARVELLA, Robert J.; KLEIN, Wolfgang (Ed.). **Speech, place and action: studies in deixis and related topics.** New York: John Wiley & Sons, 1982. p. 339-378.

_____; TYLER, Lorraine Komisarjevsk. Processing structure of sentence perception.
Nature, London, v. 257, n. 5529, p. 784-786, 1975. DOI: 10.1038/257784a0.

_____; _____. The temporal structure of spoken language understanding. **Cognition**, Amsterdam, v. 8, n. 1, p. 1-71, 1980. DOI: 10.1016/0010-0277(80)90015-3.

_____; _____. SEIDENBERG, Mark. Sentence processing and the clause boundary. In: LEVELT, W. J. M.; FLORES D'ARCAIS, G. B. (Ed.). **Studies in the perception of language.** Chichester: John Wiley & Sons, 1978. p. 219-246.

_____; WELSH, Alan. Processing interactions and lexical access during word recognition in continuous speech. **Cognitive Psychology**, San Diego, CA, v. 10, n. 1, p. 29-63, 1978.
DOI: 10.1016/0010-0285(78)90018-X.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 256 p.

MATCHIN, William; SPROUSE, Jon; HICKOK, Gregory. A structural distance effect for backward anaphora in broca's area: an fMRI study. **Brain and Language**, San Diego, CA, v. 138, p. 1-11, 2014. DOI: 10.1016/j.bandl.2014.09.001.

- MAYOL, Laia; CLARK, Robin. Pronouns in catalan: games of partial information and the use of linguistic resources. **Journal of Pragmatics**, Amsterdam, v. 42, n. 3, p. 781-799, 2010. DOI: 10.1016/j.pragma.2009.07.004.
- McDONALD, Janet L.; MacWHINNEY, Brian. The time course of anaphor resolution: effects of implicit verb causality and gender. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 34, n. 4, p. 543-566, 1995. DOI: 10.1006/jmla.1995.1025.
- McELREE, Brian; GRIFFITH, Teresa. Structural and lexical constraints on filling gaps during sentence comprehension: a time-course analysis. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 24, n. 2, p. 432-460, 1998. DOI: 10.1037//0278-7393.24.2.432.
- McKOOK, Gail; GREENE, Steven B.; RATCLIFF, Roger. Discourse models, pronoun resolution, and the implicit causality of verbs. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 19, n. 5, p. 1040-1052, 1993. DOI: 10.1037//0278-7393.19.5.1040.
- MELO, Lélia Erbolato (Org.). **Tópicos de psicolinguística aplicada**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2005. 146 p. (Linguística, v. 1).
- MELO, Maria de Fátima Benício de. **O processamento da co-referência do sujeito pronominal em sentenças formadas por verbos de comunicação linguística no português do Brasil**. 2003. 104 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- _____; MAIA, Marcus Antonio Rezende. O processamento da co-referência do sujeito pronominal em sentenças formadas por verbos de comunicação linguística no português do Brasil. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 177-205, 2005.
- MILLER, George Armitage. **Language and communication**. New York: McGraw-Hill, 1951. 298 p.
- MILLER, Max H. Linguistics and developmental psycholinguistics. In: BARTSCH, Renate; VENNEMANN, Theo (Ed.). **Linguistics and neighboring disciplines**. Amsterdam: North-Holland Publishing, 1975. p. 209-226. (Serie North-Holland Linguistic Series, v. 14).
- MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULIA, Alena (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013. 272 p.
- MORGADO, Sara Matias. **Processamento da co-referência pronominal. Informação sintática e semântica**. 2011. 199 f. Dissertação (Mestrado em Psicolinguística) – Departamento de Linguística Geral e Românica, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

_____. Qual a importância da informação semântica na resolução de sujeitos pronominais no processamento offline. In: Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 28., 2012, Faro. **Atas...** Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 2013. p. 493-507. Artigo. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/28-textos-selecionados/MORGADO_2013.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

MOULTON, William G. The nature and history of linguistics. In: HILL, Archibald A. (Ed.). **Linguistics**. Washington, D.C.: The Voice of America, 1969. p. 3-17.

MOUNIN, Georges. **Dictionnaire de la linguistique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1974. 340 p.

_____. **Historia de la lingüística**: desde los orígenes al siglo XX. Versión española de Felisa Marcos. Madrid: Gredos, 1971. 235 p. Tradução do original em francês *Histoire de la linguistique des origines au XX^e siècle*. (Romanica Hispanica. Manuales, v. 16).

_____. **Introdução à linguística**. Tradução de José Meireles. São Paulo: Martins Fontes, [19--]. 165 p. Tradução do original em francês *Clefs pour la linguistique*.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. 480 p.

_____; _____. (Org.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. 270 p.

_____; _____. (Org.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2000. 312 p.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. A competência linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I**: objetos teóricos. v. 1. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-119.

_____; _____. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: _____. (Org.). **Introdução à linguística II**: princípios de análise. v. 2. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 81-109.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000. 1037 p.

NICOL, Janet Lee; FODOR, Janet Dean; SWINNEY, David. Using cross-modal lexical decision tasks to investigate sentence processing. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition**, Washington, D.C., v. 20, n. 5, p. 1229-1238, 1994. DOI: 10.1037//0278-7393.20.5.1229.

_____. **Coreference processing during sentence comprehension**. 1988. 181 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy) – Department of Brain and Cognitive Sciences, Graduate School, MIT School of Science, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1988.

NIVETTE, Joseph. **Princípios de gramática gerativa**. Tradução, Adaptação ao Português, Glossário e Bibliografia Adicional de Nilton Vasco da Gama. São Paulo: Pioneira, 1975. 204 p. (Série Línguas e Cultura).

NÓBREGA, Mônica. **O ponto de vista do sistema**: possibilidade de leitura da linguística geral de Ferdinand de Saussure. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013. 192 p.

NORMAND, Claudine; DO NASCIMENTO FLORES, Valdir; BARBISAN, Leci Borges. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. 204 p.

NOVAES, Celso Vieira. **Representação mental de categorias vazias**: o sujeito nulo e a natureza da flexão no português do Brasil. 1996. 131 f. Tese (Doutorado Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Representação mental do sujeito nulo no português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 59-80, 1997.

O'BRIEN, Edward J. et al. Activation and suppression of antecedents during reinstatement. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 21, n. 3, p. 626-634, 1995. DOI: 10.1037/0278-7393.21.3.626.

_____ et al. Processes involved in the resolution of explicit anaphors. **Discourse Processes**, Greenwich, CT, v. 23, n. 1, p. 1-24, 1997.

_____; ALBRECHT, Jason E. Comprehension strategies in the development of a mental model. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 18, n. 4, p. 777-784, 1992. DOI: 10.1037/0278-7393.18.4.777.

OAKHILL, Jane; YUILL, Nicola. Pronoun resolution in skilled and less-skilled comprehenders: effects of memory load and inferential complexity. **Language and Speech**, Whitton Twickenham, Middlesex, v. 29, n. 1, p. 25-37, 1986. DOI: 10.1177/002383098602900104.

OSGOOD Charles Egerton; SEBEOK, Thomas Albert (Ed.). **Psycholinguistics**: a survey of theory and research problems with a survey of psycholinguistic research, 1954-1964, by A. Richard Diebold and the psycholinguists, by George A. Miller. Bloomington: Indiana University Press, 1965b.

_____; _____ (Ed.). **Psycholinguistics**: a survey of theory and research problems. Baltimore: Waverly Press, 1954. 212 p.

_____; _____ (Ed.). _____. 2 ed. Bloomington: Indiana University Press, 1965a.

PABLOS, Leticia et al. Active search for antecedents in cataphoric pronoun resolution. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 6, p. 1-13, 2015. Artigo 1638. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.01638.

_____ et al. Backward licensing of NPIs in dutch: an ERP investigation. In: Annual Conference on Architectures and Mechanisms for Language Processing – AMLaP, 17., 2011,

Paris. **Resumos...** Paris: Université Paris Descartes-Centre Universitaire des Saints-Pères, 2011a. p. 106-107. Poster. Poster Session 1 of The Abstract Book. (Sessão de Pôsteres 1 do Livro de Resumos).

Disponível em: <<https://amlap2011.files.wordpress.com/2011/08/postersession11.pdf>>.

Acesso em: 27 ago. 2016.

_____. et al. Backward NPI dependencies in dutch: an ERP investigation. 2012. In: Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, 25., 2012, Nova York. **Resumos...** Nova York: The City University of New York – CUNY, 2012a. p. 141. Poster.

Disponível em: <https://cuny2012.common.gc.cuny.edu/files/2012/03/2012booklet_post-print.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

_____. et al. Cataphoric pronoun dependencies in dutch: An ERP study. 2012. In: Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, 25., 2012, Nova York. **Resumos...** Nova York: The City University of New York – CUNY, 2012b. p. 75. Poster.

Disponível em: <https://cuny2012.common.gc.cuny.edu/files/2012/03/2012booklet_post-print.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

_____. et al. Processing cataphoric pronouns in dutch: An ERP study. In: Annual Conference on Architectures and Mechanisms for Language Processing – AMLaP, 17., 2011, Paris. **Resumos...** Paris: Université Paris Descartes-Centre Universitaire des Saints-Pères, 2011b. p. 58-59. Poster. Poster Session 2 of The Abstract Book. (Sessão de Pôsteres 2 do Livro de Resumos).

Disponível em: <<https://amlap2011.files.wordpress.com/2011/08/postersession21.pdf>>.

Acesso em: 27 ago. 2016.

PAIS, Cidmar Teodoro et al. **Manual de lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1979. 269 p., il.

PERINI, Mário Alberto. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006. 206 p. (Lingua[gem], 17).

PETERFALVI, Jean-Michel. **Introdução à psicolinguística**. São Paulo: Cultrix; São Paulo: EDUSP, 1970. 142 p.

PHILLIPS, Colin. The real-time status of island phenomena. **Language**, Washington, D.C., v. 82, n. 4, p. 795-823, 2006. DOI: 10.1353/lan.2006.0217.

PIATTELLI-PALMARINI, Massimo (Org.). **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem**: o debate entre Jean Piaget & Noam Chomsky. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix; São Paulo: EDUSP, 1983. 456 p., il.

PICKERING, Martin J.; BARTON, Stephen; SHILLCOCK, Richard. Unbounded dependencies, island constraints and processing complexity. In: CLIFTON JUNIOR, Charles; FRAZIER, Lyn; RAYNER, Keith (Ed.). **Perspectives on sentence processing**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1994. p. 199-224.

_____.; MAJID, Asifa. What are implicit causality and consequentiality? **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 22, n. 5, p. 780-788, 2007.

DOI: 10.1080/01690960601119876.

_____; VAN GOMPEL, Roger P. G. Syntactic parsing. In: TRAXLER, Matthew J.; GERNSBACHER, Morton Ann (Ed.). **Handbook of psycholinguistics**. 2nd ed. Amsterdam: Academic Press, 2006. p. 455-503.

_____; BARRY, Guy. Sentence processing without empty categories. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 6, n. 3, p. 229-259, 1991. DOI: 10.1080/01690969108406944.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. Tradução de Claudia Berliner. Revisão Técnica de Cynthia Levart Zocca. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 640 p.

_____; BLOOM, Paul. Natural language and natural selection. **Behavioral and Brain Sciences**, New York: NY, v. 13, n. 4, p. 707-727, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0140525X00081061>.

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro. Da psicolinguística: um verbete que se tornou ensaio. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima (Coord.). **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. v. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 571-583. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4587.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

PRONKO, Nicholas Henry. Language and psycholinguistics: a review. **Psychological Bulletin**, Washington, D.C., v. 43, n. 3, p. 189-239, 1946.

PYYKKÖNEN, Pirita; JÄRVIKIVI, Juhani. Activation and persistence of implicit causality information in spoken language comprehension. **Experimental Psychology**, Gottingen, v. 57, n. 1, p. 5-16, 2010. DOI: 10.1027/1618-3169/a000002.

_____; MATTHEWS, Danielle; JÄRVIKIVI, Juhani. Three-year-olds are sensitive to semantic prominence during online language comprehension: a visual world study of pronoun resolution. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 25, n. 1, p. 115-129, 2010. DOI: 10.1080/01690960902944014.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Direção de Maria Raquel Delgado Martins. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1998. 532 p. (Coleção Universitária. Série Linguística).

RASTIER, François. Tropes et sémantique linguistique. **Langue Française**, Paris, n. 101, p. 80-101, 1994.

RATTOVA, Sidriana Scheffer. A faculdade da linguagem como sistema de representação de base inata ou um instinto? **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2014a.

_____. **A recursividade no sistema sintático subjacente à faculdade da linguagem**. 2014. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014b.

RAYNER, Keith; CARLSON, Marcia; FRAZIER, Lyn. The interaction of syntax and semantics during sentence processing: eye movements in the analysis of semantically biased sentences. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 22, n. 3, p. 358-374, 1983. DOI: 10.1016/S0022-5371(83)90236-0.

_____; KAMBE, Gretchen; DUFFY, Susan A. The effect of clause wrap-up on eye movements during reading. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, Hove, East Sussex, v. 53, n. 4, p. 1061-1080, 2000. Section A – Human Experimental Psychology. DOI: 10.1080/02724980050156290.

REINHART, Tanya Miriam. **Anaphora and semantic interpretation**. Chicago: University of Chicago Press, 1983. 223 p.

_____. **The syntactic domain of anaphora**. 1976. 217 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics and Philosophy, Graduate School, MIT School of Humanities, Arts & Social Sciences, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1976.

RIBEIRO, Darcy. **Kadiwéu**: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 318 p.

RICHARDS, Jack C.; PLATT, John; PLATT, Heidi. **Longman dictionary of language teaching and applied linguistics**. 2. ed. New York: Longman, 1992. 423 p.

_____; SCHMIDT, Richard. _____. 4th ed. London: Routledge, 2013. 656 p.

RIGALLEAU, François; GUERRY, Michèle; GRANJON, Lionel. The effect of connectives on the selection of arguments: implicit consequentiality bias for the connective “but”.

Journal of Psycholinguistic Research, New York, v. 43, n. 4, p. 465-485, 2014.

DOI: 10.1007/s10936-013-9265-3.

ROBERTS, Ian; HOLMBERG, Theresa. Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, Theresa et al. **Parametric variation**: null subjects in minimalist theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco. **Lingüística estructural**. Madrid: Gredos, 1969. 1007 p. 2 v.

ROEPER, Thomas. Universal bilingualism. **Bilingualism: Language and Cognition**, New York, v. 2, n. 3, p. 169-186, 1999.

ROHDE, Hannah.; KEHLER, Andrew. Grammatical and information-structural influences on pronoun production. **Language, Cognition and Neuroscience**, Abingdon, Oxon, v. 29, n. 8, special issue, p. 912-927, 2014. DOI: 10.1080/01690965.2013.854918.

_____; _____. The bidirectional influence between coherence establishment and pronoun interpretation. 2008. In: Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, 21., 2008, Chapel Hill, NC. **Anais...** Chapel Hill, NC: University of North Carolina at Chapel Hill, 2008. Poster. Disponível em:

<<http://www.lel.ed.ac.uk/~hrohde/presentations/RohdeKehler.cuny.2008b.pdf>>.
Acesso em: 16 ago. 2016.

_____; _____. ELMAN, Jeffrey L. Event structure and discourse coherence biases in pronoun interpretation. In: Annual Conference of The Cognitive Science Society (CogSci 2006), 28., 2006, Vancouver, BC; International Conference on Cognitive Science (ICCS 2006), 5., 2006, Allahabad. **Anais...** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006. p. 697-702. Paper.
Disponível em: <<http://csjarchive.cogsci.rpi.edu/proceedings/2006/docs/p697.pdf>>.
Acesso em: 27 ago. 2016.

ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie Ann (Ed.). **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer, c1996. 298p. (Studies in Natural Language and Linguistic Theory, v. 33).

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à (bio)linguística: linguagem e mente**. São Paulo: Contexto, 2013. 208 p.

ROSS, John Robert. **Constraints on variables in syntax**. 1967. 529 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics and Philosophy, Graduate School, MIT School of Humanities, Arts & Social Sciences, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1967.

RUWET, Nicolas. **Introdução à gramática gerativa**. Tradução e Adaptação de Carlos Vogt. Revisão de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 1975. 360 p. (Série Estudos, v. 31).

SALVI, Giampaolo; VANELLI, Laura. **Nuova grammatica italiana**. Bologna: Il Mulino. 365 p.

SAMPAIO, Thiago Oliveira da Motta. **COERÇÃO ASPECTUAL: uma abordagem linguística da percepção do tempo**. 2015. 398 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SÁNCHEZ-LABRADOR, José. **El Paraguay católico**. 2 v. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910. 336 p. (Edición digital).
Disponível em: <https://www.portalguarani.com/1698_jose_sanchez_labrador/15174_el_para_guay_catolico__parte_i_obra_de_jose_sanchez_labrador_.html>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SANDALO, Filomena. Condição C em Kadiwéu. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 100-117, 2012.

SANFORD, Anthony J.; GARROD, Simon C. Interpreting anaphoric relations: the integration of semantic information while reading. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 16, n. 1, p. 77-90, 1977. DOI: 10.1016/S0022-5371(77)80009-1.

_____. What, when, and how?: Questions of immediacy in anaphoric reference resolution. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 4, n. 3-4, special issue, p. 235-262, 1989. DOI: 10.1080/01690968908406369.

_____. et al. Pronouns without explicit antecedents? **Journal of Semantics**, Oxford, OX, v. 2, n. 3-4, p. 303-318, 1983.

_____.; MOAR, K.; GARROD, Simon C. Proper names as controllers of discourse focus. **Language and Speech**, Whitton Twickenham, Middx, v. 31, part. 1, p. 43-56, 1988. DOI: 10.1177/002383098803100102.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral** (1916). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 279 p. Tradução do original em francês *Cours de linguistique generale*.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Histórico sobre a psicolingüística. In: _____. **Introdução à psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1991. p. 8-19.

_____. **Introdução à lingüística**. 5. ed. rev. e aum. Porto Alegre: Globo, 1982. 276 p.

_____. **Introdução à psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1991. 191 p. (Série Fundamentos, v. 71).

SEDRINS, Adeilson Pinheiro; SIBALDO, Marcelo Amorim. Estrutura de constituintes. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 71-112.

SERRATRICE, Ludovica. Cross-linguistic influence in the interpretation of anaphoric and cataphoric pronouns in english-italian bilingual children. **Bilingualism: Language and Cognition**, New York, v. 10, n. 3, p. 225-238, 2007.

SHELDON, Amy. The role of parallel function in the acquisition of relative clauses in english. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 13, n. 3, p. 272-281, 1974. DOI: 10.1016/S0022-5371(74)80064-2.

_____. The role of parallel function in the acquisition of relative clauses in english. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 13, n. 3, p. 272-281, 1974. DOI: 10.1016/S0022-5371(74)80064-2.

SILVA, Cláudia Roberta Tavares; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de. Teoria da vinculação. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 195-214.

_____.; MOURA, Maria Denilda; CERQUEIRA, Mirian Santos de. Entendendo a concordância sob o viés minimalista. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. Curitiba: CRV, 2012. p. 237-270.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Lingüística aplicada ao português: sintaxe**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 160 p., il.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Science and human behavior** (1953). New York: Pearson Education, 2014. 466 p.

SLOBIN, Dan Isaac. O estudo linguístico da gramática. In: _____. **Psicolinguística**. 2. ed. [S.I.]: La Nuova Italia, 1980. p. 9-45.

_____. O estudo psicolinguístico da gramática. In: _____. _____. 2. ed. [S.I.]: La Nuova Italia, 1980. p. 47-88.

_____. **Psicolinguística**. 3. ed. [S.I.]: La Nuova Italia, 1984. 236 p. (Problemi di Psicologia, v. 48).

SMYTH, Ron. Grammatical determinants of ambiguous pronoun resolution. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York: NY, v. 23, n. 3, p. 197-229, 1994. DOI: 10.1007/BF02139085.

_____. Multiple feature matching in pronoun resolution: a new look at parallel function. In: International Conference on Spoken Language Processing (ICSLP 92), 2., 1992, Banff. **Anais...** Banff: University of Alberta, 1992. p. 145-148. Paper.

SORACE, Antonella; FILIACI, Francesca. Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. **Second Language Research**, London, v. 22, n. 3, p. 339-368, 2006.

SOUZA, Jésus Barbosa de; CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Minigramática**. São Paulo: Saraiva, 1997. 526 p.

SPIVEY, Michael J.; McRAE, Ken; JOANISSE, Marc F. (Ed.). **The Cambridge handbook of psycholinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 768 p.

STEINBERG, Danny D.; SCIARINI, Natalia V. **An introduction to psycholinguistics**. 2nd ed. Harlow: Pearson Longman, 2006. 306 p. (Learning about Language).

STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva**. 5. ed. Tradução da 5ª edição norte-americana por Anna Maria Dalle Luche e Roberto Galman. Revisão Técnica de José Mauro Nunes. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 608 p., il.

STEVENS, Stanley S. Psychology and the science of science. **Psychological Bulletin**, Washington, D.C., v. 36, n. 4, 1939. p. 221-263.

STEVENSON, Rosemary J. et al. Interpreting pronouns and connectives: interactions among focusing, thematic roles, and coherence relations. **Language and Cognitive Processes**, Abingdon, Oxon, v. 15, n. 3, p. 225-262, 2000.

_____; CRAWLEY, Rosalind A.; KLEINMAN, David. Thematic roles, focus and the representation of events. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 9, n. 4, p. 519-548, 1994. DOI: 10.1080/01690969408402130.

_____; VITKOVITCH, Melanie. The comprehension of anaphoric relations. **Language and Speech**, Whitton Twickenham, Middlesex, v. 29, n. 4, p. 335-360, 1986. DOI: 10.1177/002383098602900403.

STEWART, Andrew J.; PICKERING, Martin J.; SANFORD, Anthony J. The time course of the influence of implicit causality information: focusing versus integration accounts.

Journal of Memory and Language, San Diego, CA, v. 42, n. 3, p. 423-443, 2000.
DOI: 10.1006/jmla.1999.2691.

STOCKWELL, Robert P. Generative grammar. In: HILL, Archibald A. (Ed.). **Linguistics**. Washington, D.C.: The Voice of America, 1969. p. 293-303.

STOWE, Laurie A. Parsing wh-constructions: evidence for on-line gap location. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 1, n. 3, p. 227-245, 1986.
DOI: 10.1080/01690968608407062.

SUDO, Yasutada. **On the semantics of phi features on pronouns**. 2012. 260 f.
Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) - Department of Linguistics and Philosophy, Graduate School, MIT School of Humanities, Arts and Social Sciences, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 2012.

SUSSMAN, Rachel Shirley; SEDIVY, Julie C. The time-course of processing syntactic dependencies: evidence from eye movements. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 18, n. 2, p. 143-163, 2003. DOI: 10.1080/01690960143000498.

SWAAB, Tamara Y.; CAMBLIN, Christine; GORDON, Peter C. Electrophysiological evidence for reversed lexical repetition effects in language processing. **Journal of Cognitive Neuroscience**, Cambridge, MA, v. 16, n. 5, p. 715-726, 2004.
DOI: 10.1162/089892904970744.

TANENHAUS, Michael K. et al. Lexical structure in parsing long-distance dependencies. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 18, n. 1, p. 37-50, 1989.
DOI: 10.1007/BF01069045.

TEIXEIRA, Elisângela Nogueira. **Preferências sintáticas e semânticas no processamento da correferência anafórica**: evidências de movimentação ocular. 2013. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2013.

_____; FONSECA, Maria Cristina Micelli; SOARES, Maria Elias. Resolução do pronome nulo em português brasileiro: evidência de movimentação ocular. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 281-301, 2014.

TERWILLIGER, Robert F. **Psicologia da linguagem**. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix; São Paulo: EDUSP, 1974. 342 p. Tradução do original em inglês *Meaning and mind: a study in the psychology of language*.

TITONE, Renzo. **Psicolinguística aplicada**: introdução psicológica à didática das línguas. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Summus, 1983. 215 p.

TOLMAN, Edward Chace. **Purposive behavior in animals and men**. New York: Irvington, 1967. 463 p.

TOMLIN, Russell S. Linguistic reflections of cognitive events. In: _____ (Ed.). **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 455-479. (Typological Studies in Language, 11).

TRAXLER, Matthew J. et al. Processing causal and diagnostic statements in discourse. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 23, n. 1, p. 88-101, 1997.

_____. **Introduction to psycholinguistics: understanding language science**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. 607 p., il.

_____; BYBEE, Michael D.; PICKERING, Martin J. Influence of connectives on language comprehension: eye-tracking evidence for incremental interpretation. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, Hove, East Sussex, v. 50, n. 3, p. 481-497, 1997. Section A – Human Experimental Psychology.

_____; PICKERING, Martin J. Plausibility and the processing of unbounded dependencies: an eye-tracking study. **Journal of Memory and Language**, San Diego, CA, v. 35, n. 3, p. 454-475, 1996. DOI: 10.1006/jmla.1996.0025.

TSIMPLI, Ianthi et al. First language attrition and syntactic subjects: a study of greek and italian near-native speakers of english. **International Journal of Bilingualism**, London, v. 8, n. 3, p. 257-277, 2004.

TYLER, Lorraine Komisarjevsk; MARSLEN-WILSON, William D. The on-line effects of semantic context on syntactic processing. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, San Diego, CA, v. 16, n. 6, p. 683-692, 1977. DOI: 10.1016/S0022-5371(77)80027-3.

UENO, Mieko; KEHLER, Andrew. Grammatical and pragmatic factors in the interpretation of japanese null and overt pronouns. **Linguistics**, Berlin, v. 54, n. 6, p. 1165-1221, 2016. DOI: 10.1515/ling-2016-0027.

VAN BERKUM, Jos J. A. et al. Establishing reference in language comprehension: an electrophysiological perspective. **Brain Research**, Amsterdam, v. 1146, special issue, p. 158-171, 2007. DOI: 10.1016/j.brainres.2006.06.091.

VAN GOMPEL, Roger P. G.; LIVERSEDGE, Simon P. The influence of morphological information on cataphoric pronoun assignment. **Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, Washington, D.C., v. 29, n. 1, p. 128-139. 2003. DOI: 10.1037/0278-7393.29.1.128.

_____; _____; PEARSON, Jamie. Antecedent typicality effects in the processing of noun phrase anaphors. In: CARREIRAS, Manuel; CLIFTON JUNIOR, Charles (Ed.). **The on-line study of sentence comprehension: eyetracking, ERPs and beyond**. New York: Psychology Press, 2004. p. 119-137.

_____; MAJID, Asifa. Antecedent frequency effects during the processing of pronouns. **Cognition**, Amsterdam, v. 90, n. 3, p. 255-264, 2004. DOI: 10.1016/S0010-0277(03)00161-6.

VAN DIJK, Teun A.; KINTSCH, Walter. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983. 418 p.

VERÍSSIMO, Victor. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 76-90, 2017.

VONK, Wietske. Eye movements during comprehension of pronouns. In: GALE, Alastair G.; JOHNSON, Frank (Ed.). **Theoretical and applied aspects of eye movement research**. Amsterdam: North-Holland, 1984. p. 203-2012. (Advances in Psychology, 22).

WAGERS, Matthew W.; PHILLIPS, Colin. Multiple dependencies and the role of the grammar in real-time comprehension. **Journal of Linguistics**, New York, v. 45, n. 2, p. 395-433, 2009. DOI: 10.1017/S0022226709005726.

WALLWORK, Jean Faraday. **Language and linguistics**: an introduction to the study of language. London: Heinemann Educational Books, c1974, 1976. 184 p.

WARREN, Paul. **Introducing psycholinguistics**. New York: Cambridge University Press, 2013. 290 p. (Cambridge Introductions to Language and Linguistics).

WATERMAN, John T. **Perspectives in linguistics**. Chicago: The University of Chicago Press; Toronto: The University of Toronto Press, 1963. 105 p.

WATSON, John B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, Washington, D.C., v. 20, n. 2, p. 158-177, 1913.

_____. **Psychological Review**, Washington, D.C., v. 101, n. 2, p. 248-253, 1994. (Reprinted from Psychological Review, v. 20, pg. 158, 1913). DOI: 10.1037//0033-295X.101.2.248.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüística**. 4. ed. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 168 p. (Na Ponta da Língua, 3).

WHITAKER, Harry A. Linguistics and neurology. In: BARTSCH, Renate; VENNEMANN, Theo (Ed.). **Linguistics and neighboring disciplines**. Amsterdam: North-Holland Publishing, 1975. p. 33-42. (North-Holland Linguistic Series, v. 14).

WITTER, Geraldina Porto. Psicolingüística. In: PAIS, Cidmar Teodoro et al. **Manual de lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 179-201.

YANG, Chin Lung et al. Comprehension of referring expressions in chinese. **Language and Cognitive Processes**, Hove, East Sussex, v. 14, n. 5-6, p. 715-743, 1999.

_____ et al. The processing of coreference for reduced expressions in discourse integration. **Journal of Psycholinguistic Research**, New York, v. 30, n. 1, p. 21-35, 2001. DOI: 10.1023/A:1005252123299.

YANG, Xiaofeng; SU, Jian; TAN, Chew Lim. Kernel-based pronoun resolution with structured syntactic knowledge. In: International Conference on Computational Linguistics (COLING 2006), 21., 2006, Sydney; Annual Meeting of The Association for Computational Linguistics (ACL 2006), 44., 2006, Sydney. **Anais...** Stroudsburg: Association for Computational Linguistics, 2006. p. 41-48. Paper. Disponível em: <<http://aclweb.org/anthology/P06-1>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

YEKOVICH, Frank R.; WALKER, Carol H.; BLACKMAN, Harold S. **The role of presupposed and focal information in integrating sentences**. U.S. Army Research Institute for the Behavioral and Social Sciences, Department of the Army, Alexandria, VA, 1979. 32 f. Technical Paper (Artigo Técnico).

YOSHIDA, Masaya et al. On the origin of islands. **Language, Cognition and Neuroscience**, Abingdon, Oxon, v. 29, n. 7, p. 761-770, 2014. DOI: 10.1080/01690965.2013.788196.

_____. **Constraints and mechanisms in long-distance dependency formation**. 2006. 479 f. Phd Dissertation (Doctoral Thesis in Philosophy-Linguistics) – Department of Linguistics, Graduate School, College of Arts & Humanities, University of Maryland, College Park, 2006.

YULE, George. **El lenguaje**. Traducción de Nuria Bel Rafecas. Madrid: Cambridge University Press, 1998. 356 p. Tradução de: The Study of Language.

_____. **The study of language**. 3rd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 284 p.

ZHENG, Yi. Acquisition of backward anaphora of european portuguese by chinese learners. In: The Romance Turn, 08., 2016, Bellaterra. **Resumos...** Bellaterra, 2016. Comunicação. Disponível em: <<http://filcat.uab.cat/theromanceturn/wp-content/uploads/2016/01/zheng.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

☞ LISTA DE MATERIAIS, OBRAS E DICIONÁRIOS CONSULTADOS

BUSSMANN, Hadumod. **Routledge dictionary of language and linguistics**. Traduzido e editado do Alemão para o Inglês por Gregory Trauth e Kerstin Kazzazi. Londres: Routledge, 2006. 1304 p. Edição em língua inglesa publicada como e-book
Disponível em: <http://www.e-reading.club/bookreader.php/142124/Routledge_Dictionary_of_Language_and_Linguistics.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FIELD, John. **Psycholinguistics: the key concepts**. Abingdon, Oxon: Psychology Press, 2004. 392 p., il.

PICKERING, Martin J.; VAN GOMPEL, Roger P. G. Syntactic parsing. In: TRAXLER, Matthew; GERNSBACHER, Morton Ann (Ed.). **Handbook of psycholinguistics**. 2nd ed. Amsterdam: Academic Press, 2006. p. 455-503.

SPIVEY, Michael J.; McRAE, Ken; JOANISSE, Marc F. (Ed.). **The Cambridge handbook of psycholinguistics**. New York: Cambridge University Press, 2012. 768 p.

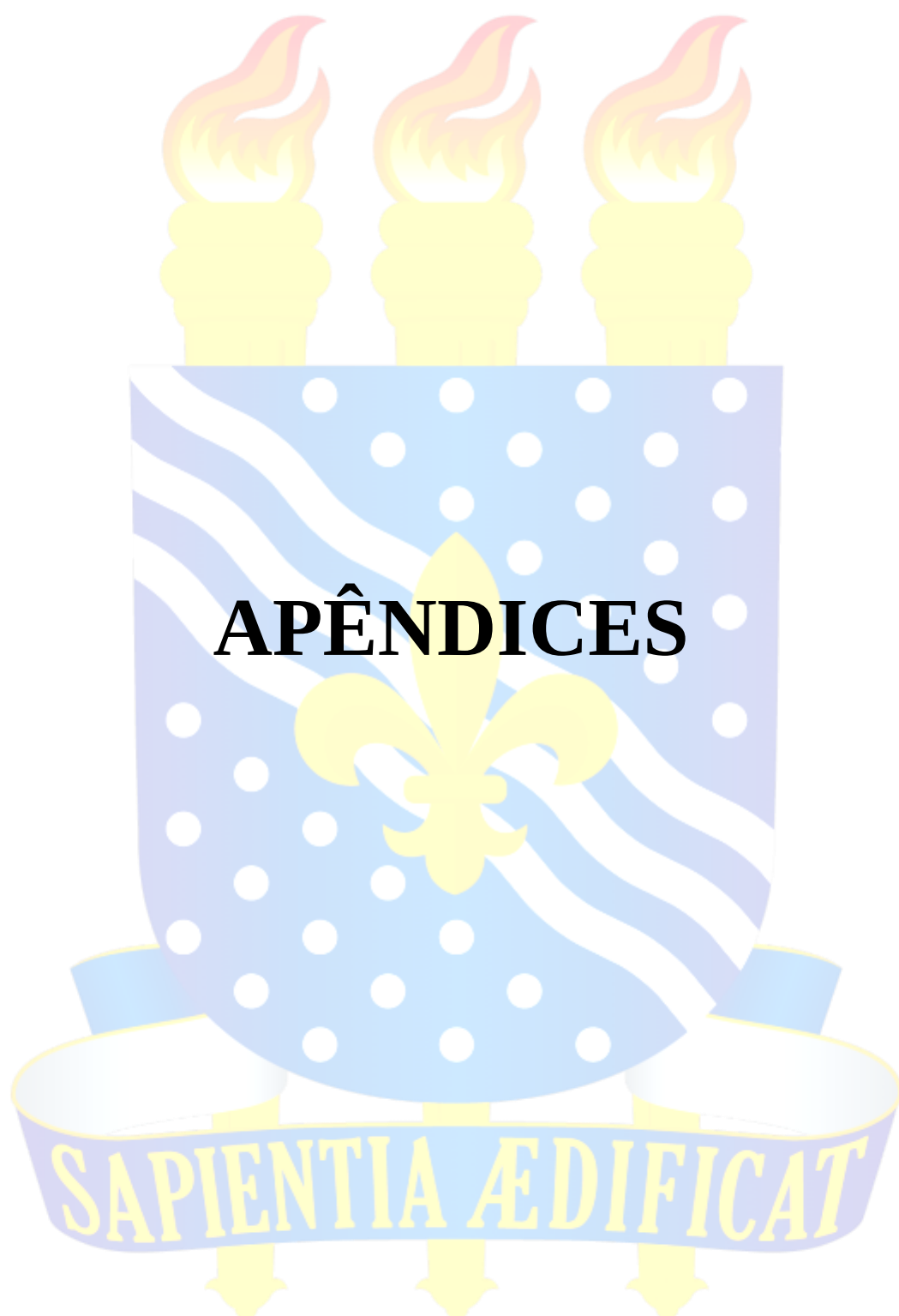
TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e Adaptação de Rodolfo Ilari. Revisão Técnica de Ingedore Villaça Koch e Thaís Cristófaros Silva. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 368 p.

TRAXLER, Matthew; GERNSBACHER, Morton Ann (Ed.). **Handbook of psycholinguistics**. 2nd ed. Amsterdam: Academic Press, 2006. 1184 p.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 336 p.

☞ REFERÊNCIA CONCERNENTE À OBRA LITERÁRIA PARAIBANA CITADA NA EPÍGRAFE A TÍTULO DE HOMENAGEM

SILVEIRA, Fernando. **O chamado da terra: tragédia de uma família sertaneja**. João Pessoa: O Norte, 1975. 671 p.



**APÊNDICE A – FRASES EXPERIMENTAIS UTILIZADAS NO DELINEAMENTO
DO EXPERIMENTO DO MESTRADO SOBRE CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA
AS QUAIS FORAM DIVIDIDAS EM DUAS CLASSES DE SENTENÇAS**

O Experimento é composto por 30 frases experimentais, divididas em dois pacotes ou classes de 15 frases cada em que, em um deles, as frases são construídas por locuções conjuntivas adverbiais causais (já que, uma vez que, visto que) e, na outra, por conjunções ou locuções conjuntivas adverbiais concessivas (embora, ainda que, mesmo que) de maneira tal que cada uma das frases, períodos ou sentenças, se desdobra ou é projetada ao redor de 05 sentenças, 04 das quais organizadas em um design fatorial 2X2, detendo os fatores Constraint ou Restrição (Princípio C vs. No-constraint/Não-restrição) e Congruência de Gênero (Congruência vs. Incongruência entre o pronome catafórico e o sujeito da segunda frase). Além disso, é adicionada uma quinta condição em cada conjunto de estímulos, a condição controle de nome em que há uma correferência anafórica. As condições são dispostas em torno de 30 conjuntos de frases experimentais distribuídos ao longo de 05 listas por meio do delineamento de Quadrado Latino. Cada classe tem os pronomes e nomes balanceados quanto ao gênero masculino e feminino de sorte que, quando há 05 pronomes pessoais femininos ‘ela’ e 10 masculinos ‘ele’ em uma classe, existem 10 pronomes ‘ela’ e 05 pronomes ‘ele’ na outra. Por fim, os conjuntos são combinados e intercalados com 90 conjuntos de sentenças distratoras. Ao final de cada sentença, há uma pergunta-sonda para condicionar os participantes a prestarem atenção à leitura dos estímulos frasais com vistas a garantir que eles leiam e interpretem as frases experimentais sem que realizem a tarefa de modo automático. Eis as cinco condições presentes em cada conjunto de sentença experimental:

Condição a: Principle C, Gender-Match

Condição b: Principle C, Gender-Mismatch

Condição c: No-constraint, Gender-Match

Condição d: No-constraint, Gender-Mismatch

Condição e: Name Control¹¹⁶

¹¹⁶ Significados e respectivas traduções em língua portuguesa: *Gender-Match* = Congruência de gênero; *Gender-Mismatch* = Incongruência de gênero; *No-constraint* = Sem Restrição; *Name Control* = Controle de nome por anáfora.

• **Primeira Classe de Sentenças (Causais = já que, uma vez que, visto que)**

✚ **1a. (PrinC/Match) Visto que** \ tempos atrás \ ela¹¹⁷ \ estava estudando \ para a seleção \ enquanto \ Carmen¹¹⁸ \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Carla_i \ se sentia \ constrangida \ por não contribuir \ também \ com as despesas. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Carmen estava estudando para a seleção? Não

1b. (PrinC/Mismatch) Visto que \ tempos atrás \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ enquanto \ Paulo \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Carla_i \ se sentia \ constrangida \ por não contribuir \ também \ com as despesas. **(15 segmentos)**

Paulo estava estudando para a seleção? Não

1c. (No-Const/Match) Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ Carmen_i \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Paulo \ quase \ não a via \ para namorar \ por ela \ viver \ muito ocupada. **(16 segmentos)**

Carmen estava estudando para a seleção? Sim

1d. (No-Const/Mismatch) Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ Paulo \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Carla_i \ prontificou-se \ a vê-lo \ para namorar \ nas horas vagas \ disponíveis \ para os dois. **(16 segmentos)**

Paulo estava estudando para a seleção? Não

1e. (Name Control) Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ Carla_i \ estava estudando \ para a seleção \ Paulo \ trabalhava \ o dia inteiro, \ ela_i \ prontificou-se \ a vê-lo \ para namorar \ nas horas vagas \ disponíveis \ para os dois. **(16 segmentos)**

Paulo estava estudando para a seleção? Não

Segmento Crítico: 7º

✚ **2a. (PrinC/Match) Visto que** \ antigamente \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ enquanto \ Selma \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Julia \ acabava \ se preocupando \ com as noites não dormidas \ da amiga estudando. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Selma trabalhava como vigia a noite toda? Não

2b. (PrinC/Mismatch) Visto que \ antigamente \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ enquanto \ Sergio \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Julia \ acabava \ se preocupando \ com as noites não dormidas \ do amigo estudando. **(15 segmentos)**

Sergio trabalhava como vigia a noite toda? Não

¹¹⁷ Os índices expressam quais são os reais correferentes postulados sentencialmente de modo a representar a correferência correta que deve ser feita entre o pronome catafórico e seu respectivo poscedente.

¹¹⁸ O primeiro DP da segunda cláusula referente ao 2º sujeito da sentença adverbial que está aqui sublinhado corresponde ao *segmento crítico*: local em que é avaliada a interferência ou não da restrição sintática ou estrutural denominada de Princípio C e da congruência morfológica intitulada de *traços-phi* (φ) de gênero sobre o estabelecimento da correferência.

2c. (No-Const/Match) Visto que \ antigamente \ enquanto \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ Selma \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Sergio \ desejava \ que ela deixasse \ de trabalhar \ para somente estudar. **(16 segmentos)**

Selma trabalhava como vigia a noite toda? Sim

2d. (No-Const/Mismatch) Visto que \ antigamente \ enquanto \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ Sergio \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Julia \ se planejava \ para deixar o emprego \ e seguir \ os passos do amigo. **(16 segmentos)**

Sergio trabalhava como vigia a noite toda? Não

2e. (Name Control) Visto que \ antigamente \ enquanto \ Julia \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ Sergio \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ ela \ se planejava \ para deixar o emprego \ e seguir \ os passos do amigo. **(16 segmentos)**

Sergio trabalhava como vigia a noite toda? Não

Segmento Crítico: 8º

 **3a. (PrinC/Match) Visto que** \ outrora \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ enquanto \ Susi \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Laura \ se compadecia \ da vida dura \ que a colega era obrigada a levar. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Susi recebia mesada todo mês da família? Não

3b. (PrinC/Mismatch) Visto que \ outrora \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ enquanto \ Pedro \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Laura \ se compadecia \ da vida dura \ que o colega era obrigado a levar. **(15 segmentos)**

Pedro recebia mesada todo mês da família? Não

3c. (No-Const/Match) Visto que \ outrora \ enquanto \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ Susi \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Pedro \ se orgulhava \ do esforço \ e determinação \ da amiga. **(16 segmentos)**

Susi recebia mesada todo mês da família? Sim

3d. (No-Const/Mismatch) Visto que \ outrora \ enquanto \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ Pedro \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Laura \ gostaria \ que seu colega \ tivesse \ a mesma regalia. **(16 segmentos)**

Pedro recebia mesada todo mês da família? Não

3e. (Name Control) Visto que \ outrora \ enquanto \ Laura \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ Pedro \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ ela \ gostaria \ que seu colega \ tivesse \ a mesma regalia. **(16 segmentos)**

Pedro recebia mesada todo mês da família? Não

Segmento Crítico: 8º

 **4a. (PrinC/Match) Já que** \ em outros tempos \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ enquanto \ Glaucé \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Livia \ se sentia \ mal e desconcertada \ por ainda estar numa situação mais confortável \ do que a da companheira. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Glaucé costumava ir para a repartição de carro? Não

4b. (PrinC/Mismatch) Já que \ em outros tempos \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ enquanto \ Julio \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Lívia \ se sentia \ mal e desconcertada \ por ainda estar numa situação mais confortável \ do que a do companheiro. **(15 segmentos)**

Julio costumava ir para a repartição de carro? Não

4c. (No-Const/Match) Já que \ em outros tempos \ enquanto \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ Glauce \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Julio \ se dispôs \ a dar \ mais dinheiro a ela \ para ajudá-la \ com o combustível. **(16 segmentos)**

Glauce costumava ir para a repartição de carro? Sim

4d. (No-Const/Mismatch) Já que \ em outros tempos \ enquanto \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ Julio \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Lívia \ se propôs \ a dividir \ o transporte \ com o companheiro \ na hora de ir trabalhar. **(16 segmentos)**

Julio costumava ir para a repartição de carro? Não

4e. (Name Control) Já que \ em outros tempos \ enquanto \ Lívia \ costumava ir \ para a repartição de carro \ Julio \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ ela \ se propôs \ a dividir \ o transporte \ com o companheiro \ na hora de ir trabalhar. **(16 segmentos)**

Julio costumava ir para a repartição de carro? Não

Segmento Crítico: 7º

 **5a. (PrinC/Match) Já que** \ ultimamente \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ enquanto \ Neide \ agora \ começou \ a ficar doente de dengue, \ Maura \ agradecia \ por ainda permanecer saudável \ e rogava a Deus \ pela saúde da sua familiar doente. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Neide vivia plenamente saudável? Não

5b. (PrinC/Mismatch) Já que \ ultimamente \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ enquanto \ Tulio \ agora \ começou \ a ficar doente de dengue, \ Maura \ agradecia \ por ainda permanecer saudável \ e rogava a Deus \ pela saúde do seu familiar doente. **(15 segmentos)**

Tulio vivia plenamente saudável? Não

5c. (No-Const/Match) Já que \ ultimamente \ enquanto \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ Neide \ agora \ começou \ a ficar doente de dengue, \ Tulio \ se organizou melhor \ para estar sempre presente \ e poder cuidar \ com mais zelo \ da sua familiar doente. **(16 segmentos)**

Neide vivia plenamente saudável? Sim

5d. (No-Const/Mismatch) Já que \ ultimamente \ enquanto \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ Tulio \ agora \ começou \ a ficar doente de dengue, \ Maura \ mudou \ toda sua rotina \ para poder tomar conta \ com maiores cuidados \ do seu familiar doente. **(16 segmentos)**

Tulio vivia plenamente saudável? Não

5e. (Name Control) Já que \ ultimamente \ enquanto \ Maura \ vivia \ plenamente saudável \ Tulio \ agora \ começou \ a ficar doente de dengue, \ ela \ mudou \ toda sua rotina \ para poder tomar conta \ com maiores cuidados \ do seu familiar doente. **(16 segmentos)**

Tulio vivia plenamente saudável? Não

Segmento Crítico: 7º

✚ **6a. (PrinC/Match) Já que** \ há algum tempo \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ enquanto \ Rita \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Ana \ estava \ sempre de olho \ na gestão e controle \ de suas propriedades. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Rita possuía muitos bens registrados em seu nome? Não

6b. (PrinC/Mismatch) Já que \ há algum tempo \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ enquanto \ Tomé \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Ana \ estava \ sempre de olho \ na gestão e controle \ de suas propriedades. **(15 segmentos)**

Tomé possuía muitos bens registrados em seu nome? Não

6c. (No-Const/Match) Já que \ há algum tempo \ enquanto \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ Rita \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Tomé \ permanecia \ sempre junto \ à sua esposa \ e atento à gestão \ de todas as propriedades. **(16 segmentos)**

Rita possuía muitos bens registrados em seu nome? Sim

6d. (No-Const/Mismatch) Já que \ há algum tempo \ enquanto \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ Tomé \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Ana \ procurava \ permanecer \ sempre ao lado do marido \ ajudando-o \ na administração das propriedades. **(16 segmentos)**

Tomé possuía muitos bens registrados em seu nome? Não

6e. (Name Control) Já que \ há algum tempo \ enquanto \ Ana \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ Tomé \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ ela \ procurava \ permanecer \ sempre ao lado do marido \ ajudando-o \ na administração das propriedades. **(16 segmentos)**

Tomé possuía muitos bens registrados em seu nome? Não

Segmento Crítico: 8º

✚ **7a. (PrinC/Match) Uma vez que** \ há pouco tempo \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ enquanto \ Lana \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ Clara \ intensificou \ sua preparação \ para passar logo \ em algum certame \ e ser chamada para trabalhar. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Lana estava se preparando para as provas do concurso? Não

7b. (PrinC/Mismatch) Uma vez que \ há pouco tempo \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ enquanto \ João \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ Clara \ intensificou \ sua preparação \ para passar logo \ em algum certame \ e ser chamada para trabalhar. **(15 segmentos)**

João estava se preparando para as provas do concurso? Não

7c. (No-Const/Match) Uma vez que \ há pouco tempo \ enquanto \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ Lana \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ João \ se dispôs \ a sustentar \ a casa sozinho \ para sua esposa \ poder se dedicar \ apenas aos estudos. **(16 segmentos)**

Lana estava se preparando para as provas do concurso? Sim

7d. (No-Const/Mismatch) Uma vez que \ há pouco tempo \ enquanto \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ João \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ Clara \ desejava \ passar logo \ em algum certame \ para ajudar \ seu marido \ nas despesas domiciliares. **(16 segmentos)**

João estava se preparando para as provas do concurso? Não

7e. (Name Control) Uma vez que \ há pouco tempo \ enquanto \ Clara \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ João \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ ela \ desejava \ passar logo \ em algum certame \ para ajudar \ seu marido \ nas despesas domiciliares.

(16 segmentos)

João estava se preparando para as provas do concurso? Não

Segmento Crítico: 7º

 **8a. (PrinC/Match) Uma vez que** \ recentemente \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ enquanto \ Laila \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Carol \ se dedicava \ ao máximo no trabalho \ para atender aos mais necessitados. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Laila contabilizava os mantimentos para a campanha? Não

8b. (PrinC/Mismatch) Uma vez que \ recentemente \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ enquanto \ Simão \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Carol \ se dedicava \ ao máximo no trabalho \ para atender aos mais necessitados. **(15 segmentos)**

Simão contabilizava os mantimentos para a campanha? Não

8c. (No-Const/Match) Uma vez que \ recentemente \ enquanto \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ Laila \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Simão \ sentia \ orgulho \ do árduo trabalho \ desempenhado pela sua colega. **(16 segmentos)**

Laila contabilizava os mantimentos para a campanha? Sim

8d. (No-Const/Mismatch) Uma vez que \ recentemente \ enquanto \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ Simão \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Carol \ buscava \ racionalizar \ a distribuição dos alimentos \ para atender a todos. **(16 segmentos)**

Simão contabilizava os mantimentos para a campanha? Não

8e. (Name Control) Uma vez que \ recentemente \ enquanto \ Carol \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ Simão \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ ela \ buscava \ racionalizar \ a distribuição dos alimentos \ para atender a todos. **(16 segmentos)**

Simão contabilizava os mantimentos para a campanha? Não

Segmento Crítico: 8º

 **9a. (PrinC/Match) Uma vez que** \ há um bom tempo \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ enquanto \ Zita \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ Joyce \ manteve \ o andamento do processo em segredo \ até a decisão final dos jurados. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Zita presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não

9b. (PrinC/Mismatch) Uma vez que \ há um bom tempo \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ enquanto \ André \ tinha de considerar \ a decisão unânime \

deliberada pelo júri, \ Joyce \ manteve \ o andamento do processo em segredo \ até a decisão final dos jurados. (15 segmentos)

André presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não

9c. (No-Const/Match) Uma vez que \ há um bom tempo \ enquanto \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ Zita \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ André \ sustentou \ sua arguição como pôde \ para convencer os jurados \ da culpa do réu. (16 segmentos)

Zita presidia o julgamento do acusado de homicídio? Sim

9d. (No-Const/Mismatch) Uma vez que \ há um bom tempo \ enquanto \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ André \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ Joyce \ buscou orientar \ muito bem os jurados \ quanto ao crime \ julgado em seu tribunal. (16 segmentos)

André presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não

9e. (Name Control) Uma vez que \ há um bom tempo \ enquanto \ Joyce \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ André \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ ela \ buscou orientar \ muito bem os jurados \ quanto ao crime \ julgado em seu tribunal. (16 segmentos)

André presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não

Segmento Crítico: 8º

 **10a. (PrinC/Match) Uma vez que** \ desde o início \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ enquanto \ Nilza \ devia \ como delegada \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Zélia \ almejava \ resolver o caso de forma limpa \ e respaldada em uma investigação cuidadosa e séria. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Nilza desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não

10b. (PrinC/Mismatch) Uma vez que \ desde o início \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ enquanto \ Alex \ devia \ como delegado \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Zélia \ almejava \ resolver o caso de forma limpa \ e respaldada em uma investigação cuidadosa e séria. (15 segmentos)

Alex desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não

10c. (No-Const/Match) Uma vez que \ desde o início \ enquanto \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ Nilza \ devia \ como delegada \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Alex \ auxiliava \ a chefe \ na elaboração das perguntas \ durante os interrogatórios. (16 segmentos)

Nilza desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Sim

10d. (No-Const/Mismatch) Uma vez que \ desde o início \ enquanto \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ Alex \ devia \ como delegado \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Zélia \ acreditava \ poder solucionar o caso \ colocado em suas mãos \ de modo mais rápido e eficaz. (16 segmentos)

Alex desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não

10e. (Name Control) Uma vez que \ desde o início \ enquanto \ Zélia \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ Alex \ devia \ como delegado \ tomar o depoimento das testemunhas, \

ela \ acreditava \ poder solucionar o caso \ colocado em suas mãos \ de modo mais rápido e eficaz. (16 segmentos)

Alex desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não

Segmento Crítico: 8º

✚ **11a. (PrinC/Match) Visto que** \ nos últimos tempos \ **ele** \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ enquanto \ Adão \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Pepe \ cuidava \ em economizar os recursos \ para manter a produtividade na empresa. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Adão era obrigado a cortar gastos na agência? Não

11b. (PrinC/Mismatch) Visto que \ nos últimos tempos \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ enquanto \ Maria \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Pepe \ cuidava \ em economizar os recursos \ para manter a produtividade na empresa. (15 segmentos)

Maria era obrigada a cortar gastos na agência? Não

11c. (No-Const/Match) Visto que \ nos últimos tempos \ enquanto \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ Adão \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Maria \ acabava \ se aborrecendo \ com as medidas econômicas de austeridade \ que prejudicavam os empregados. (16 segmentos)

Adão era obrigado a cortar gastos na agência? Sim

11d. (No-Const/Mismatch) Visto que \ nos últimos tempos \ enquanto \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ Maria \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Pepe \ se empenhava \ em otimizar os recursos \ restantes após os cortes \ para equilibrar a empresa. (16 segmentos)

Maria era obrigada a cortar gastos na agência? Não

11e. (Name Control) Visto que \ nos últimos tempos \ enquanto \ Pepe \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ Maria \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ ele \ se empenhava \ em otimizar os recursos \ restantes após os cortes \ para equilibrar a empresa. (16 segmentos)

Maria era obrigada a cortar gastos na agência? Não

Segmento Crítico: 8º

✚ **12a. (PrinC/Match) Visto que** \ nas últimas semanas \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ enquanto \ Vando \ paquerava \ as mulheres \ que passavam pedalando, \ Zeca \ se encabulava \ com os olhares descarados \ do parceiro desejando as garotas. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Vando caminhava diariamente pelo parque? Não

12b. (PrinC/Mismatch) Visto que \ nas últimas semanas \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ enquanto \ Ívia \ paquerava \ os homens \ que passavam pedalando, \ Zeca \ se encabulava \ com os olhares descarados \ da parceira desejando os garotos. (15 segmentos)

Ívia caminhava diariamente pelo parque? Não

12c. (No-Const/Match) Visto que \ nas últimas semanas \ enquanto \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ Vando \ paquerava \ as mulheres \ que passavam pedalando, \ Ívia \ se chateava \ com os olhares dele \ e se sentia constrangida \ com o descaramento do parceiro. (16 segmentos)

Vando caminhava diariamente pelo parque? Sim

12d. (No-Const/Mismatch) Visto que \ nas últimas semanas \ enquanto \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ Ívia \ paquerava \ os homens \ que passavam pedalando, \ Zeca \ se aborrecia \ e ficava com ciúmes \ da sua parceira \ dando em cima dos rapazes. (16 segmentos)

Ívia caminhava diariamente pelo parque? Não

12e. (Name Control) Visto que \ nas últimas semanas \ enquanto \ Zeca \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ Ívia \ paquerava \ os homens \ que passavam pedalando, \ ele \ se aborrecia \ e ficava com ciúmes \ da sua parceira \ dando em cima dos rapazes. (16 segmentos)

Ívia caminhava diariamente pelo parque? Não

Segmento Crítico: 8º

 **13a. (PrinC/Match) Já que** \ desde sempre \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Jaime \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Marco \ cogitava em morar \ novamente no campo \ e levar uma vida mais saudável \ e menos estressante. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Jaime amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá no campo? Não

13b. (PrinC/Mismatch) Já que \ desde sempre \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Teca \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Marco \ cogitava em morar \ novamente no campo \ e levar uma vida mais saudável \ e menos estressante. (15 segmentos)

Teca amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá? Não

13c. (No-Const/Match) Já que \ desde sempre \ enquanto \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ Jaime \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Teca \ pensava em comprar \ uma fazenda \ para voltar a passar \ os finais de semana \ no campo. (16 segmentos)

Jaime amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá no campo? Sim

13d. (No-Const/Mismatch) Já que \ desde sempre \ enquanto \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ Teca \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Marco \ sonhava em transferir \ seu emprego \ para uma pequena cidade \ próxima aos ares do campo \ que tanto faz bem. (16 segmentos)

Teca amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá? Não

13e. (Name Control) Já que \ desde sempre \ enquanto \ Marco \ amava viver \ em meio ao campo \ Teca \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ ele \ sonhava em transferir \ seu emprego \ para uma pequena cidade \ próxima aos ares do campo \ que tanto faz bem. (16 segmentos)

Teca amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá? Não

Segmento Crítico: 7º

- ✚ **14a. (PrinC/Match) Já que** \ há bastante tempo \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ enquanto \ Wilson \ é um atuante missionário \ junto aos movimentos paroquiais, \ Lucas \ se satisfaz \ com os benefícios \ gerados por seu trabalho \ entre os fiéis dentro da comunidade. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Wilson é um religioso adepto de participar das festas da igreja? Não

- 14b. (PrinC/Mismatch) Já que** \ há bastante tempo \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ enquanto \ Deta \ é uma atuante missionária \ junto aos movimentos paroquiais, \ Lucas \ se satisfaz \ com os benefícios \ gerados por seu trabalho \ entre os fiéis dentro da comunidade. (15 segmentos)

Deta é uma religiosa adepta de participar das festas da igreja? Não

- 14c. (No-Const/Match) Já que** \ há bastante tempo \ enquanto \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ Wilson \ é um atuante missionário \ junto aos movimentos paroquiais, \ Deta \ demonstra admirar \ cada vez mais intensamente \ a fé \ e o compromisso \ assumido pelo colega. (16 segmentos)

Wilson é um religioso adepto de participar das festas da igreja? Sim

- 14d. (No-Const/Mismatch) Já que** \ há bastante tempo \ enquanto \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ Deta \ é uma atuante missionária \ junto aos movimentos paroquiais, \ Lucas \ parece estar \ se apaixonando \ pela parceira \ e querendo \ pedi-la em namoro. (16 segmentos)

Deta é uma religiosa adepta de participar das festas da igreja? Não

- 14e. (Name Control) Já que** \ há bastante tempo \ enquanto \ Lucas \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ Deta \ é uma atuante missionária \ junto aos movimentos paroquiais, \ ele \ parece estar \ se apaixonando \ pela parceira \ e querendo \ pedi-la em namoro. (16 segmentos)

Deta é uma religiosa adepta de participar das festas da igreja? Não

Segmento Crítico: 8º

- ✚ **15a. (PrinC/Match) Uma vez que** \ nos derradeiros meses \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ enquanto \ Nando \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Tadeu \ está pensando \ em convidar o amigo para passar \ um final de semana no exterior. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Nando tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não

- 15b. (PrinC/Mismatch) Uma vez que** \ nos derradeiros meses \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ enquanto \ Liu \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Tadeu \ está pensando \ em convidar o amigo para passar \ um final de semana no exterior. (15 segmentos)

Liu tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não

- 15c. (No-Const/Match) Uma vez que** \ nos derradeiros meses \ enquanto \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ Nando \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Liu \ está planejando \ viajar \ para a praia \ ao entrarem de férias. (16 segmentos)

Nando tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Sim

15d. (No-Const/Mismatch) Uma vez que \ nos derradeiros meses \ enquanto \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ Liu \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Tadeu \ vem planejando \ passar \ a lua de mel em um resort \ numa praia ainda não conhecida. (16 segmentos)

Liu tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não

15e. (Name Control) Uma vez que \ nos derradeiros meses \ enquanto \ Tadeu \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ Liu \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ ele \ vem planejando \ passar \ a lua de mel em um resort \ numa praia ainda não conhecida. (16 segmentos)

Liu tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não

Segmento Crítico: 8º

• **Segunda Classe de Sentenças (Concessivas = embora, ainda que, mesmo que)**

 **1a. (PrinC/Match)** Embora \ todo fim de semana \ ela_i¹¹⁹ \ caminhasse \ pela calçadinha da orla \ enquanto \ Sara \ contemplava \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ focava \ mais nos seus exercícios físicos \ e acabava não percebendo \ a beleza natural ao seu redor. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

1b. (PrinC/Mismatch) Embora \ todo fim de semana \ ela_i \ caminhasse \ pela calçadinha da orla \ enquanto \ Bruno \ contemplava \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ focava \ mais nos seus exercícios físicos \ e acabava não percebendo \ a beleza natural ao seu redor. (15 segmentos)

Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

1c. (No-Const/Match) Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ ela_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Sara_i \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ Bruno \ teimava \ em não acompanhar \ a mulher nos exercícios físicos \ e nas caminhadas diárias \ rente ao mar. (16 segmentos)

Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Sim

1d. (No-Const/Mismatch) Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ ela_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Bruno \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ não se dava conta \ da beleza natural \ ao seu redor \ ao se concentrar inteiramente \ no seu exercício físico. (16 segmentos)

Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

1e. (Name Control) Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ Laís_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Bruno \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ ela_i \ não se dava

¹¹⁹ Os dois primeiros pronomes pessoais ‘ela’, presentes na 1ª e também nesta 2ª classe de sentenças, a aparecerem tachados na primeira condição de cada uma das duas classes retratadas nesta lista de itens experimentais correspondem ao pronome catafórico ou catáfora a estabelecer a busca ativa por um potencial poscedente.

conta \ da beleza natural \ ao seu redor \ ao se concentrar inteiramente \ no seu exercício físico. (16 segmentos)

Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não

Segmento Crítico: 7º

 **2a. (PrinC/Match) Embora** \ nos primeiros dias de aula \ ela \ tivesse \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ enquanto \ Lane \ conversava \ as novidades com a turma, \ Paty \ dessa vez \ acabou saindo para se enturmar \ com as meninas na cantina. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Lane costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não

2b. (PrinC/Mismatch) Embora \ nos primeiros dias de aula \ ela \ tivesse \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ enquanto \ Saulo \ conversava \ as novidades com a turma, \ Paty \ dessa vez \ acabou saindo para se enturmar \ com as meninas na cantina. (15 segmentos)

Saulo costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não

2c. (No-Const/Match) Embora \ nos primeiros dias de aula \ enquanto \ ela \ tinha \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ Lane \ conversasse \ as novidades com a turma, \ Saulo \ decidiu \ permanecer por perto \ para tentar se aproximar \ da bela menina. (16 segmentos)

Lane costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Sim

2d. (No-Const/Mismatch) Embora \ nos primeiros dias de aula \ enquanto \ ela \ tinha \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ Saulo \ conversasse \ as novidades com a turma, \ Paty \ resolveu \ ir para o pátio \ se entrosar e conversar \ com o pessoal das outras séries. (16 segmentos)

Saulo costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não

2e. (Name Control) Embora \ nos primeiros dias de aula \ enquanto \ Paty \ tinha \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ Saulo \ conversasse \ as novidades com a turma, \ ela \ resolveu \ ir para o pátio \ se entrosar e conversar \ com o pessoal das outras séries. (16 segmentos)

Saulo costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não

Segmento Crítico: 9º

 **3a. (PrinC/Match) Ainda que** \ ao longo do inverno \ ela \ insistia \ em sair de casa desagasalhada \ enquanto \ Bia \ sempre \ acaba ficando \ resfriada ao sair, \ Rita \ raramente \ pega uma gripe ou fica doente \ mesmo sem tomar as devidas precauções \ quanto a sua saúde. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Bia insiste em sair de casa desagasalhada? Não

3b. (PrinC/Mismatch) Ainda que \ ao longo do inverno \ ela \ insistia \ em sair de casa desagasalhada \ enquanto \ Pompeu \ sempre \ acaba ficando \ resfriado ao sair, \ Rita \ raramente \ pega uma gripe ou fica doente \ mesmo sem tomar as devidas precauções \ quanto a sua saúde. (15 segmentos)

Pompeu insiste em sair de casa desagasalhado? Não

3c. (No-Const/Match) Ainda que \ ao longo do inverno \ enquanto \ ela \ insiste \ em sair de casa desagasalhada \ Bia \ sempre \ acaba ficando \ resfriada ao sair, \ Pompeu \ dificilmente \ fica doente \ ao acompanhar sua irmã nessas saídas \ estando também desagasalhado \ sob frio intenso. (16 segmentos)

Bia insiste em sair de casa desagasalhada? Sim

3d. (No-Const/Mismatch) Ainda que \ ao longo do inverno \ enquanto \ ela \ insiste \ em sair de casa desagasalhada \ Pompeu \ sempre \ acaba ficando \ resfriado ao sair, \ Rita \ não contrai \ um resfriado sequer \ apesar de seu descuido \ em se agasalhar bem \ na hora de colocar o pé fora de casa. (16 segmentos)

Pompeu insiste em sair de casa desagasalhado? Não

3e. (Name Control) Ainda que \ ao longo do inverno \ enquanto \ Rita \ insiste \ em sair de casa desagasalhada \ Pompeu \ sempre \ acaba ficando \ resfriado ao sair, \ ela \ não contrai \ um resfriado sequer \ apesar de seu descuido \ em se agasalhar bem \ na hora de colocar o pé fora de casa. (16 segmentos)

Pompeu insiste em sair de casa desagasalhado? Não

Segmento Crítico: 7º

 **4a. (PrinC/Match) Ainda que** \ nos dias santos \ ela \ vá \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ enquanto \ Cida \ faz-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Luana \ não se esquece \ de que a festa mais importante para os cristãos \ consiste em participar da santa eucaristia. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Cida vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não

4b. (PrinC/Mismatch) Ainda que \ nos dias santos \ ela \ vá \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ enquanto \ Pino \ faz-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Luana \ não se esquece \ de que a festa mais importante para os cristãos \ consiste em participar da santa eucaristia. (15 segmentos)

Pino vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não

4c. (No-Const/Match) Ainda que \ nos dias santos \ enquanto \ ela \ vai \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ Cida \ faça-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Pino \ reluta \ em acompanhar sua mãe \ na comemoração \ de muitas dessas festividades religiosas. (16 segmentos)

Cida vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Sim

4d. (No-Const/Mismatch) Ainda que \ nos dias santos \ enquanto \ ela \ vai \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ Pino \ faça-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Luana \ sabe \ que comungar do sangue e corpo de Cristo \ através da santa eucaristia \ corresponde à verdadeira festa cristã. (16 segmentos)

Pino vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não

4e. (Name Control) Ainda que \ nos dias santos \ enquanto \ Luana \ vai \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ Pino \ faça-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ ela \ sabe \ que comungar do sangue e corpo de Cristo \ através da santa eucaristia \ corresponde à verdadeira festa cristã. (16 segmentos)

Pino vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não

Segmento Crítico: 8º

- ✚ **5a. (PrinC/Match) Mesmo que** \ durante a alta temporada \ ela \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ enquanto \ Vanda \ gasta \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Bete \ procura compensar \ os altos gastos \ pegando excelentes promoções na passagem \ e o câmbio em baixa. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Vanda viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não

- 5b. (PrinC/Mismatch) Mesmo que** \ durante a alta temporada \ ela \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ enquanto \ Plínio \ gasta \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Bete \ procura compensar \ os altos gastos \ pegando excelentes promoções na passagem \ e o câmbio em baixa. (15 segmentos)

Plínio viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não

- 5c. (No-Const/Match) Mesmo que** \ durante a alta temporada \ enquanto \ ela \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ Vanda \ gaste \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Plínio \ recomenda \ a sua filha \ procurar \ pacotes mais baratos \ por meio de viagens domésticas. (16 segmentos)

Vanda viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Sim

- 5d. (No-Const/Mismatch) Mesmo que** \ durante a alta temporada \ enquanto \ ela \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ Plínio \ gaste \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Bete \ procura controlar \ os gastos do seu filho \ em moeda estrangeira \ para evitar \ um elevado endividamento pra frente. (16 segmentos)

Plínio viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não

- 5e. (Name Control) Mesmo que** \ durante a alta temporada \ enquanto \ Bete \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ Plínio \ gaste \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ ela \ procura controlar \ os gastos do seu filho \ em moeda estrangeira \ para evitar \ um elevado endividamento pra frente. (16 segmentos)

Plínio viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não

Segmento Crítico: 7º

- ✚ **6a. (PrinC/Match) Embora** \ nos feriados \ **ele** \ passe \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ enquanto \ Carl \ aproveita \ para beber em casa \ até encher a cara, \ Tulio \ mantém-se \ sóbrio ao cumprir com seu trabalho \ e com suas responsabilidades no dia a dia. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Carl nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não

- 6b. (PrinC/Mismatch) Embora** \ nos feriados \ ele \ passe \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ enquanto \ Sueli \ aproveita \ para beber em casa \ até encher a cara, \ Tulio \ mantém-se \ sóbrio ao cumprir com seu trabalho \ e com suas responsabilidades no dia a dia. (15 segmentos)

Sueli nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não

- 6c. (No-Const/Match) Embora** \ nos feriados \ enquanto \ ele \ passa \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ Carl \ aproveite \ para beber \ até encher a cara, \ Sueli \ passa \ todo o dia em casa \ descansando e esperando o esposo \ feito uma besta. (16 segmentos)

Carl nos feriados passa o dia na farra com os amigos pegando as peguetes? Sim

6d. (No-Const/Mismatch) Embora \ nos feriados \ enquanto \ ele \ passa \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ Sueli \ aproveite \ para beber \ até encher a cara, \ Tulio \ lembra bem \ de ter de parar com a pegação \ ao ir trabalhar \ após os dias de folga e lazer. (16 segmentos)

Sueli nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não

6e. (Name Control) Embora \ nos feriados \ enquanto \ Tulio \ passa \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ Sueli \ aproveite \ para beber \ até encher a cara, \ ele \ lembra bem \ de ter de parar com a pegação \ ao ir trabalhar \ após os dias de folga e lazer. (16 segmentos)

Sueli nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não

Segmento Crítico: 8º

 **7a. (PrinC/Match) Embora** \ em meio ao verão \ ele \ trabalhe \ debaixo do sol escaldante da estação \ enquanto \ Elton \ bebe \ muita água \ para se hidratar, \ Judas \ não cuida \ da saúde como deve \ ao beber muito pouco líquido no trabalho \ durante essa época de forte calor. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Elton trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não

7b. (PrinC/Mismatch) Embora \ em meio ao verão \ ele \ trabalhe \ debaixo do sol escaldante da estação \ enquanto \ Marta \ bebe \ muita água \ para se hidratar, \ Judas \ não cuida \ da saúde como deve \ ao beber muito pouco líquido no trabalho \ durante essa época de forte calor. (15 segmentos)

Marta trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não

7c. (No-Const/Match) Embora \ em meio ao verão \ enquanto \ ele \ trabalha \ debaixo do sol escaldante da estação \ Elton \ beba \ muita água \ para se hidratar, \ Marta \ teme \ que seu pai fique doente \ de insolação ou disenteria \ mesmo sem deixar faltar água \ no serviço pra beber. (16 segmentos)

Elton trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Sim

7d. (No-Const/Mismatch) Embora \ em meio ao verão \ enquanto \ ele \ trabalha \ debaixo do sol escaldante da estação \ Marta \ beba \ muita água \ para se hidratar, \ Judas \ não cuida \ da própria saúde \ que nem sua afilhada \ ao se despreocupar em manter-se hidratado \ bebendo muita água. (16 segmentos)

Marta trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não

7e. (Name Control) Embora \ em meio ao verão \ enquanto \ Judas \ trabalha \ debaixo do sol escaldante da estação \ Marta \ beba \ muita água \ para se hidratar, \ ele \ não cuida \ da própria saúde \ que nem sua afilhada \ ao se despreocupar em manter-se hidratado \ bebendo muita água. (16 segmentos)

Marta trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não

Segmento Crítico: 7º

 **8a. (PrinC/Match) Embora** \ nas noites de plantão \ ele \ trabalhasse \ na mesa de cirurgia \ enquanto \ Gilson \ ficava \ sonolento \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Othon \

mostrava-se \ resistente ao cansaço \ e nem ao menos pestanejava \ estando a trabalhar no hospital. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Gilson trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não

8b. (PrinC/Mismatch) Embora \ nas noites de plantão \ ele \ trabalhasse \ na mesa de cirurgia \ enquanto \ Paula \ ficava \ sonolenta \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Othon \ mostrava-se \ resistente ao cansaço \ e nem ao menos pestanejava \ estando a trabalhar no hospital. (15 segmentos)

Paula trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não

8c. (No-Const/Match) Embora \ nas noites de plantão \ enquanto \ ele \ trabalhava \ na mesa de cirurgia \ Gilson \ ficasse \ sonolento \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Paula \ incrivelmente \ não se cansava \ nem tinha sono \ tal como o colega \ do hospital. (16 segmentos)

Gilson trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Sim

8d. (No-Const/Mismatch) Embora \ nas noites de plantão \ enquanto \ ele \ trabalhava \ na mesa de cirurgia \ Paula \ ficasse \ sonolenta \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Othon \ jamais \ sentia sono \ durante as horas \ em que trabalhava no hospital \ talvez por ser duro na queda. (16 segmentos)

Paula trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não

8e. (Name Control) Embora \ nas noites de plantão \ enquanto \ Othon \ trabalhava \ na mesa de cirurgia \ Paula \ ficasse \ sonolenta \ com a desgastante jornada de trabalho, \ ele \ jamais \ sentia sono \ durante as horas \ em que trabalhava no hospital \ talvez por ser duro na queda. (16 segmentos)

Paula trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não

Segmento Crítico: 7º

 **9a. (PrinC/Match) Ainda que** \ à noite \ ele \ dê \ plantão no hospital \ como médico \ enquanto \ Xerxes \ consulta \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Dário \ normalmente \ dispõe-se a ajudar o colega menos experiente \ na administração dos medicamentos. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Xerxes dá plantão no hospital como médico à noite? Não

9b. (PrinC/Mismatch) Ainda que \ à noite \ ele \ dê \ plantão no hospital \ como médico \ enquanto \ Diana \ consulta \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Dário \ normalmente \ dispõe-se a ajudar a colega menos experiente \ na administração dos medicamentos. (15 segmentos)

Diana dá plantão no hospital como médica à noite? Não

9c. (No-Const/Match) Ainda que \ à noite \ enquanto \ ele \ dá \ plantão no hospital \ como médico \ Xerxes \ consulte \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Diana \ é quem medica \ os enfermos consultados \ por seu colega no ambulatório \ com uma injeção de analgésicos. (16 segmentos)

Xerxes dá plantão no hospital como médico à noite? Sim

9d. (No-Const/Mismatch) Ainda que \ à noite \ enquanto \ ele \ dá \ plantão no hospital \ como médico \ Diana \ consulte \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Dário \

geralmente \ predispõe-se a auxiliar \ a colega menos experiente \ na hora de aplicar os medicamentos. (16 segmentos)

Diana dá plantão no hospital como médica à noite? Não

9e. (Name Control) Ainda que \ à noite \ enquanto \ Dário \ dá \ plantão no hospital \ como médico \ Diana \ consulte \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ ele \ geralmente \ predispõe-se a auxiliar \ a colega menos experiente \ na hora de aplicar os medicamentos.

(16 segmentos)

Diana dá plantão no hospital como médica à noite? Não

Segmento Crítico: 8º

 **10a. (PrinC/Match) Ainda que** \ no intervalo do almoço \ ele \ observe \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ enquanto \ Denis \ almoça \ nos restaurantes da rua, \ Tony \ nunca lembra \ de acompanhar o amigo \ para fazerem a refeição juntos \ nos estabelecimentos. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Denis observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não

10b. (PrinC/Mismatch) Ainda que \ no intervalo do almoço \ ele \ observe \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ enquanto \ Sonia \ almoça \ nos restaurantes da rua, \ Tony \ nunca lembra \ de acompanhar a amiga \ para fazerem a refeição juntos \ nos estabelecimentos. (15 segmentos)

Sonia observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não

10c. (No-Const/Match) Ainda que \ no intervalo do almoço \ enquanto \ ele \ observa \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ Denis \ se alimente \ nos restaurantes da rua, \ Sonia \ prefere \ almoçar \ no conforto e tranquilidade \ de sua residência \ junto à família. (16 segmentos)

Denis observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Sim

10d. (No-Const/Mismatch) Ainda que \ no intervalo do almoço \ enquanto \ ele \ observa \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ Sonia \ se alimente \ nos restaurantes da rua, \ Tony \ quase sempre \ não se apetece \ de fazer companhia \ à amiga \ na hora da refeição. (16 segmentos)

Sonia observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não

10e. (Name Control) Ainda que \ no intervalo do almoço \ enquanto \ Tony \ observa \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ Sonia \ se alimente \ nos restaurantes da rua, \ ele \ quase sempre \ não se apetece \ de fazer companhia \ à amiga \ na hora da refeição. (16 segmentos)

Sonia observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não

Segmento Crítico: 8º

 **11a. (PrinC/Match) Ainda que** \ nos dias de folga \ ele \ escolha \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ enquanto \ Jânio \ sai levando \ os familiares

para jantar fora, \ Jader \ desta vez \ permitiu \ que seu sobrinho \ decidisse para onde iriam. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Jânio escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não

11b. (PrinC/Mismatch) Ainda que \ nos dias de folga \ ele \ escolha \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ enquanto \ Giulia \ sai levando \ os familiares para jantar fora, \ Jader \ desta vez \ permitiu \ que sua sobrinha \ decidisse para onde iriam. (15 segmentos)

Giulia escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não

11c. (No-Const/Match) Ainda que \ nos dias de folga \ enquanto \ ele \ escolhe \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ Jânio \ saia levando \ os familiares para jantar fora, \ Giulia \ tem alertado \ o avô \ para comer \ mais em casa \ em prol da contenção de despesas. (16 segmentos)

Jânio escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Sim

11d. (No-Const/Mismatch) Ainda que \ nos dias de folga \ enquanto \ ele \ escolhe \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ Giulia \ saia levando \ os familiares para jantar fora, \ Jader \ achou \ por bem \ deixar sua sobrinha \ desta vez \ resolver tudo referente à saída. (16 segmentos)

Giulia escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não

11e. (Name Control) Ainda que \ nos dias de folga \ enquanto \ Jader \ escolhe \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ Giulia \ saia levando \ os familiares para jantar fora, \ ele \ achou \ por bem \ deixar sua sobrinha \ desta vez \ resolver tudo referente à saída. (16 segmentos)

Giulia escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não

Segmento Crítico: 8º

 **12a. (PrinC/Match) Mesmo que** \ nas datas comemorativas \ ele \ gaste \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ enquanto \ Arão \ reserva \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ José \ comprou \ apenas mimos pra família de dentro de casa \ a fim de conter os gastos neste Natal. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Arão gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não

12b. (PrinC/Mismatch) Mesmo que \ nas datas comemorativas \ ele \ gaste \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ enquanto \ Paola \ reserva \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ José \ comprou \ apenas mimos pra família de dentro de casa \ a fim de conter os gastos neste Natal. (15 segmentos)

Paola gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não

12c. (No-Const/Match) Mesmo que \ nas datas comemorativas \ enquanto \ ele \ gasta \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ Arão \ reserve \ uma parcela dos

seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ Paola \ costuma \ direcionar seu salário \ para comprar presentes \ só para o pessoal de casa. **(16 segmentos)**

Arão gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Sim

12d. (No-Const/Mismatch) Mesmo que \ nas datas comemorativas \ enquanto \ ele \ gasta \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ Paola \ reserve \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ José \ só pode \ comprar mimos neste Natal \ para o povo de casa \ com o dinheiro curto guardado. **(16 segmentos)**

Paola gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não

12e. (Name Control) Mesmo que \ nas datas comemorativas \ enquanto \ José \ gasta \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ Paola \ reserve \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ ele \ só pode \ comprar mimos neste Natal \ para o povo de casa \ com o dinheiro curto guardado. **(16 segmentos)**

Paola gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não

Segmento Crítico: 8º

 **13a. (PrinC/Match) Mesmo que** \ no decorrer das viagens \ ele \ tire \ fotos das paisagens \ enquanto \ Davi \ aprecia \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Sávio \ tem \ mais preferência em filmar \ os lugares por onde passeia \ do que fotografar como seu primo. **(15 segmentos)**

Pergunta-sonda: Davi tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não

13b. (PrinC/Mismatch) Mesmo que \ no decorrer das viagens \ ele \ tire \ fotos das paisagens \ enquanto \ Maira \ aprecia \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Sávio \ tem \ mais preferência em filmar \ os lugares por onde passeia \ do que fotografar como sua prima. **(15 segmentos)**

Maira tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não

13c. (No-Const/Match) Mesmo que \ no decorrer das viagens \ enquanto \ ele \ tira \ fotos das paisagens \ Davi \ aprecie \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Maira \ não tem \ a mesma sensibilidade \ do primo \ em admirar \ as belezas naturais. **(16 segmentos)**

Davi tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Sim

13d. (No-Const/Mismatch) Mesmo que \ no decorrer das viagens \ enquanto \ ele \ tira \ fotos das paisagens \ Maira \ aprecie \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Sávio \ não deixa \ de compartilhar \ com sua prima \ os mágicos instantes \ de contemplação do lindo horizonte. **(16 segmentos)**

Maira tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não

13e. (Name Control) Mesmo que \ no decorrer das viagens \ enquanto \ Sávio \ tira \ fotos das paisagens \ Maira \ aprecie \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ ele \ não deixa \ de compartilhar \ com sua prima \ os mágicos instantes \ de contemplação do lindo horizonte. **(16 segmentos)**

Maira tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não

Segmento Crítico: 7º

✚ **14a. (PrinC/Match) Mesmo que** \ em matéria de adoção \ ele \ despache \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ enquanto \ Ênio \ avalia \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Lucio \ também \ trabalha avaliando cada documento \ antes de despachar. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Ênio em matéria de adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não

14b. (PrinC/Mismatch) Mesmo que \ em matéria de adoção \ ele \ despache \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ enquanto \ Rosa \ avalia \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Lucio \ também \ trabalha avaliando cada documento \ antes de despachar. (15 segmentos)

Rosa em matéria de adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não

14c. (No-Const/Match) Mesmo que \ em matéria de adoção \ enquanto \ ele \ despacha \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ Ênio \ avalie \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Rosa \ tenta estar \ sempre disponível \ para ajudar o amigo \ nas avaliações. (16 segmentos)

Ênio em matéria de adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Sim

14d. (No-Const/Mismatch) Mesmo que \ em matéria de adoção \ enquanto \ ele \ despacha \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ Rosa \ avalie \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Lucio \ não se resume \ a só despachar \ ao dividir a tarefa de avaliação \ com a correligionária. (16 segmentos)

Rosa em matéria de adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não

14e. (Name Control) Mesmo que \ em matéria de adoção \ enquanto \ Lucio \ despacha \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ Rosa \ avalie \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ ele \ não se resume \ a só despachar \ ao dividir a tarefa de avaliação \ com a correligionária. (16 segmentos)

Rosa em matéria de adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não

Segmento Crítico: 8º

✚ **15a. (PrinC/Match) Mesmo que** \ no tangente à rescisão de contrato \ ele \ tenha \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ enquanto \ Ivan \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ Fabio \ sempre \ solicita \ uma revisão extra da análise geral \ a um terceiro especialista. (15 segmentos)

Pergunta-sonda: Ivan no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não

15b. (PrinC/Mismatch) Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ ele \ tenha \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ enquanto \ Vânia \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ Fabio \ sempre \ solicita \ uma revisão extra da análise geral \ a um terceiro especialista. (15 segmentos)

Vânia no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não

15c. (No-Const/Match) Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ enquanto \ ele \ tem \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ Ivan \ se preocupe \ em atestar sua validade jurídica, \ Vânia \ sabe \ da necessidade \ de pedir a um outro colega \ uma revisão extra \ de sua análise. (16 segmentos)

Ivan no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Sim

15d. (No-Const/Mismatch) Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ enquanto \ ele \ tem \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ Vânia \ se preocupe \ em atestar sua validade jurídica, \ Fabio \ entende \ a importância \ de requerer \ uma análise extra \ de um terceiro especialista. **(16 segmentos)**

Vânia no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não

15e. (Name Control) Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ enquanto \ Fabio \ tem \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ Vânia \ se preocupe \ em atestar sua validade jurídica, \ ele \ entende \ a importância \ de requerer \ uma análise extra \ de um terceiro especialista. **(16 segmentos)**

Vânia no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não

Segmento Crítico: 8º

APÊNDICE B – FRASES DISTRATORAS EMPREGADAS NA DELINEAÇÃO DO EXPERIMENTO DA PESQUISA MAESTRAL

As Frases Distratoras que são retratadas a seguir foram divididas em quatro classes, quais sejam, as **Orações Coordenadas**, as **Subordinadas**, as **Reduzidas** e as **Justapostas**. As Subordinadas foram divididas em substantivas e adverbiais à proporção que as Reduzidas foram constituídas de substantivas reduzidas de infinitivo; de adverbiais reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio; e de adjetivas reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, bem como de um exemplo especial de coordenada aditiva reduzida de gerúndio. Há um total de **90 estímulos** desse tipo, havendo *25 orações coordenadas, 25 orações subordinadas, 30 orações reduzidas e 10 orações justapostas*.

ψ Orações Coordenadas

01. **(Oração Coordenada Aditiva)** Os moradores \ da praia \ costumam sair \ toda tarde \ para passear \ na orla da cidade, \ para andar \ com os cachorros \ ou animais domésticos, \ para caminhar, \ correr, \ apreciar a linda vista da natureza \ e para se socializarem \ cada vez mais \ com os seus vizinhos de bairro.
Pergunta-sonda: Os residentes da praia costumam sair de tarde para passear com seus animais de estimação, para se exercitarem e se socializarem com as pessoas? Sim.
02. Os estudantes de graduação \ das mais diversas universidades \ e instituições \ de ensino superior \ **não apenas** \ desejam se graduar \ ou se profissionalizar \ para atuarem \ diretamente no mercado, \ **mas também** \ almejam o sucesso, \ o prestígio \ e o reconhecimento social \ pelo ofício \ que desempenham.
Os Estudantes de graduação almejam o sucesso? Sim.
03. Os idosos \ necessitam \ cada vez mais \ **não apenas** \ de cuidados médicos e físicos, \ **mas ainda** \ precisam também \ de atenção emocional, \ carinho, afeto, gentileza \ e especialmente de amor \ dos familiares, \ entes queridos e amigos \ com os quais convivem \ no seu dia a dia \ em que curtem a aposentadoria.
Os idosos não precisam do amor dos familiares? Não.
04. Os inocentes, \ puros e indefesos \ animais domésticos \ não podem \ ser desprezados \ em nossos lares \ **nem** podem ser abandonados \ cruelmente nas ruas \ de nossas cidades \ como se não fossem \ seres vivos \ ou criaturas de Deus \ **nem** como se não tivessem \ importância \ ou dignidade alguma.
Os animais domésticos podem ser abandonados nas ruas? Não.
05. **(Oração Coordenada Adversativa)** Os estagiários \ sempre \ estão buscando \ novas oportunidades \ de aprendizado \ e crescimento profissional \ dentro de suas áreas \ de formação, \ **mas** não têm \ seus currículos e competências \ inteiramente valorizados \ pelos gestores \ e administradores das empresas, \ instituições \ ou órgãos contratantes.
Os estagiários buscam oportunidades de crescimento profissional? Sim.

06. Os cidadãos \ desde crianças \ devem ser ensinados \ a serem agentes críticos \ e transformadores \ na sociedade, \ **porém** \ é preciso \ se ter o cuidado \ para que as pessoas \ não se tornem intransigentes \ a ponto de contestarem \ a tudo e a todos \ sem jamais \ concordarem com nada.

Os cidadãos devem ser ensinados a serem passivos e não reclamarem os seus direitos na sociedade desde crianças? Não.

07. As plantas, \ árvores e algas \ têm um papel fundamental \ na oxigenação \ do meio ambiente, \ no equilíbrio sustentável da natureza \ e no bem-estar \ de todo o planeta, \ **entretanto** \ as nações, \ empresas e governos \ têm negligenciado isso \ ao desprestigiar o ambiente \ com agressões \ e poluição sistemáticas.

Os governos, as nações e as empresas contribuem para a preservação do meio ambiente? Não.

08. Viajar \ para dentro do país \ ou para o exterior de avião \ e com o objetivo de passear \ pelos lugares \ mais badalados, \ de visitar \ todos os pontos turísticos, \ de se hospedar \ nos melhores hotéis \ e de se alimentar bem \ em bons restaurantes \ é muito bom, \ **no entanto** \ exige muitos gastos.

Viajar dentro ou fora do país é bom e exige poucos gastos? Não.

09. O custo de se morar \ na cidade grande \ ou nas gigantes metrópoles \ é incrivelmente alto \ em comparação ao que se observa \ nas médias e pequenas cidades, \ além da zona rural. \ **Contudo**, \ muitas vezes \ as pessoas \ têm de residir nas capitais \ pelo fato de não haver \ oportunidades de estudo, \ trabalho \ e crescimento nas cidadezinhas.

As pessoas costumam residir nos grandes centros porque têm mais oportunidades de estudo e trabalho do que nas pequenas e médias cidades? Sim.

10. O hábito de andar \ de carro ou moto \ é bem presente na cultura \ das atuais civilizações modernas \ por oferecer conforto, \ rapidez \ e uma alternativa atraente \ para as pessoas \ que não disponibilizam \ de um transporte público \ eficiente e confortável. \ **Todavia**, \ o intenso uso de automóveis \ repercute em \ sérios problemas no trânsito.

As civilizações modernas da atualidade possuem o hábito de andar de carro ou veículo particular por causa da ineficiência do transporte público? Sim.

11. A vida urbana \ que temos \ nas pequenas e grandes cidades \ é atraente, confortável, \ repleta de facilidades \ e de opções diversas \ que nos conferem \ bastante comodidade. \ **Não obstante**, \ viver no campo \ se revela \ ser mais saudável, tranquilo, \ harmonioso e revigorante \ pelo contato direto \ que se tem com a pureza da natureza.

Viver na cidade se revela ser mais tranquilo e saudável do que no campo? Não.

12. **(Oração Coordenada Alternativa)** Todos \ os estudantes \ em processo \ de formação \ e aprendizagem escolar \ estão estudando \ **ou** em escolas públicas \ **ou** em colégios privados \ **ou** em colégios filantrópicos \ **ou então (ainda)** \ em instituições religiosas \ de acordo com \ os preceitos morais \ e com os recursos financeiros \ de cada família. **(ou... ou... ou então)**

Os estudantes estudam em diversos tipos de escolas de acordo com os preceitos morais e recursos financeiros de cada família na sociedade? Sim.

13. Os dignos trabalhadores \ que sustentam \ o desenvolvimento \ de nosso país \ dão o seu suor \ **seja** quando estão dando \ sua contribuição \ na lavoura, \ no comércio \ ou na indústria \

seja quando estão prestando \ serviço de relevância pública \ ou ainda quando \ estão em casa \ cuidando de suas famílias. *(seja... seja)*

Os trabalhadores domésticos e servidores públicos não são considerados profissionais dignos? Não.

14. Os adolescentes e jovens \ normalmente \ são imaturos, \ irresponsáveis, \ levianos \ e afoitos \ **quer** quando lidam \ com os afazeres \ ou responsabilidades \ da vida escolar, \ profissional e social \ **quer** quando estão lidando \ com questões mais pessoais \ da vida pessoal, \ sentimental e amorosa. *(quer... quer)*

Os adolescentes e jovens são naturalmente pessoas responsáveis em sua vida pública e privada? Não.

15. Os ingressos \ para assistir \ às peças teatrais no teatro, \ os filmes do cinema \ expostos em cartaz, \ as competições esportivas \ nos estádios \ e para brincar \ nos parques aquáticos \ ou de diversões \ **ora** estão sobrando \ por estarem caríssimos \ **ora** se esgotam \ rapidamente \ por estarem muito baratos. *(ora... ora)*

Os ingressos para eventos culturais ou espetáculos sempre sobram pelos altos preços cobrados? Não.

16. **(Oração Coordenada Conclusiva)** A meteorologia \ informa \ que o dia de hoje \ será ensolarado, \ o de amanhã parcialmente nublado \ e que o restante da semana \ será chuvoso. \ **Logo**, \ os especialistas aconselham \ que os cidadãos \ que forem sair \ no fim de semana \ se protejam, \ saiam agasalhados \ e com guarda-chuvas.

Os especialistas aconselham os cidadãos a saírem agasalhados e protegidos no fim de semana? Sim.

17. A vitória \ da aprovação no vestibular \ ou em concursos públicos \ reside no fato de a pessoa incorporar \ algumas qualidades, \ virtudes ou princípios \ em sua conduta diária \ e em sua personalidade. \ **Assim**, \ ser estudioso, \ aplicado, \ responsável \ e ter disciplina \ são fatores imprescindíveis \ para o sucesso.

A vitória de ser aprovado no vestibular ou em concursos públicos depende da aplicação, responsabilidade e disciplina nos estudos? Sim.

18. O conteúdo da prova \ que será na próxima semana \ corresponderá \ a todo o assunto \ visto e estudado em sala \ ao longo dos últimos \ dois meses de aula, \ principalmente os tópicos \ que foram \ mais enfatizados pelo professor. \ **Portanto**, \ os alunos da turma \ devem passar \ os próximos dias \ estudando bastante.

Os alunos devem estudar nos próximos dias porque a prova será na próxima semana? Sim.

19. O dia do aniversário \ de uma pessoa \ corresponde \ a uma data importantíssima \ da vida dela \ por simbolizar \ o seu nascimento \ em meio a um período \ durante o qual ganhamos \ presentes, felicitações e parabéns \ por estarmos completando ano. \ **Por isso**, \ nós devemos celebrar \ e agradecer esse singular momento \ de nossas vidas.

Embora o dia do aniversário seja uma data importantíssima nós não devemos celebrar e agradecer essa data? Não.

20. O Natal \ se traduz \ em um dos mais célebres \ e sagrados feriados \ e dias santos religiosos \ através do qual contemplamos \ o nascimento do Filho de Deus, \ o Nosso Senhor Jesus

Cristo, \ prometido Messias \ e Salvador da humanidade. \ **Por essa razão**, \ os cristãos \ de todo o mundo \ guardam com amor e alegria \ esta preciosa data.

Os cristãos guardam com amor e alegria o Natal por ser um dos mais sagrados feriados e dias santos? Sim.

21. Trabalhar durante o dia \ e estudar à noite \ vários anos seguidos \ não é tarefa fácil, \ especialmente \ para os jovens inexperientes \ e que ingressaram recentemente \ no mercado de trabalho. \ **Então** \ é preferível \ que o jovem se dedique \ inteiramente aos estudos, \ caso seja possível, \ para se tornar \ um profissional mais especializado.

Caso seja possível é preferível que o jovem trabalhe e estude ao mesmo tempo? Não.

22. A defesa dos direitos \ e ampliação da proteção à mulher \ têm de constituir \ foco das atenções \ e preocupação constante \ da população e das autoridades \ as quais devem, \ **pois**, \ assegurar \ a equiparação aos homens \ em todos os níveis \ e a sensação nelas \ de que elas estão seguras \ e sendo valorizadas \ em sua condição feminina.

A população e as autoridades não precisam assegurar o direito e a valorização das mulheres? Não.

23. **(Oração Coordenada Explicativa)** Estar em sintonia \ com Deus, \ ter fé, \ viver trabalhando \ o lado espiritual \ e ser uma pessoa religiosa \ de admiráveis princípios \ e obediente aos ensinamentos \ das Escrituras Sagradas \ é extremamente saudável, \ **pois** consiste \ em um poderoso meio \ de cura e libertação do indivíduo, \ propiciador de plena felicidade \ e realização humana.

Ser um indivíduo temente a Deus, espiritualizado, religioso e de fé possibilita a conquista da felicidade e realização do ser humano? Sim.

24. Amem as pessoas, \ as plantas, \ os animais, \ os seres vivos, \ a natureza e todo o universo, \ procurando contemplar \ a preciosidade singular \ de cada criatura \ **porque** cada um de vocês \ sentirá a força \ com que a bondade \ toma conta de seu ser \ e experimentará \ o fluxo de energia revigorante \ trazido por tamanho sentimento.

A pessoa que procura amar os seres vivos de todas as espécies e reinos abre as portas para sentir a bondade fluir dentro de si? Sim.

25. Acelerem o pedido \ de aposentadoria de vocês \ no departamento \ de recursos humanos \ das respectivas instituições \ em que trabalham, \ **que** está para ser votado \ no Congresso \ novas medidas impopulares \ que afetam os aposentados \ ao aumentar \ o tempo de serviço \ e de contribuição \ e a idade mínima \ para se aposentar.

Os funcionários públicos não precisam mais dar entrada na aposentadoria porque as medidas impopulares a serem votadas no Congresso foram suspensas e retiradas de votação? Não

ψ Orações Subordinadas

➤ Orações Subordinadas Substantivas

26. **(Oração Subjetiva)** Convém que \ as dívidas dos agricultores \ e produtores rurais \ sejam perdoadas \ ou pelo menos \ amenizadas este ano \ em que a produção \ foi afetada pela seca, \ oriunda da estiagem \ ou falta de chuvas, \ dentro de um contexto \ em que todos, \ sem exceção, \ amargaram \ sérios prejuízos.

Não convém que as dívidas dos agricultores sejam perdoadas, já que a produção não foi afetada por seca este ano? Não.

27. **(Oração Objetiva Direta)** Todos os sindicalistas \ temem que \ os acordos firmados \ ano passado \ entre o governo, \ as empresas \ e os trabalhadores sindicalizados \ não serão mais cumpridos \ em sua totalidade \ este ano \ devido à crise econômica \ vivenciada pelo país \ que obrigou o Estado \ a impor medidas austeras \ de ajuste fiscal.

Os sindicalistas não temem mais o não cumprimento dos acordos firmados com governo e empresas, visto que a crise econômica já foi superada? Não.

28. **(Oração Objetiva Indireta)** As Forças Armadas \ de Israel \ desconfiavam de que \ os grupos armados \ terroristas islâmicos \ da sua região, \ ali no Oriente Médio, \ haviam se organizado \ e já estavam na iminência \ de atacar com explosivos, \ mísseis e homens-bombas \ prontamente treinados \ a capital Jerusalém \ logo após incendiarem \ Tel Aviv.

As Forças Armadas de Israel já desconfiavam de que os grupos terroristas atacariam Jerusalém depois de investirem contra Tel Aviv? Sim.

29. **(Oração Predicativa)** O verdadeiramente belo \ e precioso da vida \ é que haja amor, \ afeto, \ amizade \ e bons sentimentos \ entre as pessoas \ as quais devem se amar \ e nutrir \ as mais belas emoções \ uns em relação aos outros \ e também perante \ todas as criaturas viventes \ criadas pelo nosso Bom Deus Altíssimo, \ O Pai de Todos.

O mais verdadeiramente precioso e belo da vida é que exista amor e bondosos sentimentos entre as pessoas e os demais seres vivos que foram criados pelo nosso Bom Deus do Céu? Sim.

30. **(Oração Completiva Nominal)** Os refugiados \ do Sul da Ásia \ constantemente sentem \ a insegurança \ de que não serão aceitos \ em outros países estrangeiros \ para os quais se destinam \ fugindo da extrema pobreza \ e perseguição religiosa \ sofrida nas suas terras-natais \ de Bangladesh, \ Myanmar, \ Síria, \ Paquistão \ e/ou Afeganistão.

Os refugiados da Ásia mesmo migrando para países estrangeiros se sentem seguros de serem bem acolhidos pelos nativos? Não.

31. **(Oração Apositiva)** A equipe forense \ da Polícia Científica, \ depois de ter averiguado \ cada pormenor \ ou detalhe \ da investigação criminal, \ aberta pelo delegado \ através de inquérito policial, \ concluiu o seguinte: \ que os principais suspeitos \ do assassinato \ eram realmente culpados \ e que, além de tudo, \ planejaram \ cada etapa do crime.

A equipe forense da Polícia Científica concluiu no inquérito policial que os suspeitos do assassinato não eram de forma alguma culpados do crime? Não.

➤ **Orações Subordinadas Adverbiais**

32. **(Oração Causal)** Os eleitores \ com razão cobram \ uma boa administração pública \ das autoridades \ que elegem \ **porque** são \ cada vez mais conscientes \ tanto do ponto de vista \ político-econômico \ quanto do social e religioso, \ bem como pelo fato de \ saberem da importância \ que o serviço público de qualidade \ tem para o bem-estar \ da sociedade.

Os eleitores sabem da importância que o serviço público de qualidade tem e por esse motivo cobram uma boa administração pública dos políticos que elegem? Sim.

33. A enfermidade da dengue \ tem crescido \ exorbitantemente \ e se alastrado \ por todas as regiões do país \ nos últimos meses, \ **posto que** os criadouros dos mosquitos \ têm se multiplicado \ intensamente \ em razão da desatenção \ da população \ a qual acaba deixando \ que os focos da doença \ apareçam nas não tratadas \ poças de água limpa e parada.
Os casos de dengue têm crescido pelo país por conta da desatenção da população em cuidar da eliminação dos focos do mosquito nas poças de água limpa? Sim.
34. **(Oração Consecutiva)** Tamanha foi \ a alegria da moça \ em ter sido aprovada \ no concorridíssimo \ concurso federal \ prestado para \ a carreira diplomática \ do Instituto Rio Branco \ **que** a comemoração festiva \ com os familiares e amigos \ não pode passar em branco \ e tem de ser \ uma baita festa de arromba \ para fazer jus \ a essa grande conquista dela.
A alegria da moça em ter sido aprovada no concurso da carreira diplomática foi grande e por isso essa conquista merece e tem de ser comemorada através de uma enorme festa? Sim.
35. **Tal** foi \ a decepção da garota \ com o seu namorado na festa \ ao vê-lo beijando outra mulher \ que o mundo dela \ desabou inteiramente \ e ela ficou sem fôlego, \ sem reação \ e sem saber o **que** fazer \ diante dessa atitude infiel do rapaz \ e da humilhação \ que o seu companheiro a fez passar \ a partir do momento \ em que ele despedaçou \ o coração dela.
A decepção da garota ao ver o seu namorado beijando outra mulher foi tanta que o mundo dela desabou e o seu coração ficou despedaçado? Sim.
36. **(Oração Condicional)** O prefeito \ de uma cidade \ ou o governador \ de um estado \ da federação \ pode sair ou se ausentar \ a trabalho ou passeio \ de seu território eleitoral \ e domiciliar \ onde exerce \ as funções político-administrativas \ **contanto que** deixe \ seus respectivos vices \ assumirem provisoriamente \ as funções inerentes ao cargo.
O prefeito ou o governador podem se ausentar de seu domicílio eleitoral sem prestar satisfação e sem precisar informar aos seus vices para assumirem seu lugar provisoriamente? Não.
37. As bolsas de estudos \ para a pós-graduação \ em nível de mestrado \ e doutorado \ serão disponibilizadas \ a todos os estudantes \ aprovados e classificados \ que acabaram de se matricular \ e mantidas até \ a conclusão do curso ou formatura \ **desde que** os alunos \ sigam fielmente \ as regras do programa \ e mantenham \ elevado rendimento acadêmico.
As bolsas de estudo destinadas à pós-graduação serão disponibilizadas a todos os estudantes independentemente de seu rendimento acadêmico ao longo do curso? Não.
38. **Se** o padre \ aceitar celebrar \ nosso casamento \ em sua paróquia \ na data combinada entre nós \ para o mês de maio, \ a gente poderá concretizar \ o que até então planejamos \ para nossa lua de mel \ e fazer aquela viagem \ delicadamente planejada \ para a Europa \ que só pode ser feita \ até o meio do ano, \ no mês de junho.
Os noivos só poderão viajar para a Europa se o casamento deles for celebrado pelo padre na data combinada para o mês de maio? Sim.
39. **(Oração Concessiva)** As mulheres \ tanto são mais atenciosas, \ cautelosas e precavidas \ na direção \ quanto são mais responsáveis \ e prudentes no trânsito \ não importa se \ quando dirigem pela cidade \ ou quando saem para viajar, \ **se bem que** os homens \ possuem \ melhor localização geográfica, \ mais apurada noção espacial \ e mais firmeza ou segurança \ na condução do veículo.

As mulheres possuem melhor noção espacial e segurança em dirigir enquanto os homens são mais cautelosos e atenciosos na direção? Não.

40. **Conquanto** os cardeais \ e bispos de todo o mundo \ tenham se reunido no concílio \ convocado pelo papa \ em Roma \ para decidir pela implementação \ dos novos rumos da igreja \ na contemporaneidade \ do século XXI \ e pela reforma da Cúria Romana, \ os fiéis \ ainda veem \ com desconfiança \ os possíveis resultados positivos \ dessas mudanças.

Os fiéis enxergam ainda com desconfiança os possíveis resultados positivos das medidas decididas no concílio em relação à reforma da Cúria Romana e da Igreja? Sim.

41. **(Oração Conformativa)** Cada criatura humana \ em sua individualidade \ e dentro de suas escolhas \ inevitavelmente \ será responsável \ por suas atitudes \ boas ou más \ tomadas ao longo da vida \ e terá de prestar contas \ de seus atos \ sejam eles quais forem \ **conforme** a gravidade \ peculiar de cada um \ e as consequências \ passíveis de serem geradas.

Cada pessoa humana será responsável por suas atitudes boas ou más e prestará contas de seus atos conforme a gravidade deles? Sim.

42. O orçamento \ aprovado em lei \ pelo Congresso Nacional \ nas instâncias do Senado Federal \ e da Câmara dos Deputados \ é votado \ no plenário das duas Casas \ **consoante** \ primeiramente \ os interesses particulares \ dos parlamentares, \ segundo as orientações direcionadas \ do Governo Federal \ e só depois de acordo com as necessidades \ da população.

O Orçamento aprovado em Lei pelo Congresso Nacional é votado em Plenário primeiro em favor das necessidades da população e só depois segundo os interesses particulares dos parlamentares? Não.

43. **(Oração Comparativa)** O habilidoso ladrão, \ depois de aprender \ com destreza \ o ofício de furtar, \ age sobre suas vítimas \ sorrateiramente \ **como** um leão \ ou um felino \ que se aproxima \ de maneira incrivelmente furtiva \ de sua presa \ ou tal qual um ninja \ que subitamente surge \ e passa através dos seus inimigos \ sem ser notado.

O ladrão habilidoso após aprender a furtar age sorrateiramente sobre as vítimas que nem um leão ou um ninja? Sim.

44. As pessoas \ em momentos de raiva, \ fúria e descontrole emocional \ tendem a se comportar \ e agir \ **que nem** feras \ ou animais selvagens \ em estado natural \ em decorrência de seguirem \ mais fortemente \ os instintos primitivos \ e por serem impelidos, \ em suas atitudes, \ mais pelas emoções \ do que pelo pensamento racional.

As pessoas em instantes de raiva ou fúria não tendem a se comportar feito feras selvagens por serem impelidos a seguirem mais fortemente o pensamento racional do que seus instintos primitivos? Não.

45. **(Oração Final)** Os estudantes \ adolescentes do Ensino Médio \ precisam estudar bastante, \ se esforçar muito \ na preparação \ para o vestibular \ e ter orientação familiar \ juntamente com o apoio escolar \ para descobrirem \ com que curso \ se identificam \ e que carreira \ desejam seguir \ **a fim de que** venham \ a ser profissionais bem-sucedidos.

Os estudantes necessitam estudar bastante e receberem orientação familiar junto com o devido apoio escolar para descobrirem que profissão e carreira desejam seguir? Sim.

46. Os pais \ e familiares das crianças, \ adolescentes e jovens \ cobram muito \ dos seus filhos ou tutelandos \ e os pressionam demais \ para se destacarem \ nos estudos desde cedo \ quando

ainda são novinhos \ **para que** tenham \ muito mais oportunidades boas \ em suas vidas \ de serem bem-sucedidos \ ao se sobressaírem pessoal, \ social e profissionalmente.

Os pais e familiares das crianças, adolescentes e jovens não se importam de cobrar muito dos seus filhos nos estudos para que eles tenham mais oportunidades boas na vida de se sobressaírem como pessoas? Não.

47. **(Oração Proporcional)** Os intelectuais \ **à medida que** estudam \ mais profundamente \ os fenômenos \ que cercam \ a nossa vida diária \ se tornam \ mais esclarecidos e engajados \ no dever de criticar \ por deterem \ a missão de pensar e refletir \ acerca das situações reais da vida \ que os impelem \ a sempre questionar \ e propor soluções.

Os intelectuais têm a missão de pensar e refletir sobre as situações da vida e quanto mais estudam os fenômenos que cercam as nossas vidas se tornam pessoas mais esclarecidas e engajadas no dever de criticar? Sim.

48. **À proporção que** as vagas disponíveis \ no mercado de trabalho \ são destinadas \ hoje em dia \ a pessoal \ extremamente qualificado \ para exercer as complexas funções \ inerentes ao cargo \ em aberto, \ os profissionais \ precisam se dedicar \ ainda mais intensamente \ aos estudos \ e devem constantemente se atualizar \ para sempre estarem capacitados.

As vagas disponíveis no mercado de trabalho são destinadas a todo tipo de pessoa quer qualificada ou não que não precisa sempre se atualizar ou se dedicar intensamente aos estudos? Não.

49. **(Oração Temporal)** Logo que as meninas \ chegarem do escritório \ em que trabalham, \ elas vão aguardar \ imediatamente \ as flores do jardim \ e as plantas \ que enfeitam \ o terraço \ por estarem \ quase todas secas \ e precisando urgentemente \ de água e cuidados \ para não murcharem \ ou virem a morrer.

As flores do jardim estão todas secas e serão aguadas pelas meninas assim que elas chegarem do escritório em que trabalham para não murcharem e morrerem? Sim.

50. **Depois que** os hóspedes \ chegam da praia \ e dos passeios \ pelos pontos turísticos da cidade \ que estão visitando, \ eles costumam tomar \ um belo e gostoso banho, \ aquela famosa ducha, \ comer e beber alguma coisa \ para matar a fome e sede \ com que chegam do tour \ e se deitar nas redes \ da área de lazer \ para dormirem \ e descansarem um pouco.

Os hóspedes depois que chegam da praia e dos passeios turísticos costumam apenas tomar um bom banho, comer e beber alguma coisa para matarem a fome e a sede? Não.

➤ Orações Subordinadas Reduzidas

51. **(Oração Substantiva Objetiva Direta Reduzida de Infinitivo)** **Faça-nos calar** \ diante da **corrupção desenfreada** \ que assola nosso país \ e perante o descaso \ com que os políticos \ tratam o dinheiro público \ oriundo de nossos impostos \ e do trabalho duro \ de cada trabalhador \ e pai de família \ residentes de todos os estados \ da federação \ e que estão totalmente \ sem esperanças \ e desiludidos com a Política.

Está sendo pedido que nos façam calar perante a corrupção desenfreada que assola nosso país e diante do descaso com que os políticos tratam o dinheiro público? Sim.

52. **(Oração Substantiva Objetiva Direta Reduzida de Infinitivo)** **Deixe-o viajar** \ para **visitar** os avós \ no interior \ durante as férias, \ pois isso fará bem \ aos ânimos e saúde dele. \ Todo garoto na idade \ da do seu pimpolho \ precisa respirar ar puro, \ correr pelo campo, \

estar em contato direto \ com a natureza, \ relaxar em novos ares \ e desaparecer do estresse da capital \ junto dos entes queridos.

Está sendo dito que não é para se deixar o garoto viajar para visitar os avós no interior durante as férias mesmo sendo importante para um menino na idade dele respirar ar puro em contato com a natureza? Não.

53. **(Oração Substantiva Objetiva Direta Reduzida de Infinitivo)** Mandei-as estudar \ depois de terem chegado em casa, \ tomado banho, \ almoçado e descansado \ um pedaço. \ Fiz isso com autoridade \ e agi com pulso \ diante das crianças \ para elas fazerem \ a tarefa de casa \ que foi passada pelo professor \ em sala de aula \ pelo motivo de elas estarem \ muito preguiçosas \ e rebeldes ultimamente.

A responsável pelas crianças que estavam preguiçosas e rebeldes ultimamente mandou-as com autoridade e pulso estudarem e fazerem o dever depois que chegaram em casa e antes mesmo de almoçarem ou tomarem banho? Não.

54. **(Oração Substantiva Objetiva Indireta Reduzida de Infinitivo)** Nós gostamos \ de ficar sozinhos \ sempre que \ permanecemos juntos \ após vários dias \ sem nos vermos \ para matarmos \ as saudades \ namorando bem muito, \ fazendo carinho \ um no outro, \ curtindo nossa privacidade \ e nos amando \ feito homem e mulher \ ou um casal apaixonado.

Os namorados gostam de ficar muito tempo juntos fazendo carinho um no outro e matando as saudades? Sim.

55. **(Oração Substantiva Predicativa Reduzida de Infinitivo)** A única \ e melhor alternativa \ seria fazermos \ uma viagem interna, \ nas imediações \ de onde moramos, \ nesse período \ de crise \ em que viajar \ para regiões \ mais distantes do país \ e para o exterior \ se torna inviável \ devido aos altos custos \ e à falta de dinheiro.

A única e melhor solução é viajar dentro do país devido à atual crise e à falta de dinheiro? Sim.

56. **(Oração Substantiva Completiva Nominal Reduzida de Infinitivo)** Os mancebos \ têm necessidade \ de namorar muito \ e de vivenciar \ com diversidade \ e vigor \ suas sexualidades \ durante essa fase \ da vida \ marcada pela jovialidade, \ pela virilidade \ típica dos rapazes \ e homens \ e pela força e brio \ próprios da juventude.

Os mancebos não têm assim tanta necessidade de namorarem muito e de vivenciarem diversa e vigorosamente suas sexualidades? Não.

57. **(Oração Substantiva Apositiva Reduzida de Infinitivo)** As mocinhas \ fizeram \ um convite: \ comparecerem \ na quermesse \ em que elas estavam \ servindo comidas típicas \ das festas juninas \ para os moços \ conversarem e dançarem \ um pouco de forró \ com elas \ em pleno período \ de São João \ no salão paroquial.

As mocinhas convidaram os moços para irem à quermesse onde elas estavam trabalhando para dançarem e conversarem com elas durante a festa de São João no salão paroquial da igreja? Sim.

58. **(Oração Substantiva Subjetiva Reduzida de Infinitivo)** É necessário, \ a cada dia que passa, \ rezar o terço \ a Nossa Senhora \ para ela interceder a nós \ junto ao Seu Filho, \ Nosso Senhor Jesus, \ e ao Pai do Céu, \ assim como também \ é preciso \ orar diretamente \ ao nosso Bom Deus \ com clamores e súplicas \ pelo perdão \ de nossas falhas e pecados.

É preciso orar a Deus todos os dias e rezar o terço a Nossa Senhora uma só vez a cada três dias? Não.

59. **(Oração Adverbial Causal Reduzida de Infinitivo)** Leopoldo \ sentiu muito \ **por estar hospitalizado** \ justamente nos dias \ do velório e sepultamento \ do seu amicíssimo de infância, \ Álvaro, \ morto \ em um acidente de trânsito, \ e lamentou \ não ter podido prestar \ sua última homenagem \ ao amigo \ e as condolências \ à família dele.
Leopoldo lamentou por não ter comparecido ao velório de seu grande amigo de infância chamado Álvaro? Sim.
60. **(Oração Adverbial Concessiva Reduzida de Infinitivo)** Tamara sorriu \ para todos os convidados \ de seu baile \ de debutantes \ **apesar de estar triste** \ nesse dia \ e de ter chorado \ rios de lágrimas \ antes do início \ da sua festa \ de 15 anos \ e da abertura das portas \ de sua casa \ para receber \ as pessoas convidadas.
Tamara sorriu somente para alguns dos convidados presentes no seu baile de debutantes por estar triste no dia dessa sua festa de 15 anos? Não.
61. **(Oração Adverbial Consecutiva Reduzida de Infinitivo)** O professor Guilherme \ se atrasava \ tanto \ para chegar \ à escola \ **a ponto de** \ **ficarmos** \ **sem assistir** \ parte importante \ das aulas dele \ e de atrasarmos \ o conteúdo \ a ser estudado \ para as provas \ do semestre.
O professor se atrasava pouco para chegar à escola de maneira que os alunos não atrasavam o conteúdo a ser estudado? Não.
62. **(Oração Adverbial Condicional Reduzida de Infinitivo)** Margarida \ não ganhará \ sobremesa \ dos pais \ depois da principal refeição \ do dia \ **sem antes** \ **almoçar direito**, \ comer toda \ a comida \ colocada por \ sua mamãe \ e obedecer às regras \ estabelecidas \ pelo papai.
Margarida ganhará a sobremesa dos pais depois da principal refeição se comer toda a comida e obedecer às regras postas pelo pai? Sim.
63. **(Oração Adverbial Final Reduzida de Infinitivo)** O chefe Ricardo \ fez \ um empréstimo \ em nome \ da empresa \ a título de \ transação jurídica \ e com juros \ reduzidos \ **para comprar** \ **vários carros** \ a serem usados \ comercialmente \ na condução \ dos negócios.
O chefe Ricardo fez um empréstimo em nome da empresa para comprar vários carros a serem usados no encaminhamento dos negócios? Sim.
64. **(Oração Adverbial Temporal Reduzida de Infinitivo)** Os namorados \ Janúncio \ e Thalita \ não \ podem \ ir \ embora \ da festa \ de casamento \ de seus melhores amigos \ **sem antes** \ **cumprimentarem** \ e se despedirem \ dos noivos \ recém-casados.
Os namorados Janúncio e Thalita só poderão ir embora da festa de casamento depois de se despedirem dos noivos? Sim.
65. **(Oração Adjetiva Restritiva Reduzida de Infinitivo)** Soraia foi \ a única dama \ da noite, \ convidada \ pelos amigos \ organizadores \ do espetáculo musical \ ao ar livre, \ **a apreciar** \ **o show** \ do começo ao fim \ e a vibrar \ com as canções \ interpretadas \ pelos cantores.
Soraia foi uma dentre diversas damas convidadas a apreciar o show do começo ao fim? Não.
66. **(Oração Adjetiva Explicativa Reduzida de Infinitivo)** Aquele senhor, \ **a cantar** \ **no palco** \ **montado** \ **dentro do estádio** \ **de futebol**, \ é nosso amigo Severino, \ todo emocionado \ e orgulhoso \ de cantar \ para uma plateia \ tão grande \ e vibrante \ e para fãs \ tão carinhosos.

O senhor Severino que está cantando no palco não está tão orgulhoso e emocionado de estar se apresentando para uma plateia bem grande e vibrante? Não

67. **(Oração Adverbial Temporal Reduzida de Gerúndio)** O aluno Flaviano \ terminou \ de resolver \ todas \ as questões \ **faltando \ apenas \ um minuto** \ para o final \ da prova \ de recuperação bimestral \ lá do colégio \ onde \ ele \ estuda.
O aluno Flaviano terminou de resolver as questões faltando ainda alguns minutos para o final da prova? Não.
68. **(Oração Adverbial Causal Reduzida de Gerúndio)** A coordenadora Carolina \ sentiu \ remorsos \ **não \ conseguindo \ cumprir \ a promessa** \ feita \ aos seus subordinados \ de conceder \ férias coletivas \ a todos \ os funcionários \ nesse momento \ de crise econômica.
A coordenadora Carolina sentiu remorsos por não conseguir cumprir a promessa feita a seus subordinados de conceder férias coletivas? Sim.
69. **(Oração Adverbial Concessiva Reduzida de Gerúndio)** O almoço \ preparado \ pelo futuro chef Bartolomeu \ não ficou \ bom \ **mesmo cozinhando \ diariamente** \ e treinando \ dia após dia \ as receitas \ aprendidas \ durante o curso \ na cozinha \ da sala de aula \ da faculdade.
O almoço que o chef Bartolomeu preparou ficou muito bom até porque ele vinha cozinhando diariamente e treinando dia após dia as receitas que aprendia? Não.
70. **(Oração Adverbial Condicional Reduzida de Gerúndio)** Mentindo assim, \ o tempo todo \ **e em qualquer lugar**, \ os narizes \ dos filhos \ de Camila, \ Sebastião \ e Severina \ crescerão \ tal qual o de Pinóquio \ até tocar \ as nuvens no céu \ e eles aprenderem \ a falar \ a verdade.
Os narizes dos filhos de Camila crescerão feito o de Pinóquio se eles continuarem a mentir todo o tempo e em qualquer lugar? Sim.
71. **(Oração Coordenada Aditiva Reduzida de Gerúndio)** Filomena \ organizou \ bem \ direitinho \ os presentes \ recebidos \ das doações \ dos cidadãos \ das mais \ diversas regiões \ da cidade, \ **entregando-os \ às crianças \ carentes** \ dos bairros pobres.
Antes de entregar os presentes às crianças carentes, Filomena não organizou bem direitinho as doações recebidas dos cidadãos? Não.
72. **(Oração Adjetiva Restritiva Reduzida de Gerúndio)** Eu, \ Eliomar, \ gosto \ demais \ de crianças \ **correndo \ por toda a casa**, \ brincando \ com alegria, \ se divertindo \ com todo mundo \ e fazendo \ amizade \ com os vizinhos \ da rua.
Eliomar gosta muito de crianças que brinquem com alegria, que façam amizades e que corram por toda a casa? Sim.
73. **(Oração Adjetiva Explicativa Reduzida de Gerúndio)** Nós, \ Cícero \ e Marinete, \ encontramos, \ na tarde \ de ontem, \ perto dos principais \ pontos turísticos, \ alguns turistas \ **andando perdidos \ pelas ruas \ do centro** \ da cidade \ totalmente dispersos \ da excursão.
Cícero e Marinete encontraram perto dos pontos turísticos turistas passeando junto de seus guias tranquilamente sem estarem perdidos? Não.
74. **(Oração Adverbial Causal Reduzida de Particípio)** Assustados \ com a perigosa situação \ vivenciada \ na própria residência, \ o casal \ Manolo \ e Juliana \ telefonou \ para a polícia \ informando \ uma suposta \ tentativa \ de arrombamento \ e roubo \ na casa deles.

Manolo e Juliana telefonaram para a polícia depois de se assustarem com uma suposta tentativa de arrombamento e roubo na própria casa deles? Sim.

75. **(Oração Adverbial Concessiva Reduzida de Particípio)** Mesmo cansado \ com tantos \ afazeres domésticos \ a fazer \ e tarefas \ da firma \ pendentes \ de serem resolvidas, \ Teotônio \ tentou \ cumprir \ com todos \ os seus compromissos \ dentro de \ seus próprios limites.

Teotônio acabou não tentando cumprir com todos os seus compromissos porque estava cansado demais com os afazeres domésticos? Não.

76. **(Oração Adverbial Condicional Reduzida de Particípio)** Desvendado \ o mistério \ do sumiço \ da quantia em dinheiro \ arrecadada no dia \ das festas Juninas \ das quermesses \ de São João, \ o problema \ da prestação \ de contas \ ao pároco \ será \ enfim \ resolvido.

Como o mistério do desaparecimento do dinheiro arrecadado nas festas juninas foi desvendado, a prestação de contas ao pároco será resolvida? Sim.

77. **(Oração Adverbial Temporal Reduzida de Particípio)** Terminada \ a palestra \ dos professores doutores \ convidados \ a participarem \ ativamente \ do congresso \ ao discursarem \ para os calouros, \ alunos \ feras e veteranos \ da casa \ aplaudiram-nos \ no auditório principal \ da universidade.

Quando a palestra terminou, os alunos feras e veteranos se esqueceram de aplaudir os professores doutores convidados a discursarem no congresso? Não.

78. **(Oração Adjetiva Restritiva Reduzida de Particípio)** Nós, \ Arlete \ e Danilo, \ até agora, \ depois de \ uma década \ de casados, \ temos \ apenas \ uma casa própria \ **comprada \ com muito sacrifício** \ através do financiamento \ do programa \ de incentivo do governo.

Arlete e Danilo só conseguiram comprar uma casa própria com bastante sacrifício após 10 anos de casados? Sim.

79. **(Oração Adjetiva Explicativa Reduzida de Particípio)** Eu, \ Antônio da feira, \ fiquei, \ juntamente com \ minha esposa \ Priscila, \ surpreso \ e admirado \ com o prédio, \ onde \ negociamos \ nossos produtos, \ **pintado de rosa**, \ lá em frente \ ao Mercado.

Antônio da feira ficou surpreso e admirado sozinho com o prédio pintado de rosa em frente ao mercado enquanto sua esposa Priscila não se admirou com isso? Não.

80. **(Oração Adjetiva Explicativa Reduzida de Particípio)** As profissões \ mais valorizadas \ desde a Antiguidade \ até os dias de hoje da contemporaneidade \ são Medicina, \ Direito \ e as Engenharias, \ **reputados como os cursos \ mais clássicos** e prestigiados \ dentro da sociedade \ por razões múltiplas \ que vão desde \ a cultura antropológica dos povos \ até o grau de oportunidades mais vasto \ que essas carreiras oferecem.

Medicina, Direito e as Engenharias são as profissões mais valorizadas desde a Antiguidade por conta do grau de oportunidades mais vasto que essas carreiras ofertam? Sim.

ψ **Orações Justapostas**

81. A computação \ vem drasticamente evoluindo \ a cada dia \ junto às civilizações contemporâneas de hoje. \ Hoje é considerada \ a profissão do futuro, \ dando saltos gigantescos de eficiência \ em seus avanços tecnológicos \ nos mais diversos segmentos \ da

sociedade \ e setores da economia \ tais como o agronegócio, \ o comércio, \ a indústria \ e a prestação de serviços.

Embora a computação seja considerada a profissão do futuro, ela deixou de evoluir drasticamente nos dias atuais? Não.

82. Existe \ um natural duelo \ entre o bem e o mal, \ entre as forças benévolas e malévolas, \ entre o divino e o diabólico \ ou entre os sentimentos puros \ e as emoções corrompidas. \ Eles são captados \ como energias \ ou entidades opostas, \ situados em polos distintos \ os quais desde sempre \ mantêm o equilíbrio universal \ batalhando mutuamente \ um com o outro.

Há um natural duelo entre o bem e o mal o qual mantém o equilíbrio universal ao travarem batalha um com o outro na condição de energias ou entidades opostas? Sim.

83. A superação das limitações humanas, \ de seus vícios, \ erros ou maldades \ pode ser \ exemplarmente enxergada \ na famosa Oração de São Francisco. \ Ela é considerada \ a chave para a paz \ entre os homens na Terra \ e para a reconciliação plena \ com o Deus Pai no Céu \ ao pregar o amor incondicional \ e especialmente o perdão \ ao clamar que \ se devolva o mal recebido com o bem.

A Oração de São Francisco é considerada a chave para a plena reconciliação com Deus e para que se atinja a paz entre os homens por pregar o amor incondicional e, em especial, o perdão? Sim.

84. A Filosofia, \ a Teologia, \ as Religiões, \ as Artes, \ a Mística \ e as Ciências \ constituem cada qual \ uma das variadas ramificações do saber \ e dos ramos do conhecimento humano. \ Elas são classificadas \ como igualmente importantes \ no curso do desenvolvimento da humanidade \ ao redor do planeta \ e vistas como tendo funções específicas \ e propósitos bem divergentes uns dos outros.

Somente a Teologia e as Ciências são tidas como ramificações do conhecimento humano que são classificadas como igualmente importantes no decurso do desenvolvimento humano? Não.

85. Os arcanjos Rafael, \ Gabriel, \ Miguel \ e o supremo serafim dos céus \ Metraton \ são as criaturas \ e filhos de Deus \ mais evoluídos \ do universo. \ Eles \ são exemplos \ para a humanidade \ e são os bondosos seres \ a adorar eternamente \ o Senhor Javé.

O supremo serafim Metraton é o único ser mais evoluído e única bondosa criatura celestial destinada a adorar por toda a eternidade o Senhor Deus Javé? Não.

86. Larissa \ é apaixonada por ir \ a parques de diversão \ ou aquáticos \ e por se divertir \ com os amigos \ fazendo piquenique. \ Ela também \ ama viajar \ com a família, \ com o namorado \ e passear \ pela praia, \ shopping, \ teatros e cinema.

Larissa é apaixonada por se divertir fazendo piquenique, como também ama viajar com a família e com o namorado? Sim.

87. Giovani \ preza a leitura \ de clássicos da literatura \ como ninguém. \ Ele sabe \ da importância \ do conhecimento \ dentro da sociedade \ e procura \ sempre estimular \ os familiares em casa \ e seus alunos \ a lerem \ cada vez mais \ obras sadias.

Por não saber da importância do conhecimento dentro da sociedade, Giovani não preza a leitura de clássicos da literatura? Não.

88. Sabrina \ treina \ demasiadamente \ com seu treinador \ para as olimpíadas \ todos os dias \ sempre procurando \ dar o máximo de si. \ Ela sabe \ que se for destemida, \ disciplinada \ e esforçada nos treinos \ ela obterá \ o tão sonhado êxito \ como atleta.

Sabrina tem consciência de que se for disciplinada obterá o êxito como atleta e por isso treina em demasia com seu treinador dando o máximo de si? Sim.

89. Januário \ vive \ na roça \ com a família inteira \ desde que era criança. \ Foi no campo \ que ele aprendeu \ com os pais \ a cultivar a terra \ e a exercer \ o honrado ofício de agricultor. \ Graças \ a pessoas assim \ é que a população \ tem alimento na mesa diariamente.

Apesar de ter vivido no campo quando criança e aprendido a cultivar a terra como agricultor, Januário não vive mais na roça atualmente? Não.

90. Julieta \ sempre gostou \ de brincar de boneca sozinha \ e com as suas amigas \ e parecia ingênua \ na época da infância. \ Já adulta, \ ela se tornou \ uma mulher sabida, \ muito sassaricada \ e fogosa. \ Exemplo disso \ é que ela começou \ a vida sexual \ ainda adolescente.

Julieta tornou-se uma mulher muito fogosa, sassaricada e sabida ao ficar adulta mesmo tendo sido uma menina ingênua durante sua infância? Sim.

APÊNDICE C – QUADRADO LATINO

LATIN SQUARE

Modelo Empregado no Experimento da Pesquisa Magistral

LISTA 1	LISTA 2	LISTA 3	LISTA 4	LISTA 5
<i>Condição 1 (PrinC/Match)</i>	<i>Condição 2 (PrinC/Mismatch)</i>	<i>Condição 3 (No-Const/Match)</i>	<i>Condição 4 (No-Const/Mismatch)</i>	<i>Condição 5 (Name Control)</i>
Frase: Visto que \ tempos atrás \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ enquanto \ Carmen \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Carla; \ se sentia \ constrangida \ por não contribuir \ também \ com as despesas. Pergunta-sonda: Carmen estava estudando para a seleção? Não¹²⁰	Visto que \ tempos atrás \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ enquanto \ Paulo \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Carla; \ se sentia \ constrangida \ por não contribuir \ também \ com as despesas. Paulo estava estudando para a seleção? Não	Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ Carmen; \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Paulo \ quase \ não a via \ para namorar \ por ela \ viver \ muito ocupada. Carmen estava estudando para a seleção? Sim	Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ ela_i \ estava estudando \ para a seleção \ Paulo \ trabalhava \ o dia inteiro, \ Carla; \ prontificou-se \ a vê-lo \ para namorar \ nas horas vagas \ disponíveis \ para os dois. Paulo estava estudando para a seleção? Não	Visto que \ tempos atrás \ enquanto \ Carla_i \ estava estudando \ para a seleção \ Paulo \ trabalhava \ o dia inteiro, \ ela_i \ prontificou-se \ a vê-lo \ para namorar \ nas horas vagas \ disponíveis \ para os dois. Paulo estava estudando para a seleção? Não
Visto que \ antigamente \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ enquanto \ Selma \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Julia \ acabava \ se preocupando \ com as noites não dormidas \ da amiga estudando. Selma trabalhava como vigia a noite toda? Não	Visto que \ antigamente \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ enquanto \ Sergio \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Julia \ acabava \ se preocupando \ com as noites não dormidas \ do amigo estudando. Sergio trabalhava como vigia a noite toda? Não	Visto que \ antigamente \ enquanto \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ Selma \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Sergio \ desejava \ que ela deixasse \ de trabalhar \ para somente estudar. Selma trabalhava como vigia a noite toda? Sim	Visto que \ antigamente \ enquanto \ ela \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ Sergio \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ Julia \ se planejava \ para deixar o emprego \ e seguir \ os passos do amigo. Sergio trabalhava como vigia a noite toda? Não	Visto que \ antigamente \ enquanto \ Julia \ trabalhava \ como vigia \ a noite toda \ Sergio \ tinha \ de estudar \ para a universidade, \ ela \ se planejava \ para deixar o emprego \ e seguir \ os passos do amigo. Sergio trabalhava como vigia a noite toda? Não
Visto que \ outrora \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ enquanto \ Susi \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Laura \ se compadecia \ da	Visto que \ outrora \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ enquanto \ Pedro \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Laura \ se compadecia \ da	Visto que \ outrora \ enquanto \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ Susi \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Pedro \ se orgulhava \ do esforço \ e	Visto que \ outrora \ enquanto \ ela \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ Pedro \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ Laura \ gostaria \ que seu colega \ tivesse \ a mesma	Visto que \ outrora \ enquanto \ Laura \ recebia \ mesada \ todo mês da família \ Pedro \ trabalhava \ para ter mais dinheiro \ com o salário ganho, \ ela \ gostaria \ que seu colega \ tivesse \ a

¹²⁰ Essa linha de pintura na diagonal de cada moldura que foi colorida em cinco (05) tons diferentes representa a arquitetura através da qual foi montado o quadrado latino de sorte que cada tonalidade de cor apresenta os estímulos que foram apresentados a cada grupo de participantes em específico. Cada sujeito foi exposto, portanto, a apenas uma das listas e, consequentemente, a unicamente uma das sequências de cores conforme ilustrado na tabela acima a compor o APÊNDICE C.

vida dura \ que a colega era obrigada a levar. Susi recebia mesada todo mês da família? Não	vida dura \ que o colega era obrigado a levar. Pedro recebia mesada todo mês da família? Não	determinação \ da amiga. Susi recebia mesada todo mês da família? Sim	regalia. Pedro recebia mesada todo mês da família? Não	mesma regalia. Pedro recebia mesada todo mês da família? Não
Já que \ em outros tempos \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ enquanto \ Glauce \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Lívia \ se sentia \ mal e desconcertada \ por ainda estar numa situação mais confortável \ do que a da companheira. Glauce costumava ir para a repartição de carro? Não	Já que \ em outros tempos \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ enquanto \ Julio \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Lívia \ se sentia \ mal e desconcertada \ por ainda estar numa situação mais confortável \ do que a do companheiro. Julio costumava ir para a repartição de carro? Não	Já que \ em outros tempos \ enquanto \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ Glauce \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Julio \ se dispôs a dar \ mais dinheiro a ela \ para ajudá-la \ com o combustível. Glauce costumava ir para a repartição de carro? Sim	Já que \ em outros tempos \ enquanto \ ela \ costumava ir \ para a repartição de carro \ Julio \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ Lívia \ se propôs a dividir \ o transporte \ com o companheiro \ na hora de ir trabalhar. Julio costumava ir para a repartição de carro? Não	Já que \ em outros tempos \ enquanto \ Lívia \ costumava ir \ para a repartição de carro \ Julio \ passou a ter de ir \ mais de ônibus \ para o trabalho, \ ela \ se propôs a dividir \ o transporte \ com o companheiro \ na hora de ir trabalhar. Julio costumava ir para a repartição de carro? Não
Já que \ ultimamente \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ enquanto \ Neide \ agora \ começou a ficar doente de dengue, \ Maura \ agradecia \ por ainda permanecer saudável \ e rogava a Deus \ pela saúde da sua familiar doente. Neide vivia plenamente saudável? Não	Já que \ ultimamente \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ enquanto \ Tulio \ agora \ começou a ficar doente de dengue, \ Maura \ agradecia \ por ainda permanecer saudável \ e rogava a Deus \ pela saúde do seu familiar doente. Tulio vivia plenamente saudável? Não	Já que \ ultimamente \ enquanto \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ Neide \ agora \ começou a ficar doente de dengue, \ Tulio \ se organizou melhor \ para estar sempre presente \ e poder cuidar \ com mais zelo \ da sua familiar doente. Neide vivia plenamente saudável? Sim	Já que \ ultimamente \ enquanto \ ela \ vivia \ plenamente saudável \ Tulio \ agora \ começou a ficar doente de dengue, \ Maura \ mudou \ toda sua rotina \ para poder tomar conta \ com maiores cuidados \ do seu familiar doente. Tulio vivia plenamente saudável? Não	Já que \ ultimamente \ enquanto \ Maura \ vivia \ plenamente saudável \ Tulio \ agora \ começou a ficar doente de dengue, \ ela \ mudou \ toda sua rotina \ para poder tomar conta \ com maiores cuidados \ do seu familiar doente. Tulio vivia plenamente saudável? Não
Já que \ há algum tempo \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ enquanto \ Rita \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Ana \ estava \ sempre de olho \ na gestão e controle \ de suas propriedades. Rita possuía muitos bens registrados em seu nome? Não	Já que \ há algum tempo \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ enquanto \ Tomé \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Ana \ estava \ sempre de olho \ na gestão e controle \ de suas propriedades. Tomé possuía muitos bens registrados em seu nome? Não	Já que \ há algum tempo \ enquanto \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ Rita \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Tomé \ permanecia \ sempre junto \ à sua esposa \ e atento à gestão \ de todas as propriedades. Rita possuía muitos bens registrados em seu nome? Sim	Já que \ há algum tempo \ enquanto \ ela \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ Tomé \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ Ana \ procurava \ permanecer \ sempre ao lado do marido \ ajudando-o \ na administração das propriedades. Tomé possuía muitos bens registrados em seu nome? Não	Já que \ há algum tempo \ enquanto \ Ana \ possuía \ muitos bens \ registrados em seu nome \ Tomé \ tinha de administrar \ vários imóveis, \ ela \ procurava \ permanecer \ sempre ao lado do marido \ ajudando-o \ na administração das propriedades. Tomé possuía muitos bens registrados em seu nome? Não

Uma vez que \ há pouco tempo \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ enquanto \ Lana \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ Clara \ intensificou \ sua preparação \ para passar logo \ em algum certame \ e ser chamada para trabalhar. Lana estava se preparando para as provas do concurso? Não	Uma vez que \ há pouco tempo \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ enquanto \ João \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ Clara \ intensificou \ sua preparação \ para passar logo \ em algum certame \ e ser chamada para trabalhar. João estava se preparando para as provas do concurso? Não	Uma vez que \ há pouco tempo \ enquanto \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ Lana \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ João \ se dispôs \ a sustentar \ a casa sozinho \ para sua esposa \ poder se dedicar \ apenas aos estudos. Lana estava se preparando para as provas do concurso? Sim	Uma vez que \ há pouco tempo \ enquanto \ ela \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ João \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ Clara \ desejava \ passar logo \ em algum certame \ para ajudar \ seu marido \ nas despesas domiciliares. João estava se preparando para as provas do concurso? Não	Uma vez que \ há pouco tempo \ enquanto \ Clara \ estava se preparando \ para as provas do concurso \ João \ trabalhava \ para sustentar a casa, \ ela \ desejava \ passar logo \ em algum certame \ para ajudar \ seu marido \ nas despesas domiciliares. João estava se preparando para as provas do concurso? Não
Uma vez que \ recentemente \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ enquanto \ Laila \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Carol \ se dedicava \ ao máximo no trabalho \ para atender aos mais necessitados. Laila contabilizava os mantimentos para a campanha? Não	Uma vez que \ recentemente \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ enquanto \ Simão \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Carol \ se dedicava \ ao máximo no trabalho \ para atender aos mais necessitados. Simão contabilizava os mantimentos para a campanha? Não	Uma vez que \ recentemente \ enquanto \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ Laila \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Simão \ sentia \ orgulho \ do árduo trabalho \ desempenhado pela sua colega. Laila contabilizava os mantimentos para a campanha? Sim	Uma vez que \ recentemente \ enquanto \ ela \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ Simão \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ Carol \ buscava \ racionalizar \ a distribuição dos alimentos \ para atender a todos. Simão contabilizava os mantimentos para a campanha? Não	Uma vez que \ recentemente \ enquanto \ Carol \ contabilizava \ os mantimentos \ para a campanha \ Simão \ cadastrava \ os beneficiários aptos a participarem \ do programa assistencial, \ ela \ buscava \ racionalizar \ a distribuição dos alimentos \ para atender a todos. Simão contabilizava os mantimentos para a campanha? Não
Uma vez que \ há um bom tempo \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ enquanto \ Zita \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ Joyce \ manteve \ o andamento do processo em segredo \ até a decisão final dos jurados. Zita presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não	Uma vez que \ há um bom tempo \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ enquanto \ André \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ Joyce \ manteve \ o andamento do processo em segredo \ até a decisão final dos jurados. André presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não	Uma vez que \ há um bom tempo \ enquanto \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ Zita \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ André \ sustentou \ sua arguição como pôde \ para convencer os jurados \ da culpa do réu. Zita presidia o julgamento do acusado de homicídio? Sim	Uma vez que \ há um bom tempo \ enquanto \ ela \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ André \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ Joyce \ buscou orientar \ muito bem os jurados \ quanto ao crime \ julgado em seu tribunal. André presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não	Uma vez que \ há um bom tempo \ enquanto \ Joyce \ presidia \ o julgamento \ do acusado de homicídio \ André \ tinha de considerar \ a decisão unânime \ deliberada pelo júri, \ ela \ buscou orientar \ muito bem os jurados \ quanto ao crime \ julgado em seu tribunal. André presidia o julgamento do acusado de homicídio? Não

Uma vez que \ desde o início \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ enquanto \ Nilza \ devia \ como delegada \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Zélia \ almejava \ resolver o caso de forma limpa \ e respaldada em uma investigação cuidadosa e séria. Nilza desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não	Uma vez que \ desde o início \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ enquanto \ Alex \ devia \ como delegado \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Zélia \ almejava \ resolver o caso de forma limpa \ e respaldada em uma investigação cuidadosa e séria. Alex desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não	Uma vez que \ desde o início \ enquanto \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ Nilza \ devia \ como delegada \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Alex \ auxiliava \ a chefe \ na elaboração das perguntas \ durante os interrogatórios. Nilza desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Sim	Uma vez que \ desde o início \ enquanto \ ela \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ Alex \ devia \ como delegado \ tomar o depoimento das testemunhas, \ Zélia \ acreditava \ poder solucionar o caso \ colocado em suas mãos \ de modo mais rápido e eficaz. Alex desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não	Uma vez que \ desde o início \ enquanto \ Zélia \ assumia \ a direção \ do inquérito policial \ Alex \ devia \ como delegado \ tomar o depoimento das testemunhas, \ ela \ acreditava \ poder solucionar o caso \ colocado em suas mãos \ de modo mais rápido e eficaz. Alex desde o início assumiu a direção do inquérito policial? Não
Visto que \ nos últimos tempos \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ enquanto \ Adão \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Pepe \ cuidava \ em economizar os recursos \ para manter a produtividade na empresa. Adão era obrigado a cortar gastos na agência? Não	Visto que \ nos últimos tempos \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ enquanto \ Maria \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Pepe \ cuidava \ em economizar os recursos \ para manter a produtividade na empresa. Maria era obrigada a cortar gastos na agência? Não	Visto que \ nos últimos tempos \ enquanto \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ Adão \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Maria \ acabava \ se aborrecendo \ com as medidas econômicas de austeridade \ que prejudicavam os empregados. Adão era obrigado a cortar gastos na agência? Sim	Visto que \ nos últimos tempos \ enquanto \ ele \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ Maria \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ Pepe \ se empenhava \ em otimizar os recursos \ restantes após os cortes \ para equilibrar a empresa. Maria era obrigada a cortar gastos na agência? Não	Visto que \ nos últimos tempos \ enquanto \ Pepe \ era obrigado \ a cortar gastos \ na agência \ Maria \ tinha de enxugar \ a folha de pagamento \ dos funcionários, \ ele \ se empenhava \ em otimizar os recursos \ restantes após os cortes \ para equilibrar a empresa. Maria era obrigada a cortar gastos na agência? Não
Visto que \ nas últimas semanas \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ enquanto \ Vando \ paquerava \ as mulheres \ que passavam pedalando, \ Zeca \ se encabulava \ com os olhares descarados \ do parceiro desejando as garotas. Vando caminhava diariamente pelo parque? Não	Visto que \ nas últimas semanas \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ enquanto \ Ívia \ paquerava \ os homens \ que passavam pedalando, \ Zeca \ se encabulava \ com os olhares descarados \ da parceira desejando os garotos. Ívia caminhava diariamente pelo parque? Não	Visto que \ nas últimas semanas \ enquanto \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ Vando \ paquerava \ as mulheres \ que passavam pedalando, \ Ívia \ se chateava \ com os olhares dele \ e se sentia constrangida \ com o descaramento do parceiro. Vando caminhava diariamente pelo parque? Sim	Visto que \ nas últimas semanas \ enquanto \ ele \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ Ívia \ paquerava \ os homens \ que passavam pedalando, \ Zeca \ se aborrecia \ e ficava com ciúmes \ da sua parceira \ dando em cima dos rapazes. Ívia caminhava diariamente pelo parque? Não	Visto que \ nas últimas semanas \ enquanto \ Zeca \ caminhava \ diariamente pelo parque \ no final da tarde \ Ívia \ paquerava \ os homens \ que passavam pedalando, \ ele \ se aborrecia \ e ficava com ciúmes \ da sua parceira \ dando em cima dos rapazes. Ívia caminhava diariamente pelo parque? Não

Já que \ desde sempre \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Jaime \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Marco \ cogitava em morar \ novamente no campo \ e levar uma vida mais saudável \ e menos estressante. Jaime amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá no campo? Não	Já que \ desde sempre \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Teca \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Marco \ cogitava em morar \ novamente no campo \ e levar uma vida mais saudável \ e menos estressante. Teca amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá? Não	Já que \ desde sempre \ enquanto \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Jaime \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Teca \ pensava em comprar \ uma fazenda \ para voltar a passar \ os finais de semana \ no campo. Jaime amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá no campo? Sim	Já que \ desde sempre \ enquanto \ ele \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Teca \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ Marco \ sonhava em transferir \ seu emprego \ para uma pequena cidade \ próxima aos ares do campo \ que tanto faz bem. Teca amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá? Não	Já que \ desde sempre \ enquanto \ Marco \ amava viver \ em meio ao campo \ enquanto \ Teca \ alegrava-se \ bastante em conviver \ junto aos animais e plantas, \ ele \ sonhava em transferir \ seu emprego \ para uma pequena cidade \ próxima aos ares do campo \ que tanto faz bem. Teca amava viver em meio ao campo e cogitava voltar a morar novamente lá? Não
Já que \ há bastante tempo \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ enquanto \ Wilson \ é um atuante missionário \ junto aos movimentos paroquiais, \ Lucas \ se satisfaz \ com os benefícios \ gerados por seu trabalho \ entre os fiéis dentro da comunidade. Wilson é um religioso adepto de participar das festas da igreja? Não	Já que \ há bastante tempo \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ enquanto \ Deta \ é uma atuante missionária \ junto aos movimentos paroquiais, \ Lucas \ se satisfaz \ com os benefícios \ gerados por seu trabalho \ entre os fiéis dentro da comunidade. Deta é uma religiosa adepta de participar das festas da igreja? Não	Já que \ há bastante tempo \ enquanto \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ Wilson \ é um atuante missionário \ junto aos movimentos paroquiais, \ Deta \ demonstra admirar \ cada vez mais intensamente \ a fé \ e o compromisso \ assumido pelo colega. Wilson é um religioso adepto de participar das festas da igreja? Sim	Já que \ há bastante tempo \ enquanto \ ele \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ Deta \ é uma atuante missionária \ junto aos movimentos paroquiais, \ Lucas \ parece estar \ se apaixonando \ pela parceira \ e querendo \ pedi-la em namoro. Deta é uma religiosa adepta de participar das festas da igreja? Não	Já que \ há bastante tempo \ enquanto \ Lucas \ é religioso \ e adepto de participar \ das festas da igreja \ Deta \ é uma atuante missionária \ junto aos movimentos paroquiais, \ ele \ parece estar \ se apaixonando \ pela parceira \ e querendo \ pedi-la em namoro. Deta é uma religiosa adepta de participar das festas da igreja? Não
Uma vez que \ nos derradeiros meses \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ enquanto \ Nando \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Tadeu \ está pensando \ em convidar o amigo para passar \ um final de semana no exterior. Nando tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não	Uma vez que \ nos derradeiros meses \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ enquanto \ Liu \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Tadeu \ está pensando \ em convidar o amigo para passar \ um final de semana no exterior. Liu tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não	Uma vez que \ nos derradeiros meses \ enquanto \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ Nando \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Liu \ está planejando \ viajar \ para a praia \ ao entrarem de férias. Nando tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Sim	Uma vez que \ nos derradeiros meses \ enquanto \ ele \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ Liu \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ Tadeu \ vem planejando \ passar \ a lua de mel em um resort \ numa praia ainda não conhecida. Liu tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não	Uma vez que \ nos derradeiros meses \ enquanto \ Tadeu \ tem economizado \ uma boa quantia \ em dinheiro \ Liu \ vem falando \ que gostaria \ de conhecer novos lugares, \ ele \ vem planejando \ passar \ a lua de mel em um resort \ numa praia ainda não conhecida. Liu tem economizado uma boa quantia em dinheiro? Não

Frase: Embora \ todo fim de semana \ ela_i \ caminhasse \ pela calçadinha da orla \ enquanto \ Sara \ contemplava \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ focava \ mais nos seus exercícios físicos \ e acabava não percebendo \ a beleza natural ao seu redor. Pergunta-sonda: Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não	Embora \ todo fim de semana \ ela_i \ caminhasse \ pela calçadinha da orla \ enquanto \ Bruno \ contemplava \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ focava \ mais nos seus exercícios físicos \ e acabava não percebendo \ a beleza natural ao seu redor. Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não	Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ ela_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Sara_i \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ Bruno \ teimava \ em não acompanhar \ a mulher nos exercícios físicos \ e nas caminhadas diárias \ rente ao mar. Sara tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Sim	Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ ela_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Bruno \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ Laís_i \ não se dava conta \ da beleza natural \ ao seu redor \ ao se concentrar inteiramente \ no seu exercício físico. Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não	Embora \ todo fim de semana \ enquanto \ Laís_i \ caminhava \ pela calçadinha da orla \ Bruno \ contemplasse \ a linda \ paisagem da praia, \ ela_i \ não se dava conta \ da beleza natural \ ao seu redor \ ao se concentrar inteiramente \ no seu exercício físico. Bruno tinha o costume de caminhar pela calçadinha da orla? Não
Embora \ nos primeiros dias de aula \ ela \ tivesse \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ enquanto \ Lane \ conversava \ as novidades com a turma, \ Paty \ dessa vez \ acabou saindo para se enturmar \ com as meninas na cantina. Lane costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não	Embora \ nos primeiros dias de aula \ ela \ tivesse \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ enquanto \ Saulo \ conversava \ as novidades com a turma, \ Paty \ dessa vez \ acabou saindo para se enturmar \ com as meninas na cantina. Saulo costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não	Embora \ nos primeiros dias de aula \ enquanto \ ela \ tinha \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ Lane \ conversasse \ as novidades com a turma, \ Saulo \ decidiu \ permanecer por perto \ para tentar se aproximar \ da bela menina. Lane costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Sim	Embora \ nos primeiros dias de aula \ enquanto \ ela \ tinha \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ Saulo \ conversasse \ as novidades com a turma, \ Paty \ resolveu \ ir para o pátio \ se entrosar e conversar \ com o pessoal das outras séries. Saulo costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não	Embora \ nos primeiros dias de aula \ enquanto \ Paty \ tinha \ o costume \ de permanecer mais tempo \ dentro da sala \ Saulo \ conversasse \ as novidades com a turma, \ ela \ resolveu \ ir para o pátio \ se entrosar e conversar \ com o pessoal das outras séries. Saulo costumava permanecer mais tempo dentro da sala de aula? Não
Ainda que \ ao longo do inverno \ ela \ insistia \ em sair de casa desagasalhada \ enquanto \ Bia \ sempre \ acaba ficando \ resfriada ao sair, \ Rita \ raramente \ pega uma gripe ou fica doente \ mesmo sem tomar as devidas precauções \ quanto a sua saúde. Bia insiste em sair de casa desagasalhada? Não	Ainda que \ ao longo do inverno \ ela \ insistia \ em sair de casa desagasalhada \ enquanto \ Pompeu \ sempre \ acaba ficando \ resfriado ao sair, \ Rita \ raramente \ pega uma gripe ou fica doente \ mesmo sem tomar as devidas precauções \ quanto a sua saúde. Pompeu insiste em sair de casa desagasalhado? Não	Ainda que \ ao longo do inverno \ enquanto \ ela \ insiste \ em sair de casa desagasalhada \ Bia \ sempre \ acaba ficando \ resfriada ao sair, \ Pompeu \ dificilmente \ fica doente \ ao acompanhar sua irmã nessas saídas \ estando também desagasalhado \ sob frio intenso. Bia insiste em sair de casa desagasalhada? Sim	Ainda que \ ao longo do inverno \ enquanto \ ela \ insiste \ em sair de casa desagasalhada \ Pompeu \ sempre \ acaba ficando \ resfriado ao sair, \ Rita \ não contrai \ um resfriado sequer \ apesar de seu descuido \ em se agasalhar bem \ na hora de colocar o pé fora de casa. Pompeu insiste em sair de casa desagasalhado? Não	Ainda que \ ao longo do inverno \ enquanto \ Rita \ insiste \ em sair de casa desagasalhada \ Pompeu \ sempre \ acaba ficando \ resfriado ao sair, \ ela \ não contrai \ um resfriado sequer \ apesar de seu descuido \ em se agasalhar bem \ na hora de colocar o pé fora de casa. Pompeu insiste em sair de casa desagasalhado? Não

Ainda que \ nos dias santos \ ela \ vá \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ enquanto \ Cida \ faz-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Luana \ não se esquece \ de que a festa mais importante para os cristãos \ consiste em participar da santa eucaristia. Cida vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não	Ainda que \ nos dias santos \ ela \ vá \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ enquanto \ Pino \ faz-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Luana \ não se esquece \ de que a festa mais importante para os cristãos \ consiste em participar da santa eucaristia. Pino vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não	Ainda que \ nos dias santos \ enquanto \ ela \ vai \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ Cida \ faça-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Pino \ reluta \ em acompanhar sua mãe \ na comemoração \ de muitas dessas festividades religiosas. Cida vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Sim	Ainda que \ nos dias santos \ enquanto \ ela \ vai \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ Pino \ faça-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ Luana \ sabe \ que comungar do sangue e corpo de Cristo \ através da santa eucaristia \ corresponde à verdadeira festa cristã. Pino vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não	Ainda que \ nos dias santos \ enquanto \ Luana \ vai \ para todos os festejos religiosos \ da sua igreja \ Pino \ faça-se \ mais presente \ na celebração da missa, \ ela \ sabe \ que comungar do sangue e corpo de Cristo \ através da santa eucaristia \ corresponde à verdadeira festa cristã. Pino vai para todos os festejos religiosos da sua igreja nos dias santos? Não
Mesmo que \ durante a alta temporada \ ela \ viaje \ de cruzeiro para o exterior \ enquanto \ Vanda \ gasta \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Bete \ procura compensar \ os altos gastos \ pegando excelentes promoções na passagem \ e o câmbio em baixa. Vanda viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não	Mesmo que \ durante a alta temporada \ ela \ viaje \ de cruzeiro para o exterior \ enquanto \ Plínio \ gasta \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Bete \ procura compensar \ os altos gastos \ pegando excelentes promoções na passagem \ e o câmbio em baixa. Plínio viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não	Mesmo que \ durante a alta temporada \ enquanto \ ela \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ Vanda \ gaste \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Plínio \ recomenda \ a sua filha \ procurar \ pacotes mais baratos \ por meio de viagens domésticas. Vanda viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Sim	Mesmo que \ durante a alta temporada \ enquanto \ ela \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ Plínio \ gaste \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ Bete \ procura controlar \ os gastos do seu filho \ em moeda estrangeira \ para evitar \ um elevado endividamento pra frente. Plínio viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não	Mesmo que \ durante a alta temporada \ enquanto \ Bete \ viaja \ de cruzeiro para o exterior \ Plínio \ gaste \ seu dinheiro em dólar \ noutros países, \ ela \ procura controlar \ os gastos do seu filho \ em moeda estrangeira \ para evitar \ um elevado endividamento pra frente. Plínio viaja de cruzeiro para o exterior durante a alta temporada? Não

Embora \ nos feriados \ ele \ passe \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ enquanto \ Carl \ aproveita \ para beber em casa \ até encher a cara, \ Tulio \ mantém-se \ sóbrio ao cumprir com seu trabalho \ e com suas responsabilidades no dia a dia. Carl nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não	Embora \ nos feriados \ ele \ passe \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ enquanto \ Sueli \ aproveita \ para beber em casa \ até encher a cara, \ Tulio \ mantém-se \ sóbrio ao cumprir com seu trabalho \ e com suas responsabilidades no dia a dia. Sueli nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não	Embora \ nos feriados \ enquanto \ ele \ passa \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ Carl \ aproveita \ para beber \ até encher a cara, \ Sueli \ passa \ todo o dia em casa \ descansando e esperando o esposo \ feito uma besta. Carl nos feriados passa o dia na farra com os amigos pegando as peguetes? Sim	Embora \ nos feriados \ enquanto \ ele \ passa \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ Sueli \ aproveite \ para beber \ até encher a cara, \ Tulio \ lembra bem \ de ter de parar com a pegação \ ao ir trabalhar \ após os dias de folga e lazer. Sueli nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não	Embora \ nos feriados \ enquanto \ Tulio \ passa \ o dia na farra com os amigos \ pegando as peguetes \ Sueli \ aproveite \ para beber \ até encher a cara, \ ele \ lembra bem \ de ter de parar com a pegação \ ao ir trabalhar \ após os dias de folga e lazer. Sueli nos feriados passa o dia na farra com os amigos? Não
Embora \ em meio ao verão \ ele \ trabalhe \ debaixo do sol escaldante da estação \ enquanto \ Elton \ bebe \ muita água \ para se hidratar, \ Judas \ não cuida \ da saúde como deve \ ao beber muito pouco líquido no trabalho \ durante essa época de forte calor. Elton trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não	Embora \ em meio ao verão \ ele \ trabalhe \ debaixo do sol escaldante da estação \ enquanto \ Marta \ bebe \ muita água \ para se hidratar, \ Judas \ não cuida \ da saúde como deve \ ao beber muito pouco líquido no trabalho \ durante essa época de forte calor. Marta trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não	Embora \ em meio ao verão \ enquanto \ ele \ trabalha \ debaixo do sol escaldante da estação \ Elton \ beba \ muita água \ para se hidratar, \ Marta \ teme \ que seu pai fique doente \ de insolação ou disenteria \ mesmo sem deixar faltar água \ no serviço pra beber. Elton trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Sim	Embora \ em meio ao verão \ enquanto \ ele \ trabalha \ debaixo do sol escaldante da estação \ Marta \ beba \ muita água \ para se hidratar, \ Judas \ não cuida \ da própria saúde \ que nem sua afilhada \ ao se despreocupar em manter-se hidratado \ bebendo muita água. Marta trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não	Embora \ em meio ao verão \ enquanto \ Judas \ trabalha \ debaixo do sol escaldante da estação \ Marta \ beba \ muita água \ para se hidratar, \ ele \ não cuida \ da própria saúde \ que nem sua afilhada \ ao se despreocupar em manter-se hidratado \ bebendo muita água. Marta trabalha debaixo do sol escaldante da estação em meio ao verão? Não
Embora \ nas noites de plantão \ ele \ trabalhasse \ na mesa de cirurgia \ enquanto \ Gilson \ ficava \ sonolento \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Othon \ mostrava-se \ resistente ao cansaço \ e nem ao menos pestanejava \ estando a trabalhar no hospital. Gilson trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não	Embora \ nas noites de plantão \ ele \ trabalhasse \ na mesa de cirurgia \ enquanto \ Paula \ ficava \ sonolenta \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Othon \ mostrava-se \ resistente ao cansaço \ e nem ao menos pestanejava \ estando a trabalhar no hospital. Paula trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não	Embora \ nas noites de plantão \ enquanto \ ele \ trabalhava \ na mesa de cirurgia \ Gilson \ ficasse \ sonolento \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Paula \ incrivelmente \ não se cansava \ nem tinha sono \ tal como o colega \ do hospital. Gilson trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Sim	Embora \ nas noites de plantão \ enquanto \ ele \ trabalhava \ na mesa de cirurgia \ Paula \ ficasse \ sonolenta \ com a desgastante jornada de trabalho, \ Othon \ jamais \ sentia sono \ durante as horas \ em que trabalhava no hospital \ talvez por ser duro na queda. Paula trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não	Embora \ nas noites de plantão \ enquanto \ Othon \ trabalhava \ na mesa de cirurgia \ Paula \ ficasse \ sonolenta \ com a desgastante jornada de trabalho, \ ele \ jamais \ sentia sono \ durante as horas \ em que trabalhava no hospital \ talvez por ser duro na queda. Paula trabalhava na mesa de cirurgia nas noites de plantão? Não

Ainda que \ à noite \ ele \ dê \ plantão no hospital \ como médico \ enquanto \ Xerxes \ consulta \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Dário \ normalmente \ dispõe-se a ajudar o colega menos experiente \ na administração dos medicamentos. Xerxes dá plantão no hospital como médico à noite? Não	Ainda que \ à noite \ ele \ dê \ plantão no hospital \ como médico \ enquanto \ Diana \ consulta \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Dário \ normalmente \ dispõe-se a ajudar a colega menos experiente \ na administração dos medicamentos. Diana dá plantão no hospital como médica à noite? Não	Ainda que \ à noite \ enquanto \ ele \ dá \ plantão no hospital \ como médico \ Xerxes \ consulte \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Diana \ é quem medica \ os enfermos consultados \ por seu colega no ambulatório \ com uma injeção de analgésicos. Xerxes dá plantão no hospital como médico à noite? Sim	Ainda que \ à noite \ enquanto \ ele \ dá \ plantão no hospital \ como médico \ Diana \ consulte \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ Dário \ geralmente \ predispõe-se a auxiliar \ a colega menos experiente \ na hora de aplicar os medicamentos. Diana dá plantão no hospital como médica à noite? Não	Ainda que \ à noite \ enquanto \ Dário \ dá \ plantão no hospital \ como médico \ Diana \ consulte \ os pacientes \ que chegam sentindo muita dor, \ ele \ geralmente \ predispõe-se a auxiliar \ a colega menos experiente \ na hora de aplicar os medicamentos. Diana dá plantão no hospital como médica à noite? Não
Ainda que \ no intervalo do almoço \ ele \ observe \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ enquanto \ Denis \ almoça \ nos restaurantes da rua, \ Tony \ nunca lembra \ de acompanhar o amigo \ para fazerem a refeição juntos \ nos estabelecimentos. Denis observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não	Ainda que \ no intervalo do almoço \ ele \ observe \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ enquanto \ Sonia \ almoça \ nos restaurantes da rua, \ Tony \ nunca lembra \ de acompanhar a amiga \ para fazerem a refeição juntos \ nos estabelecimentos. Sonia observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não	Ainda que \ no intervalo do almoço \ enquanto \ ele \ observa \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ Denis \ se alimente \ nos restaurantes da rua, \ Sonia \ prefere \ almoçar \ no conforto e tranquilidade \ de sua residência \ junto à família. Denis observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Sim	Ainda que \ no intervalo do almoço \ enquanto \ ele \ observa \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ Sonia \ se alimente \ nos restaurantes da rua, \ Tony \ quase sempre \ não se apetece \ de fazer companhia \ à amiga \ na hora da refeição. Sonia observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não	Ainda que \ no intervalo do almoço \ enquanto \ Tony \ observa \ o movimento dos self-services \ perto do escritório \ Sonia \ se alimente \ nos restaurantes da rua, \ ele \ quase sempre \ não se apetece \ de fazer companhia \ à amiga \ na hora da refeição. Sonia observa o movimento dos self-services perto do escritório no intervalo do almoço? Não
Ainda que \ nos dias de folga \ ele \ escolha \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ enquanto \ Jânio \ sai levando \ os familiares para jantar fora, \ Jader \ desta vez \ permitiu \ que seu sobrinho \ decidisse para onde iriam. Jânio escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não	Ainda que \ nos dias de folga \ ele \ escolha \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ enquanto \ Giulia \ sai levando \ os familiares para jantar fora, \ Jader \ desta vez \ permitiu \ que sua sobrinha \ decidisse para onde iriam. Giulia escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não	Ainda que \ nos dias de folga \ enquanto \ ele \ escolhe \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ Jânio \ saia levando \ os familiares para jantar fora, \ Giulia \ tem alertado \ o avô \ para comer \ mais em casa \ em prol da contenção de despesas. Jânio escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com	Ainda que \ nos dias de folga \ enquanto \ ele \ escolhe \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ Giulia \ saia levando \ os familiares para jantar fora, \ Jader \ achou \ por bem \ deixar sua sobrinha \ desta vez \ resolver tudo referente à saída. Giulia escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com a família nos dias de folga? Não	Ainda que \ nos dias de folga \ enquanto \ Jader \ escolhe \ o restaurante mais agradável \ para confraternizar com a família \ Giulia \ saia levando \ os familiares para jantar fora, \ ele \ achou \ por bem \ deixar sua sobrinha \ desta vez \ resolver tudo referente à saída. Giulia escolhe o restaurante mais agradável para confraternizar com

		a família nos dias de folga? Sim		a família nos dias de folga? Não
Mesmo que \ nas datas comemorativas \ ele \ gaste \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ enquanto \ Arão \ reserva \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ José \ comprou \ apenas mimos pra família de dentro de casa \ a fim de conter os gastos neste Natal. Arão gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não	Mesmo que \ nas datas comemorativas \ ele \ gaste \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ enquanto \ Paola \ reserva \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ José \ comprou \ apenas mimos pra família de dentro de casa \ a fim de conter os gastos neste Natal. Paola gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não	Mesmo que \ nas datas comemorativas \ enquanto \ ele \ gasta \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ Arão \ reserve \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ Paola \ costuma \ direcionar seu salário \ para comprar presentes \ só para o pessoal de casa. Arão gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Sim	Mesmo que \ nas datas comemorativas \ enquanto \ ele \ gasta \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ Paola \ reserve \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ José \ só pode \ comprar mimos neste Natal \ para o povo de casa \ com o dinheiro curto guardado. Paola gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não	Mesmo que \ nas datas comemorativas \ enquanto \ José \ gasta \ parte de seus proventos \ com presentes para os entes queridos \ Paola \ reserve \ uma parcela dos seus ganhos \ para presentear seus filhos, \ ele \ só pode \ comprar mimos neste Natal \ para o povo de casa \ com o dinheiro curto guardado. Paola gasta parte de seus proventos com presentes para os entes queridos nas datas comemorativas? Não
Mesmo que \ no decorrer das viagens \ ele \ tire \ fotos das paisagens \ enquanto \ Davi \ aprecia \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Sávio \ tem \ mais preferência em filmar \ os lugares por onde passeia \ do que fotografar como seu primo. Davi tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não	Mesmo que \ no decorrer das viagens \ ele \ tire \ fotos das paisagens \ enquanto \ Maira \ aprecia \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Sávio \ tem \ mais preferência em filmar \ os lugares por onde passeia \ do que fotografar como sua prima. Maira tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não	Mesmo que \ no decorrer das viagens \ enquanto \ ele \ tira \ fotos das paisagens \ Davi \ aprecie \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Maira \ não tem \ a mesma sensibilidade \ do primo \ em admirar \ as belezas naturais. Davi tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Sim	Mesmo que \ no decorrer das viagens \ enquanto \ ele \ tira \ fotos das paisagens \ Maira \ aprecie \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ Sávio \ não deixa \ de compartilhar \ com sua prima \ os mágicos instantes \ de contemplação do lindo horizonte. Maira tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não	Mesmo que \ no decorrer das viagens \ enquanto \ Sávio \ tira \ fotos das paisagens \ Maira \ aprecie \ os detalhes \ do belo colorido da natureza, \ ele \ não deixa \ de compartilhar \ com sua prima \ os mágicos instantes \ de contemplação do lindo horizonte. Maira tira fotos das paisagens no decorrer das viagens? Não
Mesmo que \ em matéria de adoção \ ele \ despache \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ enquanto \ Ênio \ avalia \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Lucio \ também \ trabalha avaliando cada documento \ antes de despachar. Ênio em matéria de adoção despacha a	Mesmo que \ em matéria de adoção \ ele \ despache \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ enquanto \ Rosa \ avalia \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Lucio \ também \ trabalha avaliando cada documento \ antes de despachar. Rosa em matéria de adoção	Mesmo que \ em matéria de adoção \ enquanto \ ele \ despacha \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ Ênio \ avalie \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Rosa \ tenta estar \ sempre disponível \ para ajudar o amigo \ nas avaliações. Ênio em matéria de	Mesmo que \ em matéria de adoção \ enquanto \ ele \ despacha \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ Rosa \ avalie \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ Lucio \ não se resume \ a só despachar \ ao dividir a tarefa de avaliação \ com a correligionária. Rosa em matéria de	Mesmo que \ em matéria de adoção \ enquanto \ Lucio \ despacha \ a papelada \ enviada pelo juizado de menores \ Rosa \ avalie \ a documentação já deixada \ em sua mesa anteriormente, \ ele \ não se resume \ a só despachar \ ao dividir a tarefa de avaliação \ com a correligionária.

papelada enviada pelo juizado de menores? Não	despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não	adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Sim	adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não	Rosa em matéria de adoção despacha a papelada enviada pelo juizado de menores? Não
Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ ele \ tenha \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ enquanto \ Ivan \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ Fabio \ sempre \ solicita \ uma revisão extra da análise geral \ a um terceiro especialista. Ivan no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não	Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ ele \ tenha \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ enquanto \ Vânia \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ Fabio \ sempre \ solicita \ uma revisão extra da análise geral \ a um terceiro especialista. Vânia no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não	Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ enquanto \ ele \ tem \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ Ivan \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ Vânia \ sabe \ da necessidade \ de pedir a um outro colega \ uma revisão extra \ de sua análise. Ivan no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Sim	Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ enquanto \ ele \ tem \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ Vânia \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ Fabio \ entende \ a importância \ de requerer \ uma análise extra \ de um terceiro especialista. Vânia no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não	Mesmo que \ no tangente à rescisão de contrato \ enquanto \ Fabio \ tem \ de avaliar \ as cláusulas contratuais do acordo \ Vânia \ se preocupa \ em atestar sua validade jurídica, \ ele \ entende \ a importância \ de requerer \ uma análise extra \ de um terceiro especialista. Vânia no tangente à rescisão de contrato tem de avaliar as cláusulas contratuais do acordo? Não

APÊNDICE D – TABELAS CONCERNENTES AOS TESTES ESTATÍSTICOS INCIDENTES SOBRE O EXPERIMENTO DA PESQUISA MAGISTRAL

▲ Tabelas Referentes à Análise Estatística do 1º Segmento

Tabela 1 - ANOVA do Primeiro Segmento

TESTE ANOVA: ANÁLISE DA VARIÂNCIA

<i>Tabela da Anova</i>	<i>G.L.</i>	<i>Soma de Quadrados</i>	<i>Quadrado Médio</i>	<i>Estat. F</i>	<i>P-valor</i>
Tipo de Princípio	1	257650,0465	257650,0465	4,198174534	0,0409
Congruência	1	290410,5417	290410,5417	4,731977181	0,03
Tipo de Princípio : Congruência	1	5395,204824	5395,204824	0,087909984	0,767
Resíduos	549	33693186,02	61371,92354		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 2 - Intervalo de Confiança dos Efeitos do Primeiro Segmento

ANOVA: Intervalo de Confiança

<i>Tipo_de_Principio:Congruencia</i>	<i>Limite Inferior</i>	<i>Efeito</i>	<i>Limite Superior</i>
NoConst Match	666,6528956	708,0768841	749,5008725
PrnC Match	703,6474608	745,0714493	786,4954377
NoConst Mismatch	706,3990558	747,6737681	788,9484805
PrnC Mismatch	755,7384028	797,1623913	838,5863798

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 3 - KRUSKAL-WALLIS do Primeiro Fator do Primeiro Segmento

(continua)

TESTE DE KRUSKAL-WALLIS

Método: Kruskal-Wallis rank sum test

<i>Informação</i>	<i>Valor</i>
Kruskal-Wallis qui-quadrado	7,029448618
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,008018004

<i>Fatores Comparados</i>	<i>Diferença Observada</i>	<i>Diferença Crítica</i>	<i>Diferença</i>
NoConst - PrinC	36,02905091	26,63440848	Sim

(conclusão)

Critério da Comparação Múltipla			
Padrão			

Fatores	Limite Inferior	Efeito	Limite Superior
NoConst	698,6340507	727,9468006	757,2595505
PrinC	741,7511156	771,1169203	800,4827249

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 4 - KRUSKAL-WALLIS do Segundo Fator do Primeiro Segmento

TESTE DE KRUSKAL-WALLIS

Método: Kruskal-Wallis rank sum test

Informação	Valor
Kruskal-Wallis qui-quadrado	4,458744414
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,034723012

Fatores Comparados	Diferença Observada	Diferença Crítica	Diferença
Match - Mismatch	28,69448804	26,63440848	Sim

Critério da Comparação Múltipla

Padrão

Fatores	Limite Inferior	Efeito	Limite Superior
Match	697,2220908	726,5741667	755,9262425
Mismatch	743,0297042	772,3287501	801,627796

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 5 - FISHER-BONFERRONI entre os Níveis das Condições Experimentais referente ao Primeiro Segmento

TESTE DE FISHER-BONFERRONI

<i>Diferença entre Níveis</i>	<i>Média</i>	<i>LI</i>	<i>LS</i>	<i>P-Valor</i>
NoConstMismatch - NoConstMatch	39,59688406	-39,22952659	118,4232947	1
PrinCMatch - NoConstMatch	36,99456522	-41,97400318	115,9631336	1
PrinCMismatch - NoConstMatch	89,08550725	10,11693885	168,0540756	0,017654
NoConstMismatch - PrinCMatch	2,602318841	-76,22409181	81,42872949	1
PrinCMismatch - NoConstMismatch	49,48862319	-29,33778746	128,3150338	0,582057
PrinCMismatch-PrinCMatch	52,09094203	-26,87762637	131,0595104	0,487561

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 6 - DUNNETT entre os Níveis das Condições Experimentais e os Níveis da Condição Controle referente ao Primeiro Segmento

TESTE DE DUNNETT

Alfa =
Hipótese Alternativa =0,05
Bilateral

<i>Diferença entre Níveis</i>	<i>Média</i>	<i>LI</i>	<i>LS</i>	<i>P-Valor</i>
NoConstMatch - Controle	-112,0436232	-185,1616604	-38,92558596	0,000795003
NoConstMismatch - Controle	-72,44673913	-145,4331506	0,539672364	0,052255253
PrinCMatch - Controle	-75,04905797	-148,1670952	-1,93102074	0,042293503
PrinCMismatch - Controle	-22,95811594	-96,07615317	50,15992129	0,857625265

Fonte: Resultado da pesquisa.

▲ **Tabelas Referentes à Análise Estatística do 2º Segmento – Segmento Crítico****Tabela 7 - ANOVA do Segundo Segmento**

TESTE ANOVA: ANÁLISE DA VARIÂNCIA

<i>Tabela da Anova</i>	<i>G.L.</i>	<i>Soma de Quadrados</i>	<i>Quadrado Médio</i>	<i>Estat. F</i>	<i>P-valor</i>
Tipo de Princípio	1	1666485,147	1666485,15	7,9556	0,005
Congruência	1	781622,5139	781622,514	3,7314	0,0539
Tipo de Princípio : Congruência	1	2204,521371	2204,52137	0,0105	0,9183
Resíduos	548	114791908,7	209474,286		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 8 - Intervalo de Confiança dos Efeitos do Segundo Segmento

ANOVA: Intervalo de Confiança

Tipo de Princípio : Congruência	Limite Inferior	Efeito	Limite Superior
No Constraint Match	1014,7337	1091,26413	1167,794561
PrinC Match	900,8460915	977,3765217	1053,906952
No Constraint Mismatch	935,4777582	1012,008188	1088,538619
PrinC Mismatch	829,5838451	906,1142754	982,6447056

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 9 - FISHER-BONFERRONI entre os Níveis das Condições Experimentais e da Condição Controle referente ao Segundo Segmento

TESTE DE FISHER-BONFERRONI

Diferença entre Níveis	Média	LI	LS	P-Valor
No Constraint Match - Controle	194,6823188	47,69015872	341,674479	0,002075
No Constraint Mismatch - Controle	115,4263768	-31,56578331	262,4185369	0,273374
PrinCMatch - Controle	80,79471014	-66,19744998	227,7868703	1
PrinCMisMatch - Controle	9,532463768	-137,4596964	156,5246239	1
No Constraint Match - No Constraint Mismatch	79,25594203	-67,7362181	226,2481022	1
No Constraint Match - PrinCMatch	113,8876087	-33,10455143	260,8797688	0,294544
No Constraint Match - PrinCMisMatch	185,1498551	38,15769495	332,1420152	0,004159
No Constraint Mismatch - PrinCMatch	34,63166667	-112,3604935	181,6238268	1
No Constraint Mismatch - PrinCMisMatch	105,893913	-41,09824708	252,8860732	0,428675
PrinCMatch - PrinCMisMatch	71,26224638	-75,72991375	218,2544065	1

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 10 - TUKEY entre os Níveis das Condições Experimentais do Segundo Segmento

(continua)

TESTE DE TUKEY

Tabela da Anova	G.L.	Soma de Quadrados	Quadrado Médio	Estat. F	P-valor
Fator	3	2E+06	816770,7274	3,899145539	0,008949327
Resíduos	548	1E+08	209474,2859		

Níveis	Centro	Limite.Inferior	Limite.Superior	P-valor
No Constraint Mismatch-No Constraint Match	-79,255942	-221,2	62,72943665	0,4758671
PrinCMatch-No Constraint Match	-113,887609	-255,9	28,09776999	0,165306161
PrinCMisMatch-No Constraint Match	-185,149855	-327,1	-43,16447639	0,004611155
PrinCMatch-No Constraint Mismatch	-34,6316667	-176,6	107,353712	0,922863529
PrinCMisMatch-No Constraint Mismatch	-105,893913	-247,9	36,09146564	0,220001909
PrinCMisMatch-PrinCMatch	-71,2622464	-213,2	70,7231323	0,567544676

(conclusão)		
<i>Fator</i>	<i>Médias</i>	<i>Grupos</i>
No Constraint Match	1091,26413	a
No Constraint Mismatch	1012,008188	ab
PrinCMatch	977,3765217	ab
PrinCMisMatch	906,1142754	b

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 11 - DUNNETT entre os Níveis das Condições Experimentais e os Níveis da Condição Controle referente ao Segundo Segmento

TESTE DE DUNNETT	Alfa = Hipótese Alternativa =		0,05 Bilateral	
<i>Diferença entre Níveis</i>	<i>Média</i>	<i>LI</i>	<i>LS</i>	<i>P-Valor</i>
No Constraint Match - Controle	194,6823188	66,94152502	322,4231127	0,000777926
No Constraint Mismatch - Controle	115,4263768	-12,31441701	243,1671706	0,089724881
PrinCMatch - Controle	80,79471014	-46,94608368	208,535504	0,340729849
PrinCMisMatch - Controle	9,532463768	-118,2083301	137,2732576	0,999219406

Fonte: Resultado da pesquisa.

▲ Tabelas Referentes à Análise Estatística do 3º Segmento

Tabela 12 - ANOVA do Terceiro Segmento

TESTE ANOVA: ANÁLISE DA VARIÂNCIA

<i>Tabela da Anova</i>	<i>G.L.</i>	<i>Soma de Quadrados</i>	<i>Quadrado Médio</i>	<i>Estat. F</i>	<i>P-valor</i>
Tipo de Princípio	1	1689533,661	1689533,661	13,31035554	0,0003
Congruência	1	75550,87851	75550,87851	0,595199183	0,4407
Tipo de Princípio: Congruência	1	81005,49425	81005,49425	0,638171322	0,4247
Resíduos	548	69559708,09	126933,7739		

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 13 - Intervalo de Confiança dos Efeitos do Terceiro Segmento

ANOVA: Intervalo de Confiança

<i>Tipo de Princípio : Congruência</i>	<i>Limite Inferior</i>	<i>Efeito</i>	<i>Limite Superior</i>
NoConst Match	951,7813483	1011,355435	1070,929521
PrnC Match	865,3612758	924,9353623	984,5094488
NoConst Mismatch	952,6112758	1012,185362	1071,759449
PrnC Mismatch	817,7351889	877,3092754	936,8833619

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 14 - KRUSKAL-WALLIS do Primeiro Fator do Terceiro Segmento

TESTE DE KRUSKAL-WALLIS

Método: Kruskal-Wallis rank sum test

<i>Informação</i>	<i>Valor</i>
Kruskal-Wallis qui-quadrado	9,662705944
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,001880464

<i>Fatores Comparados</i>	<i>Diferença Observada</i>	<i>Diferença Crítica</i>	<i>Diferença</i>
NoConst - PrinC	42,20289855	26,61031584	Sim

Critério da Comparação Múltipla

Padrão

<i>Fatores</i>	<i>Limite Inferior</i>	<i>Efeito</i>	<i>Limite Superior</i>
NoConst	969,6748657	1011,770399	1053,865931
PrnC	859,0267859	901,1223188	943,2178517

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 15 - KRUSKAL-WALLIS do Segundo Fator do Terceiro Segmento

(continua)

TESTE DE KRUSKAL-WALLIS

Método: Kruskal-Wallis rank sum test

<i>Informação</i>	<i>Valor</i>
Kruskal-Wallis qui-quadrado	0,103927363
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,747166598

<i>Fatores Comparados</i>	<i>Diferença Observada</i>	<i>Diferença Crítica</i>	<i>Diferença</i>
Match - Mismatch	4,376811594	26,61031584	Não

(conclusão)

Critério da Comparação Múltipla			
Padrão			
<i>Fatores</i>	<i>Limite Inferior</i>	<i>Efeito</i>	<i>Limite Superior</i>
Match	925,5653824	968,1453986	1010,725415
Mismatch	902,1673027	944,7473188	987,327335

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 16 - FISHER-BONFERRONI entre os Níveis das Condições Experimentais referente ao Terceiro Segmento

TESTE DE FISHER-BONFERRONI

Diferença entre Níveis	Média	LI	LS	P-Valor
NoConstMismatch - NoConstMatch	0,829927536	-112,7393532	114,3992083	1
NoConstMatch - PrinCMMatch	86,42007246	-27,14920829	199,9893532	0,266427
NoConstMatch - PrinCMismatch	134,0461594	20,47687867	247,6154402	0,011222
NoConstMismatch - PrinCMMatch	87,25	-26,31928075	200,8192808	0,254453
NoConstMismatch - PrinCMismatch	134,876087	21,30680621	248,4453677	0,010518
PrinCMMatch - PrinCMismatch	47,62608696	-65,94319379	161,1953677	1

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 17 - DUNNETT entre os Níveis das Condições Experimentais e os Níveis da Condição Controle referente ao Terceiro Segmento

TESTE DE DUNNETT

Alfa =

0,05

Hipótese Alternativa =

Bilateral

Diferença entre Níveis	Média	LI	LS	P-Valor
NoConstMatch - Controle	205,4771014	106,583263	304,3709399	1,66483E-06
NoConstMismatch - Controle	206,307029	107,4131906	305,2008674	1,28311E-06
PrinCMMatch - Controle	119,057029	20,16319056	217,9508674	0,012134755
PrinCMismatch - Controle	71,43094203	-27,46289639	170,3247805	0,230181316

Fonte: Resultado da pesquisa.

▲ **Tabelas Referentes à Análise Estatística Incidente sobre o Teste Off-line Relativo à Pergunta-Sonda Interpretativa**

Tabela 18 - Contingência dos Dados Advindos da Resposta à Pergunta-Sonda

TABELA DE CONTINGÊNCIA

<i>Tabela Cruzada</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>	<i>Total</i>
sim	75	48	102	64	52	341
não	63	90	34	74	86	347
Total	138	138	136	138	138	688

<i>Proporção da Tabela</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	0,109011628	0,069767442	0,148255814	0,093023256	0,075581395
não	0,091569767	0,130813953	0,049418605	0,10755814	0,125

<i>Proporção por Linha</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	0,219941349	0,140762463	0,299120235	0,187683284	0,152492669
não	0,181556196	0,259365994	0,097982709	0,213256484	0,247838617

<i>Proporção por Coluna</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	0,543478261	0,347826087	0,75	0,463768116	0,376811594
não	0,456521739	0,652173913	0,25	0,536231884	0,623188406

<i>Teste Qui-Quadrado</i>	
Estatística X ²	56,8795366
Graus de Liberdade	4
P-Valor	1,31129E-11

<i>Valores Esperados do Qui-Quadrado</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	68,39825581	68,39825581	67,40697674	68,39825581	68,39825581
não	69,60174419	69,60174419	68,59302326	69,60174419	69,60174419

<i>Valores Padronizados do Qui-Quadrado</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	0,637194995	6,083325303	17,7530178	0,282823794	3,931427644
não	0,626177214	5,978138122	17,44604919	0,277933469	3,863449068

<i>Resíduos do Qui-Quadrado</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	0,798244947	-2,466439803	4,213433018	-0,531811803	-1,982782803
não	-0,791313601	2,445023133	-4,1768468	0,527193958	1,965565839

<i>Resíduos Padronizados do Qui-Quadrado</i>	<i>PrinC Match</i>	<i>PrinC MisMatch</i>	<i>No-Constraint Match</i>	<i>No-Constraint Mismatch</i>	<i>Controle</i>
sim	1,257125206	-3,884300999	6,623541416	-0,837529915	-3,122608228
não	-1,257125206	3,884300999	-6,623541416	0,837529915	3,122608228

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 19 - Estatística X² do Teste do Qui-Quadrado

TESTE DO QUI-QUADRADO

Teste Qui-Quadrado	
Estatística X ²	56,8795366
Graus de Liberdade	4
P-Valor	1,31129E-11

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 20 - Estatística de Pearson para a Condição Principle-C – Match

TESTE DE PROPORÇÃO DE UMA AMOSTRA
ESTATÍSTICA DE PEARSON
TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON

Dados do Processo

Variáveis	Quantidade
Sucesso	75
Fracasso	63

Informação	Valor
Estatística de Pearson	0,876811594
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,349076448
Proporção de sucesso na amostra	0,543478261
Intervalo de Confiança	95%
Limite Inferior	0,456746197
Limite Superior	0,627754036
Método:	Teste de proporção de 1 amostra com correção de continuidade
Hipótese Alternativa	Diferente

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 21 - Estatística de Pearson para a Condição Principle-C – Mismatch

(continua)

TESTE DE PROPORÇÃO DE UMA AMOSTRA
ESTATÍSTICA DE PEARSON
TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON

Dados do Processo

Variáveis	Quantidade
Sucesso	48
Fracasso	90

(conclusão)

Informação	Valor
Estatística de Pearson	12,7826087
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,000349857
Proporção de sucesso na amostra	0,347826087
Intervalo de Confiança	95%
Limite Inferior	0,273458376
Limite Superior	0,430436378
Método:	Teste de proporção de 1 amostra sem correção de continuidade
Hipótese Alternativa	Diferente

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 22 - Estatística de Pearson para a Condição No-constraint – Match

TESTE DE PROPORÇÃO DE UMA AMOSTRA
ESTATÍSTICA DE PEARSON
TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON

Dados do Processo

Variáveis	Quantidade
Sucesso	104
Fracasso	34

Informação	Valor
Estatística de Pearson	34,5
Graus de Liberdade	1
P-valor	4,26251E-09
Proporção de sucesso na amostra	0,753623188
Intervalo de Confiança	95%
Limite Inferior	0,671648162
Limite Superior	0,821180834
Método:	Teste de proporção de 1 amostra com correção de continuidade
Hipótese Alternativa	Diferente

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 23 - Estatística de Pearson para a Condição No-constraint – Mismatch

TESTE DE PROPORÇÃO DE UMA AMOSTRA ESTATÍSTICA DE PEARSON TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON	
<i>Dados do Processo</i>	
<i>Variáveis</i>	<i>Quantidade</i>
Sucesso	64
Fracasso	74
<i>Informação</i>	<i>Valor</i>
Estatística de Pearson	0,586956522
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,443598432
Proporção de sucesso na amostra	0,463768116
Intervalo de Confiança	95%
Limite Inferior	0,379194823
Limite Superior	0,55038822
Método:	Teste de proporção de 1 amostra com correção de continuidade
Hipótese Alternativa	Diferente
Fonte: Resultado da pesquisa.	

Tabela 24 - Estatística de Pearson para as Duas Amostras da Variável Restrição Sintática: Principle-C x No-constraint

TESTE DE PROPORÇÃO DE DUAS AMOSTRAS ESTATÍSTICA DE PEARSON TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON	
<i>Dados do Processo</i>	
<i>Variáveis(Conjunto de Dados 1)</i>	<i>Quantidade</i>
Sucesso	123
Fracasso	153
<i>Variáveis(Conjunto de Dados 2)</i>	<i>Quantidade</i>
Sucesso	168
Fracasso	108

(continua)

(conclusão)

<i>Informação</i>	<i>Sucesso</i>
Proporções (Conjunto de Dados 1)	0,445652174
Proporções (Conjunto de Dados 2)	0,608695652
Z	3,751072578
P-valor	0,00017608
Limite Inferior	-0,248847033
Limite Superior	-0,077239923

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 25 - Estatística de Pearson para as Duas Amostras da Variável Congruência Morfológica: Match x Mismatch

TESTE DE PROPORÇÃO DE DUAS AMOSTRAS
ESTATÍSTICA DE PEARSON
TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON

Dados do Processo

<i>Variáveis(Conjunto de Dados 1)</i>	<i>Quantidade</i>
Sucesso	179
Fracasso	97

<i>Variáveis(Conjunto de Dados 2)</i>	<i>Quantidade</i>
Sucesso	112
Fracasso	164

<i>Informação</i>	<i>Sucesso</i>
Proporções (Conjunto de Dados 1)	0,648550725
Proporções (Conjunto de Dados 2)	0,405797101
Z	5,626608867
P-valor	1,83787E-08
Limite Inferior	0,158331236
Limite Superior	0,32717601

Fonte: Resultado da pesquisa.

Tabela 26 - Estatística de Pearson para a Condição Controle

TESTE DE PROPORÇÃO DE UMA AMOSTRA
 ESTATÍSTICA DE PEARSON
 TESTE QUI-QUADRADO DE PEARSON

Dados do Processo

<i>Variáveis</i>	<i>Quantidade</i>
Sucesso	52
Fracasso	86

<i>Informação</i>	<i>Valor</i>
Estatística de Pearson	7,891304348
Graus de Liberdade	1
P-valor	0,004967303
Proporção de sucesso na amostra	0,376811594
Intervalo de Confiança	95%
Limite Inferior	0,296954982
Limite Superior	0,463635467
Método:	Teste de proporção de 1 amostra com correção de continuidade
Hipótese Alternativa	Diferente

Fonte: Resultado da pesquisa.

**APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUJEITOS EXPERIMENTAIS
PARA SER DEVIDAMENTE RESPONDIDO PELOS PARTICIPANTES APÓS
TEREM SE SUBMETIDO VOLUNTARIAMENTE À EXPERIÊNCIA**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING

Grupo de Estudos em Processamento Linguístico - GEPROL

Laboratório de Processamento Linguístico – LAPROL



QUESTIONÁRIO ACADÊMICO-CIENTÍFICO DE PESQUISA EXPERIMENTAL

Este documento oficial compreende um formulário de perguntas e respostas estruturado nos moldes de um questionário e organizado segundo o protocolo nacional e internacional de condução das pesquisas de cunho acadêmico-científico, as quais são protagonizadas por universidades, faculdades, institutos, laboratórios, centros de pesquisa credenciados e outras instituições deliberadamente aptas a exercerem as prerrogativas e funções inerentes ao desenvolvimento e produção científica em meio à sociedade e cujas atividades detêm a concessão e permissão de exercício funcional concedidas pelos órgãos fiscalizadores governamentais, de exercício profissional e de fomento à pesquisa, assim como que resguardam a pertinente aprovação do conselho de ética e do colegiado da comunidade científica os quais, ao emitirem o devido aval que é de direito, ratificam serem todos os parâmetros, de encaminhamento e direção das inquirições efetivadas, adotados e devidamente observados durante as etapas de consecução inquiritiva.

Dados Pessoais

Nome Completo: _____

Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____ Fone: _____

Grau de Escolaridade: _____ Tipo Sanguíneo: _____

Curso: _____ Instituição: _____

Período: _____ Ano de Ingresso: _____ Ano de Conclusão: _____

Deficiente Físico: SIM () NÃO () Deficiente Intelectual: SIM () NÃO ()

Questionamentos:

01) Você é diagnosticado(a) com alguma enfermidade congênita ou genética?

SIM () NÃO ()

Caso Afirmativo, qual seria a doença diagnosticada:

02) Você possui algum problema cardíaco?

SIM () NÃO ()

Caso Afirmativo, qual é o problema ou doença cardíaca que você apresenta:

03) Você possui algum problema neurológico, cerebral ou nervoso?

SIM () NÃO ()

Caso Afirmativo, qual é a doença neurológica, cerebral ou nervosa que você apresenta:

04) Você possui algum problema psicológico e/ou psiquiátrico? SIM () NÃO ()

Se sim, você toma alguma medicação psiquiátrica? SIM () NÃO ()

Caso a resposta à primeira indagação seja afirmativa, qual é o problema psicológico e/ou de psiquiatria ou doença psiquiátrica que você apresenta?

05) Você possui algum problema hormonal?

SIM () NÃO ()

Caso Afirmativo, qual é o problema hormonal que você apresenta:

06) Você possui algum tipo de alergia? SIM () NÃO ()

É alérgico(a) a algum medicamento? SIM () NÃO ()

Caso Afirmativo, você é alérgico(a) a que e/ou a que espécie de remédio ou medicação:

07) Você possui alguma outra doença ou problema de saúde grave ou já contraiu algum outro espécime de enfermidade ao longo de sua vida?

SIM () NÃO ()

Caso afirmativo, qual moléstia você detém ou que tipo de mal ou doença você adquiriu ou tem contraído durante sua vida: _____

08) Você é disléxico(a), isto é, tem dislexia? SIM () NÃO ()

09) Você é afásico(a), isto é, tem algum tipo de afasia? SIM () NÃO ()

10) Você tem Doença de Addison? SIM () NÃO ()

11) Você tem Doença de Charcot ou Esclerose Lateral Amiotrófica? SIM () NÃO ()

12) Você tem Esclerose Múltipla? SIM () NÃO ()

13) Você tem Esclerose Sistêmica? SIM () NÃO ()

14) Você tem Aterosclerose? SIM () NÃO ()

15) Você tem Síndrome de Wernicke-Korsakoff? SIM () NÃO ()

16) Você tem Amnésia? SIM () NÃO ()

17) Você tem Demência da Doença de Pick? SIM () NÃO ()

18) Você tem Demência da Doença de Creutzfeldt-Jacob? SIM () NÃO ()

19) Você tem Demência do Mal de Alzheimer? SIM () NÃO ()

20) Você tem Demência do Mal de Parkinson? SIM () NÃO ()

21) Você tem Demência do Mal de Huntington? SIM () NÃO ()

22) Você tem Demência de Corpos de Lewy? SIM () NÃO ()

23) Você tem Demência ou Demência Senil? SIM () NÃO ()

24) Você tem Esquizofrenia? SIM () NÃO ()

25) Você tem TDAH? SIM () NÃO ()

**APÊNDICE F – TERMO DE COMPROMISSO PROTOCOLADO JURIDICAMENTE
EM CARTÓRIO E DEVIDAMENTE LIDO E ASSINADO PELOS SUJEITOS QUE
PARTICIPARAM VOLUNTARIAMENTE DO EXPERIMENTO COMPONENTE DA
PESQUISA**

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, _____, declaro estar
ciente dos efeitos práticos concernentes à minha participação neste experimento
acadêmico-científico e dos direitos e deveres a ela correlatos, do mesmo modo que afirmo ter
participado de forma totalmente voluntária da experiência em todas as suas fases de
consecução sem ter recebido nenhuma vantagem ou percebido qualquer espécie de auxílio ou
remuneração pelo serviço prestado na condição de sujeito experimental. Assim, confirmo a
ciência das implicações legais, administrativas e jurisdicionais, atinentes a todo o processo
investigativo em tela, de sorte que o referido é verdade e dou fé.

Assinatura do Participante

PESQUISA ACADÊMICA E CIENTÍFICA

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico

Mestrando Pesquisador: Lic. Pablo Machel Nabot Silva de Almeida

Professor Orientador: Prof. Dr. José Ferrari Neto

Município de João Pessoa, Estado da Paraíba, Região Nordeste,

**República Federativa do Brasil – País Membro Signatário da ONU, OMC, G-20,
FOCALAL, SELA, União Latina, Grupo de Cairns e País Membro Fundador da OEA,
ALADI, Parlatino, Mercosul, Unasul, BRICS, Conferência Ibero-Americana,
Cúpula das Américas, Grupo de Lima, Grupo do Rio, IBAS/G-3, G-4, G-5, G8+5,
OTCA, CPLP, Tratado do Rio/TIAR, Cúpula ASPA e ZPCAS**



**APÊNDICE G – TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO
PROTOCOLADO ADMINISTRATIVAMENTE NOS RESPECTIVOS E
PERTINENTES CONSELHOS DA UNIVERSIDADE O QUAL FOI DEVIDAMENTE
LIDO E ASSINADO PELOS SUJEITOS QUE PARTICIPARAM
VOLUNTARIAMENTE DO EXPERIMENTO COMPONENTE DA PESQUISA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa intitula-se “Processamento Linguístico da Correferência Catafórica Pronominal Pessoal de (3ª) Terceira Pessoa do Singular por Adultos em Português Brasileiro (PB) Segundo a Ótica da Psicolinguística” de sorte que versa sobre o estabelecimento de vínculos correferenciais e acerca da manifestação de espécie específica de correferência endofórica, notadamente a catafórica, em meio aos estudos desenvolvidos perante a Psicolinguística em sentido amplo e diante da Psicolinguística Experimental em consideração mais estrita, configurando-se, pois, como inquirição correlata à Ciência Linguística, bem como à grande área de Letras e/ou Estudos da Linguagem, de maneira tal que está sendo desenvolvida pelo Pesquisador Licenciado Pablo Machel Nabot Silva de Almeida, formado em Letras – Licenciatura Plena em Língua Vernácula e Inglesa, tendo se graduado pela UFPB em 2012, e atualmente aluno e mestrando regularmente matriculado no Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) a nível de mestrado acadêmico (Conceito CAPES 05), vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação do Professor Doutor José Ferrari Neto, orientador, pesquisador e/ou cientista e docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas desta mencionada Instituição de Ensino Superior (IES), categorizada como universidade.

Os objetivos do estudo centram-se em compreender as relações que esse supramencionado fenômeno linguístico estabelece e mantém com as funções cognitivas superiores dos falantes nativos de português brasileiro (PB) em escala mental, em grau cognitivo e em nível psicológico, especialmente em se tratando da computação das expressões correferenciais em situação de correferência na língua vernácula ou portuguesa.

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PESQUISADOR

A finalidade deste trabalho, ademais, consiste em contribuir para que claramente se desvende e entenda como a cognição humana opera em termos do processamento linguístico, após a manifestação da linguagem por meio de dada língua natural, e mais especificamente como isso procede no português brasileiro, isto é, na língua oficial nacional falada pelos nacionais e cidadãos brasileiros. Da mesma maneira, esta investigação poderá estimular novas perquirições por parte dos pesquisadores e cientistas linguísticos, em âmbito acadêmico, a fim de expandir as descobertas resultantes dos resultados a serem obtidos ao cabo desta pesquisa maestral.

É vital ressaltar que os procedimentos inerentes a esta perquirição não oferecem desconfortos de qualquer espécie e que os riscos são ou ínfimos ou pífios. Além disso, é importante destacar que a sua participação voluntária trará valiosos e notáveis benefícios não tão somente acadêmicos e científicos, como também técnicos e sociais; haja vista que ela criará as condições necessárias a permitirem a sondagem das propriedades e características que definem, delineiam e caracterizam o funcionamento da língua portuguesa em termos mais restritos e da linguagem humana sob um prisma mais geral ou universal, quer em level mental quer em amplitude cognitiva, ensejando desvendar a natureza do processo funcional e biológico da linguagem verbal perante o desenvolvimento biossocial da humanidade. Ainda, diante dessa conjuntura, poderá inevitavelmente, provavelmente não a curto, porém a médio e longo prazo, trazer benefícios cujos efeitos, decorrentes das aplicações realísticas e concretas dos resultados angariados diretamente das inculcas, correspondam à execução de técnicas, métodos, metodologias ou tecnologias que garantam a otimização da performance linguística das pessoas enquanto seres humanos, as quais terão recursos disponíveis que venham a lhes garantir uma melhor capacidade e autonomia comunicativa seja oral seja escrita, um melhor raciocínio de respaldo verbo-linguístico o qual lhe garanta uma melhor e plena assimilação de conteúdos, de informações e de conhecimentos e uma memória tanto mais efetiva quanto eficaz, assim como um aprendizado mais contundente que naturalmente terá de se dar pela intermediação da linguagem humana articulada.

Requeremos, portanto, sua colaboração cá nesta inquerição magistral por via de sua submissão ao procedimento de coleta informacional de dados por meio de um programa especializado para esse fim, o software Paradigm, versão 2.5.0, o qual tem por escopo realizar experimentos em diversas áreas das ciências especializadas, a exemplo da Psicologia, da Neuropsicologia, da Neurofisiologia, da Neurologia, da Medicina e notadamente da Psicolinguística Experimental, seja em crianças e idosos seja em adultos como acá procede. Além disso, solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PESQUISADOR

da área das Ciências da Saúde, Humanas e Cognitivas, bem como naqueles do campo das Letras e Linguística e/ou que porventura detenham ênfase nos setores da Psicolinguística, Neurolinguística, Biolinguística, Linguística Evolutiva e/ou Evolucionária, Linguística Computacional, Linguística Matemática, Neurociência da Linguagem, Neurociências e campos afins, afora o que para publicar em periódicos e revistas científicas especializadas tanto nacionais quanto internacionais (*quando for o caso*). De todo modo, por ocasião da publicação dos resultados para fins acadêmico-científicos ora em amplitude local e regional ora em circunscrição nacional e internacional, é legalmente garantido, consoante o devido processo legal, em dupla jurisdição, tanto na esfera administrativa quanto na jurídica, que seu nome, sua imagem, áudio, vídeo e dados pessoais serão mantidos em segredo, sendo normativamente assegurado o sigilo dos dados relativos à sua pessoa física. Reiteramos, por conseguinte, que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a sua saúde e que as resoluções, normas e diretrizes atinentes à **Resolução nº 466/12 do CEP/CONEP/MS (Comitê de Ética em Pesquisa que é subordinado ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa o qual, por sua vez, é vinculado ao Conselho Nacional de Saúde – CNS do Ministério da Saúde – MS)** foram cumpridas, são seguidas e serão fielmente perseguidas na consecução de todas as etapas da presente exploração investigativa seminal.

Além do mais, todo o conteúdo perquisitivo desta examinação de Mestrado foi submetido à plena apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFPB o qual é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante experimental sejam respeitados a termo que ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada segundo os aceitáveis padrões da moral e da ética. Assim sendo, caso você ache que a experimentação não esteja sendo realizada conforme tais critérios, você poderá contactar o comitê através dos contatos disponibilizados no final deste documento oficial.

Nesse diapasão, ciente do procedimento em testilha, Eu,

recebi os devidos esclarecimentos que se fizeram necessários acerca dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da recolha, levando-se em conta que é uma devassa, e estou a par de que os resultados positivos ou negativos somente serão logrados após a sua realização. Assim, estou plenamente ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar,

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PESQUISADOR

será mantido sob tutela dos pesquisadores, subsidiariamente em poder e guarda da universidade provedora do estudo e solidariamente debaixo da custódia do Poder Público, do Poder Executivo Federal e, em suma, do Estado no decorrer de todas as etapas desta cata.

Então, em face do esclarecido, autorizo o uso de meus dados pessoais para fins da certa operacionalização e real viabilização da pesquisa a se dar por intermédio das experiências correlatas a que me submeti ou a que me submeterei, sendo seu uso restrito aos autores dela.

Fui informado(a), outrossim, de que posso me recusar a participar da investigação em voga, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Dessarte, caso deseje abandonar ou sair da diligência em pauta, seja por qual motivo for, não sofrerei qualquer prejuízo estatal de ordem civil, administrativa ou penal, inclusive em se tratando de assistência que por acaso venho recebendo de qualquer dos entes federados da Administração Pública Direta através de seus órgãos ou da indireta via autarquias, fundações, sociedades de economia mista, empresas públicas e suas subsidiárias.

Foi-me esclarecido, igualmente, que é assegurada a assistência cabível durante toda a perscrutação, bem como que me é garantido(a) o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, exceto aquelas imprescindíveis ao correito andamento da perquirição e indispensáveis à manutenção da validade técnico-científica da especulação deflagrada. Todavia, tudo o mais que seja acessível e não protegido pelos direitos autorais e processuais de encaminhamento inquiritivo me são acessíveis e podem ser disponibilizados a minha pessoa a qualquer tempo, bastando livre petição de direito aos responsáveis, por via oral ou escrita, em pertinência ao que eu queira saber em respeito aos fatos correntes antes, durante e depois da minha participação voluntária e espontânea ao longo da pesquisa.

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que tive a oportunidade de discutir as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento, caso assim o queira, e que outra idêntica via, de igual natureza, será arquivada pelo pesquisador proponente do exame e responsável pelo trabalho laboratorial.

Por sua vez, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e tendo compreendido tanto a natureza quanto o objetivo do já referido estudo investigativo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PESQUISADOR

nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação deflagrada como inteiramente voluntária.

Enfim, frise-se, fora isso, que caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado(a), conforme determina a lei e a legislação federal em vigor.

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

Contato com os Pesquisadores Responsáveis:

Professor Doutor José Ferrari Neto – Docente e Linguista

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – DLCV

Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, s/n, Conjunto Humanístico – Bloco IV, Jardim Cidade Universitária, Castelo Branco, João Pessoa-PB, CEP: 58.059-900 (CCHLA), 58.051-900 (UFPB).

 Fones: (83) 3216-7203 (DLCV), (83) 3216-7745 (PROLING), (83) 98727-9327 e (83) 99918-7505 (Pessoal);  (83) 98827-0908 (Pessoal/Whatsapp).  E-mails: dlcv@cchla.ufpb.br (DLCV), proling@cchla.ufpb.br; prolingufpb@hotmail.com (PROLING), joseferrarin@ibest.com.br (Pessoal). Homepage: <http://www.ufpb.br> (UFPB) e <http://www.cchla.ufpb.br/laprol/> (LAPROL).

Mestrando Licenciado Pablo Machel Nabot Silva de Almeida – Aluno, Docente e Linguista

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – DLCV

Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, s/n, Conjunto Humanístico – Bloco IV, Jardim Cidade Universitária, Castelo Branco, João Pessoa-PB, CEP: 58.059-900 (CCHLA) e 58.051-900 (UFPB).

 Fones: (83) 3216-7203 (DLCV), (83) 3216-7745 (PROLING), (83) 3566-2099 e (83) 99632-8932 (Pessoal);  (83) 98792-9036 (Pessoal/Whatsapp).  E-mails: dlcv@cchla.ufpb.br (DLCV), proling@cchla.ufpb.br; prolingufpb@hotmail.com (PROLING), machelaureliano@gmail.com e pablomachel@outlook.com (Pessoal). Homepage: <http://www.ufpb.br> (UFPB) e <http://www.cchla.ufpb.br/laprol/> (LAPROL).

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PESQUISADOR

Contato com o Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley:

Coordenadoras: Prof.^a Dr.^a Iaponira Cortez Costa de Oliveira e Prof.^a Dr.^a Maria Eliane Moreira Freire – Enfermeiras

Coordenadora Adjunta: Dr.^a Solange de Fátima Geraldo da Costa – Enfermeira

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do HULW-UFPB

Hospital Universitário Lauro Wanderley – 2º e 4º andares (adjacente à biblioteca), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, s/n, Jardim Cidade Universitária, Castelo Branco, João Pessoa-PB, CEP: 58.059-900/58.050-000 (HULW), 58.051-900 (UFPB). ☎ Fones do 2º andar: (83) 3216-7964 e (83) 3216-7955; Fone do 4º andar: (83) 3216-7302. ✉ E-mails: comite.etica@hulw.ufpb.br; comitedeetica@hulw.ufpb.br. Site/Homepage: <http://www.hulw.ufpb.br> (HULW) e <http://www.ebserh.gov.br/web/hulw-ufpb> (HULW).

Horário de Funcionamento/Expediente: 8:00 às 12:00 e de 13:00 às 17:00 horas (2º andar); 07:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas (4º andar).

Contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde:

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Marques Duarte de Sousa – Odontóloga

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do CCS-UFPB

Centro de Ciências da Saúde (CCS) – 1º andar, Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, s/n, Jardim Cidade Universitária, Castelo Branco, João Pessoa-PB, CEP: 58.051-900. ☎ Fone: (83) 3216-7791. ✉ E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br; eticaccsufpb@hotmail.com. Site/Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/> (CCS) e <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb/> (CEP-CCS).

Horário de Funcionamento/Expediente: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

Assinatura do Sujeito da Pesquisa

Assinatura(s) do(s) Pesquisador(es) Responsável (Responsáveis)

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PESQUISADOR